

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.29 - Nº 4



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Sueli Maria Coelho

VICE-DIRETOR: Georg Otte

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Revisão e Normalização

Alda Lopes Durães Ribeiro

Gustavo Ximenes Cunha

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Carla Viana Coscarelli (UFMG)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG).

Secretaria

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Revisão de Língua Inglesa

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFMG)

Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)

Mara Passos Guimarães (UFMG)

Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

Editoração eletrônica

Alda Lopes Durães Ribeiro

Editoras Convidadas

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

Maria Alejandra Vitale (UBA)

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 29 - N° 4 - out.-dez. 2021

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

EuroPub [England]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

SCOPUS [Amsterdam]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glaucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suiça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Retórica e argumentação em interações digitais: aportes teóricos e metodológicos

Perspectivas sobre a argumentação: breve panorama

Perspectives on argumentation: brief overview

Helcira Maria Rodrigues de Lima

Maria Alejandra Vitale 2175

Deonticidade nos discursos de Donald Trump: um *ethos* para cada audiência

Deonticity in Donald Trump's speeches: an ethos for each audience

Victória Glenda Lopes Batista

Nadja Paulino Pessoa Prata

Léia Cruz de Menezes 2201

Construcción de la imagen colectiva de grupos a favor del Acuerdo de paz de Colombia en Twitter

Construction of the collective image of groups in favor of the Colombian peace agreement on Twitter

Laura Cristina Bonilla-Neira 2225

Comentários *online* e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica

Online comments and the notions of stereotype and place in the context of polemics argumentation

Evandro de Melo Catelão

Amanda Bueno de Oliveira 2259

Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil <i>Eristic argumentation in digital interactions: a medical polemic about chloroquine in CNN Brazil's Debate 360 show</i>	2289
Isabel Cristina Michelan de Azevedo	
Paulo Roberto Gonçalves-Segundo	
Eduardo Lopes Piris	2289
“Passando a boiada”: aspectos dialógicos e interdiscursivos em textos relacionados ao discurso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles <i>“Passando a boiada”: dialogical and interdiscursive aspects in texts related to the speech of The Minister of the Environment Ricardo Salles</i>	
Camila Belizário Ribeiro	
Maria Clotilde Almeida	2335
Argumentação em discursos de ódio no Facebook: uma categorização contributiva à Linguística Forense e à Linguística Computacional <i>Argumentation in hate speech on Facebook: a contributive categorization to Forensic Linguistics and Computational Linguistics</i>	
Welton Pereira e Silva	2367
Impeachment ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital <i>Impeachment or death: the rhetorical configuration of a polemic event in the digital public space</i>	
Rodrigo Seixas	
Lucas Nascimento	2397
A retórica da intransigência e a campanha de desinformação em fake news sobre a pandemia de Covid-19 <i>The rhetoric of reaction and the disinformation campaign in fake news about the Covid-19 pandemic</i>	
João Paulo Eufrazio de Lima	2429

A propósito da indignação: a negociação das distâncias em comentários sobre um crime de feminicídio

The purpose of indignation: negotiating the distance in comments on a femicide crime

Leandro Silva Moura 2463

Bolsonaro e o jornalismo em conflito midiático

Bolsonaro and the journalism in media conflict

Renata Aiala de Mello 2485

Usos argumentativos de “pero” em meios digitais espanhóis

Argumentative uses of “pero” in Spanish digital media

Carolina da Costa Pedro

Talita Storti Garcia 2509

Quality of argumentation in political tweets: what is and how to measure it

Qualidade da argumentação em tweets de política: o que e como avaliar

Cássio Faria da Silva

Amanda Pontes Rassi

Jackson Wilke da Cruz Souza

Renata Ramisch

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes

Helena de Medeiros Caseli 2537



Perspectivas sobre a argumentação: breve panorama

Perspectives on argumentation: brief overview

Helcira Maria Rodrigues de Lima

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

helciralima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1916-6591>

María Alejandra Vitale

Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina

alejandrvitale@filo.uba.ar

<https://orcid.org/0000-0002-2746-4070>

Resumo: A *Retórica* de Aristóteles (2010) foi retomada e ressignificada pelas teorias da argumentação contemporâneas. Cada uma delas se apropria dessa herança de modo a alavancar, a partir dos anos de 1990, uma intensa produção de pesquisas. Na atualidade, em um movimento que visa à melhor compreensão dos discursos sociais, em especial, da polêmica, do papel das emoções no discurso, da violência verbal, de discursos de ódio, entre outros, assistimos ao resgate do pensamento aristotélico em problemáticas da argumentação, a partir de um necessário diálogo com os trabalhos produzidos sobre o discurso midiático, político e, em especial, sobre o discurso digital. Nessa seara, sem a pretensão de esgotar o assunto, nosso propósito é apresentar no artigo um panorama dos estudos em argumentação que circulam nas pesquisas contemporâneas, além de lançar algumas luzes à reflexão sobre o papel da argumentação nesse espaço digital, assim como na configuração e na circulação desses discursos.

Palavras-chave: argumentação; discursos digitais; análise do discurso.

Abstract: Aristotle's Rhetoric was taken up and given a new meaning by contemporary theories of argumentation. Each one of them appropriates this heritage in order to leverage, from the 1990s onwards an intense production of research. Currently, in a movement aimed at better understanding social discourses, especially polemics, the

role of emotions in discourse, verbal violence, hate speeches, among others, we are witnessing the rescue of Aristotelian thought in argumentation issues, from a necessary dialogue with the works produced on the media and political discourse and, in particular, on the digital discourse. In this field, without intending to exhaust the subject, our purpose is to present in the article an overview of the studies in argumentation that circulate in contemporary research, in addition to shed light on the role of argumentation in this digital space, as well as in the configuration and in the circulation of these discourses.

Keywords: argumentation; digital discourse; discourse analysis.

1 Introdução

A retórica, como arte do discurso, promove uma reflexão teórica e pedagógica. Seu surgimento é associado aos sofistas, no século V a. C., na Sicília, momento em que, terminada a guerra civil, com a expulsão dos tiranos, os conflitos judiciais começaram a surgir. Nesse contexto, Córax, discípulo de Empédocles, e Tísias, redigiram a primeira coletânea destinada ao ensino de recursos argumentativos para que fosse possível lutar pelos direitos perdidos. Ao contrário do que em geral se defende, assinala Reboul (1998), a retórica teria uma origem judiciária e não literária ou filosófica.

Como afirma Plebe (1978, p. 3), a partir de Suess e de Rostagni, a retórica não se exauriu nos escritos de Córax e Tísias sobre uma “retórica baseada na demonstração técnica do verossímil” e há registros de que, no mesmo período, outra escola praticava uma retórica psicagógica, “fundada na sedução irracional que a palavra, sabiamente usada, exerce sobre a alma dos ouvintes”, corrente ligada ao mundo pitagórico. Ainda com Plebe (1978, p. 3), “as características fundamentais destes discursos são duas: em primeiro lugar, o seu propósito de usar estilo e argumentos conforme os diferentes ouvintes; a seguir, o emprego constante da figura retórica antítese”. Como se vê, os estudos de argumentação desenvolvidos na contemporaneidade herdam não somente de Aristóteles, mas dos sofistas importantes reflexões sobre o caráter argumentável das emoções e sobre a noção de polêmica.

No contexto da democracia pericleana, os sofistas ensinaram técnicas de persuasão àqueles que pudessem pagar por seus serviços, o que contribuiu para dar continuidade à instrução básica recebida nas escolas. Entretanto, como atesta Kerferd (2003, p. 35), eles ensinavam

diversos conteúdos, “mas, como a finalidade principal continuava sendo a de preparar homens para uma carreira política, não é de surpreender que uma parte essencial da educação oferecida fosse treinar a arte do discurso persuasivo”. Essa arte muito bem utilizada por Platão, mas também muito criticada, por diversas razões que não cabe mencionar nesse momento,¹ será posteriormente sistematizada por Aristóteles (2010), de modo a adquirir ares mais metódicos. A obra *Retórica*, que se torna uma espécie de “discurso fundador” dos estudos sobre o assunto, é dividida em três livros. No primeiro livro, Aristóteles apresenta de forma orgânica e completa a “retórica antiga”, as relações entre retórica e técnica (PLEBE, 1978), os gêneros oratórios; no segundo, dedica-se às paixões, uma vez que, para ele, não basta que o orador se mostre em uma dada atitude, que construa uma determinada imagem de si (*éthos*), é preciso que torne favorável à sua imagem a postura do ouvinte (*páthos*). No terceiro e último, o estagirita discorre sobre o estilo. Enfim, a obra apresenta uma sistematização da retórica que favorece a iniciação nos estudos sobre o assunto.

A *Retórica* de Aristóteles (2010) foi retomada e ressignificada pelas teorias da argumentação contemporâneas. Cada uma delas se apropria dessa herança de modo a alavancar, a partir dos anos de 1990, uma intensa produção de pesquisas. Na atualidade, em um movimento que visa à melhor compreensão dos discursos sociais, em especial, da polêmica, do papel das emoções no discurso, da violência verbal, dos discursos de ódio, entre outros, assistimos ao resgate do pensamento aristotélico em problemáticas da argumentação, a partir de um necessário diálogo com os trabalhos produzidos sobre o discurso midiático, político e, em especial, sobre o discurso digital.

O acesso às novas tecnologias tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento como o Brasil, mesmo com suas peculiaridades, colocou em cena novas formas de interação, criou as denominadas “bolhas digitais”, propiciou uma suposta democratização da participação nos debates políticos e sociais. Nesse emergente cenário, embora sempre presentes, cresceram e se disseminaram com mais facilidade as polêmicas públicas, as quais deram origem a uma infinidade de interações polêmicas nas redes sociais. O digital, é preciso

¹ Para saber mais sobre o assunto, ver, entre outros, Kerferd (2003), Cassin (2005), Pernot (2000).

salientar, consiste em um espaço de produção e circulação de discursos e, sobretudo, de reprodução de discursos, uma vez que os espaços de circulação *on-line* e *off-line* se interpenetram de modo a estabelecer um constante jogo de influências mútuas (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020). Desse modo, há uma incessante troca estabelecida, que determina novas relações de poder, mas também que ressignifica outras e mesmo reproduz outras tantas.

A polarização social no campo político já existente entre grupos associados a um posicionamento de direita e aqueles que se identificam com um posicionamento de esquerda se exacerbou nas últimas eleições brasileiras e a dicotomização discursiva se mostrou ainda mais evidente no ambiente digital, mobilizando emoções e também a violência verbal. Com isso, o ideal de uma argumentação voltada para o consenso e contrária à violência acabou sendo colocado em xeque diante de interações erísticas que passaram a circular cada vez com mais frequência.

Como afirmou Lima (2020, p. 391),

(...) a denominada democracia digital contribuiu para superdimensionar essas relações e para fazer ouvir vozes antes abafadas, escondidas e, sobretudo, silenciadas. Essas vozes estão espalhadas no ambiente digital colaborando com a manutenção do sistema democrático, mas também, por outro lado, incitando a desconfiança sobre sua validade.

Construções falaciosas, violência verbal e discursos de ódio são propagados diuturnamente. Aliado a isso, ainda temos as denominadas *fake news* que, em um momento de descrédito das instituições, da justiça, de valores antes cristalizados, acabam por dominar campanhas eleitorais, o universo das celebridades, as campanhas de prevenção à disseminação do vírus Covid 19, enfim, discursos sociais de toda ordem. Todavia, apesar dessa visada pessimista, não podemos deixar de evidenciar os ganhos alcançados com o acesso ao universo digital de um modo geral, como a redução de distâncias, a velocidade das interações, a diluição de fronteiras, entre outros.

As considerações brevemente aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar o assunto, de fazer uma história crítica dos discursos digitais e, ainda, uma crítica da construção argumentativa dos discursos digitais, o que consistiria em um projeto interminável. Nossa propósito é apresentar no artigo um panorama dos estudos em argumentação que

circulam nas pesquisas contemporâneas, além de lançar algumas luzes à reflexão sobre o papel da argumentação nesse espaço digital e na configuração e na circulação desses discursos.

2 Retórica e argumentação: algumas problemáticas

Nos anos de 1950, dois autores, Toulmin (2006) e Perelman (1996), vindos do campo da lógica, buscam, a partir da herança aristotélica, conferir uma racionalidade própria à argumentação a partir da ideia de verossimilhança. Enquanto Toulmin (2006), na obra *Usos do argumento*, elimina orador e auditório em sua descrição da “mecânica” de funcionamento da argumentação, e se dedica exclusivamente ao discurso, em uma visada quase-lógica, Perelman e Olbrechts Tyteca (1996), na obra *Tratado da argumentação: a nova retórica*, privilegiaram tais categorias, destacando o aspecto comunicacional da retórica.

Segundo Bernier (2020, p. 6), a obra do polonês-belga recuperou

(...) o fio rompido da tradição oratória, desempenhou desde o período pós-guerra um papel pioneiro na redescoberta deste saber milenar, cujo renascimento estava prestes a ser um dos principais fenômenos da vida intelectual de nosso tempo.

Nesse contexto, pós 2^a Guerra Mundial, movido por um questionamento sobre a noção de justiça e por um desejo de se manifestar contra o pensamento positivista que imperava, Perelman escolhe pelo retorno da retórica ao campo da Filosofia do Direito. Noções como as de razoável, valor, acordo prévio, ideias vagas são apresentadas de modo a fomentar uma profunda reflexão cujo foco extrapola seu alvo inicial, influenciando outros domínios, como a Filosofia, a Comunicação e mesmo a Análise do discurso. A partir de Aristóteles, no *Tratado*, os autores apresentam às gerações futuras uma concepção de argumentação amparada na ideia de persuasão. A Nova Retórica tem como aspecto central a adesão, cuja existência está condicionada à liberdade, uma vez que a argumentação é uma “comunhão de espíritos”. Ademais, a lógica dos juízos de valor estava também no centro dessa empreitada dos autores, cuja busca era por uma outra racionalidade, fora da análise lógica e racional. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 61),

O uso da argumentação implica que se tenha renunciado a recorrer unicamente à força, que se dê apreço à adesão do interlocutor, obtida graças a uma persuasão racional, que este não seja tratado como um objeto, mas que se apele à sua liberdade de juízo. O recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade de espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência. Consentir na discussão é aceitar colocar-se do ponto de vista do interlocutor, é só se prender ao que ele admite e não se prevalecer de suas próprias crenças, senão na medida em que aquele que procuramos persuadir está disposto a dar-lhe seu assentimento.

Apesar de se dedicarem à apresentação da tipologia dos argumentos na maior da obra e desenvolverem uma perspectiva mais descritivo-sociológica da argumentação, não privilegiando as questões de linguagem, os autores têm muito a nos ensinar na atualidade. O fundamento humanista da obra de Perelman se mostra cada vez mais necessário para se repensar os discursos sociais,² o campo da política e, claro, as interações estabelecidas em redes sociais. Se, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a violência prejudica a possibilidade de escolha, como sua obra poderia auxiliar em uma reflexão sobre os discursos de ódio, sobre a violência verbal que prevalece, na maior parte do tempo, nessas trocas digitais? Talvez o caminho seja o resgate de seu projeto de “uma formação retórica que seria a formação do cidadão” (NICOLAS, 2020, p. 35), portanto, com uma dimensão fundamentalmente política da retórica. Como bem pontua Nicolas (2020, p. 36),

A impossibilidade de separar a redescoberta da racionalidade argumentativa no final da década de 1940 de uma vontade de reinventar, de cima para baixo, nossas práticas democráticas colocando-as num contexto mais humanista e concreto. É aqui que reside, acredito, a atualidade principal de Perelman, que nos mostra o caminho, ou pelo menos uma maneira de repensar nossa vida cidadã.

Outro autor, que ocupou a cadeira de Perelman na Universidade de Bruxelas após sua aposentadoria, e também tem como norte a retórica aristotélica é Michel Meyer. Segundo ele, o alvo central do pensamento

² Para uma apropriação de Perelman (1996) a partir da análise do discurso, ver Vitale (2016).

humano é aquele da questão e da resposta, denominado de diferença problematológica: “L’activité intellectuelle, dont l’usage du langage fait partie, consiste à traiter les problèmes que se posent à nous” (MEYER, 2012, p. 86).

Meyer defende uma concepção de retórica que coloca no mesmo nível as três provas retóricas – *éthos*, *páthos* e *lógos* –, pois “privilégier l’une ou l’autre dimension pour subordonner les deux autres n’a donne que des conceptions unilatérales de la rhétorique” (MEYER, 2012, p. 92). Para o autor, o fracionamento da retórica, que ocorreu ao se privilegiar uma das provas em detrimento das outras nas diversas definições de retórica, é fruto de ela ter se amparado em um proposicionalismo típico da lógica (se *p* então *q*). Entretanto, como, ao contrário da lógica, a retórica não visa ao apodítico, mas sim ao verossímil, não faz sentido exigir de um orador demonstrações rigorosas.

Desse modo, essa concepção abre caminhos para se pensar na inter-relação entre as provas, assim como em sua importância na negociação da distância entre os sujeitos. Isto porque a retórica é definida por Meyer (2008, p. 21) como a “négociation de la distance entre des individus à propos d’une question donnée”, negociação que se dá pela linguagem, pouco importando se se pauta na emoção ou na razão. Quando há uma questão, quando existe a problematologia ou interrogratividade, temos uma distância ou uma diferença problematológica entre os sujeitos que pode ser negociada, caso haja interesse. O problema está em não haver o interesse na negociação, está em não haver interesse na diminuição das distâncias, como nos casos em que prevalecem os discursos de ódio.

Assim como a perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a abordagem de Meyer não pode ser vista como redentora, porque tem suas limitações, mas pode apoiar estudos voltados à educação, à formação do cidadão, ao lançar também uma reflexão sobre o julgamento de valor. Tanto Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) quanto Meyer (2008) privilegiam uma abordagem da racionalidade. Para o primeiro, na argumentação, deve haver a valorização do outro, argumentar é querer persuadir e o outro precisa estar aberto ao entendimento. Quando a violência verbal impera, não há argumentação, porque aquela prejudica a liberdade de escolha dos sujeitos. E, para o segundo, a argumentação existe para superar o problema, a questão dada, que consiste também na distância entre os sujeitos, a qual diz respeito a tudo que estabelece uma

relação de oposição entre os homens. Não existe mundo sem perguntas que geram respostas e sem a necessidade de argumentar. A retórica existe onde há polêmica, pois se há apenas consenso não há necessidade dela. Nas conclusões de sua obra *Principia Rhetorica*, Meyer (2008, p. 313) afirma que

l'argumentation peut servir à démythifier l'illusion d'en avoir trouvé une [Histoire]. Elle est alors critique, en prétendant désamorcer les positions obscurantistes et les naïvetés idéologiques qui ressurgissent, notamment à la faveur du retour du religieux ou du discours communautaire.

Mesmo entendendo que nem sempre alcançamos o consenso esperado e mesmo desejado, mesmo considerando que o dissenso faz parte da democracia, o autor nos ensina que a argumentação pode auxiliar em uma mirada mais crítica.

Uma terceira pesquisadora da Universidade de Bruxelas, que mantém a tradição de pesquisas em retórica e argumentação, é Emmanuelle Danblon, coordenadora do grupo de pesquisa GRAL (Grupo de Pesquisa em Argumentação e Linguística), a qual também se direciona a uma mirada mais crítica, fruto do exercício da retórica e da argumentação. Assim como Perelman (1996) e Meyer (2008), Danblon resgata o pensamento de Aristóteles em sua obra. A autora enceta uma discussão que já se faz presente na obra de Perelman (1996) sobre a importância da retórica para a formação do cidadão. Sua proposição inclui um movimento em defesa de uma crítica,

la critique n'est possible que si l'on considère les règles et les valeurs de la communauté comme simultanément justifiables et non définitives. Cela signifie qu'aucune valeur ne peut être revendiquée comme applicable absolument et dans tous les cas. Cela signifie aussi que ce renoncement à l'absolu n'est en aucune façon synonyme d'une relativité total des valeurs ou d'un arbitraire dans les décisions humaines. Cela signifie enfin que la critique est le devoir de chaque citoyen en démocratie. (DANBLON, 2004, p. 32)

Na obra *L'homme rhétorique* a autora se lança em um ousado projeto de ultrapassar as dicotomias como técnica e prática, razão e paixão, corpo e mente, pois "la rhétorique est d'abord une faculté que met en œuvre les multiples facettes de la raison humaine. (DANBLON,

2013, p. 4). Sua visão de razão humana é mais abrangente e permite-lhe defender a ideia de que a retórica, como faculdade universal do *Homo rethoricus*, seria responsável pela formação do cidadão. Em sua empreitada em defesa de uma razão não mais estratificada, tanto nessa obra quanto em diversos artigos, Danblon busca o resgate da retórica espontânea e natural do homem para chegar ao exercício crítico da retórica. Seu percurso visa repensar a razão humana a partir de uma razão retórica.

En effet, le modele que je défends ici me permet suggérer que les liens puissants qui structurent la citoyenneté, laquelle est formé du langage, de la cité et du bonheur, s'exercent par et dans la rhétorique, cette technique qui les mettra en oeuvre dans des genres (épidictique, délibératif et judiciaire) qui sont des instituicions politiques et discursives. (DANBLON, 2012, p. 8.)

Inserida também na seara da argumentação no discurso, Ruth Amossy (2018) propõe uma problemática que busca associar Retórica Clássica, Nova Retórica, Análise do Discurso, Pragmática e Lógica Informal e nos apresenta um panorama frutífero para análise de discursos sociais. A autora defende a presença de uma argumentatividade no discurso e contesta, a partir da AD, a ideia de um sujeito agente e dono de seu dizer. O sujeito, nessa problemática da argumentação no discurso, move-se em um espaço de pressões e de estratégias, para dizer com Charaudeau (1983). No panorama apresentado na obra *Argumentação no discurso*, Amossy (2018) ressignifica as provas retóricas e os gêneros de discurso, retoma e apresenta rica reflexão sobre a noção de auditório, além de reintroduz a noção de *dóxa*, considerada como base de toda argumentação.

A doxa não é um espaço alienante das ideias recebidas que impede de pensar, mas o lugar comum no qual os homens encontram-se para negociar suas visões. Não se pode esquecer ainda que esta doxa (que não é necessariamente uma, em dada sociedade e pode diferenciar-se em correntes diversas) é feita de palavras e não pode existir fora de sua materialidade linguageira. (VITALE; AMOSSY, 2017, p. 190.)

Como em todo seu movimento, seu gesto de análise nos deixa uma amostra do “como fazer, como analisar discursos sociais” a partir

dessa perspectiva. Suas considerações sobre as noções de *estereótipos*, *clichês*, *ideias consagradas*, já apresentadas em outras obras, aparecem nessa empreitada, uma vez que dizem respeito ao que ela denomina de *elementos dóxicos*. Nesse caminho, retoma também a noção de *éthos*, amplamente abordada a partir de distintas vozes, na obra *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*.

Além do mencionado livro, Amossy (2017) reacende uma discussão sobre a polêmica, conferindo a ela um importante papel na democracia. Em sua visão, apesar de muito criticada e mesmo vilipendiada, a polêmica é parte da linguagem humana e não pode ser negligenciada. A autora enxerga a polêmica como um modo de gestão conflitual, marcada pela polarização ou divisão social e pela dicotomização que é de ordem discursiva. Na relação estabelecida com o outro, o polemista pode desqualificá-lo e chegar a um debate virulento. A polêmica não é, assim, apenas um debate violento, mas marca um antagonismo muito forte, um choque de teses contraditórias e, mais ainda, essas teses em contradição exacerbam diferenças muitas vezes irreconciliáveis. Nesse sentido, elas podem até mesmo promover a paralisia do debate, algo pontuado pelo canadense Marc Angenot (2008).

Em um primeiro momento, Angenot (1982, p.147) abordou a argumentação no discurso panfletário, momento em que a define como “l’art d’enchaîner logiquement des propositions en vue logiquement des propositions en vue d’une fin persuasive” e a diferença da persuasão, entendida como “effet produit par l’argumentation sur l’allocutaire”. Defende que a persuasão, tal como ocorre no panfleto, não é alcançada somente pela argumentação, mas também mobilizando os afetos. Angenot revisita a dialética aristotélica, a tradição retórica e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para caracterizar tipos de raciocínios e técnicas de refutação. Ele relê Aristóteles e apresenta a noção de ideologema: toda máxima subjacente a um enunciado cujo sujeito lógico (também sujeito ideológico, como “o judeu” ou “o instinto maternal”) circunscreve um campo de pertencimento particular.

Posteriormente, a partir de sua teoria do discurso social, Angenot (1989) sustenta que o argumentar e o narrar são os dois grandes modos de encenar o discurso. A argumentação integra o discurso social, enquanto este é definido como os sistemas genéricos, os repertórios tópicos e as regras de encadeamento dos enunciados que, em uma sociedade dada, organizam o dizível, entendido como o narrável e o opinável. O discurso

social constitui um sistema regulador global que organiza a divisão do trabalho discursivo, a forma regulada da diferenciação dos discursos, que varia historicamente. A argumentação como integrante do discurso social está atravessada pela hegemonia discursiva, graças à qual as práticas significantes que coexistem em uma sociedade não estão justapostas, mas constituem um todo orgânico. A hegemonia discursiva, em efeito, determina as formas aceitáveis da argumentação, constitui um mecanismo que opera contra o centrífugo, homogeneiza as retóricas, os tópicos e as *doxai* transdiscursivas. Está integrada, entre outros, por uma tópica, conjunto de lugares ou pressupostos irredutíveis do convincente social, que produz o opinável, o plausível e sustenta a dinâmica do encadeamento dos enunciados de toda ordem. A tópica inclui, em um *continuum*, lugares quase-universais, por exemplo a regra de justiça, e os que estão atravessados pela *dóxa*, como a honra ou o amor maternal.

Por último, em um terceiro momento da produção de Angenot (2008), a argumentação está pensada em relação com a noção de *diálogo de surdos*, que se refere ao fato de que na vida social ele é a regra. Mais que uma exceção, a incompreensão mútua e o desacordo, ocasionado, porque os argumentadores produzem seus discursos a partir de lógicas argumentativas divergentes, impermeáveis, intraduzíveis, prevalece. Estas lógicas argumentativas são códigos retóricos diferentes formados por regras do argumentável, do conhecível, do debatível e do persuasível, que não são universais nem a-históricas. Dessa maneira, as argumentações que coexistem em um estado da sociedade discordam pelos dados selecionados, pela incompatibilidade eventual dos vocabulários, quais são os argumentos válidos e inválidos, verossímeis e inverossímeis e as oposições dos interesses de quem as formula. Estas lógicas argumentativas são próprias de determinadas comunidades ideológicas que compartilham crenças e modos de expressá-las. Para Angenot (1997, 2015), o racional não é transcendente nem único, constitui um conjunto de esquemas persuasivos aceitos em um tempo e lugar determinados e considerados como débeis ou aberrantes em outro tempo. Por sua vez, a pluralidade de performances argumentativas pode ser reduzida como um *arsenal argumentativo*, número finito de argumentos e técnicas de refutação recorrentes que duram a médio e longo prazo, como Angenot (2004) mesmo exemplifica em *Rhéorique de l'anti-socialisme, 1830-1914*.

Em uma diferente via, mas ainda ligado ao campo da AD, Christian Plantin (2008) apresenta um modelo dialogal de argumentação.

Em sua perspectiva, ele defende um modelo que associa uma perspectiva enunciativa e a uma interacional. A estrutura do modelo é dialética, pautada na troca, em diálogos entre sujeitos. A argumentação, para o autor, é uma forma de interação problematizante. A situação argumentativa é tripolar, envolvendo um *proponente*, um *oponente* e um *terceiro*, porque argumentar é propor, se opor e duvidar.

Argumentar é uma atividade biface que se exerce sobre um fundo de tensão irredutível entre monólogo e diálogo, entre trabalho enunciativo e trabalho interacional. O diálogo constitui o fundo: estamos no domínio do discutível. É uma realidade de ordem antropolinguística: é difícil imaginar uma sociedade sem pluralidade de interesses às vezes contraditórios. A argumentação é um modo de tratar essas divergências. (...) Para que haja argumentação, é preciso que se esteja situado num campo de sentido e que haja uma pergunta compartilhada, por bem ou por mal. Segue-se que um discurso não contradito vale como a verdade. (PLANTIN, 2008, p. 18-19.)

Plantin (2011) desenvolve também outro importante trabalho sobre o caráter argumentável das emoções. Essa pesquisa o leva à localização de *termos de emoção* nos enunciados, a partir de palavras pertencentes ao universo semântico das emoções, além também de conduzi-lo a itens lexicais que não pertencem a esse universo – termos indiretos –, mas que podem, igualmente, conotar efeitos emotivos e mesmo provocar efeitos emotivos. Tudo isso levando-se em conta a situação enunciativa e com base na ideia de orientação argumentativa desenvolvida por Ducrot (1984).

Além dos pesquisadores mencionados, estudosos pertencentes às sociedades e associações de retórica em todo mundo e, sobretudo, na América do Sul – Associação Argentina de Retórica (AAR), Sociedade Brasileira de Retórica (SBR), Organização Ibero-americana de Retórica (OIR) –, além do GT “Argumentação” (ANPOLL – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística), de diversos grupos de pesquisas, credenciados no CNPq, entre os quais destacamos: o pioneiro GERAR (“Grupo de estudos de Retórica e argumentação”), coordenado pela recém-falecida professora Lineide Mosca, RETORAR

(“Retórica e argumentação”),³ coordenado pelas professoras Helcira Lima e Maria Cecília Nogueira Coelho (UFMG), ELAD (“Grupo de Estudos de linguagem, argumentação e discurso”), coordenado pelo professor Eduardo Piris (UESC) e tantos outros, os quais promovem uma diversidade de eventos e proporcionam um aberto canal ao diálogo e à reflexão sobre o tema. Na Argentina, podemos mencionar, entre outros, o Grupo de Investigação de Arquivos da Repressão (GIAR),⁴ da Universidade de Buenos Aires, coordenado pela professora Alejandra Vitale, o qual estuda esses arquivos, a partir de uma perspectiva retórico-discursiva, além do Grupo do Centro Interdisciplinar de Argumentação e Retórica, da Universidade Nacional de Tucumán, na qual se oferta a primeira pós-graduação em Retórica da Argentina, *la Maestría en Retórica y argumentación*, dirigida por María Elisa Salas e co-dirigida por Alejandra Vitale.

3 Perspectivas normativas, argumentação multimodal

Como reconhece Marianne Doury (2013), as aproximações com a argumentação no âmbito anglo-saxão são propensas a adotar uma posição normativa, enquanto no espaço francófono tendem a ser descriptivas, desenvolvendo-se a partir da linguística – Adam (2004) e Ducrot (1984) – e da análise do discurso com a retomada de noções da retórica, como é o caso de Amossy (2018) e de Angenot (2008).⁵

Entre as aproximações normativas da argumentação e aqueles que valorizam o acordo e o consenso, foi adquirindo cada vez maior protagonismo a pragmadiálética (VAN EEMEREN; HOUTLOSSER, 2004; VAN EEMEREN; GROOTENDORST; HENKEMANS, 1996; VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1992). Inspirados na década de setenta do século passado pelo racionalismo crítico de Karl Popper, van Eemeren e Grootendorst se interessam pela resolução de diferenças de opinião por meio da argumentação, a qual consideram um fenômeno

³ Entre os diversos eventos organizados pelo Grupo, estão: “Jornadas de Retórica e Argumentação”; “Seminário docere, delectare et movere”, que já está em sua 4^a edição.

⁴ As publicações do GIAR estão disponíveis no site: www.grupoinvestigacionarchivosdelarepresion.wordpress.com

⁵ As propostas sobre a argumentação da lógica natural de Grize (1984, 1990) tampouco são normativas.

da comunicação verbal que apresenta razões ou argumentos que defendem um ponto de vista, uma concepção que supõe uma tomada de posição em uma disputa. A pragmadiálética concebe os procedimentos argumentativos como atos de linguagem produzidos no curso de um intercâmbio discursivo e está ancorada na filosofia de Austin e Searle e na teoria da racionalidade conversacional de Grice. Para van Eemeren e Grootendorst (1992), a resolução de uma disputa passa, idealmente, por quatro etapas, que correspondem a quatro fases diferentes de uma discussão crítica: conformação, abertura, argumentação e fechamento. A violação das regras que regulam a discussão crítica em cada uma dessas etapas é considerada uma falácia, e, nesse sentido, os autores se afastam da concepção de falácia de Hamblin (1970) como argumento que parece válido, mas não é e que toma como única norma a da lógica. Mais tarde, sem abandonar o ideal de uma argumentação válida que não formule falácia, eles integram uma perspectiva retórica no marco dialético, pois consideram que aqueles que argumentam não têm o único objetivo de levar uma discussão de maneira razoável, nem que triunfe sua posição.

No marco da Análise Crítica do Discurso, Ruth Wodak se refere ao *argumentative turn* (2015b), especificamente no estudo do discurso político. Em sua perspectiva que denomina *enfoque histórico do discurso*, se interessa pelo poder persuasivo e manipulador da política. Dentre as estratégias discursivas que considera úteis para a análise dos discursos sobre questões raciais, nacionais e étnicas inclui a argumentação, à qual se aproxima através da noção de *tópos* (WODAK, 2001, 2015b). Ele enxerga os *topoi* como aqueles elementos que formam parte das premissas obrigatórias, sejam explícitas ou implícitas; afirmando que os *topoi* justificam a transição das premissas à conclusão. Norman Fairclough (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012), por seu turno, se interessou, na última etapa de sua obra, pela argumentação prática, isto é, a argumentação orientada à tomada de uma decisão como resposta a um problema prático. Nesse sentido, constrói um modelo que é tanto descriptivo como normativo, pois permite avaliar e examinar criticamente a argumentação. Em efeito, em consonância com o compromisso e com a tomada de partido do analista, assumido pela análise crítica do discurso, Fairclough sustenta que a boa política está intimamente relacionada com uma boa argumentação. Decorre disso que esta deva satisfazer a certos padrões. Por este motivo, considera que a efetividade retórica seria

insuficiente para fazer de um argumento um bom argumento e retoma perspectivas normativas como a da Pragmadialética e a de Walton.

Mais recentemente se abriu o campo de discussão sobre a argumentação multimodal, importante nos meios digitais e nas redes sociais. As imagens visuais foram enfatizadas e alguns negaram-lhes a possibilidade de argumentar, alegando que são ambíguas e vagas, não podendo ser reduzidas a proposições e apelam mais às emoções que a razão. A pragmadialética, por seu turno, interessou-se pela argumentação multimodal, por exemplo em publicidades, cartazes, filmes e *cartoons*. Nesse sentido, Groarke (2002) defende a posição de que as imagens argumentam e sustenta que uma imagem que expressa um ponto de vista com premissas de apoio é uma imagem argumentativa. Defende que a pragmadialética pode esclarecer as características dos argumentos visuais, fornecendo uma perspectiva teórica elaborada que explica como funcionam, quais são suas relações com os argumentos verbais e o que determina sua eficácia ou sua ineficácia.

A partir de uma perspectiva retórica, Blair (2004) sustenta que há argumentação visual se o que se comunica inclui um fator que pode ser considerado uma razão para aceitar uma proposição, mudar de atitude ou realizar uma ação. Isto se prova, ao traduzir verbalmente o que se comunica visualmente. A argumentação visual, contudo, comparada com a verbal, caracteriza-se por sua escassa sutileza, a simplicidade e a impossibilidade de entrar em refutações e contra-argumentações. A Análise Crítica do Discurso, de sua parte, considera que os signos manifestados em diversos modos – os recursos semióticos que se dão de maneira simultânea nos discursos, como a imagem visual, a posição espacial, o som, entre outros – são selecionados e organizados segundo os interesses, a partir dos quais eles são produzidos. Nesse sentido, postula-se que os signos são motivados em suas relações entre forma e significado (KRESS, 2010). A argumentação é pensada como persuasão e os estudos focalizam a leitura crítica de mensagens multimodais que discriminam minorias ou legitimam relações desiguais de poder (SCRETI, 2019; SERAFIS *et al.*, 2020).⁶

⁶ Para uma síntese de diversas perspectivas de estudo da argumentação multimodal, ver Gonçalves-Segundo (2021).

4 Retórica e argumentação em interações digitais: aportes teóricos e metodológicos

Os trabalhos que compõem este número temático atestam o fato de que assistimos não somente na Europa, mas também na América do Sul a uma explosão de pesquisas sobre argumentação que lidam com dados empíricos, especialmente voltados para os discursos digitais, a partir de perspectivas teóricas distintas. A emergência destes estudos tem uma história, ou seja, é marcada por uma demanda urgente de compreensão das novas formas de interação, as quais surgem e se renovam incessantemente. De interações por *chat* passamos em pouco tempo a interações por *facebook* e *whatsapp*, entre outras. Com o acesso cada vez mais fácil aos meios digitais e a partir de uma demanda recolhida por maior participação na vida social, a internet se transformou em pouco tempo em uma espécie de arena romana, na qual, com a proteção de uma máscara, os sujeitos se digladiam, se sentem mais livres para dizer o que pensam, para expressar de uma maneira como não teriam coragem em uma interação face a face (LIMA, 2018). Como afirma Bastos (2014, p. 39),

O paradoxo das redes contemporâneas é justamente o de mudar o sentido tanto da massa quanto da multidão. Por um lado, elas tornam homogêneos os desejos coletivos. Por outro, modelam formas de ação que visam instalar a divergência. Em algum lugar no meio situa-se a vocação da rede, o que só comprova a complexidade desta tecnologia que, não obstante, tem caminhado em rumos cada vez mais centralizados que negam sua configuração inicial de espaço sem fronteiras e hierarquias.

Os trabalhos componentes do número temático atestam a complexidade mencionada pelo autor e nos apresentam diferentes questionamentos sobre a relação entre discursos digitais, sociedade e argumentação.

Seguindo a temática do *éthos*, no artigo “Deonticidade nos discursos de Donald Trump: um *ethos* para cada audiência”, Victória Glenda Lopes Batista, Nadja Paulino Pessoa Prata e Léia Cruz de Menezes descrevem e analisam expressões modalizadoras deônticas, a partir, sobretudo, da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), em quatro pronunciamentos de Donald Trump. Este material foi coletado por meio de pesquisa *on-line* e se trata de documentos disponibilizados quer por instituições vinculadas ao Congresso Americano, quer por jornais *on-line* e portais virtuais, que se dedicam à tradução e disponibilização dos discursos.

Laura Cristina Bonilla-Neira também ressalta o papel do *éthos* na construção argumentativa, no artigo “Construcción de la imagen colectiva de grupos a favor del Acuerdo de paz de Colombia en Twitter”. Ela analisa a configuração do *éthos* coletivo digital a propósito de grupos que apoiaram o Acordo de paz com a guerrilha na Colômbia. A partir da análise do discurso francesa e da argumentação no discurso, estuda a construção de uma imagem coletiva (*éthos* coletivo) e as estratégias que retrabalharam o *éthos* em situações polêmicas e de ataques do político adversário.

Assim como no artigo de Bonilla-Neira, outro tema bastante explorado nos textos componentes deste número é a polêmica, tal como se verifica em “Comentários *online* e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica”, em cuja análise descritiva Evandro de Melo Catelão e Amanda Bueno de Oliveira voltam-se para comentários *online* em uma publicação com temática homoafetiva no Instagram. No percurso de leitura, os autores abordam a presença e o uso de estereótipos, lugares-comuns e as chamadas evidências partilhadas no interior de uma interação polêmica. O artigo se vale da argumentação no discurso, associada à Análise do discurso digital e também à Análise textual/discursiva.

Seguindo as trilhas da polêmica, Isabel Cristina Michelan de Azevedo, Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, Eduardo Lopes Píris no artigo “Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil”, abordam o assunto privilegiando uma leitura de doze intervenções argumentativas do debate e uma cadeia de nove comentários, caracterizados pelo diálogo de teor erístico, apoiando-se em Plantin (2008) sobre a perspectiva interacional da argumentação, em Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, Walton (1998) sobre o diálogo erístico e, finalmente, em Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação. O artigo estabelece as características da modalidade polêmica presentes nos dois tipos de interação, especifica as marcas do diálogo erístico e indica como os atos de impolidez associam-se à argumentação.

Em “‘Passando a boiada’: aspectos dialógicos e interdiscursivos em textos relacionados ao discurso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles”, Camila Belizário Ribeiro e Maria Clotilde Almeida, a partir do dialogismo e da heterogeneidade discursiva, analisam reações que desse polêmico discurso, de 22 de abril de 2020, o qual provocou

diversas manifestações em sites da web, incluindo em sua leitura as metáforas multimodais.

Ademais da polêmica, das *fake news* e do negacionismo, outro assunto bastante estudado nos últimos anos são discursos de ódio, como se verá no texto “Argumentação em discursos de ódio no *Facebook*: uma categorização contributiva à Linguística Forense e à Linguística Computacional”. Welton Pereira e Silva analisa mensagens dessa rede social contra minorias étnicas, de gênero/orientação sexual e religiosas. A partir das propostas de Amossy (2018) e Charaudeau (2010), o autor classifica categorias argumentativas do discurso de ódio, como diversos tipos de *ad personam*.

Ainda sobre este tema, em uma diferente via, no artigo “Impeachment ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital”, Rodrigo Seixas e Lucas Nascimento analisam evento polêmico no *Twitter*, em torno de manifestações sobre um ato polêmico iniciado pelo Deputado Federal Marcelo Freixo (PSOL). Os autores valem-se das pesquisas de Paveau (2013) acerca do discurso digital, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e dos estudos retóricos sobre polêmica desenvolvidos por Angenot (2008, 2015), além de Nascimento (2018a) e Seixas (2019).

O terceiro texto que ainda vai nessa direção é “A retórica da intransigência e a campanha de desinformação em *fake news* sobre a pandemia de Covid-19”, cujo autor, João Paulo Eufrázio de Lima, centra-se na estrutura argumentativa de *fake news* sobre o Covid-19, a fim de verificar sua força argumentativa e sua capacidade de persuasão, a partir das provas do *éthos* e do *páthos*, de conceitos da obra de Hirschman (1992) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

A relação entre argumentação e emoções também se fez presente nos artigos do número temático, explicitando o crescimento do interesse pelo assunto nos últimos anos. Em “A propósito da indignação: a negociação das distâncias em comentários sobre um crime de feminicídio”, Leandro Silva Moura se propõe a verificar em que medida a *indignação* constitui-se como estratégia argumentativa, aproximando ou afastando ainda mais os sujeitos que participam das trocas simbólicas em redes sociais, a partir da argumentação no discurso e das proposições de Meyer (2005).

No artigo “Bolsonaro e o jornalismo em conflito midiático”, a partir do arcabouço teórico fornecido pela Análise do Discurso, pela

Retórica e pela Argumentação, Renata Aiala de Mello apresenta uma reflexão a respeito da permanente reconstrução das identidades das instâncias enunciativas e o uso estratégico das emoções. A análise dirige-se a um *corpus* constituído de quatro matérias jornalísticas *online* e sete postagens presidenciais em redes sociais publicadas nos últimos dois anos (2019-2020).

Em um diferente caminho teórico, no artigo “Usos argumentativos de ‘pero’ em meios digitais espanhóis”, voltado para uma análise discursivo-funcional, Carolina da Costa Pedro e Talita Storti Garcia apresentam uma leitura dos usos deste item lexical em um *corpus* do espanhol escrito em meios digitais, considerando-o, ao final da análise, como importante elemento do ponto de vista argumentativo.

Outro aspecto contemplado no número temático foi a abordagem normativa, no artigo “Quality of argumentation in political tweets: what is and how to measure it”, de Cássio Faria da Silva, Amanda Pontes Rassi, Jackson Wilke da Cruz Souza, Renata Ramisch, Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes e Helena de Medeiros Caseli. Os autores propõem, a partir de Wachsmuth *et al.* (2016, 2017a, b, c, d), critérios linguísticos para medir a qualidade da argumentação no *Twitter*, no intuito de contribuir com a construção de um modelo computacional que a avalie automaticamente.

Finalmente, podemos afirmar que o número contempla diversas abordagens teóricas em um material também diverso, redes sociais, sites, comentários de leitor, entre outros. Nas diversas perspectivas de estudo da argumentação subazem diversas concepções do discurso, a razão, a interação verbal, o consenso e o dissenso; algumas focalizam os contextos sociais, históricos e ideológicos das práticas argumentativas, enquanto outras postulam modelos ideais regidos por normas para avaliar a adequação ou não dos intercâmbios argumentativos empíricos.

De nossa parte, esperamos que as pesquisas sobre a argumentação, incluindo a retórica, nas quais desenvolvemos nossas próprias investigações, contribuam para desmontar os mecanismos que legitimam as posições autoritárias, os discursos de ódio, as relações de dominação, a fim de dotar de poder a palavra pública das comunidades discriminadas e silenciadas. Nesse sentido, os novos meios digitais e as redes sociais, como assinala Scolari (2008), ao mesmo tempo em que funcionam como dispositivos de controle têm um potencial emancipatório que possibilita táticas de resistência, hoje necessárias em muitos de nossos países.

Referências

- ADAM, J.-M. Une approche textuelle de l'argumentation. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (ed.). *L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 77-102.
- AMOSSY, R. Apologia da polêmica. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.
- ANGENOT, M. *Interventions critiques VI*. Montréal: Discours Social/Presses de Université McGill, 2015.
- ANGENOT, M. *Rhéorique de l'anti-socialisme, 1830-1914*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2004.
- ANGENOT, M. *Les ideologies du ressentiment*. Montréal: XYZ Éditeur, 1997.
- ANGENOT, M. *1889. Un état du discours social*. Québec: Éditions du Préambule, 1989.
- ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Contribution à la typologie des discours modernes. París: Playot, 1982.
- ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 4. ed. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Casa da Moeda, 2010.
- BASTOS, M. Sentidos da multidão: redes sociais como forma dispersa do aglomerado. In: SANTAELLA, L. (org.). *Sociotramas: estudos multitemáticos sobre redes digitais*. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2014. p. 27-41.

BERNIER, M. A. Prefácio. In: ANGENOT, M.; BERNIER, M. A.; CÔTÉ, M. *Renascimentos da Retórica*: Perelman hoje. Coordenação da tradução de Helcira Maria Rodrigues de Lima e Eduardo Lopes Piris; tradução Helcira Maria Rodrigues de Lima *et al.* Coimbra: Grácio Editor, 2020.

BLAIR, J. A. The Rhetoric of Visual Arguments. In: HILL, C.; HELMERS, M. (eds). *Defining Visual Rhetorics*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2004. p. 41-61. BLITVICH, P. G. C. The YouTubification of Politics, Impoliteness and Polarization. In: TAIWO, R. (org.). *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction*. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*: sofística, filosofia, retórica, literatura. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris : Hachette, 1983.

CULPEPER, J. *Impoliteness*: Using Language to Cause Offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

DANBLON, E. *Argumenter en démocratie*. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.

DANBLON, E. La rhétorique ou l'art de pratiquer l'humanité. *Semen*, [S.l.], n. 34, p. 1-12, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9725>

DANBLON, E. *L'homme rhétorique*. Paris: Cerf; Humanités, 2013.

DOURY, Marianne. The Virtues of Argumentation from an Amoral Analyst's Perspective, *Informal Logic*, Stanford, CA, v. 33, n. 4, p. 486-509, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22329/il.v33i4.4078>

DUCROT, O. *Le Dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political Discourse Analysis*. A Method for Advanced Students. London; New York: Routledge, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203137888>

- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. (org.). *Estudos de linguagem, argumentação e discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 73-109.
- GRIZE, J. B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1990.
- GRIZE, J. B. (ed.). *Sémiologie du raisonnement*. Berne: Peter Lang, 1984.
- GROARKE, L. Toward a Pragma-Dialectics of Visual Argument. In: VAN EEMEREN, F. H. (ed.). *Advances in Pragma-Dialectics*. Amsterdam: Sic Sat, 2002. p. 137-151.
- HAMBLIN, C. L. *Fallacies*. Londres: Methuen, 1970.
- KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- KRESS, G. *Multimodality. A Social Semiotic Approach to the Contemporary Communication*. New York: Routledge, 2010.
- LIMA, H. M. R. de. Vozes em confronto: a polêmica em torno da Lei do Feminicídio. *RÉTOR*, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 84-105, 2018.
- LIMA, H. M. R. de. Discursos negacionistas disseminados em rede. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, v. 19. n. 3, p. 389-408, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1758.
- MEYER, M. *Principia rhetorica*. Une théorie générale de l'argumentation. Paris: Fayard, 2008.
- MEYER, M. Problématologie et argumentation ou la philosophie à la rencontre du langage. In: CARRILHO, M. M. (ed.). *La rhétorique*. Paris : CNRS, 2012. p. 83-104. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.editionscnrs.19210>
- NASCIMENTO, L. S. *Análise dialógica da argumentação*: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.
- NASCIMENTO, L. S. Um diálogo entre a filosofia do ato e a argumentação: um caminho possível. In: AZEVEDO, I. C.; PIRIS, E. L. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio Editor, 2018b. v. 2, p. 153-172.

- NICOLAS, L. O projeto retórico de Chaïm Perelman à luz de sua correspondência *In: ANGENOT, M.; BERNIER, M. A.; CÔTÉ, M. Renascimentos da Retórica: Perelman hoje. Coordenação da tradução de Helcira Maria Rodrigues de Lima e Eduardo Lopes Piris; tradução Helcira Maria Rodrigues de Lima et al.* Coimbra: Grácio Editor, 2020.
- PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie discursive: tweet, twittécriture et twittérature. *Pratique : , Pratique : Linguistique, Littérature, Didactique*, Lorraine, n.157-158, p. 7-30, 2013. DOI : <https://doi.org/10.4000/pratiques.3533>
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Tradução de Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions*. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Berne: Peter Lang, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3726/978-3-0352-0070-6>
- PLANTIN, C. A argumentação biface. *In: LARA, G. M. P. et al. (org.). Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 2. p. 13-26.
- PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para a mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SCOLARI, C. A. *Hipermediaciones*. Elementos para una teoría de la Comunicación Digital Interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCRETI, F. Carne, carbón, y cojones. La representación de la masculinidad en anuncios suizos contemporáneos: el caso de Bell. *Discurso y Sociedad*, La Rioja, v. 13, n. 4, p. 765-797, 2019.

SEIXAS, R. *Entre a retórica do impeachment e a do golpe*: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira. 2019. 433f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SERAFIS, D. *et al.* Towards an integrated argumentative approach to multimodal critical discourse analysis: evidence from the portrayal of refugees and immigrants in Greek newspapers. *Critical Discourse Studies*, [S.I.], v. 17, n. 5, p. 545-565, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17405904.2019.1701509>

TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN EEMEREN, F. H.; HOUTLOSSER, P. Una vue synoptique de l'approche pragma-dialectique. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (ed.). *L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle. 2004. p. 45-75.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R.; HENKEMANS, F. S. *Fundamentals of Argumentation Theory*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishing. 1996.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. *Argumentation, Communication, and Fallacies. A Pragma-dialectical Perspective*. New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1992.

VITALE, M. A. Memória retórico-argumentativa: Encontro entre Perelman e Pêcheux. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 156-172, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p156-172>

VITALE, M. A.; AMOSSY, R. Uma conversação com Ruth Amossy. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 189-192, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79470>

WACHSMUTH, H.; AL-KHATIB, K.; STEIN, B. Using argument mining to assess the argumentation quality of essays. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS: TECHNICAL

PAPERS, 26., 2016, Osaka. *Proceedings [...]*. Osaka: The COLING 2016 Organizing Committee, 2016. p. 1680-1691.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HABERNAL, I.; HOU, Y.; HIRST, G.; GUREVYCH, I.; STEIN, B. Argumentation quality assessment: Theory vs. practice. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 55., 2017, Vancouver. *Proceedings [...]*. Vancouver: Association for Computational Linguistics, 2017a. p. 250-255. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P17-2039>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P17-2039>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HOU, Y.; BILU, Y.; PRABHAKARAN, V.; THIJM, T. A.; HIRST, G.; STEIN, B. Computational argumentation quality assessment in natural language. In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 15, 2017, Valencia. *Proceedings [...]*. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017b. p. 176-187. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1017>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1017>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; POTTHAST, M.; AL-KHATIB, K.; AJOUR, Y.; PUSCHMANN, J.; QU, J.; DORSCH, J.; MORARI, V.; BEVENDORFF, J.; STEIN, B. Building an Argument Search Engine for the Web. In: WORKSHOP ON ARGUMENT MINING (ARGMINING 2017) AT EMNLP, 4., 2017, Copenhagen. *Proceedings [...]*. Copenhagen: Association for Computational Linguistics, 2017c. p. 49-59. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/W17-5106>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/W17-5106>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; STEIN, B.; AJOUR, Y. "PageRank" for argument relevance. In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 15., 2017, Valencia. *Proceedings [...]*. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017d. p. 1117-1127. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1105>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1105>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; WERNER, T. Intrinsic Quality Assessment of Arguments. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 28., 2020, Barcelona. *Proceedings*

[...]. Barcelona: International Committee on Computational Linguistics, 2020. p. 6739-6745. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2020.coling-main.592>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/2020.coling-main.592>. Access on: May. 20, 2021.

WALTON, D. *The New Dialectic*: Conversational Contexts of Argument. Toronto: University of Toronto Press, 1998. DOI: <https://doi.org/10.3138/9781442681859>

WODAK, R. Discrimination via Discourse: Theories, Methodologies and Examples. In: BONVILLAIN, N. (ed.). *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. Abingdon: Routledge, 2015a. p. 366-383.

WODAK, R. Argumentation, Political. In: MAZZOLENI, G. (ed.). *The International Encyclopedia of Political Communication*. New York: John Wiley & Sons, 2015b. p. 1-9. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118541555.wbiepc080>

WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2001. DOI: <https://doi.org/10.4135/9780857028020>



Deonticidade nos discursos de Donald Trump: um *ethos* para cada audiência

*Deonticity in Donald Trump's speeches:
an ethos for each audience*

Victória Glenda Lopes Batista

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará / Brasil

glendalopesvictoria@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1709-2557>

Nadja Paulino Pessoa Prata

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará / Brasil

nadja.prata@ufc.br

<http://orcid.org/0000-0001-7861-7017>

Léia Cruz de Menezes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),
Redenção, Ceará / Brasil

leiamenezes@unilab.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-5232-9711>

Resumo: Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar as expressões modalizadoras deônticas constitutivas de discursos do presidente Donald Trump, sob um enfoque funcionalista, conforme os postulados de Hengeveld (2004) e Hengeveld e Mackenzie (2008). Para compreensão da categoria modalidade, trabalharemos com a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que busca integrar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Partindo da compreensão de que as expressões modalizadoras deônticas estão a serviço da argumentação, tomaremos também o conceito de *ethos* da Análise do Discurso (AD) para compreensão do *ethos* do presidente Trump, construído discursivamente. Nossa *corpus* é constituído por quatro discursos, traduzidos para

a língua espanhola, proferidos pelo presidente Donald Trump após sua posse e divulgados nas mídias sociais digitais. Empreendemos leitura dos discursos, conforme os seguintes aspectos: (i) contextuais: qual o tema do discurso e o tipo de público para o qual o presidente se dirige; (ii) semânticos: qual o valor semântico instaurado e a fonte da avaliação modal; e (iii) discursivos: que tipo de *ethos* é projetado pelo falante. Observamos que os discursos direcionados a um público amplo, portanto mais heterogêneo, favorecem a construção de valores deônticos atenuados, corroborando à construção de um *ethos* presidenciável não-autoritário. Por sua vez, os discursos destinados ao povo norte-americano, cuja temática é a plataforma de governo de Trump, favorecem a construção de valores deônticos asseverados, construindo, assim, uma imagem autoritária. Constatamos que o valor semântico de *obrigação* e a fonte deôntica do tipo *enunciador* foram as mais frequentes.

Palavras-chave: modalidade deôntica; Gramática Discursivo-Funcional; construção discursiva; *ethos* em discursos de Donald Trump.

Abstract: In this paper, we aim to describe and analyze the deontic modals expressions constituting President Donald Trump's speeches, under a functionalist approach, according to the postulates of Hengeveld (2004) and Hengeveld and Mackenzie (2008). To understand the modality category, we will work with the Functional Discourse Grammar (FDG), which seeks to integrate the syntactic, semantic, and pragmatic aspects. Starting from the understanding that deontic modals expressions are at the service of argumentation, we will also take the concept of Discourse Analysis (AD) *ethos* to understand President Trump's *ethos*, constructed discursively. Our corpus consists of four speeches, translated into Spanish, delivered by President Donald Trump after taking office, and disseminated on digital social media. We undertake reading of the speeches, according to the following aspects: (i) contextual: what is the theme of the speech and the type of audience to which the president is addressed; (ii) semantics: what is the installed semantic value and the source of the modal assessment; and (iii) discursive: what kind of *ethos* is projected by the speaker. We observed that the speeches aimed at a wide public, therefore more heterogeneous, favor the construction of attenuated deontic values, corroborating the construction of a non-authoritarian presidential *ethos*. In turn, speeches aimed at the American people, whose theme is the Trump administration platform, favor the construction of asserted deontic values, thus building an authoritarian image. We found that the semantic value of obligation and the deontic source of the enunciator type was the most frequent.

Keywords: deontic modality; Functional Discourse Grammar; discursive construction; *ethos* in Donald Trump speeches.

Recebido em 1 de março de 2021

Aceito em 10 de maio de 2021

Introdução

Em estudos linguísticos de base funcionalista, deve-se levar em consideração as motivações do falante/escritor, pois entende-se, neste paradigma, a língua como um elemento que sofre frequentes pressões do uso que os indivíduos dela fazem, sendo sua estrutura (forma) atualizada e/ou remodelada por estes usos. De acordo com Cunha (2016, p. 158), “o modelo funcionalismo de análise linguística caracteriza-se por duas proposições básicas: a) a língua desempenha funções que são externas ao indivíduo em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.” Neves, por sua vez, assim expressa:

Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Todo o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame, pois, a competência comunicativa (NEVES, 1994, p. 109).

Sendo assim, é preciso analisar a língua em seus contextos de uso, conforme destaca Batista (2013, p. 1):

Como meio principal de interação entre indivíduos de um dado contexto geográfico e social, a língua possui certo grau de flexibilidade, fugindo, por vezes, de sua gramática normativa, e adaptando-se a contextos e necessidades do falante no discurso (BATISTA, 2013, p. 1).

A gramática das línguas, portanto, não deve ser vista como algo estanque, mas sim como uma gramática flexível e readaptável às diferentes necessidades e contextos em que se inserem os falantes.

Dentre todas as linhas teóricas de que dispõe o eixo Funcionalista dos estudos da linguagem, adotamos aqui o arcabouço teórico denominado Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), um modelo de análise linguística proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) que implementa um modelo *top down* da análise, que parte das motivações do falante para a expressão linguística. O discurso parte de uma intenção comunicativa, que seleciona os elementos gramaticais e contextuais que melhor se ajustem à realização de determinada intenção. De acordo com Pessoa-Prata (2012, p. 216):

[...] desse ponto de vista, as decisões de análises das camadas mais altas determinam e restringem as possibilidades de análises das camadas inferiores, o que significa que o processo de produção do discurso parte da intenção para a articulação (PESSOA-PRATA, 2012, p. 216).

Neste trabalho, analisaremos a expressão da modalidade deônica nos discursos traduzidos do inglês para o espanhol do então presidente eleito Donald Trump, realizados entre os anos de 2016 e 2017, selecionando, para tanto, categorias de análise previstas pela Gramática Discursivo-Funcional. Observaremos como a posição social de Trump influenciará sua atuação discursiva e que imagens de si nos discursos serão, portanto, construídas.

A razão para a escolha de um *corpus* constituído de discursos traduzidos para a língua espanhola em lugar dos originais em inglês se deve ao contexto sociocultural e sociolinguístico da língua espanhola nos Estados Unidos da América. De acordo com o Instituto Cervantes (2020), o crescimento demográfico da população hispana nos Estados Unidos é significativo: ultrapassando 40 milhões de falantes de língua espanhola no país. Em contexto de educação formal, por sua vez, há mais de oito milhões de estudantes da língua, o que mostra o interesse de aprendizado desse idioma em solo norte-americano.

Para além do peso linguístico que se pode perceber nestas informações, acreditamos que a disponibilização midiática das traduções dos discursos do Presidente Trump visa à adesão do público hispano, o que se faz necessária à governabilidade do país, tendo em vista choques culturais em território norte-americano, bem como problemas de migração decorrentes das proximidades fronteiriças com países hispanofalantes. A esse respeito, destacamos que o discurso sobre a imigração no estado do Arizona, o qual analisaremos, tem como foco os choques políticos e sociais entre Estados Unidos da América e México, pois esse estado é limítrofe com o país hispano.

Portanto, visando contemplar de modo sensível tais aspectos, noções da Retórica e da Análise do Discurso subsidiarão nossa análise. Dividiremos este trabalho em considerações teóricas acerca da modalidade deônica, da Gramática Discursivo-Funcional e do conceito de ethos discursivo; na sequência, apresentaremos nossa metodologia e a análise qualitativa das ocorrências encontradas. Por fim, seguir-se-ão as considerações finais.

1 A modalidade deôntica

A categoria *modalidade* provém da lógica aristotélica e concerne ao valor de verdade da proposição. Ao ser vinculada à Linguística, a categoria foi ampliada e concebida como a expressão gramatical de atitudes e opiniões subjetivas do falante (PALMER, 1986) ou como concernente ao grau de vinculação do falante com aquilo que está dito. Segundo Batista (2013), a modalidade pode ser definida como a opinião do falante em relação à informação contida no discurso, admitida como verdade. Para Halliday (1985), a modalidade consiste na avaliação do falante sobre a probabilidade ou o grau de evidência do conteúdo proposicional asseverado.

A primeira divisão, proposta por Lyons (1977), tripartia a modalidade em *alética*, *epistêmica* e *deôntica* – a primeira, escopo da Lógica; as outras duas, da Linguística. A modalidade epistêmica relaciona-se à veracidade da proposição e ao conhecimento/crença do falante acerca dessa verdade, estabelecendo nuances de probabilidade. A modalidade deôntica, por sua vez, pauta-se em noções de conduta e relaciona-se à moralidade e ao dever, estando vinculada às noções de *obrigatório*, *proibido* e *permitido*.

A modalidade linguística consiste, assim, numa introjeção das opiniões e dos posicionamentos do falante quanto ao discurso e ao grau em que tais opiniões e posicionamentos encontram-se expressos. Segundo Lyons (1977), as modalidades, bem como os subtipos modais delimitáveis a partir de seu macro-conceito, devem ser concebidas como instâncias subjetivas.

Em nossa análise, consideraremos a divisão proposta pela GDF para a classificação modal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A GDF estabelece dois critérios de classificação modal: o *alvo da avaliação*, isto é, a porção da sentença que se encontra modalizada, e o *domínio semântico*, isto é, a carga semântica de cada subtipo modal específico. Pelo primeiro critério, a modalidade pode ser compreendida como (i) orientada-para-o-participante – que diz respeito aos envolvidos no evento estabelecido e a relação que esses indivíduos mantêm com a potencial realização do evento; (ii) orientada-para-o-evento – que está relacionada a uma avaliação do falante do evento estabelecido sem que se assuma a responsabilidade sobre o evento descrito; (iii) orientada-para-a-proposição – que está vinculada à porção da sentença que expressa

as crenças e opiniões do falante, expressando o grau de vinculação do falante à proposição. Pelo segundo critério, a modalidade divide-se em facultativa, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial. A classificação modal disposta na GDF se encontra resumida no Quadro 1, proposto por Hengeveld (2004) e incorporado em Hengeveld e Mackenzie (2008).

QUADRO 1 – Proposta de classificação modal

Domínio	Alvo	Participante	Evento	Proposição
facultativa	+	+	+	-
deôntica	+	+	+	-
volitiva	+	+	+	-
epistêmica	-	+	+	+
evidencial	-	-	-	+

Fonte: Hengeveld (2004).

Utilizaremos a concepção de modalidade deôntica conforme estabelecida na GDF, pois nos permite analisar o uso de expressões modalizadoras deônticas como categoria a serviço da construção discursiva de um posicionamento de autoridade/liderança do presidente Donald Trump. Além disso, conforme explica Vázquez Laslop (1999), a modalidade deôntica constitui a principal estratégia na argumentação ética e moral. Observaremos, portanto, como a posição do presidente norte-americano favorece a implementação dos valores semânticos vinculados à modalidade deôntica.

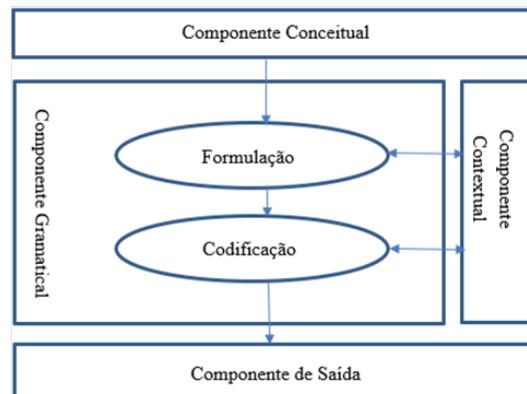
2 Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

A GDF é um refinamento da Gramática Funcional (GF), proposta por Simon Dik (1997) para a análise das línguas naturais. De acordo com Dik (1997), as línguas deveriam ser analisadas de acordo com seus contextos de uso, uma vez que o falante é dotado não meramente de um sistema linguístico, mas de um instrumento de comunicação. O modelo proposto na GF é *bottom-up*, ou seja, parte da estrutura da frase ao ato de fala, observando-se as intenções comunicativas subjacentes.

Os estudos de Hengeveld e Mackenzie (2008) expandem a teoria da GF ao propor um modelo *top down*. A partir da contemplação das unidades maiores, isto é, das intenções comunicativas do falante, perfaz-se caminho até as unidades menores, em que se encontram os elementos que conduzem a intenção à sua expressão. Esta inversão na metodologia de análise leva em conta a competência discursiva do falante.

A arquitetura da GDF propõe que a construção do discurso pode ser compreendida mediante análise de Componentes, Níveis e Camadas. Através da implementação dos Componentes Conceitual, Contextual e Gramatical, a GDF contempla os elementos externos e internos à estrutura grammatical que podem influenciar o discurso do falante, como suas intenções, suas concepções de mundo, a relação com seus falantes, o entorno cultural em que este se insere, bem como as estruturas gramaticais mais adequadas a todos estes fatores. No que diz respeito aos Níveis de análise, situados no Componente Gramatical, Hengeveld e Mackenzie (2009) os distinguem em: Nível Representacional e Nível Interpessoal, responsáveis pela *formulação* linguística e relativos, respectivamente, às motivações pragmáticas e semânticas do discurso; e Nível Morfossintático e Fonológico, responsáveis pela *codificação* linguística e relativos, respectivamente, aos aspectos estruturais e prosódicos do discurso. Na Figura 1, temos um esboço da estrutura proposta da GDF.

FIGURA 1 – Esboço da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2010, p. 397).

Em síntese, a GDF concebe a língua como um produto das intenções do falante, e tais intenções modelam o discurso levando em consideração não apenas a estrutura gramatical das línguas, mas também fatores externos a ela. Partindo desta perspectiva, analisaremos a projeção do *ethos* de autoridade/líder de Donald Trump em seus primeiros discursos como presidente dos Estados Unidos da América.

3 O *ethos* e o discurso

O conceito de *ethos* discursivo é uma instância cara aos estudos em Retórica e em Análise do Discurso (AD), não estando prevista na Gramática Discursivo-Funcional. O conceito pode ser assim compreendido:

A imagem que é construída do locutor, quer na sua dimensão discursiva (*ethos discursivo*), isto é, a imagem que o locutor constrói conscientemente ou não de si no discurso, quer na sua dimensão pré-discursiva (*ethos pré-discursivo ou prévio*), ou seja, a imagem que preexiste do locutor – a sua imagem pública – que pode ser evocada e reelaborada no discurso (AGUIAR, 2016, p. 52).

Sendo assim, o *ethos* consiste em uma imagem construída anteriormente ou durante o discurso, mas evocável neste, visando distintos objetivos comunicativos, como convencer, ameaçar ou transmitir autoridade, o que pode servir como um recurso para a construção da argumentação. Maingueneau (2008, p. 11) vincula a importância do *ethos* à popularização da palavra que é publicamente expressa, por conta de recursos audiovisuais e publicitários. Quanto a este trabalho, observaremos a utilização do *ethos* para construção do discurso de autoridade, que, segundo Aguiar (2016, p. 49), permanece apesar das alterações nas formas de poder instituídas nas sociedades.

Observaremos, assim, de que a forma o *ethos* de autoridade atribuído a Donald Trump por meio de sua posição político-social o enquadra como figura de aconselhador, tirano ou supervisor, imagens que podem ser evocadas pelo conceito de *autoridade* (AGUIAR, 2016, p. 53). Acreditamos que a criação de distintas imagens do presidente Donald Trump pode influenciar, em alguma medida, aspectos da

modalidade deôntica em seus discursos de modo a colaborar para a construção da argumentação tendo em vista o público/audiência.

4 Metodologia

Os discursos selecionados para este estudo, todos proferidos pelo Trump presidente dos Estados Unidos da América, foram coletados por meio de pesquisa *on-line*.¹ Trata-se de documentos disponibilizados quer por instituições vinculadas ao Congresso Americano, quer por jornais *on-line* e portais virtuais, que se dedicam à tradução e disponibilização dos discursos. Ainda que as autorias das traduções não sejam informadas, os portais imbuídos das publicações se comprometem com a confiabilidade da fonte dos discursos, uma vez que parte destes documentos possuem direitos preservados.

Entendemos que a tradução dos documentos objetiva a difusão de seus conteúdos a países de hispanofalantes interessados em alinhamentos políticos, bem como à porção hispânica residente nos Estados Unidos ou nativa neste país. Assim, nossa escolha por discursos traduzidos coaduna com nossa intenção de pesquisa: analisar as marcas linguísticas que constroem o *ethos* do Presidente estadunidense e refletir sobre o lugar do povo hispano nessas falas.

¹ Os discursos estão disponíveis nos endereços aqui indicados. Discurso 1. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2017/01/20/actualidad/1484940369_431912.html. Acesso em: 4 mai. 2021. Discurso 2. Disponível em: <https://museo-etnografico.com/pdf/puntodefuga/161116trump.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2021. Discurso 3. Disponível em: <http://www.granma.cu/mundo/2017-09-20/intervencion-del-presidente-trump-ante-el-72o-periodo-de-sesiones-de-la-asamblea-general-de-las-naciones-unidas-20-09-2017-01-09-04>. Acesso em: 04 mai. 2021. Discurso 4. Disponível em: <https://www.univision.com/noticias/estado-de-la-union/texto-completo-del-primer-discurso-sobre-el-estado-de-la-union-del-presidente-donald-trump>. Acesso em: 04 mai. 2021. Destacamos que a disponibilização desses discursos nas redes sociais suscitou debates. Entendemos que analisá-los argumentativamente é fundamental para a compreensão das discussões que, em torno deles, é travada. Por motivos de segurança, disponibilizamos o armazenamento das transcrições em um corpus único, disponível em: https://figshare.com/articles/journal_contribution/DISCURSOS_DE_DONALD_TRUMP_TRADUZIDOS_AO_ESPANHOL/14538012. Acesso em: 04 mai. 2021.

Nossa amostra é constituída de quatro discursos, e neles percebemos a presença de 79 expressões modalizadoras deônticas. Os modalizadores estão distribuídos conforme o Quadro 2.

QUADRO 2 – Discursos selecionados e suas respectivas ocorrências

Discurso	Nº de Ocorrências
1 - Discurso proferido ao povo norte-americano e à mídia internacional por ocasião da posse	04
2 – Discurso proferido ao povo norte-americano sobre imigração ilegal no Arizona	22
3 - Discurso proferido a líderes de diversos países e à mídia internacional por ocasião da Assembleia Geral das Nações Unidas	34
4 - Discurso proferido ao povo norte-americano sobre o Estado da União	19

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A fim de analisar qualitativamente as nuances deônticas encontradas nos discursos do presidente Donald Trump, consideramos aspectos contextuais, aspectos semânticos e a construção do *ethos*.

Os aspectos contextuais são relativos ao Componente Contextual da GDF e englobam, portanto, o tema do discurso (Posse, Imigração no Arizona, Período de Sessões das Nações Unidas e Estado da União) e o público a quem se dirige o candidato Donald Trump. Interessa-nos observar se e como as diferenças de público afetam o *ethos* construído pelo presidente por meio de expressões modalizadoras deônticas.

Os aspectos semânticos são relativos ao Nível Representacional da GDF e englobam, portanto, o valor semântico da modalidade deôntica (Obrigação, Proibição e Permissão) e a Fonte Deôntica (Enunciador, Instituição, Indivíduo, Não-especificado e Inexistente).

A construção do *ethos* é fenômeno que tomaremos de empréstimo à Análise do Discurso e nos permitirá observar como Donald Trump se apresenta ao seu público, construindo imagens de si por meio dos valores deônticos que constroem seus discursos.

A partir destes parâmetros, procedemos à análise das 79 ocorrências de expressões modalizadoras deônticas constitutivas dos discursos do presidente norte-americano.

5 Resultado: análise e discussão dos dados

Nesta seção, analisaremos os discursos de Trump sob o viés contextual (subtópico 5.1), o viés semântico (subtópico 5.2) e o tipo de *ethos* discursivamente construído (subtópico 5.3). Procederemos à correlação entre *ethos* e valores deônticos instaurados. Nossas ponderações serão exemplificadas por excertos discursivos, embora o todo textual e contextual embase a análise.

5.1 Aspectos contextuais: tema do discurso e público

Em nossa análise, observamos que o primeiro discurso de Donald Trump como presidente eleito apresenta apenas quatro expressões modalizadoras deônticas; o que o distancia dos demais discursos de nossa amostra, conforme o Quadro 1 atesta.

Lyons (1977) destaca que a modalidade deôntica demanda um acordo e um reconhecimento da autoridade do falante por parte de seus ouvintes. Entendemos que o presidente Donald Trump opta pela não demanda desse reconhecimento em seu primeiro discurso a fim de evitar ser vinculado à imagem de um líder autoritário logo de início. Assim, na configuração discursiva inicial de seu mandato, o presidente priorizou outras temáticas que não implementação de deveres ou obrigatoriedades.

Uma vez que seu discurso é mais sucinto e aberto às nações, o presidente dá preferência a agradecimentos pelo sucesso de sua campanha e prospectos quanto ao futuro de seu mandato, favorecendo a expressão da modalidade volitiva.² No que se relaciona à modalidade deôntica, os usos favoreceram a imagem de um presidente conselheiro quanto às condutas para o futuro, como pode se ver em:

- (1) *Debemos proteger nuestras fronteras de la devastación de otros países que fabrican nuestros productos, roban nuestras industrias y acaban con nuestros empleos. La protección nos brindará una gran fuerza y prosperidad. (Discurso 1)*

Em (1), Trump implementa uma conduta necessária para o bem-estar do povo americano. No entanto, opta por não emitir uma ordem clara, incorporando-se como participante do dever instaurado, travestindo

² Cf. Oliveira (2020).

a obrigação de proteger o território americano de um conselho, por meio de sua autoinclusão e de uma recompensa a todo o povo diante da tomada de atitude protetora.

Das quatro ocorrências deônticas verificadas em seu discurso de posse, o presidente se vinculou a três, pelo uso do verbo na primeira pessoa do plural (*nosotros*). Em uma apenas, o presidente optou pelo verbo na terceira pessoa, a fim de evocar um aspecto de conselho geral aos seus ouvintes, posicionando-se como uma pessoa sábia, com capacidade para exortar e aconselhar, o que se vê em:

- (2) *Cuando Estados Unidos está unido, es totalmente indetenible. No debe haber temor. Estamos protegidos, siempre estaremos protegidos. (Discurso 1)*

Em (2), Trump se posiciona como conselheiro de modo a tranquilizar o povo americano, implantando a ideia de que o povo não tem a necessidade de temer, pois se encontra protegido. Dá-se um conselho geral, por não se vincular o presidente à ideia de que é ele quem ordena que os americanos não temam.

No entanto, à medida que os discursos se tornam mais específicos à realidade e ao povo americano e que o presidente se estabelece no cargo, Trump parece introjetar-se de maneira mais veemente e expressar de modo mais claro aquilo que é tido como necessário, obrigatório, proibido e/ou permitido durante seu mandato.

No segundo discurso selecionado, em que Trump versa sobre o fenômeno da imigração no estado do Arizona, o *ethos* construído é outro, uma vez que seu posicionamento político quanto aos imigrantes é considerado por muitos como radical. Não há conselhos, mas ordens claras, por meio do uso de imperativos. Vejamos um exemplo deste caso no excerto a seguir:

- (3) *Ahora es el momento para que todos nosotros, como un solo país, demócratas y republicano, liberales y conservadores, nos unamos para traer justicia y seguridad a todos los estadounidenses. Arreglemos este problema. Aseguremos nuestra frontera. Detengamos las drogas y el crimen. Protejamos nuestra Seguridad Social y Medicare. Y démosles nuevamente empleos en este país a nuestros trabajadores desempleados que viven del bienestar social. (Discurso 2)*

Em (3), observamos o uso sequencial de imperativos, forma de expressão mais gramaticalizada de modalidade deôntica, na implementação do que deve fazer o povo americano para garantir a qualidade de vida no país. Trump utiliza essa sucessão de ordens na conclusão de seu discurso, após elencar uma série de medidas que serão tomadas em seu mandato para conter a imigração ilegal no estado do Arizona. Sua autoinclusão nos deveres relativos ao povo americano, nesse contexto, favorece sua imagem como líder participante, que não delega responsabilidades e toma à frente na resolução das necessidades do país. O uso da forma imperativa, portanto, assegura o caráter de autoridade e liderança daquele que fala.

Por sua vez, em seu discurso durante o Período de Sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas, Trump assume um *ethos* mais diplomático, tendo em vista a natureza da Instituição e o público ao qual o discurso se destina, composto por líderes diversos, o que equilibra sua posição em relação aos demais. Vejamos um exemplo:

- (4) *Si deseamos levantar a nuestros ciudadanos, si aspiramos a la aprobación de la historia, entonces debemos cumplir con nuestros deberes soberanos para con el pueblo que fielmente representamos. (Discurso 3)*

Em (4), Trump se posiciona como igual aos demais, detentor dos mesmos deveres que seus ouvintes enquanto líderes de nações. O presidente estabelece uma hierarquia à qual ele e os demais líderes se subordinam: o dever soberano para com o povo que cada líder representa. Trump evoca uma espécie de modelo de conduta que deve ser seguido pelos homens em sua posição.

Quanto a seu discurso sobre o Estado da União, Trump se encontra diante de seus subordinados e compatriotas, assumindo novamente a expressão de líder máximo, capacitado por sua posição a implementar condições de governo ideal. Vejamos:

- (5) *Esta noche hago un llamado al Congreso para que elabore un proyecto de ley que genere al menos 1.5 billones de dólares para las nuevas inversiones en infraestructura que necesitamos. Cada dólar federal debe apalancarse mediante la asociación con los gobiernos estatales y locales y, cuando sea conveniente, aprovechando la inversión del sector privado para corregir*

*permanentemente el déficit de infraestructura. Cualquier proyecto de ley también **debe** simplificar el proceso de obtención y aprobación de permisos; hasta un máximo de dos años y quizás incluso uno. (Discurso 4)*

No excerto (5), Trump defende projeto que impulsione a economia do seu país, apresentando as condições de funcionamento do projeto. Ele se apresenta como líder, que diz o que deve ser feito.

Em linhas gerais, discursos de temáticas mais amplas, como o proferido na posse e o na Assembleia das Nações Unidas, parecerem favorecer um posicionamento mais diplomático, nos quais os valores deônticos recaem sobre deveres gerais cabíveis a todos os líderes de nações ou soam como aconselhamento. Por sua vez, discursos com temáticas mais específicas, voltadas a demandas do povo norte-americano, parecerem favorecer um posicionamento autoritário, como os percebidos no discurso sobre a Imigração no Arizona e o Estado da União.

Passemos agora à análise dos aspectos semânticos, relativos ao Nível Representacional dos enunciados deônticos encontrados.

5.2 Aspectos semânticos: valor semântico e fonte deôntica

No que diz respeito aos valores deônticos instaurados no discurso do Presidente Donald Trump, observamos uma frequente expressão do valor de *obrigação* (86,1% dos casos), o que nos parece lógico, tendo em vista este ser o valor prototípico da modalidade deôntica e, além disso, estar em consonância com o universo político de direitos e deveres dos cidadãos. De todos os exemplos citados em 5.1, apenas um não está relacionado ao valor deôntico de obrigação, por ocasião da instauração de uma proibição. Vejamos mais um exemplo do valor de obrigatoriedade constante no discurso de Donald Trump:

- (6) *Todos los líderes responsables tienen la **obligación** de servir a sus propios ciudadanos, y el estado-nación sigue siendo el mejor medio para elevar la condición humana. (Discurso 3)*

Em (6), Trump evoca o dever de servir, que recai sobre todos os líderes que queiram ser vinculados à imagem de “responsáveis”, segundo o presidente. Esses têm a obrigação de atuar como servidores ao povo que os elegeram, sendo esse um dever inerente a um governante eleito. A

expressão de obrigatoriedade se dá pelo uso claro do substantivo modal “obligación”.

O valor semântico de *proibição*, mais frequente no discurso proferido por Trump na Assembleia Geral das nações Unidas com relação aos demais discursos (77,8% dos casos de valor proibitivo), concerne a comportamentos apresentados como vetados aos líderes mundiais. Observemos esse uso no exemplo a seguir:

- (7) *No podemos permitir que un régimen asesino continúe con tales actividades desestabilizadoras mientras construyen misiles peligrosos, y no podemos cumplir un acuerdo si éste ofrece cobertura para la posterior construcción de un programa nuclear.* (Discurso 3)

Em (7), o presidente Donald Trump aponta para condutas vetadas aos líderes mundiais quanto à temática “programas nucleares”, isto é, atitudes apresentadas como inadmissíveis a um governante considerado “responsável”. Aludindo a um acordo com a nação iraniana que poderia significar cobertura para uma posterior construção de um programa nuclear, Trump inclui-se como não podendo coadunar com tal acordo.

No que diz respeito à expressão do valor deôntico de *permissão*, este ficou restrito à expressão de permissões institucionais, conforme o exemplo a seguir:

- (8) *Cualquier proyecto de ley también debe simplificar el proceso de obtención y aprobación de permisos; hasta un máximo de dos años y quizás incluso uno.* (Discurso 4)

No excerto (8), o presidente simplesmente alude às licenças previstas em projetos de lei e a uma reformulação futura, proposta por ele, quanto à agilidade de aprovação de licenças sobre as quais se versa.

No que diz respeito à *fonte deôntica*, verificamos a recorrência da fonte de tipo “Enunciador” (68,4% dos casos), pois o presidente Donald Trump estabelece a si mesmo como fonte dos valores deônticos instaurados, marcando, assim, o caráter subjetivo da modalidade deôntica. Tal uso nos parece lógico, tendo em vista o fato de que os discursos são proferidos pela autoridade máxima de uma nação, que atua como porta-voz de sua própria função, ao discursar sobre plano de governo e posicionamento político. Vejamos no excerto a seguir:

- (9) *Quiero que nuestra juventud crezca para que logre grandes cosas [sic]. Quiero que nuestros pobres tengan su oportunidad para levantarse. Así que esta noche extiendo una mano abierta para trabajar con miembros de ambos partidos, demócratas y republicanos, para proteger a nuestros ciudadanos de todos los orígenes, colores, religiones y credos. Mi **deber** y el **deber** sagrado de cada funcionario electo en esta cámara es defender a los estadounidenses -proteger su seguridad, sus familias, sus comunidades, y su derecho al sueño americano. Porque los estadounidenses también son soñadores. (Discurso 4)*

Em (9), Trump discorre sobre o que deseja para o povo norte-americano e prospectos de ações que marcarão seu mandato, estabelecendo para si mesmo e para os parlamentares eleitos deveres e condutas que levem ao êxito de seu governo, conforme os objetivos de campanha.

Para além do tipo Enunciador, as fontes do tipo Instituição e Não-especificado se fizeram notar, com a mesma frequência (13,9% dos casos),³ conforme se pode ver nos exemplos a seguir:

- (10) *Buscamos frenar la escalada del conflicto sirio y una solución política que honre la voluntad del pueblo de Siria. Las acciones del régimen criminal de Bashar al-Assad, incluyendo el uso de armas químicas contra sus propios ciudadanos, incluyendo a niños inocentes, sacuden la conciencia de toda persona decente. Ninguna sociedad puede estar a salvo si se permite la propagación de armas químicas prohibidas. Es por eso que Estados Unidos realizó un ataque con misiles en la base aérea que ejecutó el ataque. (Discurso 3)*

- (11) *Cuando los políticos hablan sobre la reforma migratoria, por lo general significa lo siguiente: amnistía, fronteras abiertas, y salarios más bajos. La reforma migratoria **debe** significar algo totalmente diferente: **debe** significar mejoras en nuestras leyes y políticas para mejorar la vida de los ciudadanos estadounidenses. (Discurso 2)*

³ Em apenas 3,8% dos casos, a fonte foi do tipo Indivíduo.

Em (10), Trump justifica o ataque a uma base aérea síria apelando para uma prerrogativa de que a instituição social que permite um posicionamento que favoreça o uso de armas químicas não age de acordo aos princípios éticos, favorecendo mortes de inocentes, conduta esta que não pode ser relacionada a pessoas decentes. Sociedades permissíveis a esse comportamento são, portanto, passíveis de punição. Já em (11), o presidente menciona as ideias que estão relacionadas às reformas migratórias no cenário atual, criticando-as. No entanto, ao mencionar qual deve ser o real significado de uma reforma migratória para o povo americano, Trump não especifica de onde provém (ou deve provir) esse real significado.

5.3 O tipo de *ethos* assumido e seu posicionamento no contexto

O conceito de *ethos* está, neste estudo, relacionado à imagem que Donald Trump evoca ou cria de si mesmo nos discursos por ele proferidos. Uma vez que este conceito não se encontra disponível na teoria da Gramática Discursivo-Funcional, sendo tomado de empréstimo dos estudos realizados na Análise de Discurso (AD), sentimos dificuldade relacionada à falta de categorias formais que se prestem a uma categorização dos subtipos de *ethos* que podem ser encontrados nos discursos em geral e, mais especificamente, nos discursos analisados neste trabalho.

Trabalharemos, portanto, com a noção central de posicionamento do orador quanto aos valores deônticos instaurados. Assim, entendemos que as escolhas feitas pelo presidente no que concerne a asseverar ou atenuar valores deônticos, bem como incluir-se ou excluir-se de alvos sobre os quais recaem valores deônticos produzem imagens mais ou menos autoritárias, resultando em Trump aproximar-se ou distanciar-se de seu auditório. Na análise, valer-nos-emos também de categorias estruturais da *língua espanhola*, como o modo verbal, que contribui para a asseveração ou atenuação do valor deôntico proposto, bem como a marcação de primeira, segunda ou terceira pessoas de singular e plural, que permitem observar a inclusão do falante no *Estado-de-coisas* descrito.

A partir dessas noções, consideraremos três macrotipos de *ethos* presidencial: o que aporta uma posição de *superioridade*, em que o presidente Donald Trump coloca-se acima de seus ouvintes, como

líder, aconselhador, figura de autoridade por ser detentor do poder; de *igualdade*, em que Trump posiciona-se como igual em função (ao dirigir-se aos demais líderes mundiais), ou em identidade nacionalista (ao dirigir-se ao povo americano) e de *inferioridade*, em que o presidente coloca-se como servidor do povo e de lideranças, estando a serviço dos interesses dos seus representados.

Um posicionamento que percebemos recorrente foi o de figura de autoridade (45,5% dos casos). Ao discursar, Trump expressa de modo veemente opiniões quanto a questões políticas internas e externas ao seu país (programa nuclear, imigração, segurança, entre outros), bem como concede esclarecimentos quanto ao seu plano de governo. Assim, suas opiniões e ideias estão em evidência em seus discursos; o que exige colocar-se discursivamente como figura de respaldo e em superioridade para expressar-se. Destacamos alguns exemplos a seguir:

- (12) *Trataremos dignamente a todos los que viven o residen en nuestro país. Seremos justos y compasivos con todos. Pero nuestra mayor compasión **debe** ser para con los ciudadanos estadounidenses.* (Discurso 2)
- (13) *Cuando Estados Unidos está unido, es totalmente indetenible. No **debe** haber temor. Estamos protegidos, siempre estaremos protegidos.* (Discurso 1)
- (14) *Agradecemos también –(aplausos)–agradecemos también al Secretario General por reconocer que las Naciones Unidas **deben** reformarse si quieren colaborar de manera eficaz en el enfrentamiento a las amenazas a la soberanía, la seguridad y la prosperidad.* (Discurso 3)

Nos excertos (12), (13) e (14), extraídos de três dos quatro discursos de nossa amostra, as expressões modalizadoras deônticas constituem máximas (“Nossa maior compaixão **deve** ser para com os cidadãos estadunidenses”; “*Não deve* haver temor”, “...as Nações Unidas **devem** reformar-se se quiserem colaborar de maneira eficaz no enfrentamento a ameaças à soberania, à segurança e a prosperidade”).

No discurso 02, do qual extraímos o excerto (12), Trump critica os procedimentos de presidentes anteriores a ele, alegando que estes direcionaram atenção demasiada aos imigrantes, em detrimento

dos nativos americanos. O orador deixa claro que se afastará do comportamento de seus antecessores, apresentando “os cidadãos estadunidenses” como vítimas, em clara demarcação de uma identidade patriótica. Assim, Trump apresenta-se como aquele que não cometerá os mesmos erros de líderes que o antecederam, demarcando superioridade. No Discurso 1, do qual extraímos o excerto (13), Trump se coloca como protetor ou aconselhador, detentor de sabedoria e poder que protegerá os cidadãos, estando, portanto, acima destes. No discurso 03, do qual extraímos o excerto (14), o presidente evoca a necessidade de renovação por parte das Nações Unidas, exigindo e agradecendo o reconhecimento desta, evidenciando, também, um *ethos* de sabedoria. Esses excertos ilustram o *ethos* de Trump como líder, o qual tem autoridade para criticar, estabelecer ordem de conduta e aconselhar.

No que diz respeito ao modo verbal, o imperativo se mostrou produtivo na instauração da deonticidade responsável pelo *ethos* de líder (77,8% dos casos de Imperativo estão vinculados ao *ethos* de Superioridade), conforme constatamos no exemplo a seguir:

- (15) *Ahora es el momento para que todos nosostros, como un solo país, demócratas y republicanos, liberales y conservadores, nos unamos para traer justicia y seguridad a todos los estadounidenses. Arreglemos este problema. Aseguremos nuestra frontera. Detengamos las drogas y el crimen. Protejamos nuestra Seguridad Social y Medicare. Y démosles nuevamente empleos en este país a nuestros trabajadores desempleados que viven del bienestar social. (Discurso 2)*

No excerto (15), observamos que, por meio de sucessivas ordens, o orador se apresenta como figura de autoridade, habilitada a exortar.

No que diz respeito à posição de *igualdade*, presente com a maior recorrência (53,2% dos casos), essa se fez notar nas ocasiões em que Trump se apresenta como em sintonia com o povo americano e líderes de demais nações. Vejamos os excertos a seguir:

- (16) *Luego está el tema de la seguridad. Se han perdido innumerables vidas de estadounidenses inocentes porque nuestros políticos han fracasado en su deber de asegurar nuestras fronteras y hacer cumplir nuestras leyes. (Discurso 2)*

- (17) *Aquí esta noche se encuentra Preston Sharp, un niño de 12 años de Redding, California, quien notó que las tumbas de los veteranos no estaban marcadas con banderas el Día de los Veteranos. Decidió cambiar eso y comenzó un movimiento que ahora ha colocado 40,000 banderas en las tumbas de nuestros grandes héroes. Preston, Muy buen trabajo. Jóvenes patriotas como Preston nos enseñan a todos sobre nuestro **deber** cívico como estadounidenses. (Discurso 4)*
- (18) ***Debemos** negar a los terroristas refugio seguro, tránsito, financiamiento y cualquier forma de apoyo a su vil y siniestra ideología. **Debemos** expulsarlos de nuestras naciones. Es hora de poner al descubierto y responsabilizar a los países que apoyan y financian a grupos terroristas como Al Qaeda, Hezbollah, los talibanes y otros que asesinan a personas inocentes. (Discurso 3)*

Em (16) e (17), Trump demarca, por meio do uso da primeira pessoa do plural (*nosotros*), sua inclusão ou aproximação ao povo estadunidense, compartilhando de seus sentimentos de insegurança quanto à problemática da imigração e de seus deveres cívicos. Em (16), Trump ainda critica governos passados, mas não se afasta do povo americano, colocando-se também como vítima da insegurança, o que poderia legitimar sua candidatura e consequente vitória como uma tomada de atitude diante de tal insegurança. Em (17), Trump evoca os deveres cívicos dos cidadãos americanos, não se esquivando a eles, de modo a reiterar sua imagem de patriota e homem cumpridor de obrigações, legitimando-se. Em (18), o presidente solicita aos líderes presentes na Assembleia Geral das Nações Unidas um comportamento específico para proteger seus povos: o não acobertamento e a expulsão dos terroristas de seus países. Trump apresenta como obrigação que recai sobre todo líder mundial a garantia à segurança dos cidadãos de cada país, incluindo-se nessa obrigação. Constatamos que a utilização de verbos modais com a marcação de primeira pessoa no plural é indicativa de um *ethos* igualitário.

Quanto à posição de *inferioridade*, nosso terceiro macrotipo de *ethos*, esse se fez notar em apenas uma ocorrência em nosso *corpus*, quando Trump se apresentou como servidor do povo americano. Segue o excerto:

(19) *Quiero que nyestra juventud crezca para que logre grandes cosas [sic]. Quiero que nuestros pobres tengan su oportunidad para levantarse. Así que esta noche extiendo una mano abierta para trabajar con miembros de ambos partidos, demócratas y republicanos, para proteger a nuestros ciudadanos de todos los orígenes, colores, religiones y credos. Mi **deber** y el **deber** sagrado de cada funcionario electo en esta cámara es defender a los estadounidenses -proteger su seguridad, sus familias, sus comunidades, y su derecho al sueño americano. Porque los estadounidenses también son soñadores.* (Discurso 4)

Em (19), Trump deixa claro que possui deveres a cumprir com a nação americana, para protegê-la. Não nos era esperado, em verdade, uma grande ocorrência de um *ethos* inferior nos discursos do presidente (1,3% dos casos), pois, como já mencionamos, os discursos colocam em evidência a posição de liderança do orador, o que não seria favorecido por um *ethos* de subalternidade. Este uso isolado que constrói imagem de servidor do povo sugere-nos uma estratégia de adesão, indispensável para que a o *ethos* de autoridade seja reconhecido pelos ouvintes.

6 Considerações finais

Observamos, a partir da análise dos aspectos previstos pela teoria da GDF e pela observação dos tipos de *ethos* utilizados nos discursos do presidente Donald Trump, a comprovação de nossas expectativas quanto a uma maior expressão do valor deôntico de *obrigação* e uma menor frequência da construção do *ethos* de igualdade.

Acreditamos que a união entre as categorias propostas pela GDF e a análise do tipo de *ethos* instaurados no discurso constitui um modelo de análise frutífero, pois permitiu-nos hipotetizar que os temas dos discursos, o tipo de público ao qual o presidente se dirigia e a própria imagem que este buscava construir de si influenciou e foi influenciada por fatores inerentes à modalidade deôntica expressa, hipóteses essas confirmadas ao longo de análise.

Consideramos, então, que os discursos direcionados a um público mais amplo ou menos heterogêneo favoreceram valores deônticos atenuados e um *ethos* igualitário por parte do presidente, de modo a aproximar-se do maior número possível de ouvintes, construindo uma

face de homem flexível e diplomático. Já os discursos mais específicos ao povo americano ou que se destinavam à expressão do plano de governo do presidente levaram a uma asseveração dos valores deônticos e uma postura de liderança por parte do orador, de modo a defender suas opiniões e ressaltar sua posição de autoridade e liderança.

Parece-nos lógico, então, afirmar que os valores deônticos instaurados no discurso corroboraram a construção de variados *ethos*, em consonância com intenções comunicativas conforme temáticas e públicos.

Nossa experiência de pesquisa nos leva a afirmar a multifuncionalidade e flexibilidade da Gramática Discursivo-Funcional em suas possibilidades de diálogos com postulados teóricos de áreas como a Análise do Discurso e a Retórica, possibilitando ao pesquisador uma análise da complexidade da língua em uso na construção discursiva.

Arrematamos este artigo, retomando nossa opção por discursos traduzidos para a língua espanhola: afinal, qual o lugar do povo hispano nessas falas? Em todos os quatro proferimentos, o lugar do povo hispano é o grupo amorfo a que o Presidente chamou de “*todos los que viven o residen en nuestro país*”. A este grupo opõem-se “*los estadounidenses*”. Há uma demarcação clara “*defender a los estadounidenses*”, “*nos unamos para traer justicia y seguridad a todos los estadounidenses*”, “*nuestra mayor compasión debe ser para con los ciudadanos estadounidenses*”, “*debemos cumplir con nuestros deberes soberanos para con el pueblo que fielmente representamos*.” O discurso “*américa para os americanos*” traduzido aos hispanofalantes – os que vivem, residem em solo norte-americano, mas não são parte deste solo.

Contribuição das autoras

Victória Glenda Lopes Batista: (A) Concepção, planejamento, análise e interpretação dos dados, (B) redação do artigo e sua revisão, (C) responsabilidade pela aprovação final para publicação.

Nadja Paulino Pessoa Prata: (A) Análise e interpretação dos dados, (B) redação do artigo e sua revisão intelectual crítica, (C) responsabilidade pela aprovação final para publicação.

Léia Cruz de Menezes: (A) Análise e interpretação dos dados, (B) redação do artigo e sua revisão intelectual crítica, (C) responsabilidade pela aprovação final para publicação.

Referências

- BATISTA, V. G. L. A modalidade e o alvo deôntico em webcomentários: Uma análise funcionalista da língua espanhola. In: ENCONTROS CIENTÍFICOS: UNIFOR, 2013, Fortaleza. *Anais* [...]. Fortaleza: UNIFOR, 2013. p. 1-6.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In. MARTELOTTA, M. E (org.). *Manual de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 157-176.
- DIK, S.C. *The Theory of the Functional Grammar*. Berlin; Mouton de Gruyter, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HENGEVELD, K. Illocution, Mood, and Modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). *Morphology: A Handbook on Inflection and Word Formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. v. 2, p. 1190-1201.
- HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.
- HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. Alinhamento interpessoal, representacional e morfossintático na Gramática Discursivo-Funcional. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1810-208, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000100007>
- HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, B; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 367-400.
- INSTITUTO CERVANTES. *El español: una lengua viva*. Informe 2020. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2020.pdf. Acesso em: 29 abr. 2021.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAINIGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R., SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da Gramática Funcional. *Alfa*, Assis, v. 38, p. 109-127, 1994.

OLIVEIRA, A. Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola. *EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 20, n. 1, p. 51-80, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-20-2612>

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PESSOA-PRATA, N. P. Modalidade deôntica na mídia radiofônica: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional. *Revista do GELNE*, Natal, v. 14, n. especial, p. 215-239, 2012.

VÁZQUEZ LASLOP, M. E. *Modalidad deóntica y acción comunicativa*. 1999. 319f. Tese (Doutorado em Linguística) – El Colegio de México, México, 1999.



Construcción de la imagen colectiva de grupos a favor del Acuerdo de paz de Colombia en Twitter

Construction of the collective image of groups in favor of the Colombian peace agreement on Twitter

Laura Cristina Bonilla-Neira

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)

Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina

laura.bonilla.n@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3417-8504>

Resumen: El presente artículo analiza la construcción del *ethos* colectivo de grupos a favor del Acuerdo de paz en Twitter. Con el avance de las negociaciones y la posibilidad de un cierre del Acuerdo se formaron varios grupos de iniciativas ciudadanas para promover la paz. La ciudadanía encontró espacios de participación en las redes sociales que antes no tenía con los medios masivos, razón por la cual se desplegó una amplia discursividad en estas plataformas, particularmente en Twitter. Allí desplegaron una imagen de sí como grupo a favor de la paz y así mismo, reelaboraron su *ethos* ante los ataques de quienes se oponían al Acuerdo. Desde el marco del análisis del discurso francófono y la argumentación en el discurso, se señala la construcción del nosotros como estrategia de ampliación del colectivo y el uso de algunos procedimientos retórico-argumentativos para retrabajar el *ethos* ante situaciones polémicas y ataques del adversario político. El estudio permite evidenciar las estrategias que permitieron la construcción de un colectivo que posteriormente se consolidaría como la opción política por el Sí a la paz en el plebiscito de 2016.

Palabras clave: *ethos* colectivo; argumentación; discurso; polémica; Twitter.

Abstract: This article analyzes the construction of the collective *ethos* of groups in favor of the peace agreement on Twitter. With the progress of the negotiations and the possibility of the Agreement's closure, several groups of citizen initiatives were formed to promote peace. Citizens found spaces for participation in social networks that they did not have before with the mass media, which is why they deployed a wide discursiveness in these platforms, particularly on Twitter. There, they deployed an image of themselves as a group in favor of peace and, at the same time, reworked

their ethos in the face of attacks from those who opposed the Agreement. From the framework of Francophone discourse analysis and argumentation in discourse, we point out the construction of the “we” as a strategy to expand the collective and the use of some rhetorical-argumentative procedures to rework the ethos in the face of polemical situations and attacks by the political adversary. The study provides evidence of the strategies that allowed the construction of a collective that would later consolidate as the political choice for the Yes to peace in the 2016 plebiscite.

Keywords: collective *ethos*; argumentation; discourse; polemic; Twitter.

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 02 de junho de 2021

1 Introducción

Después de más de 50 años de conflicto armado en Colombia se firmó el Acuerdo Final para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera (en adelante Acuerdo de paz). Este tratado se negoció entre el gobierno del presidente Juan Manuel Santos Calderón y la guerrilla de las FARC en La Habana. El Acuerdo de paz consta de seis puntos: reforma rural integral, participación política, fin del conflicto, solución al problema de las drogas ilícitas, víctimas del conflicto armado y mecanismos de implementación y verificación. Las negociaciones en su fase pública se llevaron a cabo durante cuatro años (2012-2016) y desde el principio el entonces presidente declaró que se le consultaría a la ciudadanía el acuerdo al que se llegara entre las partes. A pesar de la negativa inicial de la guerrilla a la consulta popular, se logró el consenso entre los negociadores y se tramitaron primero en el Congreso y luego en la Corte Constitucional los avales respectivos para la realización de un Plebiscito. Este mecanismo de participación ciudadana se votó el 2 de octubre de 2016 con una baja participación¹ y dio como ganadora a la opción No con 50,21% frente a la opción Sí con 49,79%.²

¹ Solo el (37,43%) de los ciudadanos habilitados para votar asistió a las urnas, es decir, el 62,57% se abstuvo de votar en estas elecciones.

² A pesar de que el resultado fue negativo para concretar el Acuerdo de paz., días después el presidente Santos se reunió con los promotores de la opción No y se renegociaron algunos puntos del Acuerdo junto a las FARC. El 28 de noviembre de 2016 se firmó un nuevo acuerdo entre las partes en lo que se conoce como el Acuerdo del Teatro Colón. Este nuevo Acuerdo vía legislativa ha sido implementado poco a poco.

Desde finales de 2015 el poder ejecutivo envió el proyecto de Acto Legislativo para la Paz al Congreso de la República³ para dar vía libre a la futura implementación del Acuerdo de paz y en el cual se proponía el plebiscito como mecanismo de refrendación. Este hecho incentivó el debate sobre la participación ciudadana en medios de comunicación y sobre todo en las redes sociales. A pesar de que la aprobación de la Corte Constitucional y la publicación de los lineamientos electorales por parte del Consejo Nacional Electoral (CNE) se dieron entre julio y agosto del 2016, las campañas por el plebiscito en redes sociales como Twitter empezaron antes. En febrero de 2016 se crearon varias cuentas de Twitter en apoyo a la paz y con esto se visibilizaron más los avances que se daban en la Mesa de negociaciones de La Habana.⁴ Al mismo tiempo, los opositores al Acuerdo promovieron en sus redes manifestaciones públicas.⁵ En ese sentido, se puede inferir que en el espacio digital se empezó a forjar la precampaña a favor y en contra del Acuerdo de paz, que luego se trasladaría a lo que terminó constituyéndose como las dos opciones (Sí y No) del plebiscito sobre lo acordado en La Habana.

Este trabajo tiene como propósito explorar la imagen de sí que construyeron los grupos a favor del Acuerdo de paz en los discursos de Twitter. Se indaga sobre cómo se construyó el *ethos* colectivo de determinados perfiles en esta red social que llevó a que se les reconociera posteriormente como “los del Sí” en las elecciones plebiscitarias de octubre de ese año. Para ello, se estudió el discurso expuesto a través de los tuits en los *timelines* de tres perfiles grupales. Estos se caracterizan por reunir abundante material discursivo que circuló en internet, con lo cual se constituyen como productores y replicadores tanto de medios de comunicación, fuentes oficiales, otros individuos y grupos. Estos perfiles grupales se consideran como un altavoz o cámaras de eco (CALVO, 2015)

³ El proyecto de acto legislativo se debatió en la Cámara de Diputados y quedó a la espera del aval de Senadores en diciembre de 2015. En julio de 2016 finalmente es aprobado en Senado y sancionada la Ley (OACP, 2018a).

⁴ Particularmente, el presidente Santos publicó en su cuenta de Twitter: “Lo que se firme en La Habana lo someteré a plebiscito, les guste o no a las Farc” el 8 de febrero de 2016, con lo cual el debate sobre el mecanismo de refrendación se instaló con más vehemencia en la opinión pública.

⁵ Como la Marcha del 2 de abril contra las políticas de Santos y cuyo eslogan fue “No+Desgobierno”. El discurso de esta manifestación ha sido estudiado (BONILLA-NEIRA, 2020).

que dan un panorama general de los enunciados publicados durante el periodo electoral escogido. Desde una perspectiva discursiva de orientación francófona (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2005) se analizaron los enunciados teniendo en cuenta el enfoque de la argumentación en el discurso (AMOSSY, 2012) que permite entrelazar aportes de la retórica, en particular la noción de *ethos*, así como de la lingüística de la enunciación para seguir las huellas de la subjetividad en el discurso. Con este marco teórico metodológico general se abordó la serie de tuits en un periodo intermedio entre la creación de los de los perfiles grupales a favor del sí y la recta final de la campaña por el plebiscito,⁶ es decir, de la segunda etapa (mayo-julio).

A continuación, se describe la organización del presente artículo. Inicialmente se presentan las consideraciones teórico-metodológicas sobre las cuales se basa el análisis, en particular la noción de *ethos* colectivo y se describe el corpus de trabajo. En seguida, se encuentra el análisis que se divide en tres partes: la primera expone la construcción de la imagen colectiva a partir del uso de la deixis personal en el discurso y los lugares comunes a los que se apeló para conseguir identificación; la segunda parte muestra la construcción de la imagen de grupo a través de la consideración del adversario político en medio de una polémica pública; y en tercer lugar se describen algunos recursos argumentativos que contribuyen a la reparación de la imagen colectiva atacada por los opositores al Acuerdo de paz. Al cierre, se presentan las consideraciones finales.

2 Consideraciones teórico-metodológicas

Este trabajo sienta sus bases en el análisis del discurso de tendencia francófona (MAINGUENEAU, 2014) apoyado en la perspectiva de la nueva retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989). Asimismo, sigue la propuesta de Amossy (2012) sobre la argumentación en el discurso, específicamente por la importancia que tiene la persuasión en los discursos políticos, en particular los de campañas. Se considera

⁶ Para efectos del análisis se plantean tres momentos en el desarrollo de la campaña por el Sí. Una etapa inicial de creación de los perfiles en los primeros meses de 2016, un segundo periodo en el que se desarrolla una precampaña dado que aún no se contaba con los avales y vistos buenos de las instituciones y un tercer periodo en el que se oficializó la campaña por el plebiscito sobre los Acuerdos de paz.

el *ethos* como una noción que, recuperada de la tradición retórica, ha sido útil para el análisis del discurso, en tanto que le ha permitido dar cuenta no solo del carácter del orador sino de una determinada posición discursiva (MAINGUENEAU, 2002). Para Amossy, el *ethos* es un fenómeno discursivo amplio, una imagen de sí que el locutor construye al contemplar “su estilo, sus competencias lingüísticas y enciclopédicas, sus creencias implícitas para dar una representación de su persona” (AMOSSY, 1999). Se asume la posición de la autora que entiende el *ethos* como una dimensión constitutiva del discurso, “se trata de un enfoque que se confronta necesariamente con el modo en que el locutor, en su discurso, construye una identidad, se posiciona en el espacio social e intenta actuar sobre otros” (AMOSSY, 2018b). Toda toma de palabra incluso las intervenciones en los medios digitales implican una presentación de sí, por lo tanto, una construcción de un *ethos*.

De acuerdo con la perspectiva del análisis del discurso (MAINGUENEAU, 2002), esta noción de *ethos* cuenta con varias dimensiones. Se pueden destacar dos niveles principales de lo que Maingueneau denomina *ethos* discursivo: el *ethos* dicho, que se refiere a lo que el orador dice sobre sí mismo: la información que provee sobre su historia de vida, las características propias que menciona explícitamente en el discurso; y el *ethos* mostrado, que envía a lo que el orador muestra de sí mismo por medio de su forma de expresarse, es decir, de su estilo. La interacción de los dos aspectos, el explícito y el implícito, contribuyen a determinar la eficacia del discurso persuasivo, esto es, la construcción efectiva del *ethos* es un eje decisivo junto con el *pathos* y el *logos* para conseguir la persuasión. Estas dimensiones del *ethos* resultan útiles en el presente trabajo en tanto que permiten caracterizar las formas con las que se presentan los grupos y al mismo tiempo revelar el estilo que utilizan en su discurso.

Si bien, la noción de *ethos* ha estado ligada, como hemos visto, al orador en la retórica y luego al enunciador en análisis del discurso, y al orientarse a estudiar el texto escrito y más tarde, la palabra colectiva se han abierto otras posibilidades. Así, el enfoque de la argumentación en el discurso ha revelado que la gestión del *ethos* es siempre colectiva ya sea en situaciones interaccionales orales o escritas. En este sentido, Orkibi (2008) propone la noción de *ethos* colectivo como la imagen de una comunidad que deja de enunciarse como un “yo” y se presenta como un “nosotros”. Amossy (2018b, p. 160) afirma que “el *ethos* de

los discursos en ‘nosotros’ evidencia, entonces, la forma en que el yo se extiende y se amplía para ofrecer una imagen de grupo”. En estos términos, el *ethos* colectivo se produce en el discurso proyectando una imagen de grupo, de un nosotros que interpela a un auditorio con un fin persuasivo y, además, es capaz de conducir a tomas de posición e incluso a la acción.

Además, Orkibi (2012) explica que una imagen de grupo se impone progresivamente en el espacio público, por lo cual la construcción del *ethos* se va adaptando a lo largo del tiempo. En esta cimentación se parte de la existencia de un *ethos* previo (AMOSSY, 2018b) construido tanto de forma discursiva como institucionalmente y que es puesto a prueba en cada nueva manifestación, por lo cual es reelaborado continuamente. El proceso de construcción de las imágenes de sí se produce en los intercambios entre locutor y auditorio. Este último recibe las representaciones que a su vez son asimiladas de diversas maneras, se alimenta de lo que dice el locutor y de lo que dicen otros sobre él. Y así sucesivamente se estabilizan determinadas imágenes generadas en su mayoría “por medio de procesos de retome, de insistencia y de adaptación por efectos de retorno y redireccionalamiento, lo que permite cristalizar imágenes vinculándolas a un individuo o a una instancia de locución” (AMOSSY, 2018b, p. 154) y al mismo tiempo permite el surgimiento de imágenes nuevas.

También, en la consolidación de una imagen colectiva se gestiona la imagen del adversario. La presentación del otro de forma peyorativa contribuye al mismo tiempo al fortalecimiento de la identidad de grupo (ORKIBI, 2008). Esto evidencia un doble proceso retórico de identificación y de polarización que “produce una imagen del grupo con la que los miembros del movimiento pueden identificarse y con la ayuda de la cual ellos se posicionan en relación con los otros grupos” (ORKIBI, 2008, p. 4, traducción propia). Esta retórica se utiliza además para atraer a los indecisos e involucrar a otros en el discurso. De este modo, en el discurso de los grupos a favor del Acuerdo de paz para señalar al adversario se emplean técnicas de refutación propias de la modalidad argumentativa polémica (AMOSSY, 2017), en tanto que es la primera marca de oposición en el discurso. Estas técnicas argumentativas se complementan a su vez con un *retravail* del *ethos* previo (AMOSSY, 2018a), que consiste en una práctica por medio de la cual el orador o, en este caso, el colectivo intenta afirmar o corregir el propio *ethos*. Se trata de que “cuando su reputación o pertenencia al grupo le juegan en contra,

realizar un ejercicio de ajuste e incluso remodelación de su imagen” (AMOSSY, 2018a, p. 98). En la medida en que la imagen colectiva del Acuerdo de paz se pudo ver afectada por la retórica de la polarización, se recurre entonces a corregir o reparar esa imagen dañada. De manera que, corresponda mejor con el objetivo o la dimensión argumentativa de su discurso.

Recientemente, la noción de *ethos* ha sido retomada para estudiar los discursos e interacciones de las subjetividades en el entorno digital. Se ha despertado un interés por analizar cómo se construyen las identidades en los medios con base en internet, en particular en las redes sociales digitales. Fenómenos como las protestas de movimientos sociales, la construcción de comunidades digitales, la imagen de los políticos durante y después de las campañas, entre otras muchas expresiones han encontrado en la noción de *ethos* un camino para su comprensión. De hecho, Maingueneau (2020) afirma que las nuevas tecnologías de la comunicación influyen en el modo de existencia de las identidades colectivas y, en esa medida, en la construcción del *ethos*. En el contexto digital, según Couleau, Deseilligny y Helléguarc'h (2016), la imagen de sí integra al menos una enunciación, una puesta en escena, una pertenencia a un grupo y una percepción pública. Estos elementos ayudan a comprender el entorno en el cual se proyecta el discurso sea individual o colectivo en internet.

El procedimiento de análisis de este trabajo parte de la recolección del corpus. En primer lugar, se descargaron los datos por medio de la API de Twitter con respaldo de capturas de pantalla. En segundo lugar, se filtraron y gestionaron los datos a través de tablas tipo Excel. Para la selección de los perfiles de Twitter se tuvieron en cuenta los siguientes criterios: 1. que se tratara de un perfil grupal, 2. creado en 2016, 3. que presentara actividad durante el periodo seleccionado, 4. que todas las publicaciones hayan podido ser recuperadas y que contara con más de 1000 seguidores. Las cuentas estudiadas fueron: TodosXLaPaz, #SomosPazColombia y Forjando Paz. Se recolectaron 1200 tuits entre el 1 de mayo y el 31 de julio de 2016⁷ periodo previo a

⁷ En este periodo se da comienzo a la última ronda de negociaciones entre los equipos negociadores. En mayo el Gobierno y las FARC acuerdan mecanismo para brindar seguridad y estabilidad al Acuerdo. En junio el Congreso aprueba el Acto Legislativo de Paz y en julio la corte Constitucional da visto bueno para que el mecanismo de refrendación sea el plebiscito (OACP, 2018a).

la campaña por el plebiscito.⁸ En cuanto al análisis, se tuvo en cuenta el concepto de Paveau (2017) de tuit. Para la autora un tuit es un enunciado plurisemiotíco complejo que aparece en el *timeline* de un perfil. En los tuits se pueden presentar formas lingüísticas planas, pero estas cada vez más vienen acompañadas de símbolos en su mayoría emoticones, palabras tecnodiscursivas señaladas con @ y #, hipervínculos a otras plataformas, fotografías, *gifts* y videos. Este estudio se limitará a las formas lingüísticas planas incluyendo las formas tecnodiscursivas.

Como herramientas metodológicas para el análisis del *ethos* colectivo en el discurso de los grupos a favor del Acuerdo de paz en Twitter se tienen en cuenta los aportes de la lingüística de la enunciación (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997). Específicamente, el análisis se centra en la deixis personal, el uso de los pronombres para evidenciar las marcas de la subjetividad del colectivo en el discurso. Kerbrat-Orecchioni (1997) afirma que el procedimiento de la primera persona del plural, nosotros, se puede describir de acuerdo con la forma gramatical en un nosotros inclusivo, donde el yo incorpora al tú, y un nosotros exclusivo, en el que el yo incorpora a un él. En esa línea, Bonnin (2018) denomina otro tipo de “nosotros” como “de extensión máxima” (yo + tú + él) en el que se insertan como referentes a todas las personas que tienen una condición básica común y que supera las circunstancias de enunciación. Asimismo, se tiene en cuenta la presencia de la primera persona del singular, en tanto hace parte del colectivo. De acuerdo con Maingueneau (2020), uno de los tipos de “yo” presentes en la enunciación colectiva es el “yo participativo” que hace parte de lo que el autor denomina como colectivo débil. Se trata de un tipo de yo que se produce sin respaldo ni regulación institucional y cuya historia es corta. En ese caso, los perfiles grupales estudiados corresponden con esta descripción, pues emergieron como comunidad ese mismo año alrededor del cierre de las negociaciones del Acuerdo de paz. También, se tuvieron en cuenta los destinatarios del discurso político según Verón (1987). Entre los cuales se encuentra el prodestinatario que se refiere al partidario político; el contradestinatario, el adversario político; el paradestinatario, aquel indeciso al que se le persuade.

⁸ Todos los tuits utilizados en este trabajo son públicos y de acceso libre en internet. No se ha necesitado autorización previa de sus autores para ser utilizados con fines académicos en esta investigación.

Adicionalmente, se tuvieron en cuenta las herramientas de la argumentación en Twitter señaladas por Padilla (2015) y los recursos que se adaptan a los requerimientos de la plataforma digital. El *retuit* es uno de los recursos de carácter argumentativo más usados, permite retomar la voz de otro locutor de forma directa aprovechándose de la imagen de este y al mismo tiempo no se asume la selección léxica ni las estructuras sintácticas que haya utilizado. Este recurso es particularmente provechoso porque es utilizado en el corpus de este trabajo de forma diversificada al retomar la palabra de otros colectivos, de personajes famosos y de personas del común. También, se utiliza el recurso de la cita por medio de la denominación de *@usuario*, que permite que le llegue el mensaje directamente a ese destinatario. Con este mecanismo se consigue darle visibilidad al otro locutor de la cita, así como incluirlo en el colectivo. Se usan las comillas para separar las palabras citadas de la propia voz, pero a veces por falta de caracteres se prescinde de ellas. Otro recurso para introducir voces es el argumento de autoridad por medio del estilo directo (AUTHIER-REVUZ, 1984), en tanto hace parte de la construcción de un *ethos* del locutor y al mismo tiempo puede apelar tanto al *logos* como al *pathos* del destinatario. Generalmente, estas autoridades no tienen usuario y se les remite con *#hashtag* o solo nombrándolos.

3 La construcción del *ethos* colectivo a favor del Acuerdo

3.1 El “nosotros” y los lugares comunes sobre la paz

A finales de abril del 2016 las conversaciones de paz entre los negociadores del gobierno de Juan Manuel Santos y la guerrilla FARC entraban en la recta final. Para entonces se sumaban cuatro años de diálogos y tanto la prensa como sectores políticos contrarios a las negociaciones instigaban sobre el desgaste que sentía la población civil frente a los tiempos de la negociación. A principios del mes de mayo, los negociadores del gobierno anunciaron el avance inminente en el punto del Fin del conflicto y el inicio del punto Implementación, verificación y refrendación (OACP, 2018b). Con estos anuncios se daba comienzo a lo que sería el último ciclo de negociaciones en La Habana y la promesa de la pronta firma de lo que sería el Acuerdo final. Mientras tanto, en las redes sociales, particularmente en Twitter tenían eco las voces alrededor de la pronta consecución de la paz. Para ese momento ya participaban de

la discusión pública grupos que si bien, aún no eran oficialmente equipos de campaña, sí sentaban su voz sobre la paz tomando partido sobre esta. La mayoría de los grupos⁹ que exhortaban a favor del Acuerdo también lo hacían a favor del plebiscito como mecanismo para refrendarlo ante la ciudadanía.

En este marco, los perfiles de Twitter analizados construyeron una presentación positiva de sí mismos como grupos que giraba en torno al valor de la paz. Esta imagen a su vez se manifestó tanto hacia adentro como hacia afuera. Inicialmente, hicieron una presentación de sí como un grupo de ciudadanos que tenían en común su acción en favor de la paz. Luego, dieron paso a un fortalecimiento de esa imagen presentándola de forma más abierta, más amplia con la cual involucraron más a los destinatarios. En el caso de la primera imagen, se puede ver inicialmente en sus nombres y sus identificadores con la arroba. Estos manifiestan de forma explícita su postura ante la paz: TodosXLaPaz (@todosxlapazco), #SomosPazColombia, (@estrategiadepaz) y Forjando Paz (@forjandopaz). Es importante destacar que el nombre propio es una marca de identidad y da cuenta de los rasgos principales con los cuales se identifica. El acto de nombrar es un acto enunciativo fundamental y afirmarse como colectivo es una marca de distinción frente a los otros. “La denominación es portadora de una memoria discursiva y de una caracterización lingüística” (GIAUFRET, 2015, p. 6), lo cual en las denominaciones ‘Todos x la paz’ y #SomosPaz los presenta como colectivos que buscan la paz y que además se adaptan al medio, a tal efecto Twitter. En el primer caso, al utilizar la *x* como símbolo en vez de la proposición ‘por’ y en el segundo, el uso del *hashtag* como identificador. Estas marcas tecnodiscursivas les otorga un grado de simbolismo de novedad y adaptación. En los dos nombres se juntan las palabras consolidando una pequeña frase y haciéndola una unidad. Siguiendo a Maingueneau (2004) podemos hablar de un locutor colectivo en tanto estos perfiles de Twitter se enuncian como ejecutores de una participación militante en favor de la paz. Dado que, sus enunciados ayudan a reforzar la cohesión de una comunidad en oposición a un otro amenazador que, en este caso, serían quienes no están a favor de la paz.

⁹ En ese momento ya casi existía un acuerdo en que el mecanismo fuera un plebiscito excepto las FARC que aún manifestaban la intención de convocar a una Constituyente en vez de un referendo.

El rasgo característico de la favorabilidad hacia la paz se presenta tanto en el nombre como la descripción que hacen en sus perfiles: “Somos una iniciativa de colombianos que creen que ¡La PAZ se construye todos los días!”, “Buscamos contribuir a la construcción de una cultura de paz y reconciliación en Colombia…”, “Plataforma de comunicación, periodismo y pedagogía para La paz y la convivencia en Colombia”. Estos enunciados que se encuentran en las biografías de las cuentas de Twitter marcan nuevamente la orientación positiva a la paz. Es importante resaltar aquí que este *ethos* dicho se construye en torno a la paz y no al Acuerdo de paz, es decir, los perfiles colectivos construyeron una imagen de sí en favor de esta de forma genérica, como un valor, pero no del Acuerdo de forma explícita. Por lo cual, se puede decir que la estrategia estaba centrada en la paz de Colombia como un bien superior para los habitantes de ese país, algo que iba más allá de un Acuerdo y que los atravesaba como colombianos.¹⁰

Se destaca que la palabra paz en dos de los enunciados se resalte con mayúscula inicial o con mayúscula sostenida y que además se encuentre entre signos de admiración. Estas marcas ayudan a centrar la atención y focalizan el objeto. A esta reiteración se añade la mención al país de origen, sea directamente con el nombre Colombia o con la nacionalidad de los participantes, con lo cual sitúan la acción en un espacio, al mismo tiempo que evocan a un destinatario con el que pueden compartir esta característica (más tarde esto se va a ver reforzado). La presentación de sí que realizan de forma explícita en el perfil, por un lado, da cuenta de quiénes son y por el otro, se focalizan en la acción: construcción de paz por medio de la comunicación que allí desarrollaban. En los tres casos se presentan como grupo sea a través del nosotros por medio de los verbos conjugados en primera persona del plural “somos” y “buscamos” o sea al presentarse como una organización: “plataforma”. Esto también lo reiteran en más tuits en los *timelines*:

- (1) Somos una iniciativa ciudadana por la Paz y recorremos Colombia haciendo pedagogía de paz #El15SíMeMuevoPorLaPaz (7 de julio)¹¹

¹⁰ Esto también se puede explicar porque en ese momento aún no estaba avalado el plebiscito como mecanismo para refrendar el Acuerdo de paz, faltaba aún el visto bueno de la Corte Constitucional.

¹¹ En adelante se mostrarán los tuits sin distinción de grupo particular con la respectiva fecha de publicación que corresponde a los meses de mayo, junio y julio de 2016.

- (2) Nuestro equipo de pedagogía en taller #ForjandoPaz con la juventud de Manizales #LaPazSiEsContigo (24 de junio)

Esta muestra del uso del verbo ser en primera persona del plural en el tuit 1 y el pronombre posesivo en el tuit 2 da cuenta, en parte, del *ethos* dicho que construyen. Tanto el nosotros de la presentación del perfil como el de los tuits 1 y 2 se enuncia como un “nosotros exclusivo” (yo + ellos). En el cual, el locutor colectivo presenta una identidad compartida con un tercero, que se explica en el perfil, aquellos con quienes comparte el grupo cerrado. Se trata de un grupo particular que ejecuta acciones en favor de la paz. En suma, la presentación explícita que hacen de sí en este punto es de un grupo de ciudadanos que realizan actividades como recorrer haciendo pedagogía en un espacio determinado que es Colombia. La reiteración de la pedagogía en estos tuits podría estar haciendo una referencia implícita a la Acuerdo, pero no es contundente. En todo caso, el *ethos* dicho de forma explícita manifiesta una necesidad de educar, una suerte de sensibilización a la ciudadanía, particularmente a la juventud sobre la paz. De hecho, una de las formas de ampliación del colectivo se da a partir de la identificación generacional:

- (3) Los jóvenes queremos un país en PAZ #NoSirvoALaGuerra (13 de junio)
- (4) Una generación que construye país. Una generación que se atreve, que lucha, que sueña y que construye #todosporlapaz (13 de junio)
- (5) Porque queremos ser la primera generación libre de guerra. Nosotros le decimos a la paz #SíALaPaz #Todosxlapaz (14 de junio)

En este caso, se observa cómo el locutor colectivo involucra al destinatario en una identidad que pretende que sea compartida por ambos. Se trata de compartir la proximidad temporal como un valor positivo que los une, el hacer parte de una generación, de un momento en la historia. Esta proximidad se refuerza al utilizar conjugaciones verbales en primera persona del plural utilizando un “nosotros inclusivo” (yo + ustedes), un yo que comparte la etapa vital de la juventud con el interlocutor. En los tuits 3 y 5, este “nosotros inclusivo” produce un efecto de identificación al poner “en boca del interlocutor sus propios deseos, opiniones y necesidades” (BONNIN, 2018, p. 90). En este caso, se trata del deseo de un país en paz y de una generación (tuit 4) que actúa con atrevimiento, “que lucha, que

sueña” por construirlo. Además, en el tuit 5 se utiliza el un argumento pragmático, en el cual se apela a las consecuencias positivas que trae la acción de decir sí a la paz: ser la primera generación libre de guerra, con lo cual se gestiona aún más la proximidad con el interlocutor.

En esa línea, los *hashtags* que en los tuits 1, 2 y 3 interpelan al destinatario directamente por medio de su participación. Los #El15SiMeNuevoPorLaPaz, #LaPazSiEsContigo y #NoSirvoALaGuerra que aparecen al final se articulan en los enunciados permitiendo una afiliación difusa (ZAPPAVIGNA, 2011) donde se crea un vínculo; en los dos primeros con la paz en positivo y en el último en rechazo a la guerra. En el caso de los *hashtags* #El15SiMeNuevoPorLaPaz y #LaPazSiEsContigo, estos hacían parte de la expectativa sobre el lanzamiento de iniciativas de otros grupos con miras a la campaña oficial por el plebiscito. Mientras que, en el #NoSirvoALaGuerra hizo parte de una campaña para visibilizar la necesidad de que los jóvenes no tuvieran que prestar servicio militar obligatorio, teniendo en cuenta que al firmar el Acuerdo de paz no sería necesario que más jóvenes fueran a la guerra. Esto muestra, en cierta forma, la horizontalidad con la que se pensaban estos grupos en la medida en que compartían y se unían a estas campañas como colectivo.

A diferencia de los enunciados que se construyeron en primera persona del plural, las marcas tecnodiscursivas #El15SiMeNuevoPorLaPaz y #NoSirvoALaGuerra están en primera persona del singular para que sean asumidas como propias por el interlocutor. De este modo, se consigue que el interlocutor haga parte del colectivo y se movilice. Estos *hashtags* refieren acciones que debería hacer el interlocutor: moverse y no servir, por lo cual el grupo se construye en torno a un hacer. A este respecto, el uso de la primera persona del singular y las acciones que se supone encarnan los valores atribuidos a la colectividad permiten la construcción de una comunidad en expansión, tal como lo refiere Maingueneau (2020). Al mismo tiempo, estos *hashtags* son una marca que en muchos casos se convierte en tendencia, lo que permite darle mayor visibilidad al tema designado con esta tecnopalabra, en términos de Paveau (2017), que permite darle también más importancia a la conversación que surja entre los internautas. La circulación a partir de los *hashtags*, y en particular de aquellos que están en primera persona, permiten construir una comunidad en expansión. Esto se consigue a través del uso de la primera persona del plural de forma más amplia:

- (6) Todos los colombianos merecemos la oportunidad de construir un país mejor, un país en paz #TodosxLaPaz (27 de mayo)
- (7) Dejemos que la #Paz sea un aspecto que todos los colombianos tengamos en común. #TodosPorLaPaz #SiaLaPaz #Colombia (18 de julio)
- (8) Los colombianos que hoy habitamos este país no sabemos lo que es un día con nuestra patria en paz #ForjandoPaz (22 de julio)
- (9) El cambio comienza por nosotros mismos, de nosotros depende que sigamos adelante como país con una sociedad en #Paz. (27 de julio)

En los tuits 6, 7, 8 y 9, el locutor colectivo se manifiesta en nombre de todos los colombianos, con lo cual construye un “nosotros de extensión máxima” (BONNIN, 2018). Ese “nosotros – colombianos” se presenta como una instancia superior de la enunciación. La condición básica común que se inserta en estos tuits es la nacionalidad que incluye a todas las personas que habitan ese espacio. Además, este “nosotros” de extensión máxima se ve reforzado en los tuits 6 y 7 con el sintagma nominal sobreentendido “todos”, así como por los hashtags de #TodosxLaPaz que están en los enunciados. De manera que, la nacionalidad se articula como entidad que expande el colectivo, pasa de un nosotros de grupo cerrado con un nosotros exclusivo a un nosotros inclusivo y continúa ampliándose con el de extensión máxima. Esto se apoya en el elemento país como unificador y, al mismo tiempo, como forma de ensanchamiento del colectivo. La nacionalidad como valor patriótico superior usado de forma reiterativa funciona como una estrategia que apela al parádestinatario, en términos de Verón (1987), con el fin de unirlo al colectivo mayor al cual se le otorga más solidez.

Al mismo tiempo que hay una presentación de sí por medio de la deixis personal de la primera persona del plural de las formas expuestas, también se encuentran en este discurso formas singulares vinculadas al colectivo. Este es el caso del uso del “yo” participativo (MAINIGUENEAU, 2020) en el proceso de construcción del *ethos*. En los tuits de los grupos analizados se comparten voces individuales como piezas que hacen parte de la comunidad. En el caso de los tuits 10 y 11 son testimonios, voces individuales que muestran de quiénes

está compuesta “internamente” la colectividad. Mientras que, en el tuit 10 se trata de un “yo” sumado por medio de un retuit, con lo cual esta voz emerge de la propia circulación de red social. En los tuits 10, 11 y 12 se muestra una movilización de voces individuales que integran el colectivo y que, como señala Maingueneau al caracterizar el fenómeno del yo participativo en internet, muestra un sentimiento de pertenencia por la simple proliferación de un significante. Se establece entonces un tipo de colectivo con un funcionamiento horizontal donde se difunde su pertenencia al movilizar su “yo” vinculado a un “nosotros” por la paz, por medio de la apropiación y circulación de *hashtags*:

- (10) RT @JuanDiegoSoyYo: Si cambiamos las balas por, medicinas, lápices, libros, estoy seguro de que este país saldrá del atraso #GanandoLaPaz (13 de mayo)
- (11) “Compartir momentos con mis amigos que me sorprenden día a día me da paz” #Pensamientosdepaz (25 de mayo)
- (12) Cultivando #Paz “Cuando estoy con mi familia en un lugar seguro siendo amable y respetuosa” #TodosPorLaPaz #SiaLaPaz (11 de mayo)

En los tuits 10, 11 y 12 se utiliza como estrategia argumentativa la introducción de voces de otros locutores, en este caso individuales, a través de recursos como el retuit (RT) y formas de heterogeneidad mostrada marcada (AUTHIER-REVUZ, 1984) con las citas entre comillas que producen un efecto de veracidad. Además, el uso del *hashtag* #PensamientoDePaz fue utilizado para marcar de forma particular la introducción de la voz ciudadana, como se observa el tuit 10. Este *hashtag* en especial da cuenta de la condensación semántica de lo que la gente concibe cotidianamente sobre la paz. Además, como ya se dijo, señala un posicionamiento ideológico en favor de paz y marca un tema de conversación en la red social.

Estos enunciados se presentan de la mano de la construcción de tópicos, entendidos como opiniones admitidas y compartidas por una comunidad, a los cuales recurre este discurso para justificarse como verdad a través de las voces de gente común. Estos tópicos se acercan más a estereotipos (AMOSSY; HERSHBERG PIERROT, 2001) propios de la sociedad, que se asemejan al razonamiento del tipo: “es mejor

la paz que la guerra” o “paz es ser amable”. Los tuits 10, 11 y 12 son enunciados en primera persona del singular que pretenden conseguir una identificación por parte del interlocutor y que marcan de una forma explícita una presentación de sí más amplia. Esto es, se establece la construcción de una imagen a partir de la identificación con las voces de la propia ciudadanía. Y estas, a la vez, transmiten mensajes anclados en la *doxa* que se presentan como universales e irrefutables. Si se revisan los predicados sobre la paz de los tuits 10, 11 y 12, se puede decir que pasan por una experiencia personal: compartir con amigos, sorprenderse día a día, estar con la familia, ser amable, ser respetuoso.

Estas expresiones dan cuenta de la construcción de tópicos alrededor de la paz que se muestran más imprecisos e incluso estereotipados y que, en ese sentido, parecieran estar alejados del apoyo en concreto al Acuerdo de paz. Además, en varios tuits se reiteraba la frase de “pequeñas acciones” para sumar a la paz. Por ejemplo: “Día para sumar y aportar a la convivencia, se valen las pequeñas acciones, el trabajo honrado, los abrazos, las sonrisas. #SomosPaz” (18 de julio) o “somos uno de los países más alegras del planeta, demostrémoslo con nuestros actos #TodosPorLaPaz” (31 de julio). Estos tuits sumados a los anteriores reflejan la apuesta de la campaña en apoyo a la paz a través de lo cotidiano, lo corriente para involucrar a los colombianos y de esa forma ensanchar el colectivo. En suma, la tematización de paz orientada a las acciones cotidianas y el uso de las formas individuales vinculadas al colectivo, así como el empleo de las diversas formas del pronombre plural construyeron una nueva entidad colectiva más abarcadora que pretendió establecer procesos de identificación tanto con los prodestinatarios como con los paradestinatarios.

3.2 El *ethos* colectivo alrededor de una polémica

Así como la construcción del *ethos* colectivo presentado por los grupos en Twitter a favor del Acuerdo se moldeó a partir de su afirmación positiva, esta también se delineó por la construcción que realizaron del adversario político. La identidad del grupo, según Orkibi (2008) se fortalece con el posicionamiento que se asume con respecto a los otros grupos. La posición en favor de paz planteaba directamente la contraparte en quienes estaban contra del Acuerdo. En varias ocasiones el colectivo en favor de la paz entró en el terreno de conflicto donde encontró espacios para justificar y refutar ideas. Uno de esos momentos fue en medio de

la propuesta del expresidente y exsenador de la república de Colombia Álvaro Uribe Vélez, líder de la oposición, que denominó “resistencia civil”. Dicha “resistencia” pretendía parar el avance de las negociaciones de paz y detener el proyecto de ley¹² que avalaba el plebiscito como mecanismo de participación ciudadana para refrendar lo acordado. A finales de mayo del 2016 se anunció que la “resistencia” se efectuaría a través de una recolección de firmas ciudadanas. Y se emprendió una campaña en redes sociales con el *hashtag* #ResistenciaCivil de parte de quienes estaban en contra del Acuerdo de paz¹³ (BONILLA-NEIRA, 2021). Ante dicha tendencia aparece como respuesta #NoMeResistoALaPaz.

- (13) RT @RedPazJoven: Los #JóvenesPorLaPaz decimos Yo #NoMeResistoALaPaz (15 de mayo)
- (14) RT @Noridaoficial: La paz es una realidad, ahora nos queda la utopía del perdón. #NoMeResistoALaPaz (15 de mayo)
- (15) RT @pazcompleta: #NoMeResistoALaPaz por las guerreras que quieren que sus hijos vuelvan y crezcan en un país con #PazCompleta (31 de mayo)

En primer lugar, en los tuits 13, 14 y 15 se observa el uso del discurso referido con los retuits. Se replica la voz de otras cuentas, en este caso la Red de Jóvenes por la paz (@RedPazJoven), la de la actriz Nórida Rodríguez (@NoridaOficial) y de la organización Paz Completa (@pazcompleta). Como se dijo antes, el retuit es uno de los recursos argumentativos más empleados en este medio. La estrategia del retuit, como lo describe Padilla (2015), le permite al locutor no asumir directamente las palabras que hace el locutor original del tuit como tampoco imponerlo a la comunidad, pero consigue el mismo efecto persuasivo y pone en circulación los mismos contenidos. Incluso aún

¹² Acto Legislativo por medio del cual se establecen instrumentos jurídicos para facilitar y asegurar la implementación y el desarrollo normativo del Acuerdo Final para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera. Ley sancionada el 7 de julio de 2016.

¹³ El grupo contra el Acuerdo estaba liderado por el expresidente Álvaro Uribe junto a su partido Centro Democrático al que se unieron sectores del partido Conservador, el procurador general de la Nación, así como algunos líderes de grupos cristianos.

más porque aprovecha el prestigio del locutor original para posicionarse en la red social. Este recurso favorece la presentación de sí del colectivo en dichos enunciados de dos formas: se muestra como amplio al darle la palabra a diversas voces (jóvenes, organizaciones sociales, actrices) y muestra acuerdo ante la opinión en favor de la paz.

Esta postura también se establece con la marca del *hashtag* #NoMeResistoALaPaz. Esta fórmula condensada como un eslogan que construye la oposición a un exterior explícito: la llamada resistencia civil de los otros. El #NoMeResistoALaPaz singularizaba un contexto mostrando la conversación que se estaba generando en torno al tema a través de una negación polémica (Negroni y Tordesillas, 2001) condensada. Del mismo modo que en *hashtags* en 13 y 14, se utiliza la primera persona del plural con el objetivo de involucrar al interlocutor al apropiarse de estas palabras. Se trata de un “yo participativo” (MAINGUENEAU, 2020): Yo no me resisto a la paz, esta vez posicionándose a partir de una oposición, de una puesta en escena que rechaza un postulado contrario. En ese sentido, este *hashtag* contribuye en la construcción del *ethos* colectivo al señalar al adversario político, al diferenciarse del contradestinatario al que desacredita poniéndolo en evidencia como contrario a la paz. Estas voces individuales retomadas en el discurso del colectivo a favor de la paz refuerzan su identidad, pues entre más se señala al movimiento contrario como opuesto a la paz más se apropián del valor positivo que el “nosotros” pretende representar.

Se opone el punto de vista de quienes “se resisten a la paz” y quienes no lo hacen. Estos dos puntos de vista se comprenden por la situación de comunicación en la que se dan estos enunciados y la escena discursiva (DVOSKIN, 2014) que construyen. Esto es, las voces incorporadas para construir una imagen de sí, tales como los grupos juveniles, artistas y las imágenes que construye de los otros, en este caso como adversarios políticos. Cabe mencionar que, este diálogo trae a escena una memoria discursiva compleja. La llamada “resistencia civil” es una expresión que forma parte de la *doxa* en Colombia y que ha estado anclada a los grupos indígenas, campesinos y trabajadores. Estas agrupaciones han denominado así su ejercicio de la no violencia durante décadas de lucha contra el olvido del Estado y la falta de políticas públicas que los protejan a ellos y a sus territorios (MARTÍNEZ, 2016). Al ser sacada de esta formación discursiva y llevada a representar los valores en contra del Acuerdo de paz se establece una clara disputa ideológica. En

los siguientes tuits se encuentra explícita la distinción entre el “nosotros”, partidarios de la paz y el “ellos”, quienes están contra ella:

- (16) @RevistaSemana: “Me alucina que un tipo como @AlvaroUribeVel esté en contra de la paz”: Piero. La entrevista → (enlace) (19 de mayo)
- (17) RT @subcantante: La #ResistenciaCivil que propone el innombrable es la resistencia al diálogo, al entendimiento, a la reparación, al perdón y al respeto. (10 de mayo)
- (18) RT @alejocalleCS: Mientras algunos pocos promueven #ResistenciaCivil, nosotros, la mayoría, debemos promover un #PactoCivilPorLaPaz (10 de mayo)

En estos enunciados se menciona de forma más directa el blanco al que apunta el locutor. De nuevo, por medio de citas a modo de retuit se utiliza la imagen de personajes famosos: el cantante argentino Piero y el vocalista de la banda colombiana de *ska* Mario Muñoz. Se usan estas singularidades para hacer explícito el objetivo. En el tuit 16 se menciona a Álvaro Uribe por medio del nombre de usuario señalado con su @, mientras que en el 17 se le menciona como el “innombrable”, seudónimo con el cuál se le conoce al expresidente al haber exigido que no se dijera su nombre propio en un debate parlamentario en su contra.¹⁴ Por lo consiguiente, esta última forma de referencia al líder del grupo adversario configura una técnica de agresión verbal de rechazo del nombre propio (REALE; VITALE, 1995) que plantea una clara situación polémica. Esto se confirma con los predicados propuestos en los que se señala que la resistencia de Uribe es “al diálogo, al entendimiento, a la reparación, al perdón y al respeto”, es decir, estos lexemas corresponden a los valores con los que se identifica el locutor. De manera que, se pone en escena una identificación por oposición en donde se intenta degradar la imagen del oponente al mismo tiempo que el *ethos* propio se ve legitimado con estos valores.

De hecho, en el tuit 18 se muestra explícitamente la distinción entre el “nosotros” caracterizada como la mayoría y el “ellos”, como unos

¹⁴ El debate parlamentario sobre paramilitarismo se llevó a cabo y Uribe demandó por injuria al diputado proponente. Más tarde, esto se convirtió en una causa por falsos testigos que llevó a la cárcel por unos meses a Uribe. La causa aún continúa.

pocos que promueven la “resistencia civil”. Ahí se recurre al lugar de la cantidad (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989) para afirmar que algo vale más que otra cosa por razones cuantitativas. En este caso, el “nosotros” vale más al estar admitido por la mayoría. De esta forma se consigue valorizar su postura, que es reforzada al final del enunciado al mostrar su compromiso político como interés colectivo, en tanto se plantea como una necesidad la promoción de un pacto civil por la paz. Este es remarcado como un *hashtag* y entra también a disputar el lugar de la “resistencia civil” al utilizar el mismo adjetivo, pero construyendo su propio *ethos* de credibilidad (CHARAUDEAU, 2015) al mostrarse con compromiso en favor de la paz. En suma, se trata de una construcción de un *ethos* inscrito en un contexto agonístico, en el cual surge una reacción por parte de quienes estaban a favor del Acuerdo para tratar de contrarrestar la propuesta de resistencia de quienes estaban en contra. Siguiendo a Amossy (2017), se presenta una vinculación entre la polémica y las apuestas identitarias que marcan sistemas de valores divergentes característicos de la acción social y la lucha política.

3.3 El retrabajo del *ethos* colectivo

El panorama optimista que supone la paz como valor intrínseco estaba cambiando ante la fuerte oposición que empezó a consolidarse con la polémica sobre la campaña de la #ResistenciaCivil. La oposición acuñó la frase “Esta es la paz de Santos” (CAICEDO ATEHORTÚA, 2016), refiriéndose a las debilidades del gobierno Santos, con la cual se generó un daño en la imagen positiva que podría tener la paz. A pesar de haber sido el presidente quien decidió y emprendió el camino para hacer la paz con las FARC, sus políticas habían sido muy regresivas en términos de equidad social (RED COLOMBIANA POR LA JUSTICIA TRIBUTARIA, 2016), muchos impuestos y poco diálogo con los sectores sociales como campesinos e indígenas marcaron su ejercicio del poder (CRUZ RODRÍGUEZ, 2017). De hecho, en las encuestas (CIFRAS Y CONCEPTOS, 2016), la favorabilidad del presidente Santos estaba entre el 30% y su imagen negativa llegaba al 70%. No hay que olvidar que la negociación de paz se daba con la guerrilla de las FARC que históricamente en la última década había tenido récords en desfavorabilidad. Esto también fue aprovechado por la oposición para incrementar la imagen negativa del proceso de paz.

En ese contexto, la imagen negativa del presidente Santos fue transferida al Acuerdo de paz y a su vez al colectivo en formación que lo estaba apoyando. Es decir, los opositores al Acuerdo se encargaron de reforzar y resaltar la imagen negativa de Santos y relacionarla directamente con el Acuerdo de paz. Esta transferencia generó tensiones entre quienes estaban a favor del Acuerdo de paz, pero no compartían las políticas del gobierno. Cabe aclarar que Santos había convocado a diversas fuerzas políticas: los movimientos sociales, la izquierda, el centro y la derecha moderada a la que él pertenecía en favor de la paz. Esto puso en escena la unidad alrededor de esta, pero también es muestra de la gran diversidad de la que se componía el colectivo. Así las cosas, se hizo necesario retrabajar sobre el *ethos* (AMOSSY, 2018a), es decir, contrarrestar las afirmaciones que circulaban en el imaginario social y los hechos que hubiesen podido dañar la imagen. Si bien cada toma de palabra es una oportunidad que tiene el locutor para construir su *ethos*, con una imagen dañada, es decir, un *ethos* previo negativo, la oportunidad es mayor y debe ser aprovechada para enmendar o tratar de minimizar el detrimento al que haya tenido lugar. El retrabajo del *ethos* se refiere a los esfuerzos que realiza un locutor, individual o colectivo, que es criticado o atacado por sus adversarios para librarse de las acusaciones que le afectan. Se presentan a continuación cuatro estrategias que podrían ser consideradas como mecanismos que se enfocaron en restaurar la imagen positiva del colectivo en construcción que apoyaba la paz.

En primer lugar, se encuentra el recurso del señalamiento de mito a las formulaciones contrarias que realizaba la oposición sobre el Acuerdo de paz. Si bien esta forma de referirse a los planteamientos de la oposición venía de antes, pues los negociadores de paz de parte del gobierno habían publicado el material “Mitos y realidades sobre el proceso de conversaciones” en 2014, esta fue retomada entre mayo y junio de 2016 para llamar nuevamente la atención de la ciudadanía, sobre todo por la polémica que se analizó en el punto anterior (3.2). Sobre este tema, Hernández-Guzmán (2021) ha estudiado la polémica como posibilidad pedagógica, la cual podría ser leída en este contexto como una estrategia de acción correctiva para mejorar la imagen de un locutor y así reconstruir identidades, en este caso colectivas. En los siguientes tuits se presenta una muestra:

- (19) En foro sobre mitos y realidades del Proceso de Paz. #SomosPaz
(3 de junio)
- (20) Desmintimos algunos mitos que han rodeado a los acuerdos históricos para #Colombia #TodosPorLaPaz #SíLaPaz (enlace a video de Facebook) (27 de julio)
- (21) Los mitos en torno al proceso de Paz con las FARC #ForjandoPaz (enlace)

Estos enunciados presentan un registro informativo. El tuit 19 comunica sobre un foro que se realizó en la Asamblea de diputados de Antioquia. Mientras que, los tuits 20 y 21 son los titulares de un video que se encuentra en la página oficial de Facebook del Alto comisionado para la paz y una nota de la redacción del periódico *El Tiempo* respectivamente. Para poder acceder a la información en los dos últimos casos es necesario ingresar a otras plataformas, con lo cual el mensaje completo sobre los mitos queda truncado. A pesar de que se señala como un mito, es decir, como un conjunto de creencias que circulan en el imaginario social que no corresponden a la verdad, el contenido específico de cuáles son estos mitos y de cuál sería la realidad no queda explicitado. Esto se observa también en otras estrategias que se verán más adelante.

En segundo lugar, se encuentra otro de los mecanismos utilizados para contrarrestar los ataques y que está presente en el discurso de Twitter: la reiteración constante del apoyo internacional al Acuerdo de paz:

- (22) Prestigiosas universidades internacionales se suman al esfuerzo de paz en Colombia (24 de mayo)
- (23) 32 países que integran los Estados del Caribe respaldaron el proceso de paz (4 de junio)
- (24) Contamos con apoyo internacional para seguir adelante con la #Paz, el resto depende de nosotros para lograrla. (24 de julio)
- (25) Ese #ProcesoDePaz en Colombia que desde afuera ven con buenos ojos, y que aquí tanto divide. (10 de junio)

Estos enunciados forman parte de una serie más amplia que enfoca su contenido en el apoyo internacional. Por lo que es más que un

tema abundante en el discurso, se trata de una estrategia argumentativa de repetición. De acuerdo con Perelman y Olbrechts-Tyteca (1989), la repetición es la técnica más sencilla para crear presencia. A pesar de que el registro en los tuits que pareciera ser informativo, la reiteración de esta información: el apoyo de diversos países de la comunidad internacional se conecta por el efecto que causan en la *doxa* colombiana, con lo cual se construyen con una orientación argumentativa. En la opinión pública de esa sociedad es muy valorado lo que piensen afuera sobre el país, es importante la imagen que tienen otras naciones, en particular Estados Unidos y Europa. En ese sentido, contar con el apoyo del exterior promueve una buena imagen del proceso de paz. En los tuits 22 y 23 se destaca el recurso argumentativo del lugar de la cantidad para dar cuenta de que este apoyo vale más porque son muchos los países que lo avalan; el tuit 22 usa también el lugar de la calidad, en tanto, se utiliza el adjetivo de prestigio para resaltar su valor. No son universidades cualesquiera, son universidades con gran reputación.

Asimismo, el registro de los tuits 24 y 25 se plantea en términos más explicativos e incluso polémicos. En el caso del 24 se recurre al apoyo internacional para dale valor a la paz y al mismo tiempo plantearla como un deber. Es decir, se presenta el apoyo internacional como un hecho concreto y depende de los ciudadanos responder a ese gesto. Es importante destacar que los anteriores tuits estaban en tercera persona, mientras que este está en primera persona del plural y de hecho se usa el pronombre nosotros (inclusivo). Hay allí unas marcas deícticas con las que se interpela de forma directa y con cierto grado de compromiso al alocutario. Por su parte, en el tuit 25 se pone de manifiesto la disputa interna sobre el Acuerdo de paz. Se plantea como un argumento de comparación presentando el proceso de paz como algo valorado positivamente afuera, mientras que adentro no, solo divide. Se compara la posición a favor y en contra mediada por lo que incluso se podría considerar una autoridad: el apoyo internacional. Se utiliza el *hashtag* para darle visibilidad al tema sin plantear directamente la posición allí: #ProcesoDePaz admite tuits con una u otra posición al respecto. Sin embargo, en lo que sigue del enunciado la posición se marca: dentro del país el tema de la paz separa mientras que afuera es visto con buenos ojos.

En tercer lugar, se puede reconocer como estrategia la presentación de los beneficios que traería el Acuerdo de paz para retrabajar la imagen colectiva de la paz y al mismo tiempo conseguir legitimación entre la

ciudadanía. Esta estrategia se basa en argumentos de tipo pragmático (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989) donde se juzga el valor de la paz por sus consecuencias positivas. Dado que, el argumento pragmático “que permite apreciar algo con arreglo a sus consecuencias presentes o futuras tiene una importancia directa para la acción” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989, p. 410) y de esa forma se relaciona con la persona, en este caso, el colectivo y sus actos. Este tipo de argumentos, aunque se basen en la estructura de lo real y no sean propiamente argumentos etóticos (LEFF, 2009) Perelman insists that argumentation inevitably does and ought to place stress on the specific persons engaged in an argument and that the relationship between speaker and what is spoken is always relevant and important. In taking this position, Perelman implicitly revives the classical conception of proof by character (ethos or “ethotic” argument, podrían permitir el fortalecimiento de la imagen positiva del locutor pretendiendo la simpatía de la audiencia. Esto se podría conseguir a través de la presentación de acciones que atenúen la imagen negativa con la que se cuenta. Sin embargo, la forma en la que fueron presentados estos beneficios de la paz no fue del todo adecuada. Debido al formato de mensajes cortos (140 caracteres)¹⁵ propio de Twitter, en algunos casos solo se enunciaba a modo de titular noticioso como en el caso de los tuits 26 y 27, pero los beneficios no se mencionan explícitamente en el mensaje. En algunos casos se remite a enlaces o videos externos en donde se podría ampliar la información, sin embargo, no siempre los interlocutores están dispuestos a ingresar a otras plataformas.

- (26) Foro Beneficios de la Paz – (enlace) (29 de mayo)
- (27) Un análisis respecto a los múltiples beneficios que trae la #Paz a #Colombia, algunos incluso inesperados. (enlace) (27 de julio)
- (28) RT @ELTIEMPO: #LasMásLeídas Siete destinos colombianos para viajar en paz (1 de julio)
- (29) “La paz abre el interés de los gobiernos y empresarios extranjeros para aumentar la inversión en Col” @MincomercioCo (24 de mayo)

¹⁵ En el 2016 los mensajes contaban con una extensión máxima de 140 caracteres. Para 2018 se aumentó hasta 280 caracteres, extensión que se mantiene hasta hoy.

(30) “La Unión Europea invertirá 500 millones de euros una vez se firmen los acuerdos de la Habana” Eamon Gilmore (24 de mayo)

En el caso de los tuits 28, 29 y 30 se recurre al discurso en estilo directo, citando la palabra ajena por medio de retuit o de comillas. El retuit cita el titular de un periódico importante de circulación nacional antecedido por un *hashtag* que reproduce una práctica tecnodiscursiva de recomendación que hace tendencia temas a través de la etiqueta de ser las más leídas o las más recomendadas en una web. El tuit 29 es una cita de la voz del ministro de comercio que fue mencionado con su respectivo nombre de usuario que había dado declaraciones sobre su cartera. Y en el 30 se cita al enviado especial para la Unión europea para la paz de Colombia, Eamon Gilmore. En estos tres últimos enunciados se encuentran de forma más concreta los beneficios y oportunidades que traería la paz para el país. Sin embargo, se destaca que estas consecuencias positivas, a pesar de presentarse como hechos concretos estaban concentrados en el área económica. Lo cual no supone algo negativo en absoluto, pero es un enunciado que apela solo al *logos* y que al mismo tiempo descuida la relación con el auditorio al no decir de forma más explícita cómo esas inversiones llegarían a impactar directamente a los colombianos. Por lo tanto, la imagen que se construye del locutor es más de burócrata que de amable o preocupado por las necesidades de la ciudadanía.

En cuarto lugar, se encuentra la estrategia de frenado entre el colectivo a favor de la paz y el presidente Santos. La técnica de freno (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989) procura limitar el efecto de un individuo sobre la imagen, en este caso de un colectivo. Los actos de Santos (sus políticas gubernamentales) afectaban la credibilidad del proceso de paz. Entonces, se trataba de generar un freno entre la paz y lo que representaba Santos y en ese sentido, un freno en la relación entre el colectivo y Santos. Si bien es cierto, como se dijo antes, el colectivo en favor de la paz se mostraba unido por este valor, tampoco es menos cierto que había una gran diversidad de corrientes políticas y que varias solo tenían en común con el presidente Santos los esfuerzos en torno al Acuerdo. Enunciados como “la paz es de todos y no de Santos” trataban de mitigar el impacto del señalamiento de “la paz de Santos”, pero al mismo tiempo se exponían las fisuras internas que minaban la credibilidad del colectivo ante el auditorio. Dado que, la cabeza visible del proceso

de paz como una de las partes negociadora era el propio presidente. Por cierto, Santos fue candidato y finalmente ganador del premio Nobel de paz de 2016,¹⁶ con lo cual separarlo de la paz resultaba, al menos, difícil. Los siguientes tuits muestran parte de esta estrategia de frenado:

- (31) RT @Antequerajose: El sí a la paz no puede leerse como una reacción adherida al gobierno frente a la campaña uribista. La paz es de todos y para todos. (14 de junio)
- (32) “Proceso de paz, sí; pero gobierno de Santos, no” – (enlace) (29 de junio)
- (33) “Sería un error dejar que haga carrera la impresión de que esta es la paz de Santos y no la de los colombianos” (enlace) (24 de mayo)
- (34) RT @jnn59: #SíAlPlebiscitoXLaPaz Continuamos apoyando el #ProcesoDePaz; La paz no es de Santos, las Farc o el ELN: Es de todos. (5 de junio)

Estos enunciados nuevamente corresponden a inscripciones de otras voces en el discurso por medio de retuits o citas directas que tienen como efecto no hacerse cargo directamente por las palabras que allí se exponen, pero de igual manera al compartirlas entran a formar parte del discurso del colectivo. El caso del tuit 31 se cita a una figura reconocida, el abogado hijo de un activista y político de izquierda asesinado en los 80 en Colombia, José Antequera. También, el tuit 32 corresponde al titular de una entrevista al líder político de izquierda Jorge Enrique Robledo a un periódico local. En el caso de @Antequerajose se plantea una lectura no solo de la paz sino explícitamente del Sí a la paz, es decir, incorpora una postura al, en ese momento, inminente plebiscito. Esto también lo reafirma Robledo en el tuit 32 cuando se refiere al proceso de paz y no a la paz en abstracto. De hecho, el titular corresponde a una reformulación irónica de un eslogan de la oposición al Acuerdo: “Paz sí, pero no así”. Desde el principio, al ser políticos de izquierda se disputaban el lugar

¹⁶ El premio fue informado el 6 de octubre, 4 días después de que ganara el No en el plebiscito. Este hecho fue un impulso para que se renegociara el Acuerdo y finalmente fuera suscrito el 24 de noviembre de 2016.

ideológico en un espacio político; por lo cual, su postura fue de apoyo a las negociaciones de paz, pero no al presidente ni a su gobierno.

Sin embargo, no solo los políticos de izquierda mostraron su postura, también, otros actores afines a derecha moderada y políticos de centro se desmarcaron de la figura Santos. Esto se muestra en el tuit 30 que es un fragmento de una columna de opinión del ex director de Portafolio, el periódico más importante de economía en Colombia en un intento por desvincular la paz de la figura del presidente y transferirla a todos los colombianos. Asimismo, en el tuit 34 se encuentra la voz de un ciudadano que no solo desliga la paz de Santos sino de las FARC, el otro actor en la negociación. También del ELN que en ese momento era un actor armado en proceso de iniciar un proceso de paz. Como afirma Perelman y Olbrechts-Tyteca (1989, p. 496): “la noción de grupo es un elemento argumentativo eminentemente sujeto a la controversia, inestable, pero de una importancia capital”. En estos términos, en un proceso de paz próximo a ser refrendado ante la ciudadanía, la separación de la figura de Santos con el grupo pudo interpretarse como una fisura interna, incluso como un grupo sin líder político, pero también pudo ser vista como una forma más de ampliación del colectivo. Esto último teniendo en cuenta que Santos presentaba alta desfavorabilidad en la opinión pública, su separación del grupo podría ser vista como algo positivo entre quienes no concordaban con sus políticas gubernamentales.

En suma, en el proceso de retrabajo del *ethos* se recurrió a catalogar como mitos las formulaciones de los oponentes y así a desacreditarlos. También, se apeló a presentar de forma constante los apoyos internacionales y los beneficios de paz para tratar de desviar la atención de los ataques que recibían por parte de la oposición. Además, se recurrió a la negación de la figura de Santos como cabeza visible del proceso de paz. Mediante la técnica de frenado entre el individuo y el grupo se pretendió la separación de la figura de Santos en su relación de propiedad de la paz: “la paz no es de Santos”. Ante esto se contrapone la idea de “la paz es de todos”, con la cual se pretende posicionar la verdadera doctrina de la mayoría. Esto tiene varias consecuencias. Por un lado, le otorga más poder a la colectividad haciendo protagonistas a más miembros del grupo, por lo que hay una presentación de sí de horizontalidad. Pero por el otro, se pone en cuestión la imagen de unidad en torno a la paz. En efecto, Perelman y Olbrechts-Tyteca (1989, p. 500) afirman que las técnicas de frenado tienen mayor éxito en cuanto menos

representativos del grupo parezcan ser los individuos, y en este caso, Santos al ser el presidente y gestor del proceso de paz resulta más difícil separarlo del colectivo.

4 Consideraciones finales

En esta contribución, a partir de las herramientas del análisis del discurso y de la argumentación retórica, se analizó la construcción de la imagen colectiva de grupos a favor del Acuerdo de paz en sus discursos de Twitter. En la primera parte se caracterizó la imagen de unidad del colectivo alrededor de estereotipos sobre la paz como la felicidad y el respeto, así como con el uso de diversas formas de deixis personal plural y singular que les permitiera un ensanchamiento del colectivo. También, en esa imagen de unidad se apeló al uso de valores como la nacionalidad y la juventud que sirvieron como elementos de identificación con el colectivo. Los discursos en Twitter de los grupos que estaban a favor del Acuerdo de paz construyeron una voz que les permitiera participar de la discusión pública más allá de las voces legitimadas de los líderes, por lo cual se caracterizaron como discursos polifónicos con voces de gente del común, junto con diversos actores políticos y sociales.

Asimismo, los grupos en Twitter a favor de la paz construyeron una imagen peyorativa de sus adversarios políticos generando una identificación con su propio colectivo. En un contexto agonístico, los adversarios fueron retratados como enemigos a la paz al abanderar una campaña de resistencia contra el Acuerdo de paz. En particular, los ataques fueron dirigidos al opositor Álvaro Uribe, con lo cual se individualizó la responsabilidad. Esta estrategia también permitió hacer ver como reducido al colectivo contrario, verlos como unos pocos, mientras que quienes estaban a favor se presentaron como la mayoría. Esto lo consiguieron a través del uso de lugar de cantidad y de la ampliación del “nosotros”. En este escenario, el *ethos* colectivo se construyó en contraposición a la del adversario, un “nosotros” a favor de la paz frente a un “ellos” que se resiste. Así, la imagen que se erige es la de una mayoría que está a favor de los valores que trae la paz como el diálogo, el entendimiento y la reparación.

A pesar de la imagen colectiva positiva que se venía construyendo, las polémicas y la transferencia de la imagen negativa del presidente Santos perjudicaron en parte ese *ethos*. Por ende, surge la necesidad de

retrabajar el *ethos* para revertir las críticas y ataques por parte de los adversarios. Así, se identificaron cuatro mecanismos que se enfocaron en restaurar la imagen positiva de la paz y del colectivo en construcción que la apoyaba: el descrédito a partir del señalamiento de mitos a las formulaciones del adversario, la reiteración a modo de argumento de autoridad del apoyo internacional a los Acuerdos de paz, así como la presentación de los beneficios de la paz y la separación de la figura de Santos como poseedor de esta. Este último mecanismo en particular dejó entrever que la imagen de unidad del colectivo no estaba funcionando del todo, pero al mismo tiempo pudo servir para darle una imagen de mayor horizontalidad entre sus miembros.

Adicionalmente, en este trabajo se pudo mostrar cómo el uso de herramientas tecnodiscursivas como el *hashtag* (#) y el identificador de nombre de usuario (@) son adaptadas y utilizadas con fines argumentativos para acrecentar la adhesión al colectivo. En su mayoría, los *hashtags* utilizados son frases cortas con significado condensado que a modo de eslóganes se instalan en determinadas partes del enunciado, no solo para identificar al colectivo sino también para establecer temas de conversación y debate en Twitter. Por su parte, las menciones de otras cuentas fueron utilizadas para introducir voces de otros locutores a través del retuit, la cita y los argumentos de autoridad, elementos que permitieron adherir diversidad de actores al discurso y generar muestras de identificación con el auditorio, de forma que también se conseguía proyectar una imagen de amplitud y unidad.

En síntesis, los discursos en Twitter de los grupos a favor de la paz permitieron la construcción de un *ethos* colectivo digital caracterizado por la unidad y al mismo tiempo por la heterogeneidad de voces que participaban. Este *ethos* se distingue además por la construcción de variadas situaciones de enunciación y de una concepción de la paz atravesada por tópicos estereotipados. Dichos elementos permiten una ampliación del colectivo por medio de un *ethos* de identificación. Asimismo, en un contexto de controversia con los opositores al Acuerdo el colectivo digital pretendió una presentación de sí como un grupo digno de crédito reafirmándose en favor de la paz y los valores positivos en torno a ella. Es por esto por lo que, debe retrabajar su imagen a través de mecanismos que le permitan restaurar un *ethos* colectivo digital fuerte con la capacidad de encarar la campaña por el plebiscito sobre los Acuerdos de paz.

Referencias

- AMOSSY, R. *Apología de la polémica*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2017.
- AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. París: Armand Colin, 2012.
- AMOSSY, R. L'ethos au carrefour des disciplines: rhétorique, pragmatique, sociologie des champs. In: AMOSSY, R. (org.). *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999. p. 129-156.
- AMOSSY, R. Introduction. Analyser la réparation d'image dans le discours électoral: Bilan et perspectives. *Langage et Societe*, Paris, v. 164, n. 2, p. 9-23, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.3917/ls.164.0009>
- AMOSSY, R. *La presentación de Sí*. Ethos e identidad verbal. Buenos Aires: Prometeo libros, 2018b.
- AMOSSY, R.; HERSHBERG PIERROT, A. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*, Paris, v. 19, n. 73, p. 98-111, 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/lge.1984.1167>
- BONILLA-NEIRA, L. La « Résistance civile » à l'Accord de paix en Colombie : mobilisation et construction d'un ethos collectif. In: AMOSSY, R.; ORKIBI, E. (org.). *Ethos collectif et identités sociales*. Paris: Classiques Garnier, 2021. p. 145-168. Disponível em: <https://classiques-garnier.com/ethos-collectif-et-identites-sociales.html>.
- BONILLA-NEIRA, L. Tópicos y violencia verbal en la convocatoria a la marcha #noMásDesgobierno en Colombia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1747-1777, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1747-1777>
- BONNIN, J. Un acercamiento a los procedimientos lingüísticos de la enunciación: la deixis. In: MARAFIOTI, R.; BONNIN, J. (org.). *Voces en conflicto*. Enunciación y teoría de la argumentación en la audiencia por la ley de medios. Moreno: Universidad Nacional de Moreno, 2018. p. 1-428.

CAICEDO ATEHORTÚA, J. M. “¿Ésta es la paz de Santos?”: el partido Centro Democrático y su construcción de significados alrededor de las negociaciones de paz. *Revista CS*, Cali, p. 15-37, 2016. DOI: <https://doi.org/10.18046/recs.i19.2136>

CALVO, E. *Anatomía política de Twitter en Argentina*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2015.

CHARAUDEAU, T. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Diccionario de análisis del discurso*. Madrid: Amorrortu Editores, 2005.

CIFRAS Y CONCEPTOS. *Encuesta polimétrica. Instituciones, política, economía y sociedad*. Bogotá D.C.: Cifras & Conceptos, 2016. Disponible en: <http://cifrasyconceptos.com/productos-polimetrica/>.

COULEAU, C.; DESEILLIGNY, O.; HELLÉGOUARC'H, P. Que devient l'ethos en régime numérique ? *Itinéraires. Littérature, textes, cultures*, Paris, v. 3, p. 1-28, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/itineraires.3175>.

CRUZ RODRÍGUEZ, E. La rebelión de las ruanas: el paro nacional agrario en Colombia. *Análisis*, Bogotá D.C., v. 49, n. 90, p. 83, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15332/s0120-8454.2017.0090.04>.

GIAUFRET, A. L'ethos collectif des guerrilla gardeners à Montréal: entre conflictualité et inclusion. *Argumentation et analyse du discours*, Tel-Aviv, n. 14, p. 0-18, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1978>.

HERNÁNDEZ GUZMÁN, C. Una aproximación desde el uso pedagógico de ciertas polémicas públicas: proceso de paz con las FARC-EP. *Pedagogía y Saberes*, Bogotá D.C., n. 54, p. 197-212, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17227/pys.num54-11802>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación. De la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial, 1997.

LEFF, M. Perelman, argument ad hominem ethos rhétorique. *Argumentation & Analyse du discours*, Tel-Aviv, n. 2, p. 1-12, 2009. DOI: 10.4000/aad.213.

MAINGUENEAU, D. *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin, 2014.

MAINGUENEAU, D. Hyperénonciateur et « participation ». *Langages*, Paris, n. 156, p. 111-126, 2004. DOI: <https://doi.org/10.3406/lge.2004.967>

MAINGUENEAU, D. Je et identité collective. In: PAISSA, P.; KOREN, R. (org.). *Du singulier au collectif: construction(s) discursive(s) de l'identité collective dans les débats publics*. Limoges: Lambert-Lucas, 2020. p. 25-38.

MAINGUENEAU, D. Problèmes d'ethos. *Pratiques*, Paris, n. 113-114, p. 55-67, 2002. DOI: <https://doi.org/10.3406/prati.2002.1945>.

MARTÍNEZ, D. La Noviolencia en los Nasa, del norte del Cauca: relaciones entre la teoría y la experiencia específica. *Polis Revista Latinoamericana*, Santiago, n. 43, p. 1-18, 2016. DOI: 10.4000/polis.11573

OACP. *Marco Jurídico del Proceso de Paz y otros desarrollos normativos 2010-2016*. Tomo IX. Biblioteca del Proceso de Paz con las FARC-EP. Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 2018a.

OACP. *La Discusión del Punto 3 Fin del Conflicto y la Discusión del Punto 6 Implementación, Verificación y Refrendación*. Biblioteca del Proceso de Paz con las FARC-EP. Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 2018b. Tomo VI.

ORKIBI, E. Ethos collectif et Rhétorique de polarisation: le discours des étudiants en France pendant la guerre d'Algérie. *Argumentation et analyse du discours*, Tel-Aviv, n. 1, p. 0-16, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.438>

ORKIBI, E. *Les étudiants de France et la guerre d'Algérie*. Identité et expression collective de l'UNEF (1954-1962). Paris: Éditions Syllèse, 2012.

PADILLA-HERRADA, M. S. La argumentación política en Twitter Political argumentation on Twitter. *Discurso y Sociedad*, Barcelona, v. 9, n. 4, p. 419-444, 2015. Disponível: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/75351/DS9%284%29Padilla.pdf?sequence=1&isAllowed=>

PAVEAU, M. A. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de la argumentacion*. La nueva retórica. Madrid: Gredos, 1989.

REALE, A.; VITALE, M. A. *La argumentación*: Una aproximación retórico-discursiva. Buenos Aires: Ars, 1995.

RED COLOMBIANA POR LA JUSTICIA TRIBUTARIA, Red. Estructura tributaria será más regresiva si se aprueba la reforma. *Revista Activos*, Bogotá D.C., v. 14, n. 27, p. 19-32, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15332/s0124-5805.2016.0027.02>

VERÓN, E. La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política. In: ARFUCH, L.; CHIRICO, M. (org.). *El discurso político: lenguajes y acontecimientos*. Buenos Aires: Hachette, 1987. p. 13-26.

ZAPPAVIGNA, M. Ambient affiliation: A linguistic perspective on Twitter. *New Media and Society*, Londres, v. 13, n. 5, p. 788-806, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444810385097>



Comentários *online* e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica

Online comments and the notions of stereotype and place in the context of polemics argumentation

Evandro de Melo Catelão

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

evandrocatelao@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3006-5051>

Amanda Bueno de Oliveira

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

amanda.buo@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2668-9267>

Resumo: Este estudo se debruça sobre uma análise descritiva de comentários *online* em uma publicação com temática homoafetiva no Instagram. Buscamos realizar um exame argumentativo dos dados utilizados pelos comentaristas em relação à presença e ao uso de estereótipos, lugares-comuns e as chamadas evidências comuns no interior de uma interação polêmica. Delimitamos um tipo de análise com noções e métodos da linguística de texto, ou mais particularmente, da Análise Textual/Discursiva (espaços textual e discursivo), assim como da Teoria da Argumentação no Discurso (delimitação dos tipos de dados utilizados) e da Análise do Discurso Digital (noções de tecnodiscursivo e comentário *online*). Os comentários coletados apresentam características do que é definido como interação polêmica, ou seja, de uma argumentação envolta no dissenso. As análises permitem concluir que há uma forte tendência ao uso de argumentos com marcas estereotipadas ou como o que caracterizamos como evidências comuns, tanto em defesa quanto contra o tema da polêmica. Esse dado representa uma forte demarcação de espaço discursivo no momento de combate do ponto de vista e dos valores de grupos adversários.

Palavras-chave: comentários online; estereótipo; argumentação polêmica; análise textual/discursiva.

Abstract: This study focuses on a descriptive analysis of online comments in a homo-affective publication on Instagram. We seek to conduct an argumentative examination of the data used by commentators in relation to the presence and use of stereotypes, commonplaces and so-called common evidence within a polemics interaction. We delimit a type of analysis with notions and methods of text linguistics, or more particularly, Textual / Discursive Analysis (textual and discursive spaces), as well as the Theory of Argumentation in Discourse (delimitation of types of data used) and Digital Discourse Analysis (notions of technodiscourse and online commentary). The collected comments present characteristics of what is defined as polemics interaction, that is, of an argument wrapped in dissent. The analyzes allow us to conclude that there is a strong tendency to use arguments with stereotyped marks or as what we characterize as common evidence, both in defense and against the subject of controversy. This data represents a strong demarcation of discursive space at the moment of combat from the point of view and the values of opposing groups.

Keywords: online commentary; stereotype; polemics argument; textual / discursive analysis.

Recebido em 25 de fevereiro de 2021

Aceito em 28 de abril de 2021

Introdução

Os fios condutores argumentativos de interações em comentários *online* costumam chamar atenção em razão do apelo e da polêmica gerados. Não raro, o gênero aparece na maioria dos estudos ligado a uma argumentação de base conflituosa, em que chegar a um acordo não parece ser uma ação visada. Na interação polêmica, os grupos sociais, ao se juntarem contra ou a favor de um outro grupo, entram por um caminho de mobilização de suas próprias crenças e representações, traçando um universo rico aos analistas que se debruçam sobre esse fato. Ao firmar a defesa de um ponto de vista como foco, sua orientação argumentativa passa a figurar como defesa e/ou proposição de categorias axiológicas, as quais pretendemos relacionar nesse estudo à noção de estereótipo (AMOSSY, 2020).

Nesses limites, este estudo parte da seleção de um caso de polêmica gerada por uma publicação do jornal *Estadão*, em seu perfil do Instagram, intitulada “Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’”. Da amostra, por meio de uma pesquisa descritiva,

buscamos realizar um exame da argumentação em relação à utilização de dados para a construção do ponto de vista, em razão do uso e da presença de valores/estereótipos no interior da argumentação polêmica ou discurso polêmico. Para tanto, toma-se como ponto de referência parte do que tem sido discutido pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) (AMOSSY, 2018, 2020; AMOSSY; HERSCHEBERG-PIERROT, 2001) em consideração às cinco modalidades argumentativas e às noções de estereótipos e lugar.

No que se refere às interações em mídia digitais, visamos ainda uma tentativa de ampliar as análises no sentido de considerar parte da perspectiva de Paveau (2017), sobre a Análise do Discurso Digital (ADD), circunscrevendo, além de aspectos relacionados à argumentação, uma caracterização dos gêneros digitais em correlação com os pressupostos mais recentemente adotados por pesquisadores, inclusive os autores no presente trabalho, na Linguística Textual, principalmente no Brasil. Nesse âmbito, por comentário digital ou comentário *online* estamos entendendo todo discurso que é produzido por internautas a partir de um texto primeiro num espaço que assume atualmente uma das principais “arenas” de interação das pessoas (*blogs*, *sites* de informação e redes sociais digitais) (PAVEAU, 2017). Seria nesse contexto e ambiente que as noções de estereótipo, lugar-comum e ideias compartilhadas poderiam ser incorporadas, já que resvalam também na modalidade argumentativa polêmica.

Apesar do grande número de estudos sobre comentários, justificamos a escolha do *corpus* tendo em vista a observação de Paveau (2017) de que o comentário é uma das formas tecnodiscursivas mais frequentes e mais ricas da *internet* e que, apesar de sofrer uma estereotipação negativa nas redes (sendo até mesmo banido por algumas plataformas), ainda apresenta muitas facetas a serem descritas. Acreditamos, por exemplo, que as noções destacadas poderiam ser incorporadas às análises, além da possibilidade de gerar um novo quadro quanto ao regime de categorização axiológica em limites retóricos, os quais temos defendido em estudos anteriores (CATELÃO, 2013, 2019), contudo agora com outras correlações, como o uso de evidências comuns, estereótipo e a geração de emoção (AMOSSY, 2020).

Para Plantin (2011), a argumentação por emoção pode ser assim reconhecida quando um determinado argumento utilizado pertence ao campo dos valores particulares, seja na intenção do enunciador, seja na

organização/escolha dos argumentos que vão compor o discurso. Nesse sentido, sustentamos a hipótese de que, no campo da argumentação, a busca pelo acordo (ou não) pode ser um ponto de geração de emoção, principalmente ancorada no preferível, ou seja, no campo dos valores, das hierarquias e dos lugares do preferível, além da conjuntura social e da polêmica em torno de determinados temas. O interesse por este objeto de análise está também pautado pela necessidade de mais estudos sobre a argumentação nos discursos em mídias digitais, principalmente integrando uma análise dos parâmetros das condições de produção desses enunciados no meio virtual.

1 Pressupostos de uma Análise do Discurso Digital

A Análise do Discurso Digital (ADD) estuda os discursos tecidos em uma coconstrução entre o humano e a máquina, relação em que essa última é entendida como parte e não apenas como suporte nas situações interativas. Considerada precursora na área, com a publicação do dicionário “*L’analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*”, em 2017, Paveau traz novas definições para alguns conceitos, com base na Análise do Discurso (AD), engajada em uma contextualização dentro do aparato técnico do ambiente digital. Um desses conceitos, a noção de pré-discursos (PAVEAU, 2017), remete aos conhecimentos, às vivências, às crenças ativadas e reforçadas cognitivamente pelo locutor/enunciador nos momentos de produção e interpretação de um discurso que já nasceu digitalmente. Para a autora, esse aglomerado de saberes e experiências não é apenas individual, mas está assentado também socioculturalmente, intimamente ligado aos valores e interesses do locutor/enunciador. Os pré-discursos incluem as anotações constantes nos blocos de notas, rascunhos e outros suportes do tipo, os quais acabam por embasar ou servir como ponto de partida para discursos posteriores.

Seria nesse sentido, pensando em incorporações à linguística do texto, área à qual nos filiamos (ATD – Análise Textual/Discursiva), que essa ideia poderia ser relacionada aos princípios básicos do dialogismo bakhtiniano. Filiamo-nos, principalmente, aos parâmetros de análise dos discursos nativo-digitais, expostos por Paveau (2017) para a ADD, ou seja, aos parâmetros de análise de textos que nascem com/em relação às ferramentas digitais, ou ao conjunto de produções verbo-visuais

produzidas *online*. Na ADD, em termos interacionais e pensando no processo de criação dos tecnodiscursos, pode-se dizer que o produtor, ou seja, o internauta, interage com o espaço de produção, que por sua vez modula as condições e o formato dos enunciados ali elaborados. É nesse sentido que a autora explora a necessidade de novas ferramentas para a linha com o objetivo de, segundo ela, dar conta da revolução tecnológica e dos tecnodiscursos, tecnopalavras, tecnosignos e tecnogêneros do discurso.

Para os objetivos da presente pesquisa, optamos por um recorte entre alguns dos apontamentos realizados por Paveau, adicionando (mesmo que em contraste com a defesa de uma abordagem diferencial para os discursos nativo-digitais) algumas outras categorias já conhecidas na análise dos discursos pré-digitais, isto é, anteriores aos tecnodiscursos. Na perspectiva da autora, seria necessária uma forma de abordagem diferente da empregada pela AD para a análise dos discursos pré-digitais, uma vez que envolveria também o papel dos agentes não humanos na composição desses discursos. Reforçamos que esse percurso de adoção híbrida de teorias faz parte da tentativa de observação dos conceitos apresentados por Paveau, além de uma forma de compreensão própria dos termos propostos pela autora, iniciando com a contextualização de tecnodiscursivo. Os tecnodiscursos representam os discursos nascidos digitalmente, ou seja, discursos que basicamente apresentam em sua composição elementos tecnolinguageiros ou que em sua estrutura estão configurados a partir de plataformas, interfaces ou ferramentas de escrita. Além desse termo, a autora apresenta a noção de tecnologia discursiva, essa concebida como um tipo de dispositivo no qual as produções linguageira e discursiva estão intrinsecamente ligadas a ferramentas tecnológicas como os dispositivos, os *softwares*, os aplicativos e a plataformas digitais (PAVEAU, 2020).

Aos tecnodiscursos Paveau (2017) atribui seis propriedades: **I) composição** – a matéria dos discursos digitais é facilmente composta por textos verbais, imagens, sons, gestos de reações, colagens, e pode assumir os mais diversos formatos ao explorar, na tela, os sentidos visual e auditivo; **II) deslinearização** – na *internet*, um texto estabelece, com outros textos, uma espécie de entrelaçamento, a que chamamos hipertextualidade, isto é, a conversão de uma expressão em *link*, o que oferece a possibilidade de acesso a conteúdos relacionados; **III) ampliação** – nas redes sociais digitais, bem como nos *sites*

informativos e *blogs*, as funcionalidades proporcionadas pelos botões “comentar”, “responder”, “compartilhar”, “retweet”, “reblog”, entre outras variações, permite que o internauta amplie o conteúdo com o qual interage; **IV) relationalidade** – os tecnodiscursos estão relacionados entre si, ao mesmo tempo em que são produzidos a partir da relação entre o internauta e seu ponto de vista; **V) investigabilidade** – a partir de buscas textuais, imagéticas e sonoras, é possível acessar a memória da rede e, assim, encontrar o tecnodiscurso que se busca; **VI) imprevisibilidade** – uma discussão que começa no fio dos comentários de uma publicação não pode ter proporção ou rumo estimado, graças à dinâmica relacional que se estabelece no habitat digital.

Em síntese, essas seis categorias dos tecnodiscursos podem ser observadas nos diferentes gêneros de discurso que se apresentam digitalmente, sendo mais comuns aos textos de cunho informativo e às publicações nas redes sociais. Como exemplo ilustrativo, a Figura 1 traz em recorte uma página do Twitter e apresenta o *retweet* (uma replicação de conteúdo) da cartunista Laerte Coutinho sobre um *tweet* (nesta ocasião, o texto primeiro, ao qual o *retweet* se reporta) da *Folha de S. Paulo*, que contém uma charge de autoria de Laerte (2020). Quanto à **composição (I)** e à **deslinearização (II)**, a charge faz referência aos mil dias e aos quatro dias, completados em 8 de dezembro de 2020, dos respectivos assassinatos da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco – com inquérito ainda inconcluso – e das primas Emily Victória, 4 anos, e Rebeca Beatriz, 7 – baleadas enquanto brincavam no portão de casa, em Duque de Caxias/RJ, conforme o jornal *El País* (2020).¹ A mesma imagem ainda é representativa de um tipo de tecnodiscurso, a saber, a publicação em rede social digital, composta por elementos multimodais/multissemióticos. Entre os não verbais, temos as ilustrações que representam Marielle, Emily Victória e Rebeca Beatriz, além do avatar do jornal, um *emoji* de celular e os ícones gráficos do *retweet* (em que duas setas em ciclo simbolizam a replicação), a seta à esquerda representativa da função “voltar” e as *hashtags* (#). Esse tipo de

¹ BETIM, F. Assassinatos de crianças no Rio de Janeiro escancaram lentidão da Justiça nos casos de violência policial. *El País*, São Paulo, 9 dez.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-09/assassinatos-de-criancas-no-rio-de-janeiro-escancaram-lentidao-da-justica-nos-casos-de-violencia-policial.html>. Acesso em: 9 dez. 2020.

composição, facilmente encontrada em jornal *online*, conta com muitos elementos multimodais (I). As *hashtags* agrupam discursos digitais sobre um mesmo assunto por meio do ícone cerquilha (II). É possível perceber, ainda, as ferramentas que remetem à **ampliação** (III), como os botões “comentar”, “responder”, “compartilhar”, “retweet”. Observamos, por exemplo, que o texto foi ampliado: recebeu, até o momento da captura, 319 *retweets* e 43 comentários. Essas ações são capazes de impactar significativamente o alcance de uma publicação.

FIGURA 1 – *Retweet* de Laerte Coutinho



Fonte: Twitter, captura de tela. Acesso em: 16 fev. 2021.

Quanto à **relacionalidade** (IV), no contexto social em que se insere a imagem, é apresentado o espaço digital e todo o aparelho técnico que permite a concretização da interação (curtidas, *retweets*, *tweets* de comentários). O lugar de relationalidade traz as reações que a publicação recebeu – 2,2 mil curtidas – bem como as menções, no espaço dos comentários, à *Folha* e à Laerte, por meio de seus nomes de usuário na rede (iniciados por @). As *hashtags* compilam tudo o que foi publicado sob sua marcação, contribuindo para um texto que não segue um padrão

linear (**II**), mas antes está sempre entrelaçado com outros, numa espécie de malha digital. Os *links*, *hashtags* e menções permitem constatar a possibilidade de investigação (**investigabilidade [V]**) desses conteúdos, seja por meio de um clique ou de uma busca textual pelas palavras que são ali encontradas. Na *web*, é comum que as plataformas digitais ofereçam um espaço para busca textual, geralmente indicada pelo ícone lupa ou pelos termos “pesquisar” e “buscar” (**V**). Todos esses elementos descritos garantem o caráter imprevisível (**imprevisibilidade [VI]**) do discurso digital, com a possibilidade de comentar o texto primeiro, prolongando-o e, ao mesmo tempo, oferecendo ao leitor novas orientações de leitura e de sentido. É, esse quadro interativo, um quadro de desdobramentos infinitos e imprevisíveis.

1.2 O comentário e a interação em mídia digital

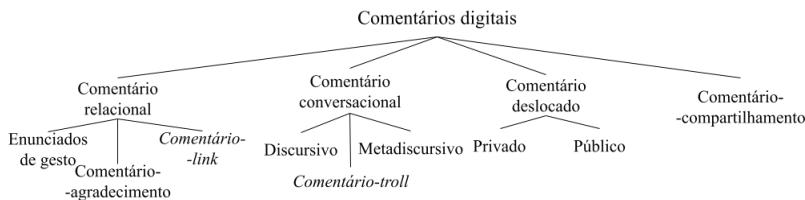
O comentário digital é um tipo representativo de gênero tecnodiscursivo. Segundo Paveau (2017), o gênero comentário pré-digital remonta ao século VI a. C. e se caracteriza, desde os primeiros registros, como um espaço para interpretações, sugestões, explicações e até mesmo um simples dizer sobre alguma coisa. Desde então, vem evoluindo e é um gênero onipresente na atualidade, nos mais diversos campos e formatos. Ao migrar para a *web*, transformando-se em comentário *online*, sofre modificações tanto em relação ao formato quanto ao conteúdo, fatores que impactam em sua complexidade. Na *web*, não é raro, por exemplo, encontrar o comentário digital associado à polêmica, além de situações em que assume um propósito destrutivo sobre a imagem de alguém.

Segundo Paveau (2017), o comentário digital é um tecnodiscorso definido por cinco aspectos/dimensões: **I) enunciação pseudônima** – a forma como os enunciados *online* são assinados, isto é, por um nome que identifica o usuário, configurando-se o pseudônimo como uma regra *online*; **II) relationalidade** – forma relacional que se estabelece na *web* de acordo com as condições que o ambiente digital oferece à produção do discurso – como o espaço materialmente delimitado para comentários, a possibilidade de mencionar o destinatário por meio da conversão de seu pseudônimo em *link* e a função de receber notificações quando um novo comentário é publicado; **III) conversacionalidade e recursividade** – perspectiva que aponta para a infinitude de uma conversa *online*, sempre passível de continuação e prolongamento, o que se deve

aos já citados botões como “comentar” e “responder”, por exemplo; **IV) aumento enunciativo e discursivo** – o comentário digital aparece como um aumento visível e, a depender da plataforma, mensurado, do texto ao qual se reporta, ao mesmo tempo que, discursivamente, amplia e direciona os sentidos do texto primeiro; **V) publicidade e visibilidade** – traços que, nas redes sociais digitais, dependem das configurações do usuário, mas que, no geral, tornam o comentário *online* incomparável ao comentário *offline* no que se refere ao alcance.

A Figura 2 ilustra as tipologias dos comentários digitais com base nas cinco dimensões propostas.

FIGURA 2 – Tipologia dos comentários digitais



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Paveau (2017).

Na figura, o **comentário relacional**, assim denominado por não se configurar isoladamente um texto, está subdividido em três formatos: a) enunciados de gesto, que contêm um discurso implícito e comumente expressam uma emoção (“*like*”, do Facebook, “curtir”, do Instagram e Twitter, entre outros); b) *comentário-link*, composto por um *link* cuja função é induzir visitas a um *site* (*link* para um vídeo, publicação em *blog*, notícia, etc.); e c) *comentário-agradecimento*, que não produz discurso acerca do conteúdo ao qual se reporta, caracterizando-se como um “ato performativo” com “função principalmente social” (comentários como “obrigado” em publicação que parabeniza uma pessoa por algo). O **comentário conversacional** materializa discursos por meio de enunciados que ampliam visivelmente o texto primeiro e está igualmente ramificado em três: a) discursivo, quando prolonga o texto primeiro, manifestando posição favorável ou desfavorável em relação ao conteúdo publicado anteriormente (exemplo: comentários em portais de notícias); b) metadiscursivo, quando comenta a forma do texto anterior (comentários que criticam práticas jornalísticas em um portal de notícias; comentários sobre a ortografia, etc.); e c) *comentário-troll*, que objetiva

promover confusões, não raro utilizando-se de violência, ou comentar sobre questões inoportunas (por exemplo, em uma notícia de grande repercussão, comentários que desviam o foco e provocam o riso sobre outro assunto qualquer). O **comentário deslocado** é definido como um enunciado que não é realizado nos espaços destinados especificamente à publicação de comentários, não sendo assim reconhecido como tal, e assume duas modalidades: a) privado, quando publicado em *chats* de redes sociais ou *blogs* ou enviados por *e-mail*, como notificações sobre um comentário recebido em uma publicação do Facebook; e b) público, que apresenta uma resposta transformada em publicação (um artigo de *blog* sobre um comentário recebido por *e-mail*). Por fim, o **comentário-compartilhamento** ou pseudocomentário não é passível de codificação como comentário pelos metadados das plataformas digitais e consiste em um compartilhamento, podendo ou não ser acompanhado por um enunciado (“*reblog*”, do Tumblr; “*retweet*”, do Twitter).

Dessas descrições, reforçamos que os conceitos discutidos são passíveis para elaboração de um intrincado esquema de análise que pode permitir a descrição dos discursos encontrados na *web*. Como dito, pretendemos relacioná-los também aos aspectos direcionados aos estudos argumentativos, como apresentaremos nas próximas seções.

2 Pressupostos da Teoria da Argumentação no Discurso

No quadro do funcionamento discursivo das interações sociais, Amossy (2018) elabora uma abordagem argumentativa do discurso com atenção ao percurso histórico das teorias da argumentação. De acordo com a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), a argumentação se faz presente quando pontos de vista divergentes sobre um mesmo assunto são expressos em enunciados de opinião (AMOSSY, 2018, p. 42). Essa abordagem se dá num recorte que considera a noção bakhtiniana de dialogismo da linguagem e se constrói com base em fundamentos retóricos, pragmáticos e lógicos da argumentação. Aqui, optamos por trabalhar com os preceitos da Retórica e da Nova Retórica, no que diz respeito às contribuições fornecidas à TAD.

Baseada nas premissas de uma retórica definida pela intenção de persuadir o auditório e de uma nova retórica pelo estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas com vistas ao acordo (como também veremos

mais à frente), Amossy (2018) apresenta que essas correntes, além de mudarem o panorama de estudos da argumentação, atentaram ao seu caráter social. Conforme a autora, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) priorizam, por exemplo, na busca pelo acordo, a adaptação do discurso ao auditório. O orador, conhecendo e considerando em seu discurso as opiniões e valores dominantes entre o público ao qual se dirige, deve:

[...] levar seu auditório a aderir a uma tese mais ou menos controversa, ele [o orador] deve partir de pontos de acordo: trata-se das premissas da argumentação, que permitem estabelecer uma comunhão dos espíritos construída sobre valores e hierarquias comuns. (AMOSSY, 2018, p. 21)

Todo discurso se inscreve, assim, num contexto, indispensável à análise argumentativa. Amossy (2018, p. 41) propõe, então, uma análise argumentativa do discurso apoiada em seis pilares, a saber, uma abordagem: **1) linguageira**, que rejeita o reducionismo de uma argumentação lógico-matemática, consciente de que ela é decorrente de uma articulação lexical e sintática, espelho do repertório e das escolhas do orador; **2) comunicacional**, pois a argumentação nasce da interação, de uma relação que pressupõe contato e que assume um propósito; **3) dialógica**, porque toma como base enunciados anteriores, nos quais se apoia a fim de emitir um parecer, seja de concordância ou de novo ponto de vista, caracterizando-se como uma reação; **4) genérica**, uma vez que o discurso é dependente de um gênero discursivo para se concretizar; **5) figural**, considerando que as marcas de estilo também exercem um papel significativo no processo de construção discursiva; **6) textual**, entendendo o texto como um conjunto organizado, resultado da concretude das escolhas, dos reflexos da interação, dos discursos que retoma, do gênero em que se inscreve e das imagens que pretende criar no imaginário do auditório.

Essas noções acabam por se configurar em quadro analítico da TAD que, aliado a outros conceitos, como de valor, valoração, estereótipo, pode contribuir à análise em questão neste estudo.

2.1 Modalidades argumentativas e a noção de estereótipos

Da gênese discursiva e retórica à qual se filia a TAD, Amossy (2017) apresenta os campos definidores do como e do onde se operam, por exemplo, os discursos demonstrativos, polêmicos, patêmicos, entre

outros, tendo em vista certas distinções sobre a forma como se delibera no decorrer das interações. Isso leva a autora a propor uma concepção modular da argumentação em um *continuum* que vai, ao nosso ver, do acordo ao dissenso e que seria fortemente condicionado pelos gêneros e pelos tipos de discurso. Pensamos, para exemplificação desse *continuum*, uma espécie de representação das deliberações como em um termômetro em que o locutor ou o analista poderiam situar o discurso conforme o tipo de interação (CAVALCANTE *et al.*, 2020). A polêmica estaria representada como parte do dissenso, enquanto as outras modalidades argumentativas – coconstrução, pedagógica, patêmica e demonstrativa – seriam mobilizadas no campo do acordo (FIGURA 3):

FIGURA 3 – Modalidades argumentativas



Fonte: Catelão *et al.* (2020, p. 3. No prelo).

Enfatizando apenas a modalidade polêmica (foco deste estudo), vemos essa modalidade como “um conjunto de intervenções antagônicas sobre uma dada questão em um dado momento” (AMOSSY, 2017, p. 72). Nesse mesmo âmbito, figuraria dentro da modalidade polêmica a distinção: interação polêmica e discurso polêmico, formas que a polêmica pode assumir. Baseando-se em Kerbrat-Orecchioni (1980, *apud* AMOSSY, 2017), a autora define discurso polêmico como um tipo de produção em que há apenas o locutor presente, o que não o impede de inserir o discurso do outro. Trata-se, pois, de um discurso monogerido, dialógico, mas não dialogal. A interação polêmica, por sua vez, está acrescida de uma figuração poligerida, ou seja, a presença de um face a face ou até mesmo em uma interação assíncrona (como é o caso dos comentários *online*).

Para Amossy (2018), não se pode deixar de considerar na argumentação sua dependência do quadro discursivo dos gêneros em que “o bom desenvolvimento da troca verbal é tributário do domínio do qual ela depende do gênero na qual se insere” (AMOSSY, 2018, p. 243). A autora sinaliza o papel que essas entidades apresentam na construção dos discursos, no que tange certas regras emanadas dos gêneros. Entre essas regras estão: o reconhecimento e a valorização pelas instituições; a socialização da fala individual; e, principalmente (para esta pesquisa), o ponto que resvala na esfera enunciativa, de que, sem a mediação dos gêneros, uma interlocução seria impossibilitada, chegando os próprios gêneros a determinar papéis enunciativos. Como exemplo, citando Maingueneau em seus conceitos de cena genérica e cenografia, a autora ilustra a cena usando como exemplo o gênero panfleto de campanha eleitoral. O aspecto mais saliente para a cena está relacionado às figuras de interlocução candidato/eleitor, impostas pelo gênero. A cenografia, por outro lado, se inscreveria em espécies de roteiros livres e preestabelecidos pelo locutor segundo seu alocutário, onde também se inserem as noções de estereótipo e *ethos*. Não utilizaremos necessariamente essa conceituação anterior de Maingueneau (1999), contudo, salientamos a importância de situar em qual espaço seria mobilizada uma análise dos estereótipos. Em nossa filiação, marcaremos esses elementos no campo das representações discursivas (figuras de locução e enunciação).

Nesse ponto, situamos um campo de análise mais ligado aos pressupostos da linguística de texto, de ligação da noção de estereótipo com as relações ancoradas no sistema de crenças e valores e como parte das representações discursivas dos sujeitos. Para Amossy (2020) e Amossy e Herschberg-Pierrot (2001), a questão do estereótipo passa por um estudo histórico das locuções e expressões cristalizadas que muito se assemelham e se relacionam com o que viemos repetindo em nossos estudos (CATELÃO, 2019) como lugares-comuns ou doxa, contudo, cada qual em seu plano teórico. Nossa propósito de descrição do tema será semelhante ao realizado por Amossy (2020), que tratou a noção de estereotipia por meio de três grupos principais: o grupo de estudos ligados à semântica, como a semântica do estereótipo e dos protótipos e da enunciação; o grupo que retoma o assunto pela análise do discurso; e, por fim, o grupo da retórica argumentativa (ao qual nos filiamos).

No primeiro, conforme a autora, o destaque maior gira em torno das expressões ditas cristalizadas (das locuções e dos clichês, *slogans*,

bordões), descritas de diferentes formas e em diferentes disciplinas ao longo da história. Talvez, para nós, o destaque maior seria o observado na chamada semântica do protótipo e do estereótipo. A noção de protótipo está ligada à obra de Eleanor Rosch junto aos processos de categorização. A categorização, muito empregada nos estudos sobre protótipos, centra-se na obtenção das características mais elementares e que indicariam o melhor exemplar da espécie, ou seja, atração às características mais comuns do exemplar analisado – uma baleia ser mamífero por ter mama e pelos, por exemplo, apesar de se assemelhar aos peixes (ROSCH, 1978). O estereótipo, por sua vez, marca o conjunto de ideias que, por convenção, estariam associadas a uma determinada palavra e em uma determinada cultura. O estereótipo da sogra seria um bom exemplo, que, marcando-se pejorativamente, seria uma espécie de *persona non grata* na cultura ocidental representada de forma figurada em programas de TV. Conforme salienta Amossy (2020), apesar de semelhantes, essas duas noções na semântica se distanciam quanto ao seu objetivo: o protótipo categoriza e o estereótipo organiza socialmente a comunicação com base na cultura, ambos diferentes do clichê, uma noção estilística, caracterizada pela autora como de efeito de estilo banal (“quem senta na ponta, paga a conta”), mas que comporta diferentes formas. Nessa mesma linha, não poderíamos deixar de citar a semântica da enunciação de Ducrot. Entretanto, por razões de filiação e para não realizar uma simplificação demasiada, nos deteremos neste estudo à citação de sua importância, principalmente quanto à noção de topos aos estudos linguísticos.

O segundo grupo caracteriza a noção de estereótipo no campo da análise do discurso. Segundo a autora, uma síntese dessa noção poderia ser direcionada à ideia de representação coletiva cristalizada ou à de pré-construído, introduzida por Michel Pêcheux (1975), uma concepção relacionada à ideologia ou análise ideológica dos discursos. Linguisticamente seria correspondente “a formas de incorporação da sintaxe, como as nominalizações (o chamado da pátria), ou a construção com epítetos (um luxuoso Mercedes Benz)” (AMOSSY, 2020, p. 118). Essa e outras noções foram sendo expandidas, contudo, pela visão da autora, em um quadro pouco rico, mas favorável ao seu estudo.

Por fim, por uma preferência analítica, destacamos um terceiro grupo, encabeçado pela retórica, que, como apresentado anteriormente, em Aristóteles encontra seu primeiro respaldo na busca pela adesão ou no uso da linguagem com finalidade persuasiva e, na obra de Perelman e

Olbrechts-Tyteca (1996), a busca pelo acordo segundo o uso de técnicas. Grosso modo, nas correntes retóricas a aproximação que pode ser feita está ligada à ideia de lugar-comum como técnica ou meio de persuadir, vendo “no acordo sobre os valores uma prova de sua validade, mas também porque, no campo da argumentação, o critério de avaliação é a eficácia da palavra” (AMOSSY, 2020, p. 112). Segundo a autora, os estudos argumentativos mais recentes encaram a estereotipia e a doxa (opinião comum) como algo positivo, cujo foco seria um raciocínio que se baseia no aceito e no verossímil, independentemente de comprovação científica.

Em termos de observação da relação estereótipo/doxa, a focalização dada pela autora contribui à distinção argumentativa entre lugares-comuns (comuns a todos os gêneros retóricos da argumentação – deliberativo, judicial e epidíctico) e lugares específicos (relacionados a um gênero em particular – o belo relacionado ao epidíctico, por exemplo). Analiticamente, destacamos entre as apresentações da autora, que uma análise retórica pela estereotipia visa “encontrar os elementos dóxicos constitutivos da argumentação em sua manifestação social e ideológica (ideias comuns, evidências compartilhadas, estereótipos)”, assim como em sua inscrição na língua, pela visão pragmática (AMOSSY, 2020, p. 116). Citando Angenot (1982, *apud* AMOSSY, 2020), a autora aponta uma possibilidade analítica pela distinção do lugar-comum, ideia comum e o estereótipo.

Desses pressupostos, chegamos às seguintes observações gerais para as análises neste estudo: existe uma possível aplicação analítica quanto à relação entre modalidades argumentativas e o tipo de discurso (monogerido ou poligerido) no plano genérico, uma vez que a modalidade polêmica se revela emblemática no que se refere ao uso de argumentos e aos papéis enunciativos (proponente, oponente, terceiro – descritos mais à frente); em gêneros como o comentário *online*, parece haver um tipo de ancoragem/dominância junto ao uso de estereótipos e dos lugares em contraste, por exemplo, com o uso de fatos e verdades. Interessa-nos particularmente visualizar que tipo de classificação axiológica poderia ser redesenhada quanto ao lugar-comum, às evidências compartilhadas e ao estereótipo. No Quadro 1, definimos uma possibilidade analítica (expandida de estudos anteriores – (CATELÃO, 2019; CATELÃO; IZIDORO, 2020) com base em Amossy (2020).

QUADRO 1 – Ampliação de categorias argumentativas do limite do preferível

Estereótipos	Máximas ideológicas ou esquemas sociais e culturais em imagens mentais que são convencionadas e acabam como traços semânticos cristalizados. Podem ser positivos, com marcas de identificação social, ou negativos, delineando comportamentos errados.	
Evidências comuns	Proposições cuja chave é algo plausível ou algo baseado na opinião comum.	
Lugar	Lugar-comum	Locução facilmente direcionada aos diferentes gêneros retóricos e temas sob as categorias possível/impossível, existente/inexistente, maior/menor (valores gerais).
	Lugar específico (doxa)	Locução relativa a um gênero específico (grupo). Recupera um apanhado de crenças e valores determinados, também caracterizado por premissas generalizantes em que se pode apoiar o raciocínio.

Fonte: Os autores.

O tipo de descrição presente no Quadro 1 exibe uma tentativa de organização de certas categorias apresentadas por Amossy (2020), com reconfiguração nossa com base em categorização axiológica. A complexidade dos termos (em relação à filiação teórica) não permite, ao nosso ver, trazer características mais finas. Nossa intenção é justamente seguir parte do que descreve a autora com base em Angenot (1982, *apud* AMOSSY, 2020) e Eggs (1994, *apud* AMOSSY, 2020), selecionando os estereótipos, as evidências e o lugar segundo um quadro de categorização axiológica que marque esses elementos, por exemplo como um valor ideal, irreal, apreciável, hierárquico, polarizado. Nesse quadro de descrição, reforçamos tratar-se de modalidades que, diferentemente do acordo com o real (fatos, verdades e presunções), estão ligadas ao campo do preferível (valores, lugares e hierarquias), ou seja, argumentos ou proposições que não dependem de comprovação, mas são fruto de opiniões ou de valorações baseadas em evidências comuns ou que não podem ser atestadas (por isso a tentativa de classificação). Acreditamos que esse quadro seria particularmente utilizado em gêneros da modalidade polêmica, o que representaria também dizer tratar-se de uma argumentação ligada à contradição e ao debate, com utilização de tipos de argumentos aos quais o auditório não é obrigado a aderir (diferentemente dos fatos).

3 Análise de comentários *online*: tecnodiscocurso e polêmica

Como apresentado na introdução, este estudo caracteriza-se por uma análise, predominantemente descritiva e de seleção de conceitos teóricos (análise textual/discursiva vinculada à linguística textual) para testagem em comentários *online* a respeito da polêmica gerada a partir da publicação de uma notícia do jornal Estadão em seu perfil do Instagram, intitulada “Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’” no ano de 2020. Para fins analíticos, optamos pela seleção e destaque de uma parte da interação polêmica completa, tomando o cuidado de preservar a primeira parte do debate a partir da notícia disparadora da polêmica. Salientamos a observação de que os sujeitos que apresentam suas opiniões em ambientes virtuais possivelmente estão conscientes quanto à publicidade de suas publicações. Contudo, optamos por preservar ao máximo suas identidades, mantendo apenas codinomes ou conteúdos que não indiquem necessariamente o locutor, mas que ao mesmo tempo preservem o teor de seus discursos, principalmente no que se refere ao estereótipo².

Como ponto de partida, primeiro definimos, para a observação dos comentários, a marcação do ponto de vista (PdV) também entendida por sequência argumentativa dominante (CATELÃO, 2013) – expresso frente à proposição de anúncio de gravidez por um casal composto por duas pessoas do mesmo sexo (“Atacante Cristiane anuncia gravidez da mulher: ‘Mundo completo’”), ou seja, tomamos também o gênero notícia como disparador dos comentários (amplificador) e, em segundo lugar, o comentário da atacante Cristiane como gênero disparador primeiro. Nesse contexto, delimitamos certa esquematização discursiva quanto à responsabilidade enunciativa de cada um dos locutores/enunciadores (a atacante e o jornal), uma vez que a ação visada também é diferenciada nos dois gêneros.

Por questões de espaço, a descrição e utilização dos exemplos ocorrerão de forma aleatória, uma vez que a interação nos comentários é também marcada pela deslinearidade e imprevisibilidade. Os textos selecionados serão demarcados segundo sua citação na descrição, com a letra C, de comentário, seguida do número que marca o momento de citação neste estudo (C1, C2, C3 e assim por diante), de forma não repetida. Para a notícia do Estadão no Instagram, utilizaremos N1.

² Os comentários constantes deste trabalho têm acesso aberto na internet e não necessitaram de autorização prévia de seus autores para utilização com fins de estudo.

3.1 Quanto às propriedades tecnodiscursivas e à interação em mídias digitais

Tomando como ponto de partida a noção de tecnodiscursos, discursos nascidos digitalmente que apresentam em seus formatos tanto elementos tecnolinguageiros quanto configurações baseadas em suas próprias plataformas e interfaces, destacamos apenas as características interacionais do nosso corpus, as quais resvalam no alcance da interação quanto à composição em termos de curtidas, comentários e compartilhamentos (respectivamente, ou). Todas essas ferramentas acabam por perpassar pela terceira característica própria dos tecnodiscursos, a ampliação, a forma de divulgação e aproximação ao interlocutor. Como mencionado anteriormente, no caso em particular, temos também uma espécie de ampliação enunciativa quanto aos locutores/enunciadores (o jornal, a atacante). Mesmo que a ação visada seja diferente, a divulgação da notícia pelo jornal, em inter e hipertextualidades, amplia o alcance do comentário primeiro, de forma que o *ethos* prévio do jornalista funciona discursivamente como parte da representação discursiva gerada. Mesmo que este não seja nosso objetivo, o resultado das interações pode ou não argumentativamente estar ligado a esse gênero. De forma discursiva, o comentário no Instagram passa por um canal bem amplo e difícil de mensurar em termos de carga argumentativa, o que nos leva à imprevisibilidade de conteúdo e dos rumos das opiniões e, ainda mais, à relacionalidade, ou seja, questionar em que medida um comentário se relaciona a outro (ou à notícia) ou se distancia em relação à sequência argumentativa dominante (tese principal).

Quanto à tipologia, a própria replicação de conteúdo – transformação da publicação da atacante em notícia – é um exemplo representativo de comentário-compartilhamento e, nessa situação, acompanhado de um enunciado/legenda. Além disso, encontramos no encadeamento de comentários uma sequência prototípica de comentários conversacionais que, por característica, se ligam à notícia/texto primeiro. Em contrapartida, um aspecto que chama atenção é o de que um comentário primeiro (o da atacante, gerador) leva à notícia (N1, com outros usuários em sua página) que, por sua vez, como aspecto também relacional, leva a novas ampliações nesse meio e a interlocutores que não necessariamente estão vinculados ao primeiro grupo. Em outras palavras, aí se expressa a deslinearização em um entrelaçamento por vezes

intertextual e por vezes hipertextual, como anteriormente mencionado. Na busca pelos referentes de sentido ou para a atribuição de sentidos, a propriedade tecnodiscursiva da investigabilidade permite que os usuários se atualizem (caso desejem) quanto ao conteúdo e aos enunciadores.

N1 – Notícia geradora

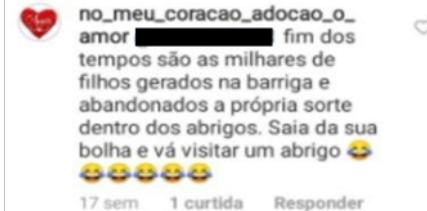


Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Seria redundante, de certa forma, reafirmar as dimensões dos comentários, contudo, pensando no entrelaçamento com a modalidade argumentativa, alguns desses aspectos contribuem à força dos argumentos utilizados. O tipo de enunciação pseudônima, o aumento enunciativo e a publicidade/visibilidade podem ser indicativos de marcas de estereotipia, ou seja, o pseudônimo pode revelar-se um estereótipo ou até mesmo um lugar-comum como em C2.

C2 – Enunciação pseudônima

C2



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Esse exemplo assume uma marca enunciativa que reforça, na argumentação, o lugar do sujeito enunciador, uma espécie de marca do estereótipo, como em C2: *no_meu_coracao_adocao_o_amor*. Esse pseudônimo pode ter, além da possível representação de uma empresa, entidade ou grupo social, certa carga semântica/enunciativa que emoldura o tipo de orientação argumentativa do locutor/enunciador, a ser discutido no próximo tópico.

3.2 Quanto à interação polêmica e ao uso de estereótipo, lugar-comum e ideias comuns

Para este tópico, contextualizamos inicialmente que nossa abordagem opta por visualizar planos analíticos para a linguística de texto com noções incorporadas de outras áreas, como a retórica ou propriamente a TAD. Nisso, para a presente seção de análise, coadunamos para um plano de análise genérico de visada persuasiva, próximo ao realizado pela TAD com a retórica. O uso dos argumentos estaria, assim, ligado também à adesão ao ponto de vista ou, no caso do discurso polêmico em comentários *online*, ao debate, à apresentação das opiniões e geraria as frentes enunciativas (proponente, oponente, terceiro), em que a noção de auditório se amplia no sentido de revelar-se em relação aos pontos de vista antagônicos de uma dada tese polêmica (contra/a favor). Quanto à polêmica, historicamente encontramos diferentes temas ditos polêmicos – como o caso em questão da homoafetividade – e, nas palavras de Amossy (2017), tipos de intervenções antagônicas sobre um dado tema. Por conta do dialogismo, podemos identificar vários outros embates que se repetem não importa a época. As frentes de adesão e dissenso vão se formando,

diluindo, enfraquecendo e novamente tornando-se fortes, mas os temas tendem a pouco se alterar.

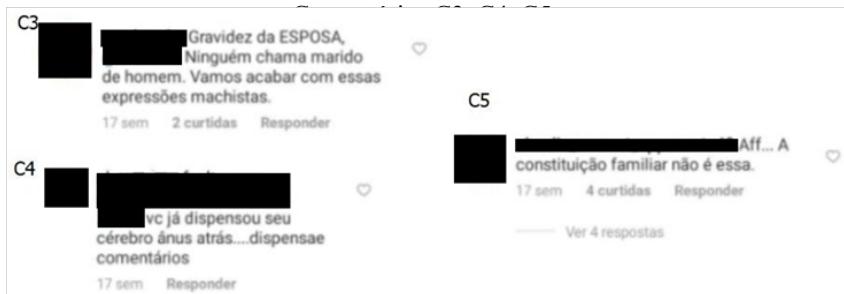
Nos comentários, isso não é diferente, sendo este um gênero que nas mídias digitais vem se definindo como marcadamente polêmico (PAVEAU, 2017). Desde o comentário pré-digital (uma redação escolar, por exemplo) ao comentário *online*, seria praticamente impossível dizer que um comentário é simplesmente admitido, uma vez que sua base argumentativa (ação visada) está embasada, na maior parte dos casos, em correção ou crítica. Nos parentes pré-digitais, a mudança maior talvez esteja nos tipos de argumento empregados (fatos, verdades, valores) ou sentida na ampliação e na imprevisibilidade que um comentário *online* pode assumir. Na prática, sua composição em termos de hospedagem é infinitamente maior, a hipertextualidade e os sistemas de compartilhamento são maiores, apesar da sequencialidade da argumentação seguir praticamente a mesma (tese anterior, dados, restrição, nova tese – ADAM, 2019), mesmo que o aspecto da recursividade (reprodução e atualização) seja indefinido. Plataformas como o Instagram permitem tudo isso e acabam por se tornar um repositório de dados e de argumentos sobre determinados temas, como no caso em análise.

Em nosso recorte, situaremos a polêmica gerada apenas em torno da homoafetividade, destacando outras categorias relacionais que são suscitadas em torno do tema, como o machismo, e a presença ou não de fatos ou verdades. Nisso, delineamos para as descrições, segundo Plantin (2011), os actantes: proponente, oponente e terceiro (quem questiona a proposição, indeciso). Além disso, pretendemos também descrever: o uso do estereótipo, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese; lugar-comum, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese; evidências comuns, seu tipo ou se em negação ou em reforço à tese. Para o discurso polêmico, situaremos como ponto de vista (PdV) da sequência argumentativa dominante (conceito utilizado por Catelão (2013), para se referir à sequência base da proposição argumentativa), a proposição “homossexualidade, portanto, construção familiar normalizada”, tese principal possível encontrada em N1, texto segundo disparador.

3.2.1 O estereótipo

Os estereótipos encontrados para o primeiro plano de análise, até a data da coleta, compreendem usos de máximas ideológicas tanto

em relação de oposição ao PdV principal quanto de acordo. A carga de categorização axiológica ocorreu particularmente por marcas ideológicas vinculadas ao machismo (C3); ridicularização com o estereótipo da falta inteligência (C4); contra a tese, apenas um exemplo em que a orientação argumentativa foi a de formação familiar tradicional com base em negação do PdV (C5). Aqui os estereótipos se relacionam à imagem de pessoa e ao assunto, selecionando parte de julgamentos sociais sobre o admissível e o esperado, ou seja, o que previamente foi valorado em identidade social (C5) ou erro de conduta (C3 e C4).



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

3.2.2 Lugar-comum

O caso dos comentários quanto ao tipo de ação visada pareceu, neste caso, ligar-se, como descreve Amossy (2020), ao gênero epidíctico (louvor/censura). Nesse caso, adotando a perspectiva da autora, teríamos a marcação de lugar específico, com recuperação direta das crenças e valores dos locutores/enunciadores. Em C8, C10 e C11, lugares de carga axiológica religiosa, uma contra o PdV como em “Eh fim dos tempos” (C8), “Deus deve se perguntar: onde foi que eu errei?” (C11) e outra (C10) de acordo com a tese “[...] Todo tipo de família que é envolvida por laços de carinho e amor é uma criação divina”. C12 compreende uma proposição que compartilha três lugares específicos em contradição: “[...] a maioria do povo do mundo está pelo avesso coisa do capeta mesmo só Jesus na causa!!!” (sic), marcando dissenso. C7 e C13 marcam contradição pelas proposições “O mundo está louco mesmo” e “o mundo está ao contrário e ninguém reparou”, respectivamente, próximas a C8

(fim dos tempos, fim do mundo, mas que estão em alusão bíblica). Por fim, encontramos em C6 uma proposição que não estaria em relação ao PdV principal, mas em uma interação de autodefesa frente aos comentários contra a tese principal, um comentário discursivo e metadiscursivo, uma vez que comenta o conteúdo do comentário anterior, referindo-se ao comentarista e à forma como ele se comporta *online*: “Quando falta intelecto, sobra agressão”.

Comentários C6, C7, C8, C9, C10, C11, C12, C13.

C6 [REDACTED] Quando falta intelecto, sobra agressão. 17 sem Responder

C8 [REDACTED] Eh fim dos tempos 17 sem 5 curtidas Responder Ver 3 respostas

C7 [REDACTED] O mundo tá louco mesmo. 17 sem 1 curtida Responder

C9 [REDACTED] Mulher com mulher dá jacaré. 17 sem Responder

C10 [REDACTED] parabéns! Todo tipo de família que é envolvida por laços de carinho e amor é uma criação divina. 17 sem 3 curtidas Responder

C12 [REDACTED] Kkkk mulher fazendo filho homem virando mulher a maioria do povo do mundo Está pelo avesso coisa do capeta mesmo só Jesus na causa!!! 17 sem 19 curtidas Responder

C11 [REDACTED] Deus deve se perguntar: onde foi que eu errei? 17 sem 12 curtidas Responder Ver 13 respostas

C13 [REDACTED] O mundo está ao contrário e ninguém reparou... assim já dizia a canção 17 sem 12 curtidas Responder Ver 7 respostas

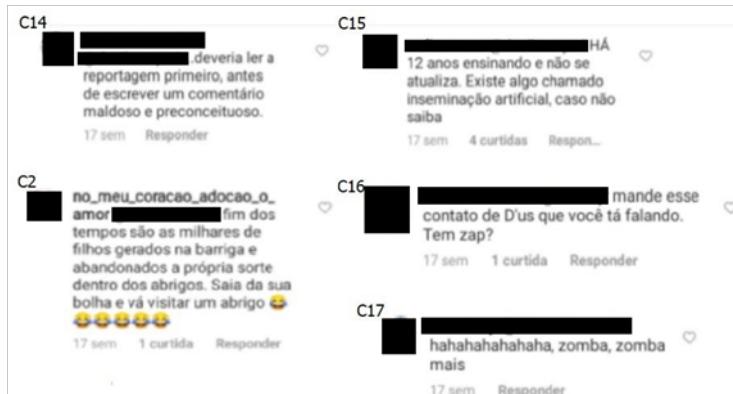
Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Em relação a uma categorização axiológica, é possível perceber uma forte influência de fatores ideológicos/religiosos no tipo de dado utilizado. Os dados se baseiam então no preferível, marcando pontos de fala desses enunciadores (contra ou a favor), chamando atenção para a evocação de emoção na proposição de C10 (qualquer família envolvida por laços de carinho e amor são parte de uma criação divina), uma tentativa de explorar o que Plantin (2011) chama de subordinação de premissa, quando um valor mais alto (a fraternidade, por exemplo) busca a superação do conflito de valores mesmo que se fale de lugares opostos.

3.2.3 Evidências comuns

O quadro das evidências comuns foi o tipo mais encontrado entre os comentários selecionados, compreendendo um grupo de cinco comentários em acordo ao PdV principal e onze comentários que marcaram dissenso quanto ao PdV de N1 e ao comentário disparador/ origem C1. Entre os que se mostram de acordo com a tese, as principais evidências comuns foram marcadas pelos dados: C14 coloca a imprensa como algo confiável; C2 defende que o abandono das crianças em abrigos seria (isso sim) algo representativo do fim dos tempos; C15 cita a inseminação artificial como possibilidade de novos padrões de nascimento; C16 admite a inexistência de Deus (D'us); C17 ridiculariza o ponto de vista de C16, o que representaria mais um caso de comentário conversacional metadiscursivo.

Comentários C14, C2, C15,C16, C17.



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

Entre as evidências comuns que procuraram marcar dissenso, encontramos no corpus marcas de argumentos ligados também a valores ideais de família composta da relação homem/mulher (C18, C19, C20, C210). Nesse sentido, a maior parte dos comentários se direcionou sobre o dado de impossibilidade de gravidez entre um casal composto por mulheres, direcionando de uma forma geral ao estereótipo da família, contudo gerido por um tipo de verdade (a concepção tradicional) em desmerezimento às outras técnicas de inseminação, como em C21: “Só passei para lembrar que duas mulheres não se reproduzem”, no mesmo sentido apresentam C22, C23.

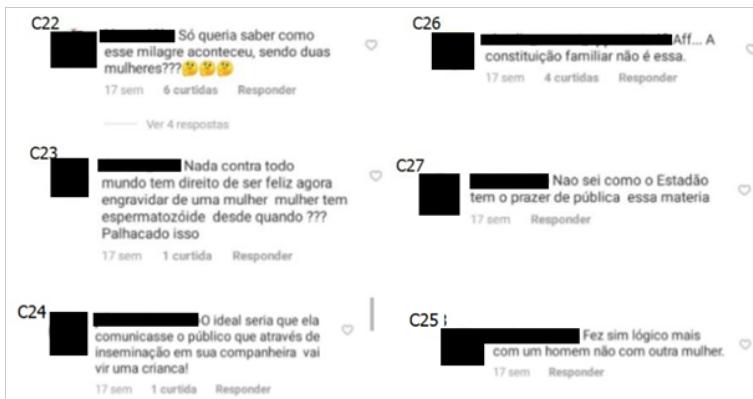
Percebe-se, nesse caso, que a relutância quanto ao acordo não está fundada somente em um dado do real, mas também (em nível mais alto) em valores e hierarquia de valor, a superioridade do relacionamento heterossexual em relação ao relacionamento homossexual, por exemplo, trazendo certa busca pela tomada de lugar no discurso. Como apresenta Plantin (2011), há na argumentação um silogismo em que a manutenção da identidade de um grupo (e sua valoração por essa identidade) é um valor positivo, e abrir essa identidade aos outros grupos coloca em perigo essa identidade. É nesse sentido que o autor afirma que não se pode excluir um valor, mas pode-se hierarquizá-lo, como fazem os locutores/enunciadores nesses comentários.

Comentários de C18, C19, C20, C21.

Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

É também nesse sentido que o dado expresso por C2 (abandono das crianças em abrigos ser algo também desmerecido) ou até mesmo a invocação divina em outros comentários poderiam provocar o que Plantin (2011) chama de subordinação de premissa de grupo. A subordinação do oponente só seria aceita nos casos em que se usaria um valor mais alto, como apresentado anteriormente para C2. Contudo, na interação polêmica, e mais particularmente nos comentários *online* analisados, parece haver uma simples recusa do valor maior, talvez pela ausência de mais comentários que expressassem esse dado. Pelo contrário, o grupo maior de comentários aparece atrelado a um valor ideal de família (C26) “aff... a constituição familiar não é essa”, o julgamento/desmerecimento da própria publicação da notícia C27 “Não sei como o Estadão tem o prazer de pública [publicar] essa matéria).

Comentários de C22, C23, C24, C25, C26, C27.



Fonte: Instagram, captura de tela. Acesso em: 26 set. 2020.

De um modo geral, os dados expressos pelos comentaristas acabam por reforçar o tipo de modalidade argumentativa do gênero comentário *online* e sobre a temática se revelam com marcas expressivas do discurso/argumentação polêmica. A dúvida sobre a constituição familiar, a retomada de uma tese de possível construção familiar normalizada em um casal composto por pessoas do mesmo sexo, acaba sendo mote da maioria dos comentários. Nesse sentido, em termos argumentativos, é possível ainda perceber a premissa apresentada por Plantin (2011) de que é melhor ser criticado do que ignorado, ao mesmo tempo que se valida um determinado discurso, provocando nele uma contradição. Assim, principalmente quanto às evidências comuns, provocar a polêmica, mesmo que se desconsidere determinadas evidências ou fatos (inseminação artificial, por exemplo) é também uma forma e estratégia de legitimar o discurso, seja pelos estereótipos, lugares-comuns ou evidências comuns. Não se pode esquecer também a profunda hierarquia de valores estendida como estratégia de mostrar força para impressionar o adversário.

Considerações finais

Como considerações finais do presente estudo, destacamos como dado positivo a utilização da interface entre planos teóricos para o estudo de textos nascidos em ambientes digitais (objetivo deste estudo). Pensando

no que é discutido e aceito como um plano de análise textual/discursivo, a seleção de conceitos da TAD, ATD e ADD pareceu, nesse primeiro momento, uma possibilidade acertada, mesmo que os estudos nessa área ainda estejam muito ligados ao que Paveau (2017) apresenta como hibridez entre abordagens pré-digitais e a urgência de evolução teórica necessária à análise dos tecnodiscursos. Em um plano analítico para a linguística de texto, as considerações da autora sobre o assunto se mostraram valiosas quanto a um tipo de descrição nos limites selecionados: por um lado, o textual, com a sequencialidade argumentativa dominante em contraste com a escolha dos dados da proposição argumentativa; por outro, o discursivo, com parâmetros da situação sociodiscursiva/interação, ação de linguagem visada e descrição do gênero.

Quanto à modalidade polêmica, a interação polêmica parece se nutrir basicamente de estereótipos, lugares-comuns e ideias comuns. Quando se pensa no estereótipo, ele aparece muito ligado a uma forma pejorativa, ou seja, culturalmente, nos parece que a argumentação polêmica é marcada por valores sociais que costumam guiar o emprego de certas construções para negar a tese de normalidade a uma relação com filhos no casamento homossexual. Esse dado acaba por sugerir para o comentário *online* maior presença de valores e negação a teses que, de certo modo, possam gerar a perda de uma identidade de grupo. A polêmica mostra nutrir-se dessa forma de dissenso, apenas sendo suplantada por uma contra-argumentação que se apresente mais relevante ao interesse coletivo do que em relação ao interesse particular de um grupo.

Agradecimentos

Nossos profundos agradecimentos à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pelo financiamento deste trabalho, por meio do Edital 02/2020 – PROPPG do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC).

Declaração de contribuição

Os autores declararam, para os devidos fins, que o texto foi concebido por ambas as partes sendo: organização e escrita teórica: autor primeiro e autora segunda; análise: quadros, coleta de dados e organização dos resultados por ambos os autores; revisão geral do texto: ambos os autores. Por ser verdade, firmamos a presente declaração.

Referências

- ADAM, J. M. *Textos: tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* Coordenação de tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Linguística, retórica e análise do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Tradução de Rosane Lorena de Brito, Mariza Angélica Paiva de Brito e Maria das Graças Santos Faria. Campinas: Pontes, 2020. p. 97-131.
- AMOSSY, R.; HERSCHEBERG-PIERROT, A. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Payot, 1982.
- CATELÃO, E. M. *Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica*. 2013. 238f. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- CATELÃO, E. M. Quando se perde o sentido da vida: valores em textos de suicidas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 19, p. 47-67, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-19-2328>
- CATELÃO, E. M.; IZIDORO, F. Argumentação em cartas de amor: uma análise textual sobre o valor e a valoração da morte. *Revista Investigações*, Recife, v. 33, número especial: Texto: gêneros, interação e argumentação, p. 70-94, 2020.
- CATELÃO, E. M. *et al.* A argumentação em linguística textual – o exemplo da polêmica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, XXXV., 2020, Virtual. *Anais* [...]. Londrina: ANPOLL, 2020. No prelo.

- CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística de texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 2020.
- EGGS, E. *Grammaire du discours argumentative*. Paris: Éd. Kimé, 1994.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation de la subjectivité dans la langage*. Paris: Colin, 1980.
- MAINIGUENEAU, D. *Ethos*, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, R. (org.). *Images de soi dans le discours*: la construction de l'ethos. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999.
- PAVEAU, M. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação*: traduções. Tradução de Jessica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira. Campinas: Pontes, 2020. p. 15-40.
- PAVEAU, M. *L'analyse du discours numérique*: dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.
- PÊCHEUX, M. *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PLANTIN, C. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução de Rodrigo dos S. Mota, Sébastien G. Giancola; Thaise A. dos Santos. Rev. trad. Moisés Olímpio-Ferreira; Sérgio I. Levemfous. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 17-37, 2011.
- ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (ed.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1978. p. 27-48. Disponível em: https://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.



Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil

Eristic argumentation in digital interactions: a medical polemic about chloroquine in CNN Brazil's Debate 360 show

Isabel Cristina Michelan de Azevedo

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe / Brasil

icmazzevedo@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-5293-0168>

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

paulosegundo@usp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

Eduardo Lopes Piris

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia / Brasil

elpiris@uesc.br

<http://orcid.org/0000-0003-3718-8126>

Resumo: Este artigo visa a analisar dois tipos de interações argumentativas erísticas realizadas na rede social YouTube da CNN Brasil: a interação entre debatedores e mediadores do Debate 360 e a interação entre os comentários dos usuários da rede social sobre o mesmo debate. Apoia-se nos aportes teóricos de Plantin (2008) sobre a perspectiva interacional da argumentação, de Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, de Walton (1998) sobre o diálogo erístico e de Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação. O *corpus* constitui-se de doze intervenções argumentativas do debate e uma cadeia de nove comentários, caracterizados pelo diálogo de teor erístico. A análise do *corpus* focaliza (1) a interação entre dois especialistas sobre o tema controverso do uso da hidroxicloroquina em pacientes de covid-19, mediados por dois jornalistas e (2) a interação entre usuários da rede em reação à argumentação dos médicos. O estudo demarca quais características da modalidade polêmica estão

presentes nos dois tipos de interação, especifica as marcas do diálogo erístico e indica como os atos de impolidez associam-se à argumentação. Os resultados permitem compreender o funcionamento da interação argumentativa erística no ambiente digital e como o processo de formação de bolhas ideológicas potencializa as oportunidades de confronto de posição.

Palavras-chave: polêmica argumentativa; interação argumentativa; modelo dialogal da argumentação; impolidez.

Abstract: This paper aims at analyzing two types of eristic argumentative interactions held in CNN Brazil YouTube channel: an interaction between debaters and mediators in the ‘Debate 360’ show and an interaction between the comments of the social network users about the same debate. The study draws on Plantin’s (2008) interactional perspective on argumentation, on Amossys’s (2018) view on argumentative polemics, on Walton’s (1998) conception of eristic dialogue and on Culpeper’s (2011) and Blitvich’s (2010) discussion on interactive impoliteness. The corpus is composed, in terms of the debate, of twelve argumentative interventions and, in terms of comments, of a chain of nine utterances, all of them characterized by the instantiation of eristic features. The analysis focuses on (1) the interaction between two specialists, mediated by two journalists, about a controversial theme – the usage of hydroxichloroquine on Covid-19 patients, and (2) the interaction between the social network users in reaction to the debaters’ argumentation. The study shows which characteristics of polemics are instantiated in both interactions, specifies the features of the eristic dialogue that characterize the interactions and indicates how impoliteness acts are associated with argumentation. The results enable to comprehend how eristic argumentative interactions work in the digital environment and how the formation of ideological bubbles affords opportunities for conflicts of opinion.

Keywords: argumentative polemics; argumentative interaction; dialogue model of argumentation; impoliteness.

Recebido em 04 de abril de 2021

Aceito em 03 de maio de 2021

1 Introdução

Este artigo objetiva compreender como a argumentação se configura na web social, que permite a articulação de pessoas, ferramentas e comunidades em torno de uma questão argumentativa. Em particular, interessa-nos entender como o engajamento em discursos polêmicos altera os modos de interação e promove a argumentação erística.

Esse tem sido um tema de interesse por pesquisadores de diferentes áreas (filósofos, sociólogos, políticos, publicitários, cientistas da computação etc.), uma vez que cotidianamente são ampliados os meios que possibilitam as interações digitais e são muitos os impactos desse tipo de participação social. Particularmente, no campo dos estudos linguístico-discursivos da argumentação, há certa carência de trabalhos no Brasil que tenham foco na descrição do funcionamento da argumentação erística, por isso optamos por fazer isso em associação com o modelo dialogal e os estudos da polêmica no discurso.

Embora a argumentação erística tenha sido tematizada desde a retórica antiga – Platão empregou o termo “erístico” para se referir à discussão que se organizava de maneira a criar embaraço ou confundir um adversário em um diálogo a fim de dificultar sua participação ou torná-la ridícula, por exemplo (BENJAMIN, 1983) –, mais recentemente os trabalhos diversificaram seu escopo em função de interesses distintos, como mapear a avaliação de debates políticos pelos telespectadores, o desenvolvimento de modelos computacionais de análise de interações na web, o aperfeiçoamento de pesquisa em torno da inteligência artificial, entre tantos outros.

Na busca por materialidades que permitissem alcançar o objetivo proposto, optamos por analisar as interações digitais que foram motivadas por um debate televisivo, organizado pela CNN Brasil, em torno da polêmica em relação ao uso (ou não) de cloroquina no tratamento de pacientes contaminados pelo Sars-Cov-2. O debate foi transmitido no dia da substituição do segundo Ministro da Saúde do Brasil em 2020, circunstância que teve entre as motivações justamente a divergência de posições do ministro Nelson Teich e do presidente da República quanto à determinação de uso desse medicamento durante a pandemia.

Assim, decidimos organizar a reflexão deste trabalho em quatro partes. Após a introdução, são apresentadas as bases teóricas que norteiam o entendimento da interação argumentativa em torno de temas polêmicos e incluímos uma breve caracterização da argumentação erística em associação aos modos de impolidez. Na segunda parte, são apresentados os procedimentos metodológicos estabelecidos tanto para a análise do vídeo televisivo quanto dos comentários relativos a ele. Na terceira, procedemos à análise dos dois tipos de materialidades discursivas e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 Fundamentação teórica

Nossas reflexões apoiam-se na perspectiva interacional da argumentação, tal como formulada por Plantin (2008), bem como nos aportes de Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, de Walton (1998) sobre o diálogo erístico e de Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação.

Plantin (1996, p. 11) estabelece as bases de seu modelo dialogal da argumentação, caracterizando-o pela oposição entre discursos, definindo a interação argumentativa “como uma situação de confronto discursivo durante o qual são construídas respostas antagônicas a uma questão”. Segundo Plantin (2008, p. 68), a oposição a uma intervenção¹ pode se manifestar por meio de fenômenos interacionais que vão desde a emissão de reguladores negativos verbais ou paraverbais até um episódio de divergência conversacional que contenha argumentos, de modo que “a contradição conversacional pode ser reparada por procedimentos de ajuste e de negociação ou evoluir rumo ao aprofundamento do desacordo”. Assim, o desacordo circunscrito a uma interação conversacional comum é insuficiente para configurar uma interação argumentativa, pois é necessário que o desacordo seja tematizado pelos interlocutores.

Como nota Grácio (2010, p. 291-292), o que Plantin propõe é uma teorização da especificidade da argumentação que visa a considerar a sua complexidade interacional, na qual se destaca a ideia da oposição – a recusa de ratificar uma proposição –, ideia essa que mantém, conforme Grácio (2010, p. 291), “a intuição fundamental de Perelman segundo a qual o argumentar se opõe à evidência”, mas altera a máxima retórica perelmaniana “duvidar, decidir-se e convencer”² para “propor, opor-se e duvidar”, colocando, portanto, mais ênfase “nas operações descritivamente fundamentais do argumentar do que na problemática da intencionalidade discursiva considerada na perspectiva da ação retórica sobre os espíritos”. Plantin atribui, assim, à interação argumentativa a presença da oposição de discursos, a diferença problematizada em uma questão argumentativa, os atos argumentativos de propor, opor-se e

¹ Conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 57), a intervenção é “produzida por um único e mesmo falante: é a contribuição de um falante particular a uma troca particular. Ela não deve ser confundida com o turno de fala [...]”.

² Referência ao artigo de Chaim Perelman “Le libre examen, hier et aujourd’hui”, publicado pela *Revue de l’Université de Bruxelles*, em 1949.

duvidar associados aos papéis argumentativos do proponente, oponente e terceiro.

Plantin (2008, p. 63) concebe um modelo dialogal da argumentação que “se propõe a repensar a atividade argumentativa em um quadro ampliado, no qual a enunciação está situada contra o pano de fundo do diálogo”. Ele parte da definição de Schiffrin (1987, p. 17-18) de que “a argumentação é um modo de discurso nem puramente monológico nem puramente dialógico, [é] um discurso pelo qual os locutores defendem posições discutíveis”, para sublinhar o caráter bifacetado da argumentação, ou seja, o “caráter misto, enunciativo e interacional, da atividade argumentativa” (PLANTIN, 2016, p. 75) e orientar seu projeto teórico no sentido de “articular um conjunto de noções que permitam levar em conta esse aspecto biface da atividade argumentativa” (PLANTIN, 2008, p. 65), tais como as marcas linguísticas da polifonia enunciativa.

Partindo da palavra “diálogo”, Plantin (2016, p. 323) assinala que “dialogal” remete ao diálogo cotidiano entre dois ou mais participantes de uma situação de interação face a face e que “dialógico” corresponde à polifonia enunciativa que caracteriza a fala de um locutor único como a encenação de “uma gama de vozes com as quais esse locutor pode ou não se identificar”, ao passo que “monologal” refere-se ao discurso monogerido por um único locutor, o qual também é dialógico, porém liberado das coerções da interação face a face.

Se o modelo de Plantin (2008) oferece meios para analisar a argumentação na interação, as teorizações de Amossy (2011) sobre a argumentação no discurso possibilitem, complementarmente, considerar os aspectos sócio-históricos e institucionais da interação argumentativa, bem como as características da modalidade polêmica da argumentação.

Nesse contexto, Amossy (2011, p. 131) assume o postulado da argumentatividade inerente à língua(gem) para propor que os discursos possuem uma dimensão argumentativa e podem ainda revelar uma visada argumentativa, afirmando que “é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiro(s)”. São exemplos da visada argumentativa o discurso eleitoral, o anúncio publicitário etc. e da dimensão argumentativa a notícia de jornal, o romance, entre outros.

Dito isso, Amossy (2011, p. 131-132) propõe três distintas modalidades de visada argumentativa que podem se combinar num discurso, ou seja, diferentes estruturas de troca argumentativa que permitem o funcionamento do projeto de persuasão, a saber:

- na modalidade demonstrativa, uma tese é apresentada por um locutor, num discurso monologal ou dialogal, a um auditório do qual ele quer obter a adesão pelos meios da demonstração fundamentada, do raciocínio articulado apoiado em provas;
- na modalidade negociada, os parceiros que ocupam posições diferentes, até mesmo conflitantes, esforçam-se para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e chegar a um consenso através de compromisso;
- na modalidade polêmica, desenvolve-se um confronto violento de teses antagônicas, em que duas instâncias em total desacordo tentam superar a convicção da outra, ou de uma terceira que as ouve, atacando as teses contrárias.

Sem desprezar o fato de que tais modalidades podem se combinar para constituir um discurso caracterizado pela visada argumentativa, procuramos ressaltar as propriedades da modalidade polêmica em nossa análise da interação argumentativa erística no debate e nos comentários ao debate publicados na rede social Youtube, uma vez que, conforme Amossy (2018, p. 18-19), a polêmica é a modalidade argumentativa que privilegia o confronto e o choque das posições antagonistas. Temos, assim, que as características da polêmica na visada argumentativa são: a dicotomização (exacerbação das oposições); a polarização (divisão dos participantes em grupos antagonistas); o descrédito do outro (desqualificação do adversário); a ênfase na projeção do *pathos* e na violência verbal, ainda que não obrigatórios.

Segundo Amossy (2018, p. 19), a polêmica exerce funções sociais diversas tais como autorizar posicionamentos políticos, persuadir não o adversário, mas um terceiro, unir aqueles que compartilham as mesmas opiniões, dar voz a um protesto que reivindica uma mudança, permitir uma coexistência no dissenso ao canalizar o conflito e ao impedi-lo de descambar para a violência física.

Tal antagonismo descrito por Amossy pode culminar na emergência daquilo que Walton (1998) denomina diálogo erístico, mais especificamente, o diálogo sofístico ou discussão erística.³ Para

³ O autor subdivide os diálogos erísticos em querela e diálogos sofísticos. Esses últimos são denominados por van Laar (2010) como discussões erísticas, designação assumida neste artigo.

o autor, discussões erísticas estão orientadas para a busca pela vitória, atingida ao demonstrar superioridade intelectual no debate sobre a questão em pauta. Quando realizadas diante de um auditório, tais interações primam por impressionar quem assiste. Nesse sentido, os argumentadores acabam explorando o espaço de argumentação tanto para se promoverem e depreciarem o outro quanto para reforçarem sua perspectiva e ridicularizarem a outra.

Walton (1998) identifica cinco importantes traços gerais de diálogos erísticos (no que tange à interação entre os participantes com potencial de interação recíproca):

1. a alta frequência de ataques pessoais;
2. uma atitude fechada, caracterizada pela rejeição a conceder aos argumentos do outro lado, de forma a nunca admitir derrota e buscar vitória a todo custo;
3. a distorção dos pontos de vista e dos argumentos do outro, procedimento que usualmente é denominado como *falácia do espantalho*;
4. desvios tópicos que deslocam a argumentação para pontos apenas marginalmente relevantes em termos da questão em debate;
5. uma atitude de simulação de razoabilidade, comum em diálogos erísticos diante de um terceiro, por meio da qual se pretende dar a entender que quem está agindo irracionalmente é o outro. Nesse sentido, não é incomum que os participantes enunciem que é o outro que está “reduzindo o nível do diálogo” ou “sendo desonesto”.

Van Laar (2010) amplia a discussão realizada por Walton (1998), a partir da perspectiva pragmadialética, ao propor compreender a discussão erística, em primeiro lugar, como um jogo performado diante de um auditório, que atuará como juiz ou júri. Em segundo lugar, o pesquisador reforça o posicionamento de Walton ao ratificar que os argumentadores envolvidos nessa modalidade de discussão buscam construir uma imagem de razoabilidade, utilizando-se de estratégias que, de fato, podem ressoar com o que o auditório considera razoável, ainda que, nem sempre, façam de fato avançar a discussão em pauta. Em terceiro lugar, discute como os argumentadores buscam equilibrar essa simulação de razoabilidade com uma demonstração de assertividade retórica, de forma a fazer com que o auditório reconheça sua competência

na sustentação de suas posições. Não se trata, pois, necessariamente, de o auditório ser persuadido – ainda que isso possa, sim, ser em um objetivo importante, em especial no que concerne ao terceiro, aquele que ainda está em dúvida e que busca formar sua opinião –, mas, sim, de o auditório conseguir depreender que aquele argumentador foi mais hábil do que o outro. A argumentação é percebida por seus participantes como uma competição, em que os argumentadores são vistos como adversários – e por vezes como inimigos – e os espectadores comportam-se como plateia de um jogo, agindo como torcedores de um e de outro time ou jogador.

Em contextos de alta polarização política, como o que vivemos atualmente, não é difícil que uma interação sobre um tema sensível, cuja oposição discursiva esteja ancorada em posicionamentos políticos marcados, deslize de um diálogo persuasivo – orientado não só a levar o auditório a aderir a uma das posições considerando as razões apresentadas e escrutinadas, mas também a informá-lo sobre as múltiplas interpretações sobre um tema – para um diálogo erístico. Nesse deslizamento, o foco passa a ser vencer, ridicularizar o outro, mostrar-se mais competente e hábil, de forma que a discussão da questão fica em segundo plano, em um processo que, não raro, visa a conquistar aplausos do grupo que já apoia previamente uma dada posição do debate. Isso pode ser nitidamente testemunhado quando observamos interações digitais entre atores que reagem a um dado debate, pondo-se a comentar e a discutir sobre a questão, como é o caso sobre o qual nos debruçamos na análise a ser empreendida na seção 4.2.

Nesse sentido, a impolidez, que, conforme Culpeper (2011), se manifesta em atos de fala orientados a agredir e atacar a imagem do outro, bem como a buscar a discórdia torna-se uma ferramenta efetiva que cimenta a coesão endogrupal (*nós*) pelo rechaço daquilo que é lhe é alheio – a posição do exogrupo (*eles*), que passa a ser visto como merecedor de violência verbal. Nas interações erísticas em mídias digitais, o grau de impolidez é ainda intensificado pelo fato de os comentadores não estarem, de fato, expondo-se como indivíduos, mas como membros de um grupo, a partir de suas filiações discursivas. Não são primariamente suas faces pessoais que estão em jogo, mas os valores, as propostas e as concepções que caracterizam a coletividade que representam. Nesse caso, os efeitos da impolidez acabam sendo múltiplos, como bem destaca Blitvich (2010, p. 541): “ela é usada contra o exogrupo para criar um sentido de ‘nós versus eles’, uma vez que constrói como indesejáveis os valores

do outro, e para ampliar o sentido de pertencimento ao endogrupo”, em um processo que acaba sendo amplificado pela formação de bolhas ideológicas ou câmaras de eco (BAKIR; MCSTAY, 2017), características do ambiente algorítmico das redes. A ridicularização do outro e/ou das posições que caracterizam esse grupo acabam, então, intensificando o processo de antagonismo e de indignação que caracteriza a visão do endogrupo acerca do comportamento e do pensamento do exogrupo, que, idealmente, deveria ser eliminado da arena pública.

Esses dados corroboram a visão de Van Laar (2010), que argumenta que o público-espectador de uma discussão erística é tipicamente heterogêneo, ou seja, composto por grupos de atores sociais com posições distintas acerca do que está em debate, mas também tipicamente leigo tanto no que se refere à questão argumentativa propriamente dita – no caso de nosso *corpus*, o público-alvo efetivo não é composto de médicos e epidemiologistas – quanto às próprias técnicas de argumentação, ainda que seja para impressioná-lo retoricamente que a ação dos argumentadores se volta.⁴

Logo, vemos que as discussões erísticas se aproximam daquilo que Dascal (1998) denomina disputa. Para o autor, disputas são intercâmbios polêmicos orientados à vitória, que se baseiam numa lógica de competição na qual a divergência de opinião se encontra ideológica e atitudinalmente ancorada. De modo geral, a diferença de posição não é resolvida e o antagonismo é apenas temporariamente dissolvido, sendo retomado posteriormente em outras interações, dado que encontra eco em valores consolidados socialmente por dados grupos. Não é diferente com o nosso *corpus*: ainda somos assolados, com significativa frequência, com posições favoráveis a tratamentos precoces, no seio dos quais a cloroquina está incluída, sem nenhuma comprovação científica e não raro com potencial risco à saúde daqueles que os adotam.

Isso posto, passemos aos procedimentos metodológicos de análise do *corpus* constituído a partir de interações argumentativas com traços erísticos tanto no vídeo quanto nos comentários publicados no YouTube da CNN Brasil.

⁴ Apesar disso, destacamos que nem sempre o jogo erístico se dá de maneira equilibrada em um diálogo argumentativo, pois é possível que algum dos argumentadores ofereça maior resistência a enquadrar seu comportamento verbal a esse padrão, adotando posturas mais condizentes com o que se espera de um efetivo diálogo persuasivo.

3 Percurso metodológico de análise do *corpus*

Neste artigo, analisamos dois tipos distintos de interação argumentativa erística que ocorrem no quadro Debate 360, do programa CNN 360, transmitido ao vivo pela CNN Brasil em seu canal de televisão e em seu canal no YouTube. No Debate 360, dois especialistas notoriamente reconhecidos por suas posições opostas entre si são convidados a discutir, em torno de 15 minutos, sobre um tema polêmico pautado pelos meios de comunicação. Trata-se de um formato de debate curto, com um número reduzido de trocas argumentativas, em que os mediadores controlam a palavra dos debatedores, para garantir o mesmo tempo de exposição às duas posições antagônicas.

Além da transmissão do programa ao vivo, cuja íntegra nem sempre permanece disponível na rede social,⁵ a CNN Brasil publica o Debate 360 em seu canal do YouTube, corroborando a repercussão da polêmica nessa rede social, uma vez que a permanência do vídeo do debate nesse ambiente digital estabelece um espaço de continuidade da discussão, pois, ainda que a ferramenta “chat ao vivo” não esteja mais disponível para interação com os usuários, a ferramenta “comentários” é mantida ativada, oferecendo uma abertura da rede para produção de conteúdos por usuários comuns no ambiente de interação, em que os consumidores da informação também podem atuar como produtores de conteúdos no ambiente digital (GOMES, 2011, p. 20). Segundo Barton e Lee (2015, p. 60), “a seção de comentário é o principal espaço de escrita interativa do site”, pois os “comentários do YouTube aparecem abaixo do vídeo” e, “tal como acontece com os vídeos, os comentários podem também ser avaliados por usuários (votar a favor ou contra)”. Assim, podemos analisar a interação que ocorre nessa rede social entre os discursos dos usuários, que podem ser ou não endereçados a outros usuários produtores de comentários.

Esse objeto de estudo coloca-nos diante de um caso de interação digital que oferece ao usuário do YouTube dois tipos de interação argumentativa erística: (1) a interação estabelecida entre os mediadores e os debatedores convidados pelo programa e (2) a interação ocorrida entre os usuários que podem ler, avaliar (“curtir” ou “não curtir”) e publicar comentários sobre o debate desenvolvido em torno da questão argumentativa apresentada pelos mediadores do debate. Esse tipo de

⁵ Burgess e Green (2018) relatam as origens do YouTube como plataforma de compartilhamento de vídeos e sua posterior transição para rede social.

debate curto inserido na programação de um telejornal colabora para a reprodução da polêmica estabelecida entre o discurso e o contradiscurso que se desenvolvem a partir de uma dada questão argumentativa enunciada pelo veículo de comunicação, cuja tematização também é uma resposta a outros discursos que circulam socialmente em torno de determinada polêmica.

Desde o início de 2020, a pandemia de covid-19 no Brasil impôs ao poder público e à sociedade civil o desafio de superar a crise sanitária e socioeconômica que se agravou sobremaneira graças à ação negacionista do presidente da República, cujas declarações e pronunciamentos são fontes de crimes de responsabilidade, circulação de *fake news* e polêmicas distracionistas que ocupam a pauta midiática. Nesse turbulento contexto, o ministro Nelson Teich resistiu, por 29 dias, à pressão exercida pelo presidente da República para inserir o uso da hidroxicloroquina no estágio inicial da doença, até entregar seu cargo no dia 15 de maio de 2020, aprofundando ainda mais a crise sanitária e política no Brasil. Logo após a demissão do ministro, a CNN Brasil realiza o debate entre o médico infectologista Marcos Boulos e o virologista Paolo Zanotto, convidados justamente por defenderem publicamente opiniões opostas em relação ao uso da hidroxicloroquina no tratamento de infectados pelo Sars-Cov-2.

Para analisar as interações argumentativas erísticas ocorridas no debate e nos comentários relativos a ele, constituímos um *corpus* a partir de excertos erísticos presentes nas doze intervenções argumentativas do debate e em uma cadeia com nove comentários, selecionada de um total de 1.281 comentários.

3.1 Procedimentos metodológicos para a análise do debate transmitido pelo YouTube

Os métodos de pesquisa visual estão se tornando cada vez mais importantes para os estudos em diferentes áreas do conhecimento, pelo fato de o vídeo ter se tornado um instrumento poderoso para observar as interações sociais (KNOBLAUCH; SCHNETTLER, 2012). Existem diversos métodos para a análise de dados de vídeo, desenvolvidos principalmente nos últimos anos, mas, neste trabalho, optamos por compor uma análise que irá se restringir à interpretação das interações verbais em que os participantes estejam mobilizados por uma questão polêmica. Para tanto, articulamos o contexto conversacional e os recursos argumentativos, a fim de compreender como a argumentação erística pode ocorrer em circunstâncias marcadas por regras explícitas de participação.

Então, para realizar essa articulação, procedemos à descrição de todas as doze intervenções dos debatedores e dos mediadores e, posteriormente, à transcrição dos excertos marcados pela dicotomização das oposições com traços da argumentação erística.

Nas transcrições, incluímos tanto as manifestações verbais quanto as visuais, quando compõem o desacordo argumentativo, já que “a oposição a uma intervenção pode ser verbal (‘não concordo’) ou paraverbal” (PLANTIN, 2008, p. 67).

Assim, transcrevemos as interações verbais dos excertos selecionados, utilizando uma adaptação das normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, conhecido como Projeto NURC (QUADRO 1), porque, na argumentação erística, o reforço do desacordo e o acirramento do conflito estabelecido entre os participantes da interação, mesmo em situações previamente planejadas e controladas por mediadores, deixam-se entrever por meio de algumas manifestações de contradição conversacional, tais como tentativas de assalto de turno, surgimento de sobreposições entre os turnos, aceleração da elocução, elevação do tom de voz, emissão de reguladores negativos verbais ou não (como balançar negativamente a cabeça, suspiros de impaciência etc.).

QUADRO 1 – Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Entoação enfática	em maiúsculas
Prolongamento de vogal ou consoante	:: podendo aumentar para ::::
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((em minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	- - - -
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá
Números	por extenso

Fonte: Adaptado de Preti (2003, p. 13-14).

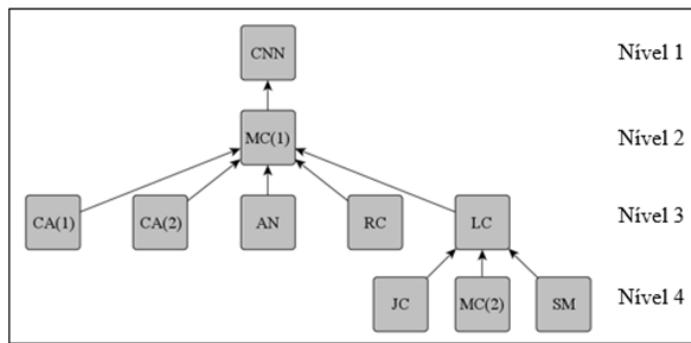
E, no caso em que intervenções paraverbais colaboram diretamente com o desenvolvimento da interação argumentativa, descrevemos as manifestações gestuais relativas ao momento da participação corporal.

3.2 Procedimentos metodológicos para a análise das cadeias de comentários

Propomos, a partir dos pressupostos de uma perspectiva interacionista sobre argumentação, que o recorte de *corpora* para análise de diálogos argumentativos realizados por meio de comentários em ambientes digitais seja realizado com base na aplicação de três critérios: o estrutural, o tópico e o opositivo, nesta exata ordem. A depender dos objetivos da pesquisa, critérios ulteriores podem ser propostos a partir do terceiro; é, por exemplo, o que faremos neste artigo, tendo em vista o foco na argumentação erística.

Pelo primeiro critério (estrutural), selecionamos apenas sequências de comentários estruturadas como cadeias, ou seja, comentários em que os usuários da rede social explicitamente respondem a outros comentadores – seja clicando no botão RESPONDER, seja marcando outro usuário por meio da forma @nome –, de modo a dar origem a um conjunto de respostas que a plataforma interpreta como uma conversa delimitada, que pode ser reconstruída por meio de um grafo (FIGURA 1). No grafo, os comentários de cada internauta são representados por nós (quadriláteros ou círculos) identificados – no caso, valemo-nos das duas iniciais maiúsculas representativas do nome assumido por eles na rede social – e por arestas direcionadas, cuja origem está no enunciado-resposta, e o destino, no enunciado a que a resposta se dirige. Quando o mesmo internauta interage mais de uma vez na cadeia, podemos incluir uma numeração entre parênteses – (1), (2), (3) e assim por diante –, que representa cada uma de suas intervenções na ordem em que são realizadas. O grafo deve ser lido verticalmente de cima para baixo e horizontalmente da esquerda para direita, procedimento que permite recuperar a temporalidade dos comentários, aspecto fundamental em uma perspectiva que leva a sério a dinâmica da interação para a análise argumentativa.

FIGURA 1 – Grafo ilustrativo de uma cadeia de comentários



Fonte: Elaboração própria.

Vemos, portanto, que as cadeias apresentam diversos níveis:

- ocupa o nível 1 o texto que motiva as discussões localizadas dos internautas; no caso, trata-se do vídeo do Debate 360 da CNN;
- o nível 2 é ocupado pelo comentador que decide tratar de algum aspecto do vídeo – que pode envolver não só o conteúdo propriamente dito, como também seus autores, produtores ou apresentadores, dentre outras possibilidades –, seja para elogiar ou ratificar, questionar ou complementar, criticar ou ofender;
- o nível 3 já é composto por comentadores que se envolvem em um diálogo provocado pelo primeiro comentador, respondendo a ele; a partir deste nível, todos os comentários são exibidos na rede social com um recuo à esquerda, que assinala o início de uma conversa delimitada, ou seja, da cadeia de comentários em si;
- o nível 4, por sua vez, abarca quem dialoga com os comentadores de nível 3; o nível 5, com os comentários de nível 4; e assim por diante. A partir do nível 4, é necessário que o usuário, além de clicar em RESPONDER, marque outro comentador para explicitar a quem ele está respondendo, uma vez que a rede social não adensa os recuos à esquerda para delimitar o aprofundamento dos níveis de interação.

De modo geral, o teor de engajamento vai diminuindo ao longo dos níveis – o que pode ser observado, dentre outros fatores, pela redução no número de curtidas – até a cadeia sofrer um esgotamento tópico. Toda a cadeia é, então, delimitada pelo YouTube como um bloco. Quando entramos em uma página de um vídeo para ler os comentários, só conseguimos visualizar, inicialmente, o segundo nível (o comentador que responde diretamente ao vídeo); para ver os outros níveis, precisamos clicar em um botão azul com o seguinte conteúdo: *Ver n respostas* (em que *n* consiste no número de comentários de terceiro nível em diante que constituem a cadeia).

Excluímos de nosso *corpus* todos os comentários que não configuraram uma cadeia (ou conversa delimitada), pois nos interessa justamente compreender como se dá a interação entre os espectadores⁶ do vídeo e como eles argumentam entre si quando explicitamente se colocam na posição de participantes de uma discussão subsidiária a esse mesmo vídeo, em que os atos de defender e justificar, atacar e criticar, bem como explicar são constantemente instanciados na relação que os comentadores estabelecem entre si e entre o que enunciam nos variados níveis da cadeia.

Pelo segundo critério (tópico), recortamos apenas cadeias em que fosse possível realizar uma clara delimitação em termos de centração tópica (JUBRAN, 2011); em outros termos, a cadeia precisa apresentar “um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 361). Nesse sentido, excluímos da seleção cadeias em que vários tópicos distintos eram discutidos, característica que sinaliza descontinuidade tópica interna, o que, em tese, configura um uso não protótipico da ferramenta de resposta da própria rede social YouTube.

E, pelo terceiro critério (opositivo), apenas incluímos no *corpus* cadeias de comentários com centração tópica nas quais é possível depreender oposição de pontos de vista quanto a algum aspecto concernente à questão argumentativa que pauta o vídeo, partindo assim de um princípio fundamental das perspectivas interacionistas (GRÁCIO, 2010; PLANTIN, 2008): a oposição entre pontos de vista, sua tematização e perspectivação mediante uma dada questão.

⁶ Assumimos que, tipicamente, os comentadores tendem a ser espectadores do vídeo.

A partir desse entrecruzamento, consideramos, para os objetivos específicos deste artigo, um quarto critério: as cadeias opositivas precisavam apresentar traços erísticos, conforme proposta de caracterização discutida na seção anterior com base em Walton (1998), van Laar (2010) e Dascal (1998). Como nosso arquivo é extenso e devemos levar em conta as restrições de espaço de um artigo, optamos por analisar apenas uma cadeia de nove comentários, em que diferentes fenômenos de argumentação erística se manifestavam, a fim de mostrar, por um lado, a pertinência do modelo analítico que estamos discutindo e, por outro, iniciar uma discussão sobre as formas de construção do erístico em interações digitais no Brasil contemporâneo.

Em termos do procedimento analítico propriamente dito, a análise da argumentação procura manter a temporalidade dos comentários, partindo do nível 2 até o nível 4, considerando a ordem das intervenções (da esquerda para a direita no grafo). São analisadas tanto as relações que os comentários de nível inferior estabelecem com o superior em termos de atos argumentativos de apoio, refutação, concessão, justificação, explicação, dentre outros, quanto entre os comentários de mesmo nível, em termos da formação de coalizões argumentativas em torno de uma mesma posição e da possibilidade de confrontação entre os participantes. Além disso, seguindo o princípio de que o que se argumenta em um nível inferior estabelece relações com a argumentação dos níveis superiores e vice-versa, sempre buscamos verificar em que medida os enunciados-resposta se relacionam com as posições e os argumentos levantados no vídeo sobre a eficácia ou ineficácia da cloroquina e sobre sua aplicação ou não como tratamento no Brasil, discussões que estão correlacionadas no vídeo e nos comentários. Nesse processo, chamamos atenção, em termos de categorias analíticas, para: (1) os esquemas argumentativos utilizados; (2) os atos de fala de (im)polidez; (3) os recursos léxico-gramaticais selecionados; (4) os operadores argumentativos.

Isso posto, passamos à análise do vídeo.

4 Análise

4.1 Análise das interações argumentativas no Debate 360 da CNN Brasil

Com o título “Debate 360: Médicos divergem sobre eficácia da cloroquina para tratar Covid-19”, o programa da CNN Brasil tematiza

a polêmica entre o presidente e o seu ministro da saúde, reproduzindo o posicionamento do presidente ao assumir em seu título “eficácia da cloroquina”, sendo que havia a possibilidade de enunciar “ineficácia da hidroxicloroquina”, posição do ministro em consonância com os estudos coordenados pela Organização Mundial da Saúde. Previamente ao início do debate, já está dado o posicionamento discursivo implicitamente reproduzido pelo programa Debate 360.

O programa completo tem duração de 17'52" e é composto por turnos argumentativos que são orientados pelos dois jornalistas responsáveis pela mediação do debate entre o infectologista Marcos Boulos, que integra o Comitê de Contingenciamento do Coronavírus em São Paulo, e o virologista Paolo Zanotto, professor da Universidade de São Paulo. Trata-se de uma interação argumentativa do tipo debate, que se decompõe em três sequências: sequência de abertura (0'-1'59"); corpo da interação (2'02"-14'40"); sequência de conclusão (14'42"-17'52"), conforme Kerbrat-Orecchioni (2006). O processo de troca de falantes do Debate 360 é gerenciando pelos mediadores – no caso, os jornalistas Daniela Lima e Evandro Cini – que controlam o tempo de intervenção de cada debatedor, operam a passagem de turno por meio de (1) assaltos ao turno, quando um debatedor deixa de colaborar não sinalizando a passagem do turno, e (2) endereçamento de perguntas, que pode ser uma questão comum aos dois debatedores ou uma reformulação do discurso de um debatedor apresentada ao outro debatedor como pergunta. Assim, uma mesma questão é apresentada aos debatedores – no caso, os médicos Marcos Boulos (MB) e Paolo Zanotto (PZ) –, que a respondem alternadamente, produzindo os turnos argumentativos.

Examinemos a sequência de abertura.

Na intervenção 1, a jornalista Daniela Lima (DL) anuncia a saída do ministro antes de propor a questão aos convidados e insiste que o uso da cloroquina seria o principal motivo para a substituição de dois ministros em menos de um mês. Inicialmente, a jornalista apresenta a seguinte questão argumentativa que servirá de referência para as intervenções dos debatedores:

Doutores, é viável, é recomendável o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com sintomas leves da covid-19, ainda no início da manifestação da doença? Isso está amparado no que a gente tem de estudo no Brasil hoje? (1'40"-1'59").

Tematizar a questão “É viável, é recomendável o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com sintomas leves da covid-19?”, no dia em que o Brasil trocava o segundo Ministro da Saúde, reproduz uma polêmica que se configura em função de uma polarização não apenas médica, mas política, estabelecida em âmbito nacional. Em outros termos, perguntar se é viável o uso da cloroquina, no contexto na demissão do ministro da saúde, é uma forma de escamotear a pergunta sobre se quem tem razão na polêmica é o presidente ou o ministro e, logo, se a demissão é justa e, sobretudo, se a condução da política do presidente para o enfrentamento à pandemia está adequada. Assim que a questão é verbalizada, a mediadora passa o turno ao primeiro debatedor.

Passemos ao corpo da interação.

Paolo Zanotto inicia sua fala (intervenção 2) agradecendo o convite para compor o Programa (2'02"). Em seguida, em resposta à questão argumentativa apresentada pela mediadora do debate, propõe fazer uma distinção entre o uso de cloroquina, que considera ineficaz no uso terapêutico em pacientes afetados pelo Sars-Cov-2, e o uso da hidroxicloroquina, que é defendida pelo fato de já ter sido estudada desde 2003. No entanto, segundo o virologista, há condições específicas para o uso desse medicamento, por isso ele começa a descrever em quais circunstâncias o produto deveria ser utilizado. Inicialmente, destaca que o uso equivocado desse medicamento na China (administrado em fase tardia do processo da doença), por exemplo, gerou uma rejeição quanto ao seu uso e o desconhecimento das vantagens de sua administração. Conforme Zanotto, a hidroxicloroquina é recomendada entre os dias 2 e 4 do aparecimento dos sintomas, quando combinada com a azitromicina e o zinco. Justifica sua afirmação com base em trabalhos cujos autores são citados nominalmente, bem como os países em que os experimentos foram realizados.

QUADRO 2 – Transcrição do excerto da intervenção 2 de Paolo Zanotto

1 PZ (...) de uma certa forma a gente tá ... a gente tá vendendo
2 que isso não é mais um grande problema:: porque vários
3 países do mundo já tão utilizando ... esse protocolo como
4 por exemplo ... em Bahrein [...] ahn ahn

5 DL

6 PZ Emirados Árabes Unidos o Senegal ... tem um colega
7 meu lá que é o encarregado éh:: do do do trabalho no
8 Senegal eles tiveram oito mortos só lá ... Índia [...] certo

9 DL

10 PZ a França a partir dessa semana a Espanha a Itália [...] doutor

11 DL

12 PZ deixa [...] a Costa Rica Malásia [...] perfeito

13 DL

14 PZ a Rússia então ... basicamente isso já é uma realidade
15 sendo utilizada em vários países do mundo ... em vários
16 éh:: hospitais do Brasil [...] perfeito

17 DL

18 PZ e por vários médicos

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (4'11-4'57").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

No trecho transcrito, Paolo Zanotto compõe sua resposta apresentada à questão argumentativa com base em um conjunto de enumerações que integra o corpo das interações. Após a citação de pesquisadores conhecidos por ele e, provavelmente pelo outro médico, faz a enumeração de países que passaram a usar o protocolo descrito anteriormente, destaca o baixo número de casos no Senegal, local que também aplicaria protocolo, reforça tal uso com a repetição da palavra “vários” diante de países, hospitais e médicos, constituindo uma argumentação apoiada nos lugares da quantidade, “[...] os lugares-comuns que afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 97). Ressaltamos que a quantidade de artigos citados é grande e que a enumeração é bem rápida, o que dificulta a possibilidade de confirmação das informações apresentadas, tornando as afirmações críveis pela confiança no argumentador, não em função da confirmação dos dados construídos ao longo do discurso.

Desde o trabalho de Aristóteles, sabe-se que, nesse tipo de argumentação, o lugar da quantidade constitui uma premissa maior subentendida, que encaminha para uma certa conclusão; no caso: o benefício observado em um maior número de lugares e situações aplica-se a casos particulares que passem a fazer uso de tal protocolo. Assim, a superioridade é admitida com base no maior número.

Embora, nessa parte do debate, a função declarada verbalmente pela mediadora seja a de controlar os tempos de participação e garantir a igualdade de tempo para ambos os médicos, dois aspectos merecem destaque: o segundo mediador, Evandro Cini, balança afirmativamente a cabeça, indicando concordância com as explicações de Zanotto. Além disso, Daniela Lima, enquanto tenta interromper Paolo Zanotto para passar o turno para Marcos Boulos, faz duas tentativas de assalto ao turno utilizando a palavra “perfeito” e, quando consegue, inicia sua fala com outro “perfeito”. E, ao realizar seu turno (intervenção 3), para passar a palavra ao médico Marcos Boulos, reformula o discurso de Zanotto apagando o que ele diz sobre a ineficácia da cloroquina e o apoio ao uso de um protocolo que combina três medicamentos, para, em seu lugar, recuperar apenas a defesa do uso da cloroquina combinada com outros medicamentos, em pacientes com sintomas iniciais da covid-19 (QUADRO 3).

QUADRO 3 – Transcrição da intervenção 3 de Daniela Lima

20	DL	perfeito doutor ... eu vou tentar aqui eu preciso
21		interromper os senhores algumas vezes quando os
22		senhores se alongam porque eu preciso garantir uma
23		igualDAde de TEMpo de FAla ... para os dois ...
24		médicos - - agora vamos ouvir o doutor Marcos Boulos
25		... pode pegar de onde o seu colega éh deixou ele acha
26		que já não há mais... polêmica no uso ... da cloroquina
27		com outros medicamentos ... no início ... da doença

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (4'57"-5'21").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Na intervenção 3, a mediadora utiliza a entonação enfática (“igualDAde de TEMpo de Fala”) para relembrar sua responsabilidade por zelar pela igualdade de tempo dos participantes antes de, por meio de uma interrupção lexical, passar a palavra para o doutor Boulos. Assim, na segunda parte do excerto, notamos que Daniela Lima faz uma síntese que altera as palavras e o posicionamento de Paolo Zanotto, visto que ele

reconhece a ineficácia da cloroquina e defende o uso de hidroxicloroquina combinada com azitromicina e zinco. Ela diz: “ele acha que já não há mais polêmica no uso da cloroquina com outros medicamentos no início da doença” (linhas 25-27). Desse modo, ocorre uma reformulação que reproduz o posicionamento do presidente da República e, ao mesmo tempo, serve como um resumo deixado pela mediadora (“pode pegar de onde o seu colega deixou”) ao segundo debatedor que irá iniciar seu turno argumentativo. Diante de tais condições de produção discursiva, Marcos Boulos opta por demarcar claramente a dicotomização das oposições perante a questão (QUADRO 4).

QUADRO 4 – Transcrição da intervenção 4 de Marcos Boulos

28	MB	éh ... não existe polêmica porque ela não é indicada mesmo ... né? é esse é que é o problema ... não existe...
29		todos os trabalhos mais recentes ... mostram que
30		cloroquina não é medicamento que atua de maneira
31		persistente contra o vírus
32		NO paciente ... o que nós temos que lembrar nós temos
33		que lembrar
34		
35	PZ	((balança a cabeça negativamente e mostra o dedo
36		indicador fazendo um gesto de não))
37	MB	que vírus de um modo geral é a a reação do ...
38		medicamento para vírus não é um medicamento
39		disponível com facilidade ... existem muitos... a
40		necessidade de muitos trabalhos controlados para você
41		ver não só a eficácia como como as pessoas reagem a
42		esses medicamentos ... trabalhos recentes realizados
43		também mostram que quando se usou a
44		hidroxicloroquina em doses mais altas foi muito lesivo
45		tendo que ser interrompido o trabalho por causa de mor/
46		por ter aumentado o número de mortos ... eu acho que
47		neste momento doenças com vírus como esta ... elas
48		têm que ser tratadas como sintomáticos ... a
49		azitromicina é um antibiótico não atua no vírus ... éh o o
50		o caso da da cloroquina ela não é nem antiviral nem
51		antibacteriano ... é imunomodulador ... ele não deve ser
52		utilizado de rotina em doenças com vírus NESte
53		moMENto enquanto não tenham traBALhos que
		mostram um duplo controle que mostram a eficácia
		garantida desse tipo de medicamento

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (5'26-6'35").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Embora Zanotto tenha defendido o uso de um conjunto de medicamentos no tratamento precoce dos infectados pelo Sars-Cov-2, Boulos abre seu turno argumentativo (intervenção 4) com uma refutação à reformulação-síntese apresentada pela mediadora (linhas 25-27), exacerbando a dicotomização das oposições, ao dizer que não existe polêmica porque a cloroquina não é indicada para o tratamento da covid-19 (linhas 28-29). Enunciar a não legitimidade da polêmica com base na validade de suas próprias razões é uma forma de o debatedor atribuir a si a vitória na disputa e desqualificar os argumentos do outro. Contudo, Boulos não faz ataque à pessoa ou desqualificação do adversário, mas sim refutação aos argumentos.

Boulos questiona a polêmica, mas está no jogo da interação argumentativa, por isso passa a apresentar suas razões para justificar seu ponto de vista. Afirma categoricamente que estudos mais recentes não indicam a cloroquina no tratamento de pacientes contaminados pela covid-19 e utiliza a prosódia enfática para destacar a necessidade de “trabalhos controLAdos” para “doenças com vírus NESto moMENTo” da pandemia (fase inicial).

Diferentemente de Zanotto, que argumenta pelo lugar da quantidade, apresentando grande volume de informações para o pouco tempo de debate, Boulos confronta o posicionamento de Zanotto (intervenção 2) e o da mediadora (intervenção 3), questionando a “virtude do número” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 100). Argumenta, portanto, que as pesquisas confiáveis precisam considerar as reações dos pacientes e a evolução dos experimentos (alguns estudos precisaram ser interrompidos), além de comparar os resultados entre os pacientes (“duplo controle”) ao longo de um tempo, para comprovar a eficácia do uso da cloroquina, o que permite defender a não utilização do medicamento em nenhuma fase da apresentação de sintomas. Na troca, essa estratégia argumentativa tem o efeito de relativizar o valor positivo atribuído ao grande volume de trabalhos elencados. Essa estratégia articula-se com a refutação da alegação do outro debatedor, pois refutar o volume de argumentos apresentados não pelo lugar da quantidade mas pelo lugar da qualidade funciona como argumentação por etapas, ou seja, é uma preparação para a refutar a tese “há muitos trabalhos que garantem o sucesso do medicamento” com a tese “esses trabalhos não são pesquisas com duplo controle, portanto não mostram a eficácia desse medicamento” (linhas 50-53).

Diante das declarações iniciais de Boulos, Zanotto reage imediatamente e passa a emitir reguladores negativos paraverbais, balançando a cabeça negativamente e apontando o dedo indicador para a tela em sinal de discordância total (linhas 33-36), enquanto Boulos sustenta sua intervenção, configurando aí uma superposição de turno. São apenas três segundos de manifestação gestual para se opor ao que estava sendo defendido por Boulos, mas é o suficiente para marcar o desacordo. E essa superposição de fala é retomada pelo mediador Evandro Cini (QUADRO 5), ao verbalizar o desacordo discursivizado gestualmente por Zanotto.

QUADRO 5 – Transcrição da intervenção 5 de Evandro Cini

54	EC	doutor éh Paolo ... a gente percebeu aí durante o início
55		da fala do doutor Marcos Boulos que você já sinalizou
56		né como se fosse ali contrário aquilo ... o porquê disso?

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (6'35"-6'45").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

O mediador, quando diz a palavra “sinalizou” (linha 55), repete o gesto do indicador para indicar negatividade (em 6'41"), marcando a dicotomização das oposições antes de fazer a passagem do turno ao outro debatedor, o que é realizado logo após uma pausa que introduz a pergunta à qual Zanotto deve responder. Na abertura do novo turno argumentativo (Quadro 6), Zanotto desconsidera os argumentos reunidos por Boulos e aproveita a pergunta do mediador para promover o descrédito de seu oponente.

QUADRO 6 – Transcrição do excerto da intervenção 6 de Paolo Zanotto

54	PZ	porque ele está totalmente equivocado... éh:: por exemplo ele acha que a azitromicina funciona como um antibiótico no caso da ... da replicação do covid ... do do coronavírus quando na verdade a azitromicina está fazendo um <i>shut down</i> mitocondrial ... e a hidroxicloroquina é muito bem estudado já DESde 2003 qual é o impacto dela antiviral na cuestão da ... da ... dos coronavírus ... dos alfavírus ... dos flavivírus ... inclusive de <i>influenza</i> ... quer dizer eu acho que eu eu gosto muito do Marcos mas ele tá desinformado ... eu vou passar para ele uma lista de mais de trinta e cinco trabalhos quando encerrar isso aqui para que ele se informe e leia ... e depois é o seguinte ... eu falei ah no início de que haviam vários trabalhos sendo publicados recentemente sobre o uso precoce de fato eu vou passar todos eles para ele ... e agora ele fez uma afirmação aí totalmente equivocada também ... ele falou que o uso ... em doses altas ... é da hidroxicloroquina causou mortes ... SIM, Marcos, causou mortes porque as pessoas em Manaus usaram doses letais de cloroquina sem o total respeito pelo que foi determinado em 1988 pelo Runne U mostrando que a dose letal é cinco gramas éh:: de hidroxicloroquina ... eles administraram de sete a doze ... então é por isso que as pessoas morreram Marcos ... então isso tudo é importante que seja bem colocado pro público ... e tem outro fator essencial para o que ele tá falando ... a maior parte dos trabalhos que ele tá citando ... são trabalhos que foram feitos ... com pacientes ... tarDIOS na infecção onde a eficácia de antivirais favipiravir kaletra ... remdesivir ... até a ivermectina são éh cuestionáveis ...
84	EC	doutor Paolo ((em 8'50''))
85	PZ	isso vale não só para a hidroxicloroquina mas pra qualquer antiviral

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (6'46"-8'55").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Na intervenção 6, o diálogo erístico está configurado logo no início a partir da afirmação de que Boulos está “totalmente equivocado”, o que configura uma atitude fechada, conforme Walton (1998), que rejeita aceitar os argumentos do outro colega, o que exigiria admitir

que estava incorreto desde o início de sua participação. Notamos que algumas expressões marcam a negação dos argumentos alheios ao longo da intervenção 6: “está totalmente equivocado” (linha 54), “ele tá desinformado” (linha 63), “vou passar uma lista de mais de trinta e cinco trabalhos [...] para que ele se informe e leia” (linhas 63-65), “afirmação totalmente equivocada também” (linhas 69-70). Há uma única afirmação amistosa: “eu gosto muito do Marcos” (linhas 62-63), que vem acompanhada de um “mas ele tá desinformado” (linha 63), marcando após o uso do operador argumentativo “mas” a ideia que se pretende reforçar.

Podemos considerar um ato de fala de impolidez direta⁷ o fato de Zanotto chamar explicitamente um colega, em rede nacional, de desinformado e de alguém totalmente equivocado. Tais expressões atribuídas a um profissional que integra o Comitê de Contingenciamento do Coronavírus de São Paulo constituem uma forma de ataque à imagem do outro, não apenas um modo para expressar o desacordo em relação a suas ideias, o que colabora para a estratégia de descrédito do outro, cujo efeito argumentativo é torná-lo incapaz aos olhos de parte dos espectadores, desqualificando aquilo que ele diz como não merecedor de atenção.

Ademais, Zanotto sustenta sua preferência pelo lugar da quantidade ao afirmar existir muitos trabalhos científicos que reforçam a posição dele (mais de 35), mas essa estratégia serve para reforçar o quanto o adversário na discussão está desinformado em relação ao valor de seus posicionamentos.

⁷ Com base em Brown e Levinson (1987) e na releitura que Culpeper (1996, 2005) faz das estratégias de polidez dos primeiros para aplicá-las no domínio da impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) propõem uma subdivisão dos atos de impolidez em duas macrocategorias: as superestratégias e as metaestratégias. As superestratégias inspiram-se diretamente no trabalho de Brown e Levinson (1987) e são subdivididas em: atos de fala de (1) impolidez explícita (*bald on record*), (2) de impolidez positiva, (3) de impolidez negativa, (4) de impolidez indireta e (5) de retenção de impolidez; as metaestratégias são reduzidas ao sarcasmo/falsa polidez. Para detalhes, cf. Culpeper e Hardaker (2017); para uma visão geral das teorias da impolidez/descortesia e suas relações com a argumentação, ver Albarelli (2020). A impolidez direta refere-se a ataques à face positiva do outro, ou seja, à sua fachada, à sua reputação e credibilidade, ao seu desejo de ser aprovado socialmente.

Observamos também a configuração de um jogo performado diante de um auditório – “isso tudo é importante que seja bem colocado pro público” (linhas 77-78) –, ou seja, Zanotto não se preocupa apenas em opor-se em relação às posições de Boulos, mas quer que seus argumentos sejam bem compreendidos pelo público da CNN Brasil. A grande quantidade de pausas presente no excerto não rompe o contínuo da fala, mas a desacelera, fazendo-a “durar” mais, ou seja, configura-se uma fala que gradativamente lista os conhecimentos do virologista acerca do assunto em questão.

Notamos ainda um esforço de Zanotto para construir uma imagem de razoabilidade, conforme Van Laar (2010), uma vez que em três momentos distintos ele assente frente a algumas afirmações do colega – “sim, Marcos, causou mortes” (linhas 71-72), “as pessoas em Manaus usaram doses letais de cloroquina” (linhas 72-73), “as pessoas morreram” (linha 77). Contudo, trata-se de uma simulação de razoabilidade combinada a uma assertividade retórica, visto que Zanotto coloca lado a lado, em posição de equilíbrio, o que pode ser admitido como fato e os erros que provocaram cada uma das situações descritas, corroborando sua postura de médico sério, estudioso, competente, porque segue as mais recentes recomendações.

A recorrência de Zanotto aos trabalhos científicos publicados em torno do uso da hidroxicloroquina no início da manifestação dos sintomas de covid-19, quando utilizada a dosagem correta; o esforço em contrapor cada um dos argumentos apresentados por Boulos (QUADRO 4) e o detalhamento das explicações acerca de cada um dos medicamentos citados por ambos (QUADRO 6), configuram uma disputa (DASCAL, 1998), na qual Zanotto se esforça não apenas em esclarecer e orientar o público, mas em vencer o debate, ou seja, em ser reconhecido como aquele que tem sapiência e entende, como poucos, a questão colocada inicialmente pelos jornalistas. Esse é o tipo de reconhecimento que pode gerar adesão ideológica e atitudinal em relação ao uso da cloroquina, como observamos na análise dos comentários na seção 4.2.

Na continuidade, o mediador passa o turno para Boulos, que constrói uma contra-argumentação ao discurso de Zanotto, pois, além de refutar seus dados e desqualificar sua imagem e a do presidente da República, oferece outro ponto de vista ao espectador do debate. A intervenção 8 ocorre entre 9'08"-10'39", mas transcrevemos (QUADRO 7) apenas o excerto marcado pela argumentação erística.

QUADRO 7 – Transcrição de excerto da intervenção 8 de Marcos Boulos

87 MB (...) são trabalhos muito / que vão demorar muito tempo
 88 / os trabalhos que éh éh / - - eu também tenho claro /
 89 isso não é um debate para discutir quem quem tem
 90 razão ou não () - - as principais revistas médicas do
 91 mundo têm mostrado éh que os trabalhos ultimamente
 92 descreditavam a cloroquina no tratamento de pacientes
 93 com coronavírus como qualquer doença por vírus (...)
 94 (...) tanto é que veja todas as grandes () associações
 95 médicas dos países do mundo não não () aceitam o uso
 96 desse medicamento ... quem tem usado mais quem tem
 97 falado mais são pessoas de laboratório que não têm
 98 contato com paciente ou principalmente pessoas que
 99 não entendem de saúde de medicina como o presidente
 100 e outras pessoas mais, não é?

Fonte: Canal CNN Brasil no Youtube (9'41"-10'39").

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Basicamente, o esquema argumentativo da contra-argumentação de Boulos consiste em:

- Dado: a covid-19 é uma doença nova;
- Lei de passagem: estudos de medicamentos para doenças novas, com seres humanos, levam tempo para obter resultados satisfatórios;
- Alegação: (é muito pouco provável) que já existam medicamentos comprovadamente eficazes para tratar a doença.

Esse contra-argumento de Boulos desenvolve-se em quatro etapas: (1) explicação do procedimento da pesquisa clínica com medicamentos e seres humanos, reforçando a imagem de especialista de Boulos anteriormente desqualificada por Zanotto; (2) menção à existência de estudos clínicos que refutam os dados de Zanotto; (3) inserção de comentário (linhas 88-90), para sustentar sua argumentação pela qualidade em oposição à quantidade e assumir nesse momento o papel actancial do Terceiro, afirmando que tal debate é contraproducente diante da necessidade de construir soluções para a crise, o que busca encerrar a disputa pelas citações e oferecer outro ponto de vista ao debate; (4) construção do argumento pelo modelo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 413-419), apresentando, como modelo a ser seguido, as associações médicas que não aceitam o uso desse medicamento e, como

antimodelo a não ser seguido, pessoas que não entendem de saúde como o presidente (linhas 94-100), desqualificando, indiretamente, seu oponente.

Em seguida, Daniela Lima (intervenção 9) passa a palavra para Paolo Zanotto, mas, desta vez, não emite comentário acerca da fala precedente. Zanotto, então, sustenta sua argumentação de que falta informação a Boulos, citando situações observadas no Arizona (EUA), a posição da *American Association of Physicians and Surgeons* e outros trabalhos acadêmicos, para ilustrar a regra de que Boulos desconhece as ações em curso mundo afora. Esse tipo de argumentação pelo acúmulo de dados promove a percepção de que a contra-argumentação de Boulos é insuficiente, atribuindo-lhe a imagem de debatedor despreparado para o debate, o que valoriza a imagem e o posicionamento de Zanotto.

Ao voltar a receber a oportunidade de participação, Boulos insiste que uma investigação confiável precisa comparar um grupo de pacientes que recebeu a medicação com outro que não a recebeu, e isso não foi encontrado em nenhum dos trabalhos citados pelo colega. Reafirma que somente doenças virais, conhecidas por longa data, passam por estudos que desenvolvem medicamentos específicos para salvar vidas. Neste ponto, com base no ato de duvidar, começa a introduzir um olhar diferenciado para a questão proposta: ao invés de discutir o uso (ou não) da cloroquina, não valeria a pena pensar em alternativas para salvar pessoas? E, antes de finalizar sua penúltima participação, Boulos denuncia que alguns dos trabalhos citados pelo colega não apresentam confiabilidade (“alguns trabalhos não confiáveis que foram debatidos aqui”, 14’29-14’33), mas isso é totalmente desconsiderado tanto por Zanotto quanto pelos mediadores.

Por fim, a sequência de conclusão é introduzida pela mediadora (em 14’40”), que solicita a Zanotto a conclusão de sua intervenção. Ao retomar a posição inicialmente apresentada, o virologista insiste nos trabalhos conhecidos por ele que defendem o uso da hidroxicloroquina; contrapõe-se à necessidade de estudos com pessoas não tratadas, quando se trata de um fármaco conhecido há bastante tempo e insiste em propor que o colega se informe em relação ao que está acontecendo em todos os países que estão utilizando a hidroxicloroquina, a azitromicina e o zinco, por ser um número que cresce semanalmente, por isso se dispõe a mandar uma longa lista de artigos para Boulos.

A mediadora passa a palavra a Boulos, que, ao iniciar suas considerações finais, assume o papel actancial de terceiro e configura um outro viés para a questão: apesar do debate ser importante, o infectologista

insiste que não é a cloroquina que fará a diferença no combate à pandemia, visto que, ao observar o que está acontecendo no mundo, são as políticas públicas claras, com papéis bem definidos, que podem garantir uma linha de ação unificada, com isolamento social, que possibilite evitar o contágio pela doença. Afirma que isso é prioritário, pois todos os medicamentos têm uma atuação muito discreta depois da contaminação. Ao opor-se à visão do colega, ressalta que a discussão teórica, acadêmica, não salva vidas, por isso não é prioritária (mais uma vez Boulos é refutado por Zanotto, por meio do balanceio de cabeça para indicar negação).

Daniela Lima agradece aos médicos e encerra o debate. Apesar de, reiteradamente, a mediadora ressaltar que se preocupa em garantir o mesmo tempo de participação para ambos, Zanotto totalizou 8'12" de fala, enquanto Boulos 5'56". Também pudemos perceber que os mediadores participaram ativamente do debate ao sintetizar as ideias de um deles antes de passar ao outro ou ao introduzir um tópico na discussão sem que tenha sido escolhido pelo opositor. Essas atitudes mostraram que, em mais de uma ocasião, os mediadores assumiram o papel actancial de propositores que instigaram novas formas de confrontação de ideias.

Por se tratar de um debate circunscrito por uma questão polêmica, observamos que a argumentação erística foi concretizada em vários momentos, por meio de manifestações verbais e gestuais, apesar de haver esforços no sentido de manter a polidez. Mostramos que, nesse tipo de argumentação, não se observam mudanças no posicionamento dos adversários, por isso notamos que até o final do debate cada um dos médicos reafirma os argumentos do díptico inicial.

Passemos ao exame de como os usuários reagiram ao debate na área destinada aos comentários do público no YouTube.

4.2 A argumentação nos comentários

Conforme anunciamos na seção 3.2, na qual discutimos os procedimentos metodológicos para a análise dos comentários, debruçamo-nos nesta seção na descrição e na interpretação de uma cadeia de nove comentários sobre a questão da (in)eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19, discussão essa que se mescla ao debate sobre a sua aplicação ou não como tratamento no Brasil. A interação começa com um comentário-disparador que obteve alto engajamento do público-spectador, com 132 curtidas. Vejamos o grafo (QUADRO 8) que representa a cadeia sob análise.

QUADRO 8 – Interação entre comentadores do vídeo

Diagrama de fluxo de comentários:

```

    graph TD
      CNN[CNN] --> MC1[MC(1)]
      CA1[CA(1)] --> MC1
      CA2[CA(2)] --> MC1
      AN[AN] --> MC1
      RC[RC] --> MC1
      MC2[MC(2)] --> LC[LC]
      MC2 --> SM[SM]
      SM --> LC
      LC --> MC2
      MC2 --> JC[JC]
      JC --> MC1
  
```

Usuário	Nível	Comentário	Curtidas
MC(1)	2	Tem artigo do pai do Boulos defendendo a segurança da hidroxicloroquina para GRÁVIDAS COM chikungunya e agr ele afirma ser negativo? HAHAHAH	132
CA(1)	3	Mas o que esperar de um homem que educou o filho pra ser um comunista invasor de propriedades alheias?? Quem confia num médico desse??	13
CA(2)		Esse homem é no mínimo um mau caráter.	9
NA		Sério que esse Dr. Boulos, é pai do candidato eterno a presidente Boulos, aquele que entra em inovações, para se apropriar de imóveis? kkkkkk Tá explicado.... Kakakakaka	6
RC		HIPÓCRITA... como todo esquerdistas !	4
LC		A dose usada p tratar covid19 é 3 vezes mais alta que a dose usada regularmente. Isso aumenta as chances de efeitos colaterais severos e morte	1
JC	4	desculpe-me mas minha esposa usa essa medicação há 3anos na dosagem dada no 1º dia de tratamento da Covid, que é o dobro dos outros 4 dias. Estou me baseando na recomendação, que vejo na mídia, dada para os médicos, nesse momento.	4
MC(2)		não é. A dose é de 800 mg no primeiro dia e dps de 400 por 4 dias. Se informe. Do contrário fica evidente q mente descaradamente.	3
SM		vc está mal informada. Doses acima da prescrição foram usadas em um estudo criminoso que levou pacientes à morte apenas para desacreditar o remédio. As dosagens recomendadas para pacientes com a praga chinesa NÃO excedem a dosagem máxima permitida. E a hidroxicloroquina PRECISA ser associada ao zinco para que o tratamento seja efetivo. O mundo está usando com sucesso. HCQ foi criada no Brasil, por um paraense, há 88 anos, e está até hoje sendo usada para a malária, lúpus, e outras doenças. É barato, por isso os políticos odeiam.	-

Fonte: Elaboração própria a partir de comentários publicados no YouTube.

Disponível em: <https://youtu.be/xwKCs652ZCg>

O comentário-disparador (MC(1)) já demarca o tom erístico que permeia a cadeia selecionada, na qual poderemos observar a manifestação de um conjunto variado de fenômenos interativo-argumentativos. Veremos, ao longo da análise, como um conjunto de seis argumentadores acaba formando uma coalizão argumentativa em torno do referido posicionamento disparador, orientado a atacar a imagem do médico Marcos Boulos, subtraindo-lhe autoridade e credibilidade, para, assim, (1) explicitar a diferença de posicionamento entre grupos, sedimentando as distinções que segregam o endogrupo (*nós*, os defensores da cloroquina) e o exogrupo (*eles*, os detratores da cloroquina) textualmente construídos, processo que tem efeito na coesão endogrupal; (2) potencialmente persuadir o espectador Terceiro, aquele que ainda pode estar em dúvida sobre a questão, a aderir ao posicionamento de que a cloroquina é eficaz e deve ser utilizada no tratamento da covid-19 no Brasil.

Vejamos, em detalhe, como esses dois efeitos são construídos ao longo da cadeia, começando pelos cinco primeiros comentários. Os quatro argumentadores que os constroem integram a já referida coalizão argumentativa, assumindo o papel de Oponente em relação à posição defendida por Boulos. Optamos por este corte, dado que o sexto comentário, de LC, representará uma crítica a esse posicionamento e um alinhamento a Boulos. Nesse sentido, será importante verificarmos o antes e o depois dessa intervenção.

O comentário MC(1) parte da denúncia de uma suposta incompatibilidade entre enunciados passados e presentes de Boulos para invocar nos leitores julgamentos de desonestidade e de impropriedade (MARTIN; WHITE, 2005) – mais especificamente, hipocrisia –, atitudes essas que são dirigidas a minar a plausibilidade da tese defendida por tal ator. Partindo da premissa de que Boulos teria escrito um artigo em que recomendava a hidroxicloroquina para tratamento do chikungunya, atribuindo a ela tamanha segurança que poderia ser aplicada a grávidas – termo destacado em caixa alta que atua no sentido de gerar contraste, na medida em que recupera o discurso de que grávidas constituem um grupo vulnerável para o qual não se recomendam medicamentos potencialmente danosos –, o Oponente faz uma contraposição com o debate presente, em que o médico rejeita o tratamento de covid-19

com hidroxicloroquina, denunciando tal incompatibilidade⁸ a partir da marcação gráfica de risada: *HAHAAH*. As risadas atuam, no enunciado, como pistas do posicionamento do argumentador, que parece implicitar ser ridícula ou absurda tamanha contradição, colocando em descrédito a posição do médico. Vemos, portanto, nesse enunciado, a construção de um argumento *ad hominem circunstancial*, definido por Walton (2010) como aquele em que se reduz a plausibilidade da tese pela denúncia de uma incompatibilidade entre aquilo com que o enunciador anteriormente se compromete e aquilo com que o enunciador atualmente se compromete.

Tal tipo de perspectivação, contudo, parece requisitar uma hipótese explicativa, um raciocínio abdutivo de sustentação: “o que levaria um médico a agir de forma tão hipócrita, mudando de posição”? Ao longo das várias cadeias de comentários, hipóteses distintas são levantadas; na conversa em pauta, contudo, elas parecem se reduzir a uma ligação de coexistência entre *ser hipócrita, ser comunista, ser mau caráter, ser pai de Guilherme Boulos/de invasor de propriedade alheia e pregar a ineficácia da cloroquina*, associações essas que acrescentam um traço político à constituição do endogrupo dos defensores da cloroquina, aparentemente filiados a um discurso da nova direita brasileira.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), ligações de coexistência são um importante tipo de argumento baseado na estrutura do real. Argumentos baseados na estrutura do real são aqueles que partem de uma crença, de um juízo supostamente já admitido, ou seja, aceito por um dado auditório, para, assim, promover adesão a uma tese dele derivada. No caso das ligações de coexistência, cujo protótipo é o elo entre o ato⁹ e a pessoa, trata-se de partir do que está acordado sobre um modo de avaliar um ato, transferindo tais propriedades para a pessoa ou, inversamente, partir do que está admitido sobre uma pessoa, a fim de causar uma nova avaliação sobre seus atos.

⁸ A incompatibilidade se sustenta em uma analogia em que se transferem os benefícios de uma medicação utilizada para o tratamento de uma doença, a chikungunya, para outra doença, a covid-19, tendo como elemento em comum o fato de ambas as doenças serem virais.

⁹ Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 339): “Por ato, entendemos tudo quanto pode ser considerado emanação da pessoa, sejam eles ações, modos de expressão, reações emotivas, cacoetes involuntários ou juízos”.

Os comentários CA(1) e AN ecoam a mesma hipótese explicativa: a hipocrisia era esperada, na medida em que o argumentador – representante do posicionamento do exogrupo, favorável à cloroquina – é pai de um *invasor de propriedades alheias*, de alguém que se *apropria de imóveis*. Logo, há, nesse discurso, uma ligação de coexistência entre *ser hipócrita* e *ser pai de invasor de propriedade alheia*.

Ainda no âmbito desses comentários, consideramos importante ressaltar – conforme podemos observar em AN – como a construção *Tá explicado*, seguida de risadas *Kakakakaka*, sinaliza o trabalho abdutivo promovido na interação, mostrando o engajamento dos interlocutores na busca de uma explicação para a incompatibilidade, visto que, aparentemente, é apenas com a leitura de CA(1) que AN descobre que o referido médico é pai de Guilherme Boulos, dado esse que parece alcançar coerência no conjunto de crenças desse último comentador.

Ainda no que concerne ao comentário AN, as risadas novamente parecem exercer relevante função: no caso, indiciam a construção de uma comunidade de valores partilhados, o reconhecimento da similaridade de posicionamento e de pensamento, o chegar a uma explicação que já deveria ser óbvia para o endogrupo, considerando as avaliações já compartilhadas entre seus membros sobre quem é Guilherme Boulos, o filho do médico, que fora tanto candidato à presidência em 2019, quanto à prefeitura de São Paulo, em 2020, pelo PSOL, partido filiado à esquerda política. Tal teor de “obviedade”, de confirmação de expectativa é evidenciado, em CA(1), pela enunciação de duas perguntas retóricas (*Mas o que esperar de um homem que educou o filho pra ser um comunista invasor de propriedades alheias?? Quem confia num médico desse??*), cujas respostas esperadas naquela discursividade são *nada* e *ninguém*.

Além da ligação de coexistência entre *ser hipócrita* e *ser pai de invasor de propriedades alheias*, CA(1) e RC ecoam o elo entre *ser hipócrita* e *ser esquerdista/comunista*.¹⁰ Em RC, o elo chega a ser universalizado: *HIPÓCRITA... como todo esquerdista!* Nesse sentido, o que depreendemos é que a coexistência é estrategicamente empregada como um ataque não só à pessoa de Marcos Boulos – o que caracterizaria,

¹⁰ Consideramos que há uma sinonímia local entre *esquerdista* e *comunista*, em alinhamento a discursos da nova direita brasileira que utilizam os termos intercambiavelmente e de forma pejorativa para atacar qualquer posicionamento político economicamente anti(neo)liberal e socialmente anticonservador.

para Walton (2010), um argumento *ad hominem* direto, cujo objetivo central não difere da variante circunstancial, a saber, a redução da plausibilidade do posicionamento do outro –, mas ao exogrupo como um todo.

Trata-se, portanto, de um enunciado que atua no sentido de ofender o exogrupo, de associá-lo com valores negativos, como *hipocrisia* – e talvez até *mau caratismo*, caso o entendamos, a partir de CA(2), como uma característica que não se restringe apenas a Marcos Boulos, mas todos aqueles que são como ele –, de forma a consolidar a coesão do endogrupo e de seus valores, dicotomizando-o em relação à esquerda e atribuindo-lhe, assim, valores condenáveis, como, por exemplo, o descaso com a vida (“como ignorar um remédio que pode oferecer chances de cura contra uma doença de tais proporções?” parece ser o clamor de vários desses comentadores) ou ainda a desinformação/desconhecimento (conforme podemos depreender dos três últimos comentários).

Os ataques, portanto, não só ao médico, como também a todo o exogrupo configuram, assim, estratégias de impolidez positiva de coesão endogrupal e de distinção intergrupal. O endogrupo ri, se diverte, enquanto seus enunciados geram efeito de sarcasmo sobre o outro, procedimento que parece construir o endogrupo como dotado de valores morais e conhecimentos superiores. Marcos Boulos acaba tornando-se o alvo da bolha ideológica, o centro de um conjunto massivo de ataques orientados a suprimir essa outra posição do debate, sem necessariamente discutir os argumentos de fato levantados e a sua pertinência. É nesse sentido, em especial, que o erístico se manifesta nesse quinteto de comentários: o outro lado da questão, o posicionamento do grupo à esquerda, deve ser eliminado do debate público; seus atores, execrados; e o núcleo da questão – os dados pró e contra à eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19 em si –, negligenciados.

A oposição de pontos de vista apenas se faz presente, contudo, no sexto comentário (LC). Assumindo como fato que *A dose usada para tratar covid-19 é três vezes mais alta que a dose usada regularmente*, o argumentador se vale de uma ligação de causalidade para concluir que a probabilidade de ocorrerem efeitos colaterais adversos severos e mortes é maior. Considerando tratar-se de um comentário de nível 3, que responde a MC(1), ele pode ser interpretado como uma tentativa de justificar o posicionamento de Marcos Boulos, dissolvendo assim a posição de MC(1) de que o médico estaria sendo hipócrita. No caso,

não haveria hipocrisia porque as doses seriam diferentes: no tocante ao combate à chikungunya, o médico recomendava o uso porque a dose era três vezes menor, o que reduzia a chance de efeitos perigosos; no caso da covid-19, seria diferente. Vemos, portanto, que LC atua como Oponente da coalizão anterior, realizando uma argumentação abdutiva orientada a restaurar a credibilidade do médico e, nesse processo, a informar aos outros participantes o que estaria – em sua perspectiva – de fato ocorrendo. Consequentemente, a atitude de oposição de LC a filia à posição de Boulos contrária à eficácia do composto.

Seguem a este comentário três posições orientadas a refutar a explicação de LC. Conversacionalmente, são três heterocorreções (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2015) com distintos níveis de profundidade tópica e com graus variados de (im)polidez. Uma vez que a dinâmica interacional, que se estende no tempo, é fundamental para o modelo dialogal, analisaremos os comentários em ordem, começando por JC.

Contrastando com a postura erística dos outros participantes, o comentarista inicia sua intervenção por um ato de fala de polidez negativa (BROWN; LEVINSON, 1987) – *desculpe-me* –, sinalizando previamente que sua posição será distinta e que o que dirá poderá expor LC, demarcando, assim, respeito pelo outro, apesar da discordância. A correção volta-se a questionar o conteúdo proposicional da argumentação anterior, com base em uma experiência pessoal: a esposa do ator estaria usando cloroquina há três anos na dosagem mais alta recomendada para tratamento da covid-19 (segundo o que ele ouve dos médicos que tratam do assunto na mídia). Nesse sentido, o que JC faz é fornecer um exemplo¹¹ que contrasta com o que LC enuncia, de forma a construir uma refutação a seu argumento em defesa da credibilidade de Boulos.

No caso em questão, o desacordo não se dá primordialmente sobre a dosagem em si – embora possamos inferir que haja algum “ruído” a esse respeito –, mas sobre os seus possíveis efeitos, ou seja, sobre a “regra” de causalidade que liga as supostas altas doses de cloroquina recomendadas para tratar a covid-19 e seus efeitos adversos que podem

¹¹ Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), “a argumentação pelo exemplo [...] supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares” (p. 399) e deve “usufruir de estatuto de fato, pelo menos provisoriamente” (p. 402).

culminar em morte. Afirmar que a esposa toma cloroquina há anos na maior dose recomendada para a covid-19 não é um argumento que corrige a dosagem, mas é um argumento que mostra o quanto a droga não é nociva, uma vez que a esposa vive e, aparentemente, sem efeitos colaterais graves. É contra essa regra que JC se posiciona, construindo, portanto, um exemplo que é tomado como fato (não há desdobramentos na interação que questionem se, de fato, a esposa toma ou não cloroquina e se não teve mesmo reações adversas) e que, portanto, pode atuar na rejeição da regra, ecoando as crenças prévias do endogrupo favorável ao uso do medicamento. Nesse processo, a intervenção de JC acaba contribuindo para o reforço do ataque à credibilidade de Boulos.

Nesse ponto, cabe fazermos um importante destaque metodológico: na prática, não há nada no enunciado de JC que explicitamente conecte sua fala à credibilidade de Boulos. Contudo, isso é possível de ser mapeado quando se consideram as interações entre os comentadores com base nos distintos níveis de análise. Em outros termos, como LC é Oponente de MC(1), que ataca a credibilidade de Boulos por meio de um *ad hominem* circunstancial, e JC é Oponente de LC, que buscou resgatar a credibilidade do médico ao mostrar possíveis diferenças da dosagem do remédio e suas consequências, buscando, assim, explicar a mudança na recomendação, torna-se viável analisar o impacto da correção de JC, calcada em um exemplo que contraria o dito de LC, em termos da sua relação com MC(1), no segundo nível. É ainda viável mostrar como isso se relaciona com o vídeo da CNN, no primeiro nível, na medida em que a posição de JC se torna um argumento não em prol da eficácia da hidroxicloroquina, mas um argumento contrário à sua rejeição com base em supostos efeitos colaterais danosos, o que tornaria JC indiretamente Oponente de Boulos. Logo, o que vemos é a importância do mapeamento das intervenções em níveis como forma de compreender o jogo das perspectivações (para propor, opor-se ou questionar) em função do todo.

O ator MC volta à disputa nesse momento e retoma a postura erística com que inicia a cadeia de comentários. Sem preocupação com a face do outro, procede a uma heterocorreção sem reparos – *não é* –, contraindo o espaço dialógico da interação de forma a desestimular posições discordantes, conferindo um estatuto irreal ao enunciado de LC (*A dose usada p tratar covid19 é 3 vezes mais alta que a dose usada regularmente*). O efeito de tal ato de fala parece estar ligado à tentativa de eliminar a concepção de LC do domínio dos pontos de partida – ou

seja, daquilo que é acordado entre aqueles que assumem tanto o papel de Proponente quanto o de Oponente – dessa argumentação como um todo.

Após informar qual seria supostamente a dose certa, MC(2) parte para dois atos de fala de impolidez positiva direta, segundo tipologia de Culpeper e Hardaker (2017), orientados ao ataque à face positiva de LC (*Se informe. Do contrário fica evidente q mente descaradamente*). A contraposição intersentencial, marcada pelo operador *Do contrário*, acaba implicitando, de um lado, ou que a interlocutora é julgada como desinformada – logo, incapaz de contribuir genuinamente para a discussão –, ou que ela age de má-fé, na medida em que não se constatando a desinformação, a única hipótese plausível que explicaria o seu comportamento seria a de que se trata de uma *mentirosa descarada*. Vemos, portanto, que além da correção de ordem factual, MC(2) também realiza um *ad hominem* direto que complementa sua intervenção, cuja orientação parece ser a de atingir a credibilidade de LC e, por conseguinte, apoiar a coalizão de que faz parte no sentido de retratar Boulos e deslegitimar o discurso contrário à eficácia da hidroxicloroquina.

Um ponto discursivamente relevante de se ressaltar neste momento é o quanto a incidência de ofensas parece ser comum nesse tipo de interação erística. Mais do que apenas um ato de fala orientado a um suposto desmascaramento do outro, os múltiplos atos de impolidez parecem constituir um padrão interacional esperado: espera-se que uma coalizão argumentativo-discursiva adote violência verbal contra a outra posição e, portanto, contra aqueles que a defendem, de forma a gerar engajamento da bolha ideológica e ratificação de seus valores, de suas crenças, de seus comportamentos. Parece ficar em segundo plano a ponderação,¹² entendida como essa capacidade de escutar o outro e de considerar seriamente seus posicionamentos e argumentos como dignos de atenção e respeito (não necessariamente de adesão – e isso deve ficar claro), para que, assim, seja tomada uma decisão razoável sobre aquilo que é preferível. De fato, na esteira de Dascal (1998), Walton (1998) e van Laar (2010), trata-se de um jogo em que se busca vencer; mas mais do que isso: de um jogo em que concepções e valores arraigados não podem ser postos em risco e devem ser reiterados a qualquer custo, o que abre espaço para que os participantes, legitimamente, empreguem um

¹² Tal noção de ponderação incorpora ideias presentes na discussão sobre racionalidade manifesta de Johnson (2000) e sobre competência argumentativa de Grácio (2010).

conjunto de ferramentas sociossemióticas para cimentar suas posições, dentre as quais a impolidez.

Por fim, SM coroa a cadeia com a reprodução de uma série de posições e argumentos que permeavam – e que, de alguma forma, ainda permeiam – a discussão sobre a hidroxicloroquina nos círculos da nova direita brasileira. De forma análoga ao que faz MC(2), SM inicia sua intervenção fazendo uma correção sem nenhum reparo (*vc está mal informada*), diferentemente do que faz JC ao desculpar-se antecipadamente. Novamente, o que se faz é buscar minar a aceitabilidade de um dado, de um ponto de partida. É, contudo, o que ocorre na sequência que é mais interessante e que se diferencia do que vimos até este momento da interação.

Primeiramente, SM concede a JC no tocante às doses acima do recomendado; contudo, restringe tal fato a um estudo que categoriza como *criminoso* e que teria levado pacientes à morte. Categorizar como *crime* é essencial nessa perspectivação, tendo em vista que, dessa forma, acaba-se restringindo os possíveis efeitos adversos do medicamento a seu mau uso. O mais relevante, todavia, é a construção de uma finalidade, escopada pelo operador de restrição *apenas: apenas para desacreditar o remédio*. Nesse sentido, o que SM acaba por defender é que o discurso que rejeita a eficácia da cloroquina parte de evidências manipuladas, ou seja, de estudos em que o medicamento foi mal utilizado por *criminosos* que tenta(ra)m sabotar a aplicação massiva do composto deliberadamente.

Ao mesmo tempo, portanto, que isso pode ser um argumento (ainda que conspiratório) para se rejeitarem os dados sobre os impactos negativos do remédio que sustentam a defesa de sua não aplicação¹³ – atingindo assim o argumento pragmático¹⁴ de que se vale

¹³ É importante perceber, nesse caso, que não se trata de argumento que defende a eficácia nem a ineficácia da cloroquina, mas de argumento orientado a refutar os dados que sustentam a defesa de sua não aplicação, calcada nas consequências negativas de seu uso. No fundo, portanto, trata-se de argumentação que visa minar a Base (TOULMIN, 2006) – a origem dos dados – que sustenta o argumento pragmático.

¹⁴ Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 303) definem o argumento pragmático como “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis”. No caso, um dos pontos de que se vale Boulos para defender a não aplicação massiva da cloroquina (*ato*) são justamente seus potenciais efeitos nocivos à saúde, dado que o uso da medicação pode aumentar o risco de quadros derivados que podem levar à morte (*consequências negativas*).

o exogrupo representado por Boulos, Oponente da aplicação massiva da hidroxicloroquina –, tal segmento também pode caracterizar-se como uma tese, que requisita defesa (a propósito, ela será fornecida ao final do turno). A pergunta “o que se ganha tentando desacreditar um remédio que, em tese, é efetivo no tratamento de uma doença pandêmica?” certamente se encontra no horizonte de expectativas, especialmente quando se considera um leitor em dúvida, querendo se informar, ou seja, um Terceiro. Nesse sentido, fornecer um argumento em prol de tal visão só faz sentido em termos dessa visada ao Terceiro, dado que, no endogrupo da direita conservadora, esse ponto de vista já tende a estar consolidado em seu repertório e, no exogrupo da esquerda, a tese é provavelmente avaliada como conspiratória; logo, indigna de atenção.

Tal argumento é exposto no último período do texto, no qual o comentador se vale da apreciação *barato* para justificar o ódio político ao remédio. O elo entre tal argumento e a hipótese conspiratória não ocorre explicitamente, requerendo alta inferenciação por parte do leitor. A ideia de que *políticos odeiam coisas baratas* parece estar associada a uma presunção de senso comum de que *políticos sempre querem lucrar* ou *sempre agem em benefício próprio*. Na discussão como um todo – que extrapola o recorte do *corpus* aqui realizado –, um dos principais argumentos levantados é o de que os políticos lucrariam com contratos superfaturados firmados no contexto de lotação dos hospitais¹⁵ ou ainda que os governos regionais receberiam verba do governo federal com cada morte por covid-19; nesse último caso, a base era um *fake news* de alta circulação nos grupos da nova direita.¹⁶ Tal rede de textos, é claro, alimenta a dicotomização discursiva e a polarização entre os grupos, aumentando o teor erístico da discussão.

Por fim, cabe ressaltar a visada informativa que o comentário também parece construir. Ao corrigir LC, SM também assevera que

¹⁵ Um dos comentários ao vídeo, que integra nosso *corpus*, mas, por razões de espaço, acabou sendo excluído deste artigo, explicita o que se encontra presumido em SM (colchetes nossos): *[a hidroxicloroquina] não interessa a políticos corruptos que querem hospitais cheios e muita gente morrendo para justificar estado de calamidade pública que lhes permita superfaturar contratos sem licitação*.

¹⁶ Segue verificação realizada pela Agência Lupa: #Verificamos: É falso que São Paulo recebe 16 mil reais para cada registro de morte por Covid-19. Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/25/verificamos-sao-paulo-16-mil-covid/>. Acesso em: 15 mar. 2021

as doses de hidroxicloroquina para tratar covid-19 – apreciada como *praga chinesa*, fomentando mais uma vez a polarização, posto que traz construção lexical que indica um posicionamento anti-China, típico da nova direita e da gestão do presidente Jair Bolsonaro – são adequadas, destacando o fato pela digitação em caixa alta do operador de negação *NÃO*, de forma a contrair o espaço dialógico da alternativa contrária, de maneira análoga ao que faz MC(2) quando inicia seu turno com *não é*. Mas SM vai além: também informa que *a hidroxicloroquina PRECISA ser associada ao zinco para que o tratamento seja efetivo*, reproduzindo um discurso que circula nesse grupo e que ecoa tanto o vídeo quanto o conjunto de comentários na plataforma do YouTube. Tal segmento é coroado pelo enunciado *O mundo está usando com sucesso*, construído linguisticamente como se fosse factual, de modo a incitar uma transferência do todo para a parte: *se o mundo está usando com sucesso, por que o Brasil não usaria?* Nesse ponto, vemos o comentador assumindo uma posição de Proponente da defesa da aplicação da hidroxicloroquina no Brasil;¹⁷ trata-se de uma construção argumentativa de menor teor erístico, mas repleta de desinformação. Cabe-nos talvez perguntar: em que medida a desinformação não seria uma nova faceta do diálogo erístico contemporâneo em mídias digitais? Cremos que se trata de um instigante objeto para novas pesquisas no âmbito dos estudos da argumentação.

5 Considerações finais

Os estudos sobre a argumentação erística derivam da Antiguidade Clássica. Logo, o tema não é novo, mas suas configurações hodiernas têm demandado novas reflexões e, com isso, distintos aparatos teórico-metodológicos para lidar com um fenômeno que, aparentemente, tem se

¹⁷ Ainda que pareça periférico à sua argumentação, não podemos deixar de mencionar que enunciar que o composto fora criado no Brasil e que é útil para outras doenças pode, por um lado, reforçar a adesão à sua visão, tendo em vista o ideário nacionalista do endogrupo, e, por outro, induzir um raciocínio analógico – já mencionado em nota de rodapé sobre MC(1) – que transfere para outra doenças os bons resultados da aplicação de um remédio a um dado conjunto de moléstias, argumentação essa que (embora bastante questionável) pode se fortalecer quando as doenças são todas virais, como é o caso de malária ou chikungunya – mas certamente não lúpus, cujas causas incluem fatores hormonais, infecciosos, genéticos e ambientais.

intensificado, em especial no âmbito das interações em mídias digitais. Neste artigo, defendemos que o modelo dialogal de Plantin (2008) consiste em um caminho produtivo para esse novo olhar, dado que permite articular o interacional, o linguístico e o argumentativo para o exame das práticas argumentativas concretas, situadas no âmbito da diferença perspectivada e tematizada de opiniões (GRÁCIO, 2010).

A análise do *corpus* – (1) um debate entre dois médicos sobre a polêmica em torno da (in)eficácia da cloroquina para o tratamento da covid-19 e (2) uma cadeia de comentários – mostrou como o debate promovido pela CNN Brasil apresenta deslizamentos entre um diálogo persuasivo, orientado para a formação de opinião e para a persuasão do auditório, e um diálogo erístico, em que o acirramento de posições, os ataques pessoais, a atitude fechada e a simulação de razoabilidade impregnada pela busca por assertividade retórica acaba configurando um jogo (VAN LAAR, 2010) em que a busca pela vitória diante do auditório se torna fundamental.

Além disso, observamos como, nas cadeias de comentário, o teor erístico é fulcral, marcado pelo constante assumir do papel actancial de Oponente, em intervenções marcadamente impolidas com ataques à credibilidade do argumentador Marcos Boulos por meio de *ad hominem* diretos e circunstanciais, ligações de coexistência que associavam a defesa de posições contrárias à eficácia e à aplicação da cloroquina a atitude como *ser hipócrita, ser esquerdista/comunista, ser pai de invasor de terras e ser mau-caráter*. Conforme discutimos naquele momento, tais estratégias, que vinculam a argumentação à impolidez, parecem orientadas não apenas ao ataque ao argumentador em si, mas a todo grupo que defende uma posição contrária ao uso da cloroquina, processo que contribui para a delimitação das fronteiras entre o endogrupo e o exogrupo e para a coesão endogrupal.

Claramente, o contexto de polarização política (especialmente relevante nesse debate sobre saúde pública) e as potencialidades do digital (principalmente, o processo de formação de bolhas ideológicas e a possibilidade de interação recíproca com outros atores de forma tanto síncrona quanto assíncrona) potencializam as oportunidades de confronto de posição que podem culminar na dicotomização de que fala Amossy (2018), criando, assim, condições propícias para a emergência do erístico.

Este artigo consiste, assim, em um esforço inicial para entender o funcionamento das interações erísticas contemporaneamente. Nesse

sentido, é também um convite para que mais pesquisas sejam realizadas no Brasil acerca de interações polêmicas na internet, a fim de que possamos compreender cada vez mais as formas de construção do debate público no Brasil e, inclusive, entender melhor as condições de emergência do erístico, suas formas de constituição, seus apelos, suas formas de validação social, bem como os meios para lhe oferecer ativa resistência.

Contribuição de cada autor

A organização do artigo foi realizada em parceria pelos três autores, mas houve mais dedicação de Isabel Cristina Michelan de Azevedo na concepção do trabalho, na organização da metodologia e da análise das doze intervenções do vídeo Debate 360; de Paulo Roberto Gonçalves-Segundo na fundamentação teórica relativa à impolidez e à discussão erística, na construção da metodologia de análise dos comentários relativos ao vídeo analisado e na análise de uma cadeia composta por nove comentários, além da composição das considerações finais; de Eduardo Lopes Piris na proposição do título, na fundamentação teórica relativa ao modelo dialogal, na transcrição e análise das intervenções relativas ao referido vídeo, além da revisão final.

Referências

ALBARELLI, A. P. *Uma análise da descortesia como estratégia de persuasão em interações polêmicas*: o debate político. 2020. 378f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020. DOI <http://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-18082020-170840>.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Piris e Moisés Ferreira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, 2011. DOI: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>

AMOSSY, R. “Uma guerra civil” na França: a polêmica pública após os atentados de 2015. Tradução de Angela Correa. In: PIRIS, E.; AZEVEDO, I. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio, 2018. p. 17-40. Disponível em: <https://kutt.it/3Ibtop>

- BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake News and The Economy of Emotions. *Digital Journalism*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 154-175, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>
- BARTON, D; LEE, C. *Linguagem online*: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Motta. São Paulo: Parábola, 2015.
- BENJAMIN, J. Eristic, Dialectic, and Rhetoric. *Communication Quarterly*, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 21-26, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1080/01463378309369481>
- BLITVICH, P. G. C. The YouTubification of Politics, Impoliteness and Polarization. In: TAIWO, R. (org.). *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction*. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube: Online Video and Participatory Culture*: 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2018.
- CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)
- CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>
- CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: http://doi.org/10.1057/978-1-37-37508-7_9
- DASCAL, M. Types of Polemics and Types of Polemical Moves. In: CMEJRKOVÁ, S.; HOFFMANNOVÁ, J.; MÜLLEROVÁ, O. (org.). *Dialoganalyse VI/1*. Tübingen: Verlag, 1998. p. 15-30. DOI: <http://doi.org/10.1515/9783110965056>

FÁVERO, L.; ANDRADE, M.; AQUINO, Z. Correção. In: JUBRAN, C. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-256.

GOMES, L. F. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.

GRÁCIO, R. A. *Para uma teoria geral da argumentação: Questões teóricas e aplicações didácticas*. 2010. 446f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/12486>

JOHNSON, R. *Manifest Rationality: A Pragmatic Theory of Argument*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2000.

JUBRAN, C. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de Análise Linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. v. 2, p. 357-439.

JUBRAN, C. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-42, 2011. DOI: 10.20396/cel.v48i1.8637253

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani. Parábola: São Paulo, 2006.

KNOBLAUCH, H.; SCHNETTLER, B. Videography: Analysing Video Data as a ‘Focused’ Ethnographic and Hermeneutical Exercise. *Qualitative Research*, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 334-356, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468794111436147>

MARTIN, J.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Basingstoke: Macmillan, 2005.

PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, C. Le trilogue argumentatif. Présentation de modèle, analyse de cas. *Langue Française*, [S.l.], n. 112, p. 9-30, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1996_num_112_1_5358. Acesso em: 15 mar. 2021.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

- PLANTIN, C. *Dictionnaire de l'argumentation*. Une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.
- PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VAN LAAR, J. A. Argumentative Bluff in Eristic Discussion: An Analysis and Evaluation. *Argumentation*, [S.I.], v. 24, n. 3, p. 383-398, 2010. DOI <https://doi.org/10.1007/s10503-010-9184-5>.
- WALTON, D. *The New Dialectic*: Conversational Contexts of Argument. Toronto: University of Toronto Press, 1998.
- WALTON, D. Formalization of the Ad Hominem Argumentation Scheme. *Journal of Applied Logic*, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 1-21, 2010. DOI: 10.1016/j.jal.2008.07.002



“Passando a boiada”: aspectos dialógicos e interdiscursivos em textos relacionados ao discurso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles

“Passando a boiada”: dialogical and interdiscursive aspects in texts related to the speech of The Minister of the Environment Ricardo Salles

Camila Belizário Ribeiro

Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa / Portugal

camila.belizario@campus.ul.pt

<http://orcid.org/0000-0003-3235-4623>

Maria Clotilde Almeida

Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa / Portugal

maria.almeida@campus.ul.pt

<http://orcid.org/0000-0001-5014-7658>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos dialógicos e interdiscursivos percebidos em textos publicados como resposta ao discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, em 22 de abril de 2020. Para tanto, optamos pela abordagem qualitativa, à luz do paradigma de Análise do Discurso. Considerando o grande número de publicações de gêneros variados, resultantes da grande polêmica gerada pelo referido discurso, selecionamos três textos dos gêneros Nota de Posicionamento, Anúncio e Charge, visando exemplificar esta diversidade. Nossa discussão possui como base teórica os conceitos de Subjetividade, Dialogismo, Polifonia, Interdiscurso e Heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 2004, 2011; BAKHTIN, 1990, 2003; BRANDÃO, 2015; ORLANDI, 2003). Uma vez que dois dos textos escolhidos para este *corpus* consistem em textos multimodais, também nos apoiamos nas noções de Multimodalidade e Retórica (ALMEIDA, 2016, 2019; TSERONIS; FORCEVILLE, 2017). Como resultado deste trabalho, foi possível, observar alguns aspectos do processo dialógico entre os textos selecionados e o discurso-fonte, assim como o papel do interdiscurso e da memória discursiva no

processo interacional. Ademais, tendo em vista o caráter multimodal dos gêneros Charge e Anúncio, assim como a própria natureza metafórica, neste contexto, da expressão “passar a boiada”, recorremos ao debate de alguns mecanismos retóricos e argumentativos, a exemplo da heterogeneidade mostrada, do texto idiomático figurativo à luz da teoria da metáfora conceitual.

Palavras-chave: dialogismo; interdiscurso; heterogeneidade; multimodalidade; metáfora multimodal.

Abstract: This article aims to discuss some dialogical and interdiscursive aspects perceived in texts published in response to the speech given by The Minister of the Environment Ricardo Salles, on April 22, 2020. Therefore, we opted for the qualitative approach, in the light of the Discourse Analysis paradigm. Considering the large number of publications of various genres, resulting from the great controversy generated by the Minister’s discourse, we chose three texts of the genres Note of Positioning, Advertisement and Charge, with the objective of exemplifying this diversity. Our theoretical basis relies on the concepts of Subjectivity, Dialogism, Polyphony, Interdiscourse and Heterogeneity (AUTHIER-REVUZ, 2004, 2011; BAKHTIN, 1990, 2003; BRANDÃO, 2015; ORLANDI, 2003). Since two of the texts selected for this *corpus* consist of multimodal texts, we also take into considerations some issues concerning Multimodality and Rhetoric (ALMEIDA, 2016, 2019; TSERONIS & FORCEVILLE, 2017). As a result of this work, it was possible to observe some aspects of the dialogical process among the selected texts and the source discourse, as well as the role of interdiscourse and discursive memory in the interactional process. Moreover, in view of the multimodal character of the genres Charge and Advertisement, as well as the metaphorical nature, in this context, of the expression “*passar a boiada*”, we resort to the debate of some rhetorical and argumentative mechanisms pertaining to heterogeneity, the figurative idiomatic text in the light of conceptual metaphor.

Keywords: dialogism; interdiscourse; heterogeneity; multimodality; multimodal metaphor.

Recebido em 22 de março de 2021

Aceito em 10 de maio de 2021

Introdução

Em 22 de abril de 2020, foi realizada uma reunião ministerial, contando com a presença do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e de seus ministros. Gravada e transmitida em diversas mídias com a autorização do Supremo Tribunal Federal, a referida reunião foi amplamente discutida

pelos brasileiros de maneira geral, devido a diversos temas e declarações polêmicas proferidas por alguns ministros, entre as quais, a do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, ganhou ampla notoriedade e alcance social.

A fala de Ricardo Salles causou imensa polêmica e gerou um sentimento de indignação em órgãos de proteção ambiental, ONGs e na população de maneira geral, o que foi notado em manifestações diversas, como textos jornalísticos, redes sociais, artigos científicos e de opinião etc., tanto em nível nacional quanto internacional. O ministro sugeriu que, uma vez que a cobertura midiática estava quase que completamente voltada à pandemia da COVID-19 (cf. ALMEIDA; GEIRINHAS 2020), o governo deveria “aproveitar a oportunidade” para “ir passando a boiada” nas leis de proteção ambiental. Em outras palavras, o ministro reconhece em seu discurso que, por ser um dos mais visados pela mídia e órgãos de controle, seria mais difícil para seu ministério aprovar medidas; portanto, com a imprensa voltada à cobertura da pandemia, o Ministério do Meio Ambiente poderia alterar mais facilmente normas e regulamentos ambientais.

A polêmica trazida pela fala do ministro articula temáticas ambientais a outros campos, como direitos humanos e necropolítica, definida como “formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146). A luta pela preservação ambiental, atrelada à luta por direitos humanos, envolve aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos que permeiam a própria constituição do homem, sujeito histórico, como parte integrante de uma sociedade e seus ecossistemas. Desta maneira, é fundamental a discussão em torno de questões ambientais envolvendo todos os cidadãos, tendo em vista ações políticas cujas consequências envolvem toda uma sociedade – e, no caso da fauna e da flora brasileira, a questão ambiental pode se agravar até mesmo em escala mundial, a exemplo das alterações climáticas.

Por estas razões, este trabalho pretende debater alguns aspectos textuais e discursivos pelo viés da Análise do Discurso, considerando que este campo de estudo entende o discurso como parte inerente e constitutivo da sociedade, uma vez que o próprio homem, enquanto sujeito, se constitui através dos processos de interação intrínsecos a sua cultura, seu sistema de crenças e valores. O sujeito, nesta perspectiva, é sempre situado sócio, político e historicamente, estando em constante relação dialógica com sua realidade. A partir deste olhar, o analista do

discurso busca nas mais variadas formas de interação verbal relações entre aspectos culturais, políticos, ideológicos e estruturas de poder, questionando-as, levando em conta a não neutralidade do(s) discurso(s) e sua relação com problemáticas sociais. Desta maneira, consideramos relevante destacar algumas das respostas críticas, contestadoras, ao discurso do então Ministro do Meio Ambiente.

Em virtude da grande quantidade e diversidade de textos produzidos nos mais variados suportes – físicos e digitais – em protesto à declaração de Salles, optamos por três textos de diferentes gêneros, a fim de exemplificar, sucintamente, alguns dos questionamentos trazidos por discursos de ativismo ambiental, a partir das relações envolvendo, sobretudo, manifestações da subjetividade, do dialogismo e da heterogeneidade discursiva, entre outros aspectos que envolvem mecanismos de argumentação, como a metáfora multimodal.

1 Subjetividade e Gêneros Textuais: alguns apontamentos

De acordo com Brandão (2015, p. 25), “[...] a língua constitui a condição de possibilidade do discurso”, ou seja, é através da língua e dos textos que se expressa a materialidade dos processos discursivos e a produção de efeitos de sentido. Desta forma, considerando que o sujeito é sempre marcado/interpelado pela historicidade e situado sócio historicamente, deve-se considerar, em Análise do Discurso, qual posição social e ideológica este sujeito ocupa uma vez que o uso da língua sempre reflete, em maior ou menor grau, os valores e crenças de um determinado grupo social.

Nesse contexto, a enunciação é compreendida como um ato individual da língua que marca, através de “um jogo de formas linguísticas”, a subjetividade do falante. Benveniste (1989) destaca a relação intersubjetiva do locutor “em relação ao referente de que fala e ao seu próprio ato de enunciação”.¹ Desta forma, entende-se que, no plano enunciativo do discurso, há sempre um locutor/enunciador que busca influenciar o outro, seu interlocutor/enunciatário, de algum modo e, para tanto, irá organizar seu discurso tendo em vista suas intenções enquanto falante, seus atos de fala.² A palavra é percebida enquanto objeto

¹ Benveniste (1989 *apud* BRANDÃO, 2015, p. 31).

² Cf. Austin (1962) e Searle (1969).

simbólico, carregado de sentido, o qual se manifesta nas relações entre sujeitos, de forma mútua, dialógica. Portanto,

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...]. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2003, p. 21).

Tendo em vista a subjetividade, Brandão (2015, p. 42) reitera o caráter polissêmico da palavra, a qual pode mudar de sentido de acordo com o “posicionamento sócio-histórico-ideológico assumido pelo sujeito”, em uma dada formação discursiva. A autora ainda destaca a heterogeneidade dos modos de interação, que não se limitam à formação discursiva, mas também, através da memória discursiva, possibilitam o processo interacional intertextual e interdiscursivo.

Neste cenário, é fundamental mencionar a ideologia, a qual direciona o efeito de sentido entre os interlocutores, ou seja, a compreensão e interpretação dos enunciados; portanto, nos processos de significação, a memória discursiva e o interdiscurso desempenham um papel crucial, uma vez que as posições ideológicas dos sujeitos são determinantes para a formação dos sentidos, cujos limites encontram-se nas formações discursivas, segundo uma determinada conjuntura sociohistórica. Ou seja, o sujeito é percebido como descentrado, orientado socialmente, e situa seu discurso a partir do Outro e como resposta ao discurso do Outro (ORLANDI, 1999).

Assim, considerando o objeto de estudo deste trabalho, o discurso do ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, cabe mencionar também a ideia de subjetividade em Foucault (BARKER; GALASINSKI, 2001). Para o autor, a subjetividade consiste em uma produção discursiva e o sujeito que fala depende de posições ou funções discursivas pré-existentes, vazias, das quais o sujeito se apropria ao ocupar determinado lugar de fala. O cargo ministerial – enquanto lugar de poder institucionalizado e regulatório – concede a legitimidade requerida ao ato de fala do ministro, que atua como a junção de outros discursos pré-existentes, buscando e

manifestando coerência discursiva com os os demais sujeitos envolvidos naquele ato de enunciação. Ou seja, o discurso de Salles, enquanto maior autoridade do Ministério do Meio Ambiente, pode ser interpretado como a manifestação de políticas ambientais compartilhadas pelo grupo ao qual pertence, no caso, o então governo bolsonarista.

Por conseguinte, as formas/gestos interpretativos que conectam sujeito e sentido, ou seja, como o sujeito apreende, interpreta e interage com sua realidade são chamadas pelos analistas do discurso de *condições de produção*. Estas condições de produção englobam a ideologia, o contexto socio-histórico e a memória discursiva, esta última dividida em interdiscurso e intradiscursivo.

Assim, partindo do pressuposto de que o discurso consiste em uma ação social engajada em uma estrutura de compreensão, comunicação e interação, Van Dijk (1997) considera insuficiente a análise linguística quando esta envolve separadamente as estruturas internas da língua e seus processos cognitivos. Para o autor, o discurso faz parte de uma estrutura muito mais ampla, complexa, abarcando também processos socioculturais.

Com isso em mente, destacamos o aspecto social dos gêneros textuais/discursivos que, conforme Bakhtin (2003), consistem em formas relativamente estáveis de enunciados que desempenham uma função social: o gênero é entendido como prática social, heterogênea e interdiscursiva, que envolve a participação dos interlocutores enquanto agentes que intervêm, modificam, (re)significam suas realidades, seus meios sociais, por meio das interações linguísticas.

Genres are the specifically discursal aspect of ways of acting and interacting in the course of social events: we might say that (inter) acting is never just discourse, but it is often mainly discourse. So when we analyze a text or interaction in terms of genre, we are asking how it figures within and contributes to social action and interaction in social events.³ (FAIRCLOUGH, 2004, p. 65).

³ “Gêneros são o aspecto discursal específico das formas de agir e interagir no curso dos eventos sociais: podemos dizer que a (inter)ação nunca é apenas discurso mas é, muitas vezes, principalmente discurso. Então, quando analisamos um texto ou a interação em termos de gênero, nos perguntamos como ele figura e contribui para a ação social e interação em eventos sociais”. [tradução nossa]

Portanto, como citado anteriormente, o discurso de Salles motivou inúmeras respostas contrárias ao seu posicionamento, resultando em manifestações textuais e discursivas de diversos gêneros. Neste caso, percebendo o gênero enquanto prática social, que responde a necessidades comunicativas, nosso trabalho partiu da análise de gêneros situados, ou seja, textos interconectados que manifestam uma cadeia de diferentes gêneros⁴ voltados à mesma temática.

2 Interdiscurso, Polifonia, Dialogismo e Heterogeneidade: o já-dito e suas tecituras

Considerando a perspectiva da Análise do Discurso, entende-se que o texto, enquanto materialização do discurso, ultrapassa os limites da frase, da análise linguística descontextualizada de suas condições de produção; ou seja, as relações textuais e discursivas são construídas a partir da exterioridade e subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo de interação. Assim, reiteramos a importância da intertextualidade e da interdiscursividade, tendo em vista as relações dialógicas entre texto e discurso.

Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. [...] é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 286).

Conforme discutido por Mesquita e Rosa (2010), o interdiscurso regulamenta o processo argumentativo, tendo em vista a tensão entre paráfrase e polissemia, pois através destas o sujeito retoma o já-dito. A memória discursiva também se relaciona à própria constituição do discurso, uma vez que expressa os saberes compartilhados dos sujeitos por meio do interdiscurso. Portanto, o interdiscurso e a memória discursiva relacionam-se à dimensão histórica do discurso, uma retomada do já-dito, que pode ter sido esquecido enquanto discurso materializado. Desta forma, o intradiscurso revela-se pela forma como esse pré-construído – o

⁴ Sobre a noção de cadeia de gêneros, ver Fairclough (2004).

interdiscurso – socio-historicamente emerge na materialidade do dizer. Assim, conforme ressaltado por Brandão (2015, p. 27),

[...] um discurso não existe sozinho, [...] está em constante interação com outros discursos, toda FD é um sistema de dispersão que se define em sua relação paradoxal com outras FDs que a atravessam trazendo o outro (a alteridade) para o seu interior, o mesmo. Essa relação do outro-mesmo de uma FD dá a Pêcheux e a outros estudiosos o reconhecimento de que a heterogeneidade é constitutiva do discurso.

Nesse processo destaca-se também a polifonia, perpassando as trocas discursivas. Sucintamente, isso significa que um mesmo enunciado pode ser constituído por várias vozes, vários sujeitos, ou seja, as manifestações discursivas de um determinado sujeito trazem efeitos polifônicos, considerando o interdiscurso e a memória discursiva; quando um sujeito produz um enunciado, são várias as vozes que permeiam seu ato enunciativo. Por meio das relações dialógicas, da alteridade e das inúmeras vozes que perpassam um dado discurso, os sujeitos interagem, debatem pontos de vista, dialogam, concordam, discordam, enfim, re(constroem) suas subjetividades.

A consideração da ação do inconsciente como porta de acesso para outros discursos, permite conceber o discurso como um campo heterogêneo. Afinal, várias vozes podem ser ouvidas no mesmo discurso. Sobre isso, Authier-Revuz (2004, p. 61) diz que “a localização dos traços do discurso inconsciente na análise leva à afirmação de que *todo discurso é polifônico*, consistindo o trabalho de análise em ouvir, *ao mesmo tempo*, as diferentes vozes, partes, registros da partitura ou da cacofonia do discurso”. (MESQUITA, ROSA, 2010, p. 133-134, grifos dos autores).

Por conseguinte, considerando as trocas discursivo-dialógicas na esfera do interdiscurso, a partir dos estudos bakhtinianos acerca do dialogismo e da Psicanálise, Authier-Revuz (2004) discute o conceito de heterogeneidade enunciativa. A partir da premissa de que todo discurso é atravessado pelo discurso do Outro, a heterogeneidade é uma propriedade constitutiva da linguagem, que pode ser percebida na materialidade do enunciado através de marcas/indícios que mostram/sinalizam a presença deste Outro. O discurso é compreendido como resultado da divisão entre consciente e inconsciente, revelando um sujeito clivado, descentrado,

atravessado por heterogeneidades. Authier-Revuz (2001, p. 7) apresenta a heterogeneidade como constitutiva do fato enunciativo, atravessado por heterogeneidades dialogais, articulado pelo “dizer do um, do outro-a-quem-ele-se dirige com outro do já-dito”. Brandão (2015, p. 35), acerca desta questão, postula:

O discurso não é fechado nele mesmo, ele está o tempo todo remetendo ao “outro”, o “outro” aqui entendido como o outro/meu interlocutor e também os outros discursos, produzidos alhures e que atravessam toda a enunciação; nessa perspectiva entende-se que todo discurso é produto do interdiscurso.

Isso posto, considerando o interdiscurso e a heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz (2004) aponta dois tipos de heterogeneidade: a mostrada e a constitutiva. A primeira diz respeito às formas mostradas, ou à erupção do “outro” no discurso, manifestando-se como marcada (a exemplo do discurso direto e indireto, citações, aspas e itálico) ou não marcada (a exemplo da ironia, da metáfora e do discurso indireto livre). Em ambos os casos a voz do “outro” é notada na superfície de um determinado discurso ou ato de enunciação, ou seja, percebe-se a “explicitação por parte do locutor de uma abertura no seu próprio discurso ao discurso de um outro” (BORBA, 2004, p. 1). Ainda, na heterogeneidade mostrada, considerando os traços observáveis na superfície do discurso, manifesta-se a conotação autonímica:

A conotação autonímica permite uma continuidade sintática – o único traço que remete o discurso para o exterior são as marcas de aspas e itálico. Tais marcas são, no primeiro caso, redundantes, pois o locutor anuncia que será de outro o discurso proferido; contudo, no caso da conotação autonímica, essas marcas são vestígios de exterioridade concreta. (BORBA, 2004, p. 2).

Brandão (2015, p. 36) traz mais exemplos de algumas formas como a heterogeneidade mostrada pode manifestar-se em um determinado enunciado ou discurso:

1. as que apresentam índices formais como as que aparecem no discurso direto (verbo de dizer + dois pontos), no discurso indireto (os conectivos *que* ou *se* + mudança dos tempos verbais e formas pronominais), nas expressões que indicam de onde procede a voz (como: segundo, conforme, do ponto de vista de, etc);

2. as que são sinalizadas de forma mais sutil, não apresentando ruptura sintática nem expressões que marcam a procedência da fala, mas algum sinal que denuncie a fala outra como marcas gráficas do tipo aspas, parênteses, itálico, negrito etc., ou o uso de expressões de outra língua (cozer o macarrão *al dente*), o emprego de um registro familiar num discurso formal, acadêmico ou vice-versa, o uso de gírias, jargões técnicos em discursos em que estas expressões entram como corpo estranho, as diferentes formas de metalinguagem, de ajuste da palavra ao contexto (isto é, no melhor sentido, no sentido X), etc.

No caso da heterogeneidade constitutiva, a mesma não aparece na superfície do texto, no fio discursivo, mas está implícita, possuindo “uma ancoragem, necessária, no exterior do linguístico” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22). Para perceber este tipo de heterogeneidade, a constitutiva, a autora leva em conta campos externos à Linguística como a Psicanálise e o Dialogismo bakhtiniano – que situam a heterogeneidade como própria da natureza da linguagem –, reconhecendo aspectos extralingüísticos para a compreensão do “outro” no discurso do “um”.

Assim, a heterogeneidade constitutiva é aquela não localizável, na qual a presença do outro não é delimitada. O repertório cultural do interlocutor, dessa forma, é essencial para a construção de sentidos no discurso. Vale destacar que a heterogeneidade é constitutiva tanto do discurso quanto do sujeito, uma vez que não há discurso homogêneo, já que ele é também do outro. (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 137).

É importante destacar que a heterogeneidade mostrada não se trata da representação real da heterogeneidade constitutiva, mas sim apresenta somente uma das facetas desta última, consistindo em uma tentativa de dissolver a alteridade e transformá-la em homogeneidade (BORBA, 2004). O falante acredita haver o Um, quando este Um significa, na verdade, uma junção/mescla de interdiscursos, de vozes e memórias discursivas. Por fim, a heterogeneidade mostrada pode ser apreendida através da descrição linguística, enquanto a constitutiva fundamenta-se, como citado anteriormente, na Psicanálise e no dialogismo.

O princípio básico do dialogismo apoia-se na ideia de que a significação consiste em um efeito de coconstrução de sentidos, resultante do processo de interação dos sujeitos envolvidos no ato enunciativo. A partir da ideia de réplica, apreende-se que, nas relações dialógicas, “um

discurso se constrói na medida em que os outros são seus exteiros teóricos" (BORBA, 2004, p. 3). O Outro não consiste nem em uma duplicação tampouco na exclusão do Um, mas em algo que lhe perpassa, e o dialogismo, assim, passa a ser a condição de constituição do discurso.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 117).

De maneira breve, entendemos que tal processo de construção mútua de sentido pelos interlocutores/sujeitos resulta da orientação dialógica do já-dito, assim como da enunciação enquanto produto de um contexto sociocultural, político e ideológico. Ou seja, o discurso integra uma discussão ideológica, sempre em resposta a discursos pré-existentes ou como antecipação a discursos projetados, ao pensamento do Outro.

Desta forma, a dialogização se expressa de forma interior e exterior ao sujeito: a primeira se caracteriza pelo direcionamento de um determinado discurso pelo sujeito, uma espécie de antecipação da compreensão pretendida por seu interlocutor; já a exterior é marcada pela interferência do interlocutor; ou seja, o Um, sujeito socio-histórico, constrói seu discurso marcado pela(s) cultura(as) e ideologia(s) que permeiam o cotidiano, sua realidade concreta e, à medida que interage com o Outro, reconstrói, modifica, ressignifica seu discurso, sua subjetividade, por meio de um processo complexo e contínuo, observável a partir de estudos que ultrapassam a análise linguística, mas também apoiam-se em outros campos das Ciências Sociais, a exemplo de Estudos Culturais, Política, Ideologia, Identidade etc. É importante destacar que o dialogismo bakhtiniano não se preocupa com o inconsciente, mas ampara-se em aspectos sócio-históricos.

De acordo com Authier-Revuz (2011), o dizer é essencialmente direcionado/endereçado, compondo-se conforme as condições concretas de sua realização; a ideia de um dizer neutro ou não endereçado é uma ficção. Desta forma, o dizer do sujeito é fundamentalmente determinado, constituído, perpassado pelo dizer do Outro. Sobre esta discussão, a autora cita o círculo de Bakhtin, reiterando o eixo interlocutivo e a compreensão responsiva como mecanismos constitutivos do dizer. De acordo com os autores, o discurso, essencialmente dialógico, é orientado para a

perspectiva do interlocutor, sendo a palavra um ato bilateral, determinada, ao mesmo tempo, por aquele que a profere considerando a réplica de seu interlocutor, ou seja, todo discurso “é determinado ao mesmo tempo pela réplica não ainda dita, mas solicitada e já prevista. É assim em todo diálogo vivo” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 10). Este processo é marcado por duas dimensões: a interlocutiva e a interdiscursiva, que concernem, respectivamente, ao falar em função do interlocutor e do meio do já-dito, ou da memória discursiva, trazendo elementos enunciados em outras trocas, tanto em sua dimensão linguística como em seu exterior.

Portanto, centrado na questão da retórica e argumentação, o presente artigo parte do postulado geral de que a persuasão discursiva decorre de uma visão dialógica da retórica que assenta numa estratégia argumental, em que os meios de persuasão envolvem a avaliação dos potenciais nexos de contrapersuassão (COCKCROFT; COCKCROFT, 2014). Assim sendo, a persuasão é definida como “interação controlada” (COCKCROFT; COCKCROFT, 2014), em que o retórico procura explorar os elementos ideológicos, pessoais e contextuais envolvidos em cada interação persuasiva.

3 A metáfora multimodal

Considerando que a maior polêmica do discurso do ministro girou em torno de uma expressão idiomática de cunho metafórico, “passar a boiada”, é importante destacar alguns aspectos teóricos que dizem respeito à metáfora neste contexto, tendo em conta que a construção das expressões idiomáticas na base de metáforas conceituais foi advogada por Kövecses; Szabó (1996). Além disso, como um dos textos escolhidos para análise consiste em uma charge que traz uma metáfora imagética, a multimodalidade possui um papel crucial para a compreensão e assimilação da sua relação com o discurso-fonte. Desta forma, a nossa investigação, também focada nas trocas discursivas multimodais em meio digital, enquadra-se nos estudos de retórica e multimodalidade (ALMEIDA 2016, 2019; TSERONIS; FORCEVILLE, 2017). Contudo, importa distinguir a retórica multimodal, abordagem focada na construção semântica que envolve diferentes recursos semióticos articulados entre si, visando um público específico numa certa situação retórica da argumentação multimodal e desempenhando um determinado papel na elaboração da estrutura argumentativa.

Para esta discussão, trazemos a noção de símbolos culturais, como postulado por Kövecses (2006). Para o autor, estes símbolos fundamentam-se em metáforas já enraizadas em uma determinada cultura, a exemplo do FOGO para a metáfora conceitual A VIDA É FOGO. Portanto, “[...] to understand a symbol means in part to be able to see the conceptual metaphors that the symbol can evoke or was created to evoke”⁵ (KÖVECSES, 2006, p. 139). Neste contexto, cabe a definição de metáfora defendida por Charteris-Black (2014, p. 19), ao postular:

[a] metaphor is a linguistic representation that results from the shift in the use of a word or phrase from the context or domain in which it is expected to occur to another context or domain where it is not expected to occur, thereby causing semantic tension.⁶

Muito sucintamente, a tensão semântica, no caso dos discursos selecionados para análise neste trabalho, ocorre pelo uso da expressão “passar a boiada”, enraizada na cultura dos falantes brasileiros no contexto rural como “abrir caminho para a passagem de uma manada de bois”, que, no contexto da fala do ministro, recebe outra significação, a de “afrouxar normas de regulamentação ambiental”. Tal construção metafórica será discutida mais adiante, tendo em vista fatores como a visão de mundo, valores e sistemas de crenças compartilhados pelos atores envolvidos no processo argumentativo. De acordo com Hidalgo-Dowling e Kraljevic-Mujic (2009), estes aspectos refletem nossas escolhas linguísticas, variando através do tempo e dos registros, a fim de se adaptarem às mudanças nas arenas políticas, sociais e culturais.

4 Metodologia

A constituição de um *corpus* em Análise do Discurso percorre algumas etapas, como, primeiramente, o contato inicial com o texto, a percepção de sua discursividade pelo analista, a seleção do objeto, e a desnaturalização da relação palavra x coisa. A partir deste passo inicial, o

⁵ “[...] entender um símbolo significa, em parte, conseguir perceber as metáforas conceituais que o símbolo pode evocar ou que foi criado para evocar”. [tradução nossa]

⁶ “[uma] metáfora consiste em uma representação linguística que resulta, a partir do uso, da mudança de uma palavra ou expressão do contexto ou domínio onde espera-se que ela ocorra para outro contexto ou domínio onde não é esperado que ela ocorra, causando, desta forma, uma tensão semântica”. [tradução nossa]

analista vislumbra as formações discursivas e ideológicas de determinada prática discursiva, buscando perceber o que regulamenta e orienta esta prática. Oliveira *et al.* (2020, p. 10-11) acrescentam que o processo de formação de um *corpus* em AD parte da seguinte problemática: a abordagem/percepção do analista quanto a um determinado objeto irá definir delinear os próprios dados.

Ainda, consoante Charaudeau e Maingueneau (2012), o modo de constituição do *corpus* não corresponde simplesmente às exigências técnicas da epistemologia das ciências sociais, uma vez que esta última “é problemática na medida em que coloca em jogo a própria concepção da discursividade e sua relação com as instituições” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 139), delimitando dados e teorias conforme o exterior discursivo e fazendo escolhas axiomáticas como objeto de debates teóricos.

Outro fator importante para o analista do discurso trata-se do aspecto temporal do *corpus* selecionado, uma vez que pela intertextualidade, interdiscursividade e memória discursiva os textos e discursos se relacionam pelo viés histórico. No caso deste trabalho, a cronologia dos textos estudados é fundamental, pois os textos escolhidos para análise remetem sua(s) crítica(s) a um discurso proferido anteriormente a eles, ou seja, sem a referência temporal o leitor/interlocutor dificilmente compreenderia a relação entre os textos. Portanto, “o fator tempo [...] atua nas condições de produção dos discursos e na filiação dos sentidos, por meio do interdiscurso/intertexto e da memória discursiva” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 11). Todavia, é importante ressaltar que para a AD, a história refere-se às práticas discursivas e não necessariamente ao tempo cronológico – embora, em muitos casos, o aspecto cronológico seja fundamental para a análise e interpretação de textos e discursos, como neste *corpus*.

Ainda, conforme Van Dijk (1997), o analista deve tentar manter-se distante de seu objeto de análise, buscando a objetividade requerida no meio acadêmico. Todavia, intencionalmente ou não, o pesquisador pode também engajar-se nos fenômenos estudados, quando questões que envolvem abuso de poder, dominação e desigualdade social são reproduzidas por discursos. Portanto, a escolha do referido *corpus* fundamenta-se neste postulado, de que o analista do discurso deixa clara sua posição, assume que não existe neutralidade discursiva e visa desmistificar e desafiar discursos de dominação. Além disso, o autor

enfatiza que a pesquisa deve centrar-se em problemas sociais relevantes, e não simplesmente em teorias e paradigmas, direcionando-se mais à questão, à problemática, do que a teoria em si mesma. Em suma, o pesquisador deve assumir um papel, uma postura crítica diante do objeto, de cunho social e político:

Analysis, description and theory formation play a role especially in as far as they allow better understanding and critique of *social inequality*, based on gender, ethnicity, class, origin, religion, language, sexual orientation, and other criteria that define differences between people. Their ultimate goal is not only scientific, but also social and political, namely *change*. In that case, social discourse analysis takes the form of a *critical discourse analysis*.⁷ (VAN DIJK, 1997, p. 23, grifos do autor).

Com estas considerações em mente, pretendemos analisar de forma qualitativa e interpretativa alguns aspectos textuais e discursivos de manifestações do Dialogismo, Interdiscursividade e Heterogeneidade Discursiva em textos de diferentes gêneros relacionados ao discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, na reunião ministerial no dia 22 de abril de 2020. Para tanto, selecionamos três textos digitais de diferentes gêneros (Nota de Posicionamento, Charge e Anúncio), publicados após a divulgação do referido discurso, nos quais é possível identificar os aspectos discursivos supracitados, além de trazerem em seu bojo fortes críticas com relação à problemática ambiental abordada na fala do ministro. Em suma, à luz dos conceitos de Dialogismo, Interdiscursividade e Heterogeneidade Discursiva, buscamos identificar como os textos dialogam entre si a partir do discurso fonte, apresentando alguns exemplos em nível textual e discursivo de manifestações destas teorias. Além disso, como citado anteriormente, devido à natureza metafórica da expressão “passar a boiada”, abordamos alguns aspectos teóricos e metodológicos concernentes à identificação da metáfora multimodal na charge escolhida para análise, visando apreender seu papel retórico no texto imagético.

⁷ “A análise, descrição e formação teórica desempenham um papel especialmente na medida em que permitem uma melhor compreensão e crítica da *desigualdade social*, com base em gênero, etnia, classe, origem, religião, língua, orientação sexual, e outros critérios que definem diferenças entre as pessoas. Seu objetivo final não é apenas científico, mas também social e político, ou seja, o que chamamos *mudança*. Nesse caso, a análise do discurso social toma a forma de uma análise crítica do discurso”. [tradução nossa]

5 Descrição do *Corpus* e Análise dos Dados

O discurso-fonte, escolhido como base para a seleção dos outros textos, consiste em um trecho do discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, na reunião ministerial de 22 de abril de 2020, o qual gerou bastante polêmica após sua divulgação em mídias de massa, tanto no Brasil quanto no exterior:

A oportunidade que nós temos. Que a imprensa não tá. Tá nos dando um pouco mais de alívio nos outros temas. É passar as reformas infralegais de desregulamentação, simplificação[...]. Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e **ir passando a boiada** e mudando todo o regramento e simplificando normas. (SALLES, 2020 apud UOL, 2020, grifo nosso).

Após a divulgação do discurso supracitado, muitas críticas foram tecidas em inúmeras mídias, a exemplo de telejornais e jornais impressos, revistas impressas e eletrônicas, blogs, artigos de opinião, redes sociais etc. Jornalistas, ativistas ambientais, pesquisadores e cidadãos comuns, membros de redes sociais como Facebook e Instagram, produziram inúmeros textos de gêneros variados e multimodais, visando criticar e repudiar a postura do ministro, que demonstrou descaso com a questão ambiental complexa a qual o Brasil tem atravessado, principalmente na floresta amazônica (desmatamento, queimadas, mineração ilegal, exploração de terras indígenas, grilagem etc).⁸ Devido à variedade de textos publicados como resposta ao discurso fonte, optamos por 03 de diferentes gêneros, a fim de exemplificar tal diversidade.

Inicialmente, destacamos a expressão idiomática “passar a boiada” que, em português do Brasil, geralmente usada em zonas rurais, em seu contexto literal, denotativo, refere-se ao ato de “deixar passar”, “abrir caminho” ou “abrir a porteira” para o gado, ou seja, uma manada de bois. No caso do discurso-fonte, nota-se na fala do ministro a expressão empregada com caráter metafórico: neste contexto,

⁸ Para mais detalhes sobre alguns dos atos infralegais de afrouxamento das normas de proteção ambiental, ver: https://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?76363/Dando-nomes-aos-bois-listamos-os-atos-infralegais-que-prejudicam-o-meio-ambiente.

“passar a boiada” foi justificada pelo ministro como “desburocratizar” normas e regulamentações ambientais e “tirar obstáculos para questões extremamente importantes”.⁹

Todavia, diante de inúmeras medidas em curso do atual governo, as quais favoreceram políticas de degradação ambiental – como a exportação ilegal de madeira nativa, garimpo ilegal em terras indígenas, desmatamento da Amazônia e da Mata Atlântica, grilagem, anistia a desmatadores, aumento do uso de agrotóxicos, exonerações e demissões no IBAMA, entre outras¹⁰ –, a fala do ministro veio reforçar aquilo que ambientalistas, ativistas e jornalistas já têm questionado desde o início do governo Bolsonaro: a aceleração de atos sobre o meio ambiente.

De acordo com levantamento realizado pelo jornal Folha de S. Paulo e pelo Instituto Talanoa, o governo Bolsonaro acelerou a publicação de atos sobre o meio ambiente durante o meses de crescimento da pandemia da **Covid-19** no Brasil. Entre março e maio, 195 atos relacionados à questão ambiental foram validados. Nos mesmos meses de 2019, apenas 16 foram aprovados. O aumento é de 12 vezes. (UOL Notícias, 2020, grifo do autor).

Diante desse cenário, fica clara a relação de dialogismo entre os três textos e o discurso- fonte, uma vez que os textos foram produzidos a partir da ideia de réplica e coconstrução de sentido, questionando, refutando, trazendo à superfície do texto as questões socioideológicas presentes no discurso original. O dialogismo se expressa também à medida que o leitor (re)constrói, amplia, ressignifica seus argumentos e posicionamentos a partir da interação com os textos. A relação dialógica ocorre através das marcas de heterogeneidade mostrada e constitutiva, assim como da memória discursiva, as quais remetem o leitor/enunciatário

⁹ Algumas reportagens nas quais o ministro busca esclarecer a expressão podem ser acessadas em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-06-04/passar-a-boiada-significa-desburocratizar-diz-salles-do-mma.html>; <https://www.biznews.com.br/ricardo-salles-explica-o-significado-da-expressao-passar-a-boiada/> e <https://www.otempo.com.br/politica/passar-a-boiada-quer-dizer-atualizar-normas-de-todos-os-ministerios-diz-salles-1.2341233>. Acesso em: 24 mai. 2021.

¹⁰ Algumas medidas que favoreceram a degradação ambiental e de direitos indígenas podem ser vistas no site: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/o-que-passou-na-boiada-de-ricardo-salles-durante-a-pandemia>.

à fala do ministro e a outros discursos anteriores que perpassam muitas das questões atreladas à problemática ambiental no Brasil.

O primeiro texto escolhido para análise, que chamaremos Texto 1, consiste em uma *Nota de Posicionamento* publicada em 22 de maio de 2020 no site da ONG WWF Brasil. Criada em 1961 e conhecida mundialmente por seu ativismo ambiental em inúmeros países, a organização atua no Brasil desde 1971.¹¹

É inaceitável um ministro que usa a morte de milhares de brasileiros para agir na ilegalidade

Nota de posicionamento: o WWF-Brasil vem a público expressar sua indignação

Por WWF-Brasil

O WWF-Brasil vem a público expressar sua indignação com a estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente no Brasil evidenciada pela fala do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, durante reunião ministerial realizada em 22 de abril e divulgada na tarde desta sexta-feira, 22 de maio. [...] Não é surpresa que o Ministro Ricardo Salles venha trabalhando, desde o início de seu mandato, para fragilizar as regras e as instituições criadas para defender nosso patrimônio ambiental. Não por acaso 2019 foi o ano com maior desmatamento na Amazônia em uma década, e **os números deste ano mostram que vamos superar essa marca**. É notória a paralisia administrativa em seu ministério e nos órgãos a ele associados. Apesar disso, choca constatar sua intenção de aproveitar a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações, uma pandemia que já resultou em dezenas de milhares de vidas perdidas, para, em suas palavras, “passar a boiada” [...]. (WWF BRASIL, 2020, grifos do autor)

Neste texto, a relação dialógica é observada, primeiramente, pelo seu próprio gênero, ou seja, uma *Nota de Posicionamento*. O enunciador já apresenta seu argumento como não neutro, contrapondo e rechaçando o discurso de Salles, o que é notado em expressões e escolhas lexicais e semânticas como: **É inaceitável**; *expressar sua indignação*; *a estratégia de destruição*; *fragilizar as regras e as instituições*; *choca constatar*

¹¹ Disponível em: https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/historia_wwf_brasil/. Acesso em: 24 mai. 2021.

sua intenção de aproveitar a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações.

No que diz respeito às manifestações de heterogeneidade constitutiva, identificamos alguns trechos que nos remetem a outros discursos, tanto ao próprio discurso do ministro Ricardo Salles como a outros, anteriores e constitutivos dele próprio, a exemplo de:

QUADRO 1 – Manifestações de heterogeneidade constitutiva

Excerto	Discursos anteriores/constitutivos acerca de:
“a morte de milhares de brasileiros”; “a maior tragédia econômica e sanitária em muitas gerações”	A pandemia da Covid-19
“agir na ilegalidade”, “estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente”, “fragilizar as regras e as instituições criadas para defender nosso patrimônio ambiental”	Medidas abruptas de afrouxamento de normas e legislação ambiental, favorecendo à destruição do meio ambiente
“Não por acaso 2019 foi o ano com maior desmatamento na Amazônia em uma década, e <u>os números deste ao mostraram que vamos superar essa marca</u> ”	A política de degradação do meio ambiente do governo Bolsonaro
“a paralisia administrativa em seu ministério e nos órgãos a ele associados”	A falta de ação e punição por crimes ambientais

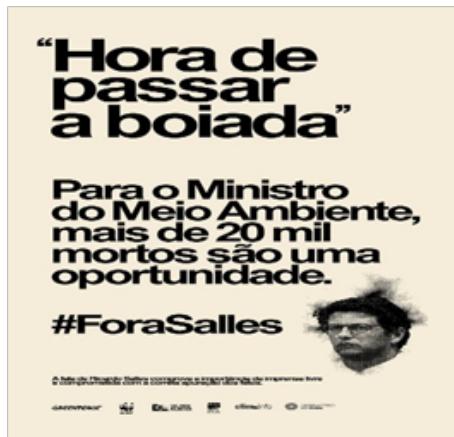
Fonte: elaboração própria.

Já a heterogeneidade mostrada, sinalizada por marcas na superfície do texto, é facilmente percebida pelas aspas em “passar a boiada”. A heterogeneidade mostrada também pode ser observada pelo verbo “evidenciar” e pela expressão “em suas palavras”, uma vez que o enunciador destaca partes de seu discurso como tentativas de reprodução do discurso de Salles, marcando as falas do enunciador do discurso-fonte:

[...] a estratégia de destruição do arcabouço legal de proteção ao meio ambiente no Brasil **evidenciada pela fala do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles** [...] uma pandemia que já resultou em dezenas de milhares de vidas perdidas, para, **em suas palavras, “passar a boiada”** [...]. (WWF BRASIL, 2020, grifos nossos)

Partindo para a análise do Texto 2, publicado em 27 de maio de 2020, temos um *Anúncio* veiculado no site Conexão Planeta. Este site também possui o perfil de um jornalismo crítico, de cunho ativista, voltado a temas ligados à sustentabilidade, meio ambiente e temas relacionados, como direitos humanos, povos indígenas, entre outros. É importante destacar que o anúncio não aparece isolado, mas como cotexto para uma notícia jornalística que condena a postura de Ricardo Salles, apontando inúmeras críticas à sua atuação enquanto Ministro do Meio Ambiente; todavia, para este trabalho, optamos por analisar somente o anúncio, uma vez que um dos nossos objetivos consiste em abordar discursos veiculados através de textos de gêneros diversificados, portanto, também multimodais:¹²

FIGURA 1 – Anúncio



Fonte: Camargo (2020).

Assim como no Texto 1 fica clara a relação dialógica pela natureza do gênero, que comumente apresenta uma mescla de informações, símbolos e imagens, o que o caracteriza como um texto multimodal. Assim, o dialogismo também pode ser percebido por este fator, ou seja, pela a junção de meios intersemióticos, intertextuais e interdiscursivos,

¹² A reportagem completa está disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/em-anuncio-entidades-empresariais-defendem-desmonte-ambiental-de-salles-mas-associadas-repudiam-apoio-nas-redes-sociais/#fechar>.

os quais operam num processo de resposta a alguma situação ou acontecimento. Pelo diálogo com outros textos, discursos e imagens, neste caso, o anúncio difunde uma crítica de cunho político, social e ideológico.

No que diz respeito à heterogeneidade discursiva, a mesma é identificada também pelo caráter multimodal, interdiscursivo e intersemiótico do gênero. Neste caso, manifesta-se a heterogeneidade mostrada, uma vez que o sujeito/enunciador remete o leitor/enunciário ao discurso original, numa tentativa de réplica, por estratégias como as aspas em “Hora de passar a boiada”, pela referência à fonte interdiscursiva “Para o Ministro do Meio Ambiente” e pelo substantivo “oportunidade”, empregado por Salles no discurso-fonte. Estas marcas evidenciam a tentativa de distanciamento do enunciador, reforçando a relação antagônica *Tu* (alvo da crítica) x *Eu* (sujeito que critica e contesta).

A heterogeneidade mostrada também se destaca pelo uso do *hashtag* “#ForaSalles” e da imagem do ministro. O *hashtag*, bastante utilizado no ativismo em ambientes virtuais, ou *ciberativismo*, tornou-se símbolo de mobilizações sociais em meios digitais (MEDEIROS, 2020). Portanto, ao utilizá-lo, o enunciador deixa claro o elo de seu discurso com outros discursos digitais e multimodais, também voltados ao ativismo político e ambiental. No que diz respeito à imagem, pode-se aferir que a mesma visa associar ao ministro o discurso de negligência com relação à morte de milhares de brasileiros, aproveitando a atenção das mídias à pandemia da Covid-19 para acelerar a aprovação de medidas infrálegras, indo de encontro aos interesses de diversas classes engajadas na preservação do meio ambiente.

Por fim, ainda como heterogeneidade mostrada, na parte inferior do anúncio ocorre a menção à fala de Salles (“A fala de Ricardo Salles comprova”) e a várias logos de ONGs que atuam no ativismo ambiental, que se posicionaram no anúncio.¹³ De acordo com Oliveira *et. al* (2020), esta interdiscursividade pretende situar o leitor, ativar sua memória discursiva sobre outros discursos ambientais precedentes a este, enfatizando a repercussão da fala de Salles entre meios de comunicação diversos e organizações de alcance mundial:

¹³ No site Conexão Planeta, a matéria jornalística informa que o anúncio foi publicado em outros suportes, sob a autoria das ONGs GreenPeace Brasil, WWF-Brasil, SOS Mata Atlântica, ClimaInfo, Instituto Socioambiental (ISA) e Observatório do Clima (OC).

FIGURA 2 – Anúncio: heterogeneidade mostrada, interdiscursividade e memória discursiva



Fonte: Camargo (2020).

Quanto ao Texto 3, trata-se de uma *Charge* publicada em 03 de agosto de 2020 no site De Olho nos Ruralistas, que consiste em um observatório do agronegócio no Brasil. O referido projeto, fundado em 2016, atua pelo viés de um jornalismo crítico, visando à veiculação de notícias de cunho investigativo, checagem de informações, coleta de dados, produção de materiais audiovisuais e cartográficos, entre outros, sempre em torno de temas voltados ao agronegócio e problemáticas ambientais. Assim como o anúncio, a charge apresenta-se como cotexto para uma notícia jornalística de cunho crítico e condenatório da atuação do ministro.¹⁴

FIGURA 3 – Charge



Fonte: Baptista (2020).

¹⁴ A reportagem completa está disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/08/03/esplanada-da-morte-v-por-que-ricardo-salles-e-sua-boiada-continuam-passando/>.

Originado do francês *charger*, este gênero marca o caráter de alguém ou algo como exagerado, burlesco. Geralmente veiculada pela imprensa, retratando situações e acontecimentos atuais de forma crítica, a charge apresenta-se como um desenho humorístico, uma caricatura, com uma ou mais personagens, com ou sem legenda e/ou balões (LINS; RANGEL, 2011). Ainda como apontam Silva e Almeida (2020), a charge consiste em um gênero capaz de atuar como uma arma social, geralmente satírica, no sentido em que revela “verdades” camufladas, buscando mostrar o que está por trás dos fatos – além de informar, a charge apresenta, através de estratégias argumentativas imagéticas, críticas sociais com relação a questões políticas ou eventos da atualidade. Valendo-se de estratégias semióticas, a charge acaba por recriar uma determinada realidade a partir de representações de um modelo mental; ela não corresponde à representação fiel da realidade, mas a uma simulação baseada na intencionalidade, no exagero, e em figuras de linguagem que consistem em tentativas de recriação de novas representações de uma determinada realidade a partir do olhar do chargista, como um simulacro, misturando o real e a imaginação.

Assim como nos outros dois textos, a charge dialoga fortemente com o discurso do ministro; neste caso, refutando-o através do texto imagético. Levando em consideração a relação dialógica dos textos, podemos nos remeter à Brandão (2015, p. 22), quando reitera que “os discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas.” Assim como nos outros dois textos, o dialogismo é manifestado como “a arena de lutas” na qual os interlocutores se contrapõem, e o sujeito/enunciador hostiliza o discurso do ministro. Uma das características fundamentais deste gênero consiste justamente em sua orientação argumentativa a fim de persuadir o leitor a pensar/agir de determinada forma; a associação do texto imagético à caricatura buscando o efeito humorístico é uma estratégia bastante usada com o intuito de ridicularizar figuras políticas, como no nosso exemplo. Neste caso, é também importante destacar a problemática ambiental veiculada na charge. Este tema, conforme aponta Silva (2020), possui um caráter mais voltado ao humor negro e à conscientização, portanto, o humor aqui não se relacionada a uma situação engraçada, mas as motosserras produzem o efeito oposto, trazendo a imagem, ou o *frame*, de desmatamento, destruição da natureza.

O que mais chama a atenção e dá significado à charge consiste na metáfora imagética: ao abrir a porteira, a boiada é representada por motosserras; a partir desta imagem, o enunciatário, através da memória discursiva, do dialogismo e de modelos mentais¹⁵, remete o “passar a boiada” de Salles ao desmatamento. Brevemente, poderíamos fazer a seguinte associação metafórica: abrir a porteira para a boiada = deixar passar as motosserras; liberar o desmatamento. A metáfora imagética também é percebida pela heterogeneidade mostrada, uma vez que o chargista, pela imagem do ministro abrindo a porteira, deixa explícita a referência ao sujeito/enunciador do discurso-fonte.

Partindo da premissa aristotélica de que a metáfora consiste em nomear alguma coisa a partir de uma outra coisa,¹⁶ Almeida *et al.* (2013) e Charteris-Black (2014) apontam como crucial a noção de que a metáfora conecta duas coisas que normalmente não estão relacionadas. No nosso exemplo, temos duas unidades lexicais, doravante ULs, que normalmente não estariam no mesmo domínio, BOIADA e MOTOSERRAS, contudo, pela metáfora veiculada na charge, as duas ULs passam a ser codependentes no processo de atribuição de sentido ao texto imagético.

Acerca da análise de expressões metafóricas, Kövecses (2006, p. 124-125) afirma: “[t]he particular pairings of source and target domains give rise to metaphorical linguistic expressions, linguistic expressions thus being derivative of two conceptual domains being connected.”¹⁷ Este processo ocorre tendo em vista alguns dos possíveis *frames* associados às ULs envolvidas, ou seja, a forma pela qual o leitor/interlocutor percebe relação entre os dois termos através do contexto e das inferências que é capaz de fazer a partir do seu conhecimento de mundo, suas experiências e seu repertório linguístico. É pelo contexto – o discurso do ministro – que o leitor é capaz de compreender a expressão *passar a boiada* em seu sentido metafórico.

Desta forma, pela imagem do ministro Salles abrindo a porteira para deixar “passar a boiada”, onde a boiada é representada por motosserras, entende-se a imagem metafórica como a ação de liberar o

¹⁵ Van Dijk (1997, 2008).

¹⁶ Aristóteles (1952 *apud* CHARTERIS-BLACK, 2014, p. 159).

¹⁷ “Pares particulares dos domínios fonte e alvo dão origem a expressões linguísticas metafóricas, expressões linguísticas as quais derivam-se de dois domínios conceituais conectados”. [tradução nossa]

desmatamento e, consequentemente, a destruição da floresta Amazônica, vindo a ocasionar muitos outros problemas socioambientais – emergência climática, extinção de espécies da fauna e flora, apropriação ilegal de terras indígenas, seca, queimadas, crimes ambientais etc. É importante ressaltar que os verbos nas expressões “passar a boiada” (discurso-fonte) e “abrir a porteira” (no caso da charge, temos a ação representada como texto imagético) também possuem valor metafórico. Se em “abrir a porteira para a boiada passar” temos a boiada representada pelas motosserras, considerando o mapeamento conceitual entre BOIADA (domínio-fonte) e MOTOSERRAS (domínio-alvo), logo PASSAR A BOIADA (domínio-fonte) É DESMATAR (domínio-alvo). Assim, como explicamos abaixo, temos uma representação metafórica, subsumida à fórmula A (domínio-alvo) é B (domínio-fonte), RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS É DEIXAR PASSAR A BOIADA, ilustrado no Quadro 2.

QUADRO 2 – Mapeamento conceitual

Domínio-alvo → RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS	desmatamento, motosserras, destruição da natureza, agronegócio, dor, crime, fauna, flora, morte, invasão, Amazônia, natureza, seca, deserto, fogo, comida, terra, machados etc.
Domínio-fonte → DEIXAR PASSAR A BOIADA	abrir caminho para/abrir a porteira para/deixar passar a manada de bois/o gado

Fonte: elaboração própria.

Isso posto, notamos o mapeamento conceitual *boiada* e *motosserra*, cuja significação se estabelece pelo jogo metafórico veiculado na charge, tendo o discurso do ministro como cotexto para auxiliar no processo de construção mental do segmento discursivo do ministro em questão. Registre-se que este tipo de metáfora foi classificado como *metáforas culturalmente adaptadas* (HIDALDO-DOWING; KRALJEVIC-MUJIC, 2009), uma vez que evocam a informação sociocultural acessível aos *frames*, ao repertório dos falantes, trazendo pequenas mudanças aos conceitos culturalmente experienciados a fim de adaptá-los a situações socioculturais específicas. Já pela classificação proposta por Charteris-Black (2014), esta metáfora pode ser interpretada como *nova*, uma vez que foi criada a partir de um contexto sociocomunicativo muito específico, demonstrando alto grau de criatividade. Foi a partir da fala do ministro que a expressão “passar a boiada” recebeu nova conotação

e passou a integrar o repertório linguístico dos falantes do português do Brasil, estando assim em processo de transição de metáfora *nova* ou *culturalmente adaptada* para *convencional* (cf. ALMEIDA *et al.* 2013; ALMEIDA; GEIRINHAS 2020). Isso posto, o falante do português do Brasil, imerso na cultura deste país, tendo conhecimento da realidade da vida no campo onde “passar a boiada” significa em seu domínio concreto “abrir caminho ou abrir a porteira para o gado passar”, ao conhecer e contextualizar o discurso do Ministro do Meio Ambiente, passa a depreender a nova relação entre a expressão e seu sentido metafórico na base da qual se constrói a metáfora culturalmente adaptada **RELAXAR AS POLÍTICAS AMBIENTAIS É DEIXAR PASSAR A BOIADA**.

Assim concluímos a breve análise dos 03 textos, ressaltando que, mesmo pertencentes a diferentes gêneros, os aspectos dialógicos e heterogêneos os relacionam ao discurso fonte, constituindo uma cadeia de gêneros voltados à mesma temática. Suas marcas intertextuais, interdiscursivas e retóricas evidenciam o dialogismo e a ideologia, os quais direcionam as estratégias argumentativas de seus enunciadores.

Considerações finais

Tivemos como objetivo analisar brevemente alguns aspectos relacionados ao dialogismo e à heterogeneidade discursiva, a partir do discurso proferido pelo Ministro do Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, na reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Considerando o pressuposto da Análise do Discurso de que o pesquisador, embora busque analisar seu objeto de estudo pelo viés acadêmico, deve direcionar seu trabalho para questões de relevância social, escolhemos um *corpus* que retrata, de forma diversificada e multimodal, o discurso de indignação e afrontamento à política de destruição ambiental que vem sido adotada pelo governo Bolsonaro e o atual Ministério do Meio Ambiente.

Muitas ONGs de notoriedade mundial, a exemplo da WWF, Green Peace, Observatório do Clima, SOS Mata Atlântica, ClimaInfo, Instituto Socioambiental (ISA), entre outras, além de jornais, blogs, ativistas e cidadãos comuns, se posicionaram criticamente em diversos suportes televisivos, impressos e digitais, assim como em redes sociais, repudiando a fala do ministro e as políticas ambientais do atual governo. Por esta razão, consideramos pertinente selecionar, dentre a variedade de textos orais e escritos sobre esta temática, alguns que pudesse exemplificar

aspectos do processo de construção do discurso de desaprovação e embate às políticas ambientais bolsonaristas.

A repercussão em nível nacional e mundial da temática aqui discutida demonstrou que existe no Brasil e no mundo uma grande preocupação com a questão ambiental e uma rede de suporte atenta, a exemplo de coletivos, organizações, pesquisadores, povos indígenas, ativistas etc., disposta a trabalhar pela conscientização acerca das consequências de políticas ambientais imprudentes e do desmonte dos direitos ambientais e humanos.

Os textos aqui apresentados trazem recursos, estratégias discursivas e dialógicas que estruturam, (re)elaboram, discursos de resistência. O leitor/interlocutor, ao se deparar com estes textos, ativa sua memória discursiva e amplia sua competência argumentativa através do interdiscurso e da heterogeneidade observada nos textos; tal processo contribui sistematicamente para a formação do leitor que não só lê de maneira passiva, mas interage com sua realidade, seu universo social e linguístico, (re)significando sua interpretação de questões políticas e sociais através dos processos dialógicos e argumentativos interpelados nos textos, na base da expressão idiomática de índole metafórica “Passando a Boiada”, em regime multimodal.

Portanto, cabe ao analista do discurso trazer à tona problemas sociais, que operam nas relações de poder, buscando compreender como estas relações são construídas através de aspectos ideológicos inerentes à linguagem, à interação humana. Assim, concluímos citando Van Dijk (1997), quando postula que a autoridade pode ser obedecida no discurso, mas também desafiada por meio dele.

Contribuições de cada autora

Camila Belizário Ribeiro – Análise do Discurso (Resumo, Introdução, Considerações Finais, pontos 1, 2, e 4 e 5).

Maria Clotilde Almeida – Subjetividade em Foucault, Multimodalidade, Retórica, Metáfora Conceitual e Metáfora Multimodal (Resumo, Considerações finais e pontos 1, 3 e 5).

Referências

- ALMEIDA, M. C. Going Political – multimodal metaphor framings on a cover of the sports newspaper “A Bola”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 84-98, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.2358-3428>.
- ALMEIDA, M. C. Metáforas multimodais em painéis políticos: abordagem cognitiva de suportes texto-imagem nos média. In: CAVALCANTE, S.; MILITÃO, J. (org.). *Linguagem e cognição. Desafios e perspectivas contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 2019. p. 291-308.
- ALMEIDA, M. C. et al. *Jogar futebol com as palavras: imagens metafóricas no jornal “A Bola”*. Lisboa: Colibri, 2013.
- ALMEIDA, M. C.; GEIRINHAS, R. COVID-19 e as suas metáforas: “roteiro” ou “rodízio”? *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, p. 90-105, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ell.v0i69.44289>.
- AUSTIN, J. *How to Do Things with Words*. 2. ed. Oxford/New York: Oxford University Press, 1962.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2020.2.38702>.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARKER, C.; GALASINSKI, D. *Cultural Studies and Discourse Analysis. A dialogue on Language and Identity*. London: Sage, 2001.
- BARTON, D.; LEE, C. *Language Online: Investigating Digital Texts and Practices*. London: Routledge, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203552308>

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 81-92.

BORBA, P. L. Entre a coincidência e a não-coincidência: um estudo sobre as falas de esquizofrênicos no campo da enunciação. In: ENCONTRO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 6., 2004, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2004. p. 1-10. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/385570420>. Acesso em: 2 dez. 2020.

BRANDÃO, H. N. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, R. (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 19-43.

CAMARGO, S. Em anúncio, entidades empresariais defendem desmonte ambiental de Salles, mas associadas repudiam apoio nas redes sociais. *Conexão Planeta*, 2020. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/em-anuncio-entidades-empresariais-defendem-desmonte-ambiental-de-salles-mas-associadas-repudiam-apoio-nas-redes-sociais/#fechar>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTERIS-BLACK, J. *Analysing Political Speeches: Rhetoric, Discourse and Metaphor*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-37-36833-1>

COCKCROFT, R.; COCKCROFT, S. *Persuading People: An Introduction to Rhetoric*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-37-05527-9>

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London; New York: Routledge, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

FERNANDES, S. Esplanada da Morte (V) – Por que Ricardo Salles e sua “boiada” continuam passando? *De olho nos ruralistas: observatório do Agronegócio no Brasil*, 2020. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/08/03/esplanada-da-morte-v-por-que-ricardo-salles-e-sua-boiada-continuam-passando/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

HIDALGO-DOWING, L.; KRALJEVIC-MUJIC, B. Infectious Diseases are Sleeping Monsters: Conventional and Culturally Adapted Metaphors in a Corpus of Abstracts on Immunology. *Iberica*, Madri, v. 17 n. 17, p. 61-82. DOI: [doaj.org/article/266396231c8d41aa9cc1ed611d2ec771](https://doi.org/article/266396231c8d41aa9cc1ed611d2ec771)

KÖVECSES, Z. *Language, Mind and Culture: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KÖVECSES, Z.; SZABÓ, Idioms: A View from Cognitive Semantics, *APPLIED LINGUISTICS*, Budapest, v. 17, n. 3, p. 326-355, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/17.3.326>.

LINS, M. P. P.; RANGEL, S. A. S. O tópico discursivo em charges diárias. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1013-1023, 2011. Disponível em: www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/089.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32 2, p. 123-151, 2016. Disponível em: [Necropolítica | Mbembe | arte e ensaios \(ufrj.br\)](http://necropolitica.mbambe.com.br/arte-e-ensaio). Acesso em: 23 mai. 2021.

MEDEIROS, W. S. *#MarielleFranco*: Estudo da Utilização das Hashtags como Ferramenta de Mobilização no Contexto do Ciberativismo. 2020. 177f. Dissertação (Mestrado em Novos Media e Práticas Web) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2020.

MESQUITA, D. P. C.; ROSA, I. F. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, p. 130-141, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25130>. Acesso em: 19 jan. 2020.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; PEREIRA, P. B.; LORENZETTI, L. Entre a “oportunidade” e a passagem da “boiada”: mídia, discurso e educação científica e tecnológica. *Revista Sergipana de Educação Ambiental/REVISEA*, São Cristóvão, v. 7, n. especial, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47401/revisea.v7iEspecial.14435>

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes; 2003.

SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SILVA, P. C. D.; ALMEIDA, M. C. The Imagetic-Cognitive Discursive Argumentation of Aspects of Environmental Sustainability in “Charges” and Cartoons: Critical Humor Strategies Through Conceptual Metaphors. *Papeis: Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens*, Campo Grande, v. 24, n. 47, p. 103-131, 2020.

SHALDERS, A. Passando a boiada: 5 momentos nos quais Ricardo Salles afrouxou regras ambientais. *BBC News Brasília*, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>. Acesso em: 15 nov. 2020.

TSERONIS A.; FORCEVILLE, C. Argumentation and rhetoric in visual and multimodal communication. In: TSERONIS A.; FORCEVILLE, C. (ed.). *Multimodal Argumentation and Rhetoric in Media Genres*. Amsterdam: J. Benjamins, 2017. p. 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1075/aic.14.01tse>

UOL Notícias. “Passar a boiada”: Governo Bolsonaro acelerou publicação de atos sobre meio ambiente durante a pandemia, 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/11817_passar-a-boiada-governo-bolsonaro-acelerou-publicacao-de-atos-sobre-meio-ambiente-durante-a-pandemia.html. Acesso em: 15 jan. 2021.

UOL. *Leia a íntegra da reunião ministerial de 22 de abril*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/confira-a-integra-da-degravacao-da-reuniao-ministerial-de-22-de-abril.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VAN DIJK, T. A. The Study of Discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse as Structure and Process*. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 1997. p. 1-34. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781446221884.n1>

VAN DIJK, T. A. *Discourse and Context: A Socio-Cognitive Approach*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511481499>

WWF BRASIL. *É inaceitável um ministro que usa a morte de milhares de brasileiros para agir na ilegalidade.* Disponível em: https://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/index.cfm?76282/Nota-de-posicionamento-e-inaceitavel-um-ministro-que-usa-a-morte-de-milhares-de-brasileiros-para-agir-na-ilegalidade. Acesso em: 10 dez. 2020.



Argumentação em discursos de ódio no Facebook: uma categorização contributiva à Linguística Forense e à Linguística Computacional

*Argumentation in hate speech on Facebook:
a contributive categorization to Forensic Linguistics
and Computational Linguistics*

Welton Pereira e Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro / Brasil

weltonp.silva@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4693-3151>

Resumo: este artigo objetiva analisar estratégias argumentativas empregadas na veiculação de discursos de ódio contra minorias étnicas, de gênero/orientação sexual e religiosas no Facebook. Foi feita a coleta manual de comentários potencialmente ofensivos, sendo o *corpus* composto por 225 comentários de ódio com caráter lgbtfóbico, 194 comentários com teor racista e 181 comentários que apresentam intolerância religiosa, somando 600 comentários. Os dados foram analisados, levando-se em conta alguns trabalhos que tratam da argumentação como prática discursiva (AMOSSY, 2018; CHARAUDEAU, 2008, 2010), bem como trabalhos sobre o discurso de ódio (FORTUNA; NUNES, 2018). Ao final, apresentamos algumas categorias argumentativas para o discurso de ódio, visando à aplicação a análises periciais no âmbito da Linguística Forense e a tarefas de anotação de *corpus* no âmbito da Linguística Computacional.

Palavras-chave: argumentação; discurso de ódio; violência verbal.

Abstract: this article aims to analyze argumentative strategies used in the dissemination of hate speech against ethnic, gender/sexual orientation and religious minorities on Facebook. Manual collection of potentially offensives comments was carried out in a way that the *corpus* is composed by 225 comments with lgbtphobic aspect, 194 comments with racist content and 181 comments which presents possible religious

intolerance, adding up 600 comments. The data was analyzed through works that considers argumentation as a discursive practice (AMOSSY, 2018; CHARAUDEAU, 2008, 2010), as well as works about hate speech (FORTUNA; NUNES, 2018). In the end, we present some argumentative categories of hate speech, which can be applied to judicial expertise, in the scope of Forensic Linguistics, and to *corpus* annotation tasks in the ambit of Computational Linguistics.

Keywords: argumentation; hate speech; verbal violence.

Recebido em 11 de março de 2021

Aceito em 17 de maio de 2021

1 Introdução

Neste trabalho, temos o objetivo de analisar a argumentação empreendida em comentários na rede social Facebook que podem ser considerados portadores de discurso de ódio. A argumentação, tal como compreendida neste trabalho, é justamente a tentativa de influenciar o outro, levando-o a aderir a uma tese levantada pelo argumentante (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), persuadindo-o, convencendo-o ou ainda despertando nele emoções diversas (CHARAUDEAU, 2008, 2010), podendo estar presente em textos dos mais variados tipos e gêneros (AMOSSY, 2018).

A argumentação também pode ser entendida com um sentido próximo ao de retórica, tal como compreende Amossy (2018), ou vista justamente como o objeto da Retórica, que tinha como finalidade o estudo de técnicas argumentativas e provas retóricas (ARISTÓTELES, 2005). Conforme explica Júnior (2005), a retórica parece ter surgido em um momento crucial na história dos povos antigos de Roma e da Grécia, sendo bastante empregada na Antiguidade, principalmente para a negociação e resolução de conflitos de caráter bélico e judicial.

Entretanto, como pretendemos mostrar neste artigo, fruto de uma pesquisa em nível de pós-doutorado, a argumentação e, por extensão, a retórica, não é apenas empregada na resolução de conflitos, mas também em sua instauração. Por meio da análise de 600 comentários que apresentam conteúdos que veiculam discurso de ódio em alguma medida, pretendemos mostrar que o embasamento argumentativo desses

textos pode ser agrupado em determinadas categorias mais ou menos padronizadas e recorrentes.

Recentemente, tem havido um grande embate acerca dos limites da liberdade de expressão, sendo difícil para alguns indivíduos perceber que determinados discursos, ao ofenderem, ameaçarem e atacarem o outro, são passíveis de tipificação jurídica, podendo levá-los a sofrer uma sanção penal (AGUIAR; FARIAS; SALGADO, 2021). Ao apontarmos essas bases argumentativas e retóricas recorrentes, podemos apresentar uma contribuição aos estudiosos do Direito e da Linguística Forense que procuram encontrar indícios que denotem ódio em escritos de redes sociais. Este trabalho ainda pode contribuir para estudiosos da Ciência da Computação e da Linguística Computacional no que concerne à anotação manual ou automática de discursos de ódio, já que uma das tarefas do processamento de linguagem natural (PLN) é justamente a de anotação linguística de *corpora* que apresentem teor odioso para o aprendizado de máquinas e detecção automática de discurso de ódio na internet (cf. BAUMGARTEN *et al.*, 2019; ROß *et al.*, 2016).

Na primeira seção deste artigo, apresentamos uma breve retomada de noções retóricas nos estudos discursivos atuais, nomeadamente na Teoria Semiolinguística do Discurso (CHARAUDEAU, 2008, 2010, 2015) e na Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2018). Em seguida, discorremos sobre os procedimentos metodológicos levados a cabo na coleta e análise do *corpus* desta investigação. Por fim, tecemos a análise de estratégias argumentativas recorrentes nos diferentes grupos de comentários de ódio provindos do Facebook tomados como *corpus*.

2 A Retórica “redescoberta” no século XX

Nesta seção, partiremos dos estudos aristotélicos acerca das técnicas argumentativas e desembocaremos em estudos contemporâneos que se valem de algumas noções apresentadas pelo estagirita, reformulando-as e adaptando-as às necessidades epistemológicas atuais da Análise do Discurso.

Em sua Retórica, Aristóteles (2005) nos apresenta dois meios de prova: a prova técnica e a prova retórica. Enquanto a primeira consistiria em alguma prova material, como um punhal sujo de sangue sendo a principal arma de um crime, a segunda seria provinda da argumentação e do emprego do discurso. Assim, Aristóteles nos apresenta as provas

retóricas do *logos*, do *ethos* e do *pathos*. O *logos* estaria relacionado ao dizer propriamente dito, ao pensamento lógico – palavra cuja etimologia já evoca o termo grego *logos*. O *ethos* estaria relacionado ao caráter do orador, se ele seria digno de nota e de fé. O *pathos*, por sua vez, dizia respeito a comover o auditório ao provocar, nele, diferentes emoções.

Ao contrário de outros filósofos da Antiguidade, como Cícero, que questionava a validade do emprego de argumentos pautados na emoção, dando preferência aos argumentos racionalizantes, Aristóteles separou uma importante parte de sua Retórica para o tratamento das paixões, como a cólera, a ira e o medo.

Durante o percurso pela Idade Média, a disciplina Retórica continuou tendo bastante espaço nas universidades europeias, compondo, ao lado da gramática e da lógica, o chamado *Trivium* – conjunto de três disciplinas relacionadas à expressão e à linguagem. Conforme nos explica Plantin (2013), entretanto, no percurso histórico, a lógica acabou suplantando a retórica, tomando para si a tarefa de estudar os argumentos. Essa mudança de paradigma se deveu ao forte impacto do positivismo de Comte, encontrando em René Descartes e em seu racionalismo cartesiano a cisão entre a matéria (*res extensa*) e a mente (*res cogitans*). As emoções, como sendo experienciadas pelo corpo, estariam em um patamar inferior ao raciocínio lógico, relacionado à capacidade mental que separa o homem dos outros animais.

Foi somente na segunda metade do século XX, no pós-Guerra, que a Retórica voltou novamente a ocupar um lugar na academia. Por meio dos estudos das técnicas argumentativas copiladas exaustivamente por Perelman e Olbretchs-Tyteca, observamos o retorno da retórica enquanto disciplina que se ocupa do estudo das técnicas argumentativas. O interesse da argumentação, no *Tratado da Argumentação: a nova Retórica*, era justamente o de levar o auditório a aderir às teses levantadas pelo orador (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Conforme explica Lima:

O interesse por ela [argumentação] ressurgiu nos anos de 1960 após o longo jejum decorrente da desconfiança em torno dos estudos ligados à retórica. Todavia, esse interesse ainda não foi suficiente para angariar adeptos à sua causa. Apenas nos anos de 1990, os estudos da argumentação ganharam maior força, destacando obras já produzidas nas décadas posteriores, como as

de Perelman & Olbrechts-Tyteca, Toulmin e Ducrot, bem como introduzindo novas idéias com a atual safra de pesquisadores do assunto, entre os quais eu poderia destacar, por exemplo, Christian Plantin, Ruth Amossy, Van Eemeren e Ekkhard Eggs (LIMA, 2006, p. 84).

Além dos autores elencados por Lima (2006), no âmbito da Análise do Discurso, encontramos na Teoria Semiolinguística do Discurso, proposta pelo linguista Patrick Charaudeau, bem como na Teoria da Argumentação no Discurso, idealizada por Ruth Amossy, um lugar privilegiado reservado a uma releitura das provas retóricas do *ethos* e do *pathos*. Em seu livro sobre o discurso político, Charaudeau (2015) categoriza algumas imagens discursivas possíveis de serem produzidas pelo enunciador que procura convencer um determinado público, como o *ethos de virtude*, o *ethos de inteligência* e o *ethos de potência*, dentre outros. A noção de *ethos* como caráter, portanto, é estendida, sendo agora compreendida como a imagem que o enunciador constrói de si mesmo em seu discurso, pois a compreensão dessa imagem pelo destinatário é dependente de seu próprio universo de crença (CHARAUDEAU, 2015), noções também compartilhadas por Maingueneau (2008). Este último faz a distinção entre o *ethos prévio* – construído anteriormente ao discurso –, o *ethos dito* – imagem explicitamente verbalizada –, o *ethos mostrado* – constituído em conjunto com as ações do locutor – e o *ethos efetivo* – a imagem percebida pelo destinatário. Assim, um palestrante pode procurar construir para si a imagem de inteligente, mas alguém na plateia, pelo contrário, considerá-lo pedante ou arrogante.

No que concerne ao *pathos*, encontramos também na Semiolinguística a reformulação dessa prova aristotélica. Charaudeau (2010) apresenta a noção de *patemização* como sendo a capacidade que certos discursos apresentam de despertar determinadas emoções no interlocutor. Novamente, o despertar de uma ou outra emoção estará sempre condicionada ao universo de crença do interlocutor. Assim, ao contar uma piada, o enunciador pode esperar despertar um sentimento de alegria no destinatário, que por sua vez pode achar a piada de mau gosto e experienciar, ao invés, um sentimento de descontentamento. Conforme adverte o linguista:

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido* (CHARAUDEAU, 2010, p. 34).

A patemização está na base do que entendemos aqui como discurso de ódio, visto ser este empregado com a visada discursiva de *fazer-sentir*, ofendendo, injuriando, ameaçando e deslegitimando o grupo-alvo do ataque. Charaudeau (2008) comprehende que todo fazer discursivo se dá no interior de uma situação de comunicação do qual participam os protagonistas, o sujeito enunciador e o sujeito destinatário no circuito interno – espaço do dizer –, e os participantes da interação, o sujeito comunicante e o sujeito interpretante no espaço externo – espaço do fazer. O sujeito comunicante, enquanto ser empírico, ao enunciar, toma a vez de sujeito enunciador. Todo uso linguístico é também direcionado a um sujeito destinatário, aquele para quem é dirigido o discurso. O sujeito interpretante, por sua vez, é todo indivíduo que entre em contato com o discurso produzido pelo sujeito comunicante.

Outra noção basilar na Teoria Semiolinguística do Discurso é a de contrato de comunicação. Toda troca discursiva obedece a uma série de regras que ditam o que pode ou não ser dito naquela interação. Ao lado do espaço de restrições, entretanto, há o espaço de manobra, em que o sujeito lança mão de estratégias discursivas para atingir a finalidade de sua interação. Essas estratégias são descritas por Charaudeau (2008) como aquelas relacionadas à legitimidade do sujeito enunciador, que procurará demonstrar que tem o direito à palavra, a estratégia de credibilidade, por meio da qual se tenta levar o destinatário a crer naquilo que se diz, e a captação, que consiste em persuadir o auditório, ou sujeito destinatário, por meio, por exemplo, da patemização. O contrato de comunicação dos comentários no Facebook apresenta as regras próprias de seu dizer, como a possibilidade de emprego informal da escrita. Porém, há também um conjunto de restrições do que pode ou não ser dito, visto que o próprio Facebook apresenta algumas regras de conduta para os usuários, como a proibição de comentários que incentivem a violência, o *bullying*, o uso de drogas e o discurso de ódio.

No que concerne à argumentação, Charaudeau (2008) explica que temos três elementos necessários a essa prática: uma proposta sobre

o mundo que seja capaz de despertar um questionamento quanto à sua legitimidade – ou seja, ser passível de refutação; um sujeito que se posicione em relação a esse questionamento e desenvolva um raciocínio, visando a estabelecer uma tese acerca dessa proposta; e um sujeito alvo da argumentação. No processo argumentativo, visando à persuasão ou convencimento do alvo, estratégias relacionadas ao *pathos* e ao *ethos* são empregadas.

Já no âmbito da Teoria da Argumentação no Discurso, Amossy diferencia os discursos que apresentam a intenção de ser persuasivos – caracterizam-se por uma *orientação argumentativa* – dos discursos que influenciam formas de ver o mundo, mesmo quando o discurso não seja explicitamente argumentativo – caracterizam-se por uma *dimensão argumentativa*. De acordo com Amossy (2018):

Há, porém, discursos que não se apresentam como ações de persuasão e nos quais a argumentação não aparece como resultado de uma intenção declarada, muito menos de uma programação: ela não está nem aparente, nem implícita e, às vezes, é até negada pelo locutor (como em um artigo de informação, por exemplo). Foi com o objetivo de designar a orientação involuntária ou subrepticiamente impressa no discurso, a fim de projetar certa luz sobre aquilo de que ele trata, que escolhemos falar de dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018, p. 273).

Tais noções apresentadas por Charaudeau e Amossy subsidiarão nossas análises e reflexões, pois compreendemos que todo enunciado pode ser argumentativo se procura influenciar em maior ou menor grau o destinatário, como é o caso dos discursos de ódio. Estes, por se valerem de uma polarização de pontos de vista e opiniões dissidentes, situam-se no interior do que Amossy chama de discurso polêmico, isto é, “ao choque muitas vezes brutal de opiniões contraditórias que acentuam as diferenças em vez de procurar um consenso viável voltado para a ação comum” (AMOSSY, 2017, p. 29).

Em nossas análises, procuraremos evidenciar como a argumentação é empreendida em discursos de ódio no Facebook, tomando como pano de fundo a noção de que a argumentação é uma prática discursivamente orientada, conforme propõem Charaudeau e Amossy. Na próxima seção, teceremos algumas considerações acerca da metodologia empregada para a coleta do *corpus*.

3 Metodologia

Para esta investigação, procedemos à coleta de comentários potencialmente ofensivos em postagens do Facebook cujas temáticas incidissem sobre questões de raça/etnia, orientação sexual/ identidade de gênero e crença religiosa. O Facebook foi escolhido por ser uma das redes sociais mais usadas pelos brasileiros, sendo também de fácil acesso. Além disso, concordamos com Amossy (2017), quando afirma ser o Facebook a nova praça pública dos debates retóricos, e com Biar e Paschoal (2020, p. 1066), que salientam como os “algoritmos e bolhas [do Facebook] tendem a nos confinar em discussões monofônicas bem pouco democráticas, que tendem ao extremismo e transformam as plataformas em terreno fértil para ascensão escalar de discursos de ódio”. As redes sociais e o Facebook em particular são, portanto, profícuo campo de investigações que se propõem a analisar embates argumentativos, em parte, dada a facilidade de acesso e à relativa sensação de impunidade que provocam.

A coleta do *corpus* foi realizada manualmente, procurando por palavras-chave como “racismo” “homofobia”, “candomblé” e “umbanda”. Nas postagens, optou-se pelos comentários “mais recentes”, pois o Facebook apresenta uma política de excluir comentários ofensivos, embora seja ainda uma tarefa de difícil realização (FORTUNA; NUNES, 2018), bem como os próprios usuários podem denunciar os *posts* e comentários que contenham discurso de ódio e violência verbal.¹ Como a coleta foi manual e não automática, realizamos uma pré-seleção dos textos que compõem o *corpus*, em um total de 600 comentários (11.925 *tokens*,² isto é, itens lexicais). O *corpus* conta com comentários produzidos no ano de 2019 e de 2020.³

¹ O Facebook apresenta sua própria política de uso da rede social, que desincentiva comportamentos violentos. Para mais informações, ver o item *Comportamento violento e criminoso*, no site oficial. Disponível em: https://www.facebook.com/communitystandards/violence_criminal_behavior. Acesso em: 10 mar. 2021.

² A contagem foi realizada por meio de ferramenta de análise estatística de textos disponibilizada pelo Grupo de Linguística e Computação Cognitiva da Insite. Disponível em: <http://linguistica.insite.com.br/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

³ Os comentários coletados estão disponíveis no Facebook e não necessitaram de autorização prévia de seus autores para utilização para fins de estudo. Reiteramos, contudo, que as identidades dos autores foram preservadas.

Foram selecionados enunciados que apresentavam diretamente ou implicitamente um teor ofensivo a grupos minoritários, fazendo uso de termos de que, naqueles determinados contextos, poderiam ser tidos como depreciativos, como “preto”, “macaco”, “bicha”, “boiola”, “macumba”, “idolatria” ou comentários que incitavam a violência contra grupos minoritários. Ao mesmo tempo em que essa coleta nos impede de lançar mão de um vasto número de dados, visto não ter se dado por meio de *softwares* automáticos, ela também se mostra mais efetiva no que concerne à seleção do material analisado, pois selecionamos justamente os comentários cujo teor poderia ser considerado um discurso ofensivo, depreciativo e violento.

Levou-se em conta para a coleta discursos que (i) discriminavam um indivíduo ou um grupo devido à sua identidade racial e/ou étnica, fazendo uso de termos ofensivos ou enunciados que insultavam o indivíduo ou o grupo; (ii) discriminavam um indivíduo ou um grupo devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero, empregando termos ou enunciados ofensivos que insultavam o indivíduo ou o grupo; (iii) discriminavam um indivíduo ou um grupo devido à sua crença religiosa, empregando termos e enunciados ofensivos que insultavam o indivíduo ou o grupo.

Os comentários foram separados em três categorias, vale saber: enunciados lgbtfóbicos (225 comentários; 4.791 *tokens*); enunciados racistas (194 comentários; 3.847 *tokens*) e enunciados com intolerância religiosa (181 comentários; 3.287 *tokens*). Cada grupo foi separado em três categorias, sendo estas apresentadas na tabela abaixo, juntamente ao número de comentários recolhidos em cada uma:

TABELA 1 – Categorias de separação do *corpus*

Lgbtfobia		Racismo		Intolerância religiosa	
Homofobia	94	Negros	101	Matriz afro	61
Transfobia	97	Índios	80	Islamismo	100
Lesbofobia	34	Judeus	80	Cristianismo	20
Total	225		194		181

Fonte: Elaboração própria.

O material foi obtido por meio de *prints* da tela do computador ou *smartphone*, através da conta pessoal do autor no Facebook, e, posteriormente, os comentários foram transcritos, visando à otimização da análise. Idiossincrasias textuais e ortográficas foram mantidas de acordo com o original. É importante salientar que a identidade dos autores dos comentários foi preservada, de modo a garantir seu anonimato. Desse modo, tanto rostos, quanto nomes e demais formas de identificação foram suprimidos.

É necessário pontuar que, para este texto, por questões de espaço inerentes à composição do gênero textual artigo científico, apresentamos as análises quantitativas referentes a todo o *corpus* de 600 comentários de ódio, mas a análise qualitativa ficou restrita a alguns enunciados representativos de cada categoria.

No processo de revisão de literatura, uma das etapas metodológicas, notamos que pesquisas que se debruçam sobre a produção de discursos de ódio em redes sociais ainda são bastante escassas no Brasil (NASCIMENTO, 2019) e em Portugal (FORTUNA; NUNES, 2018). Mesmo escrevendo em língua portuguesa, alguns autores preferem voltar seu olhar para algum idioma estrangeiro, como o inglês (cf. NASCIMENTO, 2019). Dessa forma, a língua portuguesa em suas variedades ainda carece de um estudo mais aprofundado acerca das características linguístico-discursivas do discurso de ódio produzidos nessa língua. Este trabalho não tem a intenção de sanar a lacuna, mas apenas de contribuir para que se possa melhor compreender a natureza do discurso de ódio produzido em uma rede social, no caso, o Facebook.

Na próxima seção, apresentamos as categorias que encontramos por meio da análise do *corpus*, mostrando como poderão ser empregadas em investigações no âmbito da Linguística Forense e da Linguística Computacional.

4 Categorias argumentativas do discurso de ódio

Nesta seção, apresentamos algumas categorias encontradas por meio da análise dos 600 comentários de ódio que compõem o *corpus*. Iremos nos guiar pela definição de discurso de ódio apresentada por Fortuna e Nunes (2018), que a elaboraram a partir de diversas outras definições advindas das redes sociais Facebook, Twitter, do YouTube, da Comissão da União Europeia, bem como do discurso científico. Para eles, que falam a partir da Ciência da Computação:

Discurso de ódio é o uso linguístico que ataca ou diminui, incita violência ou ódio contra grupos, baseado em características específicas como aparência física, religião, descendência, origem étnica ou nacional, orientação sexual, identidade de gênero, ou outras, podendo ocorrer com diferentes estilos linguísticos, mesmo de forma sutil ou quando humor é usado⁴ (FORTUNA; NUNES, 2018, p. 5, tradução minha).

Fortuna e Nunes (2018) ainda afirmam que, recentemente, houve um aumento do interesse na construção de ferramentas computacionais para o aprendizado de máquina (*machine learning*) no rastreio de ódio, de modo a tornar o ambiente das redes sociais mais seguro. Segundo eles apontam, há tanto um interesse comercial quanto político por trás disso, já que a disseminação de discurso de ódio pode provocar danos emocionais e psicológicos a suas vítimas, bem como trazer consequências políticas internacionais no caso de discursos xenofóbicos. Em caso recente, no Brasil, um comentário de caráter xenofóbico por parte do então ministro da educação, Abraham Weintraub, provocou um desconforto nas relações diplomáticas entre Brasil e China, por exemplo.

Pelo fato de tais discursos serem tidos como portadores de ódio e, por extensão, violência verbal, há um interesse da Linguística Forense em estudá-los. A Linguística Forense, conforme ensinam Sousa-Silva e Coulthard (2016), consiste em uma área interdisciplinar que busca empregar determinados achados da linguística na resolução de problemas de cunho jurídico. Para os autores, há três grandes áreas na linguística forense: (i) a linguagem jurídica, cujos estudos se debruçam sobre o discurso realizado em práticas judiciais, evidenciando relações assimétricas de poder e as dificuldades de compreensão do “juridiquês”, por exemplo; (ii) a interação em contextos judiciais, cujos estudos se voltam para a forma como a língua é empregada em determinadas práticas jurídicas, como sessões de interrogatório, audiências de conciliação etc.; (iii) e a área chamada de linguagem como evidência, entendida como a Linguística Forense *stricto sensu*, pois se preocupa em estudar a língua empregada em um contexto de crime, podendo ajudar a inocentar ou culpar o produtor de determinado texto.

⁴ “Hate speech is language that attacks or diminishes, that incites violence or hate against groups, based on specific characteristics such as physical appearance, religion, descent, national or ethnic origin, sexual orientation, gender identity or other, and it can occur with different linguistic styles, even in subtle forms or when humour is used”.

Quando algum crime é cometido exclusivamente ou principalmente por meio da língua, como os chamados crimes contra a honra (calúnia, injúria e difamação), a ameaça, o assédio, a apologia a práticas criminosas, o plágio, a extorsão e o estelionato, por exemplo, estamos diante do que Shuy (2005) chama de crimes de linguagem. Pelo fato de tais empregos linguístico-discursivos serem passíveis de tipificação, isto é, serem enquadrados em um tipo penal descrito no Código Penal, sendo seus autores passíveis de uma sanção penal, reunimos esses textos sob o rótulo de *discurso infrator*.

Partindo então para a análise argumentativa propriamente dita, faz-se importante ressaltar que, neste trabalho, a exemplo de Amossy (2016), tomamos os termos retórica e argumentação como intercambiáveis. Não nos debruçamos necessariamente sobre uma das provas retóricas apresentadas por Aristóteles (2005) e recuperadas recentemente por autores da Análise do Discurso (AMOSSY, 2018; CHARAUDEAU, 2008, 2010, 2015; MAINGUENEAU, 2008), vale saber, as estratégias do *logos*, voltadas para o raciocínio e uso da língua, do *ethos*, voltadas para construção de imagens discursivas de si, e do *pathos*, relacionadas ao despertar de determinadas emoções no alvo.

Apesar de podermos nos valer desses termos em nossas análises, nosso olhar partiu do embasamento retórico levado a cabo pelos sujeitos que produzem discursos de ódio. Isto é, interessa-nos não apenas classificar os enunciados, mas entender as possíveis motivações e fundamentações sociais e políticas que embasam tais construções argumentativas, desde que se apresentem na superfície textual. Notamos que há algumas categorias argumentativas recorrentes, o que nos permitiu fazer um levantamento quantitativo dessas ocorrências.

A seguir, apresentamos as categorias encontradas por meio da análise dos 600 comentários de ódio que compuseram nosso *corpus*. Foram encontradas 20 categorias, sendo que algumas aparecem em todos os grupos de comentários (lgbtfobia, racismo e intolerância religiosa) e algumas são características de apenas um dos grupos. É possível notar que algumas categorias podem ser agrupadas sob o rótulo de *argumentos ad personam* e *argumentos de autoridade*, já trabalhados por autores da argumentação, como Schopenhauer (2014) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Entretanto, visto emergirem temáticas específicas e recorrentes que especificam os empregos de tais estratégias argumentativas, empreendemos uma categorização mais específica,

visando efetivamente contribuir para a compreensão dos diferentes tipos de argumentos empregados em discurso de ódio, e não no fenômeno argumentativo como um todo:

- 1) *Ad baculum*. Descrito por Schopenhauer (2014), o argumento *ad baculum* (literalmente, argumento pelo báculo, porrete) diz respeito ao emprego de ameaças ou argumentos fundamentados sobre a agressão física.
- 2) *Ad personam baseado em suposta enfermidade*. O argumento *ad personam* consiste no ataque direto ao argumentante, pois “a pessoa então será sujeita a humilhações, maldades, afrontas e grosserias”. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 77). O *ad personam* baseado em suposta enfermidade consiste na classificação do comportamento do grupo ou indivíduo alvo como doença e enfermidade física ou psicológica.
- 3) *Ad personam baseado em suposta incapacidade*. É um tipo de argumento *ad personam* que ataca as condições físicas ou psicológicas do grupo ou indivíduo alvo, classificando-o como incapaz de realizar alguma atividade.
- 4) *Ad personam baseado em suposta selvageria*. É um tipo de argumento *ad personam* característico dos discursos de ódio contra indivíduos ou grupos indígenas brasileiros, categorizando-os como selvagens e atrasados.
- 5) *Ad personam baseado em suposta vadiagem*. É um tipo de argumento *ad personam* característico dos discursos de ódio contra indivíduos ou grupos indígenas brasileiros, categorizando-os como vadios e preguiçosos.
- 6) *Ad personam baseado em suposta vitimização*. É um tipo de argumento *ad personam* característico dos discursos de ódio contra indivíduos ou grupos negros brasileiros, categorizando seus apelos e lutas como vitimização.
- 7) *Ad personam baseado em ofensa estética*. É o ataque direto à aparência física do indivíduo, podendo se estender a todos os demais indivíduos de seu grupo no caso do julgamento de valor negativo acerca de uma característica étnica e racial.
- 8) *Ad personam baseado em suposto engodo*. Consiste no ataque ao grupo-alvo, acusando-o de engodo, mentira ou enganação.

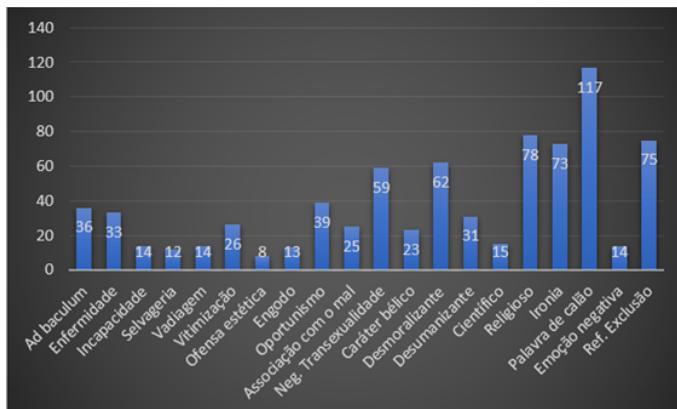
- 9) *Ad personam baseado em suposto oportunismo.* É um tipo de argumento *ad personam* característico dos discursos de ódio contra indivíduos ou grupos indígenas brasileiros. Consiste em uma estratégia que procura deslegitimar o indivíduo ou grupo-alvo, acusando-o de oportunismo, esperteza e vigarice.
- 10) *Ad personam baseado na associação com o mal.* É a categorização do grupo-alvo como maligno ou que faz ações que causam o mal.
- 11) *Ad personam baseado na negação da transexualidade.* Por meio desta estratégia, o enunciador deslegitima a luta e a própria condição transexual, negando sua existência.
- 12) *Ad personam de caráter bélico.* O *ad personam* de caráter bélico é o argumento que ataca o sujeito muçulmano, baseando-se em uma aproximação entre a religião islâmica e o terror da guerra.
- 13) *Ad personam desmoralizante.* É uma espécie de argumento *ad personam* que procura deslegitimar o alvo do discurso de ódio, destituindo-o de algum aspecto moral.
- 14) *Ad personam desumanizante.* É a aproximação do alvo ao animalesco, ao bestial, destituindo-o de sua natureza humana na tentativa de legitimar ódio e intolerância.
- 15) *Argumento de autoridade científico.* É o apelo à ciência ou a um suposto posicionamento científico para embasar o preconceito e intolerância.
- 16) *Argumento de autoridade religioso.* É o argumento fundamentado em preceitos religiosos. Por meio do apelo à religiosidade, principalmente cristã, o argumentante procura categorizar o indivíduo ou grupo-alvo como pecador.
- 17) *Emprego de ironia.* Nem sempre o ataque é direto e linguisticamente explícito, podendo o enunciador, por vezes, valer-se da ironia como uma estratégia para tornar o comentário de ódio implícito. O emprego da ironia pode se sobrepor a outra categoria argumentativa, entretanto, para fins metodológicos, houve a separação em nossas análises.
- 18) *Emprego de palavrões e palavras de calão.* Consiste no emprego de palavrões e palavras de calão para atacar, ofender e injuriar o indivíduo ou grupo-alvo. É descrita por Silva (2020) como uma estratégia de patemização; isto é, uma estratégia argumentativa

que procura despertar emoções no destinatário. Foi a estratégia mais recorrente, sendo empregada em todos os grupos do *corpus*.

- 19) *Expressão de emoção negativa*. Consiste na explicitação linguística da emoção negativa sentida em relação ao grupo ou indivíduo algo.
- 20) *Reforço da exclusão*. É a apologia à exclusão do grupo-alvo, reforçando a separação da sociedade em grupos distintos e relegando ao grupo-alvo um lugar apartado dos demais.

O Gráfico 1 apresenta, em número de ocorrência, o total de estratégias argumentativas encontradas em nosso *corpus*.

GRÁFICO 1 – Estratégias argumentativas por número de ocorrência



Fonte: Elaboração própria.

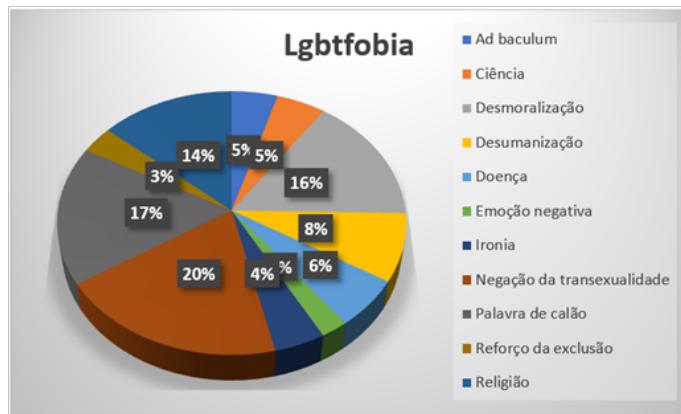
Como podemos perceber, a estratégia relacionada ao *emprego de palavrões e palavras de calão* foi a mais empregada no *corpus* (117 ocorrências), seguida pelo *argumento de autoridade religioso* (78 ocorrências) e pelo *reforço da exclusão* (75 ocorrências). Dentre as estratégias elencadas, *argumento ad baculum*, *argumento de autoridade científico*, *argumento ad personam desmoralizante*, *argumento ad personam desumanizante*, *ad personam baseado em suposta enfermidade*, *expressão de emoção negativa*, *ad personam baseado em suposto engodo*, *emprego de ironia*, *ad personam baseado na associação como mal*, *emprego de palavrões e palavras de calão*, *reforço da exclusão* e *argumento de autoridade religioso* foram compartilhadas por diferentes

grupos de comentários. Por sua vez, algumas estratégias foram encontradas apenas em grupos específicos: *ad hominem de caráter bélico* (muçulmanos); *ad personam baseado em suposta incapacidade* (negros); *negação da transexualidade* (transexuais e lésbicas); *ofensa estética* (negros); *ad personam baseado em suposto oportunismo* (indígenas); *ad personam baseado em suposta selvageria* (indígenas); *ad personam baseado em suposta vadiagem* (indígenas) e *ad personam baseado em suposta vitimização* (negros). Assim, os comentários de ódio contra grupos étnicos minoritários apresentam maior emprego de estratégias específicas, dadas as características de cada grupo. Embora tenha havido constantes empregos do *argumento ad personam*, a fundamentação para cada categoria é respaldada em diferentes valores, bem como as estratégias linguístico-discursivas se diferenciam de um grupo-alvo para outro, fatores que justificam a separação em categorias argumentativas diferenciadas.

Apresentaremos primeiramente a análise quantitativa e qualitativa dos comentários de ódio/intolerância contra a comunidade LGBTQI+. Classificamos esse grupo como comentários lgbtfóbicos, sendo ainda subdividido em: comentários homofóbicos (107 argumentos nos 94 comentários), quando o alvo eram homens gays ou bissexuais; comentários transfóbicos (144 argumentos nos 97 comentários), quando o alvo eram homens e mulheres trans; e comentários lesbofóbicos (46 argumentos nos 34 comentários), quando o alvo eram mulheres lésbicas. A bifobia não apareceu linguisticamente em nosso *corpus*; assim, mesmo que o *post* falasse sobre indivíduos bissexuais, os ataques evocavam termos e argumentos que se referiam à homossexualidade. Por questões metodológicas, mas sem pretendermos cair no erro do reducionismo, inserimos os comentários homofóbicos e bifóbicos na mesma categoria. O número de comentários e de argumentos em cada grupo não é condizente, visto a extensão de cada comentário ser diferente, normalmente abarcando mais de uma estratégia argumentativa.

No Gráfico 2, apresentamos os argumentos encontrados nessas categorias, por porcentagem de ocorrência, levando em conta o total de argumentos (297 argumentos em 225 comentários).

GRÁFICO 2 – Comentários com teor lgbtfóbico



Fonte: Elaboração própria.

O *ad personam baseado na negação da transexualidade* representa 20% do total de argumentos de ódio, sendo a categoria mais comum neste grupo, embora tenha aparecido uma vez no grupo de comentários lesbofóbicos e 58 vezes no grupo de comentários transfóbicos, representando a maior ocorrência neste subgrupo. Fazem parte dessa categoria os argumentos que procuram deslegitimar a natureza trans dos indivíduos e grupos atacados, sejam homens trans, mulheres trans, travestis, sejam não binários, conforme transparece no comentário abaixo:

- a) Mulher trans ou é mulher ou é homem. Trans não define gênero. Aliás não define porra nenhuma. Palhaçada.

Nessa estratégia, é comum a negação da paternidade e da maternidade por parte de indivíduos trans, bem como a não aceitação do nome social, adquirido após constantes lutas judiciais por parte da comunidade LGBTQI+. Por meio dessa estratégia, o argumentante procura deslegitimar o indivíduo trans, atacando-o para justificar seu pensamento contrário. Nota-se que o sujeito enunciador procura atingir a comunidade LGBTQI+ por meio de um argumento patemizante que teria a capacidade de despertar em determinados sujeitos interpretantes, a depender de seu próprio universo de crença, emoções como indignação e revolta.

O enunciado acima, que defende a tese de que o termo “trans” não configura um gênero, também evidencia outra estratégia bastante utilizada, o *emprego de palavrões e palavras de calão* (porra), sendo a segunda estratégia argumentativa mais recorrente, surgindo em 17% das vezes. Por meio do *emprego de palavrões e palavras de calão*, é possível levar o destinatário a experienciar diversas emoções, apresentando alto teor patêmico (SILVA, 2020) e, em nosso *corpus*, dada a natureza ofensiva e humilhante dos discursos de ódio, é possível que emoções como a raiva e a indignação sejam experienciadas pelos sujeitos-alvo. Se estes se sentirem lesados moralmente e/ou psicologicamente, tais sujeitos podem recorrer à justiça, o que faz com que os comentários contendo ódio e intolerância sejam tidos como discursos passíveis de tipificação.

A terceira estratégia mais recorrente foi o *Argumento ad personam baseado na desmoralização*, ocorrendo 16% das vezes. Como vimos anteriormente, por meio dessa estratégia, o sujeito enunciador procura deslegitimar a vítima ou o grupo-alvo. Ocorreu no conjunto de comentários com teor lgbtfóbico, principalmente, para construir a imagem discursiva do alvo como pessoas sem moral, sem escrúpulos, voltadas a obscenidades e sexo desregrado, atitudes tidas como condenáveis pelo enunciador, como no exemplo abaixo:

- b) Falta de vergonha na cara, vai direto morar com o capeta, ao invés de procurar a salvação, fica procurando depravação, francamente, este mundo tem que pegar fogo e ser consumido

Ao categorizar o outro como imoral, o sujeito enunciador procura construir para si um *ethos de virtude* (CHARAUDEAU, 2015), de alguém que não coaduna com práticas “depravadas”, em seu ponto de vista. O teor altamente patêmico dos enunciados apresentados em (b) é percebido por meio do emprego de termos relacionados à moralidade, como “vergonha na cara”, “depravação” e à religiosidade, como “capeta” e “salvação”.

A estratégia argumentativa que busca aproximar a homossexualidade e transexualidade à enfermidade também foi bastante recorrente (6%):

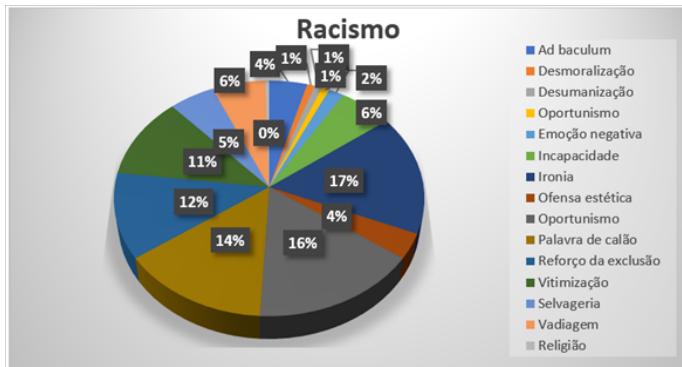
- c) Temos que entender que são pessoas doentes... tem que buscar tratamento o quanto antes

No comentário acima, percebemos a construção do *ethos* do enunciador como alguém supostamente preocupado com a saúde da população LGBTQI+. Até recentemente, a homossexualidade figurava entre as doenças psicológicas, justamente o sentido denotado pelo sufixo *-ismo* em “homossexualismo”; entretanto, no Brasil, desde 1985, o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar o comportamento homossexual como doença. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais. Mesmo com todos esses avanços, em 2011, o deputado federal João Campos (PSDB) sugeriu um Projeto de Decreto Legislativo (PDL 234/11), apresentando o que ficou conhecido como “Cura Gay” – um conjunto de práticas que, contrariando a resolução do Conselho Federal de Psicologia, procurava reorientar o comportamento sexual de indivíduos gays. Após sua aprovação, o projeto foi arquivado, não sem deixar claro, assim como os comentários encontrados em nosso *corpus*, que ainda há muita desinformação e preconceito acerca do comportamento homossexual.

Passemos à análise qualitativa e quantitativa dos argumentos encontrados no conjunto de comentários classificados como possível⁵ racismo (228 argumentos em 194 comentários). Os comentários foram subdivididos em: teor racista contra negros (116 argumentos em 101 comentários); teor racista contra indígenas brasileiros (98 argumentos em 80 comentários); e teor racista contra judeus (14 argumentos em 13 comentários). Dos diversos comentários coletados, escolhemos alguns mais ilustrativos do que pretendemos demonstrar neste artigo, pois há limite de espaço para explanarmos sobre uma quantidade maior de modo qualitativo e aprofundado.

⁵ A modalização se faz necessária, visto que há diferenças entre os tipos penais do racismo e da injúria racial, bem como o crime só será tido como tal após o trânsito em julgado.

GRÁFICO 3 – Comentários com teor racista



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos perceber no gráfico 3, o argumento pautado no *emprego de ironia* foi o mais recorrente, representando 17% do total de argumentos. A categorização de argumentos como irônicos foi feita principalmente por meio de escolhas lexicais, pontuação, emoticons e alguma pista linguística que denotasse a prosódia impressa sobre o comentário, visto estarmos lidando com textos escritos. Por meio da ironia, o sujeito argumentante denota seu ódio e desprezo pelo indivíduo ou grupo-alvo, mas de modo implícito, talvez uma tentativa de se defender de alguma possível acusação de racista – rótulo não desejado. Entretanto, em vias legais, um linguista forense pode ser chamado para averiguar o significado de um determinado comentário de ódio implícito, caso o juiz considere que o texto apresentado levante dúvidas (SILVA, 2020). Essa área é conhecida na Linguística Forense como Determinação de Significado (SOUZA-SILVA; COULTHARD, 2016). O emprego de ironia no discurso de ódio também foi atestado por Van Hee, Lefever e Hoste (2018), que afirmam que 34% dos tweets irônicos que analisaram em sua investigação são ataques que procuram ridicularizar ou causar dano a alguém. Assim, conforme Muñoz (2020, p. 243), e aqui atestamos, “a violência verbal pode se realizar de modo explícito ou implícito”.

No comentário a seguir, essa questão fica salientada:

- d) Índio? Ainda existe isso?? Acho obsoleto demais né.

Nesse comentário, observamos uma demonstração de insatisfação quanto à existência dos povos indígenas, bem como em relação às suas lutas e direitos garantidos. Por meio das perguntas retóricas, o autor do comentário procura expressar uma tentativa de humor, dizendo que os índios são obsoletos, isto é, atrasados. Ocorre, portanto, não apenas o emprego da ironia que denota uma insatisfação, mas também uma desumanização do indivíduo indígena por meio do pronome demonstrativo “isso” usado na referenciação. A estratégia argumentativa do *ad personam desumanizante* foi a segunda mais recorrente, representando 16% do total.

No conjunto de comentários com teor racista contra negros, destacou-se a prevalência de argumentos que os classificavam como vitimistas (26 oc.), como o que segue:

- e) O racismo só vai acabar quando os negros pararem de ficar se vitimizando e ir em busca de seu próprio futuro

O comentário acima é um dos que podem gerar discussão quanto ao entendimento acerca de o texto consistir em um comentário de ódio ou uma livre expressão de opinião. Entretanto, ao relacionar toda a luta e reivindicação por igualdade por parte do povo negro a uma suposta vitimização, ocorre uma tentativa de silenciamento. Ir em busca de seu próprio futuro parece retomar intertextualmente o discurso da meritocracia, entretanto, mesmo negros bem-sucedidos não deixam de denunciar casos explícitos de racismo, o que invalida o argumento acima apresentado. No processo, o sujeito enunciador parece pretender construir para si um *ethos de virtude*, de alguém preocupado com o fim do racismo. A evocação do termo “vitimização” inserido pelo verbo “parar”, que introduz o pressuposto de que os negros se vitimizam, apresenta forte teor patêmico capaz de levar alguns sujeitos interpretantes a experienciarem sentimentos relacionados à indignação e à raiva. Por outro lado, a depender de seus imaginários e crenças, outros sujeitos interpretantes seriam levados a um sentimento de satisfação, por concordarem com o argumentante.

Outro argumento que aparece apenas no conjunto de comentários destinados a negros foi ao *ad personam baseado na ofensa estética*, ocorrendo 8 vezes:

- f) Maior cara de bandido esses malucos tem

Esse comentário acerca de dois homens negros evidencia o julgamento estético do negro como criminoso, algo já bastante discutido pela Teoria do Etiquetamento Social (*Label Approach*), vinculada à Criminologia Crítica (cf. BARATTA, 1999). Os dois rapazes em questão eram estagiários do Núcleo de Esportes da Globo, pretos e vestidos casualmente. O que o comentário evidencia é, portanto, uma ofensa aos indivíduos negros simplesmente pela sua aparência (cara de bandido), além da aproximação de um grupo inteiro com a criminalidade.

Quanto ao conjunto de comentários racistas dirigidos a indivíduos ou grupos indígenas, observou-se um destaque maior para os argumentos pautados sobre o *suposto oportunismo*, representando 16% do total de argumentos, mas aparecendo apenas dentre os comentários contra indígenas (37 oc.):

- g) Índios não existem há séculos! Hoje são bandidos aproveitadores vagabundos que não gostam de trabalhar e se passam por índios, para sugar o governo, e fazer pedágio em rodovias para roubar pessoas. E nem flechas usam mais, estou de pistolas! Kkk

Evidencia-se, no comentário em apreço, uma tentativa de apresentar os indígenas brasileiros como oportunistas, sendo chamados de “aproveitadores vagabundos que não gostam de trabalhar”, preferindo “sugar o governo” e “roubar pessoas”, enunciados que funcionam como argumentos para comprovar a tese de que “índios não existem há séculos”. Além de oportunistas, os indígenas também são classificados como vadios e vagabundos, o que representa 6% do total (14 oc.). Esses comentários são fundamentados sobre um imaginário sociodiscursivo intolerante acerca dos povos indígenas como atrasados, que nada produzem para o avanço capitalista do País.

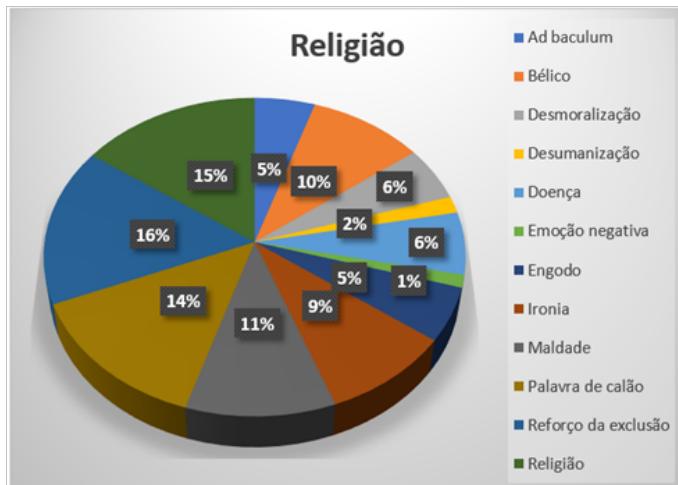
Quanto aos comentários antisemitas, observou-se a prevalência de argumentos fundamentados sobre o *reforço da exclusão* (5 oc.) O número é baixo em relação ao total, mas representativo em relação aos comentários de ódio contra o povo judeu, pois apenas 13 comentários foram encontrados nessa categoria:

- h) Judeu é um povo que plantou o que colheu. Eles não aceitam outros q não sejam judeus. Não encostam em quem não são judeus. Não conversam com quem não são judeus. Eu morei em londres e vi com meus próprios olhos estas atitudes.

Há, no comentário acima, uma tentativa de evidenciar as diferenças entre o “nós” e o “eles”, sendo “eles” o povo judeu. Há ainda a justificativa para as atrocidades cometidas contra o povo judeu no curso da História, atrocidades que, na visão do enunciador, são justificadas pelas próprias ações cometidas por esse povo. Uma estratégia argumentativa ainda empregada pelo enunciador, mas não classificada por nós por não veicular necessariamente discurso de ódio, foi a narrativa de uma situação vivida para fundamentar a argumentação, prática descrita por Charaudeau (2008). O sujeito procura legitimar seu argumento por meio da narrativa de que, morando em Londres, presenciou *in loco* as atitudes que ele atribui aos judeus: a autoexclusão.

A seguir, apresentamos os argumentos encontrados no grupo de comentários de ódio contra religiosos. É importante salientar que os judeus consistem não apenas em um grupo religioso, mas também étnico, motivo pelo qual os inserimos no grupo analisado anteriormente. No âmbito dos comentários de ódio contra religiosos, separamos os comentários que tinham como grupo-alvo os fiéis de religiões de matriz africana, cristãos e muçulmanos. Apesar de os cristãos serem maioria no Brasil, lembramos que o discurso de ódio não se fundamenta apenas contra grupos minoritários, embora esses sejam os grupos preferíveis e que necessitam de maior proteção por parte do Estado.

GRÁFICO 4 – Comentários de ódio com caráter de intolerância religiosa



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos perceber a partir da leitura do gráfico apresentado, a estratégia vinculada ao *reforço da exclusão* foi a mais representativa, tendo 38 ocorrências, o que corresponde a 16% do total. Nesse tipo de argumento, situam-se aqueles que objetivam excluir o indivíduo ou grupo-alvo como não fazendo parte do grupo ao qual o enunciador pertence, o que justificaria o ódio. Por exemplo:

- i) Não aceitem é macumba!

O termo “macumba” aparece como uma metonímia de qualquer religião de matriz africana, seja candomblé, seja umbanda ou outra religião afro-brasileira. No enunciado acima, a temática era referente aos doces e comidas distribuídas por fiéis no dia de São Cosme e Damião, uma tradição em diversas localidades no Brasil. Ao solicitar enfaticamente, representado pelo sinal de exclamação, que as pessoas não aceitem os doces ofertados por serem “macumba”, isto é, algo negativo, o enunciador reforça a exclusão entre os grupos, entre os “nós” e o “eles”.

A estratégia mais empregada no grupo de comentários de ódio contra indivíduos ou grupos que professam alguma fé de matriz africana foi o argumento pautado na premissa de que tais religiões são malignas (19 oc.), como no exemplo a seguir:

- j) Palhaçada! Uma religião que sacrifica os animais. Deveria ser banida. Religião prega amor e não a maldade ao próximo.

No exemplo acima, há evidentemente uma aproximação entre as religiões de matriz africana e a maldade, tanto em relação a animais, quanto em relação “ao próximo” – termo bastante empregado no discurso religioso. Há ainda a apologia ao banimento dessa religião na tese defendida pelo sujeito enunciador, o que também contraria os Direitos Humanos de livre expressão religiosa.

Outra estratégia bastante comum foram os argumentos baseados em preceitos religiosos, funcionando como um argumento de autoridade. Essa categoria ocorreu 36 vezes, o que representa 15% do total. Por meio dessa estratégia, o sujeito enunciador ataca o indivíduo ou grupo-alvo como sendo satanista, pecador, idólatra, merecedor do Inferno e como não fazendo a vontade de Deus. Como vimos, essa estratégia foi bem recorrente no grupo de comentários com teor lgbtfóbico, mas também é bastante evidenciada no grupo de comentários contendo intolerância

religiosa, sendo a mais recorrente no grupo de comentários destinados a indivíduos ou grupos islâmicos (23 oc.). Isso acontece pelo fato de que cada religião apresenta sua própria doutrina e conjunto de dogmas, tidos pelos fiéis como os únicos verdadeiros e corretos. Tudo o que foge a esse ponto de vista espiritual seria taxado como um desvio dos ensinamentos de sua própria religião e, por isso, tido como errado:

- k) Religião de sanatás, dos destruidores, que explodem aviões, não respeitam as mulheres e nem a religião dos outros, que ensinam as crianças a serem bombas

O argumento acima é dirigido à religião islâmica e seus seguidores. Como pode ser notado, há um argumento fundamentado em critérios religiosos, defendendo que o Islã é a “religião de Satanás”, de acordo com aquele ponto de vista. Como já mencionamos, um mesmo comentário pode abranger estratégias argumentativas diferentes, como neste, em que há também o que chamamos de *argumento ad personam de caráter bélico*, encontrado apenas no conjunto de comentários cujo indivíduo ou grupo-alvo pertence à religião islâmica. Por meio desse argumento, o grupo é relacionado à guerra e à destruição, a exemplo de sua denominação como “destruidores” “que explodem aviões” e “que ensinam as crianças a serem bombas”, argumentos altamente patemizantes que podem despertar emoções diferentes, levando-se em conta o universo de crença do sujeito interpretante: se este conhecer a religião islâmica e souber que apenas algumas facções terroristas cometem tais atrocidades, pode experienciar um sentimento de indignação pela difamação contra esse grupo religioso; por outro lado, caso não conheça bem a doutrina islâmica, o sujeito interpretante pode ser levado a se indignar justamente contra o Islã e seus praticantes. Há também uma tentativa de desmoralização da cultura e religião islâmica, ao afirmarem que ela não respeita as mulheres nem as demais religiões.

Por fim, o terceiro argumento mais representativo, seguindo a tendência geral do *corpus*, foi o *emprego de palavrões e palavras de calão*, ocorrendo 33 vezes, o que corresponde a 14% do total, como observamos em:

- l) É por conta disso q eu acho q a Bíblia tinha que ser banida e enfiada no cu de cada um q segue esse livro de merda, a única coisa q a Bíblia consegue trazer é o caos... o mundo era ótimo antes disso existir

O comentário acima não nomeia um grupo específico, mas ao se referir à Bíblia e a “cada um q segue esse livro de merda”, o sujeito enunciador se refere explicitamente aos cristãos, visto que judeus e muçulmanos, apesar de seguirem em partes alguns textos bíblicos, apresentam sua própria compilação de textos sagrados, vale saber, o Torá e o Corão, respectivamente. O teor odioso é denotado pelos trechos “enfiada no cu” e “livro de merda”, configurando uso da violência verbal. Há uma tomada de posição não cristã por parte do sujeito enunciador, que afirma, inclusive, que a Bíblia deveria ser banida, o que atenta contra os Direitos Humanos de livre expressão e manifestação religiosa. Entretanto, por vezes, um grupo religioso cristão pode dirigir ofensas odiosas a outro grupo cristão, como protestantes *versus* católicos.

Para este texto, como já evidenciado, apresentamos as análises quantitativas referentes a todo o *corpus* de 600 comentários de ódio, mas a análise qualitativa ficou restrita a alguns enunciados representativos de cada categoria.

A seguir, tecemos algumas considerações finais.

Considerações finais

Neste artigo, partimos de um ponto de vista linguístico-discursivo, procurando evidenciar estratégias argumentativas empregadas em discursos de ódio produzidos em português brasileiro na rede social Facebook.

Os dados foram coletados manualmente, sendo obtidos 600 comentários ao total, que apresentassem comentários com teor lgbtfóbico, racista e de intolerância religiosa. Cada um desses grupos foi subdividido da seguinte maneira: comentários possivelmente lgbtfóbicos – homofóbicos/bifóbicos, transfóbicos e lesbofóbicos –; comentários possivelmente racistas – contra negros, índios e judeus –; comentários com possível intolerância religiosa – contra religiões de matriz africana; muçulmanos e cristãos.

Ao final da análise, pudemos categorizar vinte estratégias argumentativas empregadas para atacar, humilhar, diminuir e ofender os grupos-alvo, sendo algumas encontradas em todos os grupos, como o *emprego de palavrões e palavras de calão*, enquanto outras são particulares a determinados grupos-alvo, como o *argumento ad personam baseado na negação da transexualidade* contra pessoas trans, o *argumento*

ad personam de caráter bélico contra os muçulmanos e a *argumento ad personam baseado na ofensa estética* dirigida a indivíduos negros.

Notamos, portanto, que há um conjunto de temáticas que subsidiam a argumentação pautada no discurso de ódio contra os grupos selecionados. Munido dessas vinte categorias por nós descritas e exemplificadas, linguistas computacionais e cientistas da computação que procuram anotar *corpora* com *tagsets* relacionados ao discurso de ódio podem generalizar, complementar ou refutar esses dados, visando a otimizar o aprendizado de máquinas (*machine learning*) no que concerne, principalmente, à detecção automática de discursos de ódio na internet.

Além disso, profissionais do Direito e linguistas forenses podem se valer de tais categorias analíticas para a resolução de dúvidas no que concerne à determinação de significado odioso em comentários em redes sociais ou mesmo em outros gêneros. Isto é, essas categorias podem ser empregadas para a resolução de casos em que o teor ofensivo de um comentário ou outro gênero textual seja passível de disputa judicial, o que pode ser considerado um passo na tarefa de apresentar pistas linguístico-discursivas que ajudem a delimitar os limites entre o discurso de ódio e a liberdade de expressão, tão necessária, mas tão mal-empregada nas redes sociais.

Salientamos ainda que trabalhos futuros podem ser desenvolvidos a partir dessa primeira categorização metodológica aqui apresentada, como: (i) a anotação de *corpora* maiores, visando a perceber se tais categorias argumentativas podem ser estendidas a outros gêneros textuais e a outros grupos-alvo de ataques de ódio, (ii) a análise da patemização possivelmente engendrada por esses discursos; (iii) o *ethos* construído pelos sujeitos que proferem discursos de ódio e (iv) o potencial didático desta investigação.

Referências

- AGUIAR, L. R. L.; FARIAS, S. S.; SALGADO, A. A. R. T. Liberdade de expressão nas redes sociais: a ressignificação do Direito Penal e Processual Penal à luz dos discursos de ódio. In: ALMEIDA, F. I. L.; VIEIRA, S. G. N.; CAVALCANTI, S. C. M. (org.). *Criminalidade na era digital*. João Pessoa: ADEPDEL, 2021. p. 123-134.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- BARATTA, A. *Criminologia crítica e crítica do Direito Penal*. Introdução à Sociologia do Direito Penal. 3. ed. Trad. Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.
- BAUMGARTEN, N. *et al.* Towards Balance and Boundaries in Public Discourse: Expressing and Perceiving Online Hate Speech (XPEROHS). *RASK: International Journal of Language and Communication*, Odensev. 1, n. 50, p. 87-108, 2019. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/337913890>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- BIAR, L. A.; PASCHOAL, F. V. C. “(Não) leia os comentários”: a disputa da notícia sobre o assassinato de Marielle Franco. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1051-1069, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813679571620200330>
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. v. II, p. 23-56.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FORTUNA, P.; NUNES, S. A Survey on Automatic Detection of Hate Speech in Text. *ACM Comput. Surv.* Nova Iorque, v. 51, n. 4, p. 1-30, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1145/3232676>
- JÚNIOR, M. A. Origem da retórica e formação do sistema retórico. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. p. 15-84.
- LIMA, H. M. R. *Na tessitura do Processo Penal: a Argumentação no Tribunal do Júri*. 2006. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- MAINQUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MUÑOZ, S. C. Es posible detección automática de la violencia lingüística em las redes sociales? *E-AESLA*, Vigo, n. 6, p. 241-252, 2020.

NASCIMENTO, R. M. F. *Classificação automática de discursos de ódio em textos do Twitter*. 2019. 48f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) – Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

PLANTIN, C. *A Argumentação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROß, B. *et al.* Measuring the Reliability of Hate Speech Annotations: The Case of the European Refugee Crisis. In: WORKSHOP ON NATURAL LANGUAGE PROCESSING FOR COMPUTER-MEDIATED COMMUNICATION, 3., 2016, Bochum. *Anais* [...]. Bochum: Bochumer Linguistische Arbeitsberichte, 2016. p. 6-9. DOI: <https://doi.org/10.17185/duepublico/42132>

SCHOPENHAUER, A. *38 Estratégias para se vencer qualquer debate. A arte de ter razão*. São Paulo: Faro Editorial, 2014.

SHUY, R. W. *Creating Language Crimes: How Law Enforcement Uses (and Misuses) Language*. New York: Oxford University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195181661.001.0001>

SILVA, W. P. *Argumentação e patemização em cartas de ameaça: uma análise semiolinguística como contribuição à Linguística Forense*. 2020. 275f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SOUSA-SILVA, R.; COULTHARD, M. Linguística Forense. In: DINIS OLIVEIRA, R. J.; MAGALHÃES, T. (org.). *O que são as Ciências Forenses? Conceitos, abrangência e perspetivas futuras*. 1. ed. Lisboa: Pactor, 2016. p. 137-144.

VAN HEE, C.; LEFEVER, E.; HOSTE, V. Exploring the Fine-Grained Analysis and Automatic Detection of Irony on Twitter. *Lang Resources & Evaluation*, Ghent, v. 52, p. 707-731, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007%2Fs10579-018-9414-2>



Impeachment ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital

Impeachment or death: the rhetorical configuration of a polemic event in the digital public space

Rodrigo Seixas

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana, Mato Grosso do Sul / Brasil

rodrigoseixaspb@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1116-3676>

Lucas Nascimento

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia / Brasil

mlucasnascimento@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8642-4397>

Resumo: Neste artigo, objetiva-se analisar como se configura o evento polêmico em torno de algumas manifestações a respeito do ato polêmico iniciado pelo deputado federal Marcelo Freixo (PSOL), ao *tweetar* “Impeachment ou morte”, no *Twitter*. A análise será feita em diálogo com Paveau (2013), acerca do discurso digital, com os estudos retórico-argumentativos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e os estudos retóricos sobre a polêmica empreendidos por Angenot (2008, 2015), Nascimento (2018a) e Seixas (2019), a fim de delinear uma metodologia para a compreensão dos sentidos da polêmica no que se pode chamar de espaço público digital. Ao final, observa-se como se instauram os sentidos divergentes em torno do ato polêmico supracitado, o qual se torna *hashtag* de protesto e estratégia argumentativa para a construção do evento.

Palavras-chave: evento polêmico; retórica; espaço público digital.

Abstract: This article aims to analyze how the polemic event is set up around some manifestations regarding the polemic act triggered by the congressman Marcelo Freixo (PSOL), when tweeting “Impeachment or death” on Twitter. The analysis will be done in dialogue with Paveau (2013) about digital discourse, with the rhetorical-argumentative

studies of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), and with the rhetorical studies on the polemic undertaken by Angenot (2008, 2015), Nascimento (2018a) and Seixas (2019), in order to outline a methodology for understanding the meanings of the polemic in what can be called digital public space. At the end, we observe how the divergent meanings are established around the aforementioned polemic act, which becomes a protest hashtag and an argumentative strategy for the construction of the event.

Keywords: polemic event; rhetoric; digital public space.

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 10 de maio de 2021

1 Introdução

Um pedido de *impeachment* de um presidente da República é, quase sempre, parte de uma polêmica. Desde o primeiro ano de governo, Jair Messias Bolsonaro já teve vários pedidos protocolados na Câmara de Deputados com certo apoio nas redes sociais, sobretudo no *Twitter*. Em 2019, por exemplo, no dia 09 de outubro, ao pedir impugnação da chapa que elegeu o presidente em 2018, a hashtag *#ImpeachmentdoBolsonaroUrgente* chegou ao topo dos *Trending Topics* (ROSCOE, 2019). Após o início da pandemia de Covid-19, em março de 2020, os pedidos de *impeachment* aumentaram de tal maneira que, no dia 14 de janeiro de 2021, somavam-se 61 pedidos recebidos pela Mesa da Câmara dos Deputados (KRÜGER, 2021). Nesse propósito de deposição, tem-se o *Twitter* como um espaço de reivindicação, de protesto, de maneira que pode se verificar hashtags, favoráveis e contrárias, como *#impeachment*, *#impeachmenturgente*, *#impeachmentdobolsonarourgente* (e suas variantes) de um lado, e *#fechadocombolsanaro*, *#BolsonaroAte2026*, *#BolsonaroOrgulhoDoBrasil* de outro.

O clima na Casa Legislativa para o impedimento, ainda sob o comando de Rodrigo Maia (DEM), na Câmara dos Deputados, e Davi Alcolumbre (DEM) no Senado, não se mostrou de todo propício a ponto de o deputado Maia aceitar os pedidos, embora este discordasse de muitas atitudes do presidente Jair Bolsonaro, sobretudo a respeito da pandemia. No entanto, para os opositores do Governo, as atitudes negacionistas do presidente – que impediu, ou ao menos atrasou, o combate mais ágil e eficaz à pandemia – eram mais do que suficientes para gerar clima político para o avanço do pedido de *impeachment*.

Nesse cenário, diante dos descalabros governamentais a propósito da situação sanitária nacional, em especial da situação caótica vivida em Manaus, um ato polêmico toma a cena. No dia 15 de janeiro de 2021, o deputado federal, Marcelo Freixo (PSOL), *tweetou* a seguinte frase: “Impeachment ou morte”. Apesar de aparentemente simples, tal enunciado gerou interpretações díspares. Se, de um lado, os opositores do presidente interpretaram o enunciado como um alarme ao que se teria (mortes), caso o governo continuasse agindo como está a respeito da pandemia, de outro, os seus apoiadores consideraram o *tweet* uma ameaça de morte ao chefe de Estado.

Diante dessa controvérsia de sentidos, é possível perceber que se tem início uma disputa discursiva, uma polêmica política no espaço público digital do *Twitter*, como de costume no Brasil ainda muito polarizado. Do lado dos opositores do presidente, o enunciado “Impeachment ou morte” torna-se a *hashtag* #impeachmentoumorte e esta passa a ser replicada, em tese, como forma de protesto às atitudes do presidente e de seu governo. Tem-se, assim, uma polêmica configurada no espaço do *Twitter*, sendo arregimentada pelas suas restrições e permissões enunciativas, o que gerou (e ainda gera) uma série de interações polêmicas digitais de modo muito característico.

A partir desse contexto, neste artigo, objetivamos analisar como se configura o evento polêmico no *Twitter* em torno de algumas manifestações a respeito do ato polêmico iniciado pelo deputado Marcelo Freixo (PSOL). Faz-se isso a partir da análise de *hashtags* e de alguns *tweets* aos quais se teve acesso por meio da ferramenta de busca (*explorar*) por *hashtag* do próprio *Twitter* no período do evento polêmico em questão, no mês de janeiro de 2021. Serão analisados 7 *tweets* ao total – 1 inicial (o próprio *tweet* do deputado Marcelo Freixo), 2 a favor do *impeachment* (contra Bolsonaro) e 4 a favor do presidente, nos quais alguns fenômenos discursivos e estratégias retórico-argumentativas figuram como importantes na definição dos efeitos de sentido dentro da polêmica, tais como: as analogias condensadas (relações metafóricas) e a atualização de certo arsenal argumentativo que resgata uma lógica conspiratória e um antissocialismo. Consideramos, a propósito, que os *tweets* podem ser tomados como argumentos, segundo uma lógica própria dos argumentos, e que as *hashtags*, figurando sempre nos *tweets* analisados, funcionam, para além de organizadoras discursivas (metadados), como formas de protesto contra o presidente ou mesmo de sua defesa.

Para tanto, faremos uma análise retórico-discursiva em diálogo com o que se pode chamar de *espaço público digital* (CABRAL, 2015; FERREIRA, 2010; PINTO, 2017). Faz-se isso, procedendo a um deslocamento da noção e buscando dialogar os estudos de Paveau (2013) acerca do discurso digital e, em especial, do *Twitter*, com os estudos retórico-argumentativos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e os estudos retóricos sobre a polêmica empreendidos por Angenot (2008, 2015), Nascimento (2018a) e Seixas (2019), a fim de delinear uma metodologia para a compreensão dos sentidos da polêmica no espaço público digital.

2 Espaço público digital: um olhar retórico-discursivo

A primeira configuração de espaço público, ao que se tem registro, dá-se na Grécia Antiga. Lá, os cidadãos, leia-se homens livres e iguais, os retores por excelência, reuniam-se numa espécie de Ágora, com ajuda da retórica, para discutirem sobre diferentes questões da vida pública. No entanto, a ideia do que se comprehende como espaço público, ao longo dos anos, vem sofrendo mudanças bastante consideráveis, e, à medida que evoluem as formas de interação nas redes sociais, pode-se falar atualmente de *espaço público digital*.

Se era consagrada a ideia de espaço público enquanto um espaço comum, já numa perspectiva nova, fala-se de uma fragmentação desse espaço em, ao menos, duas dimensões: um espaço público físico, o local onde as pessoas se encontram fisicamente umas com as outras, e o espaço público digital, no qual aparece a “criatura digital” que representa as pessoas, transmitindo o que elas podem ou não pensar (CABRAL, 2015).

Ao se falar de espaço público digital, deve-se antes compreender o que é espaço público, sobretudo numa perspectiva discursiva. A esfera pública (espaço público), que se constituiria em certa oposição à esfera privada, de acordo Arendt (2007), é o lugar em que a visibilidade garante a existência das coisas e onde os humanos se encontram enquanto mundo comum. Eis o duplo sentido da esfera pública arendtiana, a publicidade e um espaço comum.

Para se participar da vida pública, a vida no espaço público se faz eminentemente por meio da palavra, de modo que o espaço público é compreendido pela filósofa como o lugar da ação coletiva e organizada dos cidadãos com vistas às questões públicas. Nessa perspectiva, pode-se

dizer que “o espaço público está para além do físico, porque é o *locus* onde os discursos tornam-se possíveis e os atos tornam-se publicitados como vitrine” e, portanto, ele “é o lugar do diálogo entre as diferentes instâncias sociais, estatais e não estatais, do agir livre e coletivo” (NASCIMENTO, 2018a, p. 244).

Nascimento (2018a, p. 244), ao partir de Arendt¹ (2007), em direção a uma perspectiva que faz dialogar estudos bakhtininos e retóricos (PAULA; SEVERO, 2009; SEVERO, 2007), afirma ser esse espaço público um “lugar privilegiado de produção, visibilidade e circulação de certos discursos e gêneros discursivos, se alimenta, portanto, dos diferentes valores e ideologias do mundo da vida” (NASCIMENTO, 2018a, p. 245). Essa perspectiva é produtiva, uma vez que o espaço público atualmente não se limita ao lugar de debates políticos e de cidadania, todavia se coloca em público todas as questões que afetam os sujeitos, ainda mais em tempos de redes sociais.

Nesse novo momento em que as novas tecnologias dominam, ainda mais após a pandemia da Covid-19, a fragmentação do espaço público só se acentua e esse novo espaço, o espaço público digital, transforma “o que era um espaço de debate num espaço de exposição de ideias e situações sem espera de resposta discursiva” (CABRAL, 2015, p. 14). Tornou-se não apenas um lugar para debates regrados, mas sobretudo propício para interações e discursos polêmicos.

O advento da *Web 2.0* e do surgimento das redes sociais digitais traz para a cena digital o centro das discussões e dos debates públicos que antes ocorriam em lugares institucionais físicos. Segundo Lévy (1999), o mundo se direciona cada vez mais para o *ciberespaço*, isto é, o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Tal realidade digital crescente evidencia o surgimento do que o autor chama de *cibercultura*, um universo sem centro nem linha diretriz, “que se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas” (LÉVY, 1999, p. 111).

Ora, o que importa compreender a respeito desse universo *ciber*, digital, é que ele rompe com a configuração do discurso físico, permitindo uma comunicação mais horizontal e livre, com menor vinculação a

¹ O autor não deixa de levar em consideração as discussões de Habermas (2014) sobre esfera pública, sem, contudo, se filiar a seu modelo.

estruturas hierárquicas (LÉVY, 1999). Além da liberdade – o que propicia a livre discussão, a troca comunicativa polêmica, quando não mesmo violenta –, deve-se também compreender que o *ciberespaço*, conforme o próprio Lévy (1999), é um sistema de sistemas, o que o faz, no entanto, o *sistema do caos*: tudo pode ser compartilhado, inclusive entre as diversas redes, em diversos tipos de modalidade (multimodalidade), facilitando o alcance de qualquer ideia a um número maior de pessoas: um vídeo publicado no *Youtube*, por exemplo, pode ser compartilhado no *Twitter*, atrelado (ou não) a alguma mensagem como legenda e, este *tweet* ser compartilhado no *WhatsApp* etc. Há inúmeras possibilidades de compartilhamento. É inegável, portanto, que o espaço público vem se tornando cada vez mais o espaço do “publicado”.

Há quem fale de nova “esfera pública discursiva” (FERREIRA, 2010), ou de Ágora digital,² ou quem considere como espaço público digital (CABRAL, 2015), fruto do espaço público *online* (PINTO, 2017). Neste trabalho, consideramos o espaço público digital como um lugar de interação discursiva, em que é possível analisar a produção, a circulação e a recepção de discursos em que os sujeitos *online* buscam participar, de algum modo, da vida pública, e mais especificamente política.

De fato, nos últimos anos, a política tem estado cada vez mais presente nas redes sociais. Basta lembrar da eleição do agora ex-presidente Donald Trump, e da forma como ele governava (publicando seus atos e opiniões pelo *Twitter*), estilo prontamente copiado pelo presidente Jair Bolsonaro (quem, a propósito, teve consultoria do mesmo estrategista da campanha de Trump, o ex-assessor presidencial Steve Bannon). Veremos mais adiante que há motivos para que o *Twitter* seja a plataforma digital escolhida para figurar como o centro das trocas comunicativas políticas e,

² Se, em tempos retóricos, na Grécia antiga, chamava-se o espaço público da palavra de Ágora, podemos, por inferência, compreender que estamos diante, em tempos de *cibercultura* e *ciberespaço*, de uma Ágora digital, esta diferente daquela sobretudo pela menor hierarquização das relações sociais e pela maior liberdade orgânica de alcance e capilarização dos discursos que nela circulam. Assim também defendem Campos Dutra e Oliveira (2018), para quem a comparação se mostra pertinente sobretudo por ter sido a Ágora o lugar de desenvolvimento comunicativo da *polis*. Ancorados nos pressupostos de Lévy (1999), tais autores consideram que o atual momento da comunicação midiática (das novas mídias) se direciona para o surgimento de uma *ciberdemocracia*, isto é, uma democracia que tem como cenário principal de representatividade as trocas comunicativas em mídias sociais digitais.

notadamente, da militância digital, fenômeno que Husson (2016) chama de *militantismo 2.0* (em referência à web 2.0).

Por ora, importa compreender que a maneira como se organizam tais plataformas digitais expõe uma *tecnologia discursiva* (PAVEAU, 2013) marcada pela heterogeneidade e pela liberdade que facilita a tomada da palavra. O *Twitter*, como outras plataformas digitais e redes sociais, deu voz a muitos anônimos que nunca tiveram a chance de se fazerem ler (ouvir) e, ao mesmo tempo, de fortalecer os seus próprios valores ao acompanhar (seguir) e frequentemente compartilhar (*retweetar*) discursos que se alinham às suas visões de mundo. Nesse sentido, o *Twitter* se torna, de fato, uma considerável região do espaço público digital do qual os atores políticos se valem, ao entender o seu funcionamento, para sedimentar identidades e influenciar ativismos dos usuários contra todo discurso divergente daquele de sua própria crença, sua própria *doxa*.

Seixas (2019), a esse respeito, afirma que a noção retórica de *doxa*, isto é, o conjunto de saberes de opinião que se padroniza na defesa de um determinado ponto de vista, é importante para a compreensão dos conflitos discursivos. As *doxas*, por assim dizer, seriam opiniões compartilhadas, coletivas, que servem de base para a justificação de certos posicionamentos. O *Twitter*, nesse sentido, pela sua menor hermeticidade e hierarquização, facilita ao analista a identificação das *doxas* que sustentam os posicionamentos defendidos nos diferentes *tweets*, já que os sujeitos aí expõem suas opiniões mais livremente.

Sendo assim, as características já acima destacadas dessa nova era da internet, da Web 2.0, em especial do *Twitter*, fazem com que se torne possível investigar não só a existência de eventos argumentativos que são publicados nestas redes, mas também de perceber a própria construção e configuração de tais eventos, posto que as redes sociais se colocam como o novo espaço de trocas comunicativas de ordem político-social. Veremos, a seguir, antes de adentrar na análise do evento em si mesmo, como se dá a construção retórica de um evento polêmico.

3 Da construção do evento ao evento polêmico

Ao se estar ante uma polêmica, é possível que haja ali em funcionamento um *evento polêmico*. Mas, afinal, o que seria um evento na análise do discurso? Moirand (2014), ao trabalhar com o conceito de

événement, não deixa de precisar, em uma nota de rodapé, que tal conceito possui duas possibilidades de tradução em algumas línguas. É o caso, por exemplo, do português, em que temos tanto a possível tradução como *evento* quanto como *acontecimento*. Em inglês, semelhantemente, tem-se hoje *event* e *happening*, significando, a propósito, coisas relativamente distintas.

Na língua portuguesa e, em especial, no Brasil, a diferença entre *evento* e *acontecimento* é sobretudo conceitual, muito mais que semântica. Nos estudos discursivos, cada uma dessas palavras vira conceitos epistemologicamente distintos: reconhece-se a teoria chamada *semântica do acontecimento*, sobretudo com o professor Eduardo Guimarães como expoente, inspirada nos pressupostos da análise do discurso pêcheutiana. Não se deve passar despercebido o fato de o terceiro livro de Michel Pêcheux, de 1983, o *Le discours: structure ou événement* ter sido traduzido justamente como *O discurso: estrutura ou acontecimento*.

Em Pêcheux, o acontecimento relaciona-se à estrutura, todavia no sentido em que ele é “o que foge à estrutura” (POSSENTI, 2009, p. 120). Assim o acontecimento é gerado pelo acontecimento histórico, tornando-se discursividade na qual se encontram uma atualidade e uma memória, possibilitando a inscrição do acontecimento no interdiscurso. Desse modo, o que interessa à análise do discurso, e não apenas à perspectiva pêcheutiana, não é o acontecimento em si ou o evento empírico, mas aquele que é resultado de certo labor interpretativo, o fato histórico.

No entanto, ancorados em uma perspectiva dialógica, de ordem mais fenomenológica, temos o conceito de *evento* como fundamental, fato pelo qual temos preferência por este termo. Mikhail Bakhtin (2010), em *Para uma filosofia do ato responsável*, trabalha com a noção de evento “como o processo de irrupção de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto (*geschichtlich*), como a presentificação, ou apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situado no concreto” (SOBRAL, 2010, p. 26). Nesse sentido, o evento é um processo de atualização em que o repetível se torna irrepetível no aqui e no agora, compreendendo a relação entre produto e processo.

Moirand (2007), ao estabelecer uma relação entre o evento e a memória discursiva, fundamental em sua construção, aproxima a perspectiva bakhtiniana da perspectiva da análise do discurso de linha francesa (ADF), a partir do empréstimo das noções de *memória discursiva* e *interdiscurso* (J. J Courtine e M. Pêcheux, respectivamente) para a

construção do que viria a chamar de *memória cognitivo-discursiva*. De fato, todo evento se estabelece, em sua própria configuração, como um lugar de encontro de discursos, um diálogo (no sentido bakhtiniano) constante de discursos de onde emerge o sentido.

Para Moirand (2014), o evento é um ato de julgamento dos sujeitos a respeito de algo que acontece (o *happening*), e ele é sempre um ato potencialmente polêmico, uma vez que, frequentemente, os eventos se constroem não apenas em diálogo positivo com outros eventos, mas também em completa contradição a eles. A linguista, ancorada nessa perspectiva, propõe analisar o evento a partir da designação de palavras que o descreve – palavras que são, desde sempre, segundo Angenot (2008), *palavras-valores*, na medida em que condensam, em seu sentido, os valores que fundamentam a possibilidade/adequabilidade de serem ditas em determinado contexto, como forma de defesa de certas posições ideológicas ou pontos de vista.

Com efeito, é possível entender que o evento, num confronto de discursos polêmicos, revela-se inegavelmente um fenômeno retórico. Moirand (2014) afirma, influenciada por Quéré (2013), não bastar para a configuração de um evento a sua ocorrência, mas sobretudo a forma como ele será percebido, interpretado e narrado: “discursivizado”, portanto. Para Moirand (2014), a análise do discurso é fundamental a esse respeito, posto que permite perceber os por ela chamados “trajetos semânticos”, os quais

seguem os dizeres sobre o evento, através de seus atores, seus atos, suas ações e seus dizeres, que, ao passarem de um enunciador a outro, estes trajetos semânticos testemunham a eventização de um fato do mundo através dos ecos memoriais que ricocheteiam de uma formação discursiva a outra³ (MOIRAND, 2014 p. 9).

Todavia, tais dizeres excedem apenas a forma de palavras (ainda que estas sejam, de fato, centrais) e tais trajetos semânticos podem ser percebidos também na própria movimentação do discurso como um todo,

³ [...] “trajets sémantiques » que suivent les dires sur l’événement, à travers les acteurs, leurs actes, leurs actions et leurs dires, et lorsqu’ils passent d’un énonciateur à un autre, et que ces trajets sémantiques témoignent de l’événementialisation d’un fait du monde à travers les échos mémoirels qui ricochent d’une formation discursive à une autre” [texto original].

seja no nível da palavra, seja no nível dos enunciados de modo mais amplo. No caso aqui em análise, por exemplo, apesar da existência da palavra *impeachment*,⁴ bastante polêmica, no Brasil, outros enunciados a partir dessa palavra ajudam na construção do evento polêmico *impeachment* de Bolsonaro.

É importante salientar, conforme afirma Seixas (2019), que a enunciação de uma determinada palavra revela, mais profundamente, uma série de lógicas argumentativas, as quais, numa polêmica, configuram-se de maneira necessariamente antagônicas. A tentativa de criação do evento *impeachment* de Jair Bolsonaro a partir de uma série de outros eventos concomitantes desde a sua entrada na Presidência – mas tendo se acentuado neste período de pandemia – pode ser compreendida por meio da investigação de algumas enunciações em interações digitais, as quais evidenciam o caráter flagrantemente polarizado em que ainda se encontra o Brasil.

Tal movimento hermenêutico é, portanto, retórico, já que se coloca como uma ferramenta de análise de interações discursivas polêmicas, argumentativas por excelência, mas que, para além da proposta persuasiva, ainda evidenciam o poder criativo do discurso, isto é, o poder de configurar eventos que levam as pessoas a terem uma certa compreensão da realidade social em detrimento de outra qualquer. Isto posto, cumpre dizer que a compreensão da criação deste evento parte de uma anterior compreensão de como se configura um evento polêmico.

A noção de *evento polêmico* foi desenvolvida por Nascimento (2018a) como hipótese para estudar a polêmica entre LGBTs e cristãos em torno da aprovação do Projeto de Lei Anti-homofobia (PLC122/2006), o qual visava tornar crime o preconceito e a discriminação aos LGBTs. Tal noção funda-se na perspectiva teórico-metodológica denominada de “análise dialógica da argumentação”. Esta resulta do encontro epistemológico entre a *Filosofia do ato responsável*, texto produzido entre 1920-24, fundamento do dialogismo de Bakhtin (2010, 2011, 2013), e o *Tratado da argumentação: a nova retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

A nova retórica, lançada em 1958, retorna aos princípios basilares da tradição de Aristóteles, voltando-se para a teoria do discurso persuasivo na tentativa de responder à questão de como fundamentar os juízos de

⁴ A esse respeito, ver Seixas (2019).

valor em bases que não fossem irracionais. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) encontraram, por assim dizer, resposta à questão na lógica do valor, presente na antiga retórica e na sua parceira, a dialética. Eis, portanto, uma nova retórica que se centra não mais na elocução, contudo, na invenção.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4), ao se filiarem a Aristóteles (2007), em cuja sistematização apresentou essa arte como uma técnica de persuasão, asseguram que o objetivo da teoria, que ora apresentam, é “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”; ou mais especificamente, “apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 8). Com isso, o *Tratado da argumentação*, levando em conta a linguagem natural, rompe com a cisão entre a ação sobre o entendimento e a ação sobre a vontade, como se tivesse tratando de coisas distintas, ou “a primeira como pessoal e intemporal e a segunda como totalmente irracional” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 52-53).

A nova retórica reabilita os estudos retóricos e torna possível análises argumentativas em diferentes gêneros discursivos. No entanto, privilegia o acordo sobre o plausível e o aceitável, tendo-o como ideal, de maneira que o “o *dissenso* deve ser superado a todo custo” (AMOSSY, 2014, p. 22). Assim, ela não contempla analiticamente os tipos de interação que não sejam possíveis de conduzir a esse acordo, deixando de fora os estudos da polêmica (PLANTIN, 2003). Com vistas a compreender não apenas o acordo, mas também o desacordo profundo, leia-se o dissenso e a polêmica, Nascimento (2018a, 2018b, 2019a) aproximou, então, o dialogismo de Bakhtin da teoria da argumentação de Perelman, apontando para uma relação argumentativa profundamente dialógica – já que haveria apenas vestígios dialógicos na nova retórica (LEITÃO, 2011; PLANTIN, 2008). No seio desse encontro epistemológico dialógico-argumentativo, recebendo contribuições de ambas as tradições discursivas, que é possível pensar teórica e metodologicamente o evento polêmico.

Ao levar em consideração o conceito de ato responsável – que é o ato de um sujeito único, responsável, responsável e situado –, discutido por Bakhtin (2010), a noção de evento é uma espécie de ato abarcador, um macroato. Assim, na perspectiva bakhtiniana, o evento engendra uma relação entre produto, atividade-tipo, e processo, ato-atividade. Por ser assim, ele dá vida ao que está no plano abstrato, atualizando o

inteligível no mundo sensível, o que pressupõe ao menos o encontro entre duas consciências. E, ainda, pode-se dizer que mesmo dois sujeitos estando participando de um mesmo evento, cada um o percebe de maneira diferente, uma vez que eles ocupam, cognitivamente, no tempo e no espaço, centros diferentes de valores que modulam a maneira como apreendem o que está sendo visto.

A partir dessa perspectiva, a noção de evento polêmico diz respeito ao “encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas, ao disputarem os sentidos de um mesmo objeto do discurso” em um certo espaço discursivo (NASCIMENTO, 2018a, p. 204). Mas, em tempo, o que podemos entender como polêmica?

A noção de polêmica em que essa perspectiva se baseia, encontra-se, sobremaneira, no dialogismo polêmico desenvolvido por Bakhtin (2013) em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Nas obras de Dostoiévski, tem-se a presença de personagens que amam e odeiam os valores uns dos outros, existindo, portanto, uma consonância e um conflito de vozes e cosmovisões, o que sinaliza para mundos irreconciliáveis. Nesse sentido, Bakhtin (2013) mostra que há a presença de um discurso bivocal nos romances dostoievskianos, em que os personagens vão da polêmica velada, na qual o discurso alheio é atacado indiretamente, à polêmica aberta, cujo discurso alheio se converte em objeto explícito de oposição.

Dessa visão bakhtiniana e de seu fundamento filosófico e antropológico, em diálogo com os estudos da polêmica, empreendidos por Maingueneau (1983, 2008, 2015), Angenot (2008, 2015) e Amossy (2014), mas também sob influência de Max Scheler (1942, 2001), uma fonte filosófica de Bakhtin, NASCIMENTO (2018a; 2019a; 2019b) propõe a perspectiva de que a polêmica é um desacordo profundo, motivada por um ódio aos valores do outro. Desse modo, o evento polêmico se caracteriza por ao menos três elementos fundamentais:

primeiro, há um encontro hostil de dois posicionamentos sobre um mesmo objeto, o que forma uma polarização em dois campos discursivos antagônicos, resultado de um ódio aos valores do outro. Segundo, há uma maneira divergente entre os campos de hierarquizar os valores e posicionamentos em cada campo. Terceiro elemento, há uma atualização de entidades geradas por outras polêmicas, passíveis de identificação. (NASCIMENTO, 2019b, p. 10).

Em um evento polêmico, os sujeitos posicionados em campos adversos interpretam os fenômenos não apenas de maneira diferente, mas, sobretudo, divergente, justamente porque os sentidos se constituem a partir do lugar de onde os sujeitos olham, interpelados pelos valores, ideologias e, portanto, pela memória discursiva própria a cada campo. Por isso, as palavras, os argumentos e todo processo argumentativo, o que Nascimento (2018a) designa de *atos polêmicos*, são energizados, semântica e discursivamente, pelo evento polêmico. Assim, ao se mobilizar tal categoria analítica, não apenas se descreve os argumentos polarizados, mas se busca compreender como os sentidos dos argumentos se atualizam em cada lado da polêmica, gerando a interincompreensão e impossibilitando, na maioria das vezes, a construção de um acordo.

Assim como um enunciado é sempre uma resposta e suscita outras respostas (BAKHTIN, 2011), o evento polêmico também o é, e ele suscita respostas que vão desde a interação polêmica a ações outras no mundo. Desse modo, um evento polêmico no espaço público digital, como é o caso do enunciado “#impeachmentoumorte”, pode gerar atos polêmicos, enquanto respostas de apoio ou de oposição, tanto em outras redes sociais quanto em manifestações presenciais, institucionais etc. O analista, portanto, pode buscar compreender como esses atos são energizados por aquele evento polêmico, analisando seus percursos e apontando seus efeitos possíveis.

3.1 Interações digitais polêmicas: o *Twitter* e a sua gramática

Como já afirmado anteriormente, o *Twitter* tem sido, há algum tempo, o local por excelência das interações polêmicas – ou seja, como defendemos aqui, uma regionalização do espaço público político. Paveau (2013) o descreve como uma comunidade discursiva, ou melhor, “tecnodiscursiva”, por meio da qual os usuários interagem e compartilham sentimentos e pensamentos de maneira mais livre, e parte disso se dá pela própria organização *tecnoescritural* da rede social. Conforme capitaneia Paveau (2013), a rede possui as seguintes possibilidades de atividades discursivas: 1 – *tweetar* (tuitar), isto é, escrever um *tweet*, uma mensagem curta de no máximo 280 caracteres; 2 – responder a um *tweet*, dialogando com ele; *retweetar* (retuitar), marcado pelo símbolo RT (ou MT, quando há alguma modificação); *livetweetar*, que se trata de acompanhar, ao vivo, algum acontecimento. O *livetweet*, nesse sentido, “supõe a adoção de uma *hashtag*, sinalizada pelo símbolo #, que torna a palavra clicável,

permitindo, assim, acessar, de maneira hipertextual, o conjunto de *tweets* contendo a *hashtag* em questão”⁵ (PAVEAU, 2013, p. 17, grifo nosso). Há também, ademais, a possibilidade de envio de mensagens privadas, conhecidas como DM (*direct message*). Esta é a única maneira de uso privado da rede, não sendo tal recurso muito usado, ao menos no Brasil, cuja rede de mensagens instantâneas privadas costuma ser o *WhatsApp*.

Pois bem, segundo Paveau (2013), cada plataforma digital possui seus recursos que, para muito além de meras ferramentas de navegação, colocam-se como verdadeiros configuradores do como dizer e como interagir nesta rede, passando a compreender, portanto, uma função cognitivo-discursiva, isto é, remetendo-se às formas de pensar a realidade, interpretar os sentidos e comunicar linguagens nessa rede social. A organização acima descrita, a propósito, torna possível compreender que é própria da rede *Twitter* a comunicação publicada, e majoritariamente pública, a qual favorece interações digitais públicas de diversos tipos, inclusive as de cunho político e ideológico e, frequentemente, de ordem polêmica. A facilidade de escrita de um *tweet*, a sua capilaridade, multiplicidade e a possibilidade do *retweet* – esta última característica favorecendo a multiplicação de discursos por meio do processo de identificação discursiva – torna o Twitter um ambiente de ecologia tecnodiscursiva (PAVEAU, 2013). Trata-se, por assim dizer, de uma ecologia *tecnodiscursiva* porquanto permite a interação, na atividade de *tweetar*, de uma série de intervenções discursivas, de várias ordens e por meio de distintas modalidades (inclusive podendo, por meio de hiperlinks, trazer informações – imagens, vídeos etc. – de outras redes).

Tal ambiente – múltiplo, complexo e ao mesmo tempo de simples navegação e de fácil replicação de discursos – possui tamanha capilaridade, segundo Paveau (2013) afirma, que os seus produtos discursivos, organizados pelo recurso das *hashtags*, tornam-se rapidamente expandidos, não só na própria rede *Twitter*, mas também em outras redes sociais e de *microblogs*. A importância que a *hashtag* assume, nesse sentido, é fundamental para a própria configuração do evento polêmico e também para a sua publicidade, conforme veremos a seguir.

⁵ “suppose l’adoption d’un hashtag (ou mot-clic ou balise pour les Québécois), signalé par le symbole #, qui rend le mot clicable, en permettant alors d’accéder de manière hypertextuelle à l’ensemble des tweets contenant le hashtag en question” [texto original].

3.1.1 As hashtags como palavras-argumento e os enunciados-matriz

As *hashtags* operam como forma de metadados sociais (ZAPPAVIGNA, 2015), isto é, no sentido de que tais metadados são descrições feitas pelos usuários que marcam, etiquetam, o conteúdo/objetivo de seu *tweet*. Nesse sentido, a *hashtag* funciona, em primeiro aspecto, como um recurso de agregação de dados acerca de um determinado assunto ou evento. Em nossa análise, como já antecipado aqui e alhures, e como será aprofundado a seguir, as *hashtags* #impeachment, #impeachmentdebolsonarourgent, #impeachmentoumorte agrupam, em si, os diversos *tweets* que dizem/disseram respeito, em maior ou menor medida, a esse assunto. Um analista, intencionado em pesquisar o que se anda falando, no *Twitter*, sobre um determinado assunto, pode fazer, por exemplo, uma busca pelas *hashtags* que agrupam e organizam tais discursos.

Em uma análise mais aprofundada, entretanto, e que mais nos interessa aqui neste artigo, as *hashtags* são importantes recursos cognitivos na construção e/ou manutenção de um evento, qualquer que ele seja. Dito de outra maneira, tais recursos são fundamentais na própria configuração dos sentidos de um evento, pois reúnem (apenas para tocar em um dos aspectos cognitivos) o que se considera fazer parte daquele tipo de discussão, isto é, a categorização dos fatos, personagens, conceitos e eventos. Paveau (2013) nomeia as *hashtags*, dentro de sua perspectiva, como *tecnopalavras*. Nesse sentido, para além de organizadoras de informações, as *hashtags* recobrem as funcionalidades já consagradas das palavras no discurso, tornando-se uma arena de batalha simbólica em que os sujeitos disputam os seus sentidos e o direito de dizê-las.

As *hashtags*, sobretudo dentro de uma perspectiva de discursos de militância política nas redes sociais, passam a funcionar como *palavras-argumento*, isto é, palavras que condensam, em sua enunciação, “conteúdo metadiscursivo denso que funciona como apelos a pré-discursos [...] de ordem argumentativa”⁶ (HUSSON, 2016, p. 106, tradução nossa). Com efeito, o uso de uma *hashtag* (e não outra qualquer) para etiquetar uma mensagem é já um ato eminentemente argumentativo. Veremos adiante que, como resposta ao #impeachment, #impeachmentdebolsonarourgent e também ao #impeachmentoumorte levantados pelos usuários críticos ao governo Bolsonaro e ao que ele representa, outros usuários,

⁶ “contenu métadiscursif dense fonctionnant comme appels à des prédiscours [...] d’ordre argumentatif”. [texto original].

defensores do presidente, passaram a se unir para levantar as *hashtags* #BolsonaroOrgulhodoBrasil, #BolsonaroAte2026, e suas variantes.

Propomos, a esse respeito, chamar tais *hashtags* de “enunciados-matriz”, isso porque, muitas vezes, como é o caso acima, as *hashtags* passam a ser verdadeiros enunciados. Não se está querendo aqui dizer, obviamente, que as palavras, em sua singularidade, não constituam enunciados propriamente ditos, mas tão somente chamar atenção para o fato de que, cada vez mais, torna-se comum o uso de enunciados cristalizados como formas de organização tópica e discursiva para além da palavra. Trata-se, por assim dizer, de um *enunciado-matriz*, na medida em que serve como base para uma rede de outros discursos e de outras *hashtags* em diálogo mútuo constante, o que aponta para a existência de uma ecologia discursiva muito presente no *Twitter*. Ou seja, as *hashtags* funcionam como estruturadoras dos atos polêmicos energizados e constitutivos de certo evento polêmico.

De fato, as *hashtags*, afirma Zappavigna (2015), para além da organização discursiva, implica um serviço de relações interpessoais, favorecendo a criação de comunidades identitárias. Em uma polêmica política, em que tribos culturais se colocam em confronto, as *hashtags* passam a ser, portanto, a marcação cognitivo-discursiva que reúne repertórios retóricos de argumentos e discursos de um lado e de outro da polêmica. Veremos, a seguir, como esse fenômeno ocorre e se organiza ao analisarmos o evento polêmico *impeachment* de Bolsonaro.

4 #impeachmentoumorte: o evento polêmico

Pode-se dizer que, como um todo, o *impeachment* de Bolsonaro é um grande evento polêmico que se desdobra desde 2019, mas o que nos interessa aqui é o evento iniciado por um ato polêmico específico. No dia 15 de janeiro, impulsionado pela terrível crise de oxigênio em Manaus e numa crescente revolta de internautas, o Deputado Marcelo Freixo *tweeta* o enunciado “*Impeachment ou morte*”. Dois sentidos logo se despontaram: o primeiro diz respeito ao pedido de *impeachment* a fim de evitar mais mortes por irresponsabilidade do Governo Federal, sentido esse intencionado, segundo justificou o próprio Deputado, em *tweet* posterior, “*impeachment ou mais mortes*”. O segundo sentido, alegado por apoiadores do então presidente, é de que Freixo estaria pedindo ou planejando a morte de Bolsonaro. Eis o *tweet*:

Tweet 1 – Enunciado-matriz



Marcelo Freixo 
 @MarceloFreixo

É impeachment ou morte.

13:47 · 15/01/2021 · Twitter for Android

Fonte: *Twitter*.

Em um evento polêmico, os discursos se antagonizam, em vários níveis, instaurando interincompreensões, desde o uso das palavras, dos argumentos defendidos e até mesmo as estratégias de discurso empreendidas, gerando, portanto, divergência de sentido. Esse sentido divergente se dá porque há o efeito da memória discursiva atuando, a qual é a condição de todo e qualquer sentido, inclusive, na polêmica. Moirand assegura que “não somente os dizeres são portadores de memórias [...], mas certas construções inscrevem discursos antagonistas e certas palavras [...] ou mesmo certos semas [...] transportam consigo a memória dos eventos que eles designam”⁷ (MOIRAND, 2007, p. 5).

Sendo assim, Marcelo Freixo, ao *tweetar* “impeachment ou morte”, aciona a memória discursiva do famoso evento da Independência do Brasil, quando D. Pedro I, em 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, teria exclamado “É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!”. É bem verdade que a grande maioria dos historiadores, como Marcos Costa (2016), autor do livro *História do Brasil para quem tem pressa*, e também o escritor Laurentino Gomes (2010), em seu célebre *1822*, nega a existência, ao menos nesses termos, da frase acima no contexto da independência. Segundo Gomes (2010), a cena conhecida como “grito do Ipiranga” não ocorreu exatamente como consta em nossa memória. Entre alguns mitos que se mantém até hoje, um dos principais está justamente na forma do grito, que não teria sido, para o escritor, exatamente “independência ou morte”, mas algo relacionado a isso.

⁷ “[...] non seulement les dires sont porteurs de mémoire [...], mais certaines constructions inscrivent des discours antagonistes, et certains mots eux-mêmes [...] ou même certains sèmes [...] transportent avec eux la mémoire des événements qu'ils désignent” [texto original].

Boa parte do que hoje se conhece como o “grito do Ipiranga” se deve a um quadro muito famoso, pintado por Pedro Américo, em 1888, de nome “Independência ou morte” (GOMES, 2010). A forma heroica e imponente com a qual o imperador Dom Pedro I declara a independência segue, a partir de então, sendo contada como a versão dos fatos ocorridos e tal narrativa figura, ainda hoje, bastante presente em nossa memória discursiva. Levando em consideração que, na história dos discursos, o que mais importa é a maneira como os sentidos são passados de geração em geração e atualizados em todo novo ato enunciativo, a divisa “independência ou morte”, independentemente da real forma de sua ocorrência, segue nos remetendo, automaticamente, ao cenário da independência em 7 de setembro de 1822.

Vale um importante adendo. No dia seguinte, em 8 de setembro de 1822, Dom Pedro I, em proclamação aos paulistanos, informou que a independência era uma forma de defesa contra os planos dos “infames deputados” em Portugal, traidores da nação em Lisboa (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, 2008). A independência, nesse sentido, seria uma forma de revolução, um movimento de defesa contra possíveis mortes futuras pela não subordinação às vontades dos ditos traidores.

Ora, diante desse interdiscurso, uma questão automaticamente é levantada ao analisar tal ato polêmico: independência de quê? Mortes por quê? No contexto das ações contra a Covid-19 no Brasil, a palavra *independência* pode remeter ao sentido de estar livre de um governo que negou a pandemia até onde foi possível. Coube ao Supremo Tribunal Federal (STF) a decisão por dar autonomia aos estados e municípios na gestão de combate à pandemia, diante da atitude do Governo Federal em tentar boicotar as medidas de isolamento social e apoiar tratamentos sem comprovação científica, como a Hidroxicloroquina e a Ivermectina, por exemplo.

A propósito, não só a defesa pública de tratamentos com medicamentos sem comprovada eficácia contra a COVID-19 se tornou o tom deste governo, como também a sua indiferença em relação à necessidade de investimento em vacinas contra a doença. Em disputa ideológica com a China, o governo Bolsonaro, antes de ceder e comprar alguns poucos milhões de doses do imunizante, tentou desconstruir a validade e eficácia da vacina. Para alguns políticos, entre eles o deputado federal Marcelo Freixo, as atitudes do governo, pela eventual negligência com a qual tratou (e ainda trata) a pandemia, contribuíram para o número

de mortes exacerbado no país. O *tweet* abaixo deixa claro como essa perspectiva foi assumida por críticos do governo federal:

Tweet 2 – Contra Bolsonaro 1



Fonte: Twitter.

No *tweet* acima, o usuário se refere à atitude da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em permitir a utilização da *Coronavac*, vacina de origem chinesa, apesar de todo o movimento do governo federal em impedir a sua validação. É possível perceber, no *tweet*, que o usuário republica (*retweet*) um vídeo da sede da ANVISA, em Brasília, no momento em que foram projetadas imagens do presidente Jair Bolsonaro acompanhado da acusação de “Genocida”. Na manifestação, apareceram também projetados “vacina já” e “fora capeta” (DCM, 2021). Esse conteúdo havia sido publicado, em vídeo, pela jornalista Malu Gaspar, colunista de *O Globo*. Ora, o usuário, cuja identidade foi mantida anônima por não se tratar de pessoa pública, ao *retweetar* tal mensagem, chancela o discurso que está sendo veiculado por aquela publicação, o que se torna claro pelo seu próprio comentário “Maravilhoso a Anvisa defender o povo nessa hora tão crítica. O negacionista que responda por seus atos”. É possível perceber, ademais, que tal julgamento do usuário é acompanhado pelas hashtags #impeachment e #ImpeachmentOuMorte.

Com efeito, o uso das *hashtags*, nesse caso, para além de apenas situar topicalmente o assunto do *tweet*, torna-se uma maneira de protesto. Podemos, em um ato voluntarista de análise, compreender que o usuário afirma algo como “tendo em vista que o presidente não ajuda no combate à pandemia, devemos agradecer a Anvisa por ter feito o seu papel regulador”. A etiqueta de *genocida*, por assim dizer, relaciona diretamente o sentido do *tweet* com os sentidos por trás do enunciado-matriz *Impeachment ou morte*, algo como: “ou afastamos o presidente que nada faz para combater a pandemia ou teremos mais mortes em decorrência da doença”. A mesma postura discursiva é possível de ser vista no *tweet* abaixo (*Tweet 3*), publicado pelo professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), João Cezar de Castro Rocha.

Tweet 3 – Contra Bolsonaro 2



João Cezar de Castro Rocha @joaocezar1965 · 19 h
"Quando foi divulgado o ofício da Saúde requisitando a entrega imediata das vacinas, o comentário no grupo foi o de que estava em curso uma tentativa de confisco político." O governo Bolsonaro não pode continuar impune: crime é crime!
#Impeachmentoumorte



Butantan diz à Saúde que só entrega vacinas quando tiver cronograma
O Instituto Butantan afirmou ao último do Ministério da Saúde que
não teria como entregar as 6 milhões de doses da CoronaVac no ...
br.noticias.yahoo.com

Fonte: *Twitter*.

No *tweet* acima, o seu autor evoca o eventual confisco político executado pelo Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, como resposta à antecipação do governador de São Paulo, João Dória, na compra das vacinas *Coronavac*. Tal atitude foi vista por muitos críticos como uma clara e manifesta tentativa de não permitir ganhos políticos do governador – virtual opositor ao presidente Jair Bolsonaro nas próximas eleições de 2022 – em detrimento do que isso significaria em termos de ainda

mais atraso no processo de vacinação da população. De igual maneira, após afirmar que o “governo Bolsonaro não pode ficar impune: crime é crime!”, o autor finaliza com a *hashtag* *#impeachmentoumorte*. Ora, defendemos até aqui que as *hashtags*, para além de organizadoras tópicas, têm também importante função na configuração da polêmica, uma vez que, após avançar argumentos para esclarecer sua posição contrária às atitudes do governo Bolsonaro, o autor do *tweet* finaliza com a *hashtag* como forma de protesto, ou seja, como meio de chancelar um movimento de protesto (capitaneado pela *hashtag* em questão) em crescimento.

É importante ressaltar, de fato, que os *tweets* em análise são formas de argumentação. No *Tweet 2*, como vimos, temos um usuário que faz uma avaliação e comunica um julgamento. No *Tweet 3*, temos também um autor apresentando uma justificativa – a acusação de confisco político das vacinas por parte do governo Bolsonaro – para a defesa de uma posição, qual seja, a de que o “governo Bolsonaro não pode ficar impune”. Em ambos os *tweets*, temos argumentações que partem de justificativas para tomadas de posição, as quais convergem para a conclusão ulterior que figura exatamente nas *hashtags*: “diante de tais fatos, é necessário o *impeachment* ou teremos mais mortes, *#impeachmentoumorte*. Eis o “brado de protesto”.

A propósito, quanto ao evento polêmico do *Impeachment ou morte*, temos ainda um elemento retórico-argumentativo muito importante a ser analisado. A retórica nos ensina que certos tropos, isto é, figuras de retórica que estabelecem passagens de sentido (transitividade) entre um elemento e outro (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), geram, na cognição humana, um efeito de sentido automático quando trazidas no discurso. Trata-se de uma *transferência*, conforme afirmam os autores do *Tratado*, muito própria às analogias e às metáforas, mas que ganham, nesse caso em análise, um tom ainda mais específico. Isso porque ao dizer *impeachment ou morte*, em claro interdiscurso com o célebre *independência ou morte*, como já visto acima, cria-se uma relação cognitivo-discursiva automática de transferência entre os termos *independência* e *impeachment*, como se vê:

QUADRO 1 – Relação metafórica



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na relação descrita acima, tem-se uma operação metafórica de transferência do sentido entre os termos *independência* e *impeachment* assim como ocorre em uma analogia, pela qual, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), tem-se uma fusão de sentidos entre um elemento do *foro* com um elemento do *tema*. Levando-se em conta, ancorado nos autores do *Tratado*, que a metáfora pode ser concebida como uma analogia condensada, torna-se possível compreender que, em alguns casos, “os graus de contaminação entre tema e foro podem [...] ser muito variados. A fusão de termos do tema e do foro, que aproxima suas duas áreas, facilita a realização de efeitos argumentativos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 454).

É importante salientar, no entanto, que, apesar do mesmo elemento (morte) ser retomado no *foro* e no *tema*, ambos possuem ligeiramente sentidos distintos: o sentido de “morte” no *foro*, isto é, no campo semântico-discursivo da Independência do Brasil, tem relação com a morte em possível batalha militar como ato de resistência; já no *tema*, dentro do campo semântico-discursivo de uma pandemia, o sentido de “morte” se refere à consequência trágica da irresponsabilidade do Governo diante do combate à pandemia por coronavírus. Há, portanto, nessa transferência, uma mudança de sentido bem-sucedida, embora polêmica; uma condensação metafórica que se vale dos efeitos de sentido possíveis de serem depreendidos no/pelo interdiscurso e na/pela memória discursiva.

Nessa perspectiva, os valores que imbuíram, naquele evento histórico, a Independência do Brasil, imbuiriam também, no evento atual, uma nova independência do país, apenas possível por meio do *impeachment* do presidente Jair Bolsonaro. Em breve análise, é assim que faz sentido o enunciado no campo pró-*impeachment*.

Pois bem, essa transferência mostra, também, como um aparente simples ato discursivo pode se tornar um complexo elemento retórico na construção de um evento polêmico. Como já antecipado, a replicação da hashtag #ImpeachmentOuMorte e suas variantes passou a figurar

inúmeros *tweets* (alcançando os *trending topics* do *Twitter* no período), o que ocasionou, como resposta, um movimento de reação por parte dos defensores de Bolsonaro. As *hashtags* #fechadocombolsonaro, #BolsonaroAte2026, #BolsonaroOrgulhoDoBrasil, e suas variantes, passam a ser utilizadas em diversos *tweets* em defesa do presidente, tendo ou não relação direta com o evento polêmico iniciado pelo deputado Marcelo Freixo.

No campo bolsonarista, ou anti-*impeachment* de Bolsonaro, o *tweet* de Freixo é interpretado como a revelação de um plano para matar o presidente. Como esse sentido é possível? Se o sentido é produzido pela interpelação do interdiscurso e certa memória discursiva, aqui, não é diferente. Portanto, Marcelo Freixo, pertencente ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), uma sigla de esquerda no Brasil, ao enunciar o *tweet* “Impeachment ou morte”, automaticamente aciona, na cognição de seus opositores, defensores de Bolsonaro – como se poderá ver nos *Tweet 4* e *Tweet 5* a seguir –, a memória do atentado sofrido por Bolsonaro, no contexto das eleições, em 2018.

O crime foi tentado por um homem de nome Adélio Bispo de Oliveira. No entanto, o que chama a atenção no acionamento dessa memória é que Adélio Bispo foi acusado, por algum tempo, de ter tentado cometer o crime a mando de algum político adversário ou de partido político de oposição. Adélio Bispo teve, em algum momento de sua vida, relação com o PSOL, e tal fato bastou para que os defensores do presidente Jair Bolsonaro, então candidato à Presidência, alegassem participação desse partido no atentado, de modo que ainda hoje alegam conspiração da esquerda para a tentativa de assassinato. Segundo investigação da Polícia Federal, contudo, tais suspeitas não se confirmaram, uma vez que provou que ele teria agido sozinho (ZUBA; RAGAZZI, 2020).

No campo da direita bolsonarista anti-*impeachment*, atualiza-se dois argumentos que fazem parte do que Marc Angenot (2008) chamou de “arsenal argumentativo” recorrente na modernidade. O *arsenal argumentativo* seria um conjunto de ideias, pode-se dizer argumentos, que são mobilizadas em um dado momento, consideradas razoáveis, prováveis, e, em outro, inúteis, estéreis, absurdas; mas estão de algum modo sempre a se atualizar no discurso social. É o caso das ideias comunistas/anticomunistas, a lógica conspiracionista, a lógica do ressentimento etc.

Nos *tweets* em análise, o antissocialismo e o pensamento conspiratório fazem parte dessa recorrência e contribuem, por assim dizer,

para a interpretação operada pelos bolsonaristas do enunciado de Freixo. Desse modo, no campo bolsonarista, a esquerda, comunista/socialista, é vista como assassina, hegemônica, a qual seria responsável por matar milhões de pessoas no século XX e atuaria no Brasil através de diferentes partidos políticos, como, por exemplo, o PT e o PSOL, os quais estariam sob comando do Foro de São Paulo (FSP) – uma “hiperorganização” que congregaria organizações de esquerda. Os partidos e as pessoas de esquerda, ou mesmo aquelas que por acaso possuem traços esquerdistas ou compartilhem ideias socialistas, para o bolsonarismo, passaram a ser chamados de comunistas, havendo, portanto, transferência de um potencial assassino em seu DNA político-ideológico.

Isso não ressurge à toa. O principal pensador, cujas ideias ajudam a configurar a base intelectual do bolsonarismo e certo “anticomunismo” brasileiro, Olavo de Carvalho (PUGLIA, 2019) – influente na oposição ao FSP, em entrevista ao jornalista Pedro Bial da Rede Globo, em abril de 2019 – afirma: “Então falar mal de comunista, chamar comunista de assassino, de monstro, é inteiramente justificado, porque eles são realmente isso” (CARVALHO, 2019). Em seu livro mais vendido, *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, há alguns artigos publicados em que o autor demoniza a esquerda – seja comunista, socialista – como a pior máquina de matar de todos os tempos. “O socialismo matou mais de 1000 milhões de dissidentes e espalhou o terror, a miséria e a fome por um quarto da superfície da Terra”, escreve Olavo de Carvalho, no *Jornal da Tarde*, em 2001, e é relançado em *O mínimo...* (2013, p. 119).

Tweet 4 – Pró-Bolsonaro 1

Marcelo Freixo é covarde, apagou o twitte em que ameaçava Bolsonaro de morte. Afí fica a pergunta é um hábito? Adélio tem mandante? PSOL? Mas o print é eterno!

Marcelo Freixo @MarceloFreixo

É impeachment ou morte.

13:47 · 15/01/2021 · Twitter for Android

6:59 PM · 16 de jan de 2021 · Twitter for Android

550 Retweets 83 Tweets com comentário 1.734 Curtidas

Em resposta [REDACTED]

A ameaça de morte de @MarceloFreixo, virou Hashtag dos Esquerdopatas no Twitter. Isso significa que o Presidente Bolsonaro, está correndo perigo de ser assassinado, sob o comando de Freixo.

@AmendonalMSP @DefesaGovBr @carlosjordy @jairbolsonaro (ImpeachmentOUmorte)

Marcelo Freixo @Marcel... · 53min

A escolha é impeachment ou mais mortes.

13:47 AM · 16 de jan de 2021 · Twitter for Android

2 Retweets 4 Curtidas

Em resposta a [REDACTED] @MarceloFreixo esse é o pánico deles, vá chorar no banheiro!

Fonte: Twitter.

É essa interpelação de sentido que faz com que o *tweet* de Freixo seja interpretado não como figura de linguagem, mas como um possível plano para matar o Presidente Bolsonaro, como se pode ler de uma desconhecida usuária na sequência do *Tweet 4*. No primeiro *tweet* da sequência, a sua autora aciona a memória do atentado sofrido por Bolsonaro em 2018 e aponta uma possível ameaça existente mediante relação automática entre os dois eventos. Logo em seguida, em *tweet* de outra usuária, a autora evoca a mesma memória e a rotulagem que se tornou comum no processo de demonização da esquerda, a de “esquerdopata”. Ao insinuar ter o enunciado de Freixo se tornado uma *hashtag* importante no *Twitter*, a autora evoca os sentidos de um perigo real existente, por parte dos “esquerdopatas”, à *vida do presidente*. O mesmo ocorre, como se pode ler no *Tweet 5*, publicado pelo músico Roger Rocha Moreira (integrante de um *talk show* de rede nacional, *The Noite*, exibido no SBT). O músico associa, ainda mais especificamente, o *tweet* do pessolista Freixo ao ex-filiado ao PSOL, Adélio Bispo, cobrando do *Twitter* uma punição, uma vez que a empresa havia banido contas de usuários de extrema-direita nos Estados Unidos por incitar violência etc., exemplo máximo foi o banimento do ex-presidente Donald Trump.

Tweet 5 – Pró-Bolsonaro 2



Fonte: Twitter.

Destarte, tanto no *Tweet 4* quanto no *Tweet 5*, é possível ver o pensamento conspiracionista se atualizando no evento polêmico em questão. No primeiro, a internauta escreve: “Aí fica a pergunta: é um hábito? Adélio tem mandante? PSOL?”. Para a direita bolsonarista anti-*impeachment*, como não se conseguiu matar Bolsonaro em 2018, o plano

ainda estaria em marcha, agora explicitado pelo deputado. Assim, as perguntas feitas pela internauta podem ser interpretadas como perguntas retóricas, cujas respostas já são deduzidas pela premissa implícita: a esquerda, ou especificamente, o PSOL, conspira para matar Bolsonaro.

É importante observar ainda que os bolsonaristas não aderem à mesma *hashtag* #impeachmentoumorte, o que é comum no funcionamento da plataforma digital, uma vez que ela fortaleceria o discurso favorável ao *impeachment*, gerando maior engajamento no Twitter, no entanto, *retweetam*, como é o caso do músico Roger Moreira, o enunciado polêmico com a *hashtag* que marca um protesto favorável ao Presidente, #bolsonaroOrgulhodoBrasil. Já na sequência do *Tweet 4*, a internauta até cita o enunciado ImpeachmentOuMorte entre parênteses (sem figurar como *hashtag*), mas utiliza a *hashtag* #BolsonaroAte2026, em comentário-resposta a interlocutores.

Como se pode ver nesta análise, essa polêmica em tela atualiza o sentido de outras polêmicas, permitindo também observar que, no evento polêmico em questão, há sempre um *eterno retorno do mesmo*, um conjunto de argumentos que sempre retornam: o *arsenal argumentativo* (ANGENOT, 2008). A interpretação no campo bolsonarista dá-se, portanto, interpelada não simplesmente por meras ideias, ideologias ou temas, mas por uma forma de decifrar o mundo, por um dispositivo cognitivo e hermenêutico (SEIXAS, 2019), por lógicas argumentativas, como designou Angenot (2008, 2015). Ou melhor, pode-se observar, nesta análise, que o bolsonarismo tende a ver o mundo via uma lógica conspiratória e um antissocialismo, cujos argumentos mobilizados fazem sentido à luz desse arsenal argumentativo que sempre ressurge ao longo da modernidade.

5 Conclusão

Compreendemos que um ato polêmico, no espaço público digital, pode se manifestar como uma forma de protesto, em que um dos principais meios para tanto mostra-se ser as *hashtags*. Ora, em uma plenária política, espaço público por excelência, pode-se ver sujeitos levantando cartazes e placas com enunciados curtos de protesto contra ou a favor de certa questão – lembra-se aqui oportunamente da polêmica em torno da deposição da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, em que, nas reuniões para instruir o processo na câmara dos deputados, via-

se, de um lado, placas “Impeachment já” e “Tchau, querida” e, de outro, “Impeachment sem crime é golpe” e “Não vai ter golpe”. No *Twitter*, uma região do espaço digital, também se pode observar tal fenômeno, só que numa complexa modalidade tecnodiscursiva, energizado, como neste artigo analisado, pelo evento polêmico *impeachment* de Bolsonaro.

As análises aqui feitas nos permitem afirmar, assim, que o enunciado “Impeachment ou morte” do deputado Marcelo Freixo instaurou um evento polêmico, suscitando reações e ganhando certas características: o enunciado veio a se tornar uma *hashtag* de protesto contrário ao presidente Bolsonaro em favor da vacina; ele tornou-se também um enunciado-matriz a partir do qual vários argumentos foram lançados, no campo discursivo imediato que se instaurou, para defender a necessidade do *impeachment* do presidente, isto é, para tentar criar clima político suficiente para o avanço de um dos pedidos de impedimento, caso contrário ter-se-ia mais mortes. Para tanto, a principal estratégia analisada foi a da *transferência* de sentido, o uso de analogias condensadas (relações metafóricas) cujo efeito principal consistiu em aproximar os sentidos de *independência* e de *impeachment*, possibilitando a conclusão automática do *impeachment* como *independência* do Brasil. Ademais, a análise também permitiu perceber que a *hashtag* #impeachmentoumorte tornou-se, em grande medida, um protesto, uma forma de discordar do sentido atribuído pelos bolsonaristas anti-*impeachment*, qual seja, o de que no *tweet* do deputado Freixo se revela um plano para matar o presidente – sentido possível por conta dos efeitos da memória discursiva do campo bolsonarista, evidenciado por um arsenal argumentativo que atualiza uma lógica conspiratória calcada em um antissocialismo.

Esses jogos de sentido e de interação fazem, portanto, parte de um evento polêmico, o qual nos permite compreender como os enunciados, posto que são imantados pelo interdiscurso e pela memória discursiva, podem ter sentidos divergentes para sujeitos posicionados em campos discursivos antagonistas no espaço público digital. Isso nos mostra a operacionalidade das noções acionadas e de como precisamos, enquanto analistas do discurso, ser sensíveis ao novo que surge e que se impõe a fim de lê-lo sob categorias teórico-analíticas capazes de se atualizarem para a compreensão da vivacidade da vida que se nos apresenta em suas singularidades, quer sejam no espaço físico ou no digital.

Declaração de autoria

Lucas Nascimento: Conceptualização; Investigação; Coleta e Curadoria de dados; Escrita – original; Metodologia; Análise formal; Escrita – análise e edição; Recursos. Rodrigo Seixas: Conceptualização; Investigação; Coleta e Curadoria de dados; Escrita – original; Metodologia; Análise formal; Escrita – análise e edição; Recursos.

Referências

- AMOSSY, R. *Apologie de la polémique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3917/puf.amos.2014.01>
- ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.
- ANGENOT, M. *O discurso social e as retóricas da incompreensão*: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. São Carlos: EduFSCar, 2015.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Riddel, 2007.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA do Estado de São Paulo. “Independência ou Morte”: o brado em São Paulo ainda vibra no coração dos brasileiros. *Seção de Notícias*, 4. set. 2008. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288450>. Acesso em: 1 mar. 2021.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- CABRAL, C. F. L. *Espaço público digital e realidade virtual: abordagens teóricas*. 2015. 54f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

CARVALHO, O. de. Olavo de Carvalho fala com o imbecil coletivo Pedro Bial. *Planalto conversador*. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/FIHYWESLFA>. Acesso em: 25 fev. 2021.

COSTA, M. *História do Brasil para quem tem pressa*. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2016.

DCM. Vídeo: Bolsonaro “Genocida” é projetado na sede da Anvisa. 16. Jan. 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/video-bolsonaro-genocida-e-projetado-na-sede-da-anvisa/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

DUTRA, D. C.; OLIVEIRA, E. Ciberdemocracia: a internet como ágora digital. *Revista Direitos Humanos e Democracia*, Passo Fundo, v. 6, n. 11, p. 134-166, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21527/2317-5389.2018.11.134-166>

FERREIRA, G. B. The Internet as a Virtual Public Sphere – Forums Online and the Limitations of an Idea. *Medianali*, Dubrovnik, v. 4, n. 8, p. 1-10. 2010.

GOMES, L. 1822. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HUSSON, A-C. Les hashtags militants, des mots-arguments, *fragmentum*. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, Jul./Dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i48.23295>

KRÜGER, A. Câmara acumula 62 pedidos de impeachment contra Bolsonaro. *Congresso em foco*, Brasília, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/pedidos-de-impeachment-contra-bolsonaro-veja-lista/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

LEITÃO, S. Apontamentos sobre o diálogo Perelman-Bakhtin. In: LEMGRUBER, M. S.; OLIVEIRA, R. J. (org.). *Teoria da argumentação e educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 57-70.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAINIGUENEAU, D. *Discurso e análise de discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Gênesis dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *La sémantique de la polemique: discours religieux et ruptures idéologiques au XVII siècle*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1983.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes : à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse, *Corela : Cognition, Représentation, Langage*, Poitiers, HS-6, n. 1, p. 1-25, 2007. DOI : <https://doi.org/10.4000/corela.1567>

MOIRAND, S. L'événement « saisi » par la langue et la communication. *Cahiers de Praxématique*, Montpellier, n. 63, p. 1-25, 2014. DOI : <https://doi.org/10.4000/praxematique.2362>

NASCIMENTO, L. S. *Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político*. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

NASCIMENTO, L. S. Um diálogo entre a filosofia do ato e a argumentação: um caminho possível. In: AZEVEDO, I. C.; PIRIS, E. L. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio Editor, 2018b. v. 2, p. 153-172.

NASCIMENTO, L. S. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11395>

NASCIMENTO, L. A criminalização da homofobia como evento polêmico: o dissenso entre LGBTs e cristãos. *Revista Científica do Curso de Direito*, Vitória da Conquista, n. 3, p. 6-25, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.22481/rcccd.v0i3.6063>

PAULA, A. C.; SEVERO, C.G. Mikhail Bakhtin, Paul Ricoer e Hannah Arendt: Diálogos em torno do espaço público e das linguagens. *Revista da ANPOLL*, [S.I.], v. 1, p. 49-72, 2009. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i26.129>. Disponível: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/129/137>. Acesso em: mar. 2017.

PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie discursive: Tweet, twittécriture et twittérature, *Pratique : Linguistique, Littérature*,

Didactique, Lorraine, n.157-158, p. 7-30, 2013. DOI : <https://doi.org/10.4000/pratiques.3533>

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, S. M. D. S. *O debate democrático no espaço público digital: a participação política no espaço de comentários do Expresso no Facebook*. 2017. 183f. Dissertação (Mestrado em Filosofia, Comunicação e Informação) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2017.

PLANTIN, Christian. Des polémistes aux polémiqueurs. In: DECLERCQ, G.; MURAT, M.; DANGEL, J. *La parole polémique*. Paris: Éditions Champion, 2003.

PLANTIN, C. *Argumentação: história, teorias, perspectivas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PUGLIA, L. O anticomunismo militante de Olavo de Carvalho. SPG08 Direitas no Brasil Contemporâneo. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 43., Caxambu. *Anais* [...]. Caxambu: ANPOCS, 2019. p. 1-24. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/spg-6/spg08-6>. Acesso em: 24 fev. 2021.

QUÉRÉ, L. Les formes de l'événement. *MediAzioni*, Bologna, n. 15, p. 1-26, 2013. Disponível em: <http://mediazioni.sitlec.unibo.it>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ROSCOE, B. Impeachment de Bolsonaro chega ao primeiro lugar nos Trending Topics do Twitter. *Poder 360*, 9. out. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/impeachment-de-bolsonaro-chega-ao-1o-lugar-dos-trending-topics-do-twitter/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SCHELER, M. *Esencia y forma de la simpatia*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1942.

SCHELER, M. *Ética: nuevo ensaio de fundamentación de un personalismo ético*. Madrid: Caparrós Editores, 2001.

SEIXAS, R. *Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira*. 2019. 433f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SEVERO, C. G. Por uma aproximação entre Bakhtin e Hannah Arendt. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2, p. 59-81, 2007.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11-36.

ZAPPAVIGNA, M. Searchable Talk: The Linguistic Functions of Hashtags. *Social Semiotics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 1-18, 2015. DOI: 10.1080/10350330.2014.996948

ZUBA, F.; RAGAZZI, L. PF conclui em 2º inquérito que Adélio agiu sozinho e sem mandantes no ataque a Bolsonaro. *TV Globo Belo Horizonte*, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/14/pf-conclui-em-2o-inquerito-que-adelio-agiu-sozinho-e-sem-mandantes-no-ataque-a-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2021.



A retórica da intransigência e a campanha de desinformação em *fake news* sobre a pandemia de Covid-19

The rhetoric of reaction and the disinformation campaign in fake news about the Covid-19 pandemic

João Paulo Eufrasio de Lima

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará / Brasil

jpeufrazio@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2025-1451>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a estrutura argumentativa de *fake news* sobre o Covid-19, procurando verificar sua força argumentativa e sua capacidade de persuasão. Tomamos por base para nossa análise os conceitos de *A retórica da intransigência* de Hirschman (1992), de *Ethos* e *Pathos* da *Retórica* de Aristóteles (1998) e *Tratado da argumentação*. *A nova retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Nossa metodologia baseou-se na análise de três *fake news* relacionadas à campanha negacionista contra a Pandemia de Covid-19, cada uma tomada como prototípica das categorias levantadas por Hirschman (1992): a Tese da Perversidade, a Tese da Futilidade e a Tese do Medo. Os resultados obtidos indicam que as *fake news* devem ser entendidas como um fenômeno inherentemente digital que se utiliza de estratégias argumentativas bem elaboradas, segundo seu objetivo de suscitar o descrédito e a dúvida da opinião pública. Portanto, levando-se em conta o cidadão médio, podemos dizer que as *fake news* têm uma grande capacidade persuasiva e por isso devem ser encaradas como algo de extremo perigo para a sociedade e seus princípios democráticos e científicos.

Palavras-chave: retórica; fake news; covid-19.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the argumentative structure of fake news in the Covid-19-era by focusing on its argumentative strength and persuasiveness. The concepts of Rhetoric of Reaction (HIRSCHMAN, 1992), Ethos and Pathos of Aristotle's Classical Rhetoric and Perelman and Olbrechts-Tyteca's New Rhetoric (1996) were the framework for the analysis. Our methodology was based on the analysis of three fake news reports related to the denialist campaign against the Covid-19 pandemic, each

of which was taken as a prototype of the following categories proposed by Hirschman (1992): perversity, futility, and jeopardy theses. The results indicate that fake news should be understood as an inherently digital phenomenon that uses well-developed argumentative strategies as its objective is to cause discredit and doubt in the public opinion. Therefore, if we take the average citizen into account, fake news is highly persuasive and consequently should be considered of extreme danger to society and its democratic and scientific principles.

Keywords: rhetoric; fake news; Covid-19.

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 14 de junho de 2021

1 Introdução

A desinformação é, segundo Volkoff (2004), uma forma deliberada de manipulação da opinião pública através de meios orquestrados com fins de deslegitimar governos, pessoas e/ou ideais. Apesar de não ser uma estratégia nova, remontando a tempos imemoriais, ela tem se tornado cada vez mais alastrada a partir do aparecimento e da difusão dos meios de comunicação em massa.

No contexto da Revolução Digital em que vivemos, as campanhas de desinformação por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens têm sido capazes de mudar o rumo de campanhas políticas e decisões governamentais ao ponto de se tornarem tema de constantes debates e criação de leis específicas em diversos países.

Apesar do constante aprimoramento dos logaritmos que subjazem às Redes Sociais e Aplicativos de Mensagem, na tentativa de barrar a difusão de notícias falsas, o meio digital, por sua própria lógica interna, tornou-se o principal veículo propagador daquilo que se convencionou denominar de *fake news*, cuja relevância atual pode ser atestada por sua eleição como palavra do ano em 2017 pelo dicionário britânico Oxford, logo após o escândalo na campanha presidencial americana de 2016.

Como bem salientam Bounegru, Gray, Venturini e Mauri (2017), as *fake news* não podem ser igualadas às notícias falsas impressas ou a simples boatos, uma vez que esse fenômeno digital é inerente à lógica logarítmica e conta com isso para sua difusão, o que explica, em parte, o grau de importância que esse tipo de desinformação tomou em nossa sociedade.

É essa lógica digital que explica o crescimento exponencial das *fake news* impulsionadas por robôs digitais (os chamados *bots*), perfis falsos, comunidades virtuais e pelos próprios usuários da rede, muitas vezes ávidos pela aceitação em forma de *likes* e compartilhamentos. Esses mesmos meios de difusão são capazes ainda de garantir a validação dessas mensagens por meio de criação de falsos consensos através de comentários e da propagação em massa de uma mesma mensagem.

No contexto atual da Pandemia de Covid-19,¹ a campanha de desinformação na internet tem ganhado contornos dramáticos, uma vez que põe em risco diretamente a vida de milhares de pessoas. Como exemplo deste perigo, podemos citar os dados de uma pesquisa jornalística do G1² os quais mostraram que 70% dos entrevistados já acreditaram em, pelo menos, uma *fake news* sobre o atual Coronavírus, o que nos mostra o poder não só de alcance, mas de persuasão dessas mensagens.

De fato, acreditamos que, ao contrário do que alguns possam pensar, as *fake news* são, em grande parte, textos bem elaborados, segundo seus objetivos de desacreditar as evidências científicas e causar a desconfiança no público. Além disso, atestar suas falácia nem sempre pode ser tarefa fácil para um cidadão comum, e mesmo para um leitor experiente, já que muitas vezes é necessário um trabalho apurado de pesquisa, uma vez que, como teremos oportunidade de demonstrar, uma estratégia comum atualmente é dificultar a apuração da veracidade dos fatos ao omitir dados, ao mesmo tempo em que se utiliza de fatos comprovadamente verdadeiros em meio a falácias.

Dessa forma, nosso objetivo neste artigo é analisar a estrutura força argumentativa de *fake news* sobre o Covid-19, procurando verificar sua força argumentativa e sua capacidade de persuasão. Tomamos por base, sobretudo, o conceito de Retórica da Intransigência de Hirschman (1992), para quem os movimentos reacionários baseiam-se em teses

¹ O coronavírus (Sars-Cov-2), popularmente conhecido como Covid-19, foi declarado oficialmente pandêmico em 11/03/2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), dados sua rápida disseminação e o índice de pacientes graves que levaram ao colapso dos sistemas de saúde em praticamente todos os países do mundo. Mais informações em: <https://news.un.org/pt/tags/organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-saude>. Acesso em: 20 fev. 2021.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/03/mais-de-70percent-dos-brasileiros-com-internet-ja-acreditaram-em-uma-fake-news-sobre-coronavirus.ghml>. Acesso em: 14 fev. 2021.

comuns, quais sejam, a Tese da Perversidade, a Tese da Futilidade e a Tese do Medo, entre as quais tentamos encaixar as mensagens analisadas como forma de entendermos as ideias principais do movimento negacionista.

Para análise dos tipos de Argumentos, tivemos por base *A Nova Retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e os conceitos de *Ethos* e *Pathos* da Retórica Clássica de Aristóteles (1998), buscando sempre adaptá-los ao contexto digital e aos pressupostos da denominada Retórica Digital, segundo a qual, o computador, as Redes Sociais e os aplicativos de mensagens não são apenas vistos como Media, mas também como tecnologias persuasivas.

Acreditamos, assim, termos um quadro teórico suficiente para entender não apenas o fenômeno das *fake news*, mas como isso se encaixa neste contexto tão atribulado em que vivemos. Pensamos que este contexto de Pandemia de Covid-19 é também um momento *sui generis* para verificar o poder e o alcance da linguagem na interação humana, sobretudo as mediadas por tecnologias digitais, em um tempo no qual há o impedimento de muitas interações face a face, tornando o meio digital seu substituto.

Dessa forma, procuramos, com este trabalho, chamar a atenção do público em geral, mas especialmente àqueles pesquisadores nas áreas de Ciências Humanas, em especial, as Ciências da Linguagem, sobre este fenômeno tão intrigante quanto pernicioso, de forma que possamos traçar estratégias de combatê-lo, sobretudo, a partir da formação de leitores críticos, capazes de pôr em dúvida e verificar, sempre que necessário, aquilo que lhes chega às mãos, partindo sempre dos pressupostos e achados científicos como único meio minimamente confiável de entender nossa realidade.

2 Um breve panorama histórico sobre os estudos de Retórica

Antes de começarmos propriamente a traçar um apanhado da evolução histórica dos estudos sobre retórica, achamos conveniente distinguir esse importante campo do saber de outras áreas que também têm como propósito a discussão, a polêmica ou o convencimento, quais sejam: a Dialética e a Erística.

Um quadro mais aprofundado sobre essa importante distinção pode ser encontrado em Mateus (2018) ou em Reboul (1998), traçaremos aqui somente um breve levantamento sobre essa distinção. Segundo Aristóteles:

A retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De facto, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (ARISTÓTELES, 1998, Ret.I, 1354a).

Essa definição, pouco clara, suscitou muitos debates e embora até hoje não possamos traçar com exatidão a distinção entre essas áreas, podemos, ao menos, distingui-las em relação à sua natureza.

A Retórica está comumente relacionada à persuasão, à defesa de argumentos em espaços públicos (*ágora*, fórum) perante um auditório. A dialética, por sua vez, está mais ligada à reflexão filosófica acerca de temas não necessariamente polêmicos ou passíveis de ser tachados como verdadeiros ou falsos. Seu público geralmente é privado e seu objetivo é testar argumentos em torno de um tema e não propriamente persuadir alguém.

Por seu turno, a Erística está mais ligada à controvérsia, a uma discussão cujo fim é unicamente vencer o adversário destruindo seus argumentos. Não importa, neste caso, qual espécie de argumento será usado; falácias e sofismas são bem-vindos, desde que a vitória seja alcançada. Pode-se aqui defender qualquer ideia por mais absurda que seja como, por exemplo, no diálogo *Eutidemo*, de Platão, em que o personagem homônimo visa defender a impossibilidade de declarar a falsidade de algo. Um representante moderno dessa corrente é o filósofo alemão Schopenhauer (1997), cujo livro *Como vencer um debate sem ter razão* (título da tradução brasileira) traz um apanhado de métodos sofísticos elaborados para confundir, distorcer ou mesmo irritar o adversário em debates.

Foi justamente essa ideia de vencer um debate a todo custo e a aplicação prática desse método nos fóruns que acabou levando a Erística a se confundir com a Retórica, ocasionando assim um mal entendimento sobre a arte da persuasão que passou a ser vista, independente de sua linha de pensamento, como algo prejudicial à sociedade, o que possivelmente inibiu novos trabalhos teóricos na área, deixando a Retórica, por muito tempo, estacionada em sua evolução como ramo do saber.

Traçada essa importante distinção, precisamos agora, de forma resumida, tratar sobre a evolução histórica do estudo da Retórica para que possamos entender seu lugar como área do conhecimento humano e

seus desdobramentos atuais. Para um panorama mais aprofundado sobre a história da Retórica, indicamos a nossos leitores obras como Barthes (1970), Reboul (1998), Meyer e Timmermans (2002) e Mateus (2018).

A Retórica tem origem como uma atividade eminentemente prática, ligada, sobretudo, à democracia e à necessidade de cidadãos litigantes defenderem seus interesses em fóruns. Como nos lembra Barthes (1970), a Retórica constituiu-se desde seu início como um instrumento de poder através do domínio da palavra (*logos*) como forma de persuadir/convencer o fórum por meio da eloquência e do domínio da argumentação.

Com o tempo, o reconhecimento público do domínio prático da Retórica por certas pessoas fez com que surgisse a figura de professores de Retórica, tais como Empédocles de Agrigento, Tísias e Córax, os dois últimos responsáveis pelo mais antigo texto que conhecemos sobre a arte oratória. Formaram-se, então, duas classes de sujeitos que faziam uso da Retórica com fins mais ou menos profissionais: os professores de Retórica, denominados *retóres* e aqueles que eram pagos para defenderem seus clientes no fórum, os chamados *sofistas*.

Com a solidificação e expansão do sistema democrático em partes da Grécia, sobretudo Atenas, a necessidade de expor e defender livremente a opinião em assembleias e ágoras fez com que a Retórica, como conhecimento prático, ganhasse cada vez mais importância para a afirmação política do cidadão grego.

Contudo, o desenvolvimento das técnicas de persuasão pelos sofistas, cujo objetivo era ganhar sempre o debate, independente de ter ou não razão, fez com que Platão, entre outros, passasse a criticar o estado do conhecimento retórico da época justamente por sua capacidade de enganar e mentir.

Como nos lembra Reboul (1998), os sofistas, por aceitarem qualquer tarefa relacionada a defesas públicas, não se preocupavam com nenhum conceito de justiça, verdade ou até mesmo verossimilhança. Nesse caso, a Retórica está a serviço não do saber, mas do poder.

Por outro lado, cabe lembrar que é graças ao trabalho dos sofistas que a linguagem, o discurso e a primazia da gramática ganharam evidência nos estudos, o que contribuiu bastante para o desenvolvimento dessas áreas. Será Platão no diálogo *Górgias* que fará provavelmente a crítica mais contundente à Retórica sofística, sobretudo, por visar unicamente à persuasão sem qualquer preocupação com a Justiça que deveria ser, segundo Platão, o objetivo máximo da arte retórica.

Além disso, Platão, e antes Isócrates em sua *Paidéia*, criticou a retórica sofística também por se constituir de práticas e técnicas reiteradas e vazias que nada tinham a ver com um conhecimento profundo da arte de persuadir. Será então com Aristóteles que a Retórica terá sua reabilitação frente às críticas. Para o mestre de Estagira, enquanto arte da persuasão, a Retórica não pode ser considerada por si mesma nem boa nem má. Será, portanto, seu uso que definirá sua qualidade e, mesmo considerando que ela, muitas vezes, possa ser utilizada para enganar, Aristóteles salienta que, ainda assim, seu ensino deve ser dado a todo cidadão, também como forma de entender e se defender perante falsos argumentos.

Contra as críticas que demonstravam o caráter repetitivo e decorativo de fórmulas retóricas, Aristóteles redefine essa área não mais como a simples arte da persuasão, mas como o estudo dos meios de persuasão adequados para cada caso, assim o *retor* não deve se ocupar unicamente com as formas dos argumentos, mas também com a competência em identificar quais podem ser mais eficazes num caso específico em função, sobretudo, de uma acurada análise de seu auditório.

Nos três livros que compõem a sua obra máxima sobre o tema, Aristóteles busca demonstrar os meios mais utilizados e eficazes para persuadir um público, demonstrando didaticamente que a arte da persuasão se dá no encadeamento harmonioso de três componentes: o *logos*, o *ethos* e o *pathos*.

O *logos* (discurso) seria dividido em quatro etapas: a exortação, que serviria para chamar a atenção do público e introduzir o tema; a exposição, momento em que o orador apresenta sua tese com os argumentos e exemplos que a fundamenta; as provas, que visam produzir o efeito de irrefutabilidade e a consequente adesão do público e a peroração, em que o orador recapitula os argumentos principais e busca suscitar as paixões do público em favor de sua tese.

Contudo, Aristóteles salienta que não basta o convencimento pelo discurso, ainda que muitas vezes os argumentos sejam lógicos e bem fundamentados. É preciso ainda levar o público a aceitar a figura do orador como alguém confiável, conhecedor da causa e verdadeiro. Dessa forma, é preciso ainda no discurso criar para o público um *ethos*, uma imagem positiva do orador de forma que sua figura seja convincente e seu discurso também.

Por fim, o público precisa ser movido, despertado em suas paixões (*pathos*) para manter-se atento ao que é dito e de forma a aceitar os

argumentos e a tese expostos pelo orador. Quanto mais alinhadas estão as paixões do público às suscitadas pelo discurso, e entra aqui a oratória como uma forma eficaz de assim proceder, mais provável será de os argumentos e a tese serem aceitos pelo público.

Como visto, para Aristóteles, a retórica diz respeito a um conjunto de técnicas que visam persuadir um público e, para tanto, cabe ao orador não apenas conhecer essas técnicas, mas ainda saber selecioná-las e adaptá-las segundo o contexto. Entendida dessa forma, a Retórica é um conhecimento indispensável para o exercício da cidadania nas *polis*.

Por fim, em relação à Retórica Antiga, cabe assinalar que há, conforme nos lembra Todorov (1979), uma distinção entre a chamada Retórica Antiga, associada aos gregos, e a Retórica Clássica, associada aos romanos, essa última restrita quase que totalmente ao uso prático no fórum e com ênfase maior no *ethos* do orador, ao contrário dos gregos cuja centralidade do orador era dividida com seu auditório.

Após o apogeu, durante o período clássico, a Retórica viverá um longo tempo de declínio, sobretudo, durante a denominada Idade Média e a ascensão das monarquias cujo domínio absoluto restringia consideravelmente a livre expressão pública de ideias (Cf. RICOEUR, 1983). Dessa forma, a Retórica acaba por assumir um viés mais literário e se torna associada geralmente à verbosidade, sobretudo, no uso, muitas vezes superficial e exagerado das chamadas figuras de linguagem (*tropos*), que originalmente eram vistas apenas como uma das formas de cuidado com o discurso, a que os romanos denominavam estilo (*elocutio*), em detrimento de outras partes, como a composição e a argumentação. Dessa forma, reduzida ao estilo literário, circunscrita à elocução e limitada à ornamentação, como bem nos lembra Reboul (1998), a Retórica deixa de ser a arte de persuadir e se transforma numa disciplina de preocupação puramente estética, perdendo, portanto, sua finalidade.

É certo que o declínio da Retórica Clássica foi um processo gradual que levou muitos séculos até sua quase extinção no século XIX. É certo também que nem todos os teóricos viam a Retórica da mesma maneira durante tanto tempo e podemos encontrar de forma pontual nomes que tentaram, de alguma maneira, reviver o esplendor Clássico devolvendo a Retórica a seu lugar, ligada à persuasão e não somente à ornamentação.

Será apenas com a expansão da democracia e a autodeterminação política no século XX que a Retórica voltará a ser encarada como um conhecimento necessário ao debate público, à busca pelo consenso e à participação política dos cidadãos.

Em meados do século XX, surgirá, então, uma nova vertente para a reabilitação da Retórica como arte da persuasão, a chamada “nova Retórica” de Perelman e Olbrechts-Tyteca que, apesar do epíteto ‘nova’, não rejeita a Retórica Clássica, mas, pelo contrário, busca retomá-la a partir de uma revitalização de suas bases, integradas aos novos avanços das Ciências Humanas.

Em 1958, Perelman e Olbrechts-Tyteca publicam o *Traité de l'Argumentation. La nouvelle rhétorique*, no qual propõem que a ambiguidade, ao contrário do que diziam os Clássicos, não é um defeito da linguagem, mas algo inerente a ela. Dessa forma, a Nova Retórica não deve atuar no campo da lógica e sim no da verossimilhança, com aspirações apenas de plausibilidade ou probabilidade, fugindo de qualquer ideia de “verdade”, ou “lógica”, ou ainda “certeza”. Assim, a Nova Retórica busca deliberar em busca do consenso, do razoável, daquilo que “julgamos ser” e não pode fugir do erro ou da incerteza.

O objetivo, segundo os autores, era, por um lado, retomar as bases da Retórica Clássica, ao mesmo tempo em que buscavam romper com a visão cartesiana, como deixaram claro logo na abertura de sua obra:

A publicação de um tratado consagrado à argumentação e sua vinculação a uma velha tradição, a da retórica e da dialética gregas, constituem uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos. [...] A própria natureza da deliberação e da argumentação se opõe à necessidade e à evidência, pois não se delibera quando a solução é necessária e não se argumenta contra a evidência. O campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa à certeza do cálculo. Ora, a concepção claramente expressa por Descartes, na primeira parte do Discurso do método, era a de considerar “quase como falso tudo quanto era apenas verossímil” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 1).

A lógica matemática cartesiana, baseada nas provas e no cálculo, serviu como base para a explicação de muitos fenômenos, mas não pode ser tida como infalível, muito menos própria para a utilização em todos os contextos ou, como bem nos explicam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 8):

quando tais provas são discutidas por uma das partes, quando não há acordo sobre seu alcance ou sua interpretação, sobre seu valor e sobre sua relação com os problemas debatidos, deve-se recorrer à argumentação.

A base para o entendimento dessa nova perspectiva é a retomada pelos autores da Dialética como meio para a obtenção de consensos e esta, por sua vez, tendo como meio as técnicas persuasivas da Retórica. Dessa forma, o discurso, enquanto forma, é sobreposto pela argumentatividade. Como bem salienta Mateus,

Não havendo, nos negócios humanos, nenhuma tese eminentemente verdadeira ou transcendente, cabe à Retórica fornecer o quadro de interacção argumentativa onde os interlocutores estabelecem aquilo que é razoável ou crível. E esse crível é dado pelo auditório, a instância última de validação do debate (MATEUS, 2018, p. 81).

O quadro teórico de Perelman e Olbrechts-Tyteca é bastante complexo e detalhado, mas tentaremos traçar um panorama de seus pontos principais de forma a sustentar nossa futura análise.

Retomando a base aristotélica, os autores argumentam que a forma e as técnicas argumentativas a serem utilizadas devem estar sempre adequadas à audiência, pois, caso contrário, por melhor que sejam teoricamente, não levarão ao objeto máximo, que é persuadir o público em favor da tese sustentada. Nesse ponto, os autores salientam o papel inicial que as premissas explícitas e implícitas ocupam no jogo argumentativo, pois elas devem servir de base, ou o que os autores denominam de “acordo prévio”, entre orador e público. Como bem resume Mateus:

O Acordo Prévio funciona, deste modo, como uma espécie de atalho da persuasão. Parte de uma adesão existente (premissas) para fabricar uma segunda adesão (conclusões). Ele usufrui da dinâmica de aceitação prévia à argumentação para induzir uma nova aceitação a partir daquela já existente (MATEUS, 2018, p. 127).

Ter claro quais são os elementos do acordo prévio dá margem ao orador para poder explorar, ou não, as premissas subjacentes, de forma a construir sua tese, mesmo que contrária às crenças do público, a partir daquilo que, de forma implícita ou não, são comuns a ambas as partes.

O primeiro tipo de acordo prévio é o Acordo sobre o Real, que delimita entre orador e público aquilo em que ambos acreditam como real,

ou seja, aquilo que pensam ser “crível”, o que não tem necessariamente nenhuma relação com qualquer noção ontológica de real. Um caso mais ou menos recente que pode ilustrar esse ponto foi a Invasão ao Iraque feita pelo governo americano durante o mandato de Bush sob a inverossímil, e, depois comprovadamente falsa, tese de que o Iraque possuía armas de destruição em massa. Foi a partir da aceitação dessa premissa sobre o real que o governo ganhou a opinião pública e pôde, dessa forma, garantir a adesão dos cidadãos ao gasto astronômico para os esforços de guerra.

O segundo tipo é o acordo sobre o preferível, que diz respeito ao conjunto e à hierarquia de valores que movem o público. Um bom orador sabe identificar estes valores e usá-los como base para seleção e construção dos argumentos de forma a assentá-los sob aquilo já aceito pelo público como dado.

Voltando ao exemplo anterior, sobre a Invasão ao Iraque, não bastou a Bush argumentar sobre a posse de armas de destruição em massa pelo Iraque, o ex-presidente americano recorreu ainda aos valores mais importantes para sociedade americana, o nacionalismo e a liberdade, argumentando que o governo iraquiano constituía uma ameaça a esses valores e, como consequência, à própria nação estadunidense.

É a partir da análise desses elementos do Acordo Prévio que o orador decidirá sobre quais tipos de argumentos utilizará em seu discurso, seja oral ou escrito. Nesse ponto, os autores nos dão uma lista exaustiva de tipos de argumentos, divididos em quatro categorias, a saber: Argumentos Quase Lógicos, Argumentos Fundados na Estrutura do Real, Argumentos que Fundam a Estrutura do Real e Argumentos por Dissociação. Por conta dos limites de nosso texto, não seria possível detalhar o quadro teórico da obra em questão, mas, com vistas ao esclarecimento de nossa análise posterior, faremos uma breve explanação com foco na distinção das quatro categorias de argumentos e alguns de seus tipos.

Os argumentos quase-lógicos são aqueles advindos da dedução formal, lógico-matemática. São argumentos de muita força persuasiva pela valoração que a demonstração formal ainda tem em nossa sociedade. Contudo, os autores salientam que, embora aparentemente baseados na lógica, ainda assim, esses argumentos são incapazes de evitar a ambiguidade inerente à linguagem e, como qualquer outro, residem na razoabilidade e na verossimilhança.

Quase-lógicos são, por exemplo, os argumentos por incompatibilidade, em que, dadas duas teses contraditórias, o orador visa

demonstrar que a tese adotada por si mesma elimina sua tese contrária. Retomando nosso exemplo sobre a Invasão ao Iraque, podemos observar como o governo americano colocou como incompatíveis seu *modus vivendi*, baseado supostamente na democracia, e o *modus vivendi* iraquiano, baseado supostamente na ditadura.

Outro tipo de argumento quase-lógico é o argumento da transitividade, uma espécie de silogismo pelo qual estabelecemos uma relação do tipo: se A é igual a B e C é igual a A, então C é igual a B. Mais uma vez utilizando nosso tema como exemplo, pudemos perceber que, após a invasão ao Iraque, o governo americano resolveu invadir outros países da mesma região com o argumento de que todos são semelhantes ao Iraque e, portanto, todos causariam o mesmo perigo aos Estados Unidos.

Mais um último exemplo de argumento quase-lógico é o argumento por inclusão, no qual se afirma que um elemento é parte de uma categoria maior, portanto, dela dependente. Esse tipo de argumento é comumente usado, por exemplo, para justificar o sacrifício dos soldados em uma guerra, pois estes representam uma causa maior. Foi exatamente o tipo de argumento que serviu para justificar a invasão americana ao Afeganistão com base na justificativa de que Osama Bin Laden seria parte de uma categoria maior que envolveria o governo daquele país, o que justificaria, inclusive, o sacrifício de cidadãos civis afegãos.

Uma segunda categoria argumentativa são os argumentos fundados na Estrutura do Real, neste tipo, é estabelecido um nexo causal entre elementos distintos através de suas causas e efeitos. São argumentos baseados na experiência, na realidade criada a partir do Acordo Prévio, cujos fatos são apresentados por suas consequências, fazendo o público admitir algo novo a partir de um dado pré-existente.

Um exemplo dessa categoria são os argumentos por causalidade, cuja elaboração se dá pelo estabelecimento de um nexo causal entre dois ou mais elementos. Poderíamos citar como exemplo uma argumentação do tipo: “o estado calamitoso da saúde pública é fruto da falta de investimentos dos governos anteriores”. Perceba-se que o qualificativo “calamitoso” é justificado pela inoperância do governo anterior. Desse mesmo tipo são também os argumentos pragmáticos do tipo “algo precisa ser feito por conta das consequências em não fazê-lo”. Um exemplo seriam argumentações como “precisamos modificar as regras da aposentadoria, pois, caso contrário, a Previdência quebrará, e as gerações futuras não poderão se aposentar.

Mais um exemplo desse tipo é o argumento do desperdício, segundo o qual, deve-se prosseguir no que se está fazendo pelos esforços já despendidos, como, por exemplo, em: “devemos modificar a Previdência para que aqueles que já pagaram não corram o risco de no futuro ficarem sem receber sua aposentadoria”.

Mais um tipo dessa categoria são os argumentos de autoridade e o *ad hominem*. Ambos são estruturados em função do *ethos* de quem fala. No argumento de autoridade, a veracidade do argumento é comprovada pelo valor de seu autor, que geralmente é tido como um especialista naquela área. Por outro lado, o argumento *ad hominem* é o inverso do argumento de autoridade, buscando desqualificar o argumento, uma vez que o *ethos* de seu autor é tido como repudiável, mentiroso ou mesmo desprestigiado.

Por fim, temos como exemplos de argumentos baseados na estrutura do real os tipos de grau e ordem. No argumento de grau, compararam-se duas coisas e suas realidades de forma que sejam mostradas sua possibilidade ou impossibilidade. Por exemplo, “os benefícios dados aos servidores públicos no passado não podem ser mantidos agora, pois vivemos um contexto de crise financeira”. Já, no argumento de ordem, procura-se mostrar que a sucessão dos fatos pode fazer com que os entendamos de forma diferente. Por exemplo: “você pode achar ruim pagar um pouco mais de previdência agora, mas, com o tempo, você perceberá que o desconto é pequeno e os benefícios o justificam”.

Ao contrário dos argumentos que se baseiam na estrutura do real, os argumentos que Fundam a Estrutura do Real visam recriar a perspectiva de realidade do auditório através de novos fundamentos, novas perspectivas e novas premissas. Um de seus tipos mais comuns é o argumento do exemplo, pelo qual se busca abstrair uma regra a partir de um caso particular. Por exemplo, “Veja o que aconteceu com a economia na Venezuela, se não nos precavermos, acontecerá o mesmo aqui”. Esse tipo de argumento tem sua força em estabelecer de forma mais real teorias abstratas e, ou, explicá-las, sendo de muito proveito quando se baseia em conhecimentos compartilhados com o auditório. É possível ainda basear-se em exemplos fictícios como: “Imagine-se daqui a 40 anos caso você não tenha contribuído com a previdência, como você fará para se sustentar em sua velhice?”

Outro tipo de argumento que fundamenta o real são as analogias que buscam estabelecer uma relação entre o que se pretende argumentar e um outro elemento advindo de um outro campo semântico, geralmente já aceito pelo público através do Acordo Prévio. Como bem definido por

Mateus (2018, p. 147), “a analogia averigua a semelhança entre ideias diversas e aparentemente sem ligação”. Perelman e Olbrechts-Tyteca nos dão um exemplo célebre de analogia construída por Epicteto:

Se uma criança enfiar o braço num recipiente com um bocal estreito para tirar figos e nozes, e encher a mão com os frutos, o que lhe acontece? Não pode retirá-la e chora. Larga alguns (dizem-lhe) e já consegues tirar a mão. Faz o mesmo em relação aos teus desejos. Se desejas apenas um pequeno número de coisas obtê-las-ás (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 434).

Outra categoria de argumentação são os argumentos por dissociação. Perelman e Olbrechts-Tyteca, definem a dissociação como sendo:

Técnicas de ruptura com a finalidade de dissociar, separar, dessolidarizar os elementos considerados como um todo ou, pelo menos, como um conjunto solidário no seio de um mesmo sistema de pensamento: a dissociação terá por efeito a modificação de um tal sistema, alterando certas noções que, nesse sistema, constituem peças mestras (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 255-256).

Um tipo de dissociação bastante comum é o par aparência/realidade como, por exemplo, em: “A inflação parece pequena quando vemos os indicadores econômicos, mas não é isso o que o cidadão vê quando vai ao supermercado”. Ao dissociar elementos até então postos em conjunto, o orador busca refazer a realidade aceita e criar novos fundamentos a partir dos quais poderá sustentar sua tese.

Como é possível perceber até aqui, os estudos retóricos têm uma larga história com contribuições de vários pensadores importantes. Contudo, a revolução digital pôs em xeque muitos de suas bases que tiveram de se adaptar a este novo contexto em que o computador não apenas serve como meio, mas é também um meio de persuasão, como veremos a seguir.

3 A retórica digital

O modelo comunicacional sob o qual se assentava a Retórica Clássica era baseado na exposição oral com a presença física do orador perante seu auditório. Tínhamos, assim, uma relação mais direta em que orador e auditório estavam no mesmo ambiente.

A inserção da Media modificou substancialmente a relação entre orador e auditório ao dispensar a presença física de ambos, além de transformar a própria mensagem em função, entre outras coisas, do meio em que é veiculada (cartaz, TV, internet, *outdoor* etc.). Como bem salienta Mateus:

Trata-se, então, de reconhecer que a Mediatização altera as próprias formas da persuasão, não apenas porque os Media e as Mensagem se encontram interligados, como também porque o orador está agora perante auditórios distantes no espaço e no tempo a que chamamos de audiências (MATEUS, 2018, p. 163).

Essas mudanças trouxeram novas estratégias e formas de persuasão e, por isso, alargaram o campo de estudo da Retórica ainda que em nada invalidem os conceitos clássicos.

Essas modificações se intensificaram mais ainda com a chamada Revolução Digital e a inserção dos computadores e, mais modernamente *smartphones*, no cotidiano dos cidadãos. Essas máquinas alteram ainda mais a relação entre os elementos da comunicação, uma vez que não atuam simplesmente como Media, mas são concebidos como tecnologias persuasivas que visam influenciar e alterar o comportamento e atitudes de seus usuários (Cf. FOGG, 2003).

Os *softwares*, *sites*, *apps* etc. são concebidos a partir de estratégias persuasivas capazes de influenciar e modificar o comportamento de seus usuários. Não precisa refletir muito para perceber que redes sociais, por exemplo, motivam seus usuários a se comportarem de forma tal a captar “*likes*” e “seguidores”, o que facilita a adesão, por exemplo, a formas de pensar estereotipadas e dependentes de uma aceitação mais geral.

Além disso, as Medias digitais são ubíquas e hoje estão presentes em praticamente todos os contextos, desde situações profissionais ao contexto familiar e lúdico.³

Embora haja alguns precedentes, o termo Retórica Digital, tal como o utilizaremos aqui, surgiu inicialmente em Lanham (1993), que entende o computador como um dispositivo retórico hipertextual que modifica a

³ Dados de 2020 indicam que 66% dos brasileiros têm alguma rede social e que, em média, o brasileiro gasta 3h31 em redes sociais. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/brasil-e-o-3o-pais-em-que-pessoas-passam-mais-tempo-em-aplicativos#:~:text=Publicado%20em%2016%2F01%2F2020,maior%20do%20que%20em%202017>. Acesso em: 20 fev. 2020.

forma e o sentido da mensagem ao permitir mesclar linguagem verbal com linguagem não verbal (sons, imagens estáticas e/ ou em movimento).

Desde então, vários pesquisadores têm se debruçado em analisar a aplicabilidade dos conceitos clássicos da Retórica ao meio digital, verificando se de fato haveria alguma mudança que pudesse justificar uma reorganização ou alteração dos conceitos usados até o momento.

Warnick (2007) chamou a atenção para a necessidade de adaptar o conceito clássico de *ethos* ao meio digital, uma vez que o simples fato de um usuário poder criar para si um perfil que pode, inclusive, tornar-se praticamente anônimo, ou seja, sem identificação a uma pessoa específica, muda a relação entre os componentes da comunicação. Além do mais, a autora verificou que a enxurrada de mensagens dificulta a verificação de credibilidade das mensagens.

É sabido ainda que a interação *online* reconfigurou os papéis comunicativos e transformou definitivamente a forma com que lidamos com as informações e os textos. O cidadão comum não mais assiste aos conteúdos dados, ele agora também pode, de sua casa, utilizando um mero celular, por exemplo, criar conteúdo que potencialmente pode atingir a milhões de usuários, é o que hoje convencionou-se denominar *prosumer*, um consumidor-produtor de conteúdo. (Cf. KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2017; VARELA, 2005).

Dessa forma, buscamos utilizar dos conceitos clássicos aqui elencados para a análise de nosso objeto, tendo sempre em mente que o contexto digital traz novos desafios como, por exemplo, a própria concepção de texto que hoje apresenta ainda mais fluidez quando pensamos, entre outras coisas, em seus limites. Caberiam, dessa forma, questionamentos como: os comentários fazem ou não parte do texto?

Saliente-se também que a possibilidade de replicar um mesmo texto através de seu compartilhamento numa escala astronômica traz desafios em relação ao próprio conceito de autor/orador, entre outros.

Por fim, como já comentado, a enxurrada de mensagens, muitas vezes contraditórias entre si, a que somos expostos diariamente dificulta nossa seleção da informação válida e de sua credibilidade, facilitando o compartilhamento de *fake News*, fato que hoje é tema de muita controvérsia e que tem mexido com a sociedade em geral, uma vez que pode trazer imensos prejuízos em praticamente todos os campos humanos. Para discutir melhor este ponto, faremos uma breve exposição sobre o conceito de *fake News* e alguns estudos prévios sobre o tema.

4 O fenômeno das *fake News*

Este termo, eleito palavra do ano pela Oxford em 2017, pode ser traduzido livremente como “notícias falsas”, mas sua conceituação está longe de ser consenso entre os pesquisadores. Alcott e Gentzkow (2017, p. 3, tradução nossa) definem este fenômeno como “artigos noticiosos que são intencional e comprovadamente falsos e que podem enganar leitores”.⁴

Por sua vez, Bounegru, Gray, Venturini e Mauri (2017) salientam que mais do que simplesmente um conteúdo falso, as *fake News* compõem um movimento inerente ao meio digital e são moldadas segundo os interesses dos grupos influentes naquele meio.

O certo é que as estratégias para criação e difusão das *fake News* têm se tornado cada vez mais elaboradas e mesmo que redes sociais influentes como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Whatsapp* tenham tomado atitudes para inibir essa prática, os resultados ainda parecem modestos frente à imposição de Bots,⁵ que se aproveitam da própria lógica das redes para burlar o sistema e propagar o conteúdo que interessa a seus criadores e mantenedores.

Um estudo, matéria do Programa Fantástico da Rede Globo,⁶ demonstrou que 94% dos entrevistados receberam, pelo menos, uma *fake News* sobre a Pandemia do Covid-19 e, mais de 70% destes admitiram que acreditaram em, pelo menos, uma destas notícias falsas.

Pode-se assim perceber que, ao contrário do que se pode imaginar, não é tão simples identificar uma *fake News*, isso porque a própria característica de cascata dos hipertextos dificulta, muitas vezes, rastrear os links de forma a identificar sua fonte e analisar sua veracidade. Como salientam Aymanns, Foerster e Georg:

⁴ “We define ‘fake news’ to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers”.

⁵ Abreviação de “robot” (robô em inglês). Segundo o dicionário Cambridge “um programa de computador que funciona automaticamente especialmente aquele que busca e encontra informações na internet” (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bot>. Acesso em: 14 fev. 2021.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/03/mais-de-70percent-dos-brasileiros-com-internet-ja-acreditaram-em-uma-fake-news-sobre-coronavirus.ghml>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Uma vez postada [uma notícia falsa], os usuários podem compartilhar e comentá-la, facilitando sua difusão através da rede social; o objetivo destas *fake news* tendenciosas pode ser financeiro ou para influenciar espectadores sobre o estado do mundo (AYMANNS; FOERSTER; GEORG, 2017, p. 3, tradução nossa).⁷

Como procuraremos demonstrar em nossa análise, as *fake News* baseiam-se em estratégias argumentativas muitas vezes bem elaboradas, de forma a camuflar suas reais intenções e provocar, se não a aceitação, ao menos a dúvida em um público diverso, atingido por uma exurrida diária de informação e que nem sempre tem condições de verificar a veracidade do que consome e compartilha.

Embora a difusão de notícias falsas e a estratégia de contrainformação não sejam novas, acreditamos que o fenômeno das *fake News* deve ser encarado como algo novo e dependente da lógica algorítmica do meio digital no desenvolvimento de suas estratégias persuasivas e de difusão e esse estratagema abre caminho a grupos reacionários como uma possível forma de desacreditar evidências, inclusive científicas. Como discutiremos a seguir, esse movimento reacionário tem, em geral, características argumentativas comuns que podem indicar sua forma básica de pensar sobre a realidade, especialmente no contexto pandêmico atual, alvo de nossa investigação.

5 A retórica da intransigência

O conceito que dá título a esta seção foi proposto por Hirschman (1992) tendo por base um estudo sobre três momentos históricos que abrigavam, de alguma maneira, novas propostas de cunho progressista: a Revolução Francesa, o *Welfare State* e o Sufrágio Universal.

Em seu estudo, o autor identificou que houve sempre tentativas reacionárias de barrar mudanças sociais que visavam, de alguma forma, o exercício da cidadania. Em sua análise, identificou que, embora bastante distintos em seus objetivos, contextos e estratégias, esses três movimentos históricos levaram a ações reacionárias que se basearam em meios semelhantes na tentativa de deslegitimar a mudança, tentando

⁷ “Once it has been posted, users may like, share or comment on this piece of news facilitating its spreading across the social network. The aim of those peddling fake news can be monetary gains, or to influence expectations about the state of the world”.

inculcar no cidadão comum a desconfiança, o medo e a desmoralização acerca das novas propostas.

Com base nisso, Hirschman (1992) identificou três teses reacionárias comuns na tentativa de barrar reformas progressistas, são elas: a tese da perversidade, a tese da futilidade e a tese da ameaça. Sobre a tese da perversidade, o autor define-a como:

A estrutura do argumento é admiravelmente simples, ao passo que a afirmação que se faz é um tanto extrema. Não se afirma apenas que um movimento ou política não alcançará sua meta, ou ocasionará custos inesperados ou efeitos colaterais negativos: em vez disso, diz o argumento, a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção, fará com que ela, sim, se mova mas na direção contrária. Simples, intrigante e devastador (se for verdadeiro), o argumento tem-se revelado popular entre gerações de “reacionários”, além de ser bastante eficaz com o público em geral. Nos debates atuais, ele é frequentemente invocado como efeito contra-intuitivo, contraproducente, ou, mais diretamente, perverso de alguma política pública “progressista” ou “bem-intencionada”. As tentativas de alcançar a liberdade farão a sociedade afundar na escravidão, a busca da democracia produzirá a oligarquia e a tirania e os programas de bem-estar social criaráo mais, em vez de menos, pobreza (HIRSCHMAN, 1992, p. 18-19).

Essa tese visa, sobretudo, causar a desconfiança e é bastante engenhosa ao se aproveitar de um pressuposto inerente a qualquer mudança: é difícil prever os resultados daquilo que é novo. Dessa forma, apela ao sentimento de estabilidade das pessoas, ainda que sua situação seja precária.

A tese da futilidade, por sua vez, propõe:

A tentativa de mudança é abortiva, que, de um modo ou de outro, qualquer suposta mudança é, foi ou será, em grande medida, de fachada, cosmética, e portanto ilusória, pois as estruturas profundas da sociedade permanecerão intactas. Chamarei esse argumento de tese da futilidade (HIRSCHMAN, 1992, p. 43).

A ideia aqui é desqualificar a mudança, muitas vezes zombando de seus ideais. Há, neste caso, um apelo também às “teorias da conspiração”, a ideia de que acordos escusos já foram feitos e de que “todos são a mesma coisa”, portanto, nada mudará, a “estrutura profunda” permanecerá a mesma, portanto, visa desencorajar qualquer luta pela mudança.

Por fim, temos a tese da ameaça, nas palavras do autor:

existe uma terceira forma mais afim ao senso comum e mais moderada de argumentar contra uma mudança que, devido à tendência predominante na opinião pública, ninguém se atreve a atacar de frente (este, já afirmei, é um traço marcante da retórica “reacionária”). Essa terceira forma assevera que a mudança proposta, ainda que talvez desejável em si, acarreta custos ou consequências inaceitáveis de um ou outro tipo (HIRSCHMAN, 1992, p. 73).

Neste caso, o intuito é pregar o medo da mudança, qualificando-a como, se não impossível, inviável em vista de suas consequências. Dessa forma, ainda que, em tese, a mudança possa ser boa, ela implicará sacrifícios tais que a impossibilitam.

Como é possível perceber, as teses reacionárias baseiam-se, sobretudo, no *pathos* na tentativa de desqualificar a mudança. Contudo, engana-se quem pensa que por isso elas são simples. Na verdade, como demonstraremos em nossa análise, as estratégias argumentativas envolvidas na criação de textos dessas categorias são bastante ardilosas e buscam, entre outras coisas, provocar, senão a adesão, a desconfiança do público.

6 Pressupostos metodológicos

Como já demonstramos, nosso objetivo aqui é analisar a organização argumentativa de *fake News* relacionadas à Pandemia de Covid-19, visando identificar sua força argumentativa, a partir da análise dos argumentos usados.

Buscamos coletar mensagens recebidas via *whatsapp* e, para tanto, pedimos a todos os nossos contatos, além dos grupos dos quais participamos, que nos repassassem mensagens consideradas duvidosas sobre o Coronavírus. No total, obtivemos, entre abril de 2020 e fevereiro de 2021, 139 mensagens.

Neste universo, pudemos verificar que muitas delas tinham temas comuns, como, por exemplo, supostos casos de pessoas que morreram ou tiveram reações graves às vacinas. Dessa forma, desconsideramos textos que tinham o mesmo tema ou variações pequenas de conteúdo. Devido aos limites deste texto, decidimos, ao final, analisar três *fake News*, cada

uma exemplificativa das três categorias elencadas por Hirschman (1992): A Tese da Perversidade, A Tese da Futilidade e a Tese do Medo.

Todas as três *fake News* selecionadas foram atestadas como tal pelos sites especializados na checagem de notícias falsas, Fato ou Fake,⁸ Aos fatos⁹ e Agência Lupa.¹⁰ Consideramos estas três amostras como protótipicas dos principais temas que, em conjunto, dão-nos um panorama do pensamento negacionista.

As três *fake News* selecionadas tiveram como meio de difusão o *whatsapp* que, segundo pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz,¹¹ é responsável por 73,7% das informações e *fake News* sobre o Covid-19 que circulam na internet.¹²

Entendemos *fake News* aqui conforme Bounegru, Gray, Venturini e Mauri (2017), para quem esse fenômeno é inerente ao meio digital por contar com sua própria estrutura algorítmica no desenvolvimento de estratégias persuasivas que buscam cooptar o público.

Com base nas categorias maiores de Hirschman (1992), buscamos analisar a estrutura argumentativa de cada *fake News*, a partir dos argumentos utilizados, tendo como embasamento os tipos de argumentos segundo a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

Além dessas três categorias principais, buscamos analisar como o *ethos*, verificado pelas características do próprio perfil digital de onde emana o *post*, e o *pathos*, verificado pelas estratégias linguísticas de apelo sentimental, buscam também mobilizar a opinião pública em favor das três categorias da retórica da intransigência de Hirschman (1992).

Dessa forma, acreditamos que é possível ter uma ideia melhor sobre a força de persuasão das *fake News* e seu risco para a sociedade, como buscaremos demonstrar em nossa análise a seguir.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>. Acesso em: 14 fev. 2020

⁹ Disponível em: <https://www-aosfatos.org/>. Acesso em: 14 fev. 2020

¹⁰ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 14 fev. 2020

¹¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em: 21 fev.. 2021

¹² Por serem textos de livre circulação nas redes sociais, não houve necessidade de autorização de seus criadores.

7 A campanha de desinformação em *fake News* sobre Covid-19

Desde já queremos salientar que, ao contrário do que se possa imaginar, nem sempre é fácil determinar que algo noticioso possa ser considerado uma *fake News*, como teremos oportunidade de demonstrar. Isso se deve a alguns fatores:

Primeiramente, devido à lógica própria das redes sociais e aplicativos de mensagem que se baseiam principalmente no estímulo ao compartilhamento e à visualização dos conteúdos, nem sempre tendo em conta sua origem ou sua veracidade.

Temos ainda de considerar que a enxurrada de informações a que somos submetidos diuturnamente dificulta a leitura crítica e atenta dos textos, o que facilita o compartilhamento irresponsável. Dessa forma, mesmo leitores altamente capacitados podem, ocasionalmente, repassar uma *fake News* por descuido, como já tivemos a oportunidade de constatar pessoalmente.

Há ainda o fato de que as *fake News* hoje em dia são construídas de forma, muitas vezes, bastante ardilosa, mesclando fatos verídicos com falsos, utilizando-se, inclusive, com certa frequência, de termos técnicos que dificultam o entendimento do cidadão comum.

Cabe ainda salientar a quase impossibilidade de rastrear a origem da mensagem, replicada inúmeras vezes e impulsionada por *bots* e perfis falsos que não só repassam, mas servem também de instâncias validadoras ao comentarem, acrescentarem e reafirmarem as informações da mensagem.

A quantidade e a reiteração das informações no meio digital são fatores primordiais que criam uma falsa sensação de consenso, ou, até mesmo, de verdade. Dessa forma, um mesmo cidadão pode receber várias mensagens com um mesmo tema, o que pode criar uma falsa noção de validade. Por exemplo, quando vemos diversas *fake News* sobre pessoas que morreram ou tiveram reações adversas às vacinas contra o Covid-19 em vários lugares do país e do mundo, isso acaba criando, no mínimo, uma sensação de dúvida e receio que pode impedir cidadãos de se imunizarem.

Por tudo isso, embora a contrainformação e as notícias falsas sejam artifícios que remontam aos mais distantes períodos da vivência humana, o fenômeno das *fake News* deve ser encarado como algo distinto, próprio do ambiente digital e de sua lógica algorítmica.

Como já comentado anteriormente, o *corpus* selecionado foi dividido para a análise em três categorias de acordo com as três teses dos movimentos reacionários, segundo Hirschman (1992). Identificamos o movimento negacionista como uma proposta reacionária por pregar contra as evidências científicas e as instâncias jornalísticas profissionais. Em contrapartida, esse movimento busca se basear no apelo e na crença popular, bem como em teorias conspiratórias diversas que visem legitimar sua visão de mundo.

Passemos, então, a examinar os três exemplos prototípicos das teses reacionárias em relação à Pandemia de Covid-19.

7.1 Exemplo 1: a tese da perversidade

Como já comentado, essa tese visa, sobretudo, causar a desconfiança e é bastante engenhosa ao se aproveitar de um pressuposto inerente a qualquer mudança: é difícil prever os resultados daquilo que é novo. Dessa forma, mudanças, mesmo que em contextos altamente preocupantes como a pandemia atual podem ser encaradas com desconfiança, sobretudo, quando se põem em dúvida a própria estrutura que fundamenta o real, como teremos oportunidade de analisar a partir do exemplo a seguir:

FIGURA 1 – *Fake News* sobre certidão de óbito errada



Fonte: Mensagem de *whatsapp*

Essa *fake News* e todas as demais semelhantes a essa, como, por exemplo, casos de pessoas atropeladas cujo atestado de óbito supostamente teria sido emitido com *causa mortis* o Covid-19, baseiam-se em uma teoria da conspiração bastante comum entre os negacionistas: os governos estão tentando causar pânico na população, forjando, para tanto, atestados de óbito como parte de um plano internacional maquiavélico.

Esse pressuposto encontra base em notícias e denúncias, algumas formais, como, por exemplo, a denúncia do Sindicato dos Médicos do Ceará ao Ministério Público¹³ de que médicos estariam sofrendo pressão para atestarem óbitos duvidosos como Covid-19.

Como parece ser parte da estratégia argumentativa usada na difusão de *fake News*, há um aproveitamento de fatos verídicos mesclados com falácia, visando dificultar a verificação da autenticidade e gerar confusão e desconfiança no público.

O post acima é baseado de fato em uma confusão na identificação da *causa mortis* de um cidadão de Pernambuco cujo atestado de óbito, inicialmente tendo como causa o Covid-19, teve de ser retificado após exames laboratoriais atestarem como causa outro vírus respiratório, a Influenza A, conforme apurado por meios especializados, como, por exemplo, o site Aos Fatos.¹⁴

Podemos enquadrar esse texto dentro da categoria da Tese da Perversidade, segundo a qual, “a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela, sim, se move, mas na direção contrária (HIRSCHMAN, 1992, p. 18-19), ou seja, há, por trás dos movimentos sociais, uma tentativa de camuflar as reais intenções dos grupos políticos que pregam uma ideia com o fim de levar a sociedade a um caminho diferente com consequências desastrosas para o cidadão comum.

Nessa mesma categoria, enquadraram-se todas as *fake News* baseadas em Teorias da Conspiração, como, por exemplo, aquelas que alegam que o Covid-19 teria sido criado em laboratório e/ou controlado

¹³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/medicos-do-ceara-acionam-mp-suposta-pressao-atestar-covid-em-obitos/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://www-aosfatos.org/noticias/morte-de-borracheiro-nao-consta-de-dados-oficiais-de-letalidade-pelo-novo-coronavirus/>. Acesso em: 16 fev. 20 fev. 2021.

por grandes companhias com fins lucrativos ou ainda mirabolantes planos advindos de sociedades secretas com vistos ao controle populacional, controle das mentes ou, até mesmo, a alteração do código genético humano.

Pode-se perceber que o *ethos* invocado pelo perfil da Rede Social do usuário e pelo texto é o de uma cidadã comum indignada com um suposto erro na certidão de óbito. Fica claro também que a conclusão de que esse erro seria parte de uma trama maquiavélica não é exposta textualmente, mas fica, de alguma forma, implícita e, portanto, a cargo do leitor.

Há neste caso ainda um forte apelo ao *pathos*, aos sentimentos de indignação com o erro na Certidão de Óbito e pena pela suposta morte trágica de um trabalhador, assim como pelo sofrimento da família, duplamente ultrajada, o que certamente contribui para uma maior proximidade do leitor com o texto, facilitando sua adesão à mensagem.

Com isso, podemos entender que o texto baseia-se em um Acordo Prévio que se estrutura numa ideia de (re)fundação da realidade no contexto da Pandemia de Covid-19 em que se põe em dúvida a própria existência da Pandemia. Em relação ao Acordo sobre o Preferível, o texto busca mobilizar os valores da família e da indignação com as falhas dos serviços.

Sobre os tipos de argumentos mobilizados, podemos perceber que o texto se enquadra no que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) denominam de Argumentos que Fundam a Estrutura do Real. Como tal, o texto visa modificar a crença de seu público a partir da estratégia argumentativa do exemplo, pelo qual busca-se abstrair uma regra a partir de um caso particular. Nesse caso, fica implícito que, se aconteceu isso neste caso particular, é possível que aconteça em vários outros, o que coloca em dúvida os números sobre a quantidade de óbitos por Covid-19 e, até mesmo, a Pandemia em si.

Como é possível perceber a partir do exemplo exposto, em geral, as *fake News* são textos bem elaborados, se levarmos em conta seu objetivo de desacreditar e confundir o público sobre a Pandemia de Covid-19. Portanto, não é simples para o cidadão comum, muitas vezes pouco escolarizado, identificar seus conteúdos como falsos ou parcialmente falsos, como no caso acima e nos que analisaremos a seguir.

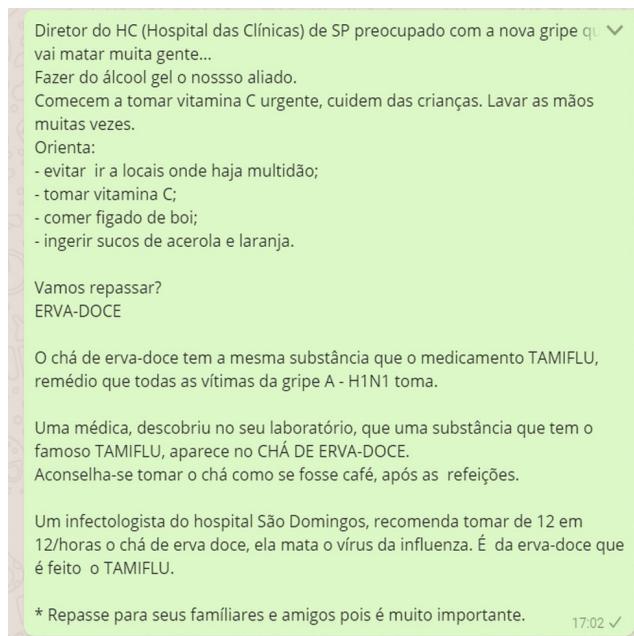
Dessa forma, esse fenômeno torna-se extremamente perigoso e danoso à sociedade, uma vez que, dadas as características intrínsecas

às redes sociais digitais, o seu alcance é muito maior do que qualquer outra espécie de desinformação que tínhamos antes dos computadores e *smartphones*.

Cabe então aqui salientar a necessidade que a sociedade em geral, as Ciências da Linguagem em particular e, sobretudo, o ensino como um todo, mas especialmente o de Língua Materna, têm em agir contra esse tipo de estratégia maquiavélica, promovendo a reflexão crítica dos cidadãos de forma a questionarem tudo o que lhes chega às mãos, pois só dessa forma podemos minimizar o alcance das *fake news* e seu poder de destruição.

7.2 Exemplo: A tese da futilidade

FIGURA 2 – *Fake News* sobre chá de erva-doce



Fonte: Mensagem de *whatsapp*

Neste caso, chama atenção logo à primeira vista a forma como o referente Covid-19 é invocado no texto: “a nova gripe”. Isso nos mostra concretamente o pressuposto no qual se baseia esse e outros textos semelhantes, o Covid-19 é uma gripe comum, do tipo Influenza.

Essa mensagem, devidamente desmascarada como *fake news* por especialistas,¹⁵ pode ser enquadrada dentro da categoria das Teses da Futilidade da Retórica da Intransigência de Hirschman (1992). Como tal, seu objetivo é desqualificar, ridicularizar a tese científica contrária que demonstra que o Covid-19 é um tipo não apenas “novo”, mas desconhecido de doença respiratória e que, até aquele momento, não tinha remédio com eficácia comprovada nem mesmo vacina.

Como no exemplo anterior, vemos aqui, mais uma vez, a estratégia argumentativa de mesclar informações falsas e verdadeiras no texto. Dessa forma, vemos medidas cientificamente comprovadas, como uso do álcool em gel, higiene das mãos e distanciamento social, ao lado de ações sem qualquer eficácia comprovada contra o Covid-19, como “tomar vitamina C”, “comer figado de boi”, “ingerir sucos de acerola e laranja” e, com bastante destaque, “tomar chá de erva doce” que, segundo o texto, teria a mesma substância com que é feito o remédio Tamiflu, o que foi negado pelo laboratório fabricante desse medicamento.

Quanto à sua estrutura argumentativa, esse texto tem como base uma argumentação fundada na Estrutura do Real (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Dessa forma, pelo Acordo Prévio, não se nega a existência do Covid-19, nem mesmo seu perigo (“vai matar muita gente”), mas busca-se criar uma lógica segundo a qual essa doença teria solução, tal como qualquer outra gripe do tipo Influenza, o que sabemos ser uma falácia já que o Covid-19 não se enquadra nos tipos de Influenza.¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/04/24/e-fake-que-diretor-do-hc-mandou-mensagem-com-dicas-para-evitar-gripe-e-que-tamiflu-e-feito-de-erva-doce.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2020.

¹⁶ Caso haja interesse do leitor nessa discussão, e pensando que este não é um foco de nossa análise e que nosso leitor provavelmente não é um especialista na área médica, indicamos a seguinte notícia que o direcionará a um dos estudos mais extensos e recentes sobre a diferença entre esses dois tipos de vírus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/covid-19-tem-triplo-da-letalidade-da-gripe-mostra-estudo-frances-24801683>. Acesso em: 14 fev. 2021

O texto busca passar uma impressão de objetividade científica, sendo esse o principal valor estabelecido pelo Acordo Prévio. Por isso, não há qualquer indício de um *ethos* aparente de sua autoria, mas sim um *ethos* baseado em argumentos de autoridade falsos a partir da menção a cargos e profissões da área da medicina. Pode-se perceber que esse viés “científico” faz com que esse exemplo, ao contrário do anterior, não apele tanto ao *pathos*, a não ser em sua última linha em que se refere ao cuidado da família e amigos.

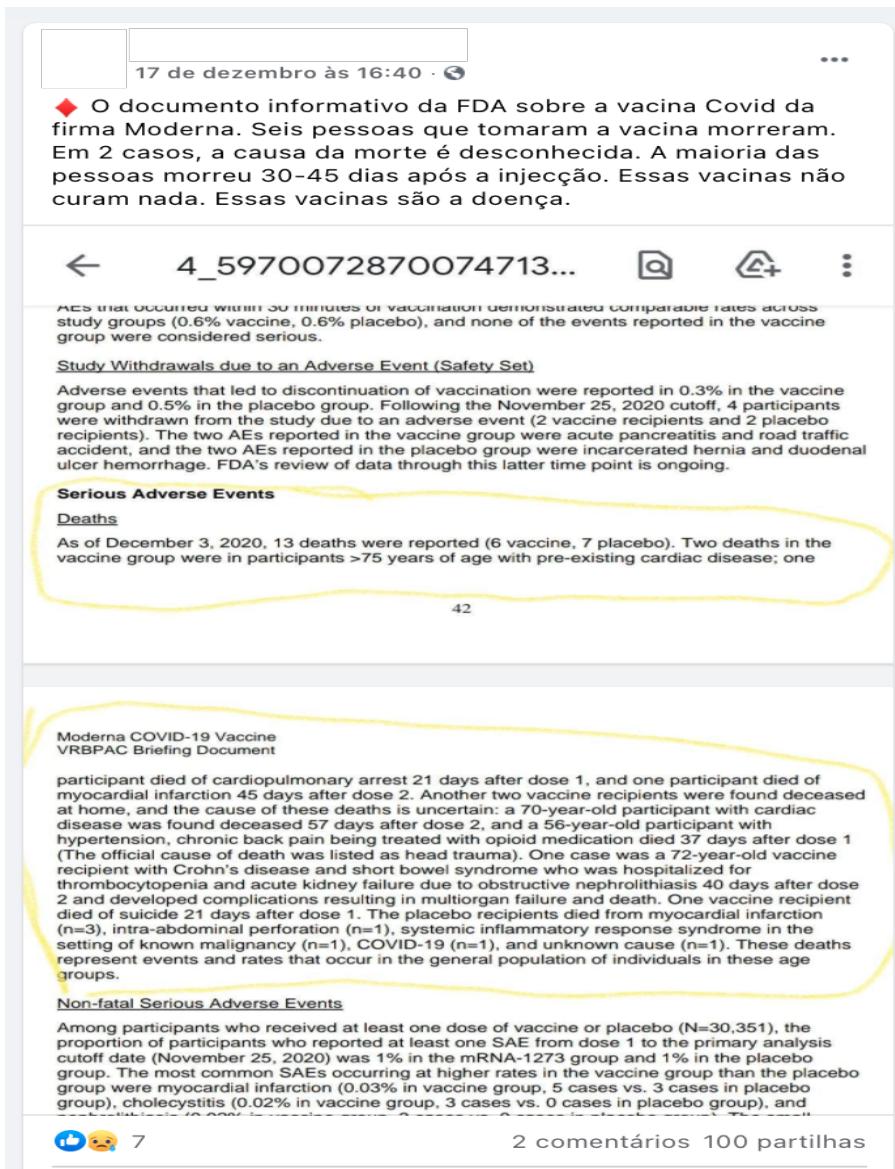
Chama a atenção também o fato de que não há qualquer menção a nomes de pessoas, conferindo ao texto um anonimato quase total que pode causar desconfiança para um leitor mais experiente, mas também pode sugerir uma ideia de informação exclusiva, confidencial e, dessa forma, ludibriar leitores menos atentos.

Perceba também o chamamento “vamos repassar” que apela ao compartilhamento desta falsa informação, promovendo assim sua difusão e validação por outros leitores. De fato, como já dito, o *whatsapp* tornou-se o principal meio de difusão de *fake news*, sendo esse, por suas características próprias, um dos meios mais difíceis de rastrear a criação e difusão de mensagens.

Tal como o primeiro exemplo, percebemos que o texto analisado é construído de forma a dificultar a verificação de sua veracidade e a persuadir ou, pelo menos, confundir o público, gerando desconfiança nas informações oficiais e, de fato, científicas.

7.3 Exemplo 3: a tese do medo

Uma terceira tese comum aos movimentos reacionários, conforme Hirschman (1992), é a Tese do Medo, pela qual se busca provocar não apenas a desconfiança, mas o medo da mudança, ao sugerir ou salientar suas possíveis consequências negativas, como é possível perceber no exemplo a seguir.

FIGURA 3 – *Fake News* sobre relatório do FDA

Fonte: Mensagem de *whatsapp*

No exemplo em tela, percebe-se que se nega a estrutura do real baseada na Ciência, buscando, através do acordo prévio, colocá-la em xeque a partir da fundamentação de uma outra Estrutura do Real na qual as vacinas são “danosas e podem causar a morte”, tomando como valor primordial “a vida”, ameaçada pela vacina. É possível ainda verificar que, pela própria lógica da tese, há um forte apelo ao *pathos* ao afirmar que a vacina é um mal.

Mais uma vez, percebemos a mesma estratégia argumentativa de distorcer os fatos para gerar dúvida. De fato, o não só citado, mas incorporado relatório da FDA, agência reguladora americana, cita 13 mortes entre voluntários dos testes da vacina contra Covid-19 do laboratório Moderna, dos quais 6 tomaram a vacina e outros 7 placebo, conforme pode-se comprovar no trecho circulado no texto. Contudo, como demonstrado pela verificação do site Aos Fatos,¹⁷ o citado relatório menciona que não há qualquer evidência de que os óbitos tenham tido como causa a vacina, mas sim doenças crônicas anteriores.

Com relação à sua estrutura retórica, verificamos que o texto foi replicado à época por diversos perfis tanto do *Facebook* como do *Instagram* e também o encontramos em mensagens do *whatsapp*, tal como na figura 3, sem qualquer menção a um perfil. Podemos defini-lo, como na maioria das *fake News*, como um texto anônimo em que se pode sugerir algo tal como uma informação confidencial ou exclusiva.

O principal argumento mobilizado no texto é o exemplo que se enquadra dentro do tipo dos argumentos que buscam fundamentar uma Estrutura do Real. Neste caso, o argumento baseado no exemplo tem uma grande força persuasiva, porque aproxima o leitor do texto, ainda que seja um caso em um país distante. Como em qualquer tipo de argumentação desse tipo, sua intenção é, a partir de um ou mais casos particulares, abstrair uma regra geral, no caso, falaciosa.

Mas há ainda um outro tipo de argumento mobilizado, o argumento de autoridade, por meio da citação direta em inglês do relatório do FDA, que fundamentaria as alegações do texto. O relatório, citado no original, dá ares de maior credibilidade ao texto e dificulta,

¹⁷ Disponível em: <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/seis-voluntarios-faleceram-por-terem-tomado-a-vacina-contra-a-covid-19-produzida-pela-moderna>. Acesso em: 21 fev. 2021

para o leitor comum, desconhecedor daquela língua, a verificação de sua veracidade.

Mais uma vez, percebemos que a estratégia de distorcer os fatos é comum às *fake News*, de forma a causar confusão e desconfiança em seu público.

8 Considerações finais

Como buscamos demonstrar, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, as *fake News* nem sempre são fáceis de ser identificadas como tal, isso porque os textos têm mobilizado estratégias ardilosas, distorcendo dados e enxertando falácia em meio a fatos de forma a confundir seus leitores. Além do mais, os meios usados para criação e difusão dessas mensagens e os números que demonstramos dos cidadãos que recebem e acreditam em alguma *fake News* demonstra o poder de persuasão que têm.

Salientamos uma vez mais que este é um fenômeno inerente ao meio digital, em que se encontram as melhores condições para se difundir em uma escala exponencial, atingindo um público imenso e bastante diversificado. De fato, a própria lógica da grande rede, baseada em algoritmos, facilita o disparo e a replicação em massa das *fake News*, o que pode contribuir para a criação de uma falsa ideia de consenso e verdade, uma vez que os *bots* e perfis falsos ou mesmo remunerados podem servir como formas de replicação e validação das informações, tal como demonstramos aqui.

Dessa forma, esse fenômeno de grande escala torna-se extremamente danoso e perigoso para sociedade e seus ideais democráticos e científicos. Por isso, acreditamos que ações devam ser tomadas para frear seus avanços na *Internet* e, para tanto, não bastam as tentativas de melhorar os algoritmos para detectarem *fake News* nem mesmo leis específicas para este fim. É preciso incentivar, sobretudo nas escolas, o exercício da leitura crítica e seletiva, de forma que os cidadãos estejam prevenidos contra esta e outras armadilhas do meio virtual.

Referências

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, [S.I.], v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Disponível em <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- ARISTÓTELES, *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução do grego e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, 1998.
- AYMANNS, C.; FOERSTER, J.; GEORG, C. P. *Fake News in Social Networks*. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1708.06233>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- BARTHES, R. L'ancienne rhétorique. Aide-mémoire. *Communications*, Paris, n. 16, p. 172-229, 1970. DOI: <https://doi.org/10.3406/comm.1970.1236>.
- BOUNEGRU, L.; GRAY, J.; VENTURINI, T.; MAURI, M. *A Field Guide to Fake News*. [S.I.]: Public Data Lab, 2017. Disponível em: <https://fakenews.publicdatalab.org/>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- FOGG, B. J. *Persuasive Technology*. Using Computers to Change What We Think and Do. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1145/764008.763957>.
- HIRSCHMAN, A. O. *A retórica da intransigência*: perversidade, futilidade, ameaça. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. *Marketing 4.0*: do tradicional ao digital. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2017.
- LANHAM, R. A. *The Electronic Word*: Democracy, Technology, and the Arts. Chicago: University of Chicago Press, 1993. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226469126.001.0001>.
- MATEUS, S. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Ed. LabCom. IFP, 2018.
- MEYER, M. C.; TIMMERMANS B. *História da Retórica*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RICOEUR, P. *A Metáfora Viva*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Lisboa: Rés, 1983.
- SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão* – em 38 estratégias (Dialética Erística). Introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho. Trad. Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- TODOROV, Tzvetan. Fim da retórica. In: *Teorias do Símbolo*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979.
- VARELA, J. Blogs vs. SMS: Periodismo 3.0, la socialización de la información. *Revista Telos*, Madri, v. 65, p. 68-76, 2005.
- VOLKOFF, V. *Pequena história da desinformação*: do Cavalo de Tróia à Internet. Trad. Fernando Cascais. Curitiba: Ed. Vila do Príncipe, 2004.
- WARNICK, B. *Rhetoric Online*: Persuasion and Politics on the World Wide Web. Berne: Peter Lang, 2007.



A propósito da indignação: a negociação das distâncias em comentários sobre um crime de feminicídio

The purpose of indignation: negotiating the distance in comments on a femicide crime

Leandro Silva Moura

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

leandro_slm@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6777-5773>

Resumo: Como observa Alexandre Júnior (1998), no prefácio da *Retórica*, houve uma explosão dos estudos retóricos nas últimas décadas. Nesse sentido, muitos estudiosos do discurso têm voltado seus olhares para as questões de retórica, muitas vezes seguindo os passos de Aristóteles, que a define como a arte da persuasão, além de observar que se trata da contraparte da dialética, hoje entendida como argumentação. Em 2007, Meyer, para quem a retórica é a negociação das diferenças entre indivíduos, recupera a clássica oposição aristotélica, pontuando que não é possível privilegiar retórica ou dialética. Em vez disso, é preciso buscar caminhos para unificá-las, evidenciando que ambas, na verdade, fazem parte de uma mesma disciplina. Aristóteles argumenta que o orador atinge seu objetivo, ou seja, alcança a persuasão, quando se vale da virtude, da prudência e da benevolência. Esses elementos têm relação com as emoções, definidas por ele como “causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 1998, p. 106). Apesar de Aristóteles evidenciar o lugar das emoções no discurso, alguns estudos modernos tendem a negligenciar o domínio do *pathos*. Desse modo, discutiremos o papel da emoção, especialmente da *indignação*, na negociação das distâncias em comentários sobre um crime de feminicídio, uma vez que estes são terras férteis para a expressão de diversas emoções. Pretendemos, neste trabalho, verificar em que medida a *indignação* constitui-se como estratégia argumentativa, aproximando ou afastando ainda mais os sujeitos que participam das trocas simbólicas em redes sociais.

Palavras-chave: retórica; argumentação; emoções; indignação; feminicídio.

Abstract: As well observed by Alexandre Júnior (1998) in the preface to *Rhetoric*, there has been an explosion of rhetorical studies in recent decades. Therefore, many discourse researchers have dedicated themselves to rhetoric issues, often following the steps of Aristotle, who defines it as the art of persuasion, besides observing that it is the counterpart of dialectics, which is seen as argumentation nowadays. In 2007, Meyer, for whom rhetoric is the negotiation of differences between individuals, revived the classic Aristotelian opposition, pointing out that it is not possible to privilege rhetoric or dialectics. Instead, it is necessary to find alternatives to unify them, showing that both are in fact part of the same subject. Taking into account the “art of persuasion”, Aristotle argues that the speaker achieves his objective, in other words, achieves persuasion, when they use virtue, prudence, and benevolence. These elements are related to emotions, defined by him as “feelings that so change men as to affect their judgements, and that are also attended by pain or pleasure” (ARISTOTLE, 1998, p. 106). Although Aristotle highlights the locus of emotions in discourse, some modern studies tend to neglect the pathos domain. Thus, we aim to discuss the role of emotion, especially indignation, in negotiating distances in comments on a femicide crime, since these are fertile lands for expressing several emotions. In this study, we intend to observe to what extent indignation makes up an argumentative strategy, bringing the subjects that engage in symbolic exchanges on social networks even closer or pushing them away.

Keywords: rhetoric; argumentation; emotions; indignation; femicide.

Recebido em 1 de março de 2021.

Aceito em 17 de maio de 2021.

1 Introdução

A virada do século XIX para o século XX foi marcada pela invalideza da retórica, como observa Plantin (2008). Isso se deveu ao fato de ela, como método, não ser capaz de produzir um saber positivo. Há de se ressaltar, ainda, que, neste período, a retórica estava associada a um grupo clerical antirrepublicano, fato que acabou causando sua exclusão das universidades (PLANTIN, 2008).

De acordo com Reboul (2004), a retórica foi substituída pela história das literaturas grega, latina e francesa e desapareceu do ensino francês em 1885. Entretanto, ainda que desreditada, ela sobreviveu no ensino literário, nos discursos jurídicos, nos discursos políticos e, além disso, teve suas forças renovadas com a comunicação de massa, cujo surgimento se deu no século XX. Ainda neste século, tem-se o nascimento

de uma “nova retórica”, limitada à elocução, puramente literária em um primeiro momento e sem qualquer relação com a persuasão.

A expressão “nova retórica”, aliás, serviu como subtítulo ao *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), autores que, ancorados na tradição clássica, publicaram, em 1958, uma das obras que marcariam o recomeço dos estudos retóricos, sobretudo no que diz respeito à argumentação. Nesse sentido, *O Tratado da Argumentação* caracteriza-se por ser uma teoria do discurso persuasivo, cujo objetivo é investigar a fundamentação dos juízos de *valor*, um dos conceitos caros à teoria, centrada na invenção e não na elocução.¹ Enquanto a retórica literária centrou-se em procedimentos da linguagem, reduzidos a figuras de estilo, a de Perelman e Olbrechts-Tyteca conferiu pouco destaque às figuras, reduzindo-as a argumentos. Assim, tem-se, de um lado, uma retórica centrada na elocução e, de outro, uma retórica centrada na invenção.

Essa breve revisão bibliográfica nos permite inferir as inegáveis contribuições dos trabalhos desenvolvidos neste período, no que tange à retomada de fôlego dos estudos retóricos, mas também nos levam a algumas críticas. Após esse breve *tour* retórico, questionamos, assim como o fazem Plantin (2008), Micheli (2010) e outros teóricos, o fato de pouco, ou nenhum, lugar ter sido destinado às emoções nos estudos modernos de argumentação. Em vez disso, elas, tão caras à retórica aristotélica, foram escondidas durante algum tempo e, somente nas últimas décadas, seus estudos foram retomados, dessa vez em áreas distintas do saber, em contextos distantes do mundo greco-romano (ALEXANDRE JÚNIOR, 1998).

Desse modo, neste artigo, pretendemos retomar as discussões que tratam do lugar das emoções nos estudos argumentativos, buscando compreender como elas atuam na negociação das distâncias.² Para fins de análise, fizemos um recorte acerca de um caso de feminicídio em comentários de uma publicação em uma rede social, partindo do pressuposto de que as emoções funcionam como estratégias argumentativas nos embates travados pelas locutoras em uma postagem virtual do *Facebook*.

¹ Reboul (2004), em *Introdução à Retórica*, faz um passeio teórico bastante profícuo, percorrendo os caminhos pelos quais passou a Retórica, de Aristóteles às pesquisas contemporâneas. Para maiores discussões, conferir Reboul (2004).

² Essa noção é desenvolvida por Meyer (2007) e será retomada ao longo deste trabalho.

2 Primeiros passos: notas sobre retórica e argumentação

A retórica em Aristóteles (1998) é entendida como arte e ciência e tem por finalidade descobrir o que é apropriado em cada caso, visando à persuasão, ou seja, trata-se de descobrir o que é persuasivo em cada situação. A arte retórica constrói-se pelos meios de persuasão, únicos elementos capazes de dar-lhe forma e de permitir que o orador consiga discernir uma argumentação justa de uma argumentação não justa. Trata-se não somente de buscar a persuasão dos auditórios, mas também de diferenciar os meios de persuasão, dentre os quais três, *ethos*, *pathos* e *logos*, são preenchidos pela palavra falada. Com isso, eles se tornam dependentes da arte retórica.

A definição proposta por Aristóteles é recuperada por Quintiliano (2015) no segundo livro da *Instituição Oratória*, quando o autor prepara o terreno para apresentar seu conceito de retórica. Outras noções também são mobilizadas, dentre as quais destacamos, assim como Alexandre Júnior (1998), as de Hermágoras, para quem a retórica é a arte de falar bem; a de Córax e Tísias, Górgias e Platão, filósofos que a concebem como causadora da persuasão. Após refletir acerca de algumas definições, Quintiliano (2015) propõe, então, uma retórica relacionada à ciência de se expressar bem, cujo objetivo é justamente a boa expressão, por parte do orador, quando ele toma a palavra.

Todas essas definições, como bem observa Alexandre Júnior (1998) na *Introdução* feita para a versão portuguesa da “Retórica”, de Aristóteles, têm em comum o fato de concordarem que tanto a retórica, quanto seus estudos consideram a criação e a elaboração de discursos persuasivos. Entretanto, apesar de compartilharem dessa essência, elas divergem em relação a elementos retóricos importantes. O primeiro deles é o estatuto metodológico, pois nem todas as definições retomadas entendem a retórica como arte e ciência, ainda que reconheçam a organização da *técnica* em um método. Ademais, o propósito também é divergente, uma vez que a diferença entre nível teórico da retórica e nível prático da eloquência, no que tange à finalidade discursiva da retórica, é clara. O objeto também é alvo de desacordo: se para alguns a retórica deve contemplar apenas os gêneros judicial, deliberativo e epidíctico, para outros, ela pode ser aplicada a qualquer texto. Finalmente, o conteúdo ético entra em jogo, pois não há consenso quanto à neutralidade da retórica.

Antes de prosseguirmos, convém lembrar que, enquanto Platão (2010) entende a retórica como uma espécie de manipulação do auditório, ligada às emoções, Quintiliano a vê como a arte de bem falar, relacionada à expressão de si mesmo, logo, ao orador. Por sua vez, Aristóteles associa a retórica à exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir, isto é, corresponde ao próprio discurso. *Grosso modo*, em Platão privilegam-se as emoções; em Quintiliano, o orador; em Aristóteles, as proposições e a linguagem que as veicula, o que, aparentemente, torna a retórica mais objetiva e racional.

Nota-se, a partir das definições acima, que cada uma dessas abordagens lança olhares para uma das três dimensões da relação retórica: o *pathos*, o *ethos* e o *logos*. Contudo, se levarmos em consideração que são necessários um orador, um auditório e uma linguagem para que haja retórica, veremos que não é possível privilegiar uma das três dimensões em detrimento das outras, uma vez que elas estão interligadas. Nessa esteira, *ethos*, *logos* e *pathos* são igualmente importantes. Em outros termos, tanto o orador, quanto o auditório e linguagem são igualmente essenciais. Ainda que privilegiemos uma das provas (*ethos*, *pathos* ou *logos*), entenderemos que todas são peças fundamentais no tabuleiro da argumentação. Seguimos, assim, outros estudiosos que já se valeram dessas discussões, mostrando que o analista deve integrar as três provas retóricas. É o que faz, por exemplo, Lima (2006) em sua tese de doutorado.

Levando em consideração a importância da integralização das três provas retóricas, Meyer defende a retórica como uma “negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (MEYER, 2007, p. 25). Essa questão, conforme o autor, corresponde à medida da diferença, isto é, daquilo que separa e opõe ao mesmo tempo os protagonistas. Trata-se, na verdade, de uma medida da distância simbólica que traduz a diferença. Outrossim, é importante considerar que, sem essa questão, não existiriam escolhas contrárias, todos teriam um mesmo ponto de vista e consultariam a si próprios para chegar a uma determinada conclusão.

Logo, neste trabalho, assumimos, com Meyer (2007), que a retórica é também a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram. Por meio dela, negociamos a identidade e a diferença, tanto nossa quanto dos outros, tanto social quanto política e psicologicamente. Assim, tentaremos mostrar como os usuários de uma rede social negociam suas distâncias em suas interações virtuais.

Além disso, outra questão importante a ser considerada está relacionada à dissociação, talvez equivocada, entre retórica, que aborda a pergunta pelo viés da resposta, e dialética, a qual parte da própria pergunta. Conforme Plantin (1996), toda fala é argumentativa, de modo que a argumentação está em qualquer discurso. Nas palavras do autor, a argumentação é “um resultado concreto da enunciação em situação. Todo enunciado visa agir sobre seu destinatário, sobre outrem e a transformar seu sistema de pensamento. Todo enunciado obriga ou incita o outro a crer, a ver, a fazer [algo] de outra forma” (PLANTIN, 1996, p. 18).³ Essa mesma ideia é defendida por Amossy (2010), para quem argumentar significa agir sobre o outro, levando-o a uma ação. Se considerarmos tal definição, veremos que é preciso unificar os caminhos, de modo que retórica e dialética se tornem uma só disciplina. Tal perspectiva é também defendida por Meyer (2007).

Vale lembrarmo-nos de que os estudos da argumentação passaram por uma renovação na virada do século XIX para o século XX, marcada, sobretudo, pela publicação do *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), mencionado na introdução deste artigo. Todavia, apesar de esses estudos terem ganhado um novo fôlego, alguns dos teóricos que escreveram sobre a argumentação a partir desse período, não raro, são alvos de questionamentos, sobretudo no que tange ao lugar destinado ao *pathos* e seus derivados, como as emoções. Micheli (2010), nas trilhas de Plantin, observa que muitos desses autores não integram tal aspecto a seus trabalhos.

No que diz respeito às emoções, elas podem ser definidas a partir de diversas perspectivas, as quais, por vezes, buscam compará-las a outros termos que também estão no domínio do *pathos*. Cosnier (1994), por exemplo, em uma abordagem psicológica e propondo uma diferenciação entre diversos estados afetivos, considera que as emoções são caracterizadas por terem um processo dinâmico, com começo e fim, além de uma breve duração. As causas desses fenômenos são eventos inesperados ou até mesmo improváveis. Por seu turno, Lima (2006) adota

³ Tradução nossa para: “est un résultat concret de l’énonciation en situation. Tout énoncé vise à agir sur son destinataire, sur autrui et à transformer son système de pensée. Tout énoncé oblige ou incite autrui à croire, à voir, à faire, autrement” (PLANTIN, 1996, p. 18).

o termo *patemização*, assim como Charaudeau (2000),⁴ uma vez que ele engloba diversas expressões que se referem ao sentimento, à emoção, à paixão e aos seus derivados.

Tendo em vista que nosso objetivo neste artigo não é retomar ou ampliar os debates acerca de possíveis definições do termo “emoções”, entenderemos, com Aristóteles, que elas são “causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 1998, p. 106). Entre essas emoções, destacaremos a indignação, analisando-a como uma peça importante no jogo argumentativo e na negociação das distâncias em comentários de redes sociais.

3 Breves considerações sobre as emoções nos estudos argumentativos

Um dos marcos dos estudos modernos em argumentação é o modelo de coerência argumentativa, adequado aos usos da argumentação, proposto por Toulmin (2006). Tal modelo tem como objetivo descrever a maneira pela qual os enunciados são dispostos ou se combinam entre si, na tentativa de formar uma unidade argumentativa coerente. Assim, a argumentação é entendida como uma estrutura, ou ainda como uma configuração de enunciados, conforme um conjunto de relações definidas, o que sugere a ausência de uma real dimensão pragmática. A argumentação, nesse caso, nunca é relacionada aos sujeitos inscritos em uma situação de comunicação, com a intenção de produzir efeitos uns nos outros. Além disso, os argumentos são considerados em termos de coesão, não em termos de contexto, o qual, aliás, é negligenciado (MICHELI, 2010).

Com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a noção de auditório é abordada, mas há, conforme Michel (2010), um caráter ambíguo quanto à filiação do *Tratado* à retórica. Nessa obra, Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam que a argumentação se desenvolve em função do auditório. Assim, ao se filiar à retórica, a argumentação deveria ter uma dimensão comunicacional, ou seja, deveria ser considerada como um quadro de troca intersubjetiva situada. Aqui, a argumentação, destinada a um auditório, é produzida por um orador, o qual deve considerar a *doxa*.

⁴ A autora, na verdade, segue as trilhas de Charaudeau (2000), que também prefere os termos “pathos”, “patêmico” e “patemização” ao termo “emoções”. Para uma discussão mais aprofundada, conferir Charaudeau (2000).

Entretanto, esses modelos são, de certo modo, problemáticos, pois não deram lugar às emoções. A proposta toulminiana não pretende adotar a ideia de que o orador mobiliza diversas estratégias para sensibilizar seu auditório, o que, em alguma medida, o livra de tratar das emoções. Assim, para argumentar, não é necessário que haja alteração na capacidade de julgamento do auditório, causada pelo orador, por meio de estímulos afetivos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), por seu turno, não retomam o caráter argumentativo das emoções, privilegiando, em boa parte do *Tratado*, as técnicas discursivas, as quais são fundamentais para que a adesão dos espíritos aconteça. É importante ressaltar que o que pretendemos com essa crítica, ancorados nos trabalhos de Micheli (2010), não é colocar em xeque as contribuições de ambos os modelos para os estudos da argumentação, mas sim trazer à baila o fato de eles terem negligenciado o domínio *pathos*, tão caro à retórica aristotélica.

Outros modelos não se afastam muito dessa perspectiva. Os pragma-dialéticos, por exemplo, veem a argumentação como uma atividade cujo intuito é resolver uma diferença de opiniões. Para que isso aconteça de modo racional, ou pelo menos razoável, é necessário cumprir um procedimento cujas regras deverão ser aceitáveis para as duas partes. A crítica a esse modelo, na perspectiva de Micheli (2010), diz respeito ao fato de as emoções serem tratadas como sofismas, uma vez que um ponto de vista não poderia ser defendido por uma não argumentação ou por uma argumentação que não é relevante para este ponto de vista. Desse modo, as emoções são consideradas como meios de persuasão não argumentativos e são excluídas do terreno da argumentação.

Walton (1992 *apud* MICHELI, 2010) trata da questão das emoções de um modo mais sutil, apoiado em uma concepção pragmática e conceitual das falácia. Em sua perspectiva, os argumentos serão avaliados de acordo com os objetivos e as regras do diálogo estabelecido entre os locutores. As falácia, por sua vez, serão vislumbradas como técnicas mal utilizadas que jogam contra os objetivos legítimos do diálogo. O apelo às emoções, então, será julgado caso a caso, levando-se em consideração o tipo de diálogo em que elas se inscrevem, a fim de questionar quais são suas contribuições para a argumentação no discurso. Consequentemente, as emoções serão avaliadas como racionais ou falaciosas, conforme suas contribuições (ou não) para a concretização dos objetivos do diálogo.

Essas abordagens, de certo modo, situam-se em uma problemática dos efeitos, pois, de acordo com Micheli (2010), avaliam o caráter razoável ou falacioso das emoções, examinando os efeitos que elas exercem ao lado de uma definição que estipula o que deve ser a argumentação. Sob essa ótica, a questão principal é saber se e em que medida as emoções contribuem ou, ao contrário, se elas são um obstáculo ao processo argumentativo. De acordo com o autor, “as emoções não são apenas um objeto de apelo no contexto do raciocínio visando estabelecer a adequação de uma ação: elas são também objeto do que chamamos de construção argumentativa” (MICHELI, 2010, p. 96).⁵ Desse modo, se as emoções são objetos de uma construção argumentativa, e não somente objetos de apelo, o locutor não argumenta somente para levar, ou não, o outro a agir. Para além disso, ele argumenta buscando sentir determinadas emoções, visando, por vezes, suscitar essas mesmas emoções no outro durante as trocas simbólicas.

Alguns modelos descritivos, diferentemente dos modelos anteriormente mencionados, conferem lugar de destaque às emoções. É o que faz, por exemplo, Plantin (2010), quando este atribui a elas um novo status, propondo uma nova abordagem de análise. Em sua perspectiva, quando a questão que se lança ao confronto discursivo porta uma emoção, há argumentação dessa emoção. Assim, nas palavras do autor, “há argumentação de uma emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como consequência, os discursos que são construídos pelas respostas visam a legitimar uma emoção” (PLANTIN, 2010, p. 60).

Ao longo da revisão bibliográfica e das discussões apresentadas nesta seção, nota-se que as emoções nem sempre recebem o merecido destaque no campo da argumentação. Entretanto, acreditamos que elas são peças fundamentais na teia argumentativa, uma vez que o orador pode valer-se delas para suscitar emoções em seu auditório, agindo, assim, sobre ele. A fim de exemplificarmos tal afirmativa, basta nos lembarmos das sessões que acontecem no tribunal do júri: por vezes, acusação e defesa recorrem às emoções, na tentativa de mobilizar o júri para que ele absolva ou condene o réu, ou ainda para tentar desqualificar

⁵ Tradução nossa para: “les émotions ne font pas uniquement l’objet d’appels dans le cadre de raisonnements visant à fonder l’opportunité d’une actions : elles font également l’objet de ce que nous appelons une construction argumentative” (MICHELI, 2010, p. 96).

a vítima, trazendo à baila estereótipos socialmente compartilhados acerca do que é ser boa mãe e boa esposa, por exemplo. No cenário político, temos mais alguns exemplos, afinal, tornou-se prática comum vermos candidatos exaltados, aparentemente indignados, suscitando emoções como *raiva* e *indignação* em seu auditório, as quais podem, inclusive, mudar os rumos de eleições.

4 A propósito do Feminicídio e o caso em análise

O feminicídio, termo que tomou lugar da palavra “femicídio”, refere-se ao crime cometido contra a mulher, em razão de esta ser mulher. Comumente, envolve violência doméstica e familiar, bem como menosprezo ou discriminação em razão do gênero. Tal crime passou a figurar no rol dos crimes hediondos em março de 2015, quando a então presidente Dilma Rousseff sancionou a lei de número 13.104, a qual prevê o feminicídio como uma circunstância qualificadora de homicídio.

Lima (2018a), ao discutir sobre a polêmica instaurada em relação à validade da lei do feminicídio, lembra que, conforme Almeida (1998 *apud* LIMA, 2018a), o termo foi introduzido em 1976, no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres. Posteriormente, ele foi retomado, com o intuito de evidenciar que a morte violenta de mulheres não era de algo acidental. Ainda neste trabalho, Lima pontua que, em linhas gerais, esses crimes são motivados quase sempre por um sentimento de perda de controle em relação à vítima ou, ainda, por um sentimento de desprezo e ódio sentido por ela em relação ao seu algoz.

De acordo com dados divulgados pelo *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, houve um aumento de crimes de feminicídio nos últimos anos. No primeiro semestre de 2020,⁶ embora o número de registros de agressões em decorrência da violência doméstica tenha diminuído, ocorreu um aumento de 2% dos crimes de feminicídio, se comparado com o mesmo período de 2019. Ainda em 2019, foram registrados 1326 casos de feminicídio no Brasil. São Paulo, com 184

⁶ Vale lembrar que, desde março de 2020, vive-se um período de isolamento social, devido à pandemia mundial de COVID-19. Com isso, muitas mulheres estão mais próximas de seus agressores, o que, infelizmente, dificulta o pedido de socorro. Como nossa intenção não é discutir especificamente os casos de feminicídio, não nos ateremos, neste artigo, a estas questões.

casos, e Minas Gerais, com 142, lideram o *ranking* dos estados que mais matam mulheres no país.

O caso a ser analisado neste trabalho se insere neste quadro, no qual a vítima é sempre a mulher e o algoz, o próprio companheiro. Trata-se de um crime ocorrido em 2019, no Rio de Janeiro, quando a vítima foi encontrada na calçada, ferida com 8 tiros, após a divulgação de um vídeo em redes sociais, no qual seu então namorado a questionava quanto a um relacionamento extraconjugal. Vale observar que, juridicamente, esse crime é tipificado como feminicídio íntimo.⁷

A notícia acerca do assassinato foi vinculada em um programa de TV aberta, a saber: *Balanço Geral*, da Record TV, e posteriormente ganhou as páginas do *Facebook*,⁸ uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil. À época, a postagem contou, aproximadamente, com 994 comentários, dentre os quais selecionamos somente aqueles em que havia réplica, uma vez que boa parte deles eram apenas comentários isolados, sem nenhum tipo de interação entre os internautas.

Antes de procedermos à apresentação das análises, é importante dizer que, assim como Lima (2018a), omitiremos os nomes dos envolvidos nas interações nos comentários, resguardando suas identidades. Todos os comentários a serem analisados são de autoria de mulheres e, para que possamos representá-las em nossa transcrição, utilizaremos (L), designando-as somente como “locutoras”. Aproveitamos o momento para salientar que os textos serão transcritos literalmente, como constam nos comentários na rede social, obedecendo à forma original. Desse modo, poderá haver desvios no que diz respeito à norma padrão da língua portuguesa.

5 A negociação das distâncias por meio da indignação

Muitos internautas veem as redes sociais como uma válvula de escape para que seus comentários e posicionamentos possam circular livremente, por vezes sob a proteção de um *avatar*, o qual é capaz de

⁷ Informação disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/#feminicidio-intimo-quem-ama-nao-mata>. Acesso em: 10 mai. 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=270629067183647>. Acesso em: 26 mai. 2021.

proteger suas faces. Não foi diferente com a notícia sobre o crime em análise: o que se vê, na página do programa *Balanço Geral* no *Facebook*,⁹ é que uma polêmica se instaura, de modo que os sujeitos interagem, na tentativa de persuadir um ao outro, negociando essa distância. Neste cenário de faroeste virtual, a indignação parece predominar nos comentários, como na interação a seguir:

- (1) (L1): Deixa uma filha de 7 meses... e vai p baile funk... provavelmente nao se envolia com bom homem.
- (2) (L2): Esse é o motivo da morte dela? E o de tantas outras que tem sido mortas dentro de suas casas? No trabalho? Uma mulher foi assassinada, vamos focar nisso, a vida que ela levava não nos diz respeito.
- (3) (L1): Ihhhhhhhhhh....qdo vc fizer frases suas e nao comentar com frases feitas da moda eu te explico o q eu quiz dizer ok???? Antipatia destes dias de hoje q o povo nao fala nada por sí..só copiam dos outros.
- (4) (L2): Frases feitas e repetidas para ver se entra na cabeça de gente como vc. Pq toda vez que uma mulher fora dos “padrões” estabelecidos é assassinada é esse tipo de comentário.

O fato dividiu opiniões, pois a vítima havia saído de casa, dizendo que retornaria para se arrumar para uma festa. Em seu primeiro comentário, L1 mostra-se indignada com isso, pois a vítima tinha uma filha de 7 meses, que provavelmente seria deixada em casa. A indignação, nesse caso, assenta-se numa *doxa* vigente, segundo a qual esta mulher, por deixar sua filha em casa para ir a uma festa, não é digna de crédito. Nota-se aí uma das características da indignação na perspectiva aristotélica: a oposição à compaixão, emoção pressuposta quando se trata de um crime hediondo.

De acordo com Lima (2018b), uma das características da indignação está relacionada ao fato de uma avaliação sobre os envolvidos ser colocada em cena. É o que se observa na argumentação de L1, quando

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/recordtvoficial/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

ela pressupõe que a vítima não se envolvia com um homem bom, valor que se sustenta novamente em uma *doxa*, relacionado ao estilo de vida de mulheres que frequentam baile funk em periferias de grandes cidades. Percebe-se, neste trecho, a existência de um julgamento moral, o qual, em alguma medida, aponta para uma tentativa de arranhar a face da vítima, desqualificando-a e, de certo modo, culpando-a por seu próprio assassinato.

Além disso, ainda de acordo com Lima (2018b), a indignação, fundamentada em valores e julgamentos morais, não é uma emoção impessoal. Ela permite trazer à tona um sujeito ofensor e outro ofendido, papéis que se alternam na interação em análise. Assim, L2, por seu turno, rebate o comentário de L1, questionando suas possíveis justificativas para o crime. Vemos novamente a indignação sendo expressa, mas dessa vez o alvo não é o mesmo. L2 chama a atenção para o fato de uma mulher ter sido assassinada, o que não deveria estar relacionado ao seu estilo de vida e, além disso, traz à baila o fato de mulheres em outras situações também serem vítimas de feminicídio. A indignação de L2, em relação aos julgamentos de valor sustentados por L1, parece funcionar como uma estratégia argumentativa, cujo objetivo é gerenciar a distância entre esses sujeitos, e tentar, de algum modo, fazer com que L1 também se indigne quanto à realidade brasileira: mulheres são mortas todos os dias simplesmente por serem mulheres.

Dando continuidade às trocas, L1 tenta arranhar a face de L2 e mais uma vez recorre à indignação como estratégia argumentativa para fazê-lo. Aqui, nota-se um tom indignado no comentário, que textualmente é marcado pela manifestação de um afeto: a antipatia. Na verdade, acreditamos que esse afeto também dá forças à indignação, uma vez que o que está em jogo, na perspectiva da autora do comentário, é o fato de as pessoas se deixarem levar por discursos prontos, pré-moldados, o que, em alguma medida, a indigna. É curioso notar também que há uma tentativa de invalidar movimentos sociais importantes, como o movimento feminista, que tem ganhado destaque sobretudo nas redes sociais, brigando por direitos inclusive das mulheres, quando L1 se refere ao discurso feminista como “frases feitas da moda”. Outrossim, vale observar que, quando L1 argumenta que L2 copia discursos de outras pessoas, há, novamente, uma tentativa de ataque, visando mostrar L2 como alguém que não consegue articular uma linha de pensamento sozinha e precisa recorrer a frases prontas. Desse modo, a imagem de L2 é posta em xeque.

Na tentativa de encerrar o embate, L2 tenta convencer L1 quanto à validade de seus argumentos, valendo-se, mais uma vez, da indignação como estratégia argumentativa. Novamente, uma questão de valores é ressaltada, quando L2 observa que o fato de uma mulher fora dos padrões ser assassinada suscita comentários como os de L1. Os padrões estabelecidos aos quais L2 se refere são assentados em uma *doxa* da mulher recatada, a qual não deveria deixar a filha em casa para ir a um baile funk, se quisesse se manter viva.

É importante observar que, de acordo com Lima (2018b), as emoções são derivadas das relações com um outro e elas se dirigem a um outro. No que tange à indignação, a autora observa que

diferentemente da raiva, a indignação envolve um julgamento moral e esse outro ao qual se dirige, o indignado, pode ser lido mais como opressor que como ofensor. Ela envolve, ainda, a imputação de uma culpa, porém, nela não há desejo de vingança, mas sim um desejo de proferir um “grito” (LIMA, 2018, p. 102).

Diante dessa perspectiva, o que vemos nas interações analisadas é que há, por um lado, o compartilhamento de valores relacionados a uma postura que deveria ser adotada pela mulher na sociedade, e, por outro, um posicionamento que rechaça tal postura. Assim, os comentários de L1 sustentam-se em uma *doxa* bastante recorrente, a qual está relacionada quase sempre à culpabilização da vítima em diversos casos de feminicídio. Aqui, a negociação das distâncias entre os sujeitos é marcada justamente pelo tom indignado em suas argumentações. Nesses casos, a indignação assenta-se em juízos de valor, os quais, para Nussbaum (1995 *apud* LIMA, 2018), não devem ser falsos, mas sim necessários e fundamentais para o desenvolvimento humano. O “grito” ao qual Lima (2018b) se refere é almejado por ambas as locutoras, porém, com intenções, ou melhor, com indignações diferentes: se L1 indigna-se por ver uma mulher saindo de casa e deixando a filha de 7 meses, L2 indigna-se por ver que o comportamento da vítima tem mais peso que o crime em si.

Ainda na mesma postagem, é possível verificar outros momentos de interação, nos quais os locutores expressam indignação quando tentam negociar suas distâncias. Vejamos, então, mais uma dessas trocas, partindo do comentário de uma outra locutora (L3):

- (5) (L3): Se ela tivesse vivido como eu, quando eu tinha 18 anos. Eu ia aos chous sertanejos, forrós. Escolhia homens onestidade. Sem drogas, amigas decentes, talvez poderia ter evitado.

Na argumentação de L3, a indignação novamente parece assentar-se em valores de honestidade. Tem-se aí uma emoção pautada em julgamentos morais compartilhados socialmente, os quais criminalizam uma pessoa que se envolve com o que seria, aos olhos do opressor, ilegal, imoral. Ademais, o uso do subjuntivo aponta para uma possibilidade de escolha, a qual poderia ter sido feita pela vítima que, ao rejeitá-la, acaba por assinar sua sentença de morte. A partir dessa leitura, é possível notar que, para L3, valores como a honestidade e a tranquilidade, proporcionadas por uma vida *sem drogas*, e amizade, com *amigas decentes*, poderiam ter evitado o assassinato brutal da jovem.

É interessante notar, ainda, que, quando afirma ter frequentado shows de música sertaneja e forrós, L3 traz à baila outro valor, relacionado ao status do qual goza o funk, gênero musical estigmatizado no Brasil.¹⁰ Assim, enquanto este gênero musical é, para muitos, associado a um estilo de vida que foge aos padrões preconizados pela sociedade brasileira, aqueles ainda gozam de certo prestígio, pois garantem a convivência com “pessoas de bem”.

Embora nossa intenção não seja aprofundar as discussões acerca dos crimes de feminicídio e de suas bases, faz-se necessário lembrarmos de que, conforme Saffiotti (2011), as relações de gênero, desiguais e hierárquicas, são marcadas pelo patriarcado. Consequentemente, por uma ordem patriarcal de gênero, ter-se-ia homens não somente explorando, como também dominando mulheres, assinalando, com isso, relações hierárquicas de poder. Há desigualdade, além de exclusão da mulher, nessa hierarquia, supostamente justificadas por questões físicas, sexuais e biológicas. Com isso, a identidade socioculturalmente construída da mulher e a visão de que ela seria passiva e submissa dão margem à opressão masculina. Essas relações de poder têm reflexos na construção

¹⁰ Foi levada ao Senado Federal, em 2017, uma sugestão que visava à criminalização do funk no Brasil. De acordo com a proposta, tal gênero musical seria, na verdade, uma falsa cultura e deveria ser compreendido como um crime de saúde pública. A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) rejeitou a proposta e a sugestão sequer chegou a ser um projeto de lei.

da sociedade brasileira, tendo em vista que esta é, culturalmente, marcada pelo machismo, pela misoginia, pela não aceitação do que foge ao padrão imposto socialmente, tanto em relação à raça e classe social, quanto à orientação sexual.

Saffiotti (2011), ao citar o filme *Lanternas vermelhas*, lembra que o patriarcado também é responsável por dar força à guerra entre as mulheres. A narrativa filmica nos mostra que a presença do patriarca não foi necessária para que o assassinato de sua terceira esposa fosse executado, pois sua segunda mulher tomara as providências. Assim, nota-se que

[...] a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (SAFFIOTTI, 2011, p. 102).

A partir dessas breves considerações e recuperando nosso objeto de análise neste artigo, é importante notarmos que há, em alguns comentários, uma espécie de “indignação seletiva”. Vejamos, por meio da retomada de dois trechos, como isso se acontece:

- (6) (L1): Deixa uma filha de 7 meses... e vai p baile funk... provavelmente não se envolvia com bom homem.
- (7) (L3): Se ela tivesse vivido como eu, quando eu tinha 18 anos. Eu ia aos chous sertanejos, forrós. Escolhia homens onestidade. Sem drogas, amigas decentes, talvez poderia ter evitado.

Ocorre que, neste momento, L1 e de L3 julgam o comportamento da vítima, numa tentativa de, possivelmente, justificar o assassinato. Chama a atenção o fato de termos aqui o ponto de vista de mulheres, as quais parecem fechar os olhos para o fato de uma outra mulher ter sido silenciada por seu ex-companheiro. Ora, dito de outro modo, são duas mulheres condenando uma terceira mulher, que fora brutalmente assassinada. Nesse ponto, a retórica e a argumentação desnudam e revelam, discursiva e linguisticamente, uma espécie de “indignação seletiva” de L1 e de L3, marcada pela avaliação da conduta da vítima.

As análises apresentadas até aqui evidenciam a argumentação de locutoras que expressam a indignação, utilizando-a como uma estratégia de persuasão, uma vez que, ao argumentarem essa emoção, esperam suscitar-la no auditório. Logo, vê-se que, nos comentários analisados, tal emoção parece ter como finalidade a transformação dos sistemas de pensamento do outro, característica do discurso argumentativo, de acordo com Plantin (1996).

Nas trilhas de Lima (2018b), também é importante considerar que, na indignação, os sujeitos nem sempre se manifestam por meio de violência física, ainda que a violência simbólica se faça presente. Essa mesma autora lembra que, atualmente, aqueles que se indignam em terras virtuais costumam expressar suas emoções por meio de insultos ou até mesmo de violência verbal, como pode ser visto a partir dos comentários a seguir, em resposta ao que fora dito por L3.

- (8) (L4): Vai estudar, ler, fazer muito ditado você escreve super mal.
- (9) (L3): E vc vai tomar conta sua vida tá. Continue dando seu cu no baile funk.
- (10) (L4): Aff! Grossa, ti falo do teu erro e tu ainda é rebelde.
- (11) (L3): Você é perfeitona né, não tem o que falar, quer falar dos erros na frase dos outros. Cuida da sua vida. Você é o que? A rainha do Português?! Se feche viu!
- (12) (L5) (há a entrada de um terceiro sujeito na interação): Passando vergonha na net querida kkkkkkkkk melhor fica quieta...
- (13) (L3) (dirigindo-se a L5): Vá chupar um pau putinha!

As réplicas direcionadas à locutora apontam para uma refutação que não se relaciona diretamente ao conteúdo dos comentários, mas sim se configuram como uma tentativa de arranhar a face da internauta. Primeiramente, L4 sinaliza os desvios da norma culta, presentes nos comentários de L3, o que, em alguma medida, poderia comprometer sua argumentação. Em seguida, há uma total quebra de decoro por parte de L3, a qual ataca diretamente o outro, utilizando-se de palavras cujo teor é bastante pejorativo.

Ao longo da interação, os ataques continuam e são marcados, na argumentação de L4, pelo uso de adjetivos que desqualificam L3, quais sejam: *grossa* e *rebelde*. Há, ainda, o uso de déiticos que apontam para L3, marcando, mais uma vez, os ataques à imagem da locutora. Não obstante, L3 dirige-se a sua oponente, dessa vez fazendo uso de ironia, marcada por expressões como *Você é perfeitona, né? A rainha do Português?*. O uso adjetivado de um neologismo (*perfeitona*) e a atribuição de um título de nobreza (*rainha*) podem funcionar como uma estratégia que visa à desqualificação de L4, marcando uma quebra de expectativa, comum, por exemplo, à ironia.

Por fim, com a entrada de um terceiro sujeito na interação, a discussão se mantém acalorada. Há, no discurso de L5, um tom de conselho (*melhor ficar quieta*), marcado, talvez, por um deboche, uma vez que L3 estaria passando vergonha na internet. Novamente, em resposta, vê-se a quebra de decoro, marcada pelo insulto (*vá chupar um pau putinha!*), pondo fim à discussão.

Se pensarmos, com Amossy (2018), que a polêmica “se define, antes de tudo, por sua ancoragem no conflito, por sua tendência à dicotomização e à polarização e por seu desejo de desqualificar o outro” (AMOSSY, 2018, p. 61), veremos que há um discurso polêmico nessas trocas, no qual os locutores, em vez de negociarem suas distâncias, parecem afastá-las, e buscam, a todo instante, silenciar uma à outra. Aqui, há um desejo de vencer o outro a qualquer custo, ainda que, para isso, os locutores recorram aos insultos. Aliás, nos termos de Meyer (2007), estamos diante de uma estratégia retórica cuja finalidade é justamente assinalar ao outro que a distância entre eles não poderá ser transposta: a distância aqui é não-negociável, intransponível, e não há, por parte dos locutores, a intenção de aboli-la. Desse modo, o afastamento da distância acaba sendo o resultado da negociação.

6 Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos discutir um pouco mais sobre o lugar das emoções na construção argumentativa em comentários em uma postagem sobre um crime de feminicídio em redes sociais. A breve leitura dos fragmentos permitiu verificar que, quando se trata de feminicídio, estamos diante de um cenário de crime hediondo, o qual tende a suscitar diversas emoções, como a indignação. Trata-se de uma

emoção argumentada no e pelo discurso, a qual serve como estratégia argumentativa na negociação das distâncias entre os participantes do debate.

Em um primeiro momento, quando nos referimos a tal emoção, somos levados a crer que a indignação se direciona ao fato de uma mulher, que muitas vezes já não está sob as amarras de seu companheiro ou ex-companheiro, ter sido assassinada. Todavia, não foi exatamente isso que encontramos nos comentários analisados. A partir de nossa breve leitura, vimos que a indignação, assentada muitas vezes em juízos de valor e em julgamentos morais, dirige-se à vítima e funciona, entre os sujeitos que interagem nesse espaço, como uma maneira de negociar suas distâncias. Tal estratégia argumentativa funciona até certo ponto nas trocas, pois, em outro momento, quando outros atores entram em cena, o que vemos é a instauração de uma polêmica, marcada pela violência verbal e pelo insulto. Aqui, não há uma diminuição da distância, mas sim um afastamento, o qual seria o resultado dessa negociação: as locutoras, a todo instante, arranham suas faces e tentam, ao mesmo tempo, silenciar uma à outra, objetivando vencer o debate por meio da violência verbal.

Por fim, reafirmamos que as emoções têm um papel importante nos estudos argumentativos, uma vez que elas atuam de modo bastante expressivo nas trocas simbólicas, permitindo aos sujeitos negociarem suas diferenças, resultando na diminuição ou no afastamento dessas distâncias. À guisa de conclusão, gostaríamos de salientar, finalmente, que as considerações acerca do *corpus* aqui apresentadas não esgotam as possibilidades de análise. Tratou-se de uma dentre muitas leituras possíveis para um pequeno objeto que, certamente, suscitaria outras diversas emoções.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à professora Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima, pois este trabalho é fruto das discussões por ela propostas, durante as aulas da disciplina *Retórica, Argumentação e Emoções*, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradecemos, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro à pesquisa.

Referências

- ALEXANDRE JÚNIOR, M. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. p. 13-64.
- AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. 3^e édition. Paris: Armand Colin, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/mots.19843>
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- BRASIL. *Lei 13.104, de 9 de março de 2015*: altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em: 3 maio 2021.
- CHARAUDEAU, P. Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathématisation à la télévision. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSO, V. (éd.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: PUF, 2000. p.125-155.
- COSNIER, J. *Psychologie des emotions et des sentiments*. Paris: Retz, 1994.
- LIMA, H. *Na tessitura do Processo Penal*: a argumentação no tribunal do júri. 2006. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- LIMA, H. Vozes em confronto: a polêmica em torno da lei do Feminicídio. *Rétor*, Buenos Aires, v. 8 n. 1, p. 84-105, 2018a.
- LIMA, H. Emoções e representações de si: a propósito da indignação e do embaraço. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. de. (org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018b. p. 93-107.

- MEYER, M. *A Retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- MICHELI, R. *L'émotion argumentée: l'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris: Cerf, 2010.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PLANTIN, C. *L'argumentation*. Paris: Seuil, 1996.
- PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. II, p. 57-80.
- PLATÃO. *Górgias*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 2010.
- QUINTILIANO, M. F. *Instituição Oratória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2015. Tomo I.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.
- TOULMIN, S. E. *Os usos do argumento*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



Bolsonaro e o jornalismo em conflito midiático

Bolsonaro and the journalism in media conflict

Renata Aiala de Mello

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

demello.renata@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8421-1328>

Resumo: Desde sua posse como Presidente da República do Brasil, em 2018, presenciamos recorrentes ataques recíprocos entre Jair Messias Bolsonaro e algumas instituições midiáticas. Ambos os protagonistas se afrontam em interações digitais muitas vezes exacerbadas. Nesse ínterim, eles acabam retroalimentando a imagem de si e do outro, valendo-se de recursos argumentativos carregados de *pathemias*, na tentativa de persuadir o público com suas opiniões, suas verdades e seus posicionamentos ideológicos distintos. Por um lado, uma parte do jornalismo noticia a insensatez dos discursos e o despautério das ações do presidente. Por outro, Bolsonaro defende-se acusando a mídia de tendenciosa e mentirosa. Essa querela leva Bolsonaro, a mídia e o público a se envolver, a questionar os discursos uns dos outros e a (se) interpelar em suas crenças e paixões e, por espelhamento, a forjar sua própria identidade coletiva. Considerando esse cenário conflituoso e polarizado, propomos, com o instrumental teórico fornecido pela Análise do Discurso, pela Retórica e pela Argumentação, uma reflexão a respeito da permanente reconstrução das identidades das instâncias enunciativas e o uso estratégico das emoções enquanto estrutura retórico-argumentativa para tocar os seus respectivos públicos. Diante do vasto material disponível, selecionamos como *corpus* quatro matérias jornalísticas *online* e sete postagens presidenciais em redes sociais publicadas nos últimos dois anos (2019-2020). Ao final deste artigo, teremos demonstrado que os protagonistas se valem do discurso argumentativo para, cada um à sua maneira, forjar seu éthé, justificar seus posicionamentos político-ideológicos, confrontar o outro e persuadir o público para as suas causas.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro; mídia; análise do discurso; retórica; argumentação.

Abstract: Since Jair Messias Bolsonaro took charge as the President of the Republic of Brazil, in 2018, we have been witnessed mutual attacks between some media institutions and the President. Both protagonists confront each other on networks interactions often exaggerated. Therefore, they end up forging the image of one another, through *pathemic* argumentative resources to persuade citizens with their truths and ideological positions. On one hand, part of the media reports Bolsonaro's impudence and inanity. On the other hand, the president defends himself by accusing the media of being biased and perfidious. This dissension ends up by involving Bolsonaro, the media and the public, inquiring them in their beliefs or passions and, by reflection, forges their own collective identity. Considering the context of this incongruous and polarized scenario, we propose to analyze discursively, with the theoretical assistance of the Discourse Analysis, the Rhetoric and Argumentation the permanent reconstruction of the identities of the enunciative instances and the strategic use of emotions as a rhetorical-argumentative structure to affect their respective public. In view of the vast material available, we selected as a corpus for analysis, four online news and seven presidential social media posts published in the last couple years (2019-2020). As a result, we will have showed that both protagonists use their rhetoric and argumentative tools to, in their own way, forge their *ethos*, justify their political and ideological positions, to confront the other part involved and persuade the public into their causes.

Keywords: Jair Bolsonaro; media; discourse analysis; rhetoric; argumentation.

Recebido em 22 de março de 2021

Aceito em 18 de junho de 2021

Introdução

Desde a última eleição presidencial no Brasil, em outubro de 2018, assistimos, cotidianamente, a um aumento considerável de ofensas políticas, éticas e morais recíprocas entre o atual Presidente da República – Jair Messias Bolsonaro, e parte da mídia nacional. Trata-se de discursos, a grande maioria das vezes, inflamados e inflamáveis, que envolvem certos assuntos da atualidade, tais como a própria relação conflituosa entre o presidente e a mídia, a conturbada política internacional do governo, seu posicionamento ideológico e suas ações (ou falta delas) diante da pandemia de COVID-19, além das questões ambientais, principalmente relativas ao desmatamento da floresta Amazônica, dentre outros temas. A mídia, costumeiramente, retoma as falas do presidente não só para noticiá-las, mas também para tecer críticas sobre elas e sobre a maneira

como o presidente tem se comportado diante dos desafios que se lhe apresentam. Como uma espécie de tréplica, Bolsonaro mostra-se impelido a rebater essas críticas e acusações, tentando descreditar/desacreditar a mídia e culpá-la de assédio moral e de perseguição. Ambas as instâncias enunciativas valem-se de estratégias retórico-argumentativas muito parecidas, para não dizer iguais, para se defenderem e se atacarem. Os objetivos desse espetáculo midiático também demonstram proximidades, tais como alcançar o público, convencendo-o, persuadindo-o e seduzindo-o, com uma encenação político-discursiva que joga com as emoções, tanto as dos protagonistas quanto as do público consumidor. Ademais, distingue-se, não apenas nas autodefesas, mas também nos ataques entre os protagonistas, a busca por criar e/ou manter uma imagem positiva de si e uma outra, negativa, do opositor.

Partindo dessas considerações, analisamos sete *tweets* de Bolsonaro publicados entre os anos de 2019 e 2020 sobre assuntos da atualidade e também quatro reportagens desse mesmo período que circularam na *Internet*, matérias alusivas principalmente às falas e às atitudes do presidente. Acreditamos que essa (de)limitação do *corpus* é suficiente para desenvolvêrmos nossas reflexões, já que as estruturas discursivas que o compõem são recorrentes e similares. O fato de pertencerem a gêneros distintos – *tweets* e reportagens –, não nos impede de formular uma reflexão científica e crítica sobre algumas interfaces entre os discursos do presidente e da mídia. Mesmo se tratando de gêneros distintos, o que nos interessa, prioritariamente, são as estratégias argumentativas utilizadas que ajudam a construir positivamente suas identidades e negativamente as alteridades. Ambas as instâncias buscam emocionar o povo brasileiro, orquestrando o que chamamos de polarização político-ideológica alimentada sobretudo por discursos de ódio.

Propomos, como primeiro passo, uma rápida apresentação da estrutura genérica dos textos/discursos analisados, tendo como apporte teórico alguns estudos de gênero (BAKHTIN, 2017; DIAS, 2018; PAVEAU, 2017). Tratamos, na sequência, das provas retóricas, a partir de estudos discursivos de Amossy (2005, 2010), Charaudeau (2000, 2006), Maingueneau (2002, 2008), Plantin (2011) e Plantin *et al.* (2008). As noções de *ethos*, *pathos* e *logos* são apresentadas de maneira sucinta e panorâmica, e relacionadas às *modalidades discursivas* discutidas por Amossy (2008). Com o auxílio desse arcabouço teórico, passamos à análise propriamente dita do *corpus* selecionado. Atentamos para o fato

de que o *logos* age nos textos veiculados em sua dimensão linguístico-discursiva, como nas escolhas do léxico, da sintaxe, dos silêncios, dos conectores e dos marcadores prosódicos, por exemplo. No caso do *ethos* e do *pathos*, dimensões mais centradas nos sujeitos enunciadores e em seus destinatários, eles dão sustentação às tramas retórico-argumentativas dos protagonistas. Por meio de seus discursos retóricos, Bolsonaro e a mídia mostram quem são, delineiam a imagem de si, fazem conhecer seus posicionamentos político-ideológicos e levam o público a vivenciar emoções tais como justiça/injustiça, orgulho/vergonha, amor/ódio, medo/confiança, entre outras *pathemias*.

Esta planificação metodológica nos remete à opinião de Orlandi (2012) a respeito do trabalho do analista do discurso, que deve levar em consideração o caráter qualitativo e interpretativo, que retrate o texto e seu contexto e que lhe atribua sentidos possíveis. Nesse sentido, propomos analisar em nosso *corpus* aspectos enunciativos que se tangenciam. Isso significa dizer que a Análise do Discurso não propõe metodologias prontas e acabadas; elas se moldam ao objeto de análise e aos propósitos do analista.

Notamos que, tanto os discursos da mídia quanto os do presidente Bolsonaro, configuram-se em espaços privilegiados de uma suposta expressão de individualidades/coletividades e de objetividades/ subjetividades, textos estrategicamente estruturados de forma a defender as verdades de cada um e a confrontá-las entre si.¹ Partimos do entendimento epistemológico que, ao buscar tocar *pathemicamente* o povo brasileiro, a mídia se assenta naquilo que a define como tal, um suporte organizacional que se apossa de dados e fatos e faz disso um instrumento de comunicação, mas também de poder. Instância que cria a ilusão de que possui poder explicativo, quando, na verdade, toma para si as informações e as utiliza com desenvoltura (e até mesmo com certa dose de perversidade), em nome da verdade, para poder gerir o espaço público. Não se pode esquecer que a mídia é uma instituição privada, com fins lucrativos, que enuncia em nome da instância cidadã, que rege e é regida por ideologias políticas, às vezes até mesmo partidárias, entre outras (CHARAUDEAU, 2015). Já Bolsonaro assentado em sua cadeira

¹ Sobre a subjetividade no discurso digital, conferir Paveau (2017), para quem o leitor torna-se uma espécie de *escrileitor*, tendo uma participação ativa na enunciação do texto presente na tela do dispositivo informático/tecnológico.

presidencial, sente-se legitimado para falar em nome de uma instância coletiva – o governo federal –, em nome do exercício de seu mandato e do pretenso alcance social, o exercício de poder, inclusive de manipular a opinião pública. Lembramos que, para Charaudeau (2016, p. 44), “[...] não existe uma opinião pública, mas várias opiniões públicas; nesse sentido, a opinião pública é heterogênea porque se constitui de múltiplas opiniões coletivas”. No caso dos discursos da mídia e de Bolsonaro, todo o universo que os circunscreve mostra-se centrado, condensado no uso retórico do *logos*, meio de sedução e de persuasão que revela um constante diálogo/embate entre as instâncias política e cidadã.

Finalizando esta introdução, cabe alertar que tratar de uma temática que nos diz respeito, que nos afeta, pode nos levar ao risco de fugirmos à esperada neutralidade científico-acadêmica. Como partícipes da instância cidadã, às vezes torna-se difícil a tarefa de apagar a presença do analista no seu texto; é necessário um esforço para não deixar transparecer nosso posicionamento político-ideológico. Sobre essa questão, lembramos Houdebine (2015), segundo a qual, muitas vezes, a pesquisa depende das escolhas e das motivações do pesquisador, sejam elas voluntárias ou não. Dessa maneira, a escolha do tema, do *corpus* e até mesmo do arcabouço teórico-metodológico pode se dar por tentação, *au sens profond du terme*, ou seja, como a chamada de um desejo, como “[...] uma implicação subjetiva mais inconsciente que consciente, [como] pulsões ou afetos singulares”² (HOUDEBINE, 2015, p. 25-26). São justamente essas escolhas que (nos) definem e são definidas pelas nossas paixões. Assim, pesquisar e escrever um texto acadêmico advém também do desejo e/ou da necessidade de algo que tem suas raízes no *pathos*.

1 A estrutura genérica do *corpus*

Partindo de estudos de Bakhtin (2017), temos que questões de gênero envolvem vários elementos que o orbitam: forma composicional, marcas linguísticas, contexto, finalidade, estilo, conteúdo, tema, funcionamento, sujeitos da enunciação, espaço-tempo, entre vários outros fatores determinantes. Tudo isso contribui para que a noção de gênero seja vista como complexa, controversa, de difícil tipologia e

² No original: “[...] une implication subjective plus inconsciente que consciente, [comme] pulsions ou affects singuliers”.

classificação. Analisamos reportagens de jornais *online* e *tweets*, gêneros textuais/discursivos (ou suportes, como defendem alguns) distintos, que contam com especificidades que lhes são próprias, mas que contam com elementos compositionais comuns. A estrutura genérica de cada um deles determina e é determinada pela situação de comunicação. Suas particularidades e peculiaridades geralmente trazem consigo, via *logos*, elementos que subsidiam a construção *ethótica* dos enunciadores e *pathémica* dos/sobre os interlocutores. Os dois gêneros discursivos/textuais são formas de práticas comunicativas dinâmicas, cotidianas, que influenciam diretamente as estruturas sociais e são por elas influenciadas.

Segundo Paveau (2017), há que se considerar diferentes parâmetros de análise, quando se lida com discursos digitais, pois não se trata de um *corpus* comum. Tendo em vista suas particularidades, é preciso, ainda para a autora, “repensar a concepção da enunciação e o padrão persistente da situação de enunciação baseado nos quatro parâmetros locutor-interlocutor-tempo-lugar” (PAVEAU, 2017, p. 24-25; 133).³ Dentre as especificidades genéricas de nosso *corpus*, tem-se que os *tweets* de Bolsonaro são textos curtos, de até 280 caracteres, cujas temáticas são prioritariamente questões da atualidade no Brasil e no mundo, os feitos do programa de seu governo e sua opinião sobre assuntos diversos. No caso dos artigos de jornais, além das notícias atuais nacionais relacionadas ao governo, têm-se o registro constante de opiniões sobre a administração de Bolsonaro e sobre seu jeito de ser, dizer e agir.

Outro aspecto a ser levado em consideração quanto ao *Twitter* é o fato de a autoria dos textos geralmente ser de responsabilidade somente de uma pessoa. No entanto, no caso de Bolsonaro, a responsabilidade recai sobre ele, evidentemente, já que o perfil está em seu nome, mas também é atribuída a membros de sua família e de sua assessoria de imprensa. Essa singularidade impacta na construção *ethótica* do presidente, já que a autoria de seus *tweets* é compósita. Mas até mesmo isso pode ser visto com uma estratégia argumentativa: todos os sujeitos que participam na composição de textos desse *Twitter* deveriam e/ou poderiam ser vistos como uma só instância enunciativa, um grupo de pessoas que pensa e age da mesma forma e em nome do presidente. Outra leitura possível que

³ No original: “repenser la conception de l'énonciation et le schéma persistant de la situation d'énonciation basé sur les quatre paramètres locuteur-interlocuteur-temps-lieu” (PAVEAU, 2017, p. 24-25).

explicaria a pluralidade de vozes em seu *Twitter* seria o fato de, segundo a própria mídia, o presidente ter dificuldades de comunicação e sofrer de verborragia, necessitando, assim, de “filtros” em suas postagens. Plural também é a voz midiática, uma instância coletiva que tem demonstrado uma relativa unanimidade quanto ao seu próprio *ethos* de agentes de informação, que buscam a verdade dos fatos de maneira objetiva, neutra e imparcial, algo próximo de um “cientificismo jornalístico”, enunciadores que rebatem recorrentemente as falas do presidente e daqueles que falam em seu nome. O *ethos*, nesse caso, pode ser tanto dos jornalistas que assinam as reportagens, quanto do editorial e/ou do jornal.

Em mais uma particularidade que delinea os gêneros em questão, tem-se que tanto os artigos de jornais quanto os *tweets* do presidente são dirigidos aos leitores/assinantes/seguidores e ao público em geral. Além disso, os textos são replicados por seus leitores em diversas plataformas digitais em nível nacional e internacional. No caso específico dos artigos de jornais, a maneira de se endereçar ao público é indireta e formal; não é explícita a presença do destinatário, pois trata-se de artigos com visadas objetivas e escritos na terceira pessoa, algo comum ao gênero jornalístico. Trazemos, a título de ilustração, um exemplo do que acabamos de dizer: “Professores da área de humanas da USP argumentam que a extrema direita brasileira atualiza, com particularidades históricas, discursos e estratégias de tradição fascista no país” (SINGER *et al.*, 2020). Já nos *tweets* do presidente, os interlocutores tornam-se mais visíveis, há constantemente o uso da primeira pessoa, que interpela diretamente seus seguidores e compartilha com eles sua opinião. Além dos seguidores, as mensagens são muitas vezes direcionadas “a quem possa interessar”, ou seja, aos alvos de suas críticas, especialmente a mídia. Como exemplo, temos: “Não tentei contato com o candidato Biden. Qual seria o interesse da senhora Raquel (Globo News) com essa ‘notícia’?” (BOLSONARO, *Twitter*; 2020).

Se, a princípio, o *Twitter* é acolhido como gênero mídia social e as matérias jornalísticas como gênero midiático, no caso de nosso *corpus*, essas delimitações parecem ser alargadas, alcançando/afetando os campos político, jurídico, econômico, entre outros, ou seja, praticamente todas as atividades da vida individual e coletiva, privada e pública dos brasileiros. Dessa forma, fica evidente algumas questões político-ideológicas que ultrapassam as estruturas genéricas, respaldando discussões sobre poder, verdade e legitimidade dos discursos e das ações. Isso se faz de tal forma que esses gêneros, com seus espaços discursivos, se tornam propícios

à utilização das provas retóricas. As estratégias discursivas utilizadas por ambas as instâncias enunciativas visam a construção do *ethos* de sinceridade e honestidade, de legitimidade e engajamento sociopolítico (CHARAUDEAU, 2006).

Enquanto o gênero *tweet* conta, aparentemente, com discursos imediatos e informais (mais próximos dos gêneros primários de que nos fala Bakhtin), textos sem pretensões científicas e sem necessariamente se assentar em compromissos diretos com a verdade, o gênero midiático (e seus subgêneros ou tipos), ao contrário dos gêneros primários, busca algo mais elaborado, que passa por crivos retóricos para se alcançar os supostos cientificismo e verdade, ou pelo menos fazê-los serem vistos como tal. A parte da mídia que nutre querelas e desgastes com o e do presidente Bolsonaro vê justamente no gênero *tweets* um espaço propício para críticas e ataques, lugar ideal para a divulgação de notícias falsas (*fake news*), algo que, a princípio e por princípio, a mídia estaria não só isenta como venderia a imagem de “a incansável combatente” dessa perigosa arma genérica. Nesse contexto, os *tweets* recebem da mídia, de certa forma, um tratamento mais particularizado e personalizado. Esses *tweets* presidenciais tornam-se matéria jornalística, documentos/provas contra o próprio presidente. Nesse sentido, são atribuídos a esses materiais novos significados. Esse gênero digital torna-se, nesse contexto, movediço, perigoso, “terra de ninguém”, espaço social de informações e falas falsas, inexatas, mentirosas, fingidas e dolosas, razões pelas quais são alvos de investigação, críticas e reportagens.

Por fim, entendemos que, ironicamente, nem as reportagens *online* e tampouco os *tweets* do presidente Bolsonaro contam com uma prática dialogal/dialógica. Dito de outra maneira, Bolsonaro e a mídia, ao publicarem seus textos, não propõem diálogos, limitam-se a mandar recados um ao outro. Apesar dos textos/discursos serem dirigidos ao povo brasileiro, não se espera uma troca, uma reciprocidade, ou melhor, não há o direito do povo de participar efetivamente dessa situação de comunicação. No caso da mídia, por razões óbvias, as reportagens são monologais; no caso de Bolsonaro, ele tem demonstrado (pela mídia e por ele próprio, através de seus *tweets*) que ele fala, mas não quer abrir/manter diálogos, ele não espera isso nem do povo e tampouco da mídia. Vemo-nos diante de textos (ofensivos e polarizados) de surdos entre o presidente e a mídia, em espaços onde o povo tem acesso como espectador, sem direito a voz.

2 As provas retóricas e as modalidades argumentativas segundo a Análise do Discurso

Trazemos para reflexão as três provas retóricas aristotélicas: *ethos*, o meio de persuasão que incide no caráter de quem fala; *pathos*, que diz respeito à persuasão dos ouvintes quando eles são levados a sentir emoção pelo discurso; e *logos*, a prova baseada em argumentos racionais; provas essas que formam um amálgama no qual normalmente não se pode decompor as partes (ARISTÓTELES, 2005). Tendo em vista que nossas escolhas conceituais estão em conformidade com os trabalhos de Amossy (2005, 2010), Charaudeau (2000, 2006), Maingueneau (2002, 2008), Plantin (2011) e Plantin *et al.* (2008), dentre outros autores que se dedicam aos estudos do discurso político e midiático sob a perspectiva da Análise do Discurso, da Retórica e da Argumentação, apresentamos, a seguir, um breve panorama dessas provas retóricas. Elas nos ajudam a entender como nossos protagonistas discursivizam a si próprio e o outro, como eles se textualizam e textualizam o outro. No entanto, sabemos que a disjunção só é possível com objetivos didáticos. Elas se (con)fundem o tempo todo, razão pela qual devem ser analisadas preferencialmente em conjunto. Ainda assim, assumimos o desafio de utilizá-las separadamente. Nesse sentido, podemos afirmar, *grosso modo*, que o *ethos* é concebido como uma construção da imagem de si para suscitar simpatia e emoção em relação a si próprio e facilitar os apelos *pathémicos* no outro. Levando em conta os imaginários sociodiscursivos e as emoções partilhadas entre os interlocutores, esse *ethos*, juntamente com o *logos*, acabam por mover as mentes em direção àquilo que é visado pelo sujeito, ou seja, a persuasão através de apelos emocionais e de julgamentos racionais. Tanto o *ethos* quanto o *pathos* valem-se do *logos* como base constitutiva e operatória do discurso.

Essas três noções têm sido retomadas não exatamente como foram concebidas pela Retórica Clássica, mas (re)adaptadas, (re)contextualizadas para darem conta das novas situações de comunicação, das complexidades próprias da atualidade e dos avanços proporcionados pelas pesquisas. Muitos autores, portanto, partem das definições ligadas à noção aristotélica, ou seja, que o *ethos* é centrado na origem familiar e no caráter do orador; o *pathos* está ligado ao auditório, à sua sensibilização; já o *logos* mostra-se atrelado ao próprio discurso, ao que ele demonstra ou parece demonstrar. Vemos, com Maingueneau (2002), que atualizar

as noções de *ethos*, *pathos* e *logos* e aplicá-las em diferentes contextos, pode complexificar e dificultar sua estabilização conceitual. O autor sugere, então, que seria mais produtivo apreendê-las como eixo gerador de uma multiplicidade de desenvolvimentos possíveis.

No que diz respeito ao *ethos*, Amossy (2005) afirma que a maneira de dizer induz os sujeitos a uma imagem que facilita, ou até mesmo condiciona a boa realização do projeto de fala. Ainda segundo a autora (2010), o locutor, tendo ou não a intenção de persuadir, revela, a cada enunciação, seu *ethos*. Ela defende que estamos continuamente construindo nossa imagem diante de nós mesmos e dos outros e que isso passa necessariamente pelo discurso, pela enunciação, pelo *logos*. Maingueneau (2008), por sua vez, afirma que a noção atual de *ethos* pode ser muito intuitiva, visto que faz parte de todo ato de comunicação. Segundo o estudioso, quando o locutor se expressa, ele ativa nos destinatários uma representação de si mesmo e busca controlá-la de acordo com seus objetivos. O *ethos* não é, desse modo, uma representação estática e tampouco (de)limitada, mas, sim, uma forma dinâmica, construída no e pelo discurso e em coparticipação com o destinatário. Já para Charaudeau (2006), o *ethos* relaciona-se às representações sociais, mecanismos de construção do real, maneiras de ver e de julgar a realidade que engendram os saberes sociais. Para construir a imagem do sujeito, seu interlocutor passa por duas etapas: primeiramente, ele se apoia nos saberes sociais, em dados preexistentes ao discurso, naquilo que ele sabe *a priori* sobre o locutor; em segundo lugar, o interlocutor busca construir a identidade do outro através dos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem.

Sobre a relação intrínseca entre as provas retóricas, Plantin (2011) afirma que o *ethos* tem uma estrutura *pathêmica* e explica que a construção da imagem de si amalgama saber, moralidade e doçura em um sentimento de confiança, combinando intuição afetiva e intelectual. Em seus estudos, o autor busca entender os afetos nas relações sociais, sob uma perspectiva, segundo ele, da “racionalidade psicossocial”. Plantin *et al.* (2008) propõe o entendimento de que as emoções são racionais, criadas e disseminadas nas relações sociais, pois, segundo ele, a forma racional da narrativa não é diferente da sua forma emocional. O autor defende que é possível, coerente e até mesmo desejável e recomendável tratar das emoções nos discursos, que podem ser argumentativos ou não, visto que racionalidade e emoção são construídas nas/pelas palavras, nos/ pelos sujeitos na interação verbal.

Acreditamos, ainda, que os sujeitos discursivos, ao estabelecer suas finalidades, seus propósitos, co-constroem suas identidades, suas visadas *pathémicas*, através da linguagem, do *logos*, que lhes dá condições de construir a legitimidade, a credibilidade e a captação no ato discursivo. Levando essa reflexão para a análise do nosso *corpus*, veremos, mais adiante, que tanto Bolsonaro quanto a mídia, a partir de suas falas e ações, encenam suas índoies e seus caráteres, enfim, seus *ethé* diante dos olhos de seus concidadãos e do juízo da opinião pública. Essa encenação reverbera *pathemicamente* uns nos outros, ou seja, provoca uma eclosão de emoções por meio de ações enunciativas e discursivas, que, via *logos*, sustenta e dá legibilidade aos sujeitos e aos sentidos, sejam eles visados, manifestados ou efetivos. Isso acaba por afetar todos os brasileiros, não só os que consomem esses textos, mas também aqueles que não leram, tamanho é o impacto desses discursos nas relações sociais da população em geral.

Vemos, por fim, uma estreita relação entre as provas retóricas e as seis modalidades argumentativas estudadas por Amossy (2008): demonstrativa, *pathémica*, pedagógica, de co-construção, negociada e polêmica. De acordo com as características de nosso *corpus*, escolhemos trabalhar com apenas três, que se mostram bem representadas nos discursos analisados: a demonstrativa, a *pathémica* e a polêmica, modalidades apresentadas e discutidas na próxima seção.

3 Análise do *corpus*

Após termos apresentado o panorama teórico-conceitual escolhido, procedemos, agora, ao estudo propriamente dito dos *tweets* e das matérias jornalísticas veiculadas na *Internet*.⁴ Passemos à análise da primeira reportagem.⁵ A reportagem – “Bolsonaro e o ethos da violência e morte” – traz uma chamada do Jornal *Estadão* para um assunto que aqui nos interessa. O jornal publicou um artigo do professor e pesquisador

⁴ Tendo em vista a limitação do espaço, e em busca de maior efetividade na análise do *corpus*, transcrevemos apenas algumas passagens dos artigos de jornais e dos *tweets* do presidente Bolsonaro. Convidamos aqueles que se interessarem a acessar os *links* das reportagens (copiados tanto nos pés de página quanto nas referências), para efetuar uma leitura mais ampla e detalhada dos textos analisados.

⁵ Reportagem 1: <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/bolsonaro-e-o-ethos-da-violencia-e-morte/>

José Antônio Gomes de Pinho (2020), pertencente ao quadro docente da Universidade Federal da Bahia e da Fundação Getúlio Vargas, que se debruça sobre o comportamento do presidente. Segundo ele,

- (1) Verifica-se neste episódio [a pandemia de COVID-19] uma revelação plena de seu ethos de morte. Na contramão do seu ministro da saúde, bem como da OMS e de líderes de praticamente todos os países e variadas posições ideológicas, ele [Bolsonaro] continua defendendo a volta às atividades normais para a maioria da população, minimizando jocosamente a pandemia, o que tem contribuído para sua desmoralização aqui e no exterior.

Desse excerto, e para além dele, vê-se que Pinho se vale da *modalidade demonstrativa*, definida por Amossy (2008) como aquela que expõe dados, fatos, com o intuito de obter a adesão através de um discurso racional. Ao longo do artigo, Pinho elenca as ações de Bolsonaro desde o início do seu governo enquanto Presidente da República, mas relembraria também, seus feitos enquanto deputado federal. Ele narra, dessa forma, a imagem contextual da gestão presidencial. Seu status social/profissional de professor/pesquisador confere legitimidade e credibilidade ao seu discurso. Ademais, há que se registrar, o artigo deve ser considerado bem escrito, objetivo e claro, segue o padrão formal da língua portuguesa, elementos que endossam a modalidade demonstrativa. O autor faz uso de argumentos lógicos e racionais (*logos*) para delinear o *ethos* do presidente Bolsonaro ligado à “violência” e à “morte”, termos presentes não apenas no título, mas também no corpo do texto.

Além de violência e morte, há outras tantas expressões que também contribuem para a construção do *ethos* do presidente tais como “transgressão, proibido, apologia a torturador, incentivo à violência, destruição, agressividade, crueldade, atacar, misógino, irresponsabilidade, intimidação, destruição, milícias”, dentre outras. Vemos que esse grupo de termos carrega consigo uma carga semântica negativa, além de estereotipada. Pinho mostra-se severo em seu julgamento ao se valer desse conjunto de palavras para contextualizar e descrever Bolsonaro e suas ações, tudo isso sob uma estrutura jornalística de cunho científico, já que ele representa, ao mesmo tempo, a ciência e a verdade dos fatos. Aquele que denuncia o presidente e o delinea em sua negatividade precisa estar em posição dicotomicamente opositiva. Isso significa dizer,

ao menos aparentemente, que o professor/pesquisador está imbuído de um *ethos* positivo, aquele que incentiva o respeito, a paz, a ciência, a moralidade e a democracia.

A seguir, tratamos de duas reportagens veiculadas com apenas um mês de intervalo entre elas pelos jornais *online UOL Notícias* e *Folha de São Paulo*, cujos assuntos são, apesar de diferentes, muito próximos em vários sentidos: o golpe de 1964 (ditadura militar brasileira) e o fascismo e suas implicações na constituição do *ethos* do presidente. Na reportagem – “Justiça obriga governo federal a apagar postagem celebrando golpe de 1964” (MADEIRO, 2020)⁶ – atentamos para o fato de que a justiça federal, ou seja, um órgão estatal, através de uma decisão judicial, obriga o governo federal a retirar sua postagem veiculada no site do Ministério da Defesa, que celebra o golpe militar de 1964. Com essa decisão, o Ministério Público faz saber que nem mesmo o presidente e seus ministros estão acima da lei e que não é permitido qualquer publicação comemorativa relativa ao golpe e à ditadura militar. É sabido, ainda, que fazer apologia à ditadura é crime, de acordo com o código penal brasileiro. Em um trecho da matéria lê-se:

- (2) A Justiça Federal no Rio Grande do Norte decidiu que são inconstitucionais as celebrações do golpe militar de 1964. [...] A juíza condena a União e o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, para que proceda a “retirada da ordem do dia 31 de março de 2020 do sítio eletrônico do Ministério da Defesa, além da abstenção de publicação de qualquer anúncio comemorativo relativo ao golpe de Estado praticado em 1964, em rádio e televisão, internet ou qualquer meio de comunicação escrita e/ou falada”.

Temos aqui dois *ethos* possíveis e confluentes do presidente: o primeiro diz respeito àquele que infringe a lei ao fazer (ou deixar que façam) homenagem à ditadura em *websites* estatais; o segundo refere-se àquele que faz ode a um período da história repleto de atos extremamente violentos. Dessa matéria, acrescida do fato de Bolsonaro já ter sido militar e empregar militares no alto escalão de seu governo, fica, ao menos aos

⁶ Reportagem 2: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/10/justica-obriga-governo-federal-a-apagar-postagens-celebrando-golpe-de-1964.htm>

olhos da mídia, a comprovação de que ele é simpatizante do regime ditatorial. Ao celebrar o golpe de 1964, o presidente faz uma homenagem a uma instância torturadora. Ademais, relembramos o episódio notório em que seu filho – Eduardo Bolsonaro – faz uma homenagem pública no congresso brasileiro ao maior carrasco da ditadura militar brasileira – Coronel Ustra –, o que alimenta o *ethos* familiar dos Bolsonaro de antidemocráticos e autoritários. Segundo a *vox populi*, aqueles que defendem regimes totalitários são considerados tiranos, déspotas, fascistas. Dessa forma, o *ethos* presidencial emergido da reportagem da *UOL* complementa, de alguma forma, o da reportagem analisada a seguir, constante da *Folha de São Paulo*.

Na reportagem veiculada pela *Folha de São Paulo* – “Porque assistimos a uma volta do fascismo à brasileira”⁷ –, seu autor também faz uso da *modalidade demonstrativa* para construir o *ethos* de Bolsonaro, ao convidar especialistas intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) para fazerem uma análise comparativa entre o bolsonarismo e o movimento integralista italiano da década de 1930. São elencados, ao longo do artigo, as particularidades históricas, os discursos e as estratégias da tradição fascista e suas diversas semelhanças com o contexto contemporâneo brasileiro. Dentre algumas características em comum entre os dois movimentos políticos tem-se, segundo os historiadores, uma estrutura das paixões que os guiam:

- (3) Algumas delas [paixões] foram o culto à violência e ao militarismo; a crença de que a salvação da pátria requer a eliminação dos inimigos internos por meio da mobilização permanente; o uso da identidade nacional através de uma concepção humanitária e agressiva de corpo social. Unindo tudo, a obediência ao líder, percebido como uma encarnação da vontade nacional.

Levando-se em conta a assertiva de Charaudeau (2006), segundo a qual o *ethos* pode e deve referir-se à imagem tanto de um sujeito (*ethos* individual) quanto a de um grupo de indivíduos (*ethos* coletivo), temos que, na *Folha de São Paulo*, o *ethos* construído diz respeito não apenas ao governo Bolsonaro, mas também ao próprio presidente, ou

⁷ Reportagem 3: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/por-que-assistimos-a-uma-volta-do-fascismo-a-brasileira.shtml>

melhor, ao *ethos* individual e privado e ao *ethos* institucional e coletivo. Cabe registrar que em todos os textos até aqui analisados, a mídia, estratégicamente, recorre a acadêmicos, pesquisadores e especialistas para referendar, não apenas a matéria em si, legitimando os discursos, mas também para endossar a construção *ethótica* de Bolsonaro. Nesse ínterim, a mídia forja, junto aos leitores, seu próprio *ethos* de isenta, séria e comprometida com a memória cultural brasileira. Ademais, essas mesmas reportagens visam uma série de *pathemias* relativas à mídia e requeridas junto aos interlocutores, dentre as quais citamos a confiança e a coragem, o orgulho e o apreço. Em contrapartida, elas buscam atrelar à imagem do presidente, emoções opostas às supracitadas: a desconfiança e o medo, a vergonha e o menosprezo.

Vemos, finalmente, uma reportagem sobre as ações e visões do governo federal relativas à Floresta Amazônica. A notícia do jornal online *Folha de Pernambuco* – “Se a mídia está criticando é porque o discurso foi bom”, diz Bolsonaro sobre fala na ONU” (FOLHAPRESS, 2020)⁸ – trata das reações da mídia e do presidente face a seu próprio discurso em um evento promovido pela Organização das Nações Unidas. Para mostrar seu antagonismo com relação a mídia, Bolsonaro elogia sua própria fala, pois, se a mídia o deprecia, logo, ela foi boa. Segundo a reportagem, o presidente brasileiro, em seu discurso,

- (4) [...] afirmou ainda que as riquezas da Amazônia despertam interesses estrangeiros e escusos e é por isso que, em sua visão, o governo é vítima do que chamou de “brutal campanha de desinformação” – ele seguiu minimizando os incêndios e negando que conduza uma gestão ambiental negligente. Segundo Bolsonaro, as queimadas se dão por condições naturais inevitáveis ou pela atuação de índios e caboclos. O presidente disse ainda que os focos de incêndio criminosos “são combatidos com rigor e determinação” e que tem “tolerância zero com o crime ambiental”.

Percebemos aqui duas importantes estratégias discursivas do *Jornal Folha de Pernambuco*: a primeira é transcrever as falas do presidente através do uso de aspas. Tendo em vista que o uso da citação

⁸ Reportagem 4: <https://www.folhape.com.br/politica/se-a-midia-esta-criticando-e-porque-discurso-foi-bom-diz-bolsonaro/155674/>

direta marca o ponto de vista daquele que discursa, a fala do presidente em destaque mostra, além da opinião do próprio presidente, que o jornal e o presidente não compartilham do mesmo posicionamento. A segunda é citar as falas do Bolsonaro na ONU que são facilmente rebatidas e desmentidas através de evidências científicas e pesquisas na área ambiental. Dessa maneira, o jornal constrói a imagem do presidente como péssimo líder e gestor político nas questões ambientais e ecológicas, pois ele desconhece e negligencia um assunto sério e de grande importância mundial, que é o bioma amazônico.

Finalizada a análise, ainda que resumida/sintética, dessas quatro reportagens que nos ajudam a traçar o *ethos* da mídia e a imagem que ela busca criar do Bolsonaro, passamos, agora, à análise de alguns *tweets* publicados pelo presidente (e/ou por sua equipe de assessoria de imprensa e família)⁹ nos quais ele constrói seu próprio *ethos* positivo no contraponto da imagem negativa que ele compõe da mídia. Em duas de suas publicações no *Twitter*, em 24 de agosto de 2020, vemos algumas acusações feitas pelo presidente em relação à corrupção e à lavagem de dinheiro da emissora de televisão Globo e de sua proprietária, a família Marinho:

- (5) Doleiros afirmam que dois herdeiros da rede Globo eram clientes no esquema de lavagem de dinheiro [O presidente anexa o *link* de acesso a reportagem da Record TV].
- (6) Há pelo menos 10 anos o sistema Globo me persegue e nada conseguiram provar contra mim. Agora eu aguardo explicações da família Marinho sobre a declaração do ‘doleiro dos doleiros’, onde valores superiores a R\$ 1 bilhão teriam sido repassados a eles.

O presidente frequentemente compartilha (*retweeta*) notícias publicadas em outras plataformas digitais, de diversas emissoras de televisão e jornais *online*, para sustentar seus pontos de vista e sua retórica. Essa estratégia também se adequa à *modalidade demonstrativa*, ou seja, ele não incrimina diretamente a emissora Rede Globo, mas vale-se de fontes produzidas pela própria mídia, para reforçar, dar credibilidade e legitimar suas acusações. Como vemos em seus perfis nas redes sociais,

⁹ Todos os excertos dos *tweets* do presidente Bolsonaro foram retirados da sua conta oficial no *Twitter*: <https://twitter.com/jairbolsonaro>.

Bolsonaro usa a própria mídia contra a mídia; na verdade, ele se vale de querelas entre emissoras para acentuar supostas inimizades entre elas. Ao postar o *link* de acesso à reportagem produzida pela Rede Record, ele se apropria da matéria e toma para si informações midiáticas que depõem contra a Rede Globo e as usa a seu favor, no sentido de contratar aqueles que, segundo ele, insistem em persegui-lo e difamá-lo publicamente.

Na reportagem retomada em seu *tweet* de 24 de agosto de 2020, Bolsonaro afirma, com respaldo de notícias outras, que a Rede Globo, seus proprietários e herdeiros, estão envolvidos em esquemas de doleiros, lavagem de dinheiro e corrupção há anos. Ele evidencia valores específicos de uma grande quantidade de dinheiro movimentados nesses esquemas ao longo do tempo. Ele parece se esquecer (ou silencia propositalmente) que sua família passa por situação semelhante, já que seus filhos são investigados justamente por corrupção e lavagem de dinheiro. Com essas declarações sobre a Globo, o presidente cria uma imagem negativa da emissora. Sua intenção é de que as empresas Marinho percam credibilidade face ao público brasileiro diante desse tipo de matéria. No seu entendimento, a emissora deixa de ser uma instituição idônea, para tornar-se incompetente, sem moral e incapaz de buscar a “verdade dos fatos”, já que ela estaria escondendo seus próprios crimes. O fato de a Globo veicular notícias difamatórias sobre Bolsonaro, ainda na opinião do presidente, faz dela uma instituição hipócrita. Além dos dados sobre os possíveis envolvimentos ilícitos da emissora, Bolsonaro lembra que sempre foi perseguido por ela. Com essa estratégia, ele faz o uso tanto da *modalidade demonstrativa* quanto da *pathémica*, aquela em que o sujeito enunciador busca, através de seu discurso, tocar, emocionar e persuadir seu interlocutor (AMOSSY, 2008).

Ao lançar mão dessas modalidades discursivas, Bolsonaro busca mostrar o quanto ele tem sido injustiçado, alvo de críticas infundadas, agressivas, desonrosas por parte da emissora e o quanto suspeita ela se torna, visto ela estar também implicada em ações licenciosas. O presidente apela para a empatia e a sensibilidade de seus leitores/seguidores para se defender das acusações da emissora. A esses dois *tweets* a respeito da corrupção da Globo, soma-se uma série de outros com temáticas semelhantes, cuja visada *pathémica* é a antipatia pela mídia e o desprezo pela Rede Globo. Por trás desse procedimento, percebemos que Bolsonaro quer o povo ao seu lado e contra a mídia. Ele

não perde a oportunidade de publicamente afirmar que a mídia é parcial e incompetente, partidária e perseguidora. Se a mídia é tudo isso que ele diz que ela é, ele se apresenta como seu oposto: seu *ethos* deve ser o de imparcial e competente, apartidário (lembramos que o presidente Bolsonaro atualmente não pertence a nenhum partido político) e justo. Se ele é a vítima, a mídia é seu algoz.

Finalizando a lista de *tweets* tomada como objeto de reflexão, trazemos uma parte do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19. Também aqui, ele rebate as críticas que recebe da mídia e a acusa de sensacionalismo e outras atitudes antiéticas e até mesmo imorais. Vejamos alguns de seus *posts* sobre o tema:

- (7) De forma covarde e desrespeitosa aos 100 mil brasileiros mortos, essa TV festejou essa data no dia de ontem, como uma verdadeira final da Copa do Mundo, culpando o Presidente da República por todos os óbitos.
- (8) A desinformação mata mais até que o próprio vírus. O tempo e a ciência nos mostrarão que o uso político da Covid por essa TV trouxe-nos mortes que poderiam ter sido evitadas.
- (9) No mais, essa mesma rede de TV desdenhou, debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros.
- (10) Muitos gestores e profissionais da saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo, diferentemente daquela grande rede de TV que só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes.

Vemos, nos quatro *tweets* acima, todos datados de 9 de agosto de 2020, que o presidente Bolsonaro nomeia, sempre com um tom depreciativo, a Rede Globo. Para ele a “certa emissora”, “essa TV”, “essa mesma rede de TV”, “daquela grande rede de TV” é uma instituição covarde e desrespeitosa, ao anunciar cotidiana e reiteradamente o número de mortos por Coronavírus no Brasil. Ele compara esse fato ao evento da Copa do Mundo, mostrando que, para a Globo, trata-se de um grande e lucrativo evento. Ele também parece querer mostrar o absurdo das acusações de ser o responsável pelas milhares de mortes por coronavírus no país. Vale observar o fato de que o primeiro *tweet* faz referência ao

Presidente da República na terceira pessoa do singular. Aqui, mais uma vez, temos a impressão de que não é Bolsonaro o autor do *post* publicado em suas redes sociais.

Para ele, a mídia desinforma e amedronta, sobretudo no que diz respeito à pandemia. Assim, a Rede Globo estaria fazendo uso político da COVID-19 para se beneficiar e o prejudicar, a ele e a seu governo. Na verdade, ele inverte a denúncia e diz que é a Globo quem mata o povo com suas notícias sensacionalistas e *pathemically* cruéis. Seu discurso deixa entender que as emoções negativas que a emissora traz ao público tais como desespero e pânico, medo e desconfiança matam mais que o vírus. Esse público, vítima da mídia, assim como ele o é, deve fazer frente aos ataques e promover discursos e ações que rompam essa cadeia “global”, disseminando consciência a respeito da manipulação ideológica e ódio, cancelando-a e priorizando mídias que o apoiam e *tweets* como os dele, formas de expressão mais fidedignas e comprometidas com o bem-estar de todos.

Ainda sobre sua gestão pública referente à pandemia e as notícias sobre o tema, vemos, nos *tweets* acima transcritos, que ele mantém a mesma estratégia, qual seja, a de delinear a mídia com uma imagem negativa para desacreditá-la, e no contraponto, creditar uma imagem positiva de si. Para Bolsonaro, essa “mesma rede de TV”, que não merece ser nomeada, desdenha, debocha e desestimula o uso da hidroxicloroquina, que, na sua opinião, salvou sua vida e também a de outras pessoas. Nesses *posts*, ele continua a acusar a mídia de espalhar pânico e discórdia entre os (seus) poderes e entre o povo. Ele mostra que a emissora não cumpre seu dever de informar a população de forma honesta, neutra e séria. A mídia, segundo ele, fabrica e promove conflitos ao invés de educar, informar e esclarecer a “verdade dos fatos”. Em um *tweet* publicado em 20 de novembro de 2020, Bolsonaro escreve: “Aqueles que instigam o povo à discórdia, fabricando e promovendo conflitos, atentam não somente contra a nação, mas contra nossa própria história. Quem prega isso, está no lugar errado. Seu lugar é no lixo!”. Mais uma vez, o presidente cria a imagem da emissora como aquela que não se presta a fazer seu trabalho de forma íntegra e idônea, razão pela qual deve ser descartada.

Vemos, nesses *tweets*, e em grande parte das publicações do presidente sobre a mídia em suas redes sociais, e para além delas, uma forte presença da *modalidade polêmica*, que se configura com uma

confrontação de ideias, de teses opostas, geralmente apresentadas não de maneira dialógica, mas a partir de um terceiro ausente, que contribui com a presença da dualidade (AMOSSY, 2008). Valendo-se dessa construção discursiva opositiva e polêmica, o presidente “*retweeta*” as reportagens das quais ele é alvo de críticas para desconstruir o discurso do outro, para refazer os *ethé* dos sujeitos envolvidos e para rebater aquilo que foi dito que ele nomeia de mentiras e perseguições, sempre de forma *pathêmica* e usando o *logos* como expressão de uma suposta racionalidade.

Considerações Finais

Tanto nas notícias dos jornais *online* quanto nas redes sociais do presidente, as instâncias enunciativas se mostram em desacordo, trocam acusações e colocam o outro como rival, como inimigos políticos. Através das provas retóricas e das modalidades argumentativas utilizadas, é possível perceber uma produção da imagem de si positiva dos sujeitos enunciadores, que se opõe a uma imagem negativa do outro. Em uma estrutura dicotômica de oposição repleta de estereótipos, tanto o presidente quanto a mídia criam, por um lado, uma imagem de si de sério, comprometido com a verdade e com o povo brasileiro, e, por outro, uma imagem de corrupto, calunioso, mal-intencionado e antiético daquele que o ataca; dois inimigos travando batalhas discursivas com as mesmas armas retóricas.

A mídia se quer idônea, ao dizer que levar a informação e a verdade aos seus leitores e telespectadores é sua função primeira, sua obrigação. Além de mostrar que o presidente não é digno de confiança, a mídia deixa entender que ele não deveria ocupar o cargo de gestor do país, pois sua incompetência, estupidez e ganância o impedem de fazer um bom trabalho. Já o presidente tenta provar que pensa no povo brasileiro, nas suas riquezas e potencialidades, que ele foi eleito democraticamente pela vontade do povo e é merecedor de sua fé e de sua lealdade. Ao se denunciar que é perseguido pela mídia manipuladora, parcial e indigna de confiança, Bolsonaro inverte tudo aquilo que lhe é imputado.

As emoções visadas e suscitadas neste conflito (e a partir dele) entre os meios de comunicação e o presidente são as mais variadas, a depender tanto do sucesso das visadas argumentativas de cada sujeito, além da posição ideológica dos interlocutores. No entanto, qualquer que seja a instância enunciativa, quando se trata do outro, os sentimentos são

recorrentemente negativos, depreciativos e agressivos. Como resultado dessa querela entre Bolsonaro e a mídia, quem paga o alto preço é a população brasileira em geral, que consome esses textos/discursos e geralmente os digere mal. O povo brasileiro acaba retroalimentando tanto as notícias quanto as emoções delas advindas, sente-se concernido, toma partido por um ou por outro, leva as emoções ali encenadas para suas vidas pessoais, provocando um fenômeno devastador jamais visto na história do Brasil: a polarização ideológica e partidária. Esse contexto antagônico afeta cada um dos brasileiros e interfere nas afetividades de maneira cruel, já que essa polarização é fruto de uma disputa de poder que os dois protagonistas travam entre si e a justificam usando o nome do povo como suposto beneficiário. Ao final, percebemos que nessa história não há vencedores, somos todos perdedores. Aqueles que deveriam nos proteger e nos informar, tornam-se nossos carrascos, travestidos de instâncias democráticas que visam o bem-estar da população.

Textos/discursos como os aqui analisados têm persuadido os brasileiros, os levado a viver emoções, a maioria delas negativa e nefasta a ponto de replicar as polaridades encenadas pelos dois protagonistas. Ao alcançarem a adesão do público/leitor/seguidor via movimento catártico, com a finalidade de compartilharem o *ethos* e, com ele seus posicionamentos, vemo-nos presos a uma espiral de notícias falsas, de insultos e de violência verbal sem precedentes, uma querela que parece não ter fim. É como se tivéssemos esquecido as boas práticas sociais que demandam gentileza e amabilidade, prudência e respeito pelo outro. Parece que nos esquecemos de que a identidade se faz pela alteridade, no sentido de reconhecer o “eu” no “outro” e o “outro” em “mim”, como as duas faces da mesma moeda; se uma face dessa moeda é vilipendiada em detrimento da outra, a moeda perde seu valor. Entre aqueles que se dizem sujeitos do bem, muito mal têm feito contra a população brasileira, que precisa refletir mais e melhor sobre o que lê e o que assiste, como interpreta e em quem vota.

Entre fatos políticos, sociais, jurídicos e morais que se entrecruzam nas trocas de acusações entre o presidente Bolsonaro e parte da mídia, exige-se uma análise interdisciplinar, razão pela qual nos valemos da Retórica, da Linguística, da Análise do Discurso e também da Comunicação/Jornalismo (CHARAUDEAU, 2006). O *corpus* selecionado, apresentado e sucintamente analisado, é uma pequena mostra daquilo que tem circulado no imaginário social há anos no Brasil;

identidades e alteridades em permanente conflito, reguladas por duas dentre as mais importantes instâncias democráticas que estruturam as sociedades pós-modernas: a política e a midiática. No caso em questão, reputar-se-ia às duas instituições o dever de tratar bem seus cidadãos, de protegê-los. No entanto, o que se vê são seus esforços para destabilizar, a eles próprios e a nós, como se esse fosse o melhor caminho ou o único. As armas utilizadas por ambos os protagonistas são as palavras, a linguagem, o discurso, o *logos*, além de seus lugares sociais de fala que os legitimam. Nesse contexto, somos os destinatários, mas somos principalmente os alvos. Os derrotados nessa guerra midiática somos todos nós, os envolvidos em uma luta que não é ou não deveria ser nossa. Os poderes políticos e midiáticos, que detêm o poder das palavras e dos suportes, nos oprimem, reprimem e deprimem, nos relegam ao papel de figurantes de uma tragédia nacional, tragédia anunciada por eles próprios; e tudo isso em nome de poderes que se manifestam de várias formas e expressões.

Referências

- AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto. 2005.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G. M. P et al. (org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.
- AMOSSY, R. *La présentation de soi: Ethos et identité verbale*. Paris: PUF, 2010. DOI: <https://doi.org/10.3917/puf.amoss.2010.01>
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.
- BAKHTIN, M. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 2017.
- BOLSONARO, J. M. *Twitter*. Site web. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 1 mar. 2021.
- CHARAUDEAU, P. La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSO, V. (org.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: PUL, 2000. p. 1-16. CD-Room.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública*: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.
- DIAS, C. *Análise do discurso digital*: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- FOLHAPRESS. “Se a mídia está criticando é porque o discurso foi bom”, diz Bolsonaro sobre fala na ONU. *Folha de Pernambuco*, Pernambuco, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/se-a-midia-esta-criticando-e-porque-discurso-foi-bom-diz-bolsonaro/155674/>. Acesso em: 1 mar. 2021.
- HOUDEBINE, A.-M. Pathos, logos, ethos dans la sémiologie des indices. In : COLOTTE, F.; RINCIOG, D. (org.). *Ethos/Pathos/Logos*: le sens et la place de la persuasion dans le discours linguistique et littéraire. Paris: L'Harmattan. 2015. p. 15-32.
- MADEIRO, C. Justiça obriga governo a apagar postagens celebrando o golpe de 1964. *UOL Notícias*, São Paulo, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/10/justica-obriga-governo-federal-a-apagar-postagens-celebrando-golpe-de-1964.htm>. Acesso em: 1 mar. 2021.
- MAINGUENEAU, D. Problèmes d'ethos. *Pratiques*, [S.l.], n. 113, p. 55-68, 2002. DOI: <https://doi.org/10.3406/prati.2002.1945>
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.
- ORLANDI, E. P. *O discurso em análise*: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PAVEAU, M.-A. *L'Analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.
- PINHO, J. A. G. Bolsonaro e o *ethos* da violência. *Estadão*, São Paulo, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/bolsonaro-e-o-ethos-da-violencia-e-morte/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

PLANTIN, C. ; TRAVERSO, V. ; VOSGHANIAN, L. Parcours des émotions en interaction. In: RINN, M. (org.). *Émotions et Discours: l'usage des passions dans la langue*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008. p. 141-162. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.pur.30432>

PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions*: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Bern: Peter Lang, 2011. DOI : <https://doi.org/10.3726/978-3-0352-0070-6>

SINGER, A. *et al.* Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/por-que-assistimos-a-uma-volta-do-fascismo-a-brasileira.shtml>. Acesso em: 1 mar. 2021.



Usos argumentativos de “pero” em meios digitais espanhóis

Argumentative uses of “pero” in Spanish digital media

Carolina da Costa Pedro

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
costa.pedro@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0003-0130-966X>

Talita Storti Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
talita.garcia@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

Resumo: Neste artigo, pretende-se apresentar uma análise dos usos de *pero* encontrados em um *corpus* do espanhol escrito em meios digitais. O aparato teórico-metodológico utilizado é o modelo da Gramática Discursivo-Funcional – GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). De acordo com a gramática da *Real Academia Española* (RAE, 2009), *pero* é uma conjunção coordenativa que relaciona duas orações opostas, que se contrapõem. Do ponto de vista da GDF, essas duas unidades configuram Atos Discursivos em relação desigual, que engendram função retórica Concessão. O falante apresenta um Ato para *conceder* uma informação a fim de, em seguida, apresentar outro Ato que considera argumentativamente mais relevante. Alguns usos encontrados neste estudo, no entanto, fogem dessa interpretação. O *corpus* selecionado consiste em dados de *blogs* extraídos do CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), da Real Academia Española. Verificou-se que *pero*, além de ser utilizado na camada mais alta do Nível Interpessoal (o Ato Discursivo), introduz Movimentos e ainda enfatiza um Subato anteriormente apresentado, sendo um elemento muito importante do ponto de vista argumentativo.

Palavras-chave: *pero*; espanhol; argumentação; retórica.

Abstract: This paper intends to present an analysis of two uses of adversative conjunction *pero* found in a Spanish written *corpus* in digital media. The theoretical-methodological apparatus used is the Functional Discourse Grammar – FDG (HENGELVELD; MACKENZIE, 2008). According to RAE (2009), *pero* is coordinative conjunction in which presents two opposing clauses. From the point of view of FDG, however, these two units configure Discourse Acts in an unequal relationship, which engender Concession rhetorical function. The speaker presents an Act to *grant* information in order to then present another Act that he considers arguably more relevant. Some of the uses found in this study are beyond that interpretation. The research universe consists of data collected from *blogs* and extracted from CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), from the Real Academia Española. It was verified that, besides being used between two Discourse Acts, it can also introduce Moves and also emphasize a Subact previously presented, being a valuable element for the speaker's argument.

Keywords: *pero*; Spanish; argumentation; rhetoric.

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 17 de maio de 2021

1 Considerações iniciais

Este artigo¹ se propõe a investigar os papéis do juntor *pero* (equivalente ao *mas* do português)² em meios digitais do espanhol escrito, representados pelas ocorrências de (1) a (4) a seguir:

- (1) A mí me gustan las películas de Disney, **pero El viaje de Chihiro se sitúa en la antípoda opuesta.** (2002 Romero, Pedro Jorge: «El viaje de Chihiro». pjorge.com (ESPAÑA))
[Eu gosto dos filmes da Disney, mas A viagem de Chihiro está em um lado totalmente oposto.]

¹ Este trabalho se baseia na dissertação “Construções adversativas introduzidas por “pero” no espanhol peninsular falado: uma abordagem discursiva-funcional” (PEDRO, 2020). Nesse trabalho de mestrado, no entanto, abordaram-se apenas os elementos oracionais introduzidos por *pero* no espanhol peninsular falado, em um *corpus* de língua falada.

² Optamos por traduzir *pero* pela conjunção *mas* do português por ser a conjunção adversativa protótipica e a mais utilizada em contextos coloquiais.

- (2) Vicente Aupí ha escrito un libro sencillo **pero interesante**, una introducción agradable a problemas y misterios del universo. El buen tratamiento histórico de algunos de los capítulos ofrece la visión de la ciencia como un proceso siempre en desarrollo, como algo que no acaba nunca...] (2001 Romero, Pedro Jorge: «Los enigmas del Cosmos: Las grandes preguntas sin repuesta de la astronomía actual de Vicente Aupí». pjorge.com (ESPAÑA))
- [Vicente Aupí escreveu um livro simples, mas interessante, uma introdução agradável a problemas e mistérios do universo. O bom tratamento histórico de alguns dos capítulos oferece a visão da ciência como um processo sempre em desenvolvimento, como algo que não acaba nunca...]
- (3) Feliz año, **pero...** ¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo? (2002 «El monstruo de Aramberri». El Paleofreak (ESPAÑA))
- [Feliz ano novo, mas... o que é um simples ano na imensidão do tempo profundo?]
- (4) La cadena propietaria del programa tendrá que buscar un sustituto para el mismo. Ante la imposibilidad de contratar a viejas glorias versadas en la materia, por contar todas ellas con episodios muy **(pero que muy) oscuros** en su vida, acabarán optando por el fichaje de Smoochy, un joven iluso e idealista que se gana la vida disfrazado de rinoceronte y actuando en destalados centros de rehabilitación para drogadictos. (2004 Spaulding: «¡Muerte a Espinete!». Spaulding's Blog (ESPAÑA))
- [A rede proprietária do programa terá que encontrar um substituto para ele. Diante da impossibilidade de contratação de velhas glórias experiente no assunto, por todas terem episódios muito (mas muito) sombrios em sua vida, acabarão optando pela contratação de Smoochy, um jovem iludido e Idealista que ganha a vida disfarçado de rinoceronte e atuando em centros de reabilitação de drogas.]

Segundo a Real Academia Española (2009), *pero* é uma conjunção coordenativa que serve para opor duas ideias, exatamente o que se observa

nas ocorrências (1) e (2). Em (1), temos dois elementos oracionais que se contrastam em *a mí me gustan las películas de Disney e el viaje de Chihiro se sitúa en la antípoda opuesta*. Em (2), por sua vez, o contraste está designado entre constituintes não oracionais, *sencillo* e *interesante*.

Em (3) e (4), diferentemente, não há elementos opostos, pois em (3) *pero* é utilizado para prefaciar a pergunta *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* e, em (4), seu papel é ressaltar o intensificador *muy*, que escopa o adjetivo *oscuros*. Essas duas ocorrências evidenciam que *pero* não se limita a relacionar elementos que se contrastam.

Casos como os de (1) e (3) são abordados, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, por Pedro (2020) no espanhol peninsular falado. Nesse estudo, a autora mostra que esse item linguístico atua fortemente na estratégia argumentativa do falante, mas não só, pois atua também na organização discursiva, conforme prevê Hengeveld e Mackenzie (2008) para o juntor *but* do inglês. A autora não aborda casos como os (2) e (4), os quais serão analisados no presente artigo com base no que postulam Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019), Passetti Galvão (2021) e Pezatti e Garcia (no prelo) para o juntor *mas* no português.

A Gramática Discursivo-Funcional – doravante GDF – é um modelo teórico tipologicamente orientado, isto é, uma teoria “capaz de fornecer um arcabouço para enunciação e comparação dos universais de diferentes línguas”³ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 32).

Reconhecem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) e Keizer (2015) que *but* pode atuar entre dois Atos Discursivos, em que um deles é Subsidiário e o outro, Nuclear, sendo esse considerado pelo falante comunicativamente mais relevante, conforme se observa no exemplo retirado de Keizer (2015, p. 258):

- (5) They lived happily for many years, **but** then things started to go wrong. (Adaptado de Keizer (2015, p. 258.)

[Eles viveram felizes por muitos anos, mas aí as coisas começaram a dar errado.]

³ (FDG is a theory that) is capable of providing a framework for the enunciation and comparation of universals and of offering lines of explanation.

O primeiro elemento, *They lived happily for many years*, configura o Ato Subsidiário (A_1), e o segundo, *then things started to go wrong*, constitui o Ato Nuclear (A_2). Esses Atos apresentam, como se observa, estatuto desigual, ou seja, o falante aloca no Ato Nuclear o que acha mais relevante do ponto de vista da comunicação. Nesse caso, o falante concede um Ato, para afirmar, no Ato seguinte, um conteúdo que julga mais relevante, como mostra a representação em (5a):

- (5a) (M_1 ; $[(A_1; -Eles\ viveram\ felizes\ por\ muitos\ anos - (A_1))_{\text{Conc}}$
 $(A_2; \text{as\ coisas\ começaram\ a\ dar\ errado\ } (A_2))] (M_1))$

Note que a função retórica Concessão (Conc) é vinculada ao primeiro elemento, o Ato Subsidiário, o que significa que esse Ato apresenta informações menos importantes do que o segundo, o Nuclear.

A GDF reconhece também a atuação de *but* em contextos narrativos, quando o falante usa esse juntor para fazer digressões que julga serem necessárias na interação, conforme ilustra o exemplo de Keizer (2015, p. 51):

- (6) **But . . . But** inside the great doors of the colleges there is often a small notice. It reads: 'This college is closed to visitors'. And indeed it is. These beautiful buildings, along with a whole realm of cultivated human intellect, are closed to the vast majority of humankind. And this is not because humanity isn't up to it. The only belief I'll never recant is that every single undamaged baby is born with fabulous, infinite intellectual potential. And that, of all the terrible wastage of resources in the world, it is the wasting of that intellectual potential that is the worst. Anyway, to come back to Oxford: . . . (BYU-BNC, written, non-academic)

[Mas . . . Mas dentro das grandes portas das faculdades costuma haver um pequeno aviso. Diz: 'Este colégio está fechado para visitantes'. E realmente está. Esses belos edifícios, junto com todo um reino de intelecto humano cultivado, estão fechados para a vasta maioria da humanidade. E não é porque a humanidade não está à altura disso. A única crença que nunca vou retratar é que todo bebê não danificado nasce com um potencial intelectual fabuloso e infinito. E isso, de todo o terrível desperdício de recursos no mundo, é o desperdício desse potencial intelectual que é pior. Enfim, voltando a Oxford:]

A partir dessas considerações teóricas, o presente artigo pretende analisar os usos de *pero* em meios digitais do espanhol. Pretende-se, desta maneira, responder às seguintes perguntas: (i) quais são os tipos de *pero* encontrados em contextos digitais do espanhol? (ii) eles se limitariam aos casos que estabelecem contraste entre dois elementos? (iii) de que tipos são esses elementos, oracionais e não oracionais? (iv) há casos em que *pero* introduz unidades que se voltam para o discurso ou servem a outros propósitos?

O universo de investigação consiste em textos de *blogs* extraídos do CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), da Real Academia Española. Selecioneamos o lema “*pero*” na modalidade “escrita” e de tipologia de “*blog*”, para trabalhar com textos publicados digitalmente. Com isso, foram encontrados 20.66 casos em 6.767 documentos. Dentre tantas ocorrências, selecionamos, aleatoriamente, trinta⁴ casos para este estudo.

No que diz respeito à organização deste trabalho, apresentamos a seguir alguns pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional necessários para a compreensão do fenômeno em análise. Em seguida, sumarizamos algumas considerações advindas das gramáticas de referência e de importantes estudos de *pero* no espanhol. Posteriormente, apresentamos a análise dos dados com base no modelo funcionalista adotado. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

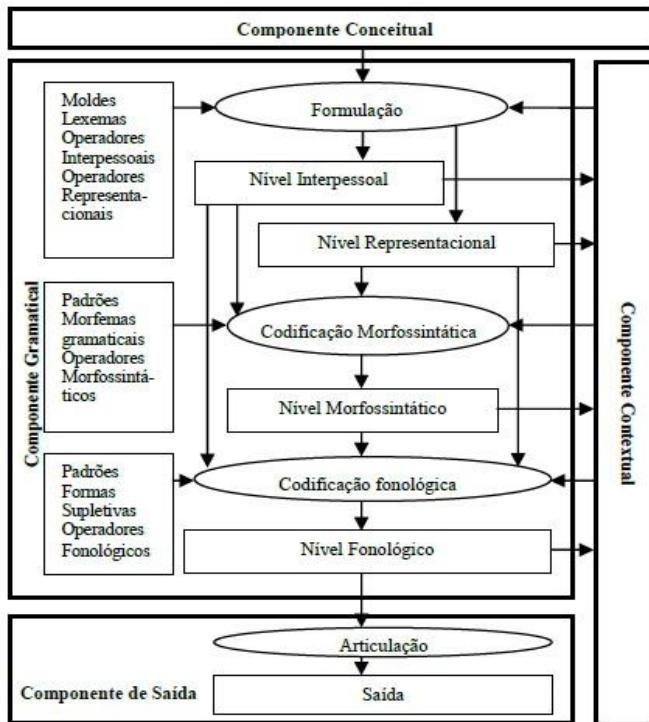
2 Pressupostos teórico-metodológicos: A Gramática Discursivo-Funcional

Como mencionado anteriormente, este artigo pretende investigar os usos de *pero* com base na Gramática Discursivo-Funcional (HENGELD; MACKENZIE, 2008). Esse modelo parte das intenções comunicativas do falante para a expressão das formas linguísticas. Portanto, é um modelo *top-down* (descendente), em que o falante parte de seu propósito comunicativo (sua intenção) para, a partir de então, selecionar e codificar essa informação gramaticalmente.

⁴ Nossa análise se baseia em critérios qualitativos. Entendemos que a análise quantitativa não altera os resultados a respeito ao comportamento morfossintático e semântico-pragmático de *pero*.

A teoria da Gramática Discursivo-Funcional é um modelo que interage com os componentes Conceitual, Contextual e de Saída para facilitar sua compatibilidade com uma teoria de interação verbal mais ampla.

FIGURA 1 – Arquitetura geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld. Mackenzie (2008, p. 13).

Há quatro componentes na GFD. O *componente conceitual*, de acordo com Keizer (2015), contém as informações pré-linguísticas relevantes para a análise e é considerado o motor da Gramática. O segundo, *componente de saída*, transforma a saída do componente de gramática em sinais acústicos ou ortográficos. Finalmente, o *componente contextual* corresponde à descrição do conteúdo, ou seja, contém informações não linguísticas sobre o contexto discursivo imediato que afeta a forma de um enunciado linguístico.

Esses três componentes interagem com o quarto, o *gramatical*, em que se estruturam quatro níveis. O Nível Interpessoal é relacionado à pragmática e lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte; o Nível Representacional está voltado para os aspectos semânticos; o Nível Morfossintático, relacionado à morfossintaxe; e por fim o Nível Fonológico, aos aspectos prosódicos da língua. Todos eles se organizam em torno de camadas dispostas hierarquicamente.

O Nível Interpessoal, que está no topo da estrutura da teoria, apresenta a camada do Movimento (M) como a maior unidade de análise. O Movimento, que consiste em um ou mais Atos Discursivos (A), é definido como uma contribuição autônoma para o desenvolvimento da interação. Nesse nível, as unidades em cada estrato podem ter uma função retórica ou pragmática (Φ). Cada Ato Discursivo se caracteriza como “a menor unidade de análise do comportamento comunicativo” (KEIZER, 2015, p. 52).⁵ Os Atos Discursivos consistem em uma Ilocução (F), Participantes (P) e um Conteúdo Comunicado (C). Este Nível, portanto, lida com os aspectos formais da unidade linguística que refletem a interação entre falante e ouvinte. Em uma interação, cada participante tem um objetivo em mente, e o locutor prepara sua fala para atingir seu objetivo comunicativo.

O segundo Nível, Representacional, é o que tem o maior número de camadas e está relacionado às categorias semânticas da unidade linguística. Nesse nível, as entidades semânticas são denotadas por itens lexicais. Suas categorias são: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estados-das-Coisas (e) e Propriedade Configuracional (f). O Conteúdo Proposicional é a camada superior do Nível Representacional e indica uma construção mental, um desejo. Podem ser constituídos por Episódios (ep), que podem ser construídos por um ou mais Estados-das-Coisas, que podem apresentar unidades de Tempo (t), Lugar (l) ou Indivíduos (x).

Após percorrer por dois níveis de Formulação, preocupados com os aspectos pragmáticos e semânticos, chegamos ao Nível Morfossintático, que recebe as informações que vieram dos dois níveis anteriores (Interpessoal e Representacional) e as converte em representação morfossintática. Seus estratos são: Expressão Linguística (Le), Orações (Cl), Frases (Xp) e Palavras (Xw).

⁵ “the smallest identifiable units of communicative behaviour”.

O último nível proposto pela teoria é o Fonológico. Seus estratos são: Enunciado (U), maior segmento da fala, seguido pela Frase Entonacional (IP), Sintagma Fonológico (PP), Palavra Fonológica (PW), Pé (F) e Sílaba (S). Embora reconheçamos a importância do Nível Fonológico para o modelo, ele não fará parte da nossa análise por delimitação do espaço.

Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, a *retórica* é a função que se estabelece no Nível Interpessoal, uma maneira encontrada pelo falante para moldar seu discurso e atingir seu propósito na interação. Esta teoria reconhece cinco tipos de funções retóricas, sendo elas: *Motivação*, *Orientação*, *Esclarecimento* (ou *Correção*), *Aposição* (ou *Aside*) e, por último, *Concessão*. Todas elas configuram estratégias linguísticas que são empregadas na argumentação do falante para persuadir o ouvinte.

Neste estudo, interessa-nos a função retórica Concessão, que é atribuída a um Ato Discursivo com a função comunicativa de indicar que o falante tem conhecimento de que o conteúdo do Ato Discursivo anterior pode não ser o esperado pelo ouvinte, conforme (7) e sua representação em (7a):

- (7) What's done is done. And it was done for the best, **although** (I must admit) it didn't turn out like that. (KEIZER, 2015, p. 56).

[O que está feito está feito. E foi feito para o melhor, embora eu deva admitir que não foi assim]

- (7a) $(M_J; [(A_I; -and it was done for the best- (A_I)) (A_J; -it didn't turn out like that- (A_J))_{Conc}]) (M_J)$

No exemplo de Keizer, vemos um único Movimento (M_J) sendo composto por três Atos Discursivos. Os dois últimos Atos, no entanto, são os que nos interessam, pois, nesse caso, *and it was done for the best* constitui o Ato Discursivo Nuclear (A_I) e *it didn't turn out like that* é o Ato Discursivo Subsidiário (A_J), estatuto que pode ser comprovado pela inserção do performativo *I must admit* (Eu admito que). O Ato Subsidiário, que apresenta a Concessão (Conc), é utilizado pelo falante quando este julga que o conteúdo apresentado no primeiro Ato, o Nuclear, não era esperado pelo ouvinte.

A função retórica Concessão também é reconhecida por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) em contextos com *but* ('pero'), mas, nesse caso, o Ato Nuclear, é o segundo. Os autores reconhecem ainda a possibilidade de atuação do juntor *but* em contextos narrativos, quando configura um *push marker*, um operador que possibilita ao falante trazer histórias que auxiliam a compreensão do assunto que está sendo desenvolvido, conforme já exemplificamos em (6), extraído de Keizer (2015). Nesses contextos, os elementos introduzidos por *but* conformam-se a lances na interação, o que caracteriza, na GDF, Movimentos.

Movimentos, segundo Keizer (2015, p. 48-49), são facilmente reconhecidos em uma conversação entre dois informantes, quando cada turno normalmente corresponde a um Movimento. De acordo com a autora, os Movimentos são geralmente codificados por uma única entonação na língua falada, o que evidencia a correspondência entre os Níveis Interpessoal e Fonológico.

Sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, Pedro (2020), em seu estudo sobre as orações com *pero* no espanhol peninsular falado, reconhece que as estruturas introduzidas por *pero* se estabelecem nas camadas mais altas do Nível Interpessoal, isto é, no domínio pragmático, podendo atuar nas camadas do Ato Discursivo e do Movimento. A autora afirma que, na camada do Ato Discursivo, *pero* atua em relações binárias, quando os dois elementos relacionados constituem Atos Discursivos, sendo o primeiro ato Subsidiário, e o outro, Nuclear, conforme se observa em:

- (8) E: *¿oye y tú tienes más hermanos?*

I: *sí tengo dos*

E: *¿y cómo son? háblame un poco de ellos ¿ellos ya no viven en tu casa o sí?*

I: *no mi hermano la verdad es que son muchísimo más mayores que bueno no sé mi hermano me saca catorce años y mi hermana once o sea que yo salí por ahí no sé como y nada mi hermano está casado tiene un niño y mi hermana tiene una niña pero está divorciada.* (adaptado de PRESEA – 23, M, AH, 11, M)⁶

⁶ As ocorrências (8) e (9) fazem parte do levantamento de dados coletados para o trabalho “Construções adversativas introduzidas por “pero” no espanhol peninsular falado: uma abordagem discursiva-funcional” (PEDRO, 2020).

[E: escuta, e você tem mais irmãos?

I: Sim, tenho dois

E: E como são? Me fale um pouco sobre eles, eles não vivem mais na sua casa ou vivem?

I: não meu irmão na verdade é que são muito mais velhos do que eu, bom, não sei, meu irmão é onze anos mais velho do que eu e minha irmã doze, ou seja, que eu saí por aí não sei como e nada meu irmão é casado tem um filho e minha irmã tem uma filha, mas está divorciada.]

Em (8), a primeira oração *mi hermana tiene una niña* configura o Ato Subsidiário, a informação secundária realizada por parte do falante. A segunda oração *está divorciada* é o Ato Nuclear, pois contém a informação mais relevante, já que o falante fez questão de dizer que, embora sua irmã tenha uma filha, ela está divorciada. Veja que o falante adianta uma possível pressuposição por parte do ouvinte: ao dizer que sua irmã tem uma filha, provavelmente seu interlocutor pensaria que ela é casada. Por isso, acrescenta um elemento por meio do juntor *pero*, sendo a informação mais importante do ponto de vista argumentativo.

O falante ordena os componentes do discurso para influenciar o ouvinte a aceitar seus propósitos comunicativos com *pero* introduzindo o Ato Nuclear, ou seja, trata-se de uma estratégia do Falante para que seu Ouvinte seja convencido, o que caracteriza a função retórica *Concessão*.

De acordo com a autora ainda, *pero* atua na camada do Movimento quando atua na organização do discurso, de modo que o falante impulsiona a comunicação. Nesse caso, *pero* configura um *push marker*, ou *marcador push*, e tem por função introduzir uma digressão que pode chegar a suspender o tópico ou o assunto anterior a fim de inserir um novo tema, como mostra (9):

- (9) I: La verdad es que no he hecho muchos viajes pero bueno con mi antigua novia estuvimos el año pasado en Mallorca con mi ex y bien estuvimos viendo toda la parte de Mallorca centro.

E: Yo no lo conozco.

I: No lo conoces bueno pues lo típico la catedral la parte del centro que no fue sólo un viaje así de playa y de marcha sino que tuvimos para todo ahí he estado así fuera de España, Coruña

he estado también, pero salir fuera de España no. No he hecho muchos viajes, me he enterado que otra gente sí que se está

E: Que va por ahí.

I: Que este año ha estado por ahí pero a ver a ver si puedo yo también el próximo año.

E: Bueno esa otra gente con tu edad tampoco iba por ahí

I: **Pero últimamente estás recuperando ¿no? estás recuperando el tiempo perdido.**

E: ¡Vaya! ¡vaya! (Adaptado de PRESEEA – 01, H, G, 29, S)

[I: Na verdade eu não fiz muitas viagens, mas, bom, com minha antiga namorada estive ano passado em Mallorca com minha ex e, bom, vimos toda a parte do centro de Mallorca.

E: não conheço

I: Bom, não conhece, o típico é a catedral, a parte do centro, não foi uma viagem somente de praia e de passagem, mas visitamos tudo por ali, e assim fora da Espanha, Corunha também estive, mas fora da Espanha não. Não fiz muitas viagens, vi que as pessoas estão...

E: estão saindo por aí

I: Que este ano saíram por aí, mas, vamos ver se consigo ir também no próximo ano.

E: Bom, essas pessoas com sua idade também não saíam por aí

I: **Mas ultimamente você está recuperando, né? Está recuperando o tempo perdido.**

E: Sim! Sim!]

Em (9), o informante lança a pergunta *pero ultimamente estás recuperando el tiempo perdido, ¿no?* após ouvir do entrevistador que as pessoas com sua idade também não viajavam e após dizer que não conhece Mallorca. O informante, a fim de estimular o entrevistador a dialogar com ele, e ao pressupor que o mesmo não seguiria com o tema sobre viagens, faz a pergunta para estimulá-lo a contar se ele está recuperando o tempo perdido por não ter viajado pela Espanha. A contrariedade, como se observa, se estabelece no âmbito interacional,

como se o informante pedisse para que o entrevistador se envolvesse com a conversa. Neste caso, pode-se considerar que a estrutura introduzida por *pero* impulsiona a interação, funcionando como um lance.

Portanto, esse juntor pode atuar em contextos narrativos ou introduzir novos temas à conversação, o que é considerado, na perspectiva da GDF, um operador de Movimento. Esse operador pode atuar também entre dois Atos Discursivos de diferentes estatutos, os quais, juntos, compõem um Movimento.

3 *Pero*: em estudos gramaticais e linguísticos do espanhol

As principais gramáticas de referência do espanhol consideram *pero* um juntor utilizado para contrapor ideias em orações coordenadas adversativas, como representa o exemplo a seguir extraído de Bosque e Demonte (2000, p. 3865):

- (10) *Me gusta mucho esta camisa, pero no me la voy a comprar.*
[Gosto muito dessa camisa, mas não vou comprá-la]

A primeira oração *Me gusta mucho esta camisa* se contrapõe à oração introduzida por *pero*, *no me la voy a comprar*. O falante apresenta uma informação, que implicitamente faz o ouvinte pensar que o mesmo irá comprar a camisa, *me gusta*, para, em seguida, afirmar algo oposto que pode ou não anular o que foi dito anteriormente, *no voy a comprar la camisa*.

Bosque e Demonte (2000) consideram que o uso de *pero* na argumentação impõe um tipo de interferência: a eliminação de uma suposição. Observe o exemplo dado pelos autores em (11):

- (11) *Pedro es madrileño, pero generoso.* (BOSQUE; DEMONTE, 2000, p. 3864.)
[Pedro é madrilenho, mas generoso]

Nesse caso, o falante contrapõe duas ideias: ser madrilenho e ser generoso, isso porque o juntor *pero* coloca *madrileño* e *generoso* em contraposição, e nos faz supor que os madrilenhos não são generosos. Neste caso, o uso de *pero* não serve apenas para contrapor duas ideias,

mas é uma estratégia utilizada pelo falante para convencer seu leitor de que as pessoas de Madrid não são generosas, exceto Pedro.

Assim, *pero* tem uma função argumentativa, eliminando uma das inferências possíveis que poderiam ser deduzidas no primeiro enunciado e marcando a orientação argumentativa que esse discurso vai desenvolver.

Para explicitar o uso do *pero* na argumentação, Bosque e Demonte (2000, p. 3863) apresentam o seguinte esquema:

Fórmula: $\langle p \text{ pero } q \rangle$:

Argumento $p \rightarrow$ conclusão parcial r

Argumento $q \rightarrow$ conclusão parcial $\neg r$

q tem maior peso argumentativo que p

Em $\langle p \text{ pero } q \rangle$, a proposição $\langle p \rangle$ é apresentada como um possível argumento a favor de uma eventual conclusão em $\langle r \rangle$, enquanto $\langle q \rangle$ é apresentada como um argumento para a conclusão oposta $\langle \neg r \rangle$, enfatizando o maior peso argumentativo do segundo argumento e, portanto, da conclusão do mesmo.

Para Montolío (2001), um enunciado tem efeito de sentido diferente quando se observa a presença de *pero*. Quando acrescentamos *pero*, as conclusões do ouvinte podem diversificar, pois a presença do juntor nos leva a pressupor que algo possa estar em contraposição ao que já foi dito.

Para a autora, quando utilizamos o juntor *pero*, logo em seguida pressupomos que “o que vem a seguir contrasta com a informação precedente”.⁷ Montolío (2001) chama esse tipo de contraste de informação *inferencial*. Em outras palavras, a oposição está na mente do falante.

Como se observa, de acordo com as gramáticas do espanhol, *pero* pode anular ou acrescentar uma informação, como exemplificam os exemplos (10) e (11) respectivamente. Em todos os casos, no entanto, há relações de pressuposição e inferências que são colocadas em evidência pelo próprio falante ao estabelecer o contraste, ou seja, o contraste só existe porque o falante coloca os elementos em relação de oposição.

Para Hernández Alonso (1984, p. 227), *pero* deixa de desempenhar seu papel de conectivo quando precede uma oração que não tem um

⁷ Lo que viene a continuación contrasta con la información precedente.

primeiro elemento para coordenar. De acordo com o autor, nesses casos, *pero* é pleonástico e enfático.

Gili Gaya (2002, p. 282) reconhece que o uso enfático de *pero* pode “manifestar surpresa, estranhamento, espanto, ou interromper a conversa com uma frase alheia”.⁸ De acordo com o autor, esse uso é marcado prosodicamente, como em (12):

- (12) **Pero** ¿cómo lo has sabido?;
 [Mas como você soube?]
Pero ¡qué horror!;
 [Mas que horror!]
Pero fijate en ese que viene;
 [Mas preste atenção nesse que está vindo.]
 ¡Bien!, ¡**pero** que muy bien!
 [Bem!, Mas muito bem!]

Em seu estudo sobre o *pero* enfático, Acín Villa (1993-1994, p. 224) afirma, diferentemente, que mesmo que *pero* perca seu caráter coordenativo, quando expressa ênfase, não significa que possa perder seu valor de adversidade. Para a autora, o falante deseja enfatizar um elemento do seu enunciado e utiliza *pero* para fazer uma contraposição implícita entre o elemento e o outro que se opõe. Observe o exemplo da autora:

- (13) ¡Y ya estáis volviendo ahora mismo los tres para acá! ¡**Pero volando!** (ACÍN VILLA, 1993-1994, p. 244)
 [E vocês três voltando aqui agora! Mas voando!]

Quando o falante termina seu discurso com *Pero volando*, segundo Acín Villa (1993-1994, p. 225), quer deixar claro sua vontade de que o ato de voltar se realize rapidamente. Para realçar seu desejo, então, utiliza *pero* e, nesse caso, o que o falante enfatiza é, para o autor, toda a oração anterior, por isso, pode-se considerar que prevalece um valor adversativo.

⁸ manifestar sorpresa, extrañeza, asombro, o el irrumpir en la conversación con una frase ajena a la misma.

O uso enfático de *pero* também é reconhecido pela *Gramática de la Real Academia Española* (2010, p. 616) em estruturas do tipo *pero (que) muy*, em que, segundo a obra, não há duas ideias em contraste, apenas ênfase do conteúdo do elemento repetido, como se observa em (14):

- (14) Está muy **pero que muy** enamorado (RAE, 2010, p. 616)
[Está muito, mas muito apaixonado]

Como se observa, *pero* pode contrastar dois elementos colocados em oposição pelo falante, quando atua na argumentação, pois o segundo elemento é, para ele, o mais relevante. Além disso, esse juntor pode ter papel enfático, quando já não mais atua como conjunção coordenativa.

4 Procedimentos metodológicos e análise dos dados

Nesta seção, apresentamos a análise das ocorrências extraídas do banco de dados CORPES, que pode ser acessado *online*.⁹ Para chegar às ocorrências, selecionamos a opção *lema* e fizemos uma busca pelo termo *pero*. Foram encontrados 20.666 casos no meio escrito, da tipologia de *blogs*. Desse gênero textual, selecionamos aleatoriamente trinta ocorrências para análise, considerando todos os tipos de elementos possíveis, oracionais e não oracionais.

Em (15) observa-se um uso oracional:

- (15) con docenas de cadáveres en descomposición desperdigados aquí y allá. El lugar no es muy agradable. El hedor es profundo, ya que la carne de los cuerpos se encuentra en diferentes fases de putrefacción. Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche... **Pero no es una película de zombis**: es pura ciencia. (2004 Aberrón: «La granja de cuerpos». Fogonazos. Asombros diarios (ESPAÑA))
[com dezenas de cadáveres em decomposição espalhados aqui e ali. O lugar não é muito agradável. O fedor é profundo, pois a carne dos corpos está em diferentes estágios de decomposição. Há

⁹ Disponível em: <https://preseea.linguas.net>. Acesso em: mar. 2021.

mortos no chão, nas árvores, dentro de cabines, no porta-malas de um carro... Mas não é um filme de zumbi: é ciência pura.]

Em (15) o autor descreve um lugar assustador, onde há mortos por todas as partes. Após o período “Há mortos no chão, nas árvores, dentro de cabines, no porta-malas de um carro”, é utilizado o juntor *pero* para acrescentar a informação “não é um filme de zumbi: é ciência pura”, pois o lugar existe e pertence ao Centro de Antropologia Forense da Universidade de Tennessee. Podemos identificar, portanto, dois elementos, em que o primeiro é a construção *hay algo* e o segundo, *no es eso, es aquello*.

Esses dois elementos configuram, cada, um Ato Discursivo (A), pois são unidades dotadas de Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado (o que se quer dizer) e Ilocução, que, nesse caso, é declarativa.

Os Atos envolvidos apresentam uma relação desigual, já que o falante atribui a eles pesos comunicativos diferentes. O primeiro deles, *hay muertos por el suelo*, um apresentativo, é o Ato Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão (Conc). O segundo, por sua vez, é o Nuclear, ou seja, é, do ponto de vista do falante, o que apresenta a informação mais importante, como mostra a representação a seguir, em que se observam dois Atos Discursivos (A_1) e (A_2) formando um único Movimento (MI):

- (15a) (M_1 ; [$(A_1$: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche – $(A_1)_{\text{Conc}}$ (A_2 : – no es una película de zombis – (A_2))] (M_1))

Em termos argumentativos, o falante apresenta o primeiro Ato (A_1) para, a seguir, no Ato Nuclear (A_2), acrescentar um Conteúdo Comunicado que julga ser mais relevante do que o primeiro, aquilo que realmente deseja que o falante considere. O Ato Nuclear é acrescentado pelo falante porque ele julga que pode haver falta de clareza com relação à referência de algum componente do Conteúdo Comunicado do Ato anterior.

É interessante observar que o Ato Nuclear, em contextos de *blogs*, é delimitado na escrita por pontos e letras maiúsculas, quando, na modalidade escrita, por exemplo, seriam delimitados apenas por vírgulas. Essa característica, no entanto, não altera as propriedades desses elementos no Nível Interpessoal nem nos outros níveis.

No Nível Representacional, cada Ato Discursivo configura um Conteúdo Proposicional (p), construtos mentais, julgamentos do próprio falante com base em suas crenças e pressuposições, algo que existe apenas na mente do falante e não pode ser localizado no espaço nem no tempo. Esse estatuto pode ser comprovado por meio de modificadores que assinalam atitudes proposicionais, como *tal vez*, *seguramente*, *probablemente*, *a lo mejor*, etc., conforme se observa na paráfrase (15b). Essa camada segue representada em (15c).

- (15b) **Seguramente** hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche, pero **a lo mejor** no es una película de zombis
- (15c) (p_i: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche – (p_i)) (p_j: – no es una película de zombies– (p_j))

O Nível Morfossintático, por sua vez, codifica a relação desigual entre os Atos Discursivos advinda do Nível Interpessoal por meio da Palavra Gramatical (Gw) *pero*, que leva o ouvinte a considerar e a interpretar o segundo Ato como comunicativamente mais relevante. Nesse caso, cada Ato Discursivo equivale a uma Oração (Cl), sendo que ambas podem ser utilizadas de forma independente em termos morfossintáticos, já que configuram Orações dotadas de sentido quando isoladas: *hay muertos por todos los lados* e *no es una película de zombies*... A representação (15d) mostra essa independência, já que a dependência (dep) não é marcada em nenhuma das Orações e se observa a Palavra Gramatical *pero* entre elas:

- (15d) (Le_i: [(Cl_i: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche (Cl_i))(Gw pero (Gw)) (Cl_j: – no es una película de zombies (Cl_j))] (Le))

A amostra analisada revela que os elementos coordenados por *pero* não se restringem apenas aos oracionais. Há vários casos em que esse juntor coordena elementos em que pelo menos um deles é não oracional, como representa (16) a seguir:

(16) me descubro ante “Los lunes al sol”, de Fernando León de Aranoa. Hace poco que he salido del cine y aún sigo un poco conmocionado. Me temí, tras el fiasco de “Señales”, que mi cosa sensible se había extinguido, pero hoy he comprobado que no. No es que me haya echado a llorar, **pero casi**. Lo cierto es que el drama humano, la tensión de unos personajes a los que poco más les queda que seguir adelante, acaso porque, como dice uno de ellos, “Dios no cree en nosotros”, me ha tocado. (2002 Armentia, Javier: «Los Lunes Al Sol». Por La Boca Muere El Pez (ESPAÑA))

[Me descubro diante de “Los lunes al sol”, de Fernando Leín de Aranoa. Saí do cinema faz pouco tempo e ainda estou um pouco em choque. Fiquei com medo, após o fiasco de “Señales”, que meu lado sensível teria sido extinto, mas hoje comprovei que não. Não é que eu tenha chorado, mas quase. A verdade é que o drama humano, a tensão de uns personagens que pouco tem para seguir em frente, talvez porque, como diz um deles “Deus não acredita em nós”, me tocou.]

Em (16), houve a elipse da perífrase verbal *me haya echado a llorar*. No entanto, a elipse não muda a nossa análise de que se trata de um Sintagma Adverbial (*casi*). Hengeveld e Mackenzie (2021) tratam esses casos como *gapping*, um tipo de elipse que se volta para o verbo. Os elementos coordenados por *pero* são, portanto, *no es que me haya echado a llorar* e *casi*. Embora morfossintaticamente diferentes da ocorrência anterior, no Nível Interpessoal continuam sendo dois Atos Discursivos (A_i e A_j), conforme também observam Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019) para o português, pois são unidades de sentido que apresentam Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado e Ilocução.

Observa-se, assim, um único Movimento composto por dois Atos Discursivos em uma relação desigual. O primeiro Ato *no es que me haya echado a llorar* é Subsidiário e apresenta a função retórica Concessão (Conc), enquanto o segundo Ato, *casi*, é o Ato Nuclear, aquele que, informacionalmente, é o que falante considera mais relevante, conforme representado a seguir:

(16a) $(M_i: [(A_i: -no\ es\ que\ me\ haya\ echado\ a\ llorar- (A_i))_{\text{Conc}} (A_j: -casi- (A_j))]] (M_i)$

No Nível Representacional, a relação se estabelece, assim como ocorre em (17), entre dois Conteúdos Proposicionais, já que se tratam de construtos mentais que não apresentam localização no tempo e no espaço, conforme representado em (18b):

- (16b) NR: (p_i: – no es que me haya echado a llorar – (p_i)) (p_j: – casi– (p_j))

No Nível Morfossintático, o primeiro elemento, *no es que me haya echado a llorar*, configura uma Oração (Cl) e o segundo, *casi*, um Sintagma Adverbial composto por um único Advérbio (*Adverbial word*), sendo coordenados por meio da Palavra Gramatical *pero*, conforme se observa na representação a seguir:

- (16c) NM: (Cl: –no es que me haya echado a llorar– (Cl)) (Gwi: /'pero/ (Gwi)) (Advwi: –casi– (Advwi))

No Nível Morfossintático observam-se ainda outros tipos de Sintagmas,¹⁰ que não os Adverbiais, tais como os Adjetivais, ou seja, aqueles cujos núcleos são constituídos por adjetivos, como se observa em (17) a seguir:

- (17) Si tiene algún hilo conductor, es la búsqueda del fotógrafo de sus recuerdos de la movida, y su intento de reflejar las vidas marginales de la gente de Malasaña; en ese sentido, el fotógrafo se convierte en un reflejo del propio novelista. Es una novela dura, desgradable a veces, **pero muy interesante**. (2002 Merelo, Juan Julián: «Lecturas veraniegas». Atalaya: desde la tela de araña, ESPAÑA)

[Se tem um fio condutor, é a busca do fotógrafo por suas memórias da cena e sua tentativa de refletir as vidas marginais do povo de Malasaña; nesse sentido, o fotógrafo passa a ser um reflexo do próprio romancista. É um romance difícil, desagradável às vezes, mas muito interessante]

Na ocorrência (17), nota-se que o primeiro elemento é constituído pela Oração *Es una novela dura, desgradable a veces*, reconhecida

¹⁰ Para as combinações possíveis de Sintagmas no português, cf. Galvão Passetti (2021).

tradicionalmente como predicado nominal, e o segundo, pelo Sintagma Adjetival *muy interesante*, cujo núcleo é o adjetivo *interesante*. Não é difícil observar que o objetivo do Falante aqui é contrapor as características da história: difícil, desagradável, mas interessante, com maior peso comunicativo para a segunda, *interesante*, o que lhe permite indicá-la ou continuar falante sobre.

Vale a pena comentar ainda uma ocorrência em que os dois elementos combinados, diferentemente dos anteriores, são Sintagmas. Vejamos:

- (18) Cine de autor, sin fisuras ni cargantes segundas lecturas. al pan, pan y al vino, vino. Tal y como debe ser. Directo al grano, como una patada al estómago. Doloroso **pero necesario**. (2004 Spaulding: «El Expreso de Medianoche». Spaulding's Blog (ESPAÑA)
[Cinema de autor, sem fissuras ou segundas leituras penosas. Ao pão, pão, e ao vinho, vinho. Como deveria ser. Direto ao ponto, como um chute no estômago. Doloroso, mas necessário.]

Em (18), os dois elementos unidos por *pero* constituem Sintagmas Adjetivais, constituídos, cada qual, por um único Adjetivo. Nesse caso, o falante contrasta as qualidades *doloroso* e *necessário*, com maior peso comunicativo para o segundo.

Nota-se, então, que o juntor *pero* pude unir dois Atos Discursivos de estatutos diferentes, em que o primeiro é Subsidiário e apresenta a função retórica Concessão (Conc) e o segundo, Nuclear. Isso quer dizer que o elemento introduzido pelo juntor *pero*, ou seja, o segundo elemento é, para o falante, a informação mais importante, sendo, portanto, o elemento que guia a comunicação em termos argumentativos. No Nível Representacional, cada Ato a um Conteúdo Proposicional, camada que se refere aos construtos mentais dos falantes. Esses elementos podem corresponder a diferentes configurações morfossintáticas, Orações ou Sintagmas, coordenados pela Palavra Gramatical *pero*.

Os dados mostram também que em contextos digitais *pero* pode ser encontrado de outra maneira, em que não une dois Atos Discursivos, mas sim relaciona porções textuais que se voltam para a interação, como em:

(19) Feliz año, **pero...** *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* (2002 «El monstruo de Aramberri». El Paleofreak (ESPAÑA))

[Feliz ano novo, mas... o que é um simples ano na imensidão do tempo profundo?]

Em (19), *pero* introduz uma pergunta que conduz e impulsiona a comunicação. Refere-se a uma unidade que apresenta Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado e Ilocução interrogativa, o que já lhe dá o estatuto de Ato Discursivo, mas que, nesse caso, configura uma atuação do falante na interação, a fim de guiá-la, o que caracteriza, na Gramática Discursivo-Funcional, um Movimento.

Ao acrescentar uma pergunta em “*pero... ¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?*”, o autor lança a pergunta para uma reflexão entre ele e o leitor do *blog*, após desejar o “Feliz ano novo”. Como se observa, trata-se de um lance que se estabelece no âmbito interacional, já que a intenção do falante/autor é levar seus leitores a uma reflexão sobre o tempo podendo, até mesmo, gerar algum tipo de interação no meio digital, por meio de comentários da postagem, por exemplo.

A unidade introduzida por *pero* ocorre em um único turno e representa uma tentativa do falante de simular uma conversa com o leitor, o que dá ao *blog* um caráter intimista e aproxima o falante (escrevente) do ouvinte (leitor). Como se observa, esse tipo de estrutura abre a possibilidade de uma reação por parte do ouvinte e impulsiona o discurso, o que comprova seu estatuto de Movimento, definido como uma “contribuição autônoma para uma interação em andamento” (HENGELD; MACKENZIE, 2008, p. 50).¹¹

Os Movimentos, como mencionado anteriormente, podem ser formados por um único ou por mais Atos Discursivos. No caso de (19), o Movimento *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* é constituído por um único Ato com Ilocução interrogativa, como representado em (19a):

(19a) (M_i; [(A_i; – qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo – (A_i))])

¹¹ “[...] an autonomous contribution to an ongoing interaction.”

Observa-se que este Movimento é inserido no contexto digital para prefaciar um novo assunto, para impulsionar uma conversa, o que, na Gramática Discursivo-Funcional, caracteriza *pero* como um *push marker* (“marcador push”), ou seja, um operador que tem por função introduzir uma digressão que pode chegar a suspender um Movimento anterior a fim de inserir um novo tópico ou assunto. O falante utiliza *pero*, dessa maneira, para acrescentar uma pergunta e impulsionar a interação.

A pergunta *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* retrata um questionamento do falante sobre um ano, tempo absoluto, em um tempo relativo, o que configura, na GDF, Estados-de-Coisas (e) e Episódio respectivamente. Cada Estado-de-Coisas faz parte de um único Episódio (ep), que, portanto, faz parte da constituição de um Conteúdo Proposicional (p), como mostra a representação a seguir em (19b):

- (19b) NR: (pi: (ti: – *qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo* – (ti))

No Nível Morfossintático, essa unidade configura uma Oração (Cl) que compõe, sozinha, uma única Expressão Linguística, como mostra (19c):

- (19c) (Le_i: [(Gw *pero* (Gw) (Cl_i: – *qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo* (Cl_i)] (Le))

Nessa perspectiva, o uso de *pero* em contextos digitais é uma estratégia argumentativa, pois as escolhas do falante (autor) são feitas para atingir seus propósitos comunicativos e argumentativos. Desta maneira, a interação com o uso de *pero* não é escolhida apenas para contrapor uma ideia, mas para influenciar o leitor a acreditar no ponto de vista do falante. Além disso, embora seja um meio escrito, aproxima-se da modalidade informal da língua, que é um modo de interação que visa influenciar o outro, por se aproximar do interlocutor.

Observam-se ainda, nos dados, usos de *pero* que fogem muito ao que vimos até agora. Nesse caso, *pero* apresenta um papel enfático, conforme representa a ocorrência a seguir.

(20) “Yo he dado el pecho en exclusiva, hasta que mi hijo empezó a comer sólido, y después continúe dándoselo, en la calle, en casa, en sitios públicos, en casas de amigos, sin vergüenzas ni tapujos. Y he sido muy, **pero que muy criticada** por ello. Las críticas empezaron en el hospital donde me negué a que se llevaran a mi hijo al nido para darle un biberón porque lloraba. Las primeras en criticarme fueron las enfermeras. Curioso, ¿no?. Después críticas de familia, amigos, vecinos...” (Belén: «Colecho, lactancia, ¿es una batalla?, ¿qué nos pasa?». *Mamá sin complejos* (ESPAÑA)).

[Amamentei meu filho exclusivamente no peito, até que ele começou a comer comida sólida, e depois continuei amamentando, na rua, em casa, em lugares públicos, em casa de amigos, sem vergonha nem disfarce. E tenho sido muito, mas muito criticada por isso. As críticas começaram no hospital onde me recusei a levar meu filho ao berço para dar mamadeira porque ele chorava. As primeiras a me criticarem foram as enfermeiras. Curioso né? Depois críticas de família, amigos, vizinhos...]

Em (20), a autora quer expressar o quanto foi criticada, mas julga que o leitor pode não ter dimensão de tamanha crítica que recebeu e, por isso, enfatiza o quanto criticada foi por meio de *pero*. Note que, nesse caso, *pero* não poderia ser substituído por conjunções que marcam adversidade, como *sin embargo*, por exemplo, o que comprova não se tratar de um de caso de contraposição.

Para Pezatti e Garcia (inédito), essa estratégia de ênfase é possível também em português com o uso de *mas*. Para as autoras, nesse caso, *pero* assinala intensificação de um Ato Discursivo, funcionando como marcador de Ênfase.

Dessa forma, o Ato Discursivo *que muy criticada* é composto por um intensificador *muy* e por um Subato Atributivo *criticada*, que contém dois operadores de Ênfase: *pero* e *que*, que escopam todo o Ato Discursivo.

A análise mostra, em resumo, que *pero* pode atuar como marcador de função retórica Concessão, quando coordena elementos oracionais ou não oracionais, os quais configuram Atos Discursivos, ou como operador de Movimento, quando se volta para o monitoramento da interação. Os resultados revelam também que *pero* atua como marcador de Ênfase, quando opera sobre Atos Discursivos.

5 Considerações finais

Neste trabalho analisamos os usos e papéis de *pero* em contextos digitais do espanhol à luz do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, representada basicamente por Hengeveld e Mackenzie (2008) e por Keizer (2015). Essa perspectiva considera como unidade de básica de análise o Ato Discursivo e apresenta um viés translingüístico, ou seja, seus princípios devem ser aplicáveis a toda língua natural.

Embora, nas gramáticas de referência do espanhol, *pero* seja uma conjunção coordenativa adversativa que estabelece uma oposição entre dois elementos opostos, *pero* é, segundo a perspectiva da GDF, um marcador da função retórica Concessão. Essa função é, para o modelo, relacional, quer dizer, relaciona duas unidades que constituem, cada qual, Atos Discursivos de estatuto desigual. O primeiro Ato é Subsidiário e o segundo, Nuclear. Ao primeiro é atribuída a função de Concessão (Conc), ou seja, é nele que o falante *concede* uma informação, para, em seguida, no Nuclear, apresentar um conteúdo que considera comunicativamente mais relevante. Essa diferença de estatuto é atribuída pelo próprio falante, já que ele organiza o Conteúdo de cada Ato Discursivo da maneira como melhor lhe convém, ou seja, como acha que é mais apropriado para atingir seus propósitos comunicativos. Ao segundo Ato, ou seja, ao Nuclear, o falante reserva o que julga mais importante, mais relevante do ponto de vista da interação, do ponto de vista argumentativo.

Esses casos foram confirmados no universo digital estudado, mostrando que o falante, nesse contexto, também tem a pretensão de atingir seus propósitos comunicativos e convencer seus possíveis leitores/ouvintes.

Pudemos constatar que cada Ato Discursivo constitui, no Nível Representacional, um Conteúdo Proposicional, camada mais alta desse nível. No processo de codificação, no Nível Morfossintático, podem configurar Orações ou elementos não oracionais, tais como Sintagmas, os quais apresentam uma relação de independência morfossintática, o que caracteriza o processo da coordenação. Vimos que é frequente a combinação de Oração e Sintagmas, mas pode ocorrer também a combinação apenas de Sintagmas.

Verificamos também que *pero* pode prefaciar um lance, em outras palavras, um Movimento, camada mais alta do Nível Interpessoal. Nesse caso, o falante tem a intenção de guiar interacionalmente o ouvinte por meio de unidades que podem ir além de um único Ato Discursivo,

unidades maiores de texto, que podem ter Illocução declarativa ou interrogativa. Nesse caso, *pero* caracteriza-se como um marcador do tipo *push*, que possibilita maior proximidade do falante (blogueiro) com seu ouvinte (leitor).

Há, por último, casos em que *pero* prefacia Atos Discursivos com a finalidade de ressaltar o seu conteúdo. Nesse caso, *pero* é um operador de ênfase, uma categoria muito importante da Gramática Discursivo-Funcional, uma estratégia utilizada pelo Falante para intensificar um Ato Discursivo ou um Subato.

A análise revela, portanto, que, em meios digitais do espanhol, *pero* é bastante utilizado como estratégia argumentativa, interacional ou enfática. Em todos os casos, trata-se de um uso interpessoal, que se dá no Nível Interpessoal e encontra sua contraparte nos demais níveis propostos pelo modelo adotado, o da Gramática Discursivo-Funcional.

Declaração de autoria

Este artigo foi desenvolvido por ambas as autoras colaborativamente. Especificamente, a autora Carolina da Costa Pedro realizou a primeira versão da análise dos dados e escreveu os principais pontos do referencial teórico. A autora Talita Storti Garcia concluiu a análise e escreveu parte do referencial teórico. As duas autoras realizaram a redação e a revisão final do texto.

Referências

ACÍN VILLA, E. Sobre *pero* enfático. *Cuadernos de Investigación Filológica*, Universidad de la Rioja, v. XIX-XX, p. 219-233, 1993-1994. DOI: <https://doi.org/10.18172/cif.2343>.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2000.

GALVÃO PASSETTI, G. H. Coordenação de constituintes não oracionais por meio de *mas* nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste. 2021. 245f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Vox, 2002.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*: a typologically-based theory of language structure. Oxford: University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Interfaces, mismatches, and the architecture of Functional Discourse Grammar. In: CONTRERAS GARCÍA, L.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). *Interfaces in Functional Discourse Grammar*: Theory and applications. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2021. p. 15-57. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110711592-002>

HERNANDÉZ ALONSO, C. *Gramática funcional del español*. Madrid: Fredos, 1984.

KEIZER, E. *A functional Discourse Grammar for English*. Oxford: University Press, 2015.

MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003. p. 229-259.

MONTOLÍO, E. *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel, 2001.

PEDRO, C. C. As orações com ‘pero’ no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2020. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

PEZATTI, E. G.; GARCIA, T. S. Ênfase assinalada por “mas” na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. (no prelo.)

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com *mas*: substituição e acréscimo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i1.8653710>.

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Granada: Universidad de Granada, 2014. Disponível em: <http://preseea.linguis.net>. Acesso em: 29 dez. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: morfología y sintaxis*. Madrid: Espasa, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [en línea]. *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 03 dez. 2021.



Quality of argumentation in political tweets: what is and how to measure it

Qualidade da argumentação em tweets de política: o que e como avaliar

Cássio Faria da Silva

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brazil

cassiofs@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9420-8608>

Amanda Pontes Rassi

Redação Nota 1000 Ltda., São Paulo, São Paulo / Brazil

amanda@redacaonota1000.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-5314-1868>

Jackson Wilke da Cruz Souza

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Varginha, Minas Gerais / Brazil

jackson.souza@unifal-mg.edu.br

<http://orcid.org/0000-0003-1881-6780>

Renata Ramisch

Redação Nota 1000 Ltda., São Paulo, São Paulo / Brazil

renata.ramisch@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3372-6150>

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brazil

rogerantunes@pm.me

<http://orcid.org/0000-0002-4735-3941>

Helena de Medeiros Caseli

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brazil

helenacaseli@ufscar.br

<http://orcid.org/0000-0003-3996-8599>

eISSN: 2237-2083

DOI: 10.17851/2237-2083.29.4.2537-2586

Abstract: Argumentation is something inherent to human beings and essential to written and spoken communication. Because of the popularization of Internet access, social media are one of the main means of creation and profusion of argumentative texts in various fields, such as politics. As a way to contribute to research related to the assessment of the quality of argumentation in Portuguese, we aim in this paper to propose and validate criteria and guidelines for the assessment of the quality of argumentation in Twitter posts in the domain of politics. For this purpose, a *corpus* was produced and annotated with tweets whose content is related to the Brazilian political scenario. The texts were collected in the first months of 2021, resulting in 1,649,674 posts. From the analysis of a sample, we defined linguistic criteria that would potentially characterize relevant aspects of the rhetorical dimension of argumentation, namely: (i) Clarity, (ii) Arrangement, (iii) Credibility, and (iv) Emotional appeal. After this phase of analysis, we proposed the annotation of a new set of 400 tweets, by four annotators. As a result, an agreement of around 70% for three out of four annotators was obtained. It is worth noting that this is the first work that proposes linguistic criteria for the evaluation of the quality of argumentation in social medias for Brazilian Portuguese. It is intended to construct a computer model that can automatically evaluate the quality of argumentation in social media messages, such as Twitter, based on the establishment of linguistic criteria, annotation rules, and annotated corpus.

Keywords: argumentation; *corpus*; quality; rhetorical dimension; tweets; politics.

Resumo: A argumentação é algo inerente ao ser humano e essencial para a comunicação escrita e falada. Por conta da popularização do acesso à Internet, as redes sociais são um dos principais meios de criação e profusão de textos argumentativos de vários domínios, como a política. Como forma de contribuir com as pesquisas relacionadas à avaliação da qualidade da argumentação em português, este trabalho tem como objetivo propor e validar critérios e diretrizes para a avaliação da qualidade da argumentação em postagens no Twitter no domínio da política. Para tanto, produziu-se um *corpus* anotado com *tweets* cujo conteúdo relaciona-se ao cenário político brasileiro. Os textos foram coletados nos primeiros meses de 2021, resultando em 1.649.674 postagens. A partir da análise de uma amostra, foram definidos critérios linguísticos que potencialmente caracterizariam aspectos relevantes da dimensão retórica da argumentação, a saber: (i) Clareza, (ii) Organização, (iii) Credibilidade e (iv) Apelo emocional. Após essa fase de análise, propôs-se a anotação de um novo conjunto de 400 *tweets*, por quatro anotadores. Como resultado, obteve-se uma concordância de cerca de 70% entre 3 dos 4 anotadores. Vale ressaltar que esse é o primeiro trabalho que propõe critérios linguísticos para a avaliação da qualidade da argumentação em redes sociais para o português brasileiro. A partir da definição dos critérios linguísticos, diretrizes de anotação e *corpus* anotado, espera-se construir um modelo computacional que possa avaliar automaticamente a qualidade da argumentação em textos de redes sociais, como o Twitter.

Palavras-chave: argumentação; *corpus*; qualidade; dimensão retórica; *tweets*; política.

Submitted on March 30th, 2021

Accepted on May 24th, 2021

1 Introduction

Argumentation is inherent to human beings and is present in all types of oral and written communication. As a research area, argumentation is a multidisciplinary field that studies debate and reasoning processes. An argument is a claim (or conclusion) accompanied by a random number of premises that justify, substantiate, support, defend, or explain the claim (POTTHAST *et al.*, 2019). Well-founded arguments are not only important for decision making and learning, but also play a key role in reaching widely accepted conclusions. For Eemeren and Grootendorst (2003), argumentation consists of one or more sentences in which several premises are presented to support a conclusion. The sentences that are part of the argumentation constitute a complete expression that aims to convince an interlocutor.

As a research field, works in Linguistics focus on the analysis of arguments in natural language texts (STAB; GUREVYCH, 2017a). In Artificial Intelligence, the identification of arguments and the automatic evaluation of argumentation are investigated (BENCH-CAPON; DUNNE, 2007) by combining representational models and user-related cognitive models, and computational models for automated reasoning.

Through Natural Language Processing (NLP), investigations have been carried out in order to (i) identify arguments and their units, (ii) generate and (iii) evaluate the quality of arguments for both formal texts and User Generated Content, especially from social media. Computational argumentation-related tasks such as mining, generation, identification of arguments and their evaluation prove to be relevant in activities such as writing support and discussion assistance (GARCÍA-GORROSTIETA; LÓPEZ-LÓPEZ, 2018; GARCÍA-GORROSTIETA *et al.*, 2018; STAB; GUREVYCH, 2017b). Most of the current works focus on argument mining and handling formal texts in English.

However, a significant source of data for many of the disciplines interested in argumentation-related studies is the Web, and particularly social media. Social media, discussion forums, online news, and product reviews provide a heterogeneous and expanding source of information, in which user-generated arguments can be identified, isolated, and analyzed.

The availability of this data, combined with advances in NLP and Machine Learning, has created a promising scenario for the emergence of a lot of research on argumentation (or argument) mining.

According to some evidence (LYTOS *et al.*, 2019), the Internet and social media are the most important means of communication today, and as a result, they are the source of a large volume of argumentative texts across a wide range of subjects. In particular, social media, being communication spaces in which users produce their texts conditioned to certain linguistic, structural, and style standards given by the community's own communicative behavior, can be understood not as a text holder, but as Writing Genre (WG) (FREITAS; BARTH, 2015).

From this perspective, the standards that are established adapt the very concept of argumentation in a WG like Twitter, for representing the linguistic materialization of a communicative necessity of language users in a given situation and given historical context (MARCUSCHI, 2002), as shown in (1).¹

- (1) @CarlaZambelli38 @jairbolsonaro **Kkk gasosa a 5,09 reais e tu pede p ter confiança ainda. Deputada**, 2 anos e nada mudou, o BANDO domina e o mito ou melhor, o MINTO JA SE RENDEU AO SISTEMA P PROTEJER O FILHOTE LADRÃOZINHO, QTO AOS GALS IMPRESTÁVEIS CAGAM E ANDAM P POVO, O FORO SAO PAULO VENCEU E NÓS SIFU.....

[@CarlaZambelli38 @jairbolsonaro **lol gas 5.09 reais and u still ask 4 your trust . Deputy**,2 yrs n' nothing changed, the GANG dominates everything and the myth, or better saying, the DISHONESTY ITSELF GOT SURRENDERED BY THE SYSTEM TO PROTECT HIS LITTLE THIEF BOY,AS 4 THE WORTHLESS GALS WHICH ARE **GIVIN' A SHIT 2 THE NATION**,THE FORO OF SAO PAULO WON AND **WE'RE SCREWED.....**]

¹ All examples in this paper are presented first in the original language (Brazilian Portuguese), then in English. The English version was produced trying to preserve as much as possible the original linguistic, semantic and emotional features present in the original message.

In (1), we identify (i) orality marks that emerge on the textual surface in “kkk (lol)” and “nós sifu”,² (ii) informality in constructions like “tu pede”³ and “cagam e andam”,⁴ indicating that there is no concern in using the standard polite modality of the language, which includes typical abbreviations of internetese (“p” indicating “para”),⁵ (iii) enunciative instantaneousness both in the emergence of the subject and in the way of reference to it (“gasosa a 5,09 reais”)⁶ and (iv) interlocutionary acts, since there are strategies of interpellation and/or argumentation of the author of the post about the reader, as in direct references to the interlocutor through “tu (you)” and “Deputada (Deputy)”. Like the WG itself, the notion of argumentation is adapted to the communicative needs of language users, being understood as the clear expression of a position or opinion about a given subject in any and all Twitter posts.

Other aspects concerning the texts published on Twitter are related to the specificities that this social media implies about the texts. The possibility of publications being linked to each other, especially replies, makes the text manifest some linguistic characteristics of its own. Authors can retrieve the main subjects and the people related to them using deictics (e.g. demonstrative pronouns), manifest the presence of knowledge or information without citing the source and use argumentative strategies in syntactic constructions not always equivalent to the formal analysis of the language (such as adverbial clauses of conformity).

In this sense, it is worth questioning if the argumentative strategies in Twitter posts show quality, in terms of clarity, arrangement and credibility, since they often count on the use of a negative emotional appeal, especially in matters of political domain. Later on we will explain in detail what we consider to be a domain of politics but briefly we consider belonging to a political domain the posts of Brazilian congressmen from different parties, that is, political-party agents occupying elective mandates in the Federal Chamber, as well as replies of the followers to the politician’s post.

With regard to argument evaluation, since Toulmin’s (2003) argument schema, studies have been conducted to simplify the

² “we’re screwed”.

³ “u ask”.

⁴ “givin’ a shit”.

⁵ “for”.

⁶ “lol gas 5.09 reais”.

understanding of the structure and determine the importance of argumentative text elements. Recently, Wachsmuth *et al.* (2017b) proposed a taxonomy consisting of three dimensions to rate the quality of argumentation regarding some aspects. However, since then, few studies have been dedicated to apply it, much less in WGs whose texts show unstructured contents which are far from the standard linguistic norm and from the conventional notion of argumentation itself.

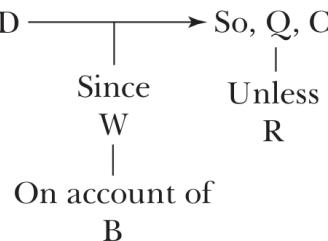
In order to contribute to the studies of argumentation in interface with interaction in digital media, this paper aims to review the taxonomy of Wachsmuth *et al.* (2017b) and adapt it to a WG with features such as those of Twitter. Furthermore, based on the linguistic analysis of the results that will be discussed in this work, we will be able to contribute in future works with the automatic assessment of the quality of the argument in Twitter posts in the field of Brazilian politics.

For this purpose, this article was organized in five sections, besides this introduction. In section 2, we present the works related to this research as a theoretical foundation. In section 3 we present the taxonomy proposed by Wachsmuth *et al.* (2017b), on which we base ourselves in the present paper. In section 4, we describe the corpus for analysis, characterized by being Twitter posts. In section 5 we describe the posting annotation guidelines, as well as presenting the disagreements between the annotators. Finally, in section 6, we make some final considerations, in addition to pointing out future works.

2 Theoretical Foundation

Toulmin's Argument Model (2003) proposes a set of elements that constitute an argument and the links established among them. The data (D), the conclusion (C), and the warrant (W) are the three basic elements that make up an argument. In other words, if a warrant (W) is obtained from data (D), it is possible to conclude C. In addition to the fundamental elements, it is possible to specify the conditions under which the justification provided is valid or not by using qualifiers (Q). It is also possible to present a refutation (R) of the justification. The backing (B) is a claim (guarantee) based on some verified valid information that is intended to support and substantiate the justification. Figure 1 illustrates each of these elements that compose an argument, as well as the correlations between them, represented by the arrows.

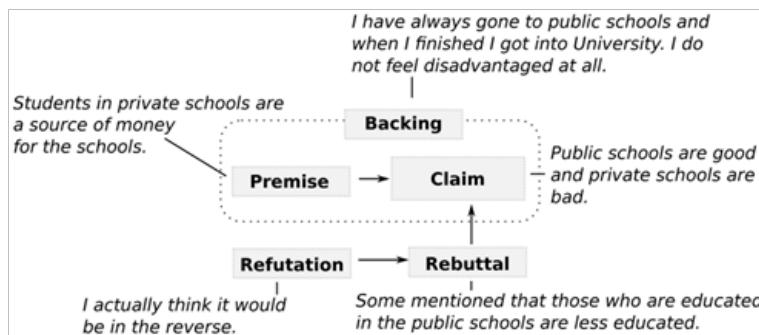
FIGURE 1 – Toulmin’s Argument Model (2003)



Source: Toulmin (2003, p. 97).

Habernal and Gurevych (2017) proposed a modified model, based on Toulmin’s (2003) argument model, in order to annotate a *corpus* of arguments extracted from online discussion forums. Figure 2 illustrates the modified model used for the annotation of arguments with an example instantiated from a single discussion forum post on the topic “public vs. private schools”. The arrows are used to illustrate the relationships between the elements of the argument (HABERNAL; GUREVYCH, 2017).

FIGURE 2 – Example of annotation using Toulmin’s modified model



Source: Habernal and Gurevych (2017, p. 144).

Evaluating the validity, quality, and strength of arguments represents a challenge inherent to argumentative discourse. It is worth noting that there are strong theoretical foundations and various normative theories to support the task, such as: (i) the mentioned argumentative model of Toulmin (2003); (ii) Walton’s schemes and their critical issues

(WALTON; WALTON, 1989); (iii) the ideal model of critical argument in the pragma-dialectical approach, in which fallacies are considered incorrect moves in a discussion whose goal is the successful resolution of a dispute (EEMEREN; GROOTENDORST, 1987); and (iv) the study of fallacies (BOUDRY *et al.*, 2015). However, judging qualitative criteria of everyday argumentation still represents a challenge for argumentation scholars and practitioners (ROSENFELD; KRAUS, 2015; SWANSON *et al.*, 2015; WELTZER-WARD *et al.*, 2009).

2.1 Evaluating the Quality of Argumentation

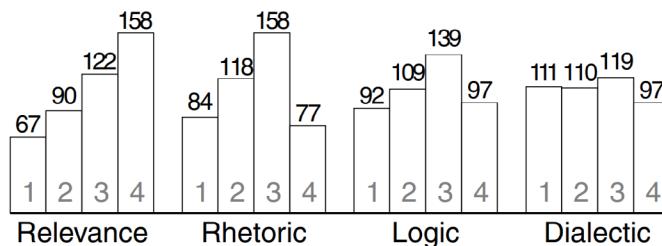
The already proposed methods and techniques for assessing the quality of arguments do not settle on which criteria should be considered nor on whether quality should be assessed from a theoretical or practical point of view. Wachsmuth *et al.* (2017a) aim to elucidate, by searching for empirical answers, the question of how different theoretical and practical views of argument quality are. In that work, Wachsmuth *et al.* demonstrate that argumentation quality can be observed from practical and theoretical aspects. From the theoretical perspective, conviction is understood as the main logical quality, and the authors support the fact that theory-based assessment of argumentation quality remains complex. They also point out that practical approaches indicate on what to focus to simplify theory, while theory seems beneficial in guiding the evaluation of quality in practice.

In the same direction, other studies seek to rate the relevance of arguments, in which argumentative sentences are identified and the importance of their arguments is assessed. Potthast *et al.* (2019) assessed the degree of relevance of a set of arguments. In addition, the relevance and the rhetorical, logical, and dialectical quality of the arguments were evaluated. The args.me *corpus*,⁷ built by Wachsmuth *et al.* (2017c), was used for the task. Forty annotators evaluated the relevance of each of the 437 arguments related to 40 selected topics, in addition to their rhetorical, logical, and dialectical quality. From the 437 annotated arguments, 208 were marked in favor and 195 opposed, in addition to 34 that were annotated as non-argumentative by the annotators. The relevance ratings, in addition to the three dimensions, are displayed in Figure 3, where

⁷ Available in: www.args.me

the distribution of the scores (from 1 to 4) can be seen. The relevance scores indicate that many highly relevant arguments (scored as 4) were retrieved from the adopted *corpus* and that the annotation of the dialectical dimension is controversial or the guidelines were unclear since the ratings were uniform. Other works also sought evaluation under the relevance aspect of argumentative texts (GLEIZE *et al.*, 2019; WACHSMUTH *et al.*, 2017d).

FIGURE 3 – Score distributions by relevance and quality dimensions



Source: Potthast *et al.* (2019, p. 1120).

On the other hand, Habernal and Gurevych (2016) suggest that the evaluation of argument quality should be done by comparing arguments. Other works report assessments of the quality of individual arguments with satisfactory results (PERSING; NG, 2015; WACHSMUTH *et al.*, 2017b).

More recent works have used a structured taxonomy aiming the assessment of individual aspects based on the characteristics of the argument structure, such as the emotional appeal employed, the arrangement of the sentence, and the credibility of the message author (LAUSCHER *et al.*, 2020; WACHSMUTH *et al.*, 2017b; WACHSMUTH; WERNER, 2020).

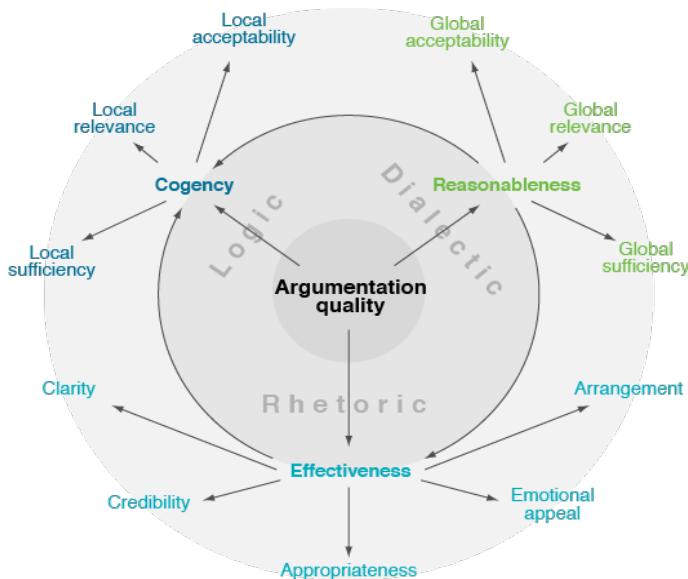
Works in the literature have investigated the quality of arguments in various domains; however, none have specifically addressed user-generated content, on social media, in the domain of politics in Brazilian Portuguese (BP). Other approaches address the task of assessing argumentation quality in messages from discussion forums and debate portals (WEI *et al.*, 2016; HABERNAL; GUREVYCH, 2016) and student writings (STAB; GUREVYCH, 2017b; CARLILE *et al.*, 2018; WACHSMUTH *et al.*, 2016), which, in our view, are less challenging

than tweets in the domain of Brazilian politics today, primarily because tweets have a very limited amount of characters, which makes it more difficult to use linguistic argumentation strategies and secondly because politics have become even more polarized and aggressive recently in Brazil, constantly using uncivil and intolerant discourse (ROSSINI, 2019, 2020). As an attempt to cover such a gap, this paper describes the construction of a *corpus* composed by tweets related to the Brazilian political scenario, as well as the definition of criteria and guidelines regarding the evaluation of the rhetorical quality of arguments present in this *corpus*.

2.2 Taxonomy of Wachsmuth *et al.* (2017b)

Wachsmuth *et al.* (2017b) conducted a research on the quality of arguments considering both argumentation theory and argument mining perspectives. Based on this study, the Argument Quality Taxonomy was proposed, whose dimensions are used to define “quality”. Figure 4 illustrates this taxonomy, with all its dimensions.

FIGURE 4 – Argumentation Quality Taxonomy



Source: Wachsmuth *et al.* (2017b, p. 181).

According to this taxonomy, the quality of argumentation can be divided into the logical, rhetorical and dialectical dimensions (BLAIR, 2012), described below.

The **logical dimension** refers to the structure and composition of an argument. An argument of high logical quality is based on acceptable premises and combines them in a convincing way to support the claim of the argument. It is related to the logical irrefutability of the argument.

The **rhetorical dimension**, in contrast, includes notions of persuasive effectiveness, correct language, accuracy, and style. An argument of high rhetorical quality is well-written and attractive to the audience and is related to the rhetorical effectiveness of the argument. An argument is rhetorically effective if it convinces the target audience of (or corroborates the agreement with) the author's position on the issue.

The **dialectical dimension** captures an argument's contribution to the discourse. An argument of high dialectical quality is useful for supporting cooperative decision making or for resolving conflict. The argument is reasonable if it contributes to the resolution of the issue in a sufficient manner that is acceptable to the target audience.

Wachsmuth *et al.* (2017b) tested the taxonomy in an annotation experiment, using data from the UKPConvArgRank⁸ *corpus* by Habernal and Gurevych (2016). The UKPConvArgRank *corpus*, developed for argument comparison, contains argument ratings from the debate portals createdebate.com and convinceme.net, both written in English. Each debate topic has two opinions: one for and one against the main topic. The final *corpus*, called Dagstuhl-15512-ArgQuality,⁹ developed from the UKPConvArgRank, contains 320 argumentative texts with scores assigned by three annotators for the 15 aspects of the taxonomy. In this annotation process, each text was first classified as argumentative or not. Then, for the argumentative texts, all aspects were assessed using scores from 1 (low), 2 (medium) to 3 (high), plus the option "I cannot judge".

In Figure 5, we can see the scores assigned by the three annotators (A, B and C) on two texts produced in response to the question "should plastic water bottles be banned?". The highest value in each column is

⁸ *Corpus* UKPConvArgRank available in: <https://github.com/UKPLab/acl2016-convincing-arguments>

⁹ *Corpus* Dagstuhl-15512-ArgQuality available in <http://arguana.com/>

marked in bold. The bottom row represents the majority vote of the three annotators.¹⁰

FIGURE 5 – Scores of each annotator and majority score for all quality dimensions

Arguments	Pro Water bottles, good or bad? Many people believe plastic water bottles to be good. But the truth is water bottles are polluting land and unnecessary. Plastic water bottles should only be used in emergency purposes only. The water in those plastic are only filtered tap water. In an emergency situation like Katrina no one had access to tap water. In a situation like this water bottles are good because it provides the people in need. Other than that water bottles should not be legal because it pollutes the land and big companies get 1000% of the profit.	Con Americans spend billions on bottled water every year. Banning their sale would greatly hurt an already struggling economy. In addition to the actual sale of water bottles, the plastics that they are made out of, and the advertising on both the bottles and packaging are also big business. In addition to this, compostable waters bottle are also coming onto the market, these can be used instead of plastics to eliminate that detriment. Moreover, bottled water not only has a cleaner safety record than municipal water, but it easier to trace when a potential health risk does occur. (http://www.friendsjournal.org/bottled-water) (http://www.cdc.gov/healthywater/drinking/bottled/)
Scores	Co LA LR LS Ef Cr Em Cl Ap Ar Re GA GR GS Ov	Co LA LR LS Ef Cr Em Cl Ap Ar Re GA GR GS Ov
Annotator A	3 3 3 2 3 3 3 3 3 3 3 3 3 2 3	3 3 3 3 3 3 2 3 3 3 3 3 3 3 3 3
Annotator B	2 2 3 2 1 2 2 2 2 1 2 2 2 1 2	2 3 3 2 2 3 2 3 3 2 3 3 2 2 2 3
Annotator C	2 3 3 2 2 2 2 3 3 3 3 3 3 3 2 3	3 3 3 3 3 2 1 3 3 3 3 3 3 3 3 3
Majority score	2 3 3 2 2 2 2 3 3 3 3 3 3 3 2 3	3 3 3 3 3 3 2 3 3 3 3 3 3 3 3 3

Source: Wachsmuth *et al.* (2017b, p. 184).

Table 1 shows the results of this annotation experiment for the 304 texts of the *corpus* classified as argumentative by all annotators: (a) Distribution of majority scores for each dimension; (b) Krippendorff's α used to measure the agreement among annotators; (c) Correlation for each pair of dimensions, calculated based on the average of the correlations of all annotators. The highest value in each column is highlighted in bold.

¹⁰ The Logic dimension measures Conviction (Co) and is composed of 3 aspects: Local Acceptability (LA), Local Relevance (LR) and Local Sufficiency (LS). The Rhetorical dimension measures Effectiveness (Ef) and is composed of 5 aspects: Credibility (Cr), Emotional appeal (Em), Clarity (Cl), Appropriateness (Ap) and Arrangement (Ar). Finally, the Dialectical dimension measures Reasonableness (Re) and is composed of 3 aspects: Global Acceptability (GA), Global Relevance (RG) and Global Sufficiency (GS).

TABLE 1 – Results for the 304 texts of the *corpus* classified as argumentative by all annotators

Quality Dimension	(a) Maj. Scores			(b) Agreement			(c) Pearson Correlation Coefficients													
	1	2	3	α	full	maj.	Co	LA	LR	LS	Ef	Cr	Em	Cl	Ap	Ar	Re	GA	GR	GS
Co Cogency	150	131	23	.44	40.1%	91.8%	.64	.61	.84	.81	.46	.27	.41	.32	.55	.78	.64	.71	.70	
LA Local acceptability	84	169	51	.46	27.0%	90.8%	.64	.51	.53	.60	.54	.30	.40	.54	.46	.68	.75	.46	.45	
LR Local relevance	25	155	124	.47	32.6%	92.4%	.61	.51	.56	.56	.39	.27	.46	.35	.50	.62	.58	.68	.45	
LS Local sufficiency	172	119	13	.44	37.2%	92.8%	.84	.53	.56	.73	.39	.25	.37	.23	.51	.67	.51	.68	.74	
Ef Effectiveness	184	111	9	.45	42.1%	94.4%	.81	.60	.56	.73	.48	.31	.35	.34	.54	.75	.58	.66	.71	
Cr Credibility	99	199	6	.37	37.8%	95.7%	.46	.54	.39	.39	.48	.37	.32	.49	.37	.52	.52	.36	.40	
Em Emotional appeal	48	235	21	.26	42.8%	94.4%	.27	.30	.27	.25	.31	.37	.14	.30	.20	.30	.26	.26	.22	
Cl Clarity	42	191	71	.35	29.3%	89.8%	.41	.40	.46	.37	.35	.32	.14	.45	.56	.44	.45	.38	.27	
Ap Appropriateness	43	196	65	.36	17.4%	87.5%	.32	.54	.35	.23	.34	.49	.30	.45	.48	.47	.59	.20	.20	
Ar Arrangement	91	189	24	.39	26.6%	93.4%	.55	.46	.50	.51	.54	.37	.20	.56	.48	.55	.51	.49	.48	
Re Reasonableness	126	159	19	.50	41.4%	95.7%	.78	.68	.62	.67	.75	.52	.30	.44	.47	.55	.78	.65	.61	
GA Global acceptability	88	161	55	.44	31.6%	95.4%	.64	.75	.58	.51	.58	.52	.26	.45	.59	.51	.78	.46	.43	
GR Global relevance	69	167	68	.42	21.7%	90.1%	.71	.46	.68	.68	.66	.36	.26	.38	.20	.49	.65	.46	.61	
GS Global sufficiency	231	72	1	.27	44.7%	98.0%	.70	.45	.45	.74	.71	.40	.22	.27	.20	.48	.61	.43	.61	
Ov Overall quality	152	128	24	.51	44.1%	94.4%	.84	.66	.61	.74	.81	.52	.30	.45	.42	.59	.86	.71	.70	.68

Source: Wachsmuth *et al.* (2017b, p. 183).

It is emphasized that the proposed taxonomy is intended to classify all aspects of argumentation quality, regardless of how they may be operationalized. Considering the variation in agreement values among annotators on some dimensions, it is understood that some of them are particularly subjective and challenging.

For the investigation of the applicability of Wachsmuth *et al.* (2017b) taxonomy to the evaluation of the quality of argumentation in Twitter posts in the domain of politics in BP, the rhetorical dimension was chosen. This decision was based on the fact that the rhetorical dimension presents evidence that computational implementation based on linguistic cues is possible. According to Wachsmuth *et al.* (2017b), the aspects that constitute the rhetorical dimension are related to the emotional appeal applied in the argumentation, ambiguity, imprecision, language style and the organization of the text structure. Therefore, it is understood that these characteristics can be, to some extent, identified through linguistic resources.

The rhetorical dimension, according to Wachsmuth *et al.* (2017b), has five aspects:

1. **Credibility (Cr)** – Credibility refers to how the author conveys his arguments and makes them credible. An appropriate style in terms of word choice supports credibility (WACHSMUTH *et al.*, 2017b). Also according to Wachsmuth *et al.* (2017b), aspects that can be considered to assess credibility are the honesty of the

author of the message, the politeness of the language used, or the author's knowledge and experience regarding the issues discussed.

2. **Emotional appeal (Em)** – Emotional appeal is considered successful in an argument if it creates emotions in a way that makes the target audience more open to the author's arguments.
3. **Clarity (Cl)** – Clarity refers to using language that is grammatically correct and largely unambiguous, and avoids unnecessary complexity and detour from the issue discussed. The language used should facilitate understanding and leave no doubt about the author's position and the way he or she defends that position.
4. **Adequacy (Ap)** – The adequacy of an argument refers to the language (form and content) used to support the creation of credibility and emotions, as well as the appropriateness to the issue discussed.
5. **Arrangement (Ar)** – An argumentation is considered adequately organized if it presents the question, the arguments, and the conclusion in the correct order.

It is important to note that the *corpus* of messages assessed in the study of Wachsmuth *et al.* (2017b) is composed of messages from online discussion forums, which are characterized by being longer messages, unlike the scenario of this work, in which the evaluation of user-generated content from Twitter is proposed, with a limit of no more than 280 characters.

In this work, we propose and validate criteria and guidelines for evaluating the quality of argumentation in tweets produced as replies for posts from Brazilian deputies in the field of politics collected from 06th February to 07th March 2021. This validation, in the future, will support a computational model to evaluate the rhetorical dimension defined by the taxonomy of Wachsmuth *et al.* (2017b).

3 Taxonomy of aspects of argumentative quality in political tweets

As a proposal for evaluating the quality of argumentation, we defined criteria for each of the four aspects of the rhetorical dimension of Wachsmuth *et al.* (2017b) taxonomy that proved most relevant for the

domain of politics in tweets, namely: Clarity, Arrangement, Credibility and Emotional appeal. The Adequacy was not considered in this work since it proved not to be relevant for quality argumentation in tweets, and also because the criteria pertaining to Adequacy are already covered by the other four aspects.

From an initial study on a set of 30 tweets from the domain of politics in BP, the team of four annotators proposed criteria based on linguistic cues for the aspects of the rhetorical dimension proposed by Wachsmuth *et al.* (2017b). Although the amount of tweets initially analyzed was small, it was possible to observe that some aspects are naturally present in the investigated WG in BP, while others need to be explicitly constructed.

When sharing information on this social media, users spread emotional triggers that reinforce beliefs or even prejudices, not drawing on the credibility of the content conveyed (WARDLE, 2019). While Twitter users considered unmoderated would use the term “Bozo”¹¹ to refer to the current president of Brazil, users considered moderated would tend to use less commotion to cover up opinions (FREEDOM HOUSE, 2019), which would lead to a possible author referring to the same entity as “the president of the Republic”.

Brady *et al.* (2017) point out that messages that feature moral-emotional language may be more widespread, especially in political groups that share similar ideologies. However, when faced with issues diverging from their own ideological perspectives, users adopt strategies of attacking political figures in an attempt to discredit them, making them personal enemies.

In this sense, it was assumed that Clarity is inherent to the text, while Arrangement and Credibility are not, and they must be built through explicit linguistic artifacts. As for Emotional appeal, the annotators agreed to analyze separately its polarity (positive or negative) and its intensity (low, medium, or high).

From this initial analysis, in cycles of daily 1-hour meetings over a period of two weeks, the annotators defined and refined criteria indicating the presence or absence of each criteria. The result of this analysis is presented in the following subsections.

¹¹ “Bozo” is a pejorative way to refer to the current Brazilian president Jair Bolsonaro.

3.1 Clarity

According to Wachsmuth *et al.* (2017b), an argument should be assessed as clear if it uses grammatically correct and largely unambiguous language, and avoids unnecessary complexity and deviation from the issue discussed. The language used should facilitate understanding and leave no doubt about the author's position and the way he or she defends that position.

For the evaluation of the Clarity aspect, it was considered that every argument written in Portuguese has the potential to be naturally clear, unless there are certain criteria that negatively interfere with clarity. In this way, every tweet starts from a high level of Clarity, which decreases as the presence of one or more criteria that harm the clarity of the argumentation is noted, namely: *question leading to doubt*, *unnecessary complex language*, presence of *Portuguese language deviations*, and *unnecessary deviation from the subject*.

The criterion called *question leading to doubt* harms the clarity of the argumentation because it does not make the author's true position on a given subject explicit, as, on the textual surface, the opinion is not in an affirmative declarative sentence, but an interrogative one. In (2), we see an example of several questions that do not clearly express an opinion and, therefore, lead to doubt, while (3) brings a counterexample, that is, a question that does not lead to doubt. In (4), there is an interrogative structure, even in the absence of the corresponding punctuation (in this case, the question mark).

- (2) @MarceloFreixo Quem usou os cargos públicos para roubar foi o PT, quase 1 trilhão de reais. **Aliás, como anda o Rio ? Bala perdida para todo lado ? Quais suas obras para tirar a cidade do buraco que está pelo narcotráfico ?** Décadas e nada de agregar ao Rio, você deveria mudar de ramo.

[@MarceloFreixo Who used the public offices to steal was the PT, almost 1 trillion reais. **By the way, how is Rio doing ? Bullets stray everywhere ? What are your works to get the city out of the hole it's in because of drug trafficking ?** Decades and nothing to add to Rio, you should change your business.]

- (3) MarceloFreixo Com certeza ele nunca agiu sozinho, isso está cheirando a balão de ensaio, já que o Bolsonaro não pode mais ficar se expondo, como ele sempre teve seus leões de chácara, o jogo dele não vai parar, agora, a questão, o filho e o próprio Bolsonaro cometaram crimes semelhantes, **e aí?**

[@MarceloFreixo For sure he never acted alone, this is reeking of a trial balloon, since Bolsonaro can't expose himself anymore, as he always had his bouncers, his game will not stop, now, the question, the son and Bolsonaro himself committed similar crimes, **so what?**]

- (4) @marcelvanhattem Ou o congresso volta a protagonismo de legislar Do contrário fechadas as portas e deixa o STF legislar investigar prender julgar condenar absorver até mesmo primeiro é segunda instância do judiciário **p/ que serve** se o STF anula todo um trabalho feito ao em vez de se somar divid

[@marcelvanhattem Either Congress returns to the leading role of lawmaking Otherwise the doors are closed and the STF is left to legislate investigate arrest try convict and even absorb the first and second instance of the judiciary **what good is it** if the STF nullifies all the work done instead of adding up, divid]

The use of *unnecessary complex language* was also identified as a criterion that negatively affects the clarity of the argument. Thus, the presence of a word that is too far-fetched and unusual or not appropriate for the context, or a very complex syntactic structure, with many dislocated and/or embedded clauses, which affects the understanding of the argument, can negatively interfere in clarity. In example (5), the reference to “inquéritos do fim do mundo”,¹² the use of the word “imbróglio (imbroglio)”, which, although used correctly, is very fanciful and unusual, and the metaphorical reference to “música que tocam para o PR”¹³ stand out as unnecessary complex language.

¹² “end-of-the-world surveys”

¹³ “the music they play for the PR”

- (5) @carlosjordy Os poderosos que movimentaram seus peões contra o deputado Daniel Silveira e todas as vítimas dos **inquéritos do fim do mundo**, fazem cara de paisagem, pedindo por mais reformas? Terão que primeiro resolver esse **imbróglio**. É essa música que tocam para o PR @jairbolsonaro ?

[@carlosjordy The powerful who have moved their pawns against Congressman Daniel Silveira and all the victims of **the end of the world inquiries**, look on with a straight face, asking for more reforms? They will have to solve this **imbroglio** first. **Is that the music they play for PR @jairbolsonaro ?**]

The criterion entitled *Portuguese language deviations* covers errors in various levels, such as spelling, syntax, punctuation, etc., that impair the reader's understanding of the argument. The good quality of the language, identified by the correct use of punctuation, syntax, spelling, etc., contributes positively to the clarity of the argument. Thus, the clarity of the argument is weakened by the presence of errors that hinder comprehension.

In example (4), we identified several deviations in the use of the language, such as lack of proper punctuation (commas, period and question mark), spelling mistakes ("deicha", "absorver", "divid"), accentuation problem ("é" instead of "e"), syntactic deviations in concordance or verbal regency (in "volta a protagonismo"), among others.

It should be noted, however, that some words are abbreviated on purpose by users, since Twitter has a restriction on the number of characters. This can be observed in the case of "p/", in example (4), which corresponds to "para". This type of strategy was not considered a deviation of the Portuguese language and, therefore, did not penalize clarity, since they are typical strategies of the WG under consideration.

Another aspect that undermines the clarity of the argumentation is the *unnecessary deviation from the subject*, because, in a clear post, it is expected that the author uses only arguments relevant to the topic under discussion. In this sense, a deviation from this issue should be penalized in relation to clarity. This criterion should be analyzed considering the issue of the seed tweet. In (2), for example, the main topic is the use of public offices to commit illegalities, but the author deviates from the subject several times to make personal attacks on the congressman who

wrote the seed tweet, as in “Aliás, como anda o Rio ? [...] Décadas e nada de agregar ao Rio, você deveria mudar de ramo”.¹⁴

From these four criteria, it was defined that the clarity of the argumentation is low when three or more of the criteria are present, medium when two of the criteria is present, and high when none or only one of the four criteria is present.

3.2 Arrangement

According to Wachsmuth *et al.* (2017b), an argument should be evaluated as well organized if it presents the subject, the arguments and its conclusion in the correct order. This definition is traditionally accepted for most dissertative genres but cannot be strictly followed in genres such as tweets. Thus, it was necessary to adapt this concept for the purposes of this paper.

Before debating and concluding on a topic, it is thought that the general issue and the specific topic should be understood. In tweets, however, other sequences can be used on purpose and still be adequate to persuade the target audience. Moreover, some parts of the proposition may be clear (e.g., the topic under discussion) and therefore not be explicitly mentioned in the comment, but rather left implicit.

Given the characteristics of Twitter, where the user has a limited space to express an opinion, it is assumed that tweets are not well-structured texts. Thus, for a post to be assessed as well organized, it must contain certain criteria that positively impact the quality of the arrangement. These criteria were defined based on the presence of discourse markers or cohesive resources that explain the flow of discourse by creating following relations: i) condition; ii) concession; iii) opposition or contrast; iv) comparison; v) cause and effect, explanation or purpose; vi) chronological chaining or enumerations; vii) exemplification.

Most of the criteria refer to the presence of discourse markers that indicate the relations. Examples in (6) to (9) illustrate relations of *condition and explanation*, opposition or contrast, *cause and effect and exemplification*, respectively.

¹⁴ “By the way, how is Rio ? [...] Decades and nothing to add to Rio, you should change business.”

- (6) @jandira_feghali GENOCiDA! Esse ser é de uma maldade tão absurda, que é impressionante que consiga dormir. Sinceramente, **se ele realmente estiver doente (coisa que não acredito)**, não quero q a doença o mate. Q ele fique bem vivo p ser julgado e condenado pelos crimes q comete contra a humanidade
[@jandira_feghali GENOCiDAL! This being is such an absurd evil, that it is impressive that he can sleep. Honestly, **if he is really sick (which I don't believe)**, I don't want the disease to kill him. That he stays truly alive to be judged and convicted of the crimes he commits against humanity]
- (7) @KimKataguiri E você prometeu em sua campanha trabalhar para o bem do país de uma maneira nova e diferente, mas a unica coisa que tu está fazendo é ser igual aos que sempre estiveram ai, não está fazendo porra nenhuma para o futuro do Brasil. Vc é uma vergonha
[@KimKataguiri And in your campaign you promised to work for the good of the country in a new and different way, but the only thing you are doing is being the same as those who have always been there, you are not doing anything for the future of Brazil. You are a shame]
- (8) @carlosjordy **Já que a esquerda é só paz e amor**, vamos pegar todas as postagens da esquerda e recriar ela mudando o nome do Bolsonaro para o do STF. Mas tire o print para caso precise apresentar provas.
[@carlosjordy **Since the left is just peace and love**, let's take all the posts on the left and recreate it by changing the name of Bolsonaro instead of STF. But take the printscreens out in case you need to present proof.]
- (9) @MarceloFreixo Que medo hein... se a população de bem se armar, como vocês da esquerda poderiam impor as ideologias que tanto veneram né? Como Cuba, Venezuela, por exemplo, sem contar que atrapalha o “trabalho” das “vítimas da sociedade”, q são mimados por vcs da esquerda. Vc é um Canalha!

[@MarceloFreixo What a fear huh ... if the population is well armed, how could you on the left-wing impose the ideologies that you venerate so much, right? Like Cuba, Venezuela, for example, not to mention that it hinders the “work” of the “victims of society”, who are spoiled by you guys from the left. You are a scoundrel!]

The majority of the relationships are explicitly shown in these three examples thanks to typical conjunctions and conjunctive phrases, but it's worth noting that these criteria were observed even when the discourse marker was not explicit and the relationship could be deduced from the semantics of the propositions. In (10) we illustrate an example of *opposition or contrast relation* between two ideas, but with no explicit mark.

- (10) @CarlaZambelli38 Infelizmente, o **meu pai foi obrigado a ir trabalhar, pegou COVID no trabalho e veio a falecer**. É triste quando pensam que **isso vale mais que a vida**. **Pra empresa é simples**, contratam outro, **pra familia não tem como substituir vidas**.

[@ CarlaZambelli38 Unfortunately, **my father was forced to go to work, he took COVID at work and died**. It is sad when they think that **this is worth more than life. For the company it is simple**, they hire another one, **for the family there is no way to replace lives.**]

Example in (10) also illustrates an enumeration relation of three actions in “foi obrigado a ir trabalhar, pegou COVID no trabalho e veio a falecer”¹⁵ and a comparison relation in “isso vale mais que a vida”.¹⁶ As this example shows, sentences frequently contain two or more of the arrangement relations. The same happens in (11), where we can see the use of chronological chaining, which constitutes a good strategy for organizing arguments.

- (11) @BolsonaroSP @danielPMERJ **O Deputado PRECISA ser solto, para que o processo jurídico penal seja cumprido desde o seu início**. A PGR já denunciou mesmo o STF tendo tomado a

¹⁵ “was forced to go to work, he got COVID at work and died.”

¹⁶ “this is worth more than life”

frente e já prendido. Agora precisa entrar com a parte da defesa e acontecer o mesmo que houve com o Lula, a ampla defesa.

[@BolsonaroSP @danielPMERJ **The Deputy MUST be released, so that the criminal legal process can be fulfilled from the beginning.** The PGR **has already denounced even the STF having taken the lead and already arrested.** Now we need to go to the defense side and do the same thing that happened to Lula, the broad defense.]

The *chronological chaining* can be observed in the excerpt “A PGR já denunciou [...] e já prendido. Agora precisa [...]”,¹⁷ since it establishes a temporal linkage concerning what was done in the past and what should be done in the future. Example (11) also illustrates a concession relation in the excerpt “mesmo o STF tendo tomado a frente”¹⁸ and a purpose relation in the excerpt “para que o processo jurídico penal seja cumprido desde o seu início”,¹⁹ that are marked by the discourse markers “mesmo” and “para que”, respectively.

Based on these seven criteria, it was defined that the arrangement of the argumentation is low when none of the criteria is present; medium when only one of the criteria is present; and high when two or more of the criteria are present.

3.3 Credibility

According to Wachsmuth *et al.* (2017b), an argument should be assessed as successful in creating credibility if it conveys arguments and other information in a way that makes the author credible, for example, indicating the honesty of the writer, the politeness of the language used or revealing the knowledge of author or experience in relation to the subjects discussed.

For the evaluation of Credibility, we considered that an argument written in Portuguese is credible if some criteria are present in the textual surface, since external criteria were not considered, such as suitability or engagement of the author in social media. Given the WG Twitter, it should be considered that the production of content is open to anyone

¹⁷ “The PGR already denounced [...] and already [arrested]. Now it needs to [...]”.

¹⁸ “even the STF having taken the lead”

¹⁹ “so that the criminal legal process can be fulfilled from the beginning”

who has an account. In this sense, since this social media platform allows anyone to talk about anything, the doubt regarding the credibility of the author of a tweet is inherent to the platform itself. Therefore, for an argument to be considered as highly credible, the text producer needs to use certain linguistic resources to prove that he or she is able to defend his/her opinion.

Thus, the credibility of an argument is positively affected when the author: (i) mentions *specific data or event*, regardless of the veracity judgment made about it; (ii) mentions a *media, historical or encyclopedic fact*, that is, something largely reported by the media, or something related to historical periods or is common sense; (iii) cites directly or indirectly a person who is considered an *authority figure* in the subject; (iv) uses a *hashtag (#) that reinforces a position*; (v) uses a *specialized term* from some area of knowledge; and/or (vi) makes a *personal or individual experience report*. All of these criteria can be identified in the following examples.

- (12) @gleisi @dilmabr tentou usar @petrobras para segurar inflação no país. **Segundo cálculos do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE)**, as perdas acumuladas pela Petrobras entre 2011 e 2014 (primeiro mandato de Dilma) por causa dessa política de preços superaram **R\$ 70 bilhões**.

[@gleisi @dilmabr tried to use @petrobras to insure inflation in the country. **According to calculations by the Brazilian Infrastructure Center (CBIE)**, the losses accumulated by Petrobras between 2011 and 2014 (Dilma's first term) because of this price policy exceeded **R \$ 70 billion**.]

- (13) @MarceloFreixo **Bolsnaro realiza mais uma caravana eleitoral** visando 22. **Junta gente, espalha o vírus e faz comício. Disse q não seria candidato à reeleição**, mas, desde que chegou ao poder, gasta todas suas energias fazendo campanha. Quer permanecer no cargo custe a quantidade de vidas q custar.

[@MarceloFreixo **Bolsnaro holds another electoral caravan aimed at 22. Gather people, spread the virus and make a rally. He said he would not be a candidate for re-election**, but, since he came to power, he has spent all his energies campaigning. Whether you want to stay in office costs the amount of lives it costs.]

- (14) @BolsonaroSP @jairbolsonaro imagino sua filha ficando inteligente e lendo todo este boicote de sua família a vida daqui alguns anos. vocês são os porta-vozes da morte. tudo que resta a sua família depois de tanto **negacionismo** é insistir, já que voltar atrás seria assumir um genocídio. **#forabolsonaro**

[@BolsonaroSP @jairbolsonaro I imagine your daughter getting smart and reading all this boycott of your family life in a few years. you are the spokesmen for death. all that remains of your family after so much **negacionism** is to insist, since to go back would be to assume a genocide. **#forbolsonaro**]

- (15) @KimKataguiri **Hoje fui comprar 1kg de carne moída para o almoço e deu R\$ 43,00 achei um absurdo!** Em que mundo estamos com um custo tão alto de carne assim?! Mas de boa estamos comprando carne de primeira para nossos representantes políticos, então pq reclamar?! 😢😢

[@KimKataguiri **Today I bought 1kg of ground beef for lunch and it was R \$ 43.00, I thought it was absurd!** In what world are we at such a high cost of meat ?! But that's ok, bc we are buying good meat for our political representatives, so why complain ?! 😢😢]

In (12), we verify two criteria: *specific data* when mentioning “R\$ 70 bilhões”²⁰ related to Petrobras losses; and *authority figure* represented by the “segundo cálculos do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE)”,²¹ used as a source citation.

In (13), we identify the argument reinforced by a media fact, which was largely broadcasted by journals and news channels, that is “Bolsonaro realiza mais uma caravana eleitoral [...] Junta gente, espalha o vírus e faz comício. Disse q não seria candidato à reeleição”.²²

In (14), we can identify other two criteria: *hashtag that reinforces a position* against the government (“#forabolsonaro”); and the *specialized*

²⁰ “R\$ 70 billion”

²¹ “according to Brazilian Infrastructure Center (CBIE)”

²² “Bolsonaro holds another electoral caravan [...] Gathers people, spreads the virus and rallies. He said he would not be a candidate for reelection”

term “negacionismo” (denialism), which is a term defined by science as the non-acceptance of proven scientific facts.

Finally, in (15), we observe a *personal and individual experience report* when the author says “Hoje fui comprar 1kg de carne moída para o almoço e deu R\$ 43,00 achei um absurdo!”²³

From these six criteria, it was defined that the credibility of the argument is low when none or only one of them are present; it is medium when two of the criteria is present; and high when three or more are present.

3.4 Emotional appeal

According to Wachsmuth *et al.* (2017b), an argument should be assessed as successful in creating an emotional appeal if it conveys arguments or other information in a way that creates emotions, which can make the target audience more open to the author’s arguments.

For this work purpose, we decided to adapt the original definition, since we observed, through an initial pilot study, that positive emotions improve the general quality of the argument, while negative emotions undermine the overall quality of the argument.

Again, it is important to consider the specific characteristics of WG Twitter, which presents posts on very controversial subjects in the domain of politics, such as fake news, vaccine against coronavirus, denial of science (denialism), personal attacks on politicians or their families, legality or illegality of judicial decisions, hate speech to the leftist political ideology, among others. These texts (tweets) tend to present several marks that negatively impact the emotional appeal and, consequently, reduce the overall quality of the argument, as different types of offense. Twitter, unlike other social media, does not have a very strict policy of restricting or filtering the content of posts or the abusive behavior of some users. Because of this, posts that contain bad words, cursing and even hate speech are very common.

Thus, for the evaluation of the Emotional appeal aspect, the criteria were grouped in: (i) positive, negative or neutral polarity of the tweet related to how this appeal affects the quality of the argument, and (ii) the intensity of this appeal, considering levels low, medium or high. The argument is low when none or only one of them are present; it is

²³ “Today I bought 1kg of ground beef for lunch and it was R\$ 43.00, I thought it was absurd!”

medium when two only one of the criteria is present; and high when three, two or more are present.

3.4.1 Polarity of Emotional appeal

The emotional appeal of a tweet has a negative impact on the quality of the argument when it contains: (i) *pejorative reference to a person or entity*; (ii) *curses or bad words*; (iii) *hate speech or threat*; or (iv) *expression that denotes speculation*. Example (16) is characteristic of negative polarity, since it presents all these criteria.

- (16) @MarceloFreixo Tá com medinho de armas por que, CANALHA?
Povo desarmado é mais fácil ver ser dominado né? Vocês da esquerda são uma desgraça. Tem de ser eliminados do planeta. Bando de vagabundos desocupados. Apareçam um dia na minha propriedade eu meto bala sem dó
 [@MarceloFreixo Do you have fear of guns, SCOUNDREL?
Unarmed people are easier to see being dominated, right? You on the left-wing are a disgrace. It must be eliminated from the planet. Bunch of idle bum. Appear one day on my property, I'll shoot you without mercy]

In (16), we verify: (i) a *pejorative reference* to left-wing by using the adjective “vagabundos desocupados”;²⁴ (ii) *cursing* when calling the deputy a “canalha (scoundrel)”; (iii) *hate speech* in “Vocês da esquerda são uma desgraça”²⁵ and death *threat* in “Apareçam um dia na minha propriedade eu meto bala sem dó”;²⁶ and (iv) *expression that denotes speculation*, when speculating that “[esquerdistas] tem que ser eliminados do planeta”.²⁷

On the other hand, the emotional appeal of a tweet increases the quality of the argument when it contains: (i) *cordial reference to a person or entity* (even when used in an ironic way); or (ii) *polished and polite language*, for example, by using modalizers (modal verbs, adverbs and other structures). Example (17) illustrates these two criteria.

²⁴ “idle bum”

²⁵ “You on the left-wing are a disgrace”

²⁶ “Appear one day at my property, I'll shoot you without mercy”

²⁷ “[left-wing defensors] must be eliminated from the planet”

(17) @lpbragancabré Verdade @lpbragancabré! e eles vieram de vários partidos, que até me surpreendeu. **Gostaria que o Sr.** Leve a eles a minha gratidão e parabéns, como eleitor e defensor da democracia do certo e do justo. Mas o sentimento que ficou, é que nós PERDEMOS A NOSSA DEMOCRACIA.

[@lpbragancabré It is truth @lpbragancabré! and they came from various parties, which even surprised me. **I would like** you (Mr.) to take my gratitude and congratulations to them, as a voter and defender of the democracy of the right and the fair. But the feeling that remains is that we LOST OUR DEMOCRACY.]

In (17), we identify: (i) *cordial reference* to the deputy who made the seed tweet through the treatment pronoun “Sr. (Mr.)”; and (ii) *polished and polite language* in the modalized construction “Gostaria que [...] (I would like [...])”.

There is also the possibility of neutral polarity, that is, when it is neither positive nor negative, as can be seen in the Example (18).

(18) @mariadorosario Bolsonaro nega a ciência, não investe na educação, áreas cruciais para salvar vidas. Não tem compromisso com o povo! Estamos juntos,²⁸ é #ForaBolsonaro

[@mariadorosario Bolsonaro denies science, does not invest in education, crucial areas to save lives. It has no commitment to the people! We are together, it's #ForaBolsonaro]

Neutral polarity is not marked by impartiality of opinion or positioning, but by the absence of positive or negative polarity marks, or else, even if these marks are present, they weigh equally and it is not possible to distinguish whether the emotional appeal used is more positive or more negative.

A tweet should be considered with negative Emotional appeal when it contains more criteria that weigh negatively on the overall quality of the argument than those that weigh positively. Similarly, the tweet should be considered to have a positive Emotional appeal when it contains more criteria that weigh positively for the overall quality of

²⁸ Note that this expression may impact emotional appeal, but not its polarity. We annotate this kind of expressions as slogans, which increases intensity of emotional appeal.

the argument than those that weigh negatively. The polarity of the tweet should be considered neutral when there is no criterion (positive or negative) characteristic of the polarity of the emotional appeal or when the number of positive and negative criteria is identical. But we did not identify this situation in the real data.

3.4.2. Intensity of Emotional appeal

In addition to the polarity, the intensity of Emotional appeal was also assessed, defined according to the presence of the following criteria: (i) *first person pronoun or verb inflection* (singular or plural); (ii) *repetition of punctuation marks* (?? or !!!); (iii) *emphatic structure*, such as whole word in capital letters, repetition of words or structures, italics, quotation marks; (iv) *imperative phrase or slogan*; (v) *expression that denotes exaggeration* (such as “always”, “never”, “everyone”) and superlatives; (vi) *feeling expressed by non-verbal language* (such as emoji, interjection or onomatopoeia); and (vii) *idiom, proverb or metaphor*. All of these criteria can be identified in (19) and (20). We emphasize that these characteristics are only intensifiers that affect the polarity (positive or negative) of the Emotional appeal.

- (19) @marcofeliciano **Confesso** q não esperava isso? Mas, mostrou-me que nesse congresso eleito, ainda tem muito q ser renovado. **UMA ARVORE PARA NASCER, PRECISA ANTES DE UMA SEMENTE PARA MORRER.** E essa foi o DANIEL, **acredite nisso! O BRASIL SE LEVANTARÁ DESSAS INJUSTIÇAS E CULPADOS SÓ IRÃO AUMENTANDO.**

[@marcofeliciano **I confess** I didn't expect this? But, he showed **me** that in this elected congress, there is still a lot to be renewed. **A TREE TO BE BORN, NEEDS BEFORE A SEED TO DIE.** And that was **DANIEL, believe that! BRAZIL WILL RISE FROM THESE INJUSTICES AND GUILTY WILL ONLY INCREASE.**]

- (20) @gleisi isso já não é mais mentiras, é a prova de que vcs não valem um grão de arroz , incompetentes , mentirosos , mal cárteres , e **BANDIDOS COM LETRA MAIÚSCULA**, muitas mortes misteriosas, apesar de não valerem mais nada, inacreditável ainda existirem !! 

[@gleisi this is no longer lies, it is the proof that you are not worth a grain of rice, incompetent, liars, bad casings, and **BANDITOS WITH CAPITAL LETTERS**, many mysterious deaths, although they are not worth anything else, unbelievable still exist!! ]

In (19), we identified the following criteria: (i) presence of a first singular person by the verb “confesso (confess)” and the pronoun “me (me)”; (iii) emphatic structure through several uppercase sections, expressing indignation or similar feeling; (iv) an imperative phrase when it says “acredite nisso!”,²⁹ and (vii) proverb or similar when using the sentence “uma árvore para nascer, precisa antes de uma semente para morrer”³⁰

In (20), the following criteria are also present: (ii) repetition of the exclamation mark at the end of the tweet (“!!”); (iii) emphatic structure, also by means of uppercase letters; (v) expression that denotes exaggeration, when the author mentions “não valerem mais nada”,³¹ (vi) feeling expressed in non-verbal language, in this case, the emoji at the end of the tweet; and (vii) metaphorical expression in “não valem um grão de arroz”.³²

The intensity of a tweet’s Emotional appeal was defined as high when three or more criteria of negative polarity or two of positive polarity are present or when four or more intensity criteria are identified. A medium intensity was defined for cases in which there are two criteria of negative polarity or one of positive polarity or two or three criteria of intensity. Otherwise, the intensity of the tweet was classified as low.

4 Construction of the *corpus*

In this paper, the interest for messages related to politics, written by Brazilian congressmen, is anchored on the hypothesis that in this WG and domain there is a large number of argumentative texts generated both by politicians and by their followers. The congress members messages were picked for their argumentative potential, encouragement of contentious, provocative, and persuasive responses, and ability to spark debate on the issues discussed.³³ Besides Twitter being the social media

²⁹ “believe that!”

³⁰ “a tree to be born needs before a seed to die”

³¹ “they are no longer worth anything”

³² “they are not worth more than a grain of rice”

³³ In the following subsection, especially in Table 4, we present examples of these tweets.

most used by politicians, the choice of platform also took into account the flexibility to access data through API (Application Programming Interface)³⁴ specific for this purpose. Another reason why Twitter was chosen is related to the vast number of scripts, plugins and tools already developed for the collection, processing and analysis of tweets. It is worth mentioning that, in this research, only Twitter's public data were used, so it was not necessary to request any additional permission from the users.

According to the Lupa agency,³⁵ the volume of interactions between congressmen and their followers increased 42.3% in the first half of 2019. In this same study, active congressmen were divided into seven groups, based on their affiliation: PSL, On the left (PT, PCdoB and PSOL), Center-left (PDT, PSB), Center (MDB, PP, PL, PSD, SD, Podemos, PTB, PSC, PROS, PMN, Patriota, Avante, PHS, PRP, PRB), PSDB/DEM, Novo, and Other.

To compose the *corpus* of tweets used in this research, we produced a list with 417 congressmen who had a Twitter account and were active in the second half of 2020. The collection of messages was carried out through Tweepy,³⁶ a Python library for accessing Twitter's API. During 30 days (from 06th February to 07th March 2021) 3,243 messages posted on Twitter by congressmen and 452,287 replies from their followers were filtered from the 1,649,674 messages initially collected. In addition to the messages (tweets), the following information was also collected: number of followers the user has; number of people the user follows; profile description and URL; number of tweets and retweets the user had at the time of collection; and whether the account is verified by Twitter.³⁷

Although the congressmen's tweets were considered as seed posts for retrieving the replies of followers, it is worth pointing out that the assessment of the quality of the argumentation was performed only on the tweets of followers. To avoid confusion, the posts of congressmen are referred to as the seed post in this document.

³⁴ Available in: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-api>

³⁵ Available in: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/07/26/deputados-twitter-interacoes/>

³⁶ Available in: tweepy.org

³⁷ By means of a "blue seal", Twitter informs that a public interest account is authentic. Verified accounts must be notable (including heads of state and elected public officials) and active, with all profile fields filled out, have logged into the account within the last six months, with a confirmed email address or mobile number, and not have been blocked for 12 hours or 7 days for violating Twitter's rules in the last six months.

Following the same settings as Wachsmuth *et al.* (2017b) for the amount of messages to be assessed, seed posts and annotators, from the total of 3,243 seed posts collected, 80 were randomly selected and distributed equally across the affiliation groups (listed in Table 2). Twelve seed posts per group were then selected, since the Left-Center and Others groups did not obtain a significant amount of tweets (replies from followers) to compose the *corpus*. For each of the 80 seed posts, we obtained the first five tweets (in chronological order) that satisfied the following restrictions, which were manually verified: having at least 200 characters and not being spam messages or messages with repeated characters. Table 2 shows the data collected.

TABLE 2 – Distribution of the number of tweets,
by affiliation group, to build the *corpus*

AFFILIATION GROUP	SEED POSTS	TWEETS	PERCENTAGE
Center (MDB, PP, PL, PSD, SD, Podemos, PTB, PSC, PROS, PMN, Patriota, Avante, PHS, PRP, PRB)	16	80	20%
PSDB/DEM	16	80	20%
Left-wing (PT, PCdoB e PSOL)	16	80	20%
Novo	16	80	20%
PSL	16	80	20%
Center-left (PDT, PSB)	0	0	0%
Others	0	0	0%
TOTAL	80	400	100%

The resulting *corpus* has the statistics shown in Table 3.

TABLE 3 – Statistics of the *corpus* composed of 400 tweets

Tokens	20,000
Types	4,620
Words repetition %	76.90%
Sentences	1,643
Unique sentences	1,590
Sentences repetition %	3.23%
Characters	97,971

The guidelines for the annotation were based on the directives related to the rhetorical dimension from the work of Wachsmuth *et al.* (2017b)³⁸ and are available on the project page, along with the annotated *corpus*.³⁹

5 Annotation of the *corpus*

After the creation of the guidelines, defined collaboratively by the four annotators, the annotation of the *corpus* was performed separately by each one of them, for the same set of 400 posts, over the period of 30 days (from March 08 to April 08).

The four annotators annotated the same tweets presented in blocks of 100 instances. After the annotation of each block of 100 tweets, meetings lasting about 1 hour each were held to discuss specific points of disagreement, but without modifying any annotation performed in the tweets. The final set of annotation guidelines is available at <https://argq.org/>.

The annotation process consisted of three steps. In the first, each annotator classified whether or not the post was related to the topic/subject of the seed post. The annotation options for this were: related, partially related, or not related. In Table 4 we present three tweets assessed by the four annotators as, respectively: not related, completely related or partially related to the subject of the seed post.

TABLE 4 – Examples of tweets related, partially related and unrelated to the initial post subject

Initial seed post	Tweet being assessed	Is it related to the subject?
Lamento que parlamentares que dizem defender o povo atrasem o trabalho de comissões fundamentais, como a Comissão de Ética, por exemplo. Há deputados enrolados com a justiça! O PSOL, em especial, precisa parar de atrasar o país. E a Câmara precisa andar para que o país avance! https://t.co/VmlpJVTv6M	@marcelvanhattem Inadmissível o tratamento que a imprensa brasileira vem recebendo nos dias atuais dos políticos. Impedir o trabalho de jornalistas é atacar o nosso direito como cidadão de ser informado. O deputado @marcelvanhattem vai fazer algo para impedir a remoção da imprensa de sua sala?	no

³⁸ Available at <http://argumentation.bplaced.net/arguana/data>.

³⁹ Available at <https://argq.org/>.

<p>It is a shame that parliamentarians who claim to defend people delay the work of fundamental commissions, such as the Ethics Committee, for example. There are deputies involved with justice! PSOL, in particular, needs to stop delaying the country. And the Chamber needs to move for the country to move forward! https://t.co/VmlpJVTv6M</p>	<p>The treatment that the Brazilian press has been receiving in the current days of politicians is unacceptable. To prevent the work of journalists is to attack our right as a citizen to be informed. Will Congressman @marcelvanhattem do anything to prevent the removal of the press from his office?</p>	
<p>Lamento que parlamentares que dizem defender o povo atrasem o trabalho de comissões fundamentais, como a Comissão de Ética, por exemplo. Há deputados enrolados com a justiça! O PSOL, em especial, precisa parar de atrasar o país. E a Câmara precisa andar para que o país avance! https://t.co/VmlpJVTv6M</p>	<p>@marcelvanhattem 🍔🍔🍔🍔 diga se de passagem esse psol ,só atrasa o país ,a sua bancada é cega, julgam de acordo com autoria dos pl ,se for do marcel ou da Bia kicis por ex,já são contra,sem ler o texto do pl !Isso é atraso moral e atraso nos avanços para o país, e resume em atraso para eles tb 🍔</p> <p>@marcelvanhattem 🍔🍔🍔🍔 by the way this psol, only slows down the country, its bench is blind, they judge according to the authorship of the project, if it is from marcel or Bia kicis for example, they are already against it, without reading the text of the project! This is moral delay and delay in advances for the country, and summarizes in delay for them as well 🍔</p>	<p>yes</p>
<p>Bolsonaro considera a parte pelo todo. Acha que seu mundo extremo representa o país. O povo não está vibrando. O povo não quer armas. A população anseia pelas vacinas.</p> <p>Bolsonaro considers the part for the whole. He thinks that his extreme world represents the country. The people are not vibrating. The people do not want weapons. The population yearns for vaccines.</p>	<p>@RodrigoMaia Você foi um fiador desse governo. Toma vergonha na sua cara. Você fez parte desse governo e foi condescendente com este criminoso. Você aprovou uma reforma da previdência prejudicando os mais pobres e dando aumento salarial aos militares. Cúmplice! Na pandemia n fez nada. Hipócrita</p> <p>@RodrigoMaia You were a guarantor of this government. Shame on you. You were part of that government and condescended to this criminal. You passed a pension reform harming the poorest and giving the military a salary increase. Accomplice! In the pandemic you did nothing. Hypocritical</p>	<p>partially</p>

In the first example, the tweet being assessed is not related to the seed post because the topic in seed tweet is the fact that some parliamentarians delay or prevent votes in the Chamber, specially parliamentarians from PSOL (a political party), while the topic in reply tweet is the way politicians treat the Brazilian press. In the second example, both posts are completely related to each other because the topic in the seed tweet is the same as in the first example while the tweet being assessed also talks about PSOL and the way their parliamentarians delay and prevent votes, by mentioning some examples. In the third example, all annotators assessed as partially related to the subject because, in the seed tweet, the author criticizes the president for prioritizing certain issues instead of vaccine, while the reply tweet criticizes the deputy author of the seed post, arguing that this deputy supported the president during his electoral campaign and, therefore, is colluding with the actions of the president. So, the third example does not address the main theme, but just a part of it.

In the second step, the tweet was assessed in terms of argumentativeness, marking “yes” for argumentative tweets and “no” for non-argumentative tweets. In this work, a broad definition of argumentativeness was considered, in order to include a larger number of tweets in the *corpus*. In this sense, the tweets in which it was possible to identify the position/opinion (either favorable or unfavorable) of the author were considered argumentative, i.e., containing any attempt to mark the opinion, even without supporting evidence for it. This decision to extend the concept of argumentativity to include opinionative texts, even if they do not present clear arguments, is due to the characteristics of the WG, since most of the tweets bring some position or make a criticism without, however, presenting arguments to support this position. In Table 5 we present two tweets evaluated as argumentative and non-argumentative, respectively, by the four annotators.

TABLE 5 – Examples of argumentative and non-argumentative tweets

Tweet	Argumentativity
@MarceloFreixo Você votou? Provavelmente votou NÃO. Então a pergunta é: você está “tistinho” porque perdeu? Se a autonomia não fosse aprovada você estaria aqui se manifestando contra? Ou estaria exaltando os deputados que entenderam que o BC precisa ter um freio? Totalmente sem noção!	
@MarceloFreixo Did you vote? You probably voted NO. So the question is: are you “saddy” because you lost? If the autonomy was not approved, would you be here speaking out against it? Or would it be exalting the deputies who understood that the BC needs to have a brake? Totally out of it!	Argumentative
@KimKataguiri Pergunte ao bolsonaro quando é que o G.F. vai transferir o dinheiro dos salários dos servidores na missão do Brasil em Portugal. Este mês ainda não receberam o salário e não foram pagos os alugueis das casas dos embaixadores.	
@KimKataguiri Ask bolsonaro when government will transfer the money from the servers' salaries to the Brazilian mission in Portugal. This month they still have not received their salary and the rent of the ambassadors' houses has not been paid.	Non-argumentative

The first example was considered argumentative since the position of author regarding the seed post is clearly expressed. On the other hand, the second tweet does not state the position of the author, but only brings some information about an unrelated subject.

For the tweets assessed as non-argumentative, the annotation process ended in this step. For the remaining tweets, whether or not related to the subject of the seed post, the other aspects and their criteria were evaluated as described in Section 3. In Figure 6 we bring a print screen of the annotation sheet⁴⁰ used by the human judges.

⁴⁰ We tried some *corpus* annotation tools to perform the annotation, but at the end we decided to use a simple spreadsheet since it was easy to use, easy to change any annotation at any time, easy to compare different replies of the same seed tweet, and also we can search all instances of a linguistic pattern and systematically review all annotations for a specific criterion by using filters, among other advantages.

FIGURE 6 – Print screen of the annotation sheet

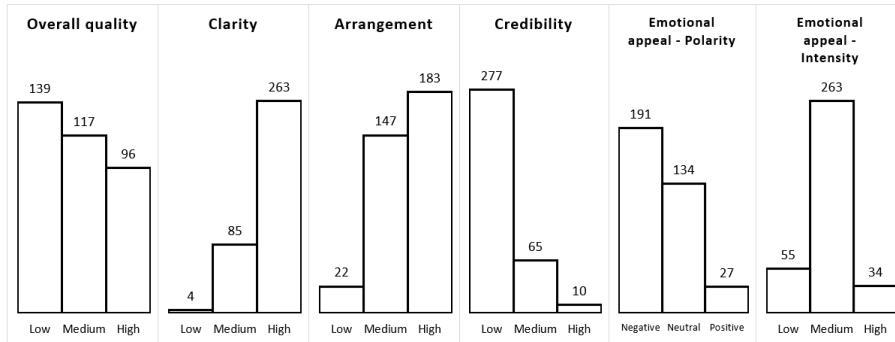
After assessing each criterion individually following the guidelines described in section 3, the final score of each aspect and the final score for the Overall quality were calculated automatically. To do so, we converted the low, medium and high scores to 1, 2 and 3, respectively, and the polarity of the Emotional appeal to 0 (neutral), 1 (positive) or -1 (negative). The final score for the Emotional appeal was calculated as the product of its polarity and intensity for non-neutral tweets (polarity \times intensity) and as half of the intensity for neutral ones (intensity/2). Finally, we summed the final scores for all aspects and assessed the Overall quality as low if the sum was less or equal to 4; high if the sum was greater or equal to 8; and medium otherwise.

Considering the specificities of the WG and the political domain, the annotators report that it was essential to select tweets that were recent at the moment of the annotation. This was because the subjects and people cited were in the media spotlight, which allowed the recognition and identification of the entities and facts mentioned in the discourse at the time of annotation.

5.1 Annotation statistics

As already mentioned, the annotation of the tweets was carried out by four human judges, each annotating all 400 replies of 80 initial seed posts. Three ponderation levels were employed for the aspects Clarity, Arrangement, Credibility and Emotional appeal, related to the rhetorical dimension of the taxonomy proposed by Wachsmuth *et al.* (2017b): i) High/positive; ii) Medium/neutral; and iii) Low/negative. From these 400 tweets, 352 were assessed as argumentative by all the four human judges. In Figure 7 we display the score distribution for each aspect for the 352 argumentative tweets considering as final/gold annotation the majority score. In case of tie (e.g., 2 high and 2 medium) the smallest score was considered and in case of total disagreement (e.g., 1 low, 1 medium and 2 high), the medium score was selected. For the Overall quality we considered the average score of the four human judges.

FIGURE 7 – Score distributions by quality aspects in rhetorical dimension



As we can see from Figure 7, around 40% of the tweets were assessed as low overall quality, 33% as medium overall quality and 27% were assessed as high overall quality. Most of them have high Clarity and Arrangement, but low Credibility. In fact, only 3% of them were assessed as high credibility. Regarding Emotional appeal, we confirmed our hypothesis of the strong negative emotional appeal of this WG with 54% of the argumentative tweets being assessed as negative for overall quality.

In Table 6 (a) we present the final scores of each aspect for the 352 posts (88%) assessed as argumentative by the annotators. To test the clarity of the annotation guideline and the suitability of the taxonomy for the intended task, inter-annotator agreement was calculated, a process in which annotators mark the same fraction of the *corpus*, and the annotations are compared in terms of equal markings among all or most annotators. In Table 6 (b) we show the range of Krippendorff's (2011) α (lowest value - highest value) of the least concordant and most concordant trios of annotators, and the total and majority agreements. Total agreement is achieved when all annotators agree on the same score, and majority indicates that at least three annotators agreed. Total agreement is noted to be between 27.84% and 57.67%, and majority agreement of the annotators between 69.89% and 86.93%. It is noted, as pointed out by Wachsmuth *et al.* (2017b), that the rhetorical dimension shows evidence of subjectivity in its evaluation.

Regarding the α values, we chose to report the agreement among trios to be able to compare our results with those from Wachsmuth *et al.* (2017b) since in their work there were three annotators. Except for the

Clarity, all aspects have maximum agreement values above 0.40, different from Wachsmuth *et al.* (2017b) (see Table 1) where agreement α values for all aspects were below 0.40. For the overall quality our values vary between 0.50 and 0.54, a similar or even better result than Wachsmuth *et al.* (2017b), which obtained an agreement α value of 0.51. Thus, according to our agreement results we can conclude that there are indications that the criteria proposed in this work adequately guide the assessment of the argumentative quality on Twitter political domain.

TABLE 6 – Assessment results

Quality Aspect	(a) Final Score			(b) Agreement		
	Low/ Negative	Medium/ Neuter	High/ Positive	α trios	total (4/4)	majority (3-4/4)
Clarity	4	85	263	0.26 - 0.30	48.58%	79.26%
Arrangement	22	147	183	0.51 - 0.71	50.57%	82.67%
Credibility	277	65	10	0.36 - 0.48	57.67%	86.93%
Emotional appeal – Polarity	191	134	27	0.60 - 0.66	51.99%	82.67%
Emotional appeal – Intensity	55	263	34	0.48 - 0.55	40.63%	82.39%
Overall quality	139	117	96	0.50 - 0.54	27.84%	69.89%

In terms of “total” and “majority” agreement scores, a direct comparison with the numbers from Wachsmuth *et al.* (2017b) is impossible because our values were derived using four annotators, whereas their annotation was done with only three human judges. The greater the number of annotators, the more difficult it is to achieve full (or majority) agreement between them.

5.2 Analysis of the (dis)agreement in the overall quality of the argumentation

As presented in the previous subsection, agreement among the group of annotators for the aspects ranged from 79.26% to 86.93% (Table 6). Specifically on the General quality of argumentation, there was 69.89% agreement. It is worth pointing out that the calculation of the agreement among the annotators is one of the important steps in the *corpus* building, since it gives credibility to the linguistic resource elaborated.

It should be noted that, in studies of linguistic phenomena at more concrete levels of analysis (such as phonetics and morphology, for example), the agreement tends to be high; on the other hand, at less concrete levels of analysis (such as semantic and discourse/textual), the agreement tends to be lower, since phenomena at these levels may leave few linguistic clues on the surface of the text. Besides the complexity of the level of the linguistic analysis itself, depending on the level of analysis, human subjectivity may be intrinsic to the annotation task, since the annotator may rely on extra-textual elements and information to assess a rhetorical aspect of the tweet (how a given information was or was not conveyed by the media, ensuring the credibility of the post, for example).

For that, in this task, as shown above, some steps were indispensable, such as the construction of an annotation guidelines manual, annotation of an initial set, initial agreement check, review and adaptation of the guidelines manual, and frequent meetings for alignment of conceptions among the annotators. According to Hovy and Lavid (2010), these are irreplaceable methodological steps in the *corpus* annotation process.

In this sense, we bring a deep analysis of some cases of (dis) agreement with respect to the Overall quality of argumentation, considering (i) the linguistic phenomena that emerge from argumentation, (ii) the level of linguistic analysis (in this case, discourse-textual) and (iii) the human subjectivity employed in the task.

The total agreement generally occurs in posts whose content presents very low or very high quality of argumentation, as in (21) and (22), respectively.

(21) @gleisi Mas também deputada, com essa oposição que tudo que o governo federal faz vocês acham que está errado. Imagine se o povo estivesse todos seguindo o FIQUE EM CASA, A ECONOMIA A GENTE VER DEPOIS. Sou a favor que sejam seguidos os protocolos: máscara, lavar as mãos e não aglomerar.

[@gleisi But also a deputy, with this opposition that everything the federal government does you think is wrong. Imagine if the people were all following the STAY AT HOME, THE ECONOMY FOR PEOPLE TO SEE LATER. I am in favor of following the protocols: mask, washing hands and not agglomerating.]

(22) @CarlaZambelli38 Infelizmente, o meu pai foi obrigado a ir trabalhar, pegou COVID no trabalho e veio a falecer. É triste quando pensam que isso vale mais que a vida. Pra empresa é simples, contratam outro, pra familia não tem como substituir vidas.

[@CarlaZambelli38 Unfortunately, my father was forced to go to work, he took COVID at work and died. It is sad when they think that it is worth more than life. For the company it is simple, they hire another one, for the family there is no way to replace lives.]

The tweet in (21) was considered of low argumentative quality since its author (i) presents criteria that harm Clarity (such as grammatical deviations and deviation from the main subject), (ii) builds a conditional relation that contributes to the Arrangement of the text, (iii) does not use any criteria to increase the Credibility of the discussed issue and (iv) uses resources that result in negative polarity and medium intensity of Emotional appeal. The tweet in (21), in turn, was assessed as of high argumentative quality since it (i) is a personal experience report (which improves Credibility), (ii) is organized in order to emphasize a contrast relation between ideas and logical sequence, (iii) besides highlighting the arguments in a moderate way, without using Emotional appeal devices that penalize the argumentative quality.

The cases in which there was more disagreement among the annotators were those whose tweets have argumentative quality that could be classified as medium and, therefore, have traces of a low or high quality, as shown in (23) and (24).

(23) @gleisi Nobre deputada me responda uma coisa, pq não dá o exemplo e começa a cortar na própria carne, abrindo mão de todos os privilégios que tem ficando somente com o salário? Com isso seus pares fariam o mesmo, aí sim o que vc disser terá algum sentido, fora isso pura hipocrisia

[@gleisi Noble deputy answer me one thing, why don't you set an example and start cutting into your own flesh, giving up all the privileges you have left with only your salary? With that your peers would do the same, then what you say will make some sense, out of that pure hypocrisy]

(24) @CarlaZambelli38 Era só ele ter controlado algumas falas, que convenhamos, foram desnecessárias. Um conservador que se preze, governa pelo exemplo. Vide Ronald Regan, Abraham Lincoln e Margareth Thacher. Alguns comentários sobre a pandemia foram desnecessários.

[@ CarlaZambelli38 It was just that he controlled some lines, which we agree, were unnecessary. A self-respecting conservative rules by example. See Ronald Regan, Abraham Lincoln and Margareth Thacher. Some comments on the pandemic were unnecessary.]

In (23), the author uses resources that (i) harm the Clarity of the argument (such as language mistakes and deviation from the main subject), (ii) contribute to a good arrangement (such as the construction of cause-effect and conditional semantic relations), (iii) does not use any resource to increase Credibility and (iv) resulting in neutral polarity and medium intensity for Emotional appeal. In (24), on the other hand, the text in which Arrangement and Credibility is average, for presenting only one criterion in each aspect that favors these aspects and, on the other hand, Clarity is high for not having any criterion that would harm it, and neutral polarity and low intensity for Emotional appeal. Given this, it is noted that the Quality of argumentation in (23) and (24) can be assessed as medium, despite having criteria that could classify them as low and high, respectively, according to the annotators.

Thus, it is worth noting that the agreement, in general, is higher in relation to aspects of a more objective nature, as they evidence linguistic clues that emerge on the textual surface (such as Clarity and Arrangement) and, sometimes, lower in aspects of a subjective nature (in this case, Credibility and Emotional appeal).

6 Final considerations and future directions

In this paper, the process of annotation of a *corpus* composed of 400 political tweets in the Brazilian context was described. The taxonomy proposed by Wachsmuth *et al.* (2017b) was adapted for the WG tweets and the domain of politics. The results of this annotation process, as well as the inter-annotator agreement calculations are comparable to the results obtained by Wachsmuth *et al.* (2017b) in a similar experiment for

the English language. As a result of this work, an annotated *corpus* with information about the general quality of argumentation and the quality of specific argumentation-related aspects have been constructed and are available on the project webpage.

The task of revising and adapting the taxonomy of Wachsmuth *et al.* (2017b) has led the work to certain limitations, some of them theoretical and others practical. The main theoretical limitation is related to the adoption of a definition of argumentativeness that is very different from the traditional conceptualization of what is argumentative or not. This decision may cause some discrediting or disagreement with the work by the linguistic community, since it is based on the notion of argumentativity itself.

Conventionally, a text is considered argumentative if it presents arguments, organized and structured in a logical sequence. For the purposes of this annotation, this concept was adapted to cover any and all tweets in which it was possible to identify the author's position/opinion. Thus, any attempt to express an opinion, even if it is not supported by evidence, should be considered argumentative. In other words, even if the argumentation was bad, even if there were few arguments, or if it did not convince the interlocutor, the post was still evaluated as argumentative.

We also point out some practical limitations to this work. According to Lacy *et al.* (2015), it is recommended that at least one of the annotators does not be part of producing and refining the annotation guidelines, but we did not find any other available annotator to perform the task after we finished the guidelines, so we were unable to meet this requirement. In future work, we plan to invite other external annotators to perform the same annotation and see how different the agreement among annotators who did not participate in the guideline drafting process is in comparison to the group of annotators who did both guideline drafting and annotation. This comparison may lead us to validate the annotation guidelines for future tasks.

Another limitation to consider is that we recognize that the human annotation may contain some bias in the political ideology of the annotators, but the guidelines were made in the most objective way possible so that this bias would not interfere in the criteria identification and in the aspect evaluation.

Finally, the *corpus* annotated in this study will be used for training computational models, by applying NLP and machine learning techniques

and tools/resources. As a final goal of this research, it is expected that the automation of the process of evaluating the quality of argumentation on Twitter, in the domain of politics, will be applied to filtering low-quality messages and generating a ranking of the best qualified posts.

Contribution of each author to the manuscript

The paper “Quality of argumentation in political tweets: what is and how to measure it” stems from the original project Arg Q! (Evaluation of quality of argumentation) developed by the first author and supervised by the last author and Vânia Paula de Almeida Neris. First and last author built the *corpus* and participated in the writing of the annotation guidelines. Annotation guidelines, theoretical discussions and *corpus* annotation were done by second to fifth authors. Last author also annotated the tweets. The text was written and revised by all authors.

References

- BENCH-CAPON, T. J.; DUNNE, P. E. Argumentation in Artificial Intelligence. *Artificial Intelligence*, [S.I.], v. 171, n. 10-15, p. 619-641, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.artint.2007.05.001>
- BLAIR, J. A. Rhetoric, Dialectic, and Logic as Related to Argument. *Philosophy & Rhetoric*, University Park, PA, v. 45, n. 2, p. 148-164, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5325/philrhet.45.2.0148>. Available in: <http://www.jstor.org/stable/10.5325/philrhet.45.2.0148>. Access on: May 20, 2021.
- BOUDRY, M.; PAGLIERI, F.; PIGLIUCCI, M. The Fake, the Flimsy, and the Fallacious: Demarcating Arguments in Real Life. *Argumentation*, [S.I.], v. 29, n. 4, p. 431-456, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10503-015-9359-1>
- BRADY, W. J.; WILLS, J. A.; JOST, J. T.; TUCKER, J. A.; VAN BAVEL, J. J. Emotion Shapes the Diffusion of Moralized Content in Social Networks. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, [S.I.], v. 114, n. 28, p. 7313-7318, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.1618923114>

- CARLILE, W.; GURRAPADI, N.; KE, Z.; NG, V. Give Me More Feedback: Annotating Argument Persuasiveness and Related Attributes in Student Essays. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 56., 2018, Melbourne. *Proceedings* [...]. Melbourne: Association for Computational Linguistics, 2018. p. 621-631. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P18-1058>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P18-1058>. Access on: May. 20, 2021.
- EEMEREN, F. H. V.; GROOTENDORST, R. Fallacies in Pragma-Dialectical Perspective. *Argumentation*, [S.I.], v. 1, n. 3, p. 283-301, 1987. DOI: <http://doi.org/10.1007/BF00136779>.
- EEMEREN, F. H. V.; GROOTENDORST, R. *A Systematic Theory of Argumentation*: The Pragma-Dialectical Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511616389>
- FREEDOM HOUSE. *Freedom on the Net 2019*. 2019. Available in: https://freedomhouse.org/sites/default/files/2019-11/11042019_Report_FH_FOTN_2019_final_Public.Download.pdf. Access on: May 20, 2021.
- FREITAS, E. C.; BARTH, P. A. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015.
- GARCÍA-GORROSTIETA, J. M.; LÓPEZ-LÓPEZ, A. Identifying Argumentative Paragraphs: Towards Automatic Assessment of Argumentation in Theses. In: SILBERZTEIN, M.; ATIGUI, F.; KORNYSHOVA, E.; MÉTAIS, E.; MEZIANE, F. (ed.). *Natural Language Processing and Information Systems*. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 83-90. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-91947-8_9
- GARCÍA-GORROSTIETA, J. M.; LÓPEZ-LÓPEZ, A.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, S. Automatic Argument Assessment of Final Project Reports of Computer Engineering Students. *Computer Applications in Engineering Education*, [S.I.], v. 26, n. 5, p. 1217-1226, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/cae.21996>
- GLEIZE, M.; SHNARCH, E.; CHOSHEN, L.; DANKIN, L.; MOSHKOWICH, G.; AHARO-NOV, R.; SLONIM, N. Are You Convinced? Choosing the More Convincing Evidence with a Siamese

Network. *In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 57., 2019, Florence. *Proceedings* [...]. Florence: Association for Computational Linguistics, 2019. p. 967-976. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P19-1093>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P19-1093>. Access on: May. 20, 2021.

HABERNAL, I.; GUREVYCH, I. Which Argument Is More Convincing? Analyzing and Predicting Convincingness of Web Arguments Using Bidirectional LSTM. *In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 54., 2016, Berlin. *Proceedings* [...]. Berlin: Association for Computational Linguistics, 2016. p. 1589-1599. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P16-1150>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P16-1150>. Access on: May. 20, 2021.

HABERNAL, I.; GUREVYCH, I. Argumentation Mining in User-Generated Web Discourse. *Computational Linguistics*, Singapore, v. 43, n. 1, p. 125-179, 2017. DOI: https://doi.org/10.1162/COLI_a_00276. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/J17-1004>. Access on: May. 20, 2021.

HOVY, E.; LAVID, J. Towards a ‘Science’ of Corpus Annotation: A New Methodological Challenge for Corpus Linguistics. *International Journal of Translation*, [S.I.], v. 22, n. 1, p. 13-36, 2010.

KRIPPENDORFF, K. *Computing Krippendorff’s Alpha-Reliability*. 2011. Available in: http://repository.upenn.edu/asc_papers/43. Access on: May. 20, 2021.

LACY, S.; WATSON, B. R.; RIFFE, D.; LOVEJOY, J. Issues and Best Practices in Content Analysis. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, [S.I.], v. 92, n. 4, p. 791-811, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077699015607338>.

LAUSCHER, A.; NG, L.; NAPOLES, C.; TETREAULT, J. Rhetoric, Logic, and Dialectic: Advancing Theory-Based Argument Quality Assessment in Natural Language Processing. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 28., 2020, Barcelona, *Proceedings* [...]. Barcelona: International Committee on Computational Linguistics, 2020. p. 4563-4574. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2020.coling-main.402>

- LYTOS, A.; LAGKAS, T.; SARIGIANNIDIS, P.; BONTCHEVA, K. The Evolution of Argumentation Mining: From Models to Social Media and Emerging Tools: Information. *Processing & Management*, [S.I.], v 56, n. 6, p. 1-22, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2019.102055>.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- PERSING, I.; NG, V. Modeling Argument Strength in Student Essays. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 53.; INTERNATIONAL JOINT CONFERENCE ON NATURAL LANGUAGE PROCESSING, 7., 2015, Beijing. *Proceedings* [...]. Beijing: Association for Computational Linguistics, 2015. p. 543-552. DOI: <https://doi.org/10.3115/v1/P15-1053>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P15-1053>. Access on: May. 20, 2021.
- POTTHAST, M.; GIENAPP, L.; EUCHNER, F.; HEILENKÖTTER, N.; WEIDMANN, N.; WACHSMUTH, H.; STEIN, B.; HAGEN, M. Argument Search: Assessing Argument Relevance. In: INTERNATIONAL ACM SIGIR CONFERENCE ON RESEARCH AND DEVELOPMENT IN INFORMATION RETRIEVAL, 42., 2019, New York. *Proceedings* [...]. New York: Association for Computing Machinery, 2019. p. 1117-1120. DOI: <https://doi.org/10.1145/3331184.3331327>
- ROSENFIELD, A.; KRAUS, S. *Providing Arguments in Discussions Based on the Prediction of Human Argumentative Behavior*. 2015. Available in: <https://www.aaai.org/ocs/index.php/AAAI/AAAI15/paper/view/9522>. Access on: May. 20, 2021.
- ROSSINI, P. Disentangling Uncivil and Intolerant Discourse. In: BOATRIGHT, R.; SOBIERAJ, S.; SHAFFER, T.; YOUNG, D. (ed.). *A Crisis of Civility? Contemporary Research on Civility, Incivility, and Political Discourse*. New York: Routledge, 2019. p. 142-157. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781351051989-9>
- ROSSINI, P. Beyond Incivility: Understanding Patterns of Uncivil and Intolerant Discourse in Online Political Talk. *Communication Research*, [S.I.], ahead of print, p. 1-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0093650220921314>

STAB, C.; GUREVYCH, I. Parsing Argumentation Structures in Persuasive Essays. *Computational Linguistics*, Singapore, v. 43, n. 3, p. 619-659, 2017a. DOI: https://doi.org/10.1162/COLI_a_00295. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/J17-3005>. Access on: May. 20, 2021.

STAB, C.; GUREVYCH, I. Recognizing insufficiently supported arguments in argumentative es-says. In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 15., 2017b, Valencia. *Proceedings* [...]. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017b. p. 980-990. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1092>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1092>. Access on: May. 20, 2021.

SWANSON, R.; ECKER, B.; WALKER, M. Argument mining: Extracting arguments from online dialogue. In: ANNUAL MEETING OF THE SPECIAL INTEREST GROUP ON DISCOURSE AND DIALOGUE, 16., 2015, Prague. *Proceedings* [...]. Prague: Association for Computational Linguistics, 2015. p. 217-226. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/W15-4631>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/W15-4631>. Access on: May. 20, 2021.

TOULMIN, S. E. *The Uses of Argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511840005>

WACHSMUTH, H.; AL-KHATIB, K.; STEIN, B. Using argument mining to assess the argumentation quality of essays. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS: TECHNICAL PAPERS, 26., 2016, Osaka. *Proceedings* [...]. Osaka: The COLING 2016 Organizing Committee, 2016. p. 1680-1691.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HABERNAL, I.; HOU, Y.; HIRST, G.; GUREVYCH, I.; STEIN, B. Argumentation quality assessment: Theory vs. practice. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 55., 2017, Vancouver. *Proceedings* [...]. Vancouver: Association for Computational Linguistics, 2017a. p. 250-255. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P17-2039>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P17-2039>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HOU, Y.; BILU, Y.; PRABHAKARAN, V.; THIJM, T. A.; HIRST, G.; STEIN, B. Computational argumentation quality assessment in natural language. *In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 15, 2017, Valencia. *Proceedings* [...]. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017b. p. 176-187. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1017>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1017>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; POTTHAST, M.; AL-KHATIB, K.; AJJOUR, Y.; PUSCHMANN, J.; QU, J.; DORSCH, J.; MORARI, V.; BEVENDORFF, J.; STEIN, B. Building an Argument Search Engine for the Web. *In: WORKSHOP ON ARGUMENT MINING (ARGMINING 2017) AT EMNLP*, 4., 2017, Copenhagen. *Proceedings* [...]. Copenhagen: Association for Computational Linguistics, 2017c. p. 49-59. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/W17-5106>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/W17-5106>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; STEIN, B.; AJJOUR, Y. "PageRank" for argument relevance. *In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 15., 2017, Valencia. *Proceedings* [...]. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017d. p. 1117-1127. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1105>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1105>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; WERNER, T. Intrinsic Quality Assessment of Arguments. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 28., 2020, Barcelona. *Proceedings* [...]. Barcelona: International Committee on Computational Linguistics, 2020. p. 6739-6745. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2020.coling-main.592>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/2020.coling-main.592>. Access on: May. 20, 2021.

WALTON, D. N.; WALTON, D. N. *Informal Logic*: A Handbook for Critical Argument. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WARDLE, C. Misinformation Has Created a New World Disorder. *Scientific American*, [S.l.], v. 321, p. 88-93, 2019.

WEI, Z.; LIU, Y.; LI, Y. Is this Post Persuasive? Ranking Argumentative Comments in Online Forum. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 54., 2016, Berlin. *Proceedings* [...]. Berlin: Association for Computational Linguistics, 2016. p. 195-200. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P16-2032>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P16-2032>. Access on: May. 20, 2021.

WELTZER-WARD, L.; BALTES, B.; LYNN, L. K. Assessing Quality of Critical Thought in Online Discussion. *Campus-Wide Information Systems*, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 168-177, 2009. DOI: <http://doi.org/10.1108/10650740910967357>